

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOLOGIA E LÍNGUA
PORTUGUESA**

JOÃO HENRIQUE LARA GANANÇA

**Os compostos neológicos S+S no português brasileiro contemporâneo:
um estudo cognitivo do significado**

Versão corrigida

São Paulo

2021

JOÃO HENRIQUE LARA GANANÇA

**Os compostos neológicos S+S no português brasileiro contemporâneo:
um estudo cognitivo do significado**

Versão corrigida

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Letras.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Ieda Maria Alves

São Paulo

2021

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

G195c Ganança, João Henrique Lara
Os compostos neológicos S+S no português brasileiro contemporâneo: um estudo cognitivo do significado / João Henrique Lara Ganança; orientadora Ieda Maria Alves - São Paulo, 2021.
384 f.

Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Área de concentração: Filologia e Língua Portuguesa.

1. Linguística. 2. Lexicologia. 3. Morfologia (Linguística). 4. Semântica. 5. Gramática. I. Alves, Ieda Maria, orient. II. Título.



ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA DISSERTAÇÃO/TESE

Termo de Ciência e Concordância do (a) orientador (a)

Nome do (a) aluno (a): João Henrique Lara Ganança

Data da defesa: 27/05/2021

Nome do Prof. (a) orientador (a): Ieda Maria Alves

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 07 / 06 / 2021

Ieda Maria Alves

(Assinatura do (a) orientador (a))

GANANÇA, J. H. L. **Os compostos neológicos S+S no português brasileiro contemporâneo: um estudo cognitivo do significado.** Tese apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutor em Letras.

Aprovado em: 27/05/2021

Banca Examinadora

Prof. Dr. Elis de Almeida Cardoso Caretta

Instituição: FFLCH-USP

Julgamento: Aprovado

Assinatura: _____

Prof. Dr. Bruno Oliveira Maroneze

Instituição: UFGD - Externo

Julgamento: Aprovado

Assinatura: _____

Prof. Dr. Ana Maria Ribeiro de Jesus

Instituição: UFES - Externo

Julgamento: Aprovado

Assinatura: _____

Dedico este trabalho aos meus queridos pais, que me deram a vida e o apoio necessário, e à minha orientadora, que sempre me abriu as portas ao conhecimento.

AGRADECIMENTOS

A Deus, que me proporcionou a existência e me sustentou até o presente momento.

Aos meus pais, Carmem Maria Lara Ganança e Silvestre da Silva Ganança, por me terem dado a vida e o amor incondicional, que foi sempre o meu porto seguro perante o mar de agruras da vida. Sem o apoio e o incentivo deles, nada disso teria sido possível.

À Profa. Dra. Ieda Maria Alves, minha querida orientadora, que desde a Iniciação Científica cuida do meu desenvolvimento acadêmico e intelectual. Hoje, finaliza-se o ciclo que se iniciou há mais de dez anos, em 2007, quando do convite para que eu integrasse o Projeto TermNeo. Eu, então recém-ingresso no curso de Letras da USP, sentia-me assustado e inseguro por fazer parte de um projeto de pesquisa de verdade, mas a orientação certa, o carinho e a paciência da Profa. Ieda diante da minha imaturidade pessoal e acadêmica guiaram-me com segurança até aqui, quando concluo o Doutorado. À senhora, Profa. Ieda, devo tudo o que sei de Lexicologia e da vida acadêmica. Muito obrigado!

Aos Profs. Drs. Elis de Almeida Cardoso Caretta e Bruno Oliveira Maroneze, pelas valiosas, certas e imprescindíveis contribuições oferecidas ao desenvolvimento deste trabalho, durante a Banca de Qualificação.

A todos os professores do curso de Letras da FFLCH-USP, que estiveram presentes e participaram da minha formação acadêmica, com textos, aulas, discussões e debates inesquecíveis.

A todos os professores do ensino básico, que me alfabetizaram, letraram, instruíram e ensinaram. Este trabalho, que coroa minha trajetória como aluno, também é devido a vocês, que me incentivaram de todas as formas que um aluno pode ser incentivado.

Aos colegas, integrantes e ex-integrantes do Projeto TermNeo, cujos trabalhos também foram desenvolvidos sob orientação da Profa. Ieda, meu muito obrigado pelo coleguismo e incentivo: Profa. Dra. Márcia Luz-Freitas, Profa. Dra. Fernanda Mello Demai, Profa. Dra. Ana Maria Ribeiro de Jesus, Profa. Dra. Mariângela de Araújo, Profa. Dra. Elenice Alves da Costa, Profa. Dra. Lucimara Alves da Costa, Profa. Dra. Beatriz F. C. Contessoto, Profa. Me. Nádia Dalla Dea e Profa. Me. Maria Gabriela Gomes Pires.

Aos amigos de ontem e hoje, luzes de amor fraternal em meu caminho, cujos nomes todos jamais caberiam em um espaço tão pequeno de papel.

A todos os alunos da Rede Estadual de Ensino de São Paulo, com os quais aprendi muito e a quem ensinei mais um tanto.

E, por fim, mas não menos importante, à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, minha casa intelectual, meu porto seguro do fazer científico, muito obrigado!

RESUMO

GANANÇA, J. H. L. **Os compostos neológicos S+S no português brasileiro contemporâneo: um estudo cognitivo do significado.** Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2021.

O presente trabalho se propõe a analisar a construção semântica de compostos neológicos de tipo S+S no português brasileiro contemporâneo. Para isso, utilizaremos como referencial teórico conceitos desenvolvidos no âmbito dos estudos de Linguística Cognitiva, especialmente a Teoria da Mesclagem Conceptual, ou *Blending*, de Fauconnier & Turner (2002; 2003) e a Morfologia Construcional, de Booij (2005; 2007; 2010), desenvolvida no Brasil por Gonçalves (2016b). Acolhemos como hipótese de trabalho, que procuraremos desenvolver na análise, a ideia de que as chamadas composições nominais formadas por dois substantivos em justaposição são, em essência, materializações linguísticas de processos cognitivos gerais, como a capacidade de operar com domínios cognitivos diferentes, mesclando-os em estruturas esquemáticas de conhecimento, as quais, por sua vez, promovem a criação lexical. Finalmente, defenderemos também que, a partir do surgimento dessas criações neológicas, elas passam a servir, a seu turno, como modelos para novas criações. Isso tudo ocorre, a nosso ver, impulsionado pela capacidade cognitiva humana de operar por analogias. A fim de nos guiar na análise das composições neológicas nominais S+S, basear-nos-emos em questionamentos semasiológicos – quais são os significados possíveis para o neologismo em análise e quais os recursos utilizados pelos falantes para interpretá-los corretamente? – e onomasiológicos – por que o falante utilizou o recurso da composição, e não outro, para expressar o conceito que tinha em mente? Os neologismos compostos foram encontrados em textos publicados, no ano de 2014, em 89 blogues jornalísticos veiculados pela *Folha de S. Paulo*, revista *Veja* e *Portal UOL*, acrescidos de textos publicados entre 2015 e 2017 em blogues políticos da revista *IstoÉ*. Os candidatos a neologismos foram recolhidos de modo semiautomático por meio do software Extrator de Neologismos (FFLCH-USP/NILC-USP São Carlos) e atestados pela verificação nos dicionários *Houaiss eletrônico*, *Aurélio* e *Michaelis*.

Palavras-chave: 1. Lexicologia; 2. Neologia; 3. Linguística Cognitiva; 4. *Blending*; 5. Composição.

ABSTRACT

GANANÇA, J. H. L. **The neological compounds N+N in contemporary Brazilian Portuguese: a cognitive study of their meaning.** Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2021.

This study aims to analyse the semantic construction of neological N+N compounds in contemporary Brazilian Portuguese. For that, we will use, as theoretical reference, some concepts developed within the scope of the studies in Cognitive Linguistics, specially the Blending Theory by Fauconnier & Turner (2002; 2003) and the Construction Morphology by Booij (2005; 2007; 2010), developed in Brazil by Gonçalves (2016b). We admitted as a working hypothesis, that we will try to develop during the analysis, the idea that those named nominal compositions formed by two juxtaposed nouns are, in essence, linguistic materializations of more general cognitive processes, as the capacity to operate with different cognitive domains and blend them in schematic structures of knowledge that, in turn, promote lexical creation. Finally, we will also defend that, from the emergence of those neological creations, they start to serve, in turn, as models for new creations. All of this occurs, in our view, driven by the cognitive capacity to operate analogically. In order to guide us in the analysis of the nominal N+N neological compositions, we will be based in both semasiological – which are the possible meanings for the neologism put under analysis? Which are the resources used by the speakers to correctly interpret them? – and onomasiological questions – why did the speaker use the composition process, and not other one, to express the concept in mind? The neologisms formed by composition were found in diverse texts published, in 2014, in 89 journalistic weblogs aired by *Folha de S. Paulo*, *Veja* magazine and *Portal UOL*. To this *corpus* were added the texts published between 2015 and 2017 in political weblogs aired by *IstoÉ* magazine. The possible neologisms were collected semi-automatically by Extrator de Neologismos, a software developed by FFLCH-USP and NILC-USP São Carlos, and after that, their existence was verified in three dictionaries: *Houaiss eletrônico*, *Aurélio* and *Michaelis*.

Keywords: 1. Lexicology; 2. Neology; 3. Cognitive Linguistics; 4. Blending; 5. Composition.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1: Relação linguagem/mundo mediada pela cognição	p. 92
Imagem 2: Esquematização do domínio-matriz de “cotovelo”	p. 102
Imagem 3: Espaço mental aberto pela frase “Talvez Marcos ame Roberta”	p. 110
Imagem 4: Espaço-base da frase “Aquiles vê a tartaruga”	p. 111
Imagem 5: Espaço-base da frase “Ele a persegue”	p. 111
Imagem 6: Projeção entre espaços a partir da frase “Ele acha que ela é lenta e que ele a pegará”	p. 112
Imagem 7: Espaços projetados a partir da frase “Se a tartaruga fosse lenta, Aquiles a teria pegado”	p. 113
Imagem 8: Espaço mental projetado pela frase: “Talvez ela seja, na verdade, uma lebre”	p. 114
Imagem 9: Modelo de Mesclagem Conceptual com 4 espaços	p. 116
Imagem 10: Esquema construcional do verbo “escravizar”	p. 132
Imagem 11: Esquema construcional das formações <i>X-ite</i>	p. 134
Imagem 12: Esquema construcional das formações <i>eco-X</i>	p. 135
Imagem 13: Esquema construcional das formações <i>X-eira</i>	p. 136
Imagem 14: Esquema construcional com herança <i>default</i>	p. 137
Imagem 15: Esquema construcional das formações <i>narco-X</i>	p. 138
Imagem 16: Gráfico representando a porcentagem de compostos coordenativos e determinativos.....	p. 139
Imagem 17: Gráfico representando a porcentagem de compostos que apresentam recorrência de elementos fixos	p. 143
Imagem 18: Gráfico representando os subpadrões composicionais determinativos S+S em comparação com os neologismos formados sem padrão identificável	p. 145
Imagem 19: Modelo de Integração Conceptual de compostos coordenativos com elementos de mesmo domínio	p. 148
Imagem 20: Modelo de Integração Conceptual no neologismo <i>baixista-cantor</i>	p. 149
Imagem 21: Modelo de Integração Conceptual do neologismo <i>esposa-irmã</i>	p. 150
Imagem 22: Modelo de Integração Conceptual do neologismo <i>presidente-candidato</i>	p. 151
Imagem 23: Modelo de Integração Conceptual de compostos coordenativos com elementos de domínios diferentes	p. 152

Imagem 24: Modelo de Integração Conceptual do neologismo <i>desembargadora-mãe</i>	p. 153
Imagem 25: Modelo de Integração Conceptual do neologismo <i>escritora-bruxa</i>	p. 154
Imagem 26: Modelo de Integração Conceptual do neologismo <i>deputado-pastor</i>	p. 155
Imagem 27: Modelo reformulado de Integração Conceptual de compostos coordenativos com elementos de domínios diferentes	p. 157
Imagem 28: Modelo esquemático de elementos em relação num mesmo <i>frame</i>	p. 161
Imagem 29: Modelo esquemático de elementos em relação no neologismo (trajeto) <i>Chile-Brasil</i>	p. 162
Imagem 30: Modelo genérico de Integração Conceptual de composições determinativas	p. 165
Imagem 31: Modelo de projeção interdomínios dos neologismos <i>banda-tributo</i> e <i>álbum-tributo</i>	p. 168
Imagem 32: Modelo de projeção interdomínios dos neologismos <i>canção-título</i> e <i>faixa-título</i>	p. 170
Imagem 33: Modelo de projeção interdomínios do neologismo <i>livro-reportagem</i> ...	p. 171
Imagem 34: Modelo de projeção interdomínios do neologismo <i>livro-depoimento</i> ...	p. 173
Imagem 35: Modelo de projeção interdomínios do neologismo <i>carta-manifesto</i>	p. 175
Imagem 36: Modelo de projeção interdomínios do neologismo <i>carta-desabafo</i>	p. 176
Imagem 37: Modelo de projeção interdomínios do neologismo <i>jogo-treino</i>	p. 177
Imagem 38: Modelo de projeção interdomínios do neologismo <i>partida-desempate</i>	p. 178
Imagem 39: Modelo de projeção interdomínios do neologismo <i>negócio-atleta</i>	p. 179
Imagem 40: Modelo de projeção interdomínios do neologismo <i>voto-atleta</i>	p. 180
Imagem 41: Modelo de projeção interdomínios do neologismo <i>prédio-monumento</i>	p. 182
Imagem 42: Modelo de projeção interdomínios do neologismo <i>prédio-espetáculo</i>	p. 183
Imagem 43: Modelo de projeção interdomínios do neologismo <i>condomínio-clubes</i>	p. 184
Imagem 44: Modelo de projeção interdomínios do neologismo <i>candidato-celebridade</i>	p. 186
Imagem 45: Modelo de projeção interdomínios do neologismo <i>veterano-tutor</i>	p. 187
Imagem 46: Modelo de projeção interdomínios do neologismo <i>peça-ícone</i>	p. 189
Imagem 47: Modelo de projeção interdomínios do neologismo <i>bilhete-prêmio</i>	p. 190
Imagem 48: Modelo de projeção interdomínios do neologismo <i>ônibus-leito</i>	p. 192

Imagem 49: Modelo de projeção interdomínios do neologismo <i>asfalto-borracha</i> ..	p. 193
Imagem 50: Modelo de projeção interdomínios do neologismo <i>conversa-contato</i> ..	p. 195
Imagem 51: Modelo de projeção interdomínios do neologismo <i>assessor-cabideiro</i>	p. 197
Imagem 52: Modelo de projeção interdomínios do neologismo <i>cidade-vitrine</i>	p. 199
Imagem 53: Modelo de projeção interdomínios do neologismo <i>esforço-remendo</i> ..	p. 201
Imagem 54: Modelo de projeção interdomínios do neologismo <i>Estado-babá</i>	p. 203
Imagem 55: Modelo de projeção interdomínios do neologismo <i>fêmea-Nostradamus</i>	p. 205
Imagem 56: Modelo de projeção interdomínios do neologismo <i>macho-jurubeba</i> ...	p. 206
Imagem 57: Modelo de projeção interdomínios do neologismo <i>macho-tupperware</i>	p. 208
Imagem 58: Modelo de projeção interdomínios dos neologismos <i>filme-pipoca</i> e <i>temporada-pipoca</i>	p. 210
Imagem 59: Modelo de projeção interdomínios do neologismo <i>ideia-força</i>	p. 211
Imagem 60: Modelo de projeção interdomínios dos neologismos <i>mulher-mosaico</i> e <i>pessoa-mosaico</i>	p. 213
Imagem 61: Modelo de projeção interdomínios do neologismo <i>Neymar-dependência</i>	p. 214
Imagem 62: Modelo de projeção interdomínios do neologismo <i>smartphone-dependência</i>	p. 215
Imagem 63: Modelo de projeção interdomínios do neologismo <i>pai-helicóptero</i>	p. 217
Imagem 64: Modelo de projeção interdomínios do neologismo <i>partícula-Deus</i>	p. 219
Imagem 65: Modelo de projeção interdomínios do neologismo <i>perfil-pinóquio</i>	p. 221
Imagem 66: Modelo de projeção interdomínios do neologismo <i>piti-mulherzinha</i> ...	p. 223
Imagem 67: Modelo de projeção interdomínios do neologismo <i>temporada-ouro</i> ...	p. 224
Imagem 68: Modelo de projeção interdomínios do neologismo <i>universo-bebê</i>	p. 225
Imagem 69: Modelo de projeção interdomínios do neologismo <i>vestido-bolo (das noivas)</i>	p. 226
Imagem 70: Modelo de projeção interdomínios do neologismo <i>vibrador-borboleta</i>	p. 227
Imagem 71: Modelo de projeção interdomínios dos neologismos <i>atacante-atacante</i> e <i>homem-homem</i>	p. 229
Imagem 72: Modelo de projeção interdomínios do neologismo <i>lulo-petismo</i>	p. 231
Imagem 73: Esquema construcional que instancia neologismos como <i>lulo-petismo</i>	p. 233

Imagem 74: Modelo genérico de esquema construcional dos subpadrões de composição nominal S+S	p. 234
Imagem 75: Modelo genérico de construção semântica de neologismos de subpadrão <i>X-chave</i>	p. 238
Imagem 76: Modelo genérico de construção semântica de neologismos de subpadrão <i>X-chefe</i>	p. 241
Imagem 77: Modelo genérico de construção semântica de neologismos de subpadrão <i>bolsa-X</i>	p. 243
Imagem 78: Modelo de construção semântica do neologismo <i>bolsa-banqueiro</i> ...	p. 244
Imagem 79: Modelo de construção semântica do neologismo <i>bolsa-esmola</i>	p. 245
Imagem 80: Modelo genérico de construção semântica de neologismos de subpadrão <i>X-fantasma</i>	p. 248
Imagem 81: Modelo de construção semântica do neologismo <i>homem-bomba</i>	p. 250
Imagem 82: Modelo de construção semântica do neologismo <i>homem-cartaz</i>	p. 251
Imagem 83: Modelo de construção semântica do neologismo <i>homem-árvore</i>	p. 252
Imagem 84: Modelo de construção semântica do neologismo <i>homem-bouquet</i>	p. 253
Imagem 85: Modelo de construção semântica do neologismo <i>homem-Monet</i>	p. 255
Imagem 86: Modelo de construção semântica do neologismo <i>homem-hortinha</i>	p. 256
Imagem 87: Modelo de construção semântica do neologismo <i>homem-flecha</i>	p. 257
Imagem 88: Modelo de construção semântica do neologismo <i>homem-roubada</i>	p. 258
Imagem 89: Modelo de construção semântica do neologismo <i>homem-monstro</i>	p. 259
Imagem 90: Modelo de construção semântica do neologismo <i>homem-teste</i>	p. 261
Imagem 91: Modelo genérico de construção semântica de neologismos de subpadrão <i>X-relâmpago</i>	p. 262
Imagem 92: Modelo genérico de construção semântica de neologismos de subpadrão <i>vídeo-X</i>	p. 265
Imagem 93: Modelo genérico de construção semântica de neologismos de subpadrão <i>X-símbolo</i>	p. 267
Imagem 94: Modelo genérico de construção semântica de neologismos de subpadrão <i>X-padrão</i>	p. 268
Imagem 95: Modelo genérico de construção semântica de neologismos de subpadrão <i>X-bomba</i>	p. 271
Imagem 96: Modelo genérico de construção semântica de neologismos de subpadrão <i>X-surpresa</i>	p. 272

Imagem 97: Modelo genérico de construção semântica de neologismos de subpadrão <i>X-teste</i>	p. 275
Imagem 98: Modelo genérico de construção semântica de neologismos de subpadrão <i>X-sede</i>	p. 277
Imagem 99: Modelo genérico de construção semântica de neologismos de subpadrão <i>X-problema</i>	p. 279
Imagem 100: Modelo genérico de construção semântica de neologismos de subpadrão <i>X-mãe</i>	p. 281
Imagem 101: Modelo genérico de construção semântica de neologismos de subpadrão <i>X-alvo</i>	p. 282
Imagem 102: Imagem ilustrativa da relação entre os processos envolvidos na construção e interpretação do significado de unidades lexicais neológicas	p. 288

SUMÁRIO

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS	18
1.1. Apresentação da Tese	21
1.2. Apresentação dos <i>corpora</i> textuais de análise	24
1.3. Metodologia: o que são e como identificar neologismos?	25
2. A COMPOSIÇÃO E OS ESTUDOS GRAMÁTICAIS E LINGÜÍSTICOS	33
2.1. A Composição no Latim Vulgar	33
2.2. A Composição em obras filológicas e de Gramática Histórica	35
2.2.1. <i>Lições de Filologia Portuguesa</i> (Carolina Michaelis de Vasconcelos, 1946)	36
2.2.2. <i>Compêndio de gramática histórica</i> (José Joaquim Nunes, 1919).....	38
2.2.3. <i>(Pontos de) Gramática histórica</i> (Ismael de Lima Coutinho, 1938)	40
2.2.4. <i>Gramática histórica da língua portuguesa</i> (Manuel Said Ali, 1921).....	41
2.3. A Composição nas Gramáticas Normativas	45
2.3.1. <i>Serões grammicaes</i> (Ernesto Carneiro Ribeiro, 1890).....	47
2.3.2. <i>Elementos de grammica portugueza</i> (Ernesto Carneiro Ribeiro, 1879).....	48
2.3.3. <i>Grammatica expositiva</i> (Eduardo Carlos Pereira, 1907)	49
2.3.4. <i>Gramática normativa da língua portuguesa</i> (Francisco da Silveira Bueno, 1944)	51
2.3.5. <i>Gramática metódica da língua portuguesa</i> (Napoleão Mendes de Almeida, 1944)	53
2.3.6. <i>Gramática normativa da língua portuguesa</i> (Carlos Henrique da Rocha Lima, 1957)	54
2.3.7. <i>Moderna gramática expositiva da língua portuguesa</i> (Artur de Almeida Torres, 1959).....	55
2.3.8. <i>Novíssima gramática da língua portuguesa</i> (Domingos Paschoal Cegalla, 1962)	56
2.3.9. <i>Nova gramática do português contemporâneo</i> (Celso Cunha & Lindley Cintra, 1985)	56
2.3.10. <i>Moderna gramática portuguesa</i> (Evanildo Bechara, 1999)	58
2.4. A Composição no Estruturalismo	63
2.5. A Composição no Gerativismo	71
2.6. A Composição nos estudos de Neologia ou Criação Lexical	81
3. A LINGÜÍSTICA COGNITIVA	91
3.1. Princípios básicos da Linguística Cognitiva	91
3.2. <i>Frames</i> , Domínios Cognitivos, Metáforas e Metonímias	97

3.3. A Teoria dos Espaços Mentais e a Mesclagem Conceptual (<i>Blending</i>)	107
3.4. A Composição na Teoria da Mesclagem Conceptual (<i>Blending</i>)	121
3.5. A Morfologia Construcional	128
4. ANÁLISE QUANTITATIVA DOS DADOS	139
5. ANÁLISE QUALITATIVA DOS DADOS	146
5.1. Compostos neológicos nominais coordenativos de padrão S+S	146
5.2. Compostos neológicos nominais determinativos de padrão S+S não formados por subpadrões de composição	163
5.3. Compostos neológicos nominais determinativos S+S formados por subpadrões de composição	233
5.3.1. Compostos neológicos de subpadrão <i>X-chave</i>	235
5.3.2. Compostos neológicos de subpadrão <i>X-chefe</i>	239
5.3.3. Compostos neológicos de subpadrão <i>bolsa-X</i>	241
5.3.4. Compostos neológicos de subpadrão <i>X-fantasma</i>	246
5.3.5. Compostos neológicos de subpadrão <i>homem-X</i>	249
5.3.6. Compostos neológicos de subpadrão <i>X-relâmpago</i>	261
5.3.7. Compostos neológicos de subpadrão <i>vídeo-X</i>	263
5.3.8. Compostos neológicos de subpadrão <i>X-símbolo</i>	265
5.3.9. Compostos neológicos de subpadrão <i>X-padrão</i>	268
5.3.10. Compostos neológicos de subpadrão <i>X-bomba</i>	269
5.3.11. Compostos neológicos de subpadrão <i>X-surpresa</i>	271
5.3.12. Compostos neológicos de subpadrão <i>X-teste</i>	273
5.3.13. Compostos neológicos de subpadrão <i>X-sede</i>	275
5.3.14. Compostos neológicos de subpadrão <i>X-problema</i>	277
5.3.15. Compostos neológicos de subpadrão <i>X-mãe</i>	279
5.3.16. Compostos neológicos de subpadrão <i>X-alvo</i>	281
CONSIDERAÇÕES FINAIS	283
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	291
ANEXO 1	301
ANEXO 2	322
ANEXO 3	353
ANEXO 4	378

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Palavra-chave. Beija-flor. Guarda-roupa. Apesar de designarem elementos de naturezas diferentes, as três palavras anteriormente mencionadas têm em comum o fato de serem compostas. De modo geral, o processo morfolexical da composição é definido pelas obras gramaticais e lexicográficas como a “junção de dois elementos identificáveis pelo falante numa unidade nova (...)” (BECHARA, 1999, p. 351). Ao lado da derivação, a composição responde por um número considerável de neologismos na língua portuguesa do Brasil (ALVES, 1990).

Este trabalho, que visa a estudar o significado de palavras neológicas compostas, insere-se na área de estudos denominada Lexicologia. Segundo nos lembra A. Polguère, a Lexicologia “não é um campo de estudo que se possa, a rigor, circunscrever.” (POLGUÈRE, 2018, p. 50). Isso se explica, de acordo com o autor, pela necessidade de se recorrer sempre a outras áreas, como a Semântica e a Morfologia, por exemplo, para analisar e entender a palavra nas dimensões da forma e do significado: “(...) para abordar devidamente o estudo do léxico, é preciso definir as noções básicas de semântica, é claro, mas também de sintaxe, de morfologia e de fonologia.” (POLGUÈRE, 2018, p. 50). Isso torna a Lexicologia um campo eminentemente híbrido, levando o lexicólogo, obrigatoriamente, a várias fontes. Em nosso caso, recorreremos, sobretudo, aos estudos da Semântica Cognitiva como fonte de análise e compreensão do sistema lexical.

Outra dificuldade que se impõe aos estudiosos do léxico é a definição exata de seu próprio objeto de investigação: a palavra. O que é exatamente uma palavra? Polguère (2018) nos diz que, em Lexicologia, o emprego do termo “palavra” é sempre bastante arriscado por se tratar de uma expressão profundamente ambígua em seu uso cotidiano, abarcando significados díspares entre si, que vão desde “as formas linguísticas separadas por espaços em branco na cadeia da escrita” até um “texto oral ou escrito relativamente curto” em uma frase como: “Para concluir, direi apenas uma palavra [‘texto oral ou escrito relativamente curto’] sobre as qualidades pessoais de nosso caro colega.” (POLGUÈRE, 2018, p. 51). Ora, se a Lexicologia estuda as palavras e não se pode saber com clareza o que vem a ser exatamente e quais são os limites desse objeto, o que afinal investiga o lexicólogo? No caso das palavras compostas, a dificuldade se intensifica, pois lidamos, aqui, com uma palavra formada por outras. Se é difícil delimitar a palavra em sua forma mais simples, como entender a composição, na qual dois ou mais elementos, já em si indefinidos, formam um terceiro, igualmente problemático? A presença gráfica do hífen

em *guarda-chuva* parece indicar que se trata de um único elemento do léxico, mas e quanto a formas não hifenizadas como *água de coco*, *fruto do mar*, *encher o saco*, entre outras? São sintagmas? São palavras compostas?

Biderman (1978) menciona o fato de inexistirem critérios universais de delimitação da palavra válidos para todas as línguas, o que compele os lexicólogos a definirem e buscarem a palavra exclusivamente no âmbito da(s) língua(s) por eles estudada(s). A autora cita, basicamente, três critérios de delimitação lexical, apresentando, ao mesmo tempo, as vantagens e desvantagens de seu emprego. Resumidamente, o lexicólogo pode servir-se, de acordo com as características da língua em estudo, de: (I) critérios fonológicos, como as pausas na cadeia da fala e o acento tônico; (II) critérios morfossintáticos, como a coesão interna (impossibilidade de inserção de elementos entre os constituintes da palavra) e não-permutação (impossibilidade de permutar a ordem dos constituintes no eixo sintagmático); e (III) critérios semânticos, como o sentimento de que as palavras, independentemente da forma como se apresentam, simples ou complexa, constituem um todo semântico. No português, diz-nos ainda a autora que os critérios morfossintáticos e semânticos, conjugados, são de grande valia, pois nos permitem entender, como elementos do léxico (e, portanto, objetos de estudo da Lexicologia), tanto formas simples como *mesa* até formas mais complexas como *máquina de costura*, *crime do colarinho branco* etc.

Por todas essas dificuldades, nos estudos lexicais, a tendência consagrada tem sido a de substituir, sempre que possível, o termo *palavra*, marcadamente ambíguo por ser de uso corrente na linguagem comum, por expressões mais especializadas, tais como *unidade lexical*, *unidade do léxico*, *unidade léxica*, *item lexical*, *item léxico* e *lexia*¹ (aqui tomadas como sinônimas), justamente a fim de designar o objeto de investigação da Lexicologia: o todo semântico materializado por constituintes coesos o suficiente para serem sentidos pelo falante como unidades do sistema léxico da língua, passíveis, portanto, de descrição e de estudo sistematizado. Neste trabalho, seguiremos a mesma tendência por tributo à clareza e a um melhor entendimento, ainda que, a nosso ver, a troca de *palavra composta* por *unidade lexical composta* não resolva, por exemplo, questões mais profundas como a da essência mesma do processo de composição e os limites – se é que existem – entre ele e a derivação, mormente a prefixal.

¹ O termo *lexia*, ainda bastante utilizado no âmbito dos estudos lexicais, é de autoria do linguista Bernard Pottier (1972). Nas seções 2.3.10 e 2.4, definiremos melhor este conceito.

Ainda no caso específico do estudo que se seguirá nos próximos capítulos, por necessidade de melhor delimitação e facilitação da pesquisa, limitar-nos-emos à análise de unidades lexicais formadas apenas por dois constituintes em justaposição². Não trataremos, portanto, de composições sintagmáticas (ALVES, 1990), lexias complexas (POTTIER, 1972) ou *sinapsias* (BENVENISTE, 1974), isto é, com mais de dois elementos gráficos, nem tampouco de fraseologias. Reiteramos, contudo, que essa opção justifica-se apenas por questões de delimitação do objeto de pesquisa e não por considerarmos-los, em essência, processos completamente diferentes.

Os mais importantes estudos sobre a criação lexical no português brasileiro (ALVES, 1990; SANDMANN, 1989) têm apontado o padrão de composição nominal S+S como o mais produtivo para a formação de neologismos compostos em nossa língua. A diversidade semântica materializada por essas lexias compostas desde sempre nos tem chamado a atenção, razão por que sobre elas nos debruçaremos, a fim de entender-lhes as complexidades de forma e, sobretudo, de significado. Em uma unidade léxica composta como *funcionário-fantasma*, por exemplo, - que designa funcionários que, a despeito de não existirem, aparecem nas folhas de pagamento de algumas empresas, - escondem-se domínios semânticos diversos unidos de modo complexo por uma relação fortemente metafórica. Isso merece, obviamente, estudo mais acurado da construção do significado nesse padrão de composição em específico.

A fim de organizar o texto e tornar claro o fio condutor do estudo, organizamo-lo em duas partes, uma teórica, composta pelos capítulos 1, 2 e 3, e outra analítica, formada pelos capítulos 4 e 5, além das considerações finais.

Neste primeiro capítulo, apresentaremos o objetivo e o questionamento inicial do trabalho, isto é, a hipótese com a qual procuraremos trabalhar ao longo do texto. Além disso, apresentaremos também os *corpora* textuais de onde foram coletadas as unidades lexicais neológicas a serem analisadas e a metodologia de identificação desses neologismos, que perpassa, obrigatoriamente, as próprias noções de neologismo e novidade lexical.

² Em estudos mais antigos, Alves (1990, p. 51) afirmava que as unidades léxicas compostas, normalmente, eram grafadas com hífen, o que, de certo modo, ratificava o sentimento de lexicalização. Contudo, vale lembrar que a hifenização é, sobretudo, uma convenção regida pelo Acordo Ortográfico de 1990, atualmente em vigor no Brasil. As regras para o emprego do hífen, no Acordo, não seguem critérios muito claros, ora apelando para razões fônicas, ora para a tradição de uso do hífen em palavras específicas. Além disso, empiricamente, percebe-se, na contemporaneidade, certa tendência à não utilização do hífen. Sendo assim, não consideraremos, neste trabalho, a hifenização como critério de identificação dos compostos neológicos (muito embora alguns deles apareçam grafados com hífen), optando por nos ater aos critérios de coesão interna e unidade semântica já apresentados.

O segundo capítulo será dedicado à revisão não exaustiva da literatura sobre as composições de modo geral, privilegiando obras e autores que, a nosso ver, mais contribuíram para o entendimento do processo em questão. Para tanto, recorreremos a obras gramaticais de natureza histórica e normativa, a alguns estudos filológicos e a obras linguísticas das escolas estruturalista e gerativista, finalizando o capítulo com o importante aporte oferecido pelos estudos de neologia ao entendimento dos compostos.

O capítulo terceiro, a seu turno, será dedicado à discussão das abordagens teóricas embasadoras deste estudo: a *Semântica de Frames* (FILLMORE, 1975, 1977, 1982, 1985), a *Teoria da Mesclagem Conceptual* ou *Blending* (FAUCONNIER & TURNER, 2003) e a *Morfologia Construcional* (BOOIJ, 2007, 2010; GONÇALVES, 2016b), inseridas no paradigma teórico da Linguística Cognitiva.

O quarto capítulo será o momento de quantificação dos dados neológicos. No capítulo quinto, descreveremos e analisaremos, à luz das teorias apresentadas e discutidas anteriormente, o comportamento semântico de unidades lexicais neológicas compostas pelo padrão S+S identificadas nos *corpora* textuais considerados.

Finalmente, o espaço dedicado às considerações finais retomará os questionamentos e a tese apresentada no capítulo inicial para agora, em face das análises desenvolvidas, confirmar ou refutar as considerações de início.

1.1. Apresentação da Tese

Nos anos 1960, Kurt Baldinger definiu dois caminhos ou enfoques, complementares um em relação ao outro, para o estudo da semântica da unidade lexical: a semasiologia e a onomasiologia³. Para o autor, enquanto a onomasiologia lida com designações, a semasiologia trabalha com significações. Dito de outro modo, a onomasiologia parte do significado para chegar à forma e seu campo abarca todas as formas linguísticas possíveis para um determinado conceito, ao passo que a semasiologia parte da forma para atingir o significado e seu campo abarca todos os significados possíveis para uma determinada forma linguística.

A semasiologia, é certo, considera a palavra isolada no desenvolvimento de sua significação, enquanto que a onomasiologia encara as designações de um

³ Apesar de definir propriamente as noções de onomasiologia e semasiologia, abrindo caminho para a criação de um método de estudos da semântica lexical a partir da utilização desses conceitos na análise de aspectos semânticos e lexicais do provençal arcaico, Baldinger não criou as designações “onomasiologia” e “semasiologia”, remetendo sua gênese ao final do século XIX.

conceito particular, vale dizer, uma multiplicidade de expressões que formam um conjunto. (BALDINGER, 1966, p. 8).

A despeito de não serem recentes, os conceitos de onomasiologia e semasiologia continuam a se mostrar eficazes para o estudo semântico do léxico. Maroneze (2011; 2014) e Maroneze & Ganança (2020), em especial, defendem que, ao criar e emitir uma unidade lexical neológica, o falante realiza um percurso mental semântico de natureza onomasiológica, ou seja, a partir do conceito que tem em mente, o locutor precisa resolver o problema concreto da procura dos recursos linguísticos mais eficazes para melhor expressá-lo. O ouvinte, por sua vez, ao decodificar o neologismo, realiza percurso semântico inverso, de natureza semasiológica, mobilizando mecanismos mentais para apreender o(s) significado(s) materializado(s) pela forma lexical nova com que travou contato.

Ao lexicólogo, os dois conceitos em questão representam ainda caminhos ou direcionamentos de análise semântica. Diante de uma unidade lexical neológica, onomasiologicamente, poderemos conduzir nossa pesquisa a partir do seguinte questionamento: *por que o falante escolheu determinada forma linguística e não outra para expressar tal ideia?* Consideremos a lexia composta *empresa-fantasma*, já dicionarizada, que designa, normalmente em contextos ligados à corrupção, uma empresa inexistente que, contudo, é registrada como sendo real para fins de golpe, desvio de dinheiro e enriquecimento ilícito. Ora, para expressar a mesma ideia, poderíamos lançar mão, por exemplo, da prefixação (*não-empresa* ou, mais acertadamente, *pseudo-empresa*). Por que, então, o falante preferiu utilizar-se da composição para expressar, linguisticamente, o mesmo conceito? Isso será levado em consideração durante a análise dos dados neológicos de que dispomos.

Outro questionamento, esse de natureza semasiológica, que o lexicólogo semanticista deve se fazer é: *quais são os significados possíveis atribuídos a determinada lexia?* E, de modo mais apurado, *como o falante interpreta esse significado, isto é, quais mecanismos são por ele mobilizados para acessar o sentido de uma unidade lexical?*

Nessa última pergunta reside o problema central eleito para nossa investigação: como é possível que os falantes do português brasileiro consigam decodificar o significado de uma lexia composta mesmo ela sendo neológica? Se as composições analisadas neste estudo são neológicas, como o falante interpreta seu significado?

As hipóteses aqui apresentadas caminham no sentido de reconhecer a primazia do componente semântico da língua na gênese das formas lexicais neológicas compostas,

pois entendemos, alicerçados em Fauconnier & Turner (2002; 2003), Benczes (2005; 2006), entre outros, que os compostos nada mais são que materializações formais de processos conceptuais complexos, ocultos sob o véu de simplicidade das formas léxicas compostas.

Se tomarmos como exemplo as composições neológicas S+S determinativas⁴ em que o segundo elemento é metafórico, verificaremos que se trata, na verdade, de uma das materializações linguísticas possíveis resultantes de um recurso maior da cognição humana, que é a capacidade de operar, simultaneamente, com domínios conceptuais diferentes, que abarcam fatos, conhecimentos, símbolos, informações, sentimentos, sensações e experiências. Por meio de projeções de elementos entre esses domínios, é possível integrá-los e mesclá-los em estruturas híbridas, as quais, por sua vez, acabam por se constituir em esquemas modelares para a criação de novas unidades léxicas de mesmo padrão. É justamente por serem dotados de semelhantes mecanismos cognitivos que os falantes, em nosso entender, conseguem decodificar o sentido dessas interessantes composições neológicas.

A (I) inserção dos neologismos compostos em um contexto real de uso da língua, associada a essa (II) rede de integração conceptual, à (III) capacidade de recortar *frames* da realidade extralinguística, ao (IV) conhecimento enciclopédico armazenado na mente de cada um de nós e à (V) possibilidade de eleger esquemas modelares de criação lexical a partir de dados reais do sistema léxico são, a nosso ver, as explicações para o falante, mesmo diante de uma unidade léxica composta nova, conseguir decodificar-lhe o sentido. Eis, pois, a tese que acolhemos em nossa investigação e que procuraremos demonstrar.

Para explicar melhor todas essas afirmações acima registradas, lançamos mão da *Semântica de Frames*, desenvolvida por Charles Fillmore nas décadas de 70 e 80 (1975, 1977, 1982 e 1985), ainda atual nos estudos cognitivos da linguagem, e da *Teoria da Mesclagem Conceptual*, também chamada de *Blending*, idealizada e explorada pela primeira vez por Fauconnier e Turner na complexa obra *The Way We Think* (2002), que nos mostra exatamente como se dá a construção do significado por mesclagem de domínios conceptuais. Para o entendimento da criação de novos padrões modelares de construção a partir de padrões já existentes, de que também se serve o falante para interpretar o sentido dos neologismos, recorreremos à abordagem teórica da *Morfologia*

⁴ No capítulo 2, especificamente na seção 2.6., apresentaremos os tipos de composição segundo Sandmann (1989; 1991; 1992), dentre os quais figuram os compostos *coordenativos* (ou *copulativos*) e *determinativos* (ou *subordinativos*).

Construcional (Construction Morphology), desenvolvida primeiramente por Booij (2007; 2010) e trazida ao português brasileiro por Gonçalves (2016b).

1.2. Apresentação dos *corpora* textuais de análise

Os *corpora* de análise para o presente estudo são constituídos de textos publicados originalmente em 89 blogues jornalísticos dos mais variados assuntos, ligados à *Folha de S. Paulo*, à revista *Veja* e ao portal *Universo Online* (Portal UOL), conforme lista a seguir:

(I) Do *Portal Universo Online*: Marcos Costa; Sua Pele; Búfalos TV; Infomoto; Luís Perez; Mundo em Movimento; UOL Carros; Organize; Física na Veia; Scientific American Brasil; Ana Maria Bahiana; Chip Hazard; Ailton Amélio; Assim Como Você; Blogay; Carla Rodrigues; Eu Joyce; Marcelo Coelho; Regina Navarro; Vigilantes da Autoestima; Xico Sá; Maria Inês Dolci; Blog da Sophia; Todos a Bordo; Blog do Gustavo; Happy Hour; Cacilda; Mauricio Stycer; Pablo Miyazawa; Redação UOL; Avallone; Bala na Cesta; José Cruz; Juca Kfourri; Blog do Neto; Blog do Katsuki; Nina Horta; Blog de Tec; UOL Tecnologia; Rodolfo Martino; InfoAmazônia; Mobilidade Sustentável; Combate Rock; Heavy Nation; Radio UOL; Novo em Folha; Blog do Sakamoto; Um brasileiro no Irã; Xico Vargas; Coluna Esplanada; Fernando Rodrigues; Frederico Vasconcelos; Josias de Souza; Blog do Alexandre Faisal; Blog do Pediatra; Blog do Yogue; Planeta Autismo; Fábio TV; Nilson Xavier; O Buxixo; Outro Canal; Companhia de Viagem e UOL Viagem.

(II) Da revista *Veja*: Caio Blinder; Rodrigo Constantino; Lauro Jardim; Blog do Narloch; Reinaldo de Azevedo e Ricardo Setti.

(III) Do jornal *Folha de S. Paulo*: Abecedário; Blog da Seleção; Brasil 2014; China in Town; Darwin e Deus; Digo Sim; Dinheiro Público; Entretempos; Hashtag; Inácio Araujo; Leandro Colon; Maternar; Mauricio Tuffani; Mensageiro Sideral; Morte Sem Tabu; Mundialíssimo; O Mundo é uma Bola; Olímpicos; Orientalíssimo; Painel 2014; Painel FC 2014, Para Entender Direito; Peça Única; Rodolfo Lucena; Seres Urbanos; Silvio Cioffi; Sylvia Colombo; Teoria de Tudo; Thais Nicoleti; Blog de Veg e X de Sexo.

Todos os textos que compõem esse *corpus* datam de 2014 e integram, por sua vez, o *corpus* da pesquisa de Mestrado, que desenvolvemos na Universidade de São Paulo, sob orientação da Prof^ª Dr^ª Ieda Maria Alves (GANANÇA, 2017), na qual estudamos o processo da prefixação.

Achamos por bem, ainda, acrescentar como *corpus* para o estudo presente também os blogues jornalísticos, estes ligados especificamente aos temas política e sociedade, veiculados nos anos de 2015, 2016 e 2017 pela revista *IstoÉ: Blog do Boechat*, Bolívar Lamounier, Brasil Confidencial, Leonardo Attuch, Marco Antonio Villa, Mentor Neto, Murillo de Aragão, Ricardo Amorim, Rodrigo Constantino e Sergio Pardellas. Isso se justifica tendo em vista que o processo sobre o qual agora nos debruçamos, a composição, não é tão frequente quanto a prefixação⁵, o que nos levou a ampliar o *corpus*, o qual nunca é exaustivo, em busca de uma visão mais completa da questão.

Nossa preferência por textos oriundos de blogues em detrimento de notícias, artigos e reportagens publicados nas edições regulares da imprensa deve-se ao fato de serem eles “misto de coluna, notícia e jornal” (ROBINSON, 2006 *apud* OLIVEIRA, 2013, p. 158). O hibridismo é, justamente, a característica principal de um blogue. Algumas vezes, neles são publicadas transposições literais de notícias veiculadas em jornais impressos ou eletrônicos; outras vezes, publicam-se textos com características de coluna, contendo manifestação das opiniões do jornalista. O blogue permite, dada sua interface, maior possibilidade de interação autor-leitor, liberando o escritor, também, da obrigação de publicar textos respeitando apenas a norma padrão. Nesse sentido, a linguagem dos blogues transita livremente entre os polos formal e informal, com marcas óbvias de oralidade, o que configura fértil terreno para o aparecimento de lexias neológicas.

1.3. Metodologia: O que são e como identificar neologismos?

O *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa* (2009) define o verbete neologia como “1. processo de formação, caracterização e emprego de novas unidades léxicas”. Neologismo, a seu turno, é pela mesma obra definido como “1. emprego de palavras novas, derivadas ou formadas de outras já existentes, na mesma língua ou não. 2. atribuição de novos sentidos a palavras já existentes na língua. 3. unidade léxica criada por esses processos”.

⁵ Segundo dados da *Base de Neologismos do Português Brasileiro Contemporâneo*, fruto do trabalho coletivo do Projeto TermNeo (FFLCH-USP), criado e coordenado por Ieda Maria Alves, os neologismos formados por composição representam 24% do total de unidades léxicas recolhidas, ao passo que os derivados com prefixos respondem por 30% do total. No presente momento, a Base está passando por uma revisão geral, a fim de ser, tão logo quanto possível, disponibilizada integralmente para consulta no site: termneo.fflch.usp.br. Mais de 15 mil unidades léxicas neológicas diferentes compõem esse rico material.

De modo semelhante, o *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*, de Caldas Aulete, em sua versão digital,⁶ registra, para o verbete neologia, “criação ou uso de palavras novas, ou com novos significados”. Neologismo aparece na obra tanto como “uso de palavra ou expressão nova, geralmente com base em léxico, semântica e sintaxe preexistentes, na mesma língua ou em outras” quanto como “qualquer palavra ou expressão resultantes desse processo”.

Nota-se, por exemplo, que as acepções “uso” e “emprego” são utilizadas tanto para definir neologia quanto neologismo, reservando-se apenas a este último, contudo, a ideia de “palavra resultante do processo neológico”.

Diante da ambiguidade e da falta de precisão apresentadas pelas obras lexicográficas em geral na definição desses dois conceitos, os principais estudos desenvolvidos nas últimas décadas sobre criação lexical têm optado por utilizar neologia para designar o fenômeno de criação de novas unidades léxicas nas línguas naturais, ao passo que os neologismos seriam os resultados concretos desse fenômeno de criatividade no léxico (BARBOSA, 1981; ALVES, 1990, 2000, 2010; CABRÉ, 2010; entre outros). É nesse sentido que também entendemos a diferença entre neologia e neologismo.

Boulanger (1989), contudo, confere à *lexia* neologia novo significado. Segundo ele, o termo pode ser empregado não apenas para designar o fenômeno de renovação lexical, como também o tratamento teórico desse fenômeno, que abarca desde o estudo dos processos de criação do neologismo até sua difusão e aceitabilidade pela comunidade linguística. Nesse sentido, neologia configurar-se-ia como subárea da Lexicologia, a que trata, especificamente, do novo lexical.

O termo neologia designa, em segundo lugar, o estudo teórico e aplicado das inovações lexicais, quer sejam as técnicas de formação das palavras (derivação, composição, sintagmatização, empréstimo etc.), a aquisição semântica, os critérios de reconhecimento, aceitabilidade ou difusão dos neologismos, as relações de padronização ou, ainda, a inserção social ou socioprofissional das *lexias* novas. (BOULANGER, 1989, p. 209).⁷

Se a neologia é parte da Lexicologia, isso equivale a considerar como pleonástica a expressão “neologia do léxico”, uma vez que é apenas nesse sistema da língua que é possível verificar a existência do fenômeno neológico. É isso que nos diz Barbosa (1981,

⁶ Consulta gratuita e irrestrita disponível em: www.aulete.com.br.

⁷ Tradução livre do original: “Le terme néologie désigne en second lieu l’étude théorique et appliquée des innovations lexicales, qu’il s’agisse des techniques de formation des mots (dérivation, composition, syntagmatisation, emprunt, etc.), de l’acquisition sémantique, des critères de reconnaissance, d’acceptabilité ou de diffusion des néologismes, des rapports avec la normalisation ou encore de l’insertion sociale ou socio-professionnelle des *lexies* nouvelles”. (BOULANGER, 1989, p. 209).

p. 78-79) ao afirmar que “a neologia é, na verdade, um fato especificamente lexical; quando a mudança linguística afeta outro domínio de gramática, tal mudança nunca é analisada em termos de neologia”.

Ainda sobre o campo teórico da neologia, Guilbert (1972, p. 11) chama-nos a atenção para o fato de que este é um fenômeno sincrônico, não diacrônico. Desse modo, não se deve, segundo ele, confundir neologia com mudança linguística. Enquanto a primeira é criação que surge no léxico das línguas naturais em sincronia, a segunda trata das modificações que vão ocorrendo com o passar do tempo nessas mesmas línguas e que são objeto dos estudos de Linguística Histórica.

A neologia não é evolução, mas criação; como tal, manifesta-se, principalmente, pela formação de um novo termo, que enriquece uma série lexical ou uma série de empregos de uma palavra, sem que a base lexical ou as utilizações anteriores do termo desapareçam no processo. Há apenas um aumento de formas linguísticas disponíveis. (GUILBERT, 1972, p. 11).⁸

No que se refere aos neologismos, tradicionalmente os estudos da área os têm classificados em dois grandes grupos: neologismos formais e neologismos semânticos (BIDERMAN, 1978; BARBOSA, 1981; ALVES, 1990). Os primeiros surgem a partir de quaisquer alterações que se manifestam na forma das unidades léxicas, acrescentando-lhes elementos constitutivos, retirando-lhes morfemas ou trechos fônicos, mesclando partes de unidades léxicas diferentes para criar um novo elemento lexical, ou, ainda, importando formas lexicais de outras línguas. Os segundos, por sua vez, não manifestam a novidade na forma, mas no conteúdo semântico, que sofre alteração devido, sobretudo, a processos metafóricos e metonímicos, naturais no uso da língua.

Entre os processos formais de criação lexical, Alves (1990) destaca como mais produtivos no português brasileiro contemporâneo: (I) derivação (prefixal e sufixal); (II) composição; e (III) empréstimos ou estrangeirismos⁹. Outros processos formais menos produtivos, mas não menos interessantes, referidos pela autora são: (I) truncação (perda de elementos fônicos, normalmente no final da palavra); (II) palavra-valise/cruzamento vocabular ou lexical (mescla de partes de palavras truncadas para formar um terceiro

⁸ Tradução livre do original: “La néologie relève, non de l'évolution, mais de la création; à ce titre, elle se manifeste essentiellement par la formation d'un terme nouveau, qui vient enrichir une série lexicale ou la série des emplois d'un mot, sans que la base lexicale ou les emplois antérieurs du mot disparaissent du même coup. Il se produit seulement une augmentation des formes linguistiques disponibles.” (GUILBERT, 1972, p. 11).

⁹ A diferença entre os conceitos de *empréstimo* e *estrangeirismo* reside, segundo Alves (1990, p. 72-73), no fato de o estrangeirismo ser sentido como elemento morfolexical alienígena a um determinado sistema linguístico (por exemplo *hardware*), ao passo que o empréstimo representa fase posterior ao estrangeirismo, no qual o elemento estranho já demonstra adaptações à gramática da língua à qual já se integrou (*xampu*, *abajur*, *bife* etc.).

elemento); (III) reduplicação de um mesmo elemento lexical para criar um novo item; e (IV) derivação regressiva (perda de elemento sufixal, muito comum na formação de substantivos deverbais).

Do ponto de vista teórico, portanto, o conceito de neologia, entendido em seu duplo aspecto, ou seja, tanto como fenômeno de criação lexical sincrônica para designar fatos/objetos/realidades novas ou para expressar sentimentos e criar efeitos estilísticos de humor e estranhamento (GUILBERT, 1972, 1975; SANDMANN, 1992; ALVES, 1990, BARBOSA, 1981) quanto como estudo teórico desse fenômeno lexical (BOULANGER, 1989), e de neologismo, produto do processo neológico, estão bem descritos e assentados. O mesmo, porém, não se pode dizer em relação à metodologia de coleta e identificação de unidades lexicais novas, objeto ainda de discussões e reformulações. Quando se fala em neologismo, a questão que sempre surge é: por quanto tempo uma unidade lexical pode ser chamada de neológica? Qual é a medida do novo em termos de léxico? Diz-nos Cabré que:

(...) se, por um lado, o conceito de neologia encontra-se bastante estabilizado, os critérios de reconhecimento dos neologismos, mutáveis, são muito mais diversos. A etiqueta de neologismo pode chegar a ser problemática pelo fato de concentrar diversos parâmetros de identificação e, ademais, (...) aquilo que hoje é neológico pode deixar de sê-lo quando seu uso for atestado. (CABRÉ, 2010, p. 18).¹⁰

Em se tratando de neologia, portanto, mais do que nunca, a máxima saussureana “o ponto de vista cria o objeto” mostra-se acertada. Longe de ser evidente na língua, o neologismo tem se mostrado elemento puramente conceptual, metodológico e pragmático, pois depende sempre de que o linguista estabeleça critérios de identificação de unidades léxicas neológicas. A depender do(s) critério(s) utilizado(s), uma mesma lexia pode ser considerada neológica ou não. Em resumo:

O neologismo não existe em si, mas apenas em comparação a um conjunto de usos arbitrariamente definidos. É impossível considerar o neologismo “em abstrato”, como um elemento novo num sistema, independentemente do funcionamento concreto da língua. (REY, 1976, p. 17).¹¹

¹⁰ Tradução livre do original: “(...) si por un lado el concepto de neología se considera bastante estabilizado, los criterios de reconocimiento de los neologismos, en cambio, son mucho más diversos. La etiqueta de neologismo puede llegar a ser problemática por el hecho de concentrar diversos parámetros de identificación y, además, (...) aquello que hoy es neológico puede dejar de serlo cuando se refleja su uso.” (CABRÉ, 2010, p. 18).

¹¹ Tradução livre do original: “Il n’y a pas de néologisme en soi, mais par rapport à un ensemble d’usages arbitrairement définis. Il est impossible de considérer le néologisme “in abstracto” comme un élément nouveau dans un système, indépendamment du fonctionnement concret du langage”. (REY, 1976, p. 17).

A necessidade de criar um método de detecção de neologismos levou Boulanger (1979) a cunhar o precioso termo *corpus de exclusão*, que designa o conjunto não exaustivo de textos que serve como uma espécie de filtro do caráter neológico de determinada unidade lexical. Isto equivale a dizer que se a lexia não figura em um *corpus* de exclusão previamente determinado e constituído como tal, pode-se considerá-la, pois, neológica. Daí ser imperioso que os *corpora* de exclusão sejam os mais completos e confiáveis possível.

Cabré (2010, p. 18-21) fala-nos, atualmente, em quatro critérios norteadores para a detecção de neologismos, os quais fazem uso (ou não) de *corpora* de exclusão: (I) diacrônico; (II) gramatical; (III) psicológico; (IV) lexicográfico.

O primeiro deles, diacrônico, estabelece que uma unidade lexical pode ser considerada neológica se tiver surgido recentemente. O lexicólogo que se utilize desse critério deve, obrigatoriamente, constituir considerável *corpus* relativo ao período dentro do qual esteja estudando a neologia. Assim, pode-se, por exemplo, se se deseja aplicar este critério, levantar as unidades lexicais empregadas durante as edições de um determinado jornal no espaço de um ano e comparar esse *corpus* com edições anteriores do mesmo veículo, numa diacronia de cinco, dez ou mais anos, as quais serviriam de *corpora* de exclusão. As palavras que não constassem das edições anteriores poderiam ser consideradas neológicas. Muitos estudos recentes de neologia em línguas de especialidade têm adotado essa metodologia (DEMAI, 2014; SIQUEIRA, 2015, entre outros), uma vez que dicionários especializados em língua portuguesa, para servirem como *corpora* de exclusão, ainda são raros.

O segundo critério metodológico, o gramatical, afirma que uma unidade do léxico pode ser considerada neológica se denunciar raridade e/ou instabilidade formal. Segundo Cabré (2010), este critério é bastante profícuo na identificação de lexias neológicas cuja forma causa estranhamento aos usuários da língua, como aquelas criadas por cruzamento lexical, os estrangeirismos, ou mesmo alguns neologismos literários, cuja combinatória de morfemas e demais constituintes na palavra busca ultrapassar, propositalmente, as fronteiras da gramaticalidade a favor do estilo e da expressão. Quanto a essas unidades todas, o falante tem, dado o estranhamento que causam, uma espécie de intuição do seu caráter de novidade e de sua função estilística.

Apesar de funcional em algumas situações, o critério gramatical de delimitação do neologismo não se mostra eficiente para a detecção de lexias neológicas sintáticas, ou seja, aquelas nas quais se veem novas combinatórias no eixo sintagmático da unidade

lexical. É o caso, por exemplo, das novas formas compostas ou das prefixadas, que não causam, necessariamente, estranhamento ao leitor. Os neologismos semânticos, mormente os usos metafóricos e metonímicos das palavras, tão frequentes na língua, não são também verificados pelo critério gramatical.

O critério psicológico, terceiro da listagem desenvolvida por Cabré (2010), é, de certa forma, decorrente do anterior, pois afirma que uma unidade do léxico será neológica se os falantes da língua a reconhecerem como tal. No auge da escola gerativista, algumas experiências, como a publicada em 1974, no número 36 da revista *Langages*, mencionada por Sablayrolles (2013, p. 11), tinham como objetivo discriminar uma competência lexical e neológica universal da mente humana, que serviria de parâmetro para a identificação de neologismos, explicando como os falantes da língua reconheciam a novidade lexical.

Vários discípulos de Louis Guilbert (das universidades de Rouen e Nanterre) se engajaram, no início dos anos 1970, em uma experiência inovadora sobre o sentimento neológico. No contexto da gramática gerativa transformacional (Modelo de Aspectos da Teoria Sintática de 1965), buscou-se destacar uma competência lexical e neológica paralela à competência gramatical chomskiana. (...) Pretendia-se aprofundar a reflexão sobre a neologicidade e, ao mesmo tempo, refinar os conceitos de neologia e neologismo, com destaque para uma competência neológica universal, paralela à competência sintática e ao juízo gramatical que a acompanha. (SABLAYROLLES, 2013, p. 11).¹²

Os resultados apresentados por esses experimentos, contudo, por serem discrepantes entre si, frustraram as expectativas dos pesquisadores e, por um tempo, a competência neológica universal deixou de figurar como objetivo dos estudos em neologia. Nos últimos anos, Sablayrolles (2013) vinha, de certo modo, revivendo o conceito, sem, contudo, pintar-lhe com as cores universalistas da escola gerativista. O autor nos fala de um “sentimento neológico” que, a seu ver, não é inato como preconizavam os lexicólogos chomskianos, mas pode ser desenvolvido e refinado pelos indivíduos falantes de uma língua. Para tanto, ainda segundo Sablayrolles, é necessário que os indivíduos conheçam previamente os aspectos teórico-conceituais da neologia e dos neologismos para, enfim, conseguirem localizar unidades lexicais neológicas em *corpora* diversos. Sem isso, diz-nos o autor, a tendência é que os indivíduos não percebam

¹² Tradução livre do original: “Plusieurs disciples de Louis Guilbert (des universités de Rouen et Nanterre) se sont livrés au début des années 1970 à une expérience novatrice au sujet du sentiment néologique. Elle visait, dans la mouvance de la grammaire générative transformationnelle (modèle de Aspects de la théorie de la syntaxe 1965), à mettre en évidence une compétence lexicale et néologique parallèle à la compétence grammaticale chomskyenne (...). Ils devaient permettre d’approfondir la réflexion sur la néologicit  et d’affiner les concepts de néologie et de néologisme, avec la mise en évidence d’une compétence néologique universelle, parallèle à la compétence syntaxique et au jugement de grammaticalité qui l’accompagne.” (SABLAYROLLES, 2013, p. 11).

os neologismos e a taxa de concordância quanto às unidades nomeadas neológicas, entre eles, seja baixa. Em suma, para ele, quanto mais se conhece teoricamente o campo de estudos neológicos, mais o “sentimento neológico” se desenvolve e se refina.

Finalmente, o último dos critérios mencionados por Cabré (2010), talvez o mais conhecido e aplicado no âmbito dos estudos de neologia, é o lexicográfico, o qual determina que, se uma lexia não figurar em um conjunto previamente selecionado de dicionários da língua comum, pode-se considerá-la neológica.

Apesar de práticos, lembra-nos Sablayrolles (2013) que os dicionários apresentam limitações que, em sua visão, os desautorizariam enquanto *corpora* de exclusão válidos. Diz-nos o autor que eles, por exemplo, quase nunca registram, por decoro ou por necessidade de serem “politicamente corretos”, as chamadas palavras-tabu: palavrões, palavras preconceituosas, entre outras, as quais, obviamente, não se poderia considerar neológicas. São notáveis, ainda, as omissões de arcaísmos (não neologismos, portanto) ou de termos técnicos, no mais das vezes não neológicos, nas obras lexicográficas. Finalmente, questiona Sablayrolles, à página 9 de seu estudo, se as línguas ágrafas seriam privadas de neologismos, uma vez que não possuem dicionários.

Apesar das válidas críticas do lexicólogo francês, do ponto de vista social, porém, o dicionário é, inegavelmente, visto como repositório confiável do saber lexical de uma determinada comunidade de falantes, não sendo rara a consulta às obras lexicográficas (também chamadas, não por menos, obras de referência) para a verificação da existência de uma palavra, de sua ortografia, pronúncia, significados etc. Pelos falantes, os dicionários são vistos como fontes do saber lexical e parece intuitivamente natural deixar de considerar uma palavra como neológica se ela passar a figurar nos dicionários da língua. A inserção, em um dicionário, de qualquer lexia nova, portanto, parece ser um dado que atesta, para todos os falantes, a sua “desneologização”. É o que nos diz Barbosa (1981, p. 150-151) ao afirmar que

A consagração final da palavra neológica é a sua inserção no dicionário, porque o registro de um termo no dicionário confere-lhe o estatuto de elemento lexical da língua, ao lado dos outros já existentes, do ponto de vista dos grupos conservadores. Antes de ser registrado no dicionário, já se tem consciência de sua aceitação, mas o figurar na lista das palavras do dicionário faz que o termo seja considerado “definitivo”. O papel do lexicógrafo, nesse sentido, é muito importante, pois a ele e a sua equipe cabe de certa forma a responsabilidade de consagrar a aceitação do neologismo ou rejeitá-lo. (BARBOSA, 1981, p. 150-151).

Com isso, não negamos nem a existência de um sentimento neológico, como o quer Sablayrolles, nem tampouco ignoramos as limitações das obras lexicográficas,

utilizando-as e incentivando seu uso acriticamente. O ideal, a nosso ver, para o bom trabalho em neologia é que se utilize, sempre que possível, mais de um critério. Nesse sentido, nada impede que o dicionário seja utilizado como *corpus* de exclusão junto com *corpora* textuais de pequena ou média diacronia, ou mesmo em conjugação com o sentimento neológico dos pesquisadores. Se bem compreendidos em seus aportes e aporias, os critérios podem andar juntos e auxiliar o lexicólogo a identificar as novas unidades do léxico das línguas em estudo. Neste trabalho, procuramos seguir essa tendência metodológica.

Nossos *corpora* de análise constituídos por textos veiculados nos blogues acima identificados foram submetidos, para a detecção de unidades lexicais neológicas, ao software “Extrator de Neologismos”, desenvolvido em parceria entre o *Projeto TermNeo* (FFLCH-USP) e o *Núcleo Interinstitucional de Linguística Computacional* (NILC), da Universidade de São Paulo em São Carlos (SP).

Basicamente, o “Extrator” serve como primeiro *corpus* de exclusão por comparar, de modo automático, as unidades lexicais existentes nos *corpora* jornalísticos de análise com amplos e diferentes léxicos¹³, segmentando os possíveis neologismos inseridos em seus contextos de uso. Ao linguista cabe validar, em momento posterior, o caráter neológico das lexias sugeridas pelo programa computacional por intermédio de obras lexicográficas previamente definidas.

Como *corpus* de exclusão lexicográfico, que nos auxiliou no processo de conferência do caráter neológico às unidades lexicais compostas selecionadas pelo “Extrator”, utilizamos os dicionários:

(I) HOUAISS, Antônio e VILLAR, Mauro. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

(II) FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Positivo, 2010.

(III) MICHAELIS. *Moderno dicionário da língua portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/>. Acesso entre jan. de 2018 e mar. de 2019.

¹³ Originalmente, para compor os *corpora* do “Extrator”, foram utilizados três léxicos em formato eletrônico: o léxico do *ReGra* (<http://www.nilc.icmc.usp.br/nilc/projects/regra.htm>), o léxico do *Unitex-PB* (<http://www-igm.univ-mlv.fr/~unitex/>) e o léxico *REPENTINO* (site atualmente fora do ar).

2. A COMPOSIÇÃO E OS ESTUDOS GRAMATICAIS E LINGUÍSTICOS

São ainda raros, no português, estudos linguísticos específicos sobre o processo morfolexical da composição. Portanto, a fim de apresentar a necessária revisão da literatura sobre o tema, decidimos por bem organizar este capítulo realizando um apanhado de algumas contribuições que as gramáticas histórica e normativa, a Filologia e as Linguísticas estruturalista e gerativista ofereceram ao melhor entendimento gramatical e semântico das unidades lexicais compostas.

Como qualquer apanhado, o que a seguir apresentamos não tem a pretensão de ser completo do ponto de vista quantitativo, haja vista ao fato de não contemplarmos todos os gramáticos, filólogos e linguistas que escreveram em e sobre a língua portuguesa. Apesar disso, buscamos selecionar, qualitativamente, aqueles aportes que, em nosso entender, foram mais significativos para o objetivo que perseguimos e/ou que melhor representavam, em si, o pensamento da época em que foram produzidos. Ao final do capítulo, acrescentamos os dados e as reflexões específicas sobre a composição extraídos dos mais importantes estudos sobre a criação lexical que, apesar de não circunscritos especificamente a nenhuma escola do pensamento linguístico, delas tomaram proveito para o melhor entendimento do fenômeno neológico.

Ao estudarmos todas essas obras, percebemos que, majoritariamente, os estudos de língua portuguesa mais antigos, pré-gerativistas e anteriores aos trabalhos específicos sobre a criação lexical, adotam a postura teórica de considerar a prefixação como um dos subtipos da composição. No âmbito das gramáticas tradicionais, sobretudo daquelas produzidas após a *Nomenclatura Gramatical Brasileira* (1959), e dos trabalhos linguísticos pós-gerativismo a tendência tem sido, contudo, considerar a prefixação como um tipo de derivação, paralela à sufixação.

Neste trabalho, adotamos perspectiva teórica calcada na Linguística Cognitiva, a qual explicitaremos no próximo capítulo, onde a distinção rígida e absoluta entre composição e derivação não constituiu objetivo maior. Por esse motivo, na apresentação de cada obra estudada no presente capítulo, respeitaremos o entendimento dos autores sobre os limites da composição, ora abraçando a prefixação, ora deixando-a de lado, limitando-nos a apresentar, sem julgamentos, suas justificativas e linhas de raciocínio.

2.1. A Composição no Latim Vulgar

As línguas portuguesa, espanhola (também chamada castelhana), francesa, italiana e romena são as principais representantes do chamado grupo das línguas românicas e integram o tronco maior indo-europeu. De modo geral, as línguas românicas formaram-se pela evolução do chamado latim vulgar ao contato com as línguas, dialetos e falares das várias regiões que outrora compuseram o vasto Império Romano do Ocidente.

Segundo nos lembra Maurer Jr.:

Chama-se latim vulgar ao latim de que derivam as línguas românicas em oposição ao dos textos literários que a antiguidade nos transmitiu. Foi só quando se teve consciência de que em Roma existia um latim bem diverso, na sua estrutura e no seu léxico, daquele que os textos clássicos documentam geralmente, mais simples e mais analítico do que ele, que se tornou possível reconstruir a história das línguas românicas desde as suas origens latinas. (MAURER Jr., 1959, p. 5).

Inicia, pois, Maurer Jr. o capítulo XII de sua *Gramática do latim vulgar* (1959, p. 239-247) distinguindo composição de derivação. Na primeira, “se unem duas palavras que tinham uma certa independência antes de se combinarem no composto” (p. 239), ao passo que, na segunda, “se formam vocábulos novos pela junção de um morfema – que não constitui palavra independente, qualquer que tenha sido o seu valor original – a um tema ou raiz.” (p. 239). Diz-nos ainda ele que, na composição, “um elemento serve de complemento ao outro, que conserva geralmente a sua categoria gramatical e semântica” (p. 239), ao passo que, na derivação, “o morfema modifica a categoria da raiz ou tema a que se junta.” (p. 239). Reconhece, contudo, que “a distinção entre os dois processos não é absoluta e a sua caracterização só pode ser aproximativa.” (p. 239). Menciona, finalmente, a prefixação como um dos tipos de composição, já que os chamados prefixos antepõem-se a substantivos, adjetivos, verbos etc. “para definir ou modificar o sentido dos mesmos” (p. 239), razão pela qual não são encarados pelo autor como morfemas derivacionais.

Especificamente sobre a composição propriamente dita, ensina-nos Maurer Jr. que o latim não a empregou como recurso produtivo de criação lexical, ao contrário de outras línguas indo-europeias, como as germânicas, o grego e o sânscrito, nas quais o processo de composição é, de longe, muito mais vivaz. Nas línguas românicas, porém, verifica-se maior abundância de compostos que os existentes na língua-mãe.

A escassez de compostos latinos vulgares contrasta com a abundância dos mesmos nas línguas românicas ocidentais, onde desde a Idade Média surgem novos processos de composição, quer por criação espontânea destas línguas, quer por influência cultural do latim, do grego e provavelmente do germânico. (MAURER Jr., 1959, p. 241).

Os raros compostos latinos formados pela justaposição de lexias, já à época clássica, ostentavam certo ar de artificialidade. O autor cita, na página 239, as palavras *tibi-cen*, *parti-ceps*, *corni-ger*, *fructi-fer*, *au-spex*, *nau-fragus*, *vin-demia* e *homi-cida*, muito diferentes de *res publica*, *juris consultus*, *legis lator*, *plebi-scitum*, *veri-similis*, *galli-cantus* e *aquae ductus*, sintagmas lexicalizados e não compostos justapostos como os primeiros.

Nesse sentido, conclui Maurer Jr. que

O vocabulário vulgar, como a sua reconstrução indutiva pela comparação das línguas românicas no-lo revela, mostra que o latim do povo não conservou nenhum resquício da composição por justaposição direta de dois semantemas, conquanto o latim literário ainda o fizesse até certo ponto. Se tais compostos existem, não são criações vulgares, pelo menos da época imperial ou mesmo do tempo de Cícero. (...) O que temos no latim vulgar é um pequeno número de expressões normais da língua (e.g., um substantivo com o seu complemento) que, aproveitadas para designar um objeto ou uma ideia, acabaram por petrificar-se em um todo léxico, de cujos elementos componentes já não se tinha consciência, (...). (MAURER Jr., 1959, p. 240).

De modo geral, os padrões de composição do latim vulgar apresentados na obra (p. 240-241) são: (I) S+S, com um deles, normalmente o primeiro, no genitivo, como complemento do outro, a exemplo dos dias da semana: *lunaedies*, *martidies*, *iovisdies* etc. (II) S+S, em justaposição (raros), em que o segundo elemento modifica o primeiro, a exemplo de: *malva hibiscum*, *avis struthius*, *mus araneus* etc. (III) S+A / A+S: *rosmarinum*, *avistarda*, *vin(u)acre*, *medio die*, *medio loco* etc. Há, ainda, (IV) compostos com elementos adverbiais, como em *bisaccium*, *bilancia*, *biscoctum*, *malefatius*, *malehabitus*, entre outros. Finalmente, (V) “alguns verbos acompanhados de seu complemento se reduzem a compostos” (p. 241), como *man(um) levare*. Ressalta, contudo, o autor que não há evidências suficientes para concluir que o padrão V+S, existente em diversos compostos do português, do tipo *guarda-chuva*, seja de origem latina. Conclui Maurer Jr. dizendo-nos que compostos populares como *boquiaberto* e *pontagudo*, presentes no português e no espanhol, “se devem provavelmente a uma influência latina culta, apesar de sua vulgarização posterior em alguns casos” (p. 241).

2.2. A Composição em obras filológicas e de Gramática Histórica

Na recente obra *Gramática tradicional. História crítica* (2018), o autor Francisco Eduardo Vieira realiza amplo panorama histórico da constituição filosófico-metodológica das gramáticas no Ocidente, com destaque para o surgimento e o desenvolvimento da gramatização da língua portuguesa, ainda no século XVI.

No que se refere especificamente ao português do Brasil, diz-nos ele (2018, p. 145) que é apenas no final do século XIX que começam a surgir as primeiras gramáticas feitas por brasileiros e para brasileiros, seguindo de perto, contudo, modelos e padrões lusitanos. Nessa época, começa-se a considerar a gramática não mais enquanto arte/técnica, mas sim enquanto ciência, ainda que essa “ciência” gramatical fosse bastante diversa da produzida em âmbito acadêmico a partir dos anos 60 do século XX. A virada do século XIX para o século XX marca, portanto, o distanciamento da concepção lógico-filosófica da linguagem e a sua aproximação à linguística histórico-comparativa, dominante à época (p. 146). Por esse motivo, o período que vai do final do século XIX até meados do XX representou o auge da produção e divulgação de gramáticas históricas e obras de cunho filológico no mundo lusófono.

Para nosso estudo, selecionamos, por critério de qualidade e importância, as seguintes obras:

(I) portuguesas: *Lições de Filologia Portuguesa* (Carolina Michaelis de VASCONCELOS) e *Compêndio de gramática histórica portuguesa* (José Joaquim NUNES);

(II) brasileiras: *Gramática histórica* (Ismael de Lima COUTINHO) e *Gramática histórica da língua portuguesa* (Manuel SAID ALI)¹⁴.

2.2.1 *Lições de Filologia Portuguesa* (Carolina Michaelis de Vasconcelos, 1946)

A obra *Lições de Filologia Portuguesa*, de Carolina Michaelis de Vasconcelos, publicada em Lisboa, pela primeira vez, no ano de 1946, traz, como o título sugere, algumas lições que a eminente filóloga pronunciou na Universidade de Coimbra no começo do século XX (entre 1912 e 1913). A Lição de número V trata, especificamente, sobre noções gerais relativas à derivação e à composição.

Ensina-nos Vasconcelos (p. 36-37) que, apesar da introdução, sobretudo a partir do Renascimento, de estrangeirismos e latinismos no português, as palavras novas têm surgido nessa língua, principalmente, empregando os mecanismos morfolexicais da derivação (entendido por ela como sufixação), da composição (ou justaposição) e da prefixação.

Refiro-me à derivação e composição, isto é – à formação de palavras novas (derivadas e compostas) quer pela junção de sufixos a temas, palavras

¹⁴ As referências completas dessas obras encontram-se ao final, na seção “Referências Bibliográficas”.

primitivas, ou a palavras já derivadas, de antemão existentes no tesouro da língua, quer pela junção de prefixos ou pela união de duas ou mais palavras em uma única. (...) As combinações que por esses três processos – o da sufixação, o da prefixação e o da juxtaposição (sic) ou fusão, se realizam, são múltiplas. E dizem respeito não só a palavras herdadas latinas, pré-romanas, germânicas e arábicas, mas também às que foram e são importadas posteriormente do estrangeiro (sic) e das que como empréstimo indispensável foram e são pelos eruditos extraídas sucessivamente das obras primas da antiguidade clássica. (VASCONCELOS, 1946, p. 37-38).

Percebe-se, na obra, que Vasconcelos hesita em classificar a prefixação, de modo inequívoco, como subtipo da composição ou da derivação, preferindo considerá-la uma espécie de processo intermediário. Na Lição X (p. 82-95), que trata especificamente do estudo de alguns prefixos, a autora nos diz:

A prefixação tem o seu lugar entre a sufixação e a composição. Parece-se a certos respeitos com uma, e a outros respeitos com a outra. Parece-se com a composição por unir duas ou mais palavras independentes, a fim de representar uma ideia nova. A independência das palavras que costumam servir de prefixos não é, todavia, absoluta. (VASCONCELOS, 1946, p. 82).

Em retorno à Lição V, Vasconcelos destaca que os processos acima referidos não são exclusivos das línguas românicas, sendo processos “comuns a toda a família indo-germânica, muito embora em alguns idiomas prevaleçam as derivações e em outros (como no alemão e no grego) as composições.” (p. 38).

Destaca ainda a autora que, enquanto os doutos esmeram-se em regras e modelos derivacionais e composicionais (entendidos como prescrições normativas) calcados nas línguas clássicas, o povo utiliza-se desses mesmos processos com maior liberdade, em criações, não raro, inusitadas e transgressoras de normas e “dogmas” gramaticais. A ausência de juízos negativos por parte da autora quanto a essas inovações lexicais é, de fato, tão inusitada para o pensamento dominante na época, entre os gramáticos, quanto as próprias criações populares em si.

Igualmente digna de nota é a clareza que Vasconcelos demonstra no que se refere à importância da analogia enquanto mecanismo psicológico de comparação com palavras já armazenadas na memória para a criação das novas¹⁵. Eis aí uma interessante semente dos futuros estudos cognitivistas (cf. capítulo 3).

Desrespeitando imposições legislativas e dogmáticas, indiferente contra evoluções orgânicas, purezas de estilo e rigores de lógica, a gente-povo desobriga-se bastantes vezes, soberanamente ou caprichosamente, de peias e

¹⁵ Na verdade, na obra fundadora da Linguística moderna, o *Cours de linguistique générale* (1916), atribuído a Ferdinand de Saussure (falecido em 1913), a analogia também ocupa posição central nas reflexões sobre os fatos linguísticos (cf. seção 2.4). Aparentemente, portanto, a referência de Vasconcelos, pronunciada em 1912, ao papel da analogia na criação lexical, de certo modo, dialoga com as ideias linguísticas de seu tempo, as quais, é importante ressaltar, têm sido recuperadas e retrabalhadas, sob novas bases, pela chamada Linguística Cognitiva (cf. capítulo 3).

empecilhos que se lhe tornem incômodos, sobretudo no campo de que tratamos. (...) Adoptando processos fáceis mas significativos, para exprimir não só com clareza mas também com ênfase o que pensa e sente, claro que não inventa processos absolutamente novos nem modifica os velhos com deliberação. Irreflectidamente, sem deduzir regras de factos observados, modifica por analogia ou assimilação associativa, em virtude do mecanismo psicológico que constitui a memória, palavras preexistentes – aproximando-as no som e no sentido de outras que, pela sua frequência ou plasticidade, se fixaram na sua mente. (VASCONCELOS, 1946, p. 39).

Finaliza Vasconcelos suas contribuições afirmando que “a história da sufixação, prefixação e composição portuguesa está por escrever” (p. 41), fazendo contundente crítica às gramáticas empregadas no ensino secundário português à época por não tratarem propriamente, com extensão e intensidade, dos processos de criação lexical.

2.2.2. *Compêndio de gramática histórica portuguesa* (José Joaquim Nunes, 1919)

Em 1919, é publicada em Portugal a primeira edição do *Compêndio de gramática histórica portuguesa*, de autoria de José Joaquim Nunes. A edição de que dispomos, a sétima, data de 1969. Das páginas 388 a 398, Nunes trata especificamente do processo de composição.

Afirma o autor que a composição, processo de enriquecimento contínuo do léxico da língua, consiste na reunião de duas ou mais palavras que

tendo tido antes vida própria e independente e possuído cada uma delas sua significação especial, vieram por fim fundir-se por forma tal que desta fusão resultou uma única, em geral com um só acento e sempre com uma ideia singular. (NUNES, 1969, p. 388).

Esclarece ainda Nunes que a estrutura dos compostos, normalmente, dá-se pela associação de uma palavra de significado mais geral, determinada, a outra de significado mais restrito, a qual restringe ou determina a primeira. Desse encontro, surge uma lexia completamente nova na forma e no significado.

Proveio isso de ter o nosso espírito a uma ideia geral e portanto de maior extensão ajuntado outra particular que veio restringi-la, tornando-a, por conseguinte, de menor latitude, mas de maior compreensão, aglutinando depois o determinante ao determinado e aplicando o vocábulo formado deste modo a um objecto especial e definido. (NUNES, 1969, p. 388).

Nunes chama *perfeitos* os compostos nos quais se verifica apenas um acento e já não se percebe mais o caráter composicional, não sendo difícil ao falante considerá-los unidades lexicais simples. Já os compostos nos quais há a presença de dois acentos, o autor denomina *imperfeitos* ou *ideológicos*: “destes, uns mantêm na grafia os seus elementos, umas vezes ligados por um traço, mas outras também aglutinados por forma

idêntica à de aqueles.” (p. 389). Entre os compostos perfeitos, Nunes destaca: *avestruz*, *morcego*, *vinagre*, *rosmaninho*, *fidalgo*, *condestável* etc. Os compostos imperfeitos por ele arrolados são: *rico-homem*, *papa-figos*, *saca-rolhas*, *couve-flor*, *pontapé*, *malquerença*, *vaivém*, entre outros.

Entre os tipos formais de composição, menciona três: a justaposição (por coordenação e por subordinação), a composição elíptica e a prefixação. A parassíntese também é mencionada pelo autor (p. 397), que a entende, porém, como fenômeno híbrido, no qual os processos composicionais da justaposição e da prefixação combinam-se com a derivação.

Na justaposição, ocorre verdadeira solda de dois ou mais nomes,

(...) fazendo que, com o decorrer do tempo, as ideias expressas por cada um dos componentes se fundam numa única, a que actualmente o nome assim formado traz ao nosso espírito. Deste modo, a língua pode reunir nomes dos quais um representava originalmente ou uma qualidade ou outra substância de que uma delas dependia; no primeiro caso a justaposição é por coordenação, no segundo por subordinação. (NUNES, 1969, p. 390).

A justaposição por coordenação ocorre, segundo ele, quando um substantivo funde-se a um adjetivo e vice-versa: *vinagre*, *morcego* etc. Na justaposição por subordinação, porém, ocorre a fundição, na maioria das vezes, entre dois substantivos (sendo, não raro, um deles, latino) como *condestável*, *fidalgo*, *mordomo* etc. Importa esclarecer, todavia, que o que Nunes entende por composição justaposta subordinativa e coordenativa difere substancialmente tanto do entendimento de outros autores do período, quanto do que, atualmente, os estudos lexicais preconizam (cf. seções 2.5 e 2.6).

O segundo tipo de composição, a elíptica, revela a criação, a partir de duas unidades léxicas, de palavra única “que engloba numa só as duas designações (...)” (p. 391). Comparando-se a forma composta justaposta *morcego* e a forma composta elíptica *varapau*, percebe-se que a primeira “só nos traz à ideia o animal designado por esse nome” (p. 391), enquanto que, na segunda, “subentende-se a relação que há entre os dois termos, isto é, da *vara* de que nos servimos à laia de *pau*.” (p. 391). Por esse processo, ensina-nos Nunes, podem ser soldados: dois substantivos, sendo um deles aposto do outro ou genitivo (*porco-espinho*, *mestre-sala*); um substantivo e uma preposição ou advérbio (*entremeio*, *antebraço*); uma preposição e um verbo (*porvir*); um verbo e um substantivo, que lhe serve de complemento (*girassol*, *corrimão*). Quanto a esse último padrão, lembra Nunes que se trata, desde o princípio da língua portuguesa, de modelo bastante fecundo.

Finalmente, a última parte de seu estudo dedica o filólogo a tratar da prefixação, na qual antepõe-se a um radical ou tema “uma partícula chamada prefixo, a qual serve de

(sic) modificar a ideia expressa pelo elemento primitivo” (p. 392). Ressalta Nunes que, dentre os prefixos, uns podem existir sós (os separáveis, como *contra-*, *entre-*, *sobre-*) e outros apenas na composição (os inseparáveis, como *des-*, *in-*, *a-*), os quais, afirma o autor, em algum momento da língua, contudo, também puderam ser empregados livremente no discurso.

2.2.3. (*Pontos de*) *Gramática histórica* (Ismael de Lima Coutinho, 1938)

O professor e conhecido filólogo brasileiro Ismael de Lima Coutinho publicou, em 1938, a primeira edição de *Pontos de gramática histórica*. Em 1954, quando a obra, já bem aceita pelos estudiosos da língua portuguesa, atingiu a terceira edição, passou a ser publicada pela Livraria Acadêmica e a integrar a coleção Biblioteca Brasileira de Filologia com o nome que ostenta até hoje: *Gramática histórica*. A sétima edição, de 1976, póstuma, é a que trazemos ao nosso estudo.

Das páginas 175 a 181, Coutinho trata especificamente do processo de composição, que pode ser entendido como “a união de dois ou mais elementos vocabulares de significação própria, que se combinam para representar uma ideia nova e única.” (p. 175).

Afirma o autor que, em todo composto, “há o elemento principal, que se chama determinado, e o secundário ou acessório, que é o determinante.” (p. 175). Em português, segundo ele, a ordem mais comum é determinado + determinante (*papel-moeda*, *escola-modelo*, *couve-flor* etc.). Apesar disso, contudo, a ordem determinante + determinado, comum nas línguas clássicas e germânicas, também pode ser encontrada em lexias compostas portuguesas, como *livre-pensador* e *mãe-pátria*, sendo esse, aliás, o padrão normal da prefixação, entendida por Coutinho como um subtipo de composição, já que, “em sua origem, é o prefixo um advérbio ou preposição” (p. 176) e não um morfema derivacional.

De modo análogo a Nunes, Coutinho também denomina perfeitos os compostos em que os dois elementos subordinam-se a um único acento, dado seu alto grau de fundição. Imperfeitos são, portanto, os compostos com mais de um acento. Do primeiro grupo, fazem parte as lexias *fidalgo* e *pundonor*. Do segundo grupo, *saca-rolhas* e *guarda-chuva*.

Aos compostos imperfeitos, Coutinho também chama justapostos. Justaposição é, segundo ele, “a junção de duas ou mais palavras, para formarem uma terceira, sem que haja alteração dos elementos componentes” (p. 180). Adiante, esclarece:

Esse processo de formação pode ser indicado pelo hífen ou pela simples aposição dos elementos formadores. Como quer que seja, nenhum deles é atingido em sua integridade material. À vista e ao ouvido são claramente distintos os elementos que entram nessa composição. (COUTINHO, 1976, p. 180).

Essa definição difere consideravelmente da oferecida por Nunes, para quem, na justaposição, segundo o exposto acima, as noções formal e semântica de composicionalidade perdem-se para os usuários da língua. Guardadas as devidas proporções, o que Coutinho chama justaposição aproxima-se do que Nunes identifica como composição elíptica.

Entre os tipos de composição justapostas, Coutinho discrimina os seguintes padrões: (I) S+S (*porco-espinho, carta-bilhete, pombo-correio*); (II) S+A e vice-versa (*amor-perfeito, cabra-cega, vanglória*); Num+S (*segunda-feira*); S+Prep+S (*pé-de-meia, mão-de-obra*); V+S (*beija-flor, quebra-cabeça*); A+A (*surdo-mudo, luso-brasileiro*); V+V (*corre-corre, vaivém*); V+Adv (*pisa-mansinho, bota-fora*); Adv+Pron+V (*malmequer*); Adv+S (*além-mar*) e, finalmente, Adv+A (*sempre-viva*).

A composição perfeita, também chamada, por Coutinho, aglutinada (e justaposta por Nunes) é pelo primeiro definida como “união íntima de duas ou mais palavras, para formarem uma terceira, o que se não há sem prejuízo da integridade material de um dos elementos.” (p. 180). Alguns dos exemplos arrolados pelo autor são: *embora* (em + boa + hora), *fidalgo* (filho + de + algo), *vinagre* (vinho + acre).

Finalmente, encerra Coutinho (p. 181) lembrando que várias unidades lexicais simples do português, de origem estrangeira, em suas línguas de partida, eram compostas: *oxalá* (do ár. *in-sha-Allah*, se Deus quiser); *aleluia* (do hebr. *hallelu-Iah*, louvai a Deus); *marechal* (do ger. *marah-scale*, servo do cavalo); *vendaval* (do fr. *vent-d’aval*, vento de baixo); *redingote* (do ingl. *riding-coat*, casaco de montar a cavalo); *pedestal* (do it. *piede-stallo*, assento do pé); *carioca* (do tupi *cari-oca*, casa do branco), entre outras.

2.2.4. Gramática histórica da língua portuguesa (Manuel Said Ali, 1921)

A primeira edição de *Gramática histórica da língua portuguesa*, do célebre filólogo carioca Manuel Said Ali, foi publicada em 1921. A edição que consultamos é a

3ª, que data de 1964. Apesar de ter vindo a público antes de *Pontos de gramática histórica* (1938), de Coutinho, deixamos por último a obra de Said Ali por representar ela uma ruptura em relação ao pensamento filológico dominante no período, sobretudo no que se refere ao *status* da prefixação, entendida por ele como análoga à sufixação, sendo, portanto, derivação e não composição. Quanto a esse ponto específico, vale a pena lembrar suas palavras, a propósito dos prefixos *dis-*, *re-* e *in-*:

Nada se sabe da existência de tais vocábulos independentes nem em latim nem em outra qualquer língua indo-europeia. Por toda a parte ocorrem estes elementos funcionando sempre como prefixos. Além disso, muito é de notar que, quando se demonstrasse a existência real dessas sílabas em passado remoto, não já como elementos formativos, mas como verdadeiros advérbios ou preposições, ainda assim não poderia prevalecer tal fato como argumento, a menos que com a noção de prefixo se derrocasse também a de sufixo, o qual, segundo a linguística admite e por vezes claramente demonstra, procede também de expressão que a princípio se usou como palavra independente. (SAID ALI, 1964, p. 230. Grifo nosso.).

Gostaríamos de chamar a atenção para o curioso fato de, em uma gramática histórica, o filólogo empregar, para a análise da morfologia, argumento eminentemente sincrônico, concepção esta marcadamente estruturalista. Said Ali, para demonstrar que a prefixação é um subtipo de derivação, não só apela ao fato de, contemporaneamente, os prefixos mencionados por ele não aparecerem como palavras independentes no discurso, mas vai ainda mais longe, desabonando o argumento histórico de recorrer obrigatoriamente ao latim para entender a correta classificação da prefixação na morfologia da língua portuguesa. Trata-se, evidentemente, de um avanço considerável para a época.

Quanto à composição propriamente dita, o autor trata do assunto das páginas 258 a 264. Segundo ele,

Chama-se palavra composta a toda combinação de vocábulos que serve de nome especial para certo gênero de seres, ou com que se exprime algum conceito novo, diferenciado do sentido primitivo dos elementos componentes. (SAID ALI, 1964, p. 258).

Said Ali, logo em seguida à definição do processo, torna explícita uma concepção de composição e palavra composta que embasa todas as gramáticas históricas por nós estudadas e está na raiz da diferenciação, feita por Nunes (1969) e Coutinho (1976), entre compostos perfeitos e imperfeitos. Para todos esses gramáticos históricos, a composição parece remeter mais à origem da palavra que exatamente à sua forma e significado atuais. Assim, por “palavra composta” propriamente dita, entende-se somente uma forma simples, subordinada a um único acento, mas cuja origem é o amálgama de duas ou mais formas lexicais diferentes que se deu ao longo da história da língua. A existência, numa

mesma forma lexical, de dois acentos ou a manutenção dos significados das formas-base dos compostos são encarados como estágios intermediários, a respeito dos quais, à época, divergia-se e hesitava-se em denominar compostos. É o que nos diz Said Ali ao afirmar que a composição

É o resultado da evolução e fusão semântica destes elementos, devendo-se notar que muitas das atuais palavras compostas, antes de se fundirem semanticamente para representar uma ideia simples, tiveram um período de existência bastante longo em que não se distinguiam de outros grupos sintáticos. Em outros casos o processo de composição efetua-se desde logo ou em tempo muito breve. A par daqueles exemplos que satisfazem a todos os requisitos, mostrando consumada por completo a fusão semântica, ocorrem naturalmente combinações que se acham ou parecem achar-se na fase de transição, isto é, em via de se tornarem palavras compostas. Dificultam sobretudo a análise, não sendo de admirar que a seu respeito reine desacordo entre linguistas, classificando uns como verdadeiras palavras compostas o que a outros se afigura como meros grupos sintáticos do tipo comum. (SAID ALI, 1964, p. 258).

Tal ideia, contudo, não é de todo inesperada, haja vista ao fato de as gramáticas históricas trabalharem, epistemologicamente, com uma concepção diacrônica da língua, sendo a mudança e a evolução linguísticas os objetos de estudo desse tipo de obra. Além do mais, há que se levar em conta o fato de esses estudos terem sido feitos anteriormente à evolução da Lexicologia enquanto ciência desenvolvida em âmbito acadêmico. A noção de “palavra” que permeia todas as gramáticas do período parece ser, aproximativa e unicamente, a de forma simples, a mesma presente em Said Ali, em Coutinho, em Nunes, e em outros. Nesse sentido, como entender uma forma na qual se percebe, graficamente e/ou pelo sentido, a coexistência de duas formas lexicais ao mesmo tempo, se não como algo intermediário, imperfeito, em vias de tornar-se, de fato, uma palavra tal como o compreendem os gramáticos?

O autor de *Gramática histórica da língua portuguesa* afirma ainda que

a elipse seria a essência da composição, ao passo que a justaposição consistiria na soldadura mais ou menos íntima de elementos reunidos sem elipse, simplesmente postos uns ao lado dos outros segundo as regras ordinárias da sintaxe. (SAID ALI, 1964, p. 258).

Por elipse, o filólogo entende tanto a ausência de palavras ou demais elementos conectores quanto a elisão de terminações no primeiro componente (*liquefazer*). “Acrescente-se a estas considerações que o composto representa uma ideia simples, porém caracterizada geralmente pela alteração ou especialização do sentido primitivo.” (p. 259).

Entre os padrões de composição do português, Said Ali considera:

Dous substantivos, combinados ou diretamente ou por meio de preposição; dous adjetivos; adjetivo combinado com substantivo; um dos termos pode ser adjunto, ou numeral, sendo o outro um substantivo; pode-se unir uma partícula (preposição ou advérbio) a nome ou verbo; e pode finalmente resultar a palavra composta da junção de verbo com substantivo ou com outro verbo. (SAID ALI, 1964, p. 259-260).

Alerta, ainda, o autor que “quando se estuda o fenômeno da composição dentro do domínio de certo idioma, deve-se atender principalmente ao que esse idioma tem produzido com seus próprios recursos.” (p. 260). Nesse sentido, de acordo com ele, não serviriam de modelos para o estudo de padrões de composição as lexias já compostas no latim ou importadas de outras línguas: “não servem de prova para os fatos palavras compostas pré-existentes à formação do dito idioma, ou importadas de outra língua (...)” (p. 260).

Quanto ao primeiro padrão – S+S -, Said Ali nos informa não ser esse modelo produtivo¹⁶, visto que a maior parte dos compostos disseminados no léxico do português, à exceção da denominação de animais e plantas, não tem valor para a análise, por serem, justamente, aportuguesamentos de expressões alógenas. Algumas das criações autóctones, porém, são: *chave-mestra*, *fidalgo-aprendiz*, *mestre-escola*, *peixe-espada*, *manga-espada*.

No que se refere ao padrão S+Prep+S, Said Ali atesta ser essa espécie de formação muito mais condizente com a “índole da língua”. Sobre compostos desse tipo, afirma que uns “se caracterizam pela delimitação de sentido, servindo para designar certas condições especiais de pessoas ou certos objetos determinados.” (p. 261), ao passo que outros “são denominações dadas por metáfora a objetos em virtude de sua semelhança com outras cousas ou por outro motivo qualquer.” (p. 261): *pé-de-galinha*, *brinco-de-princesa*, *mãe-d’água* etc.

Relativamente aos compostos em que um substantivo se une a um adjetivo e vice-versa, o filólogo exemplifica com: *obra-prima*, *amor-próprio*, *livre-pensador*, *gentil-homem*, *boquiaberto*, *cabisbaixo* (nos dois últimos ocorrendo elipse de segmentos fônicos do primeiro elemento), entre outros.

As associações entre dois adjetivos, diz-nos ele, ocorrem quando se quer “indicar que alguma pessoa ou coisa participa ao mesmo tempo de uma e outra qualidade” (p.

¹⁶ Essa análise feita por Said Ali contrasta fortemente com os dados e análises dos principais estudos sobre a criação lexical no português brasileiro (SANDMANN, 1989; ALVES, 1990), os quais atestam ser esse, na atualidade da língua, o padrão de composição mais produtivo.

261), como em *surdo-mudo*, *anglo-saxônico*, *tragicômico* etc., ou “delimitar o sentido de um dos qualificativos”, como em *verde-escuro*, *azul-marinho* etc.

Os pronomes de tratamento *Vossa Alteza*, *Vossa Senhoria*, *Sua Santidade* e as expressões *Nosso Senhor* e *Nossa Senhora* são exemplos do padrão Pron+S.

Os nomes dos dias da semana (*segunda-feira*, *terça-feira* etc.) materializam o modelo Num+S.

Diversos compostos são formados pela associação de lexias aos advérbios *mal* e *bem*: *bendizer*, *maldizer*, *mal-educado*, *malbaratar*, *bem-aventurado*, *benquisto*, *malquisto* etc.

O padrão V+S, no qual o substantivo, não raro, exerce função sintática de objeto, é responsável por um sem-número de compostos, sendo bastante produtivo segundo o gramático: *saca-rolhas*, *quebra-nozes*, *fura-bolos*, *desmancha-prazeres*, *lava-pés*, *guarda-comida* etc.

Finalmente, o padrão V+V, identificado como o menos produtivo de todos, é exemplificado na obra com os compostos: *vaivém*, *perde-ganha*, *ganha-perde*, *corre-corre*.

2.3. A Composição nas Gramáticas Normativas

No estudo acerca do desenvolvimento da gramatização no mundo ocidental, mencionado no início da seção anterior, Vieira (2018) defende que, desde o seu início, a gramatização do português brasileiro tem sido feita sob o crivo do purismo linguístico, - que tacha como “brasileirismos” e/ou “barbarismos” fatos perfeitamente naturais no português brasileiro, - do normativismo e da metalinguagem, sempre em decalque à norma europeia. Essa situação se agravou após a promulgação, em 1959, da *Nomenclatura Gramatical Brasileira* (NGB), que uniformizou as gramáticas produzidas no Brasil e firmou o divórcio entre o gramático (guardião da língua e prescriptor de normas) e o linguista (cientista que estuda o funcionamento da língua e o descreve tal como se apresenta).

Nesse sentido, o saber gramatical que se popularizou através da escola não considera os avanços da pesquisa linguística ocorrida nas principais universidades do Brasil e do exterior desde a década de 60, tendo estagnado em 1959, num tradicionalismo excessivo. Isso tem causado verdadeiro entrave ao ensino da língua portuguesa para brasileiros, uma vez que muitos fatos estruturantes do nosso português são sumariamente

ignorados pelas gramáticas em favor de regras que não mais refletem (se é que um dia refletiram) o uso que cada brasileiro, mesmo os mais cultos, faz da língua.

Recentemente, contudo, algumas gramáticas de cunho não normativo, escritas por linguistas, têm surgido, com destaque para a *Nova gramática do português brasileiro* (CASTILHO, 2010). Contudo, percebe-se que essas obras pouco avançaram além dos muros da universidade. Por essa razão, na presente seção, não recorreremos a nenhuma das “gramáticas de linguistas”, optando por apresentar reflexões e ideias próprias da Linguística quanto à composição a partir da seção seguinte.

A seguir, a contribuição da gramatização tradicional ao processo morfolexical da composição, objeto maior de nosso estudo, será apresentada tomando-se como referência as seguintes obras, às quais tivemos maior acesso e que, de certo modo, melhor representam o pensamento gramatical da época em que foram produzidas:

(I) Gramáticas pré-NGB: *Serões grammaticaes* (Ernesto Carneiro RIBEIRO), *Elementos de grammatica portugueza* (Ernesto Carneiro RIBEIRO), *Grammatica expositiva* (Eduardo Carlos PEREIRA), *Gramática normativa da língua portuguesa* (Francisco da SILVEIRA BUENO) e *Gramática metódica da língua portuguesa* (Napoleão Mendes de ALMEIDA)¹⁷. As duas últimas obras, contudo, apesar de terem sido publicadas pela primeira vez antes da promulgação da NGB, adaptaram-se a ela e as edições de que dispomos já são as posteriores a 1959¹⁸.

(II) Gramáticas pós-NGB: *Gramática normativa da língua portuguesa* (Carlos Henrique da ROCHA LIMA), *Moderna gramática expositiva da língua portuguesa* (Artur de Almeida TORRES), *Novíssima gramática da língua portuguesa* (Domingos Paschoal CEGALLA), *Nova gramática do português contemporâneo* (Celso CUNHA e Lindley CINTRA) e *Moderna gramática portuguesa* (Evanildo BECHARA)¹⁹. Esta última, dentre todas, é a que, certamente, mais se aproxima da Linguística e mais se beneficiou de seus estudos, razão por que a abordaremos por último, preparando já o terreno às seções seguintes.

¹⁷ As referências completas dessas obras encontram-se ao final, na seção “Referências Bibliográficas”.

¹⁸ Apesar de utilizarmos edições pós-NGB das gramáticas de Silveira Bueno e Almeida, para a descrição gramatical do objeto de nosso estudo, a composição, o documento orientador não representou tão grande divisor de águas. O que a NGB determina é que sejam mencionadas, nas gramáticas, a derivação e a composição como dois dos processos formadores do léxico, sem, contudo, especificar os tipos de composição e de derivação. Por esse motivo, mesmo nas edições dessas obras posteriores a 1959, percebe-se que a prefixação continua, no entender dos gramáticos, a ser considerada como um subtipo da composição, pelas razões que, em momento propício, abordaremos.

¹⁹ As referências completas dessas obras encontram-se ao final, na seção “Referências Bibliográficas”.

2.3.1. *Serões grammaticaes* (Ernesto Carneiro Ribeiro, 1890)

A primeira edição da obra *Serões grammaticaes* ou *Nova grammatica portugueza* é de 1890. Para este trabalho, utilizamos a terceira edição, de 1919. O estudo sobre as palavras compostas encontra-se no capítulo I – Das palavras e seus elementos morphicos – da terceira parte da gramática – Lexicologia.

Inicia Ribeiro dizendo que as palavras podem ser simples, quando “se não podem decompor em vários elementos grammaticaes” (p. 92) e compostas, “as que se formam de duas ou mais palavras” (p. 92). No que se refere às últimas, ensina-nos que quando se formam “pelo ajuntamento, em um só todo, de dois ou mais elementos grammaticaes, dizem-se formadas por juxtaposição” (p. 92). Quando se verifica, porém, a adição de um prefixo a uma palavra simples, “dizem-se palavras compostas por prefixação” (p. 92).

Ainda na mesma página, informa-nos o autor que

Os elementos de uma palavra composta, quando são sobretudo de origem latina, directa ou indirecta, ligam-se muitas vezes e fundem-se de tal modo entre si, desfigurando-se e corrompendo-se, que se perde, por que assim o digamos, a consciência da significação primitiva de cada um deles, tomado só por só. (RIBEIRO, 1919, p. 92).

Por essa razão, continua ele, “não é fácil, à prima vista, deduzir o seu sentido dos órgãos ou elementos morphicos que as constituem” (p. 92). Exemplifica o autor com as seguintes unidades lexicais compostas: *morcego* (do latim *murem* – rato – e *caecum* – cego); *freguês* (do latim *filius-gregis*); *ourives* (de *aurificem*); *avestruz* (de *avis struthio*); *vinagre* (de *vinum acre*), entre outras.

O autor chama justaposição (à época grafado com x) ou composição aparente “ao simples approximation dos elementos morphicos” (p. 93): *mão-rota*. Composição propriamente dita, para ele, ocorre quando “esses elementos se junctam e aproximam, modificando-se mais ou menos profundamente” (p. 93). Curioso notar que Ribeiro chama “mórficos” aos elementos que, hoje, chamaríamos lexicais, a fim de diferenciá-los de desinências flexionais (plural/singular; masculino/feminino; modo-tempo/número-pessoa) ou derivacionais (afixos).

Quanto aos tipos de composições, vejamos o que nos tem a ensinar o gramático:

As palavras compostas por juxtaposição ou aposição podem ser de dois substantivos, como *fructa-pão*, *chale-manta*, *livro-mestre*; de um substantivo e um adjectivo como: *tambor-mor*, *corneta-mor*, *cabra-cega*, *Villa Rica*; de um adjectivo e um substantivo, como: *gran-cruz*, *gentil-homem*, *verde-mar*, *verde-montanha*, *grand' almirante*; de dois adjectivos, como: *doce-amargo*, *agri-doce* ou *agro-doce*; de um verbo e um substantivo, como: *manja-leguas*, *papa-leguas*, *papa-figos*, *papa-jantares*, *mata-cão*, *mata-ratos*, *mata-mouros*,

esfola-gatos, mata-cavallos, chupa-mel (...); de dois verbos, como: luze-luze, ruge-ruge, vai-vem; de um elemento invariável e outro variável, seja substantivo, adjectivo ou verbo, como: sobrecasaco, sobre-posse, entremez, entreacto, antecâmara, antesala (...); de dois substantivos ligados pela preposição de, como: pé-de-vento, língua-de-vacca, unha-de-gato (...). (RIBEIRO, 1919, p. 93).

Apesar de não tecer comentários acerca da produtividade de cada padrão de composição, percebe-se que o maior número de exemplos fornecidos pelo autor é do tipo V+S, o qual parece chamar mais sua atenção. Talvez por essa razão, a seguir, Ribeiro empreenda estudo longo acerca das incertezas etimológicas quanto a esse padrão de composição, que, para nosso objetivo maior, não apresenta maior interesse.

2.3.2. Elementos de grammatica portugueza (Ernesto Carneiro Ribeiro, 1879)

Anterior a *Serões grammicaes*, a obra *Elementos de grammatica portugueza* (1879) apresenta, no capítulo IX “Da formação das palavras – processos de composição e derivação” da terceira parte “Lexicologia”, estudo mais resumido sobre a composição, motivo pelo qual optamos por analisá-la após *Serões*. A edição que utilizamos é a sétima, de 1932.

Na página 171, Ribeiro coloca como os dois principais processos de formação lexical a composição e a derivação. Por derivação, o autor entende apenas a sufixação, optando por considerar a prefixação um dos subtipos da composição, o que era, à época, a postura comum, conforme já o dissemos.

No entanto, a incerteza das fronteiras entre derivação e composição não passou despercebida ao gramático:

Do estudo da formação dos vocábulos depreheende-se que o processo compositivo e o derivativo, bem longe de se contraporem e contrastarem, confinam ao revés um com o outro; por vezes se combinam, aparceiram e entrelaçam intimamente, formando a classe numerosíssima dos compostos parasynteticos, não havendo conseguintemente esta barreira intransponível que os separa e torna sempre distinctos. (RIBEIRO, 1932, p. 172).

Ribeiro cita, a esse respeito, o caso das formações derivadas em *-mente*, que de palavra passou a sufixo e o processo, de composição, a derivação.

Quanto aos tipos de compostos, diferentemente do que havia em *Serões*, o autor, na presente obra, informa-nos que

Dividem-se os compostos em duas classes principaes, segundo as relações que entretêm uns para com os outros os elementos componentes: compostos por coordenação, designados também concordantes ou appositivos (co-compounds dos inglezes), e compostos de subordinação, de dependência ou regidos (sub-

compounds dos ingleses), a que se devem ajuntar os formados por meio de prefixos. (RIBEIRO, 1932, p. 173-174).

No primeiro caso, as palavras apresentam, segundo ele, relação apositiva: *frutapão, couve-flor, gato-pingado* etc.

Nestes compostos há o elemento determinante, regente, qualificativo ou modificativo, precedendo de ordinário este àquelle em nossa língua, como na maior parte das românicas, podendo entretanto seguir-o em alguns casos, como na expressão *mãe-pátria, preamar, belas-artes, lesa-majestade, salvaguarda* etc. (RIBEIRO, 1932, p. 174).

No segundo caso, os elementos constituintes “estão entre si numa relação de dependência, entrando em sua formação substantivos, preposições, verbos, calando-se às vezes a preposição que estabelece entre os nomes a relação de dependência”. (p. 174). Como exemplos, temos: *banho-Maria, quartel-mestre, cabeça-de-abóbora* etc.

Percebe-se nas definições fornecidas acima que, para Ribeiro, a relação de dependência que constitui o composto subordinativo perpassa, necessariamente, pela presença implícita ou explícita de uma preposição.

2.3.3. *Grammatica expositiva* (Eduardo Carlos Pereira, 1907)

A *Grammatica expositiva* de Eduardo Carlos Pereira, cuja primeira edição data de 1907, foi, certamente, a obra gramatical pré-NGB mais importante e difundida no ensino brasileiro na primeira metade do século XX, dado seu tom didático-pedagógico.

Sobre a composição, diz-nos Pereira que se trata do processo “pelo qual se formam palavras novas com a união de dois ou mais elementos.” (p. 176). Como exemplos de compostos, considera *refazer, couve-flor e aguardente*. Além disso, o gramático nos ensina que, em toda unidade léxica composta, “existe um elemento principal, que contém a ideia genérica: é o determinado; e um elemento acessório, que contém a ideia específica: é o determinante.” (p. 177). Assim, em *aguardente*, o determinado ou principal é *água* e o determinante ou acessório é *ardente*.

Pereira considera três subtipos de composições: prefixação, justaposição e aglutinação.

O prefixo, diz, é um elemento determinante que se antepõe ao tema, acrescentando-lhe, normalmente, uma ideia nova, acessória. Pode ser expletivo, não trazendo ao tema qualquer significação (*a-* em *alevantar*); inxpletivo, ou seja, portador de significado; separável, que se pode empregar também livremente na sentença; inseparável, que só aparece unido na palavra. (p. 177). Diferentemente das demais obras

gramaticais, a *Grammatica expositiva* apresenta os formantes prefixais agrupados segundo os significados por eles atualizados e não pela origem etimológica, o que representa exceção ao padrão das gramáticas.

Quanto à composição por justaposição, ensina Pereira que ela se dá “na união de duas palavras para expressar um só objecto ou idéa, conservando ambos os elementos a sua integridade graphica e prosódica.” (p. 185). Como exemplos, temos: *madressilva*, *couve-flor*, *obra-prima*, *pé-de-vento*, entre outros. O autor chama a atenção para o fato de os compostos poderem-se unir “por contacto, ou por um hyphen, ou, ainda, por agrupamento em forma de locução.” (p. 185).

Em português, o elemento determinado normalmente precede o determinante, segundo atesta Pereira pelos exemplos: *couve-flor*, *pombo-correio*, *mestre-escola*, *escola-modelo*, *unha-de-boi* etc. Contudo, admite que o contrário também ocorre, embora mais raramente, sendo padrão comum, porém, em línguas como inglês, alemão e latim. Na nossa língua, “os substantivos compostos, que seguem este processo primitivo são, em geral, formações eruditas, de origem latina e grega.” (p. 185-186): *carnívoro*, *avicultura*, *bibliófilo* etc.

De três modos, informa Pereira, efetua-se a justaposição de elementos no composto: por coordenação ou concordância, por subordinação ou dependência e por locuções ou frases verbais.

Basicamente, as noções de composição por coordenação e por subordinação encontradas em Pereira (1907) são análogas às verificadas em *Elementos de grammatica portugueza* (1879), de Ribeiro.

Na composição por coordenação, segundo Pereira, os elementos constituintes devem ser coordenados ou apositivos e o determinante deve ser, obrigatoriamente, um adjetivo ou substantivo aposto. Associações entre dois adjetivos também são classificadas como de carácter coordenativo: *bom-senso*, *fogo-fátuo*, *lobisomem*, *língua-matriz*, *médico-cirúrgico* etc. Ainda sobre esse tipo de composto,

São chamados ellipticos os compostos que se formam em um ellipse espontânea. Assim, couve-flor quer dizer: couve que tem a forma de flor; escola-modelo significa: escola que serve de modelo. (PEREIRA, 1907, p. 187).

Na subordinação, “formam-se compostos em que o elemento determinante está subordinado ao elemento determinado, em relação complementar.” (p. 187), marcada, segundo se pode verificar pelos exemplos retirados da obra, pela presença explícita ou

implícita da preposição entre os constituintes: *terremoto* (moto ou movimento da terra), *beira-mar* (beira do mar), *agricultura* (cultura do campo), *pé-de-galinha* etc.

Pela presença de verbo como elemento determinado, Pereira classifica o composto como locução ou frase verbal: *chupa-mel*, *corrimão*, *pica-pau*, *tapa-vento* etc.

Como compostos por justaposição, o gramático ainda considera: (I) locuções substantivas de nomes próprios (*Luís de Camões*, *Colégio Pedro II* etc.); (II) os nomes adjetivos com mais de um elemento (*vinte e um mil*, *luso-brasileiro*); (III) locuções adverbiais (*com certeza*); (IV) locuções prepositivas (*além de*, *dentro em*); (V) locuções conjuntivas (*porque*, *de modo que*); (VI) locuções interjetivas (*Ai de mim!*); (VII) compostos estrangeiros (*high-life*, *jockey club*).

A aglutinação, ensina Pereira, é uma justaposição “mais íntima” (p. 188), onde o primeiro elemento “perde a sua autonomia prosódica, e, modificando a sua desinência, funde-se com o elemento seguinte.” (p. 188): *vinagre*, *fidalgo*, *petróleo*.

Os compostos por aglutinação são compostos próprios ou perfeitos, como os compostos por prefixação, pois os elementos componentes se fundem não só na forma, como também na idéia, para expressarem um conceito único, uma única imagem. Os compostos por justaposição, são, em geral, imperfeitos, espúrios ou impróprios, pois os elementos componentes, embora se reúnam para formarem uma noção única, conservam, todavia, sua integridade vocabular, isto é, seu *accento tônico primário* e sua forma *graphica*, p. ex.: *carta-bilhete*, *mestre-sala*, *madresilva*. (PEREIRA, 1907, p. 188).

Apesar de ter encarado o final do seu reinado após a promulgação da *Nomenclatura Gramatical Brasileira*, em 1959, a *Grammatica expositiva* constituiu-se modelo inegável para as obras gramaticais posteriores. Sua linguagem fácil e suas explicações curtas sobre o processo da composição, ao mesmo tempo que resumiam as principais ideias correntes na época sobre o assunto, consolidavam as categorias de análise que, de modo geral, ainda hoje podem ser encontradas nas gramáticas escolares e não escolares. Assim, por exemplo, as expressões “composição por justaposição” e “composição por aglutinação”, presentes em Pereira, encontram-se ainda nas páginas de todas as gramáticas e livros didáticos de língua portuguesa.

2.3.4. Gramática normativa da língua portuguesa (Francisco da Silveira Bueno, 1944)

O professor catedrático de língua portuguesa da Universidade de São Paulo Francisco da Silveira Bueno, na introdução à sua *Gramática normativa da língua portuguesa* (1ª ed. 1944) presta reconhecimento à *Grammatica expositiva* de Pereira (1907), mas afirma dela e das demais obras gramaticais da época distanciar-se, pois, em

sua visão, o sucesso da *Grammatica expositiva* deve-se, sobretudo, ao enfoque tradicional dado por Pereira à análise lógica da língua, aproximando-se de uma concepção filosófica da gramática, distanciada, portanto, da realidade dos fatos. O que se propõe com a *Gramática normativa da língua portuguesa* é, pois, oferecer aos alunos de língua portuguesa material de estudo atualizado, cujo enfoque seja, sobretudo, o presente da língua e dos fatos linguísticos, sem recorrer ao que Silveira Bueno chama artificialismos.

Apesar da nobre e acertada concepção epistemológica segundo a qual a obra de Silveira Bueno foi concebida, no que se refere à formação lexical, não se percebem muitas discrepâncias em relação ao ensino de Pereira, exceto, talvez, maior desejo de condensação e simplificação terminológica.

Assim, à página 80, diz-nos Silveira Bueno serem a “composição por meio de prefixos, de elementos justapostos e de elementos aglutinados” e a derivação “por meio de sufixos ou de nova classificação do vocábulo em outra categoria gramatical” os dois processos autóctones mais comuns pelos quais o léxico do português se forma e reforma. Quanto à composição propriamente dita, define-a o autor pelas seguintes palavras:

A composição de um vocábulo qualquer resume-se na combinação de vários elementos já existentes no tesouro do idioma, que se unem segundo as leis da fonética e da eufonia. (...) Em todos os vocábulos assim formados, distinguimos o elemento principal, que encerra a ideia de maior importância, a ideia geral, e o elemento secundário, que traz a modificação do primeiro, particularizando-lhe a significação. (SILVEIRA BUENO, 1963, p. 80).

A composição por prefixação ocorre quando um prefixo, partícula de origem greco-latina ou vernácula, une-se a um radical ou tema, alterando-lhe, destruindo-lhe ou reforçando-lhe o sentido. Se houver a união de um único prefixo, de acordo com o autor, a prefixação é simples. Mais de um prefixo, composta (p. 80-81).

Justaposição é o tipo de composição que “consiste na união de duas outras já existentes, dando origem a uma terceira de significado diverso” (p. 81): *gentil-homem*, *guarda-escola*, *malmequer* etc. O gramático chama “verdadeira justaposição” a simples colocação, lado a lado, de dois elementos lexicais diferentes. Contudo, também denomina justapostos os compostos nos quais se percebe a subordinação à preposição *de* (*lua-de-mel*, *pé-de-moleque*) e a utilização do hífen (*carta-bilhete*, *couve-flor*). Quanto ao hífen, ou “traço de união”, informa-nos ainda Silveira Bueno que “muitas vezes desapareceu a preposição por elipse e o seu lugar é tomado pelo hífen.” (p. 81): *guarda-marinha* = *guarda-de-marinha*; *mestre-sala* = *mestre-de-sala*.

Semelhante a Pereira, Silveira Bueno entende a justaposição como processo coordenativo, subordinativo ou locucional. Para haver coordenação ou concordância,

deve um substantivo unir-se a um adjetivo, a outro substantivo em função adjetival ou dois ou mais adjetivos associarem-se. Entre os elementos justapostos coordenados se dá, segundo ele, normalmente, a concordância normal de gênero e de número, à exceção das justaposições de adjetivos, nas quais apenas o último flexiona-se: *amor-perfeito* (*amores-perfeitos*), *couve-flor* (*couves-flores*), palavras *tupi-guaranis*.

A justaposição por subordinação ou dependência ocorre, de acordo com o gramático, quando há união entre um verbo e um substantivo que funciona, sintaticamente, como complemento verbal (*guarda-livro*, *tira-prosa*, *saca-rolha* etc.) ou quando “o segundo elemento é complemento restritivo do primeiro” (p. 81): *pão-de-ló*, *unha-de-gato* etc. A respeito desse último padrão, diz-nos Silveira Bueno:

Muitos destes últimos aparecem formados cientificamente, isto é, com a alteração da terminação, indicando o genitivo em latim, o caso que corresponde ao nosso complemento restritivo: agricultura (cultura do agro, isto é, do campo); apicultura = cultura da abelha; fidedigno = digno de fé. (SILVEIRA BUENO, 1963, p. 82).

Por fim, a justaposição locucional ocorre quando há locuções nominais, verbais, adverbiais, prepositivas, conjuntivas ou interjetivas, as quais abundam nas gramáticas normativas. Alguns compostos justapostos podem também ser, segundo informa-nos o gramático, de origem estrangeira: *country-club*, *jockey-club* etc.

Quanto ao último tipo de composição, por aglutinação, ensina-nos Silveira Bueno:

A formação de palavras por aglutinação consiste na união de elementos já existentes, mas, de tal forma, que um deles se altere foneticamente, perdendo, assim, a sua personalidade prosódica para formar com o elemento seguinte um vocábulo novo. Exs.: *Petróleo*, *vinagre* (*Petra* + *óleo*; *vino* + *agre*). Tanto *petra* quanto *vino* perderam o acento próprio, a sua prosódia, perderam a terminação *a*, *o* e fundiram-se com os elementos imediatos, criando novas palavras. (SILVEIRA BUENO, 1963, p. 82).

Finaliza o estudo Silveira Bueno informando-nos que a aglutinação não é, em verdade, processo diverso da justaposição, mas apenas leve alteração desta, atestando maior processo de integração entre as unidades lexicais justapostas.

2.3.5. Gramática metódica da língua portuguesa (Napoleão Mendes de Almeida, 1944)

Publicada pela primeira vez em 1944, a *Gramática metódica da língua portuguesa* adaptou-se à NGB de 1959 e continua a ter sempre novas edições e a figurar nas listas de materiais de vários colégios brasileiros. A edição que consultamos é a 44^a, datada de 1999.

O adjetivo que lhe ilustra o título, metódica, deve-se à concepção, bem explicitada no prefácio à obra (p. 3-7), segundo a qual os alunos brasileiros da contemporaneidade

não conseguem aprender gramática por falta de método. Por método, o polêmico e conservador Napoleão entende unidade de ensino, decomposição da língua e identificação metalinguística por meio de longas listas de exercícios. Por essa razão, percebe-se, na *Metódica*, caráter mais esquemático e preocupação didática. Enquanto todas as gramáticas estudadas até aqui dedicaram várias páginas ao estudo da composição, toda a matéria encontra-se resumida no parágrafo 633 da página 404 da obra de Almeida. Vejamos o que nos diz o autor no referido parágrafo:

Na composição, o sentido da palavra fundamental é modificado mediante palavras, preposições ou partículas que a ela se antepõem; processa-se ou por justaposição (quando duas ou mais palavras se juntam sem que se alterem: *porta-aviões*) ou por aglutinação (quando elas se fundem mediante alguma alteração: *penalta*, de *perna* + *alta*) ou por prefixação. (ALMEIDA, 1999, p. 404).

Em seguida, continua a discorrer Almeida, mas agora sobre a derivação.

2.3.6. Gramática normativa da língua portuguesa (Carlos Henrique da Rocha Lima, 1957)

A *Gramática normativa da língua portuguesa*, de Carlos Henrique da Rocha Lima, foi lançada em 1957, dois anos antes, portanto, da publicação da *Nomenclatura Gramatical Brasileira*. Apesar de cronologicamente anterior à legislação, a obra de Rocha Lima foi cunhada seguindo o espírito da NGB, uma vez que ele foi um dos gramáticos que participou da elaboração do documento legal orientador. Em virtude disso, para nosso estudo, classificamos essa obra como pós-NGB.

No capítulo 16 da edição consultada (48ª, de 2010), que trata sobre os processos de formação de palavras, Rocha Lima discorre sobre a derivação e a composição. A respeito desta última, diz-nos ele:

Composição é o processo pelo qual se cria uma palavra pela reunião de dois ou mais elementos vocabulares de significação própria, de tal sorte que o conjunto deles passe a formar um todo com significação nova. (ROCHA LIMA, 2010, p. 250).

Mais à frente nos diz que “o que caracteriza, em última análise, a composição é, além da unidade de significação, a existência de mais de um radical.” (p. 279).

Diferentemente dos demais gramáticos aqui estudados (com exceção de Said Ali), Rocha Lima entende a prefixação como um tipo de derivação análogo à sufixação, ainda que não deixe claro os motivos pelos quais assim pensa. Apesar de não haver qualquer explicitação na NGB quanto à devida nomenclatura relativa à prefixação – se derivação

ou composição – a tendência que se seguiu no fazer gramatical após a promulgação da portaria foi a de estudar a prefixação enquanto derivação. A partir dessa obra, portanto, não mais se falará composto por prefixação, mas derivação prefixal.

Quanto ao modo de relacionamento entre as unidades léxicas no composto, afirma Rocha Lima que elas podem “justapor-se, conservando cada qual sua integridade de forma e sua acentuação” (p. 279), como *fidalgo-aprendiz*, *pontapé* e *varapau*; ou “aglutinar-se mais ou menos intimamente, subordinados a um acento único, perdendo-se, então, por via de regra, alguns elementos morfológicos” (p. 279): *aguardente*, *pernilongo*.

As palavras que se podem associar por justaposição, de acordo com ele, são: (I) S+S (*porco-espinho*); (II) S+Prep+S (*baba-de-moça*); (III) S+A/ A+S (*água-forte*, *carametade*); (IV) A+A (*surdo-mudo*); (V) Pron+A (*Nosso Senhor*); (VI) Num+A (*mil-folhas*); (VII) V+S (*mata-fome*); (VIII) Adv+A (*sempre-viva*); (IX) V+V (*perde-ganha*); e, finalmente, (X) *bem/mal* + outras palavras (*bem-amado*, *mal-amado*).

Os padrões de composição por justaposição apresentados por Rocha Lima não diferem dos aventados por gramáticos anteriores, sendo, inclusive, iguais aos de outros autores muitos dos exemplos trazidos por ele para ilustrar cada padrão associativo. Não há qualquer menção, também, à produtividade ou grau de importância, na língua portuguesa, de cada um dos padrões de justaposição arrolados. Percebe-se ainda que não há também, neste gramático, como já não havia em Almeida antes dele, referências à composição subordinativa ou coordenativa, ideia que será recuperada, no âmbito, é claro, das gramáticas que tomamos por escopo, apenas por Bechara (1999).

2.3.7. Moderna gramática expositiva da língua portuguesa (Artur de Almeida Torres, 1959)

Assim como Rocha Lima, o professor Artur de Almeida Torres também esteve envolvido com o projeto da NGB e sua gramática, lançada no mesmo ano da *Nomenclatura*, vem atender aos objetivos de implantação da lei. Esta obra gramatical teve, ao todo, 25 edições, datando a última de 1981. A edição de que dispomos é a décima quarta, de 1962.

No capítulo que trata especificamente sobre a formação do léxico, não encontramos quaisquer novas informações ou novas análises em relação às já apresentadas em outras obras gramaticais. Torres define composição como “formação de vocábulos mediante a reunião de dois ou mais elementos em um só todo, com significação

própria”. (p. 42). Nesse sentido, “o composto *caneta-tinteiro* representa um objeto novo, diferente de caneta e de tinteiro.” (p. 42).

Entre os subtipos de composição, o gramático reconhece os dois tradicionais: por justaposição e por aglutinação. Na justaposição, “os elementos se reúnem sem nenhuma modificação, conservando cada um a sua independência e a sua acentuação.” (p. 42); na aglutinação, “os elementos se modificam e se fundem de tal maneira que a composição fica aparentemente irreconhecível.” (p. 42). Os exemplos ilustrativos dos processos de composição são os mesmos presentes em outras obras: *vinagre, fidalgo, pontapé*, dentre outros.

2.3.8. *Novíssima gramática da língua portuguesa* (Domingos Paschoal Cegalla, 1962)

Outra obra gramatical que pouco acrescenta ao já conhecido processo da composição é a *Novíssima gramática da língua portuguesa*, do professor Domingos Paschoal Cegalla. Apesar de não inovadora, a obra em questão merece nossa menção neste trabalho tendo em vista sua longevidade (48 edições ininterruptas desde 1962) e sua ampla aceitação na educação básica brasileira devido às explicações resumidas e às listas de exercícios que contém.

A composição é tratada na página 83 da edição consultada (33^a, de 1990). Diz-nos Cegalla que, “pelo processo da composição associam-se duas ou mais palavras ou dois ou mais radicais para formar uma palavra nova.” (p. 83). As conhecidas menções à composição por justaposição, “unindo duas ou mais palavras (ou radicais), sem lhes alterar a estrutura” (p. 83) e a composição por aglutinação, “unindo-se dois ou mais vocábulos ou radicais, com supressão de um ou mais de um de seus elementos fonéticos” (p. 83) fazem parte da definição que Cegalla dá à composição. Os exemplos arrolados pelo autor, igualmente, não diferem muito dos já apresentados: *mata-borrão, girassol, fidalgo, planalto* etc.

2.3.9. *Nova gramática do português contemporâneo* (Celso Cunha e Lindley Cintra, 1985)

Fruto da parceria entre o brasileiro Celso Cunha e o português Lindley Cintra com vistas à produção de uma obra que viesse a servir tanto a brasileiros quanto a portugueses, a *Nova gramática do português contemporâneo*, lançada em 1985, é “a primeira grande

referência normativa do português na atualidade” (VIEIRA, 2018, p. 213). De longa permanência na senda gramatical brasileira, Celso Cunha já havia publicado diversas obras nesse sentido, anteriores à *Nova gramática*, que, em 2016, atingiu a 7ª edição. A que consultamos para nosso estudo é a 5ª, de 2008.

No capítulo dedicado especificamente à derivação e à composição, os autores, quanto a esta última, definem:

A composição, já o sabemos, consiste em formar uma nova palavra pela união de dois ou mais radicais. A palavra composta representa sempre uma ideia única e autônoma, muitas vezes dissociada das noções expressas pelos seus componentes. Assim, *criado-mudo* é o nome de um móvel; *mil-folhas*, o de um doce; *vitória-régia*, o de uma planta. (CUNHA & CINTRA, 2008, p. 119).

A tipologia da composição é analisada por eles em três bases: quanto à forma, quanto ao sentido e quanto à classe gramatical dos elementos constituintes.

Quanto à forma, a composição pode ser, como já vimos nos gramáticos anteriores, por justaposição dos elementos, “conservando cada qual sua integridade” (p. 119), ou pela aglutinação dos elementos, que se encontram “intimamente unidos” (p. 119). Nesse último caso, perde-se a ideia de composição pela subordinação a um mesmo acento e pela perda da integridade fonética. Curioso notar que, diferentemente dos gramáticos históricos, trazidos à baila na seção anterior, para quem a composição propriamente dita ocorre quando já não se percebe mais, na forma simples, a origem composta, os gramáticos da atualidade, representados aqui por Cunha e Cintra, dizem-nos exatamente o oposto: na aglutinação perde-se, exatamente, a dimensão composicional da palavra.

Quanto ao sentido,

distingue-se numa palavra composta o elemento determinado, que contém a ideia geral, do determinante, que encerra a noção particular. Assim, em *escola-modelo*, o termo *escola* é o determinado, e *modelo* o determinante. Em *mãe-pátria*, ao inverso, *mãe* é o determinante, e *pátria* o determinado. (CUNHA & CINTRA, 2008, p. 120).

Lembram os autores que, no português, a ordem normal é determinado + determinante. Contudo, no caso dos compostos que entraram em nossa língua pela via do latim, normalmente encontra-se o padrão determinante + determinado, natural na língua do Império Romano.

No que diz respeito à classe gramatical dos elementos constituintes das palavras compostas do português, verifica-se em Cunha & Cintra as mesmas dez possibilidades já aventadas por Rocha Lima e outros gramáticos acima expostos. Por essa razão, não as repetiremos agora.

Adiante, dizem-nos os autores que

A nomenclatura científica, técnica e literária é fundamentalmente constituída de palavras formadas pelo modelo da composição greco-latina, que consistia em associar dois termos, o primeiro dos quais servia de determinante ao segundo. (CUNHA & CINTRA, 2008, p. 122).

Atestam os gramáticos, contudo, que, contemporaneamente, têm surgido na língua comum unidades lexicais não especializadas, nas quais os elementos de composição eruditos, outrora constituintes apenas de termos técnico-científico-literários, ressemantizam-se e passam a atuar como pseudoprefixos. É o caso, por exemplo, de *foto-*, elemento de composição de origem grega, cujo significado original é “luz”, mas que, em palavras como *fotomontagem* e *fotonovela* não atualizam esse sentido, mas o de “fotografia” (montagem de fotografias e novela contada por meio de fotografias). Recorrendo a Martinet (1964), conhecido linguista estrutural-funcionalista, Cunha & Cintra denominam esses casos como “recomposição” (p. 127-129). Fora do âmbito da Linguística, a *Nova gramática do português contemporâneo* é a única obra gramatical que aborda esse fenômeno.

2.3.10. Moderna gramática portuguesa (Evanildo Bechara, 1999)

Em 1961, o professor, gramático e filólogo Evanildo Bechara publicou a primeira edição da *Moderna gramática portuguesa*. Segundo afirma Vieira (2018, p. 216), a *Moderna* de Bechara consistiu, originalmente, na reescrita da *Grammatica expositiva*, de Eduardo Carlos Pereira, falecido em 1923, dada a necessidade de adaptação da conhecida obra aos tempos de NGB.

(...) quando a NGB entrou em vigência, em 1959, a *Grammatica Expositiva* foi uma das muitas gramáticas que precisaram passar por reformulações para garantir sua circulação num país agora legislado por uma terminologia gramatical. Assim, a gramática de Pereira, falecido desde 1923, foi convertida em um novo texto por Bechara, que passou a ser considerado autor de uma nova gramática. (VIEIRA, 2018, p. 216).

Até a sua 36ª edição, a gramática de Bechara seguiu de perto a organização metodológica de Pereira. A 37ª edição da obra, contudo, publicada em 1999, foi inteiramente revista, reestruturada em sua metodologia e substancialmente ampliada por Bechara, que incorporou, na observação, descrição e prescrição dos fatos linguísticos do português, contribuições dos estudos linguísticos estruturalistas, funcionalistas, da Pragmática, da Teoria da Enunciação e também da Linguística Textual. Nesse sentido, apesar de manter o mesmo nome, a 37ª edição da *Moderna gramática portuguesa*, que

em nosso estudo utilizamos, é, em natureza, obra completamente diversa das edições publicadas em anos anteriores.

No tópico “formação de palavras”, diz-nos Bechara que a composição e a derivação (prefixal e sufixal) são os dois processos formais mais importantes para a criação de neologismos na língua portuguesa (p. 351). A respeito da composição especificamente, diz-nos o gramático:

A composição consiste na criação de uma palavra nova de significado único e constante, sempre e somente por meio de dois radicais relacionados entre si. Isto não impede que um dos elementos do composto seja ele mesmo já um composto, contado como um termo único, pelo princípio dos constituintes imediatos. (BECHARA, 1999, p. 355. Grifo nosso.).

Na definição de composição acima, percebem-se elementos contraditórios, como se o gramático estivesse dividido entre a tradição gramatical, de que é herdeiro, e as ideias linguísticas incorporadas ao longo de sua trajetória acadêmico-pessoal. Para ele, composta é a unidade lexical onde há a presença de dois radicais. A preferência pelo conceito de *radical* em detrimento de *elemento*, ou mesmo *palavra*, parece levar-nos diretamente ao cerne da morfologia gramatical tradicional. A menção, contudo, à necessidade de haver apenas e obrigatoriamente dois radicais em relação entre si, e não dois ou mais como era de se esperar, para que se tenha a composição, marca uma diferença entre Bechara e outros gramáticos. Adiante, explicaremos por que o autor de *Moderna gramática portuguesa* assim o afirma. Em seguida, incorpora à sua definição de composição a teoria da estrutura em constituintes imediatos²⁰, muito aplicada pela sintaxe estruturalista. Ao abrir a possibilidade de uma lexia já composta, a seu turno, poder servir de base a uma lexia simples para a formação de novo composto, Bechara acaba por contradizer-se, pois, nesse caso, a composição passa a ser não mais a relação entre dois radicais, mas entre dois elementos lexicais, que vão, portanto, além do morfema radical.

Isso desloca a composição do plano morfofonológico para o morfossintático, o que representa considerável avanço no âmbito das definições gramaticais da composição. A composição é, nessa perspectiva, encarada definitivamente como processo em si, com características híbridas, ao mesmo tempo, morfológicas e sintáticas, e não, como o

²⁰ De acordo com o *Dicionário de linguística*, de Jean Dubois et al. (2011, p. 146), “a teoria da estrutura em constituintes imediatos de uma frase lança como princípio que toda a frase da língua é formada não por uma simples sequência de elementos discretos, mas por uma combinação de construções que formam os constituintes de uma frase, sendo esses constituintes, por sua vez, formados por constituintes de ordem inferior. Assim, uma frase é feita de diversas camadas de constituintes. Tomemos a frase: *A criança atira a bola*. A teoria dos constituintes descreve a sua estrutura como a combinação (concatenação) de dois constituintes: um sintagma nominal (*A criança*) e um sintagma verbal (*atira a bola*).”.

queriam os gramáticos históricos do início do século XX, estágio intermediário rumo à aglutinação em uma forma lexical simples. A isso, Bechara deve as contribuições dadas pela Linguística, conforme ele mesmo dirá adiante.

Quanto à natureza gramatical dos constituintes da composição, Bechara retoma, com ligeiras inserções, as possibilidades já verificadas por outros gramáticos (p. 356): S+S; A+S (e vice-versa); A+A; Pron+S; Num+S; Adv+S/A/V; V+S; V+V ou V+Conj+V e V+Adv. Diz-nos ainda que um grupo lexical e/ou uma oração podem lexicalizar-se (foi um *Deus nos acuda, os disse me disse, não me toques não me reles* etc.).

Em *Moderna gramática portuguesa* (p. 355-357), há, novamente, referência, sem novidades, aos conceitos de composição por coordenação (*determinado + determinante* [preferencialmente], no qual o determinante é aposto do determinado), por subordinação (*determinado + determinante*, no qual o determinante é complemento do determinado), por justaposição e por aglutinação.

Anteriormente na obra, na página 353, Bechara cita os chamados compostos por disjunção e por contraposição, nos quais “a lexicalização se apresenta mais evidente”. Até onde conseguimos verificar, estes termos aparecem apenas nesta obra.

No primeiro tipo, por disjunção, ensina-nos o gramático que nem sempre há união gráfica entre os elementos (*opinião pública, guerra civil*). Nessa espécie de compostos, “o primeiro elemento é a denominação, enquanto o segundo é a sua especificação” (p. 353). Assim, *opinião pública* é uma opinião que é/se faz pública. Bechara explica-nos que a relação é de disjunção, pois, embora o segundo constituinte seja uma especificação do primeiro, não é dele uma subclasse. Assim, *pública* não é uma subclasse de *opinião*, mas tão somente uma especificação desta.

No segundo tipo, por contraposição, quando os compostos se constituem por dois substantivos, “o segundo exerce uma função predicativa que designa a finalidade do primeiro” (p. 353). O gramático ilustra o raciocínio com os exemplos: *carro-leito, carro-bomba, escola-modelo, navio-escola*.

Finalmente, gostaríamos de destacar a diferença, levantada por Bechara, entre composição e sintagma lexicalizado ou lexia complexa ou, ainda, *sinapsia*, que está, pois, na raiz da concepção de composição enquanto relação entre dois elementos.

(...) por composição entende-se a junção de dois elementos identificáveis pelo falante numa unidade nova de significado único e constante: *papel-moeda, boquiaberto, planalto*. Há os compostos com elementos eruditos, geralmente de origem grega e latina, que só ocorrem na língua nessas novas unidades, isto é, que não aparecem independentes no discurso, e há os compostos com elementos vernáculos, de existência independente na língua (*papel-moeda*) ou

com leves alterações formais (*planalto: plan[o]alto, boquiaberto: boqu[i]aberto*). (BECHARA, 1999, p. 351-352).

Quanto à lexia complexa, informa-nos o gramático que se trata de conceito cunhado pelo linguista estruturalista Bernard Pottier (1972)²¹, equivalente em alguns pontos ao que Émile Benveniste (1974)²² chama *sinapsia* (p. 352). Continua Bechara dizendo que a lexia complexa ou sinapsia

(...) é formada de sintagmas complexos que podem ser constituídos de mais de dois elementos: *Negócio da China* ('transação comercial vantajosa'), *pé de chinelo* ('diz-se da pessoa de poucos recursos') etc. (BECHARA, 1999, p. 352).

Tomados como sinônimos por Bechara, lexia complexa e sinapsia, contudo, não são, a rigor, equivalentes. Para Pottier, uma lexia complexa pode ser formada por substantivo e adjetivo (como em *Cidade Universitária*) ou substantivo e sintagma preposicional (*estado de sítio*), ao passo que Benveniste nomeia sinapsia a um tipo de lexia complexa, formada apenas por substantivo e sintagma preposicional (*pão de queijo*). Não são, portanto, sinapsias as formações S + Adj.

Apesar da distinção didática entre composição, lexia complexa e sinapsia, alguns autores, informa-nos Bechara (p. 352), preferem considerá-los como sendo o mesmo processo. Segundo Benveniste²³, porém, são características da sinapsia: (I) natureza sintática (e não morfológica) da ligação entre os elementos; (II) ordem fixa (determinado + determinante); (III) emprego de preposições; (IV) ausência de artigo antes do determinante; (V) livre escolha de qualquer substantivo ou adjetivo; (VI) significado único sempre mantido, apesar da possibilidade de expansão do determinado ou do determinante (ex: *negócio da China bem feito*).

Continua Bechara

A sinapsia, cujo resultado é sempre um substantivo ou adjetivo, tem grande vitalidade, especialmente na linguagem científica e técnica e, por isso mesmo, cria problemas na dicionarização dessas unidades lexicalizadas, já que dicionários e gramáticas, no seu levantamento, se guiam com maior atenção pela ortografia. A relação sintática nas formações sinápticas é marcada normalmente mediante a preposição *de*, aparecendo ainda a preposição *em* ou *a*, esta última por influência estrangeira, em especial quando a unidade designa um artefato, em que o determinante indica o agente motor; *barco à vela, motor*

²¹ A próxima seção será dedicada inteiramente à contribuição do Estruturalismo ao entendimento das composições, principalmente na ótica de Câmara Jr. Contudo, tendo em vista a incorporação dos aportes da Linguística Estrutural à *Moderna gramática portuguesa* (1999), não há como não os abordar, ainda que superficialmente, já neste momento.

²² A edição brasileira da obra *Problemas de linguística geral* (volume 2) que consultamos, na qual Benveniste trata das *sinapsias*, é a segunda, de 2006 (vide "Referências Bibliográficas"). Contudo, no corpo do texto, preferimos mencionar apenas a edição francesa original, de 1974, tendo em vista que foi nessa obra que o linguista registrou o termo e estudou o conceito pela primeira vez.

²³ Edição de 2006, páginas 174-180.

à explosão, fogão a gás, ou uma característica distintiva televisão a cores / televisão em cores. (BECHARA, 1999, p. 352).

Ainda apoiando-se em Benveniste, Bechara afirma também que a composição não é, em si, processo morfológico, mas sintático, pois o que chamamos composto é, nada mais, que a redução de uma frase-base. Assim, *papel-moeda* pode ser parafraseado pela oração “papel que é moeda”, evidenciando que se trata de sua simplificação formal. A seguir, o gramático traz extensa citação do linguista, a qual reproduziremos apenas os trechos principais a partir da 2ª edição do volume II de *Problemas de linguística geral* (2006, p. 163-164):

Não se pode, portanto, explicar a criação dos compostos pela simples junção imediata de dois signos anteriores. Se a composição nominal fosse, como é sempre apresentada, um processo de natureza morfológica, não se compreenderia por que ela parece se realizar em toda parte, nem como puderam surgir essas classes formais em número limitado, tão parecidas entre as línguas as mais diversas. É que o impulso que produziu os compostos não veio da morfologia, onde nenhuma necessidade os solicitaria; ele provém das construções sintáticas com suas variedades de predicação. É o modelo sintático que cria a possibilidade do composto morfológico e que o produz por transformação. (...) Assim se define então a função do composto: transferir para o virtual a relação atual de predicação enunciada pela oração de base. É justamente a essa função que correspondem também as características formais dos compostos (...). (BENVENISTE, 2006, p. 163-164).

Inegável é, portanto, que a *Moderna gramática portuguesa* (1999) representa evolução significativa no âmbito dos estudos da gramática normativa. Apesar de reticente em alguns pontos, apegado à tradição em outros, Bechara é o primeiro gramático pós-NGB a aproximar-se dos estudos acadêmicos de Linguística. Por essa razão, deixamos por último a análise dessa obra, que prepara fértil terreno para as considerações que faremos na seção seguinte.

A fim de realizar a necessária revisão gramatical sobre a composição esboçada acima, fomos compelidos a recorrer a diversas fontes bibliográficas, cronológica e teoricamente diferentes, algumas vezes até contraditórias entre si, como pudemos acompanhar. Por essa razão, ao agruparmos as obras respeitando suas orientações teórico-metodológicas e a época em que foram produzidas, buscamos, sem perder o fio condutor do estudo, evitar a mutilação do pensamento dos autores, forçando um anacronismo incabível. Daí advêm as contradições e hesitações categoriais e metodológicas facilmente verificáveis pelo leitor.

A comparação entre as gramáticas históricas e normativas (que, na prática, pelo menos no que diz respeito à composição, não apresentam grandes diferenças) levou-nos a perceber um deslocamento importante, ao longo das décadas, quanto ao *status* da

composição nos estudos morfológicos. Originalmente, nas obras mais antigas, orientadas segundo uma visão diacrônica da língua, a composição é encarada, de certo modo, como processo intermediário, sendo consideradas perfeitas, nesse sentido, apenas as formas lexicais simples, originalmente compostas, nas quais a noção de composicionalidade, contudo, já se perdeu (*morcego, vinagre* etc.). O desenvolvimento das pesquisas acadêmicas em Linguística com foco na análise sincrônica do sistema linguístico, segundo cremos, acabou, após várias décadas, por impactar o pensamento gramatical normativo que, contemporaneamente, já não mais diferencia compostos perfeitos de imperfeitos, passando a considerar a forma composta como item lexical em si e o processo da composição como tendo características próprias, que necessitam de classificações igualmente próprias.

Finalmente, percebeu-se, a partir da *Grammatica expositiva* (1907) de Eduardo Carlos Pereira, tendência à simplificação terminológica e conceptual na apresentação gramatical dos processos de formação de palavras. Essa tendência intensificou-se após a promulgação da NGB (1959), vindo, porém, a encontrar certo revés, sobretudo, com a publicação da 37ª edição da *Moderna gramática portuguesa* (1999), de Bechara, obra na qual se inserem diversas contribuições dos estudos linguísticos acadêmicos estrutural-funcionalistas, enriquecendo, portanto, o tratamento da matéria do ponto de vista gramatical.

2.4. A Composição no Estruturalismo

Segundo lembra Schwindt (2014), os estruturalistas norte-americanos da escola bloomfieldiana, a qual muito influenciou o maior expoente brasileiro dessa escola, Câmara Jr., nos anos 60 e 70, foram “os maiores responsáveis pelo desenvolvimento do que se entende até hoje, de maneira geral, por *morfologia*” (p. 111), uma vez que instituíram o conceito de *morfema*, isto é, a menor unidade significativa da palavra, em oposição ao *fonema*, menor unidade sonora destituída de significação.

Ainda de acordo com Schwindt:

Na visão estruturalista, morfemas são objetos listados no léxico que se juntam para formar palavras. Por isso, essa escola também recebeu o nome de *Item-e-Arranjo*, isto é, sua tarefa centrou-se em descrever o arranjo sintagmático das unidades constitutivas do vocábulo, sem preocupação com regras ou processos, ou mesmo com explicações de cunho paradigmático. (SCHWINDT, 2014, p. 111. Grifo nosso.).

Gostaríamos de chamar a atenção para a última ideia veiculada no parágrafo: *o estruturalismo*²⁴ *não se preocupou com processos de formação de palavras, nem com regras ou reflexões de cunho paradigmático*. Isto facilmente se explica tendo em vista que o centro dos estudos lexicais de viés estruturalista não era o léxico em si, mas o morfema. Para os estruturalistas, basicamente, a palavra é organizada a partir da concatenação de morfemas, que podem ser *lexicais*, materializando linguisticamente significados nocionais, e *gramaticais*, isto é, desprovidos de significados nocionais, cujo emprego é apenas derivacional ou flexional. Estudar o léxico era, portanto, nessa perspectiva, descrever esses morfemas em concatenação no eixo sintagmático e não os padrões ou regras de formação dos itens lexicais.

Essa preocupação com o arranjo sintagmático da palavra parece clara na diferenciação, cunhada por Bloomfield (1933), entre *formas livres*, isto é, as que podem ser empregadas independentemente nos enunciados, como substantivos e verbos, e *formas presas*, que surgem nos enunciados sempre ligadas a outras, como os radicais gregos e latinos. A elas, Câmara Jr. (1969) vem acrescentar as *formas dependentes*, que, apesar de autônomas, nunca aparecem isoladamente na frase, como as preposições, por exemplo, que são partículas de função eminentemente conectiva.

Na seção anterior, as principais contribuições dos estruturalistas franceses Bernard Pottier (1972; 1973) e Émile Benveniste (1974) ao entendimento das composições foram já apresentadas por Bechara (1999). A seguir, retomaremos alguns aspectos por eles abordados a fim de complementar as informações veiculadas anteriormente.

De Pottier, aprendemos o conceito de *lexia* como sendo “a unidade lexical memorizada” (1973, p. 26), da qual dispõe o falante, de modo automático, em seu discurso. Por unidade lexical, o linguista entende um todo semântico materializado em formas simples ou não simples. Assim, Pottier distingue quatro tipos de *lexias*: *simples* (uma só forma, como *árvore, saiu, entre, agora*), *composta* (duas formas, como *primeiro-ministro, mata-burro, guarda-chuva, mata-borrão, guarda-roupa*), *complexa estável* (sintagma lexicalizado, como *mortalidade infantil, Cidade Universitária, Guarda Civil Metropolitana*) e *textual* (uma frase lexicalizada, como o provérbio popular *quem tudo quer nada tem*).

Não está muito evidente a diferença, para o autor, entre *lexia composta* e *lexia complexa*. Parece-nos que Pottier entende como composta a *lexia* na qual os dois

²⁴ Neste momento, entenda-se “estruturalismo”, como “estruturalismo bloomfieldiano”. Adiante, teceremos algumas considerações que apontarão substanciais diferenças entre esse modelo e o saussuriano.

elementos apresentam maior grau de integração, cuja materialização se dá pelo hífen, ao passo que, na complexa, mesmo se formada por apenas dois elementos, a integração entre eles mostra-se menor. Contudo, como já o dissemos antes, a hifenização é muito mais convencional que espontânea em português. Uma rápida pesquisa em sites de busca na internet revela ainda que, a despeito das regras ortográficas em vigor, há bastante flutuação na utilização do hífen nas mesmas unidades lexicais (vide as hesitações entre *bem vindo* e *bem-vindo*, *café da manhã* e *café-da-manhã*, *pôr-do-sol* e *pôr do sol*, *não-governamental* e *não governamental* etc.) não podendo ser esse critério suficiente para distinguir um composto de uma forma complexa.

Benveniste (1974; 2006), ao falar em sinapsias, estabelece uma diferença entre essas e as composições. Na visão do autor, deve ser designada como composta somente a lexia na qual “dois termos identificáveis pelo locutor se juntam em uma unidade nova de significado único e constante” (2006, p. 174), quer estejam esses dois termos hifenizados ou não. Além disso, o autor esclarece que a forma lexical composta é, em verdade, a redução de uma frase, razão por que o processo da composição é, em si, muito mais sintático que morfológico. A mesma ideia pode ser encontrada em Guilbert (1975).

No Brasil, alguns estudos importantes sobre a composição foram realizados sob a égide do Estruturalismo. Deles, destacamos Macambira (1974) e Câmara Jr. (1969; 1975).

Macambira define composição como

(...) junção de duas ou mais palavras, ditas componentes, que formam outra palavra, denominada palavra composta, ou apenas composto, com substantivação do particípio. Ferrovia é palavra composta ou apenas um composto. Complexo é um termo geral que abrange composto e derivado, e se opõe a simples, que significa “formado por flexão”. (MACAMBIRA, 1974, p. 93).

Há, na definição oferecida por Macambira, diferença considerável entre ele e Pottier no que diz respeito aos conceitos de “composto” e “complexo”. Para ele, “composto” seria, pois, hipônimo de “complexo”, termo mais geral, hiperônimo, que abarca as noções de “composto” e “derivado” e opõe-se a “simples”. Nesse sentido, pode-se entender lexias complexas, na esteira de Macambira, como as compostas (*guarda-roupa*) e as derivadas (*casebre*), além de frases ou sintagmas lexicalizados.

Quanto aos elementos constituintes das unidades léxicas compostas, diz-nos ele (p. 93-94) que podem ser formas livres (FL), formas presas (FP) ou variantes de forma livre (VFL), entendidas pelo linguista como formas alomórficas das formas livres, muitas vezes empregadas apenas em composição. Os padrões de composição por ele

identificados, fugindo à regra de apresentação nas gramáticas, são: (I) FL+FL (*parabrisa, pontapé*); (II) FL+VFL (*mentecapto, benfazejo*); (III) FL+FP (*malquistado* [-*quistado* = particípio arcaico de *querer*], *solstício* [-*stício* = *parada*]); (IV) VFL+VFL (*curvilíneo* [*curva* + *linha*], *plenilúneo* [*plena* + *lua*]); (V) VFL+FL (*vitamina* [*vit-* = *vida*], *fidedigno* [*fide-* = *fé*]); (VI) VFL+FP (*torcicolo, florilégio*); (VII) FP+FP (*agrícola, pedagogo*); (VIII) FP+FL (*relembrar, anticívico*²⁵); (IX) FP+VFL (*semilúneo, monotonia*) e (X) VFL+VFL+VFL (*suovetaurílios*²⁶).

O processo de composição também não passou despercebido ao nosso maior linguista estruturalista e, ao nosso ver, um dos maiores linguistas brasileiros: Joaquim Mattoso Câmara Jr.

Em *Problemas de linguística descritiva* (CÂMARA Jr., 1969, p. 34-39), as reflexões acerca da composição surgem justamente em meio às preocupações com a descrição sintagmática da palavra, especificamente no âmbito das discussões a respeito da delimitação da palavra por um critério fonológico, “que corresponde a uma divisão espontânea na cadeia da emissão vocal” (p. 34), e por um critério formal ou mórfico, “quando um segmento fônico se individualiza em função de um significado específico que lhe é atribuído na língua.” (p. 34).

Ensina-nos Câmara Jr. que é essencial diferenciar os fatos que ocorrem no plano fonológico daqueles que ocorrem no plano morfológico, pois nem sempre os dois se correspondem. Essa discrepância entre o que chama de “vocábulo fonológico” e o que denomina como “vocábulo formal ou mórfico” pode ser vista, por exemplo, no processo da composição, em que dois vocábulos fonológicos se juntam para formar um único vocábulo formal (p. 37). Para ele, ainda, é justamente por causa dessa confusão analítica entre os fatos do plano mórfico e os do plano fonológico, aliada à falta de uma definição adequada para “vocábulo”, que “há na nossa tradição gramatical uma teoria dos vocábulos compostos, que é inteiramente falsa.” (p. 38).

Câmara Jr. problematiza os conceitos gramaticais tradicionais de *composição por justaposição, composição por aglutinação e prefixação*, que entende como um dos tipos de composição. Nas palavras do autor:

²⁵ Macambira considera a prefixação como um dos tipos de composição, razão por que nos fornece, para ilustrar este padrão, exemplos prefixados.

²⁶ O autor reconhece como raro este padrão de composição. O substantivo *suovetaurílios* é constituído pelas variantes de formas livres *su-* (*suína* = porca), *ove-* (ovelha) e *taur-* (touro) e designa os sacrifícios de porcas, ovelhas e touros feitos, na Roma Antiga, durante as chamadas lustrações. (MACAMBIRA, 1974, p. 97).

Ora, a aglutinação é um conceito meramente fonológico e diacrônico. Define-a a passagem de dois vocábulos fonológicos a um único. Não é um tipo de vocábulo composto. É a perda de uma justaposição na história da língua. Todos os vocábulos constituídos de formas presas ou de uma forma livre combinada com formas presas podem representar aglutinação. (CÂMARA Jr., 1969, p. 38-39).

Nesse sentido, pode-se entender, por exemplo, a sufixação, que do ponto de vista formal é um caso de derivação e não de composição, como uma aglutinação no plano fonológico. Quanto à prefixação, diz-nos o autor que deve ser considerada como um tipo de composição, porque os formantes prefixais “são elementos vocabulares com valor significativo de preposições. (...). Nisto diferem dos sufixos, que são formas presas sem valor significativo específico.” (p. 39). No entanto, a diversidade morfofonológica inerente ao subsistema prefixal leva o linguista a nos advertir que a prefixação, apesar de situada exclusivamente no plano mórfico,

(...) é de outra natureza gramatical que a justaposição, que parte do conceito de vocábulo fonológico. Por isso, a prefixação pode resultar num só vocábulo fonológico ou numa justaposição. Neste último caso, o prefixo é um vocábulo fonológico de per si. (CÂMARA Jr., 1969, p. 39).

Para o autor, portanto, só se pode considerar, a rigor, uma unidade lexical como composta, se houver justaposição de dois vocábulos fonológicos distintos formando um único vocábulo formal: *guarda-chuva*, *pré-história* etc.

A consideração da fonologia em interface com a morfologia, como se vê, ajuda-nos ainda a ter um melhor entendimento da composição em comparação com a antiga tradição gramatical. Por realizarem uma análise sincrônica da língua analisando a palavra tanto do ponto de vista fonológico como do ponto de vista morfológico e, ao mesmo tempo, estabelecendo relações entre esses dois níveis de análise, os estudos estruturalistas de Câmara Jr. auxiliam a compreender que palavras portuguesas como *vinagre* ou *fidalgo*, presentes em praticamente todas as gramáticas tradicionais para ilustrar o processo da composição, não são, no estágio atual da língua, composições, colocando em xeque, inclusive, a própria ideia tradicional de “composição por aglutinação”.

Em *História e estrutura da língua portuguesa* (1975, p. 213-234), Câmara Jr. amplia suas reflexões teóricas sobre os principais mecanismos formadores de palavras no português - derivação e composição-, que estarão no centro dos estudos posteriores sobre a criação lexical. A respeito da composição, diz-nos ele que se trata de uma “associação significativa e formal entre duas palavras” (p. 213), resultando daí “uma palavra nova, em que se combinam as significações das que a constituem” (p. 213), o que vem a

confirmar as afirmações dos parágrafos anteriores sobre a necessidade de aplicar o termo “composição” apenas aos casos de justaposição.

Nesse estudo, Câmara Jr. discrimina e analisa, além da prefixação, mais três tipos principais de composição (p. 213-216).

A primeira, que classifica como “o tipo mais frouxo, do ponto de vista formal” (p. 213), é quando dois nomes (S+A) se unem de modo a que cada um conserve sua individualidade morfológica com suas flexões características. O linguista nomeia esse tipo como “locução”, em oposição à “palavra” propriamente dita. Como exemplos, dá-nos *obra-prima* e *parede-mestra*, em que o adjetivo flexiona-se em número acompanhando o substantivo: *obras-primas*, *paredes-mestras*.

O segundo tipo, que o estudioso entende como variante do primeiro, surge quando dois substantivos unem-se em justaposição, de modo a que o segundo determine o primeiro sem o auxílio da preposição *de*: *mestre-escola*, *couve-flor*, *manga-espada*. Por comportar-se como adjetivo, determinando um substantivo, o segundo elemento tende a se flexionar junto ao primeiro: *couves-flores*, *rosas-chás*.

O terceiro tipo de composição discriminado por Câmara Jr. é quando um verbo associa-se a um nome que lhe serve de complemento: *guarda-chuva*, *beija-flor*, *ganha-pão* etc.

Ainda segundo o autor, é possível também haver palavras compostas com dois adjetivos, nas quais o primeiro apresenta-se sob uma forma fixa com tema em *-o*. Essas palavras, porém, têm sido de uso bastante limitado no português, diz-nos ele, mormente como adjetivos gentílicos: *anglo-americano*, *franco-prussiano* etc.

Finalmente, lembra-nos Câmara Jr. de que o português, como as demais línguas românicas, parece não ter herdado o processo de composição latino, que consistia em “combinar um nome fixado numa forma temática especial a outro, que era o núcleo da composição” (p. 216). É o caso, de *armiger* “que traz armas” e *agrícola* “que cultiva o campo”. Nas palavras do autor:

Alguns desses compostos passaram por empréstimos eruditos ao português literário e aí serviram de modelo – é verdade – para alguns compostos na base de formas nominais determinadas, umas em correspondência com palavras paralelas portuguesas e outras, meros elementos latinos, sem essa correspondência – *forme* (*cordiforme* “em forma de coração”), *-gero* (*belígero*, adj. “guerreiro”), *-fero* (*frutífero* “que produz fruto”) e assim por diante. (CÂMARA Jr., 1975, p. 216).

No início desta seção, aludimos ao fato de que o estruturalismo da escola de Bloomfield, inaugurado com a obra *Language* (1933) definiu as bases do que se entende

até hoje, no Brasil, como “morfologia estruturalista”. Isso nos tem levado a entender o estruturalismo como um bloco monolítico de princípios, aos quais o gerativismo e, mais recentemente, o cognitivismo viriam se opor. Importante considerar, contudo, que essa relevante escola do pensamento linguístico não é uniforme. Maroneze (2008) oferece-nos interessante releitura do chamado “pai da Linguística moderna” e do estruturalismo, Ferdinand Saussure, no intuito de mostrar que, se não há no pensamento saussuriano um modelo definido de morfologia, como em Bloomfield, existem, porém, evidências que apontam para direções epistemologicamente diferentes das que se enraizaram em nossas academias.

Em 1916, vem a público a obra *Cours de linguistique générale*²⁷, atribuída a Ferdinand de Saussure. Apesar da interminável discussão sobre ser o conteúdo do texto fiel ou não aos cursos ministrados pelo mestre suíço na Universidade de Genebra entre 1910 e 1913 (Saussure faleceu nesse ano), uma vez que se trata o livro de compilação de anotações de aula feitas por seus alunos, o fato é que o *Cours* inaugura não apenas os estudos estruturalistas, mas a Linguística moderna como um todo, elevada, com ele, ao patamar de ciência.

Saussure é bastante conhecido por organizar seu pensamento a partir de famosas dicotomias. Maroneze (2008) argumenta, no entanto, que as concepções de Saussure sobre a morfologia, o léxico e a relação entre ambos assentam-se na dicotomia que, talvez, tenha sido a menos explorada pelo estruturalismo pós-saussuriano estudado acima: relações sintagmáticas/relações associativas (ou, como a Linguística posteriormente consagrou, paradigmáticas).

Basicamente, por sintagmáticas, o linguista entende as relações e oposições que o signo linguístico²⁸ estabelece com os outros na própria cadeia sintagmática (relações *in praesentia*, uma vez que as palavras estão presentes no encadeamento discursivo). Por outro lado,

(...) fora do discurso, as palavras que oferecem algo de comum se associam na memória e assim se formam grupos dentro dos quais imperam relações muito diversas. Assim, a palavra francesa *enseignement* ou a portuguesa *ensino* fará

²⁷ A primeira edição brasileira data de 1969. A que aqui utilizamos é a 34ª, de 2012.

²⁸ Por signo linguístico, Saussure compreende uma “entidade psíquica” (2012, p. 106) pertencente ao abstrato sistema da língua, onde se unem um conceito a uma imagem acústica. Nesse sentido, um signo pode ser uma palavra (independentemente da definição que se lhe dê), uma imagem, um texto etc. Os estudos semióticos têm continuamente desenvolvido a teoria do signo. Contudo, como estamos aqui tratando de morfologia e sua relação com o léxico na visão apresentada pelo *Cours*, realizaremos uma simplificação didática, a fim de associar o “signo linguístico” saussuriano ao conceito moderno de “unidade lexical” (cf. capítulo 1), posterior ao primeiro, e adotado, de forma geral, pelos estudos de Lexicologia. Leia-se, portanto, signo como unidade do léxico.

surgir inconscientemente no espírito uma porção de outras palavras (*enseigner, renseigner* etc. ou então *armement, changement*, ou ainda *éducation, apprentissage*); por um lado ou por outro, todas têm algo de comum entre si. Vê-se que essas coordenações são de uma espécie bem diferente das primeiras. Elas não têm por base a extensão; sua sede está no cérebro; elas fazem parte desse tesouro interior que constitui a língua de cada indivíduo. Chamá-las-emos *relações associativas*. (SAUSSURE, 2012, p. 172).

As relações associativas ocorrem *in absentia* (as palavras estão ausentes da cadeia discursiva) e podem ser de vários tipos, ocorrendo tanto no plano do significante quanto no do significado. Uma unidade lexical como *enseignement* pode estabelecer relações fônicas com todas as que têm o mesmo radical (*enseigner, renseigner*), o mesmo sufixo (*armement, changement*), ou que compartilham traços de significado (*éducation, apprentissage*).

No centro do pensamento saussuriano sobre o sistema linguístico e o seu funcionamento, conforme aponta Maroneze ao longo de seu artigo, encontra-se, pois, a analogia, que permite tanto estabelecer o valor dos signos linguísticos em oposição na cadeia discursiva quanto seu valor em comparação com a rede associativa entre outros signos que com ele compartilham traços fônicos ou semânticos. Não à toa, são dedicados, no *Cours*, dois capítulos inteiros a tratar do tema. Do ponto de vista da criação lexical e da compreensão das relações estabelecidas entre o léxico e a morfologia, essas concepções adquirem enorme significado. Acompanhem as considerações de Saussure:

Uma unidade como *desejoso* se decompõe em duas subunidades (*desej-oso*), mas não se trata de duas partes independentes simplesmente juntadas uma à outra (*desej + oso*). Trata-se de um produto, uma combinação de dois elementos solidários, que só têm valor pela sua ação recíproca numa unidade superior (*desej X oso*). O sufixo, considerado isoladamente, é inexistente; o que lhe confere seu lugar na língua é uma série de termos usuais tais como calor-oso, duvdi-oso etc. Por sua vez, o radical não é autônomo; ele só existe pela combinação com um sufixo (...). O todo vale pelas suas partes, as partes valem também em virtude do seu lugar no todo (...). (SAUSSURE, 2012, p. 176-177. Grifos nossos.).

Para o “modelo saussuriano de morfologia”, na denominação cunhada por Maroneze, portanto, o morfema não teria, de fato, nem existência, nem tampouco valor pré-existente em si no sistema linguístico, uma vez que só se podem reconhecer como elementos morfológicos aqueles que se decompõem do signo e, para que isso seja feito, imprescindível é colocá-lo em analogia a outros signos formados pelas mesmas cadeias fônicas.

Conforme explica Maroneze, “dizer que determinada palavra possui determinado morfema equivale a dizer que tal palavra estabelece relações associativas com outras palavras que apresentam uma cadeia fônica semelhante e um elemento significativo

semelhante.” (2008, p. 2-3). Nesse ponto de vista, as palavras não seriam formadas pelo encadeamento de morfemas, como preconiza o estruturalismo bloomfieldiano, mas pelas relações associativas com outras formas linguísticas presentes na língua.

Ainda que não se desconsidere o constructo teórico do morfema para explicar os signos linguísticos, ele não pode ser entendido, se adotarmos estritamente as concepções saussurianas, como a “mínima unidade de significação”, que os estudos morfológicos estruturalistas posteriores passaram a considerar, posto adquirir seu valor apenas em relação com outros signos. A “morfologia estruturalista de Saussure”, em suma, parece apontar, sobretudo, para o eixo paradigmático, em clara oposição ao estruturalismo de Bloomfield, e para o léxico, postura teórica essa que, surpreendentemente, será apenas retomada décadas depois, no auge dos estudos lexicalistas de orientação gerativista.

A fim de encerrar estas reflexões, resta-nos apenas tentar identificar as razões pelas quais o desenvolvimento da morfologia estruturalista pós-saussuriana não seguiu as concepções do autor do *Cours de linguistique générale*. De acordo com McCarthy (2005, p. 10 *apud* Maroneze, 2008, p. 8-9), isso se deve, em grande parte, à enorme ênfase dada a trabalhos de descrição de línguas africanas e americanas, desenvolvidos em larga escala após a publicação do *Cours*, para os quais a noção de morfema enquanto unidade mínima de significado fazia enorme sentido e era mesmo necessária. Soma-se a isso, de acordo com Biderman (1978, p. 76-79), a enorme dificuldade em se conceituar cientificamente a palavra, problema sobre o qual falamos no primeiro capítulo, o que fez com que a morfologia pós-Saussure banisse em definitivo, ao menos até Chomsky (1970), a “palavra” de seu horizonte teórico e metodológico.

2.5. A Composição no Gerativismo

O linguista norte-americano Noam Chomsky, criador da escola gerativista, certamente foi um dos nomes que mais revolucionaram a Linguística no século XX. Falar sobre gerativismo de modo o mais completo possível fugiria aos propósitos deste trabalho. Limitar-nos-emos, portanto, a alguns apontamentos e conceitos que nos ajudarão a compreender o lugar da composição nos estudos morfolexicais de base gerativista.

Até o surgimento das primeiras reflexões de Chomsky, a preocupação da Linguística, de modo geral, era a descrição de sistemas linguísticos particulares. No

entanto, Chomsky desvia nossa atenção para a necessidade de buscar maior entendimento quanto às propriedades universais da linguagem. Seu ponto de partida é um problema instigante: como é possível que a partir de estímulos relativamente restritos possa o ser humano construir estruturas linguísticas tão complexas?

Os estudos gerativistas privilegiaram a sintaxe, deixando inicialmente de lado a morfologia, tão cara aos estruturalistas. Isso se deve à recursividade que se pode verificar com bastante força na sintaxe, ou seja, ela se torna o ponto de partida das análises gerativistas por permitir que estruturas menores se combinem em estruturas maiores sucessivamente, num infinito processo criativo.

Passados os primeiros momentos do “boom” gerativista, lembra-nos Schwindt (2014) que

Em 1970, Chomsky publica um texto importante chamado *Remarks on Nominalization*, que discute a necessidade de um componente morfológico, combinado ao léxico, para dar conta de formações derivadas que não refletiam necessariamente processos de ordem sintática. A partir dessa hipótese, conhecida como *hipótese lexicalista*, inaugura-se a *morfologia gerativa*. Nessa concepção, o léxico não é mais concebido como repositório de idiossincrasias, mas como sistema gerativo, constituído por regras. (SCHWINDT, 2014, p. 113).

Adiante, diz-nos o autor que, na Morfologia Gerativa, conhecida também como Morfologia Lexical, o centro da análise não mais é o morfema, como no estruturalismo bloomfieldiano, mas sim a palavra.

Isso não quer dizer que essa escola desconsidere a existência de morfemas; o fato é que os vê associados a processos que dão conta da boa formação de palavras – os átomos da sintaxe. Daí a razão de essa escola se tornar conhecida como *Item-e-Processo*. (SCHWINDT, 2014, p. 113).

Em 1976, Aronoff apresenta-nos o importante estudo *Word Formation in Generative Grammar*, um marco até hoje sobre as relações entre a teoria gerativa e a formação de palavras. Ainda que já haja em Câmara Jr. e, antes dele, nos estudos tradicionais de gramática, como vimos antes, reflexões sobre a renovação e a ampliação do léxico, sem dúvida os estudos gerativistas em morfologia contribuíram decisivamente para o melhor entendimento dos mecanismos de criação lexical justamente por elegerem como enfoque o plano criativo da língua.

Ao buscar regras algorítmicas e padrões de formação das unidades lexicais, os gerativistas desviaram o foco do eixo sintagmático e da palavra vista como concatenação de morfemas para o eixo paradigmático e os padrões lexicais existentes. Alguns conceitos

surgidos no âmbito desses estudos, como RFPs - Regras de Formação de Palavras²⁹ – (ARONOFF, 1976) e RAEs – Regras de Análise Estrutural³⁰ (BASILIO, 1980) marcaram e marcam ainda a terminologia dos estudos lexicais.

Dentre os estudos, sob o viés gerativista, a respeito dos processos de formação de palavras específicos da língua portuguesa, gostaríamos de destacar os realizados pela linguista brasileira Margarida Basilio (1980; 1987)³¹ e pela linguista portuguesa Graça Maria Rio-Torto (1993; 2009; 2013).

A obra *Teoria lexical* (1987), de autoria de Basilio, ainda hoje figura na lista dos estudos de viés lexicológico mais importantes produzidos no Brasil. Especificamente no quinto capítulo, a autora trata das diferenças entre a derivação (caracterizada por ela como a associação entre um afixo e uma base, ou seja, um item do léxico) e a composição (por ela definida como a associação entre duas bases, sejam elas livres ou presas). Em resumo, segundo ela, derivação e composição cumprem funções completamente diferentes na língua. Enquanto a derivação “obedece às necessidades de expressão de categorias nocionais, com contraparte sintática ou não, mas de caráter fixo e, via de regra, de teor geral” (p. 27), a composição “obedece à necessidade de expressão de combinações particulares” (p. 27).

Em seu entender, na derivação,

Os afixos apresentam funções sintático-semânticas definidas: essas funções delimitam os possíveis usos e significados das palavras a serem formadas pelos diferentes processos de derivação, correspondentes aos vários sufixos. Assim, a própria disponibilidade de um afixo ou do correspondente processo de adição define a função correspondente como sendo uma função comum dentro da estrutura derivacional da língua. (BASILIO, 1987, p. 28).

Ensina-nos ainda ela que, ao contrário da derivação, o processo da composição “envolve a junção de uma base a outra base; não há elementos fixos, não há funções

²⁹ Por Regras de Formação de Palavras (RFPs), entende-se uma série de regularidades, ou, na terminologia de Aronoff, *regras regulares*, que atuam na formação de um conjunto de palavras. Por exemplo, ao associarmos o sufixo *-dade* a itens lexicais adjetivos, teremos sempre um substantivo resultante dessa operação: [bom (adj) + *-dade* = bondade (subst.)]. As unidades lexicais sobre os quais atua uma RFP são chamadas “bases”, as quais podem ser formas livres ou presas.

³⁰ Basilio (1980) propõe que, para que um falante possa ter a chamada *competência lexical*, isto é, para que possa desenvolver a capacidade de identificar estruturas internas das palavras e formar novas unidades do léxico, é necessário, além das RFPs, também as RAEs, isto é, Regras de Análise Estrutural. Nas palavras de Schwindt (2014, p. 125): “Essas regras permitem analisar, por exemplo, estruturas que, apesar de transparentes para os falantes de uma língua, não concorrem para formar novos vocábulos.” Por exemplo, na palavra *casebre*, os falantes reconhecem a RFP que criou o substantivo em questão [casa(subst.) + *-ebre* = casebre (subst.)], mas, pela RAE, não lançam mão do sufixo *-ebre* para formar novas palavras.

³¹ A despeito de haver produzido importantes estudos em morfologia gerativista e por eles ser amplamente reconhecida, recentemente, Basilio tem modificado seu enfoque teórico, abandonando as análises formalistas próprias do Gerativismo e adotando perspectiva cognitivista para o trato dos fatos morfolexicais (BASILIO, 2010).

predeterminadas no nível dos elementos.” (p. 29). Nesse sentido, para a autora, a composição tem carácter eminentemente *ad hoc*, pois não se pode prever quais elementos entrarão na constituição da forma composta.

É justamente essa ausência de fixidade de elementos na composição que faz com que a autora entenda a prefixação como um tipo de derivação e não mais como composição, como preconizavam os estudos mais antigos da língua portuguesa.

Em artigo sobre a problemática específica da prefixação, Basilio conclui que

Em suma, na prefixação acrescenta-se a uma base um elemento fixo, com função pré-determinada; na composição, a partir de uma estrutura fixa, com função semântica pré-determinada, combina-se a semântica de dois itens lexicais quaisquer. Dentro desse quadro, desaparece a controvérsia de se a prefixação deveria ser ou não considerada como composição, na medida em que não se entra em cogitação a questão de se uma forma é livre ou presa, e sim se esta forma corresponde a um elemento fixo de uma lista para formação ou não. (BASILIO, 1989, p. 10-11).

No capítulo nono de *Teoria lexical*, Basilio reflete acerca das razões que levam os falantes a ampliar o léxico de uma língua. Em dado momento, diz-nos ela que

(...) podemos pensar em pelo menos três funções fundamentais para a formação de palavras: a função de denominação, que corresponde, naturalmente, a necessidades semânticas; a função de adequação discursiva e a função de adequação sintática. (BASILIO, 1987, p. 67).

A composição, ao lado da prefixação, figura entre os processos em que predomina a função denominacional semântica³², ou seja, no entender de Basilio, o falante cria unidades lexicais compostas para nomear novas realidades ou novos fatos e artefatos. Especificamente quanto às composições, temos, segundo ela, duas situações: (a) o composto apresenta a mesma classe que sua base; e (b) o composto, como um todo, apresenta uma outra classe gramatical. No primeiro caso,

(...) podemos considerar que não há mudança de classe, já que se conserva a classe da base. De fato, nestes casos, embora possamos ter combinações de palavras de classes diferentes, a estrutura da formação é a mesma das formas derivadas, no sentido de que uma das palavras constitui a base da composição enquanto a outra funciona como elemento especificador de maneira análoga ao afixo. (BASILIO, 1987, p. 68).

Percebe-se, portanto, que em *navio-escola*, *peixe-espada*, *azul-celeste*, *couve-flor*, *mal-afamado* etc., a classe gramatical é mantida e as composições cumprem apenas

³² Apesar da afirmação de Basilio de que a composição cumpre, sobretudo, função semântica de denominação, Alves (1990, p. 46-48) identificou casos em que, para além da simples nomeação de fatos, artefatos ou realidades, a composição cumpriu também função estilística, causando humor e provocando estranhamento pela associação entre unidades lexicais de significados díspares. Como exemplos, a autora cita os neologismos *atriz-fetiche*, *ministro-confeito* e *partido-ônibus*, onde predomina clara intenção de sarcasmo em relação aos elementos determinados.

função semântica denominacional. O mesmo ocorre, ensina-nos a autora, “em composições de radicais onde o primeiro termo especifica o segundo, o qual constitui o núcleo da composição” (p. 68), como *psicanálise*, *melodramático*, *cardiovascular* etc.

Já no segundo caso,

(...) a mudança de classe decorre da própria função de denominação dos processos. Assim, por exemplo, composições verbo + substantivo do tipo *guarda + X* ou *porta + X* (*guarda-chuva*, *guarda-costas*, *guarda-luvas*, *porta-estandarte*) têm como produto palavras que caracterizam indivíduos ou objetos por sua função, expressa em termos de composição. Em consequência, apesar de a base da composição ser o verbo, tais composições são substantivos, pelo fato de que os indivíduos e objetos são designados por substantivos. Isto é, a motivação para a mudança de classe é semântica. (BASILIO, 1987, p. 68-69).

Em 1993, a professora Graça Maria Rio-Torto defendeu sua tese de doutoramento, na Universidade de Coimbra, a respeito dos processos de formação de palavras da língua portuguesa sob o viés da Morfologia Gerativa de Aronoff. Em parceria com Sílvia Ribeiro, da Universidade de Aveiro, Rio-Torto tem, atualmente, produzido alguns estudos gerativistas interessantes sobre a composição no português, como o oitavo capítulo da recente obra *Gramática derivacional* (2013, p. 461-520) e o artigo “Compounding in Portuguese”, publicado em 2009 na revista *Lingua e Linguaggio* VIII (2), das páginas 271-292³³, onde já se podem encontrar, em resumo, as informações veiculadas mais tarde na *Gramática*.

Rio-Torto & Ribeiro (2009, p. 272) iniciam seu estudo definindo a composição como a “combinação de dois lexemas: duas palavras, ou uma palavra e uma raiz/tema.”³⁴ O processo composicional difere do derivacional, segundo elas, por ser, em relação a esse último, mais flexível, ou seja, enquanto os afixos derivacionais assumem, na palavra, posição sempre fixa (o prefixo é sempre preposto à base e o sufixo, posposto), os elementos constituintes da composição, mesmo que presos, podem aparecer em várias posições: *datilografia*, *grafologia*. Lembram-nos ainda as autoras (p. 273) que a opacidade semântica não pode constituir critério de diferenciação entre compostos e derivados. *Guitarra acústica* e *globalização* são exemplos de unidades léxicas (composta

³³ A bem da verdade, muitas das informações veiculadas nos estudos recentes de Graça Rio-Torto e Sílvia Ribeiro podem ser encontradas já em Sandmann (1989; 1991; 1992), grande morfólogo lexicalista brasileiro. No entanto, como as autoras apresentam uma classificação das composições diferente da trazida por Sandmann e, de certo modo, mais detalhada, privilegiamos, neste momento, os estudos das linguistas portuguesas. Na próxima seção, contudo, dedicada à criação lexical, apresentaremos as considerações de Sandmann (1989), cujo trabalho desenvolveu-se a partir de *corpora* textuais e cujas análises dos processos formativos de palavras não são, a rigor, totalmente gerativistas.

³⁴ Tradução livre do original: “combination of two lexemes: two words, or a word and a root/stem.” (RIO-TORTO & RIBEIRO, 2009, p. 272).

e derivada, respectivamente), de semântica transparente, ao passo que *caixa preta* e *amador* são lexias nas quais, independentemente do processo formativo – respectivamente composição e derivação sufixal – o sentido global não é resultado direto e transparente da soma dos significados dos constituintes.

As autoras consideram nesse estudo, também, as composições sintagmáticas, isto é, os sintagmas lexicalizados, como um dos subtipos da composição (p. 274), afirmando, contudo, não ser fácil diferenciar uma formação léxica sintagmática de um sintagma não lexicalizado, sendo necessária a adoção de vários critérios.

Em português, afirmam elas, o menos útil deles é o critério do acento tônico, haja vista ao fato de haver compostos que são uma única palavra fonológica (*agrícola*) e outros que são submetidos a dois acentos, sendo, portanto, duas palavras fonológicas (*hidromassagem*). Assim, a sequência “pássaro preto” pode ser um sintagma lexicalizado (*pássaro preto é uma espécie de ave belíssima*) ou um sintagma não lexicalizado (*vi vários pássaros pretos entre os brancos que havia na praça*), sem que haja alteração no acento tônico de um caso a outro.

Das páginas 275 a 277, Rio-Torto & Ribeiro desenvolvem os critérios que, segundo afirmam, são os mais úteis para diferenciar compostos de sintagmas normais: a impossibilidade de inserção de elementos entre os constituintes e a escopção do adjetivo. Em português, não se pode dizer, por exemplo, **vinho muito tinto*, o que nos parece indicar que *vinho tinto* é unidade lexical³⁵. No trecho “*abre latas enferrujado*”, percebe-se que o adjetivo permanece no masculino, indicando que seu escopo é todo o composto e não a palavra *latas*, feminina plural. Compare-se “*abre latas perigoso*” com “*abre latas perigosas*”. No primeiro caso, trata-se do perigoso instrumento para abrir latas e a formação é composta pela lexicalização do sintagma, ao passo que a segunda pressupõe alguém que consegue abrir latas perigosas.

³⁵ O critério da impossibilidade de inserção de elementos entre os membros formadores de uma lexia tem sido largamente empregado nos estudos lexicais para diferenciar sintagmas de unidades lexicais compostas (cf. BIDERMAN, 1978). Neste exemplo, Rio-Torto & Ribeiro chamam a atenção para a escopção do adjetivo *tinto* limitada a *vinho*. Isso, segundo as autoras, é demonstrado pela agramaticalidade gerada pela inserção do advérbio *muito* entre *vinho* e *tinto*. Apesar de concordarmos quanto à validade desse teste, sobretudo para a identificação de compostos S+S, no que se refere às ocorrências da estrutura composta S+Adj, outros testes precisam ser realizados. No exemplo evocado pelas linguistas, a impossibilidade de inserir *muito* no sintagma *vinho tinto* deve-se mais à natureza atributiva, não intensificável, do adjetivo *tinto* que à lexicalização do sintagma em si. Verifica-se ainda que é possível empregar *vinho tinto* em estrutura sintática predicativa: *este vinho é tinto*. Compare-se com a composição S+Adj *política pública*: gera estranheza a construção **esta política é pública*, sendo mais natural dizer *esta é uma política pública*. Nesse sentido, *política pública* parece-nos muito mais composicional que *vinho tinto*.

Adiante, o estudo prossegue traçando diferenciações entre os tipos de compostos com base em seus elementos formadores. Dizem-nos Rio-Torto & Ribeiro que,

de acordo com a [\pm autonomia] de seus constituintes, os compostos são tradicionalmente divididos em dois grupos: compostos morfológicos e compostos morfossintáticos. (RIO-TORTO & RIBEIRO, 2009, p. 277).³⁶

Assumem ainda as autoras que os compostos preposicionais representariam um terceiro tipo. Acompanhemos suas considerações a seguir.

Os compostos morfológicos são formados, segundo elas, pela combinação entre uma base presa e uma base livre (*afro-americano*) ou entre duas bases presas unidas, não raro, por uma vogal de ligação (*centr[í]peto*). Já os compostos morfossintáticos são formados por duas bases livres e “são interpretados como o resultado da reanálise de estruturas sintáticas” (p. 278)³⁷: *bar-restaurante*, *propriedade intelectual*, *era cristã* etc. Finalmente, os compostos sintagmáticos ou preposicionais são, de acordo com as autoras, reproduções vernáculas do padrão latino que formou, por exemplo, *ludimagister*. Em português, como não há marcas morfológicas de declinação, o genitivo latino foi substituído pela preposição *de*: *auxiliar de investigação*, *chave-de-fendas* etc.

Rio-Torto & Ribeiro (p. 279) fornecem, ainda, uma classificação alternativa à que acima comentamos: (I) compostos pluriverbais constituídos por palavras autônomas, algumas vezes unidas por preposição (nesta categoria, entram os compostos morfossintáticos e os preposicionais) e (II) compostos nos quais ao menos um dos constituintes não é autônomo, os quais podem ser divididos em (a) duas bases presas neoclássicas (*ludoteca*); (b) uma base presa neoclássica e uma palavra portuguesa (*hidromassagem*); (c) uma raiz portuguesa e uma base presa neoclássica (*samb[ó]dromo*).

Quanto à categoria gramatical das unidades léxicas compostas, como já descrito por Basilio (1987), há a constatação de que

(...) a categoria lexical do todo não é sempre idêntica à categoria das partes. A categoria lexical do output pode ser coincidente com a etiqueta lexical dos constituintes (...), mas, em outras situações, não há equivalência. (...) Em ambos os casos, a categoria lexical do composto é determinada pela categoria lexical de seus núcleos (cabeças). Quando não há núcleo (cabeça) – quando o composto é exocêntrico – a categoria lexical e o gênero do todo (...) emergem

³⁶ Tradução livre do original: “According the [\pm autonomy] of their constituents, compounds are traditionally divided in two groups: morphological compounds and morphosyntactic compounds.” (RIO-TORTO & RIBEIRO, 2009, p. 277).

³⁷ Tradução livre do original: “are interpreted as the result of a syntactic structure reanalysis” (RIO-TORTO & RIBEIRO, 2009, p. 278).

na sintaxe quando o determinante está presente. (RIO-TORTO & RIBEIRO, 2009, p. 280).³⁸

As linguistas identificam os seguintes padrões como próprios do português (p. 280): (I) (V+S)_S: *abre-latas, quebra-cabeças*; (II) (S+S)_S: *couve-flor, decreto-lei*; (III) (S+A)_S: *era cristã, propriedade intelectual*; (IV) (A+S)_S: *alta-fidelidade, belas-artes*; (V) (Num+S)_S: *dois-cavalos, mil-folhas*; (VI) (A+A)_A: *surdo-mudo* (os dois elementos são autônomos), *sino-americano* (apenas um dos elementos é autônomo); (VII) (S+V)_S: *sanguessuga*; (VIII) (V+Adv)_S: *fala-barato*; (IX) (S+Prep+S)_S: *caminho de ferro, ferro a vapor*; (X) (S+Prep+V)_S: *máquina de lavar, ferro de engomar*; (XI) (bases presas substantivas)_S / (bases presas adjetivas)_A: *democracia, fonoteca, herbicida, baciforme* etc.

Afirmam Rio-Torto & Ribeiro (p. 280-281) que os padrões (I), (II), (III), (VI) e (IX) são os mais produtivos no português contemporâneo (tomando como referencial, obviamente, o português europeu, tendo em vista a nacionalidade das autoras). Os esquemas (IV), (VII), (VIII) e (X) não são mais produtivos e os padrões (V+V)_S, (V+Pron)_S e (Adv+A)_A são, segundo elas, apenas residuais.

Levando-se em consideração as relações gramaticais internas entre os constituintes dos compostos, as autoras os classificam em (I) compostos coordenativos, (II) compostos subordinativos e (III) compostos atributivos.

No primeiro caso, dizem Rio-Torto e Ribeiro (p. 281), os constituintes dos compostos coordenativos devem pertencer, obrigatoriamente, à mesma classe gramatical e podem ser ligados por um operador copulativo (normalmente a conjunção aditiva *e*) explícito ou implícito (*sal e pimenta, whisky e soda, surdo-mudo, pateta-alegre*). Nos compostos desse tipo, os dois elementos são nucleares e a relação entre eles é simétrica e aditiva. As autoras reconhecem ainda, entre os compostos coordenativos, dois subtipos: (a) compostos aposicionais e (b) compostos copulativos. Nos aposicionais, como *trabalhador-estudante*, “o todo representa um hipônimo de ambos ‘trabalhador e estudante’ (p. 281)³⁹. Nos copulativos, por sua vez, como “*míssil terra-ar*”, o todo não é hipônimo de nenhum dos constituintes.

³⁸ Tradução livre do original: “(...) the lexical category of the whole is not always identical to the category of the parts. The lexical category of the output can be coincident with the lexical label of the constituents (...), but in other situations there is no equivalence (...). In both cases the lexical category of the compound is determined by the lexical category of its head. When no head exists — when the compound is exocentric —, the lexical category and the gender of the whole (...) emerge in syntax when a determiner is present.” (RIO-TORTO & RIBEIRO, 2009, p. 280).

³⁹ Tradução livre do original: “the whole represents a hyponym of both ‘student and worker’” (RIO-TORTO & RIBEIRO, 2009, p. 281).

No segundo caso, dos compostos subordinativos, “a relação entre os dois componentes é a de predicador-argumento, uma relação de dependência implícita” (p. 282)⁴⁰, como se pode ver em *guarda-costas*, por exemplo, onde *costas* é complemento direto do núcleo verbal *guarda*. Há, entre os elementos constituintes dos compostos subordinativos, portanto, uma relação núcleo-argumento (*condutor de táxi, controle de armas* etc.). O normal em português, dizem-nos as autoras, é que o núcleo esteja à esquerda e o complemento à direita, mas há compostos subordinativos de padrão neoclássico onde se pode ver o núcleo à direita, posposto ao complemento: *hidrofobia, inseticida*.

No terceiro caso, dos compostos atributivos, dizem-nos Rio-Torto & Ribeiro (p. 283):

Contrariamente aos compostos subordinativos, nos atributivos não há relação de dependência entre os constituintes; o constituinte à direita restringe a referência do constituinte à esquerda, especificando e/ou modificando seu escopo, mas não funciona como seu argumento. As partes do composto estão unidas por uma relação modificado-modificador. Nos compostos atributivos, o não-núcleo, representando uma propriedade numa perspectiva lexical-conceptual, especifica um atributo do núcleo. (RIO-TORTO & RIBEIRO, 2009, p. 283).⁴¹

A função do elemento não nuclear, nos compostos atributivos é, portanto, predicativa. Por essa razão, normalmente, eles são representados por adjetivos (*bomba atômica*), por substantivos em função adjetival e significado metafórico (*palavra-chave, viagem-relâmpago*), por sintagma preposicionado (*cartão de crédito*) ou por numerais (*quatrocentos*).

Atestam ainda as autoras que o constituinte predicativo não-nuclear dos compostos atributivos apresenta-se em duas subclasses, de acordo com sua função: (a) qualificativa/avaliativa ou (b) taxonômica. Na primeira função, o elemento atribui ao núcleo propriedades não definitórias, como tamanho, cor, qualidade (*arroz-doce, viagem-relâmpago*). Na segunda, o elemento assume função ontológica, denotando uma subclasse do núcleo (propriedade, instrumentalidade, relação todo/parte etc.), como se

⁴⁰ Tradução livre do original: “the relation between the two constituents is a predicator-argument relation, a relation of implicit dependence” (RIO-TORTO & RIBEIRO, 2009, p. 282).

⁴¹ Tradução livre do original: “Contrarily to subordinate compounds, in attributive compounds there is no dependence relation between the constituents; the constituent on the right restricts the reference of the constituent on the left, specifying and/ or modifying its scope, but it does not function as a selected argument. The parts of the compound are linked by a modifree-modifier relation. In attributive compounds the non-head, representing a PROPERTY on a lexical-conceptual perspective, specifies an attribute of the head.” (RIO-TORTO & RIBEIRO, 2009, p. 283).

pode ver em: *cadeira de rodas* (roda é uma parte constituinte da cadeira), *fogão a gás* (gás é o combustível do fogão) etc.⁴²

A seguir, Rio-Torto & Ribeiro (p. 285) procedem à diferenciação entre compostos endocêntricos e exocêntricos⁴³. Segundo nos dizem as linguistas, a distinção entre as duas classes assenta-se obrigatoriamente na noção de núcleo, já que o elemento nuclear (ou “cabeça do composto”) é o responsável por selecionar, em termos formais e/ou semânticos, os outros constituintes do composto, que, como vimos, complementam-lhe, restringem-lhe ou fornecem-lhe atributos e predicados.

Desse modo, nos compostos endocêntricos há um núcleo

(...) que é modificado, especificado ou complementado pelo não-núcleo, de modo a que os produtos finais, que têm a tendência a serem semanticamente composicionais, funcionem como hipônimos do respectivo núcleo. (RIO-TORTO & RIBEIRO, 2009, p. 286).

Como exemplos, temos *máquina de lavar*, *cruz-vermelha*, *cartão de crédito* (núcleos à esquerda), *curta-metragem*, *boa-fé* (núcleos à direita), entre outros.

Os compostos exocêntricos, por sua vez, não funcionam como hipônimos de nenhum de seus elementos constituintes nem seu núcleo coincide com nenhum dos formantes, sendo, portanto, externo ao próprio composto. Vê-se que *banho-maria* não denota um tipo de banho, mas um modo específico de cozimento dos alimentos. Os compostos exocêntricos são, em essência, metafóricos e motivados, sobretudo, por elementos culturais exteriores ao sistema linguístico: *rabo de saias*, *pé de cabra* etc.

Finalizam as autoras com algumas considerações que, dado seu valor para o estudo que aqui desenvolvemos, reproduziremos na íntegra à guisa de conclusão desta seção. Elas afirmam que

Os compostos são unidades plurilexemáticas cujo significado refere-se a uma realidade particular e delimitada. Um composto denota um ser, uma coisa, evento ou propriedade, com fronteiras intencionais e ontológicas reconhecidas pelos membros da comunidade onde é produzido. Em verdade, cada uma dessas unidades plurilexemáticas é armazenada num léxico mental individual. Sua denominação é holística, pois o significado do todo nem sempre coincide

⁴² Vimos, a propósito dos estudos gramaticais apresentados nas seções 2.1. e 2.2., que a consideração das relações gramaticais internas entre os constituintes dos compostos não é inovação da morfologia gerativa ou lexical. Contudo, há que se perceber a considerável diferença entre o que as gramáticas tradicionais consideram como *composto coordenativo* e *subordinativo* e o que os estudos recentes têm trazido. Resumidamente, percebe-se que as relações predicativas e apositivas entre os constituintes dos compostos são classificadas nas obras gramaticais como sendo de natureza coordenativa. Acreditamos, porém, que a classificação que propõem Rio-Torto & Ribeiro (2009, 2013) ajuda-nos a aclarar a questão, por nomear compostos coordenativos apenas àqueles em que se pode inserir elemento aditivo entre os constituintes (*médico-diretor* = médico e diretor), reservando às relações predicativo-atributivas, que não são, de fato, coordenativas, lugar categórico à parte.

⁴³ A hoje já clássica diferenciação dos compostos em endocêntricos e exocêntricos foi cunhada pela primeira vez por Bloomfield, em *Language* (1933), no âmbito da escola estruturalista.

com o das partes. A despeito de serem plurilexicais, os compostos (*chave-mestra*, *chave inglesa*, *chave de fendas*) comportam-se como unidades simples (sintática e lexicalmente opacas), usualmente resistindo a qualquer alteração em sua estrutura interna. (...) As áreas léxico-conceptuais dos compostos e seu relacionamento com a sociedade na qual são empregados constituem também tema interessante. Importante grupo de compostos consiste em unidades de circulação internacional, alguns deles sendo termos técnicos de diferentes áreas (*acelerador de partículas*, *energia nuclear*, *cancro de pele*), os quais se tornam parte de nosso conhecimento global especializado. Contudo, muitos compostos, particularmente os que envolvem metáforas e metonímias relacionados a uma cultura particular, são específicos de cada língua. (...) em português, há centenas de compostos baseados na codificação figurativa da realidade circundante que denotam espécies de animais, plantas e caracteres humanos. Eles enfatizam a importância da interface entre cultura e língua e são assuntos certamente valiosos à etnolinguística. (RIO-TORTO & RIBEIRO, 2009, p. 290-291. Grifos nossos).⁴⁴

A *hipótese lexicalista* apresentada por Chomsky (1970) e desenvolvida por Aronoff (1976) revolucionou os estudos lexicais e tem rendido, desde então, interessantes e importantes trabalhos. Foi sob a orientação das concepções gerativistas que se pôde diferenciar composição de derivação, com base na fixidade e recorrência dos elementos em função determinada. Nessa visão, a composição afigura-se como processo *ad hoc*, isto é, de constituintes não previstos. Apesar de não concordarmos inteiramente com essa afirmação em específico, conforme explicaremos na seção seguinte, reconhecemos a importância e a proficuidade das concepções da Morfologia Lexical para o entendimento do processo que aqui estudamos.

2.6. A Composição nos estudos de Neologia ou Criação Lexical

Os pioneiros estudos sistematizados sobre a criação lexical vieram à luz na França e datam do início da década de 60. Por essa época, o eminente lexicólogo e lexicógrafo

⁴⁴ Tradução livre do original: “Compounds are plurilexemic units whose meaning refers to a particular and delimited reality. A compound denotes a being, thing, event or property, with intensional and ontological frontiers recognised by the members of the community where it is produced. Indeed, each of these plurilexical units is stored in an individual’s mental lexicon as a whole. It is used as a holistic denomination, whose meaning is not always coincident with the meanings of the parts. Despite being plurilexical, the compounds (*chave-mestra*, *chave inglesa*, *chaves de fendas*) behave as a single unit (syntactically and lexically opaque), usually resisting to any alteration in its internal structure. (...) The lexical-conceptual areas of the compounds and their relationship with the societies where they are used are also an interesting matter. An important set of compounds consists of units of international circulation, some of them being technical terms from different areas (*acelerador de partículas* ‘particle accelerator’, *energia nuclear* ‘nuclear energy’, *cancro de pele* ‘skin cancer’), that become part of our contemporary global specialised knowledge. However, many compounds, particularly those involving metaphors or metonyms related to a particular culture, are specific of each language. (...) in Portuguese there are hundreds of compounds based on a figurative codification of the surrounding reality that denote species of animals, plants, and human features. They emphasise the importance of the interface between culture and language and they are certainly a worthy subject for ethnolinguistics.” (RIO-TORTO & RIBEIRO, 2009, p. 290-291).

francês Bernard Quemada criou, a fim de sistematizar e desenvolver o estudo continuado do fenômeno neológico no léxico da língua francesa, um *Observatório de Neologia* no *Centre d'Étude du Vocabulaire Français de l'Université de Besançon*. Em 1972, Louis Guilbert, lexicólogo francês de orientação gerativista, escreveu um importante artigo intitulado *Théorie du néologisme*, no qual discute o lugar específico do léxico, do neologismo e, conseqüentemente, da criação lexical na teoria gerativa. Finalmente, em 1975, Guilbert aprofunda as discussões e reflexões de 1972 na hoje célebre obra *La créativité lexicale*.

Não deixa de se mostrar, de certo modo, paradoxal o fato de ser gerativista o autor que mais contribuiu para o entendimento do fenômeno criativo do léxico e de seus produtos: Louis Guilbert. Em reflexão sobre a neologia e os neologismos nas línguas naturais, Alves (2000, p. 96) informa-nos que, nos estudos morfolexicais de orientação gerativista, o neologismo desperta pouco ou nenhum interesse:

Segundo a ótica gerativista, (...) o conceito de neologismo não se justifica, pois as unidades lexicais construídas regularmente e seus empregos regulares não têm idade, a não ser a das regras segundo as quais foram geradas. Palavras empregadas recentemente sempre estiveram na língua, tanto quanto as regras que as formaram. (ALVES, 2000, p. 96).

Apesar do inicial desprezo pelos estudos neológicos, não podia passar despercebido, contudo, aos linguistas gerativistas, o caráter eminentemente inovador do léxico, haja vista ao fato de ser o componente criativo da língua um dos pilares e alavancas do pensamento linguístico chomskiano.

Guilbert (1972, p. 20) considera como de tipo sintático os neologismos formados por composição. Distingue, basicamente, dois tipos principais: compostos com elementos não autônomos, modelo, segundo ele, “erudito” e compostos com elementos autônomos. Cita apenas três padrões desse tipo, os mais produtivos: V+S, S+S e S+A e afirma que, muitas vezes, essas formações unem-se graficamente por meio do hífen.

Aprofundando as discussões, Guilbert (1975, p. 220-224) desenvolve, em bases gerativistas, a ideia, à época recém-apresentada por Benveniste (1974), de que, na estrutura profunda, o composto é, em verdade, a redução, por uma série de transformações sintáticas, de uma frase-base ou frase-matriz. O autor nos dá, como exemplo (p. 222), o composto francês, não correspondente a nenhuma lexia do português, *publiphobe* (algo como *publífobo, isto é, o indivíduo que tem aversão à publicidade). Diz-nos ele que, na estrutura profunda, temos a sentença: “ele odeia a publicidade”, que pode ser desmembrada, pelo pronome relativo, em “ele é X, que odeia a publicidade”. Da sentença

para o composto, ocorre uma série de transformações, como a elisão do determinante *a* de “a publicidade” para suprimir a referência, concentrando-se no valor semântico da palavra em si; o apagamento do pronome relativo; a truncação de “publicidade” e a transferência metonímica do significado do todo para a forma resultante “publi”; a substituição do sintagma “ele odeia” pela base presa *-fobo* etc.

No mesmo estudo, o autor estabelece ainda diferença entre os compostos nominais de natureza morfossintática, resultantes, portanto, dessas transformações da frase-base, e os sintagmas, outrora livres, cristalizados na língua pelo processo de lexicalização, onde os elementos da sintaxe frasal são mantidos sem alterações. Seriam esses dois tipos, portanto, na visão do autor, produtos resultantes de diferentes processos.

Se na França, berço dos estudos de neologia, as reflexões de Guilbert adquiriram enorme relevo na década de 70, em nosso país, contudo, dois nomes se destacam, desde o final dos anos 80, por contribuírem decisiva e qualitativamente com os estudos morfolexicais, sobremaneira no que se refere à criatividade lexical no português brasileiro: Ieda Maria Alves e Antônio J. Sandmann.

Em 1989, é lançado no Brasil o importante estudo *Formação de palavras no português brasileiro contemporâneo*, de Antônio J. Sandmann. Fruto de sua tese de doutoramento defendida na Universidade de Colônia, na Alemanha, a obra analisa, sob viés lexicalista, os principais mecanismos de criação lexical do português brasileiro a partir de dados extraídos de *corpora* jornalísticos do ano de 1984. Apesar de não estudar a neologia em si, julgamos por bem resumir, nesta seção, o capítulo quarto da referida obra, que se debruça sobre o processo da composição, por entendermos que se trata de um estudo lexical eminentemente sincrônico, baseado em *corpora*, muito próximo, portanto, da metodologia empregada nos estudos de neologia.

Inicia o autor afirmando que o objetivo da pesquisa é “mostrar quais modelos são hoje produtivos e justificar por que esta ou aquela formação foi incluída em determinado modelo” (p. 117), além de apresentar critérios que nos permitam diferenciar compostos de grupos sintáticos ou sintagmas, sobretudo ao nos depararmos com formações determinativas dos tipos: A+S, S+A e S+de+S.

A primeira parte das reflexões sobre a composição trata especificamente da formação de substantivos compostos coordenativos (p. 118-122) e determinativos⁴⁵ (p.

⁴⁵ Na classificação das palavras compostas proposta por Sandmann (1989, 1991, 1992), existem apenas, do ponto de vista da relação interna entre os elementos constituintes, dois tipos de compostos: coordenativos e determinativos (também chamados por ele subordinativos). Como vimos a propósito dos estudos de Rio-

122-139). Por fim, o autor dedica-se à formação de adjetivos coordenativos e determinativos (p. 139-143). Na apresentação que agora empreendemos, procuraremos seguir, porém, a ordem que mais se nos afigura funcional aos nossos objetivos.

Vários são os nomes, diz-nos Sandmann, pelos quais o composto coordenativo pode ser chamado: palavra aditiva, palavra seriada, composto copulativo⁴⁶ ou, ainda, *dvandva*⁴⁷ (p. 118). As informações veiculadas por ele quanto a esse tipo de composição são, em essência, muito semelhantes às encontradas em Rio-Torto & Ribeiro (2009; 2013), razão pela qual não nos deteremos muito neste ponto, lembrando apenas que, nos compostos coordenativos, os elementos, sempre de mesma classe gramatical⁴⁸, apresentam relação simétrica, sendo possível o acréscimo, entre eles, da conjunção aditiva *e*: *bar-restaurante* é o mesmo que “*bar e restaurante*”. Adverte Sandmann, contudo, que “muitas vezes só se alcança o reconhecimento da relação real entre os constituintes de uma palavra complexa mediante o contexto ou situação” (p. 119), razão por que não é possível analisar qualquer item lexical desvinculado de seu contexto de produção.

Atesta ele que, contemporaneamente no português do Brasil, os compostos coordenativos substantivos são empregados para designar: (I) profissões (*arrumadeira-copeira, editor-gerente*); (II) instalações e instituições (*bar-restaurante, cemitério-parque*); (III) acontecimentos e empreendimentos (*festa-campanha, reunião-almoço*); (IV) aparelhos e instrumentos (*rádio-gravador, abridor-afiador*); (V) móveis (*armário-secretária, mesa-console*); (VI) nomes de pessoas (*cidadão-eleitor, contribuinte-consumidor*); (VII) dependências (*cozinha-bar, copa-e-cozinha*); (VIII) esportes (*futevôlei*); (IX) meios de transporte (*jato-hélice*); (X) pagamentos (*prestação-aluguel*) e (XI) ciências (*fonoaudiologia*).

Interessante é a observação feita pelo autor de que

A subdivisão dos compostos copulativos substantivos em classes referenciais mostrou que muitos são dos campos semânticos “profissões ou ocupações”, “móveis”, “aparelhos”, “dependências e moradias” e que em quase todos havia a relação “X e Y”: um homem/uma mulher empenha-se por uma colocação como copeiro(a) e faxineiro(a), um móvel ou uma dependência serve como mesa e console, respectivamente como modelador e alisador ou como cozinha e copa. Para a formação desses compostos a vida moderna nas grandes cidades

Torto & Ribeiro (2009, 2013), as autoras subdividem os compostos determinativos em subordinativos e atributivos, o que não é realizado por Sandmann.

⁴⁶ Sandmann (1989; 1991; 1992) toma como sinônimos os termos “composto coordenativo” e “composto copulativo”. Rio-Torto & Ribeiro (2009), porém, classificam como copulativos, como vimos, apenas os compostos coordenativos que exercem função adjetival a outro substantivo.

⁴⁷ Palavra de língua indiana que quer dizer “par”. (SANDMANN, 1989, p. 118).

⁴⁸ Compostos de tipo V+V não são, segundo atestam Rio-Torto & Ribeiro (2009; 2013) e também Sandmann (1989), produtivos no português contemporâneo nem do Brasil nem de Portugal.

contribui sem dúvida grandemente: capacidade de concorrência, falta de espaço, desemprego, etc. (SANDMANN, 1989, p. 122).

Entre os compostos coordenativos adjetivos, Sandmann distingue aqueles nos quais observa-se relação semântica de reciprocidade (*socialista-comunista, carioca-fluminense*) e antonímia (*anarco-burguês, comunitário-marginal*) de outros nos quais não é possível discriminar nem elementos recíprocos nem antônimos (*médico-odontológico, político-religioso, rodo-aéreo* etc.).

Quanto aos compostos substantivos e adjetivos determinativos, afirma o autor poderem ser eles formados por elementos de mesma classe gramatical ou de classes gramaticais diferentes. Entre os constituintes, pode-se depreender relação determinativa, na qual apenas um dos elementos assume função de núcleo, o qual é especificado, caracterizado ou complementado pelo outro. Entre os modelos com bases léxicas de classes iguais, Sandmann destaca: S+S (padrão mais produtivo no português brasileiro contemporâneo, segundo ele: *escândalo-rei, país-problema, motosserra* etc.), S+de+S (*pé-de-moleque, fim-de-semana*) e A+A (bem menos produtivo: *policia-militar*). Já com bases lexicais de classes diferentes, temos: S+A (*amor-perfeito, matéria-prima*), A+S (*boa-vida, má-língua*), V+S (*arranha-céu, fura-bolo, mata-burro*) e Num+S/S+Num (*camisa-dez, sete-barbas*).

Os substantivos compostos determinativos de tipo S+S podem apresentar relação determinado (DM) + determinante (DT) ou determinante (DT) + determinado (DM) entre seus constituintes. A primeira é, segundo nos lembra Sandmann, a mais comum no português e a segunda ocorre em nossa língua por influência de modelos estrangeiros ou de formações prefixadas. A maior parte das formações compostas determinativas DM+DT é de caráter predicativo (*empresa-fantasma, governo-tampão*), mas há, nesse modelo, também, compostos não predicativos. Percebe-se que *caminhão-inseticida*, por exemplo, pode ser relacionado com o sintagma “caminhão com inseticida”. O mesmo se verifica em *auxílio-creche* (auxílio para creche). Nesses compostos, portanto, não há relação predicativa.

Sobre os compostos determinativos de padrão V+S, Sandmann afirma que, em geral, são exocêntricos. O autor cita o caso de *fura-bolos*, nome popular do dedo indicador:

No caso de **fura-bolo**, por exemplo, todos sabem que o dedo indicador é usado para testar a resistência dos objetos. Por isso não é difícil de entender por que **fura-bolo** seja sinônimo de **dedo indicador**. Mesmo assim, a semântica de **fura-bolo** não é a simples soma da semântica de **furar** e **bolo**. A semântica de **fura-bolo** é um terceiro elemento, o **dedo indicador**. Por isso mesmo se diz

que os compostos de verbo + substantivo são exocêntricos. (SANDMANN, 1989, p. 138).

Finalmente, o linguista discute, em detalhes, critérios formais (fonológicos, morfológicos e sintáticos) e semânticos que podem auxiliar a diferenciar um composto de uma formação sintagmática, sobretudo quando estamos diante dos padrões S+A, A+S e S+de+S. Entre todos eles, contudo, o autor afirma preferir o critério semântico. Em suas palavras:

O critério semântico é, a meu ver, o melhor critério para distinguir um composto de um grupo sintático paralelo. Qual critério nos possibilita diferenciar mais fácil e rapidamente do que o significado **pé-de-cabra** de **pé de cabra**, **boia-fria** de **boia fria**, **pequeno-burguês** de **pequeno burguês**? Para diferenciar o significado do composto do significado do grupo sintático ou da sequência sintática permanente a metáfora e a metonímia desempenham papel importante. Exemplos em que a mudança de significado deve ser atribuída a fatores metonímicos: **salário-mínimo** → **salário-mínimo** “empregado que recebe salário mínimo”; **pé de meia** → **pé-de-meia** “economia”; **boia fria** → **boia-fria**; **dedo duro** → **dedo-duro**. Mais ricos ainda são os exemplos em que fatores metafóricos contribuíram para a formação de compostos: **viúva negra** → **viúva-negra** “aranha”; **pé de moleque** → **pé-de-moleque**; **pé de galinha** → **pé-de-galinha**, etc. (SANDMANN, 1989, p. 132).

Herdeira da valorosa experiência metodológica da escola francesa no *Observatório de Neologismos* do Prof. Bernard Quemada, Ieda Maria Alves organiza, em 1988, pela primeira vez em nosso país, um Observatório de Neologismos para o tratamento do português brasileiro, o que representou um enorme avanço no entendimento da neologia e dos neologismos. A partir dos estudos sistemáticos de Alves, foi possível não apenas a consolidação de uma metodologia para a verificação de neologismos em nossa língua, como também o acompanhamento *in loco* das mudanças a que foi submetido o léxico do nosso português.

Em 1990, é lançada a primeira edição do hoje já clássico livro *Neologismo. Criação lexical*, no qual Alves traz variada gama de exemplos de itens lexicais neológicos extraídos da imprensa brasileira do final dos anos 80 e formados pelos principais mecanismos de criação lexical.

Especificamente sobre a composição, diz-nos a autora que “a formação de palavras pelo mecanismo da composição apresenta-se de maneira fecunda.” (1990, p. 41).

Em nosso entender, a principal contribuição de *Neologismo. Criação lexical* no campo das palavras compostas consiste na identificação de elementos fixos em subpadrões de composição nominal S+S no português brasileiro. Nesse sentido, diz-nos a autora que

o processo da composição subordinativa entre substantivos, a que já nos referimos, tem mostrado que um tipo de composição vem ocorrendo com bastante produtividade na imprensa contemporânea: um elemento substantivo, em função determinante, repete-se com tanta frequência nessa segunda posição que seu emprego não é mais sentido como eventual, chegando a perder parte do seu significado e a adquirir valor sufixal. (ALVES, 1990, p. 48).

A autora traz a lume, neste estudo, uma série de neologismos compostos pelo subpadrão *X-chave* (*amigos-chave, testemunha-chave, cargo-chave, conceito-chave, documento-chave, momento-chave, pessoa-chave, grandeza-chave*, entre outros) e *X-símbolo* (*cor-símbolo, personagem-símbolo, poeta-símbolo*, entre outros). Observa-se o apagamento semântico do substantivo *chave*, no primeiro padrão que, metaforizando-se, adquire valor único de “o mais importante”. Apesar de não ser, a rigor, um sufixo, a limitação semântica da base “chave”, advinda da metaforização, é indício do início de um processo de gramaticalização em curso na língua.

A existência mesma desses subpadrões de composição vem problematizar as afirmações de Basilio (1987) acerca do caráter *ad hoc* da composição. Afinal, se um afixo é justamente caracterizado por ela como elemento recorrente na posição e na função afixal em formações seriadas, quando uma mesma base surge recorrentemente na mesma posição e em função fixa (no caso, determinativa de outra base) em criações lexicais seriadas temos um caso de convergência entre os processos de derivação e composição, o que aponta para a necessidade de novos instrumentos teóricos para melhor compreender as fronteiras e limites (se é que existem) entre os dois mecanismos em questão⁴⁹.

Em estudos posteriores (2006; 2010), Alves reafirma essa tendência do português brasileiro de criar subpadrões de composição nominal S+S com elementos fixos e traz exemplos de outras estruturas identificadas no âmbito do *Projeto Base de Neologismos do Português Brasileiro Contemporâneo: X-base* (*acampamento-base, alimento-base, cidade-base, equipe-base, guarnição-base, moeda-base, núcleo-base, peça-base, período-base, preço-base*⁵⁰, entre outros); *X-chefe* (*analista-chefe, brigadeiro-chefe, cozinheiro-chefe, figura-chefe, secretário-chefe, projetista-chefe* etc.); *X-fantasma* (*bairro-fantasma, candidato-fantasma, cheque-fantasma, conta-fantasma, funcionário-fantasma, paciente-fantasma, sindicato-fantasma*, entre outros); *X-monstro* (*biblioteca-*

⁴⁹ Recentemente, têm surgido no Brasil alguns estudos que trazem novamente à tona a polêmica, no campo da Morfologia, sobre os limites entre a composição e a derivação. Schwindt (2001), do ponto de vista da Fonologia, afirma a existência de prefixos composicionais (PCs) no português; Gonçalves (2012) advoga a necessidade de se entender os prefixos num *continuum* de prefixidade que vai do mais ao menos composicional e/ou do mais ao menos derivacional; Ganança (2017) propõe critérios para a construção de um protótipo prefixal e analisa os variados prefixos do português brasileiro sob esse viés.

⁵⁰ Todos os exemplos deste parágrafo foram retirados de Alves (2006, p. 138).

monstro, bicho-monstro, comício-monstro, congestionamento-monstro, marido-monstro, médico-monstro, tarefa-monstro etc.); X-padrão (argumento-padrão, comportamento-padrão, desconto-padrão, operação-padrão, paciente-padrão, planilha-padrão, terapia-padrão, procedimento-padrão etc.) e X-relâmpago (ataque-relâmpago, campanha-relâmpago, carreira-relâmpago, galã-relâmpago, liquidação-relâmpago, operação-relâmpago, romance-relâmpago, turnê-relâmpago, entre outros).

As convergências entre derivação e composição, aponta Alves, também podem ser verificadas entre os compostos formados por base presa, principalmente quando esta se associa recorrentemente a uma base livre:

A análise dos dados da Base permite-nos constatar a ocorrência de um grande número de formações prefixais. Classificamos, dentre os prefixos, alguns formantes que são diferentemente analisados nas gramáticas do português (elementos de composição, compostos ou radicais gregos e latinos, pseudoprefixos, prefixoides) e que em geral se referem a uma língua de especialidade. Assim, formantes latinos ou gregos que ultrapassaram os limites de uma língua de especialidade, em geral científica, e são contemporaneamente empregados sem referência a uma especialidade, são por nós classificados como prefixais. Desse modo, prefixos como *hiper-*, *macro-*, *mega-*, designativos de intensidade crescente, e *micro-* e *nano-*, designativos de intensidade decrescente, tradicionalmente formadores de termos das ciências e das técnicas, estão constituindo unidades lexicais da língua geral, não-pertencentes a áreas de especialidade. (ALVES, 2006, p. 133).

Composição e derivação parecem apresentar, portanto, mais semelhanças que diferenças, o que coloca em xeque qualquer visão restritiva de língua. Longe de ser um sistema monolítico, a língua é, em suma, o uso que dela fazem seus falantes. Se o léxico não é, segundo constataram os estudos em Morfologia Lexical, completamente idiossincrático, tampouco constitui-se apenas de regras fixas. Padrões existem, mas cristalizados e a qualquer momento modificados pelo uso que os falantes fazem da língua. O léxico é o espelho das mudanças e, nesse sentido, os estudos de neologia ajudam a olhar para esse espelho na beleza de sua diversidade.

Recentemente, Carlos Alexandre Gonçalves, destacado morfólogo brasileiro da atualidade, tem retomado o estudo dos processos formadores de palavras e trazido nova luz sobre fatos já outrora descritos e analisados por Alves e Sandmann, que comprovam essa tenuidade das fronteiras entre a composição e a derivação. Especificamente a respeito do processo da composição, Gonçalves confirma, em *Atuais tendências em formação de palavras* (2016a), por meio de considerável número de exemplos, a tendência de formação de subpadrões de composição com elementos fixos no português brasileiro. Nas palavras de Gonçalves:

A composição também vem contribuindo com um sem-número de itens lexicais recentes em português, em particular compostos N-N do tipo endocêntrico (com interpretação partindo do núcleo, a cabeça lexical), como as construções com *bolsa* (*Bolsa Família*, *Bolsa Escola*), *auxílio* (*auxílio aluguel*; *auxílio alimentação*), *vale* (*vale-refeição*, *vale-transporte*) e *seguro* (*seguro-saúde*, *seguro-desemprego*) (...). (GONÇALVES, 2016a, p. 52).

Sobre compostos *bolsa-X*, Gonçalves (p. 52-53) afirma terem eles produtividade similar à de derivados. Além dos exemplos acima arrolados, oferece-nos outros, extraídos da imprensa e da internet, como *bolsa-adolescente*, *Bolsa-Alimentação*, *bolsa-aposentadoria*, *Bolsa-Atleta*, *bolsa-bandido*, *bolsa-boiola*, *bolsa-celular*, *bolsa-copa*, *bolsa-esporte*, *bolsa-miséria*, *bolsa-pesquisa*, *bolsa-táxi*, *Bolsa-Universidade*, entre outros.

Os subpadrões *X-bomba* (1º), *mulher-X* (2º) e *maria-X* (3º), igualmente produtivos no português brasileiro contemporâneo, são por ele mencionados.

No primeiro caso, a nova formação *bueiro-bomba*, empregada por causa dos vários episódios envolvendo explosões de bueiros na cidade do Rio de Janeiro, reflete, em tom de ironia, a estruturação de *homem-bomba*, *carta-bomba*, *avião-bomba* e *bilhete-bomba*, entre tantas outras. No segundo caso, vêm sendo cada vez mais comuns nomes em que um aspecto específico do corpo da mulher é ressaltado em função da fruta especificada na segunda posição de compostos, nos quais mulher constitui a cabeça lexical (núcleo da construção) (...). (GONÇALVES, 2016a, p. 55-56).

Como exemplos, fornece-nos os itens lexicais compostos retirados de páginas diversas da internet: *Mulher-fruta*, *Mulher Melancia*, *Mulher Melão*, *Mulher Moranguinho*, *Mulher Jaca*, *Mulher Cereja*, *Mulher Maçã*, *Mulher Pera*, *Mulher Fruta-pão* e, por extensão, *mulher-filé* e *mulher-siri*, em que a fruta foi substituída por outro alimento.

Finalmente, apresenta-nos o autor ao subpadrão *maria-X*, responsável pelo surgimento de alguns neologismos interessantes de cunho irônico/satírico, veiculados em contextos menos formais, sobretudo na internet, designativos de mulheres (“marias”, nome feminino extremamente comum, portanto sinônimo, aqui, de “mulher”) obcecadas por determinados padrões masculinos específicos (os quais são representados, nas composições, por elementos simbólicos e prototípicos dos homens que “encarnam” esses padrões): *maria-fotômetro* (apaixonada por fotógrafos), *maria-divã* (obcecada por aconselhar homens com vistas a tê-los em seus braços), *maria-tatame* (gosta de lutadores de MMA), *maria-estetoscópio* (obcecada por médicos, enfermeiros e profissionais da saúde), *maria-Al Capone* (apaixonada por homens mais velhos e milionários) etc.

À semelhança de Alves, que atestou, na língua comum, o curioso emprego de bases léxicas clássicas em formações nas quais essas bases comportam-se como

autênticos prefixos, Gonçalves (p. 61; 93-97) oferece-nos alguns exemplos do mesmo fenômeno, acrescentando também os casos em que as bases presas aparecem na segunda posição, em função sufixal, como as palavras *X-teca* (*fototeca*, *xeroteca*, *esmalteca*, *textoteca* e *espermoteca*, indicando coleções de fotos, xerox, esmaltes, textos e esperma, respectivamente), *X-nauta* (*internauta*, *cosmonauta*, em que *-nauta* indica a noção de “navegante”), *X-rreia* (*pentelhorreia*, *piolhorreia*, em que *-rreia* materializa linguisticamente a noção de “infestação”) e *X-rragia* (*verborragia*, *cabelorragia* em que *-rragia* é a “queda” ou uma “descarga profunda de”). Bases léxicas em primeira posição, em função prefixal, exemplifica ele com *bio-X* (*biocombustível*, *biodiesel*), *eco-X* (*ecoturismo*, *ecotaxa*, *ecovia*), *homo-X* (*homoafetivo*, *homofobia*), *tele-X* (*telepizza*, *telessexo*), entre outras.

Alves, como vimos, considera que bases neoclássicas, ao entrarem recorrentemente na língua comum em formações seriadas, podem ser consideradas afixos. A autora não trabalha com o conceito de afixoides⁵¹, o que a difere de Gonçalves, que, apesar de reconhecer que “muitos elementos neoclássicos têm uma função semântica e sintática pré-determinada, como os afixos” (2016a, p. 61) classifica as formações lexicais acima arroladas como casos de recomposição⁵², não derivação, pois, conforme explica ele, “a recomposição faz uso de elementos morfêmicos (radicais gregos e latinos) que se especializam semanticamente e adquirem novos usos” (2016a, p. 94).

A análise da língua viva, em constante mudança, desafia sempre as concepções teóricas previamente estabelecidas, sobretudo no que diz respeito a categorizações. Como vimos, os estudos sobre neologia têm evidenciado a existência de subpadrões de composição lexical, com elementos fixos, o que contradiz a divisão de base gerativista entre composição e derivação, que toma por critério a fixidade e a recorrência de elementos em função determinada. Tudo isso leva-nos a buscar uma abordagem diferente, que consiga lidar, sem tanta rigidez, com o caráter fluido e categorialmente incerto da língua. Para isso, recorreremos a alguns aportes da chamada Linguística Cognitiva.

⁵¹ Gonçalves (2016a, p. 97) define os afixoides como elementos de transição entre as bases lexicais e os afixos genuínos. Diz ele que “podemos afirmar (...) que afixoides ostentam propriedades de radical e afixo, não se nivelando, no entanto, com nenhuma dessas categorias, já que apresentam características próprias, que legitimam o reconhecimento de uma classe distinta de formativos (...)”.

⁵² Postura teórica semelhante adotam, como vimos na seção 2.3., Cunha & Cintra (2008), inspirados em Martinet (1964).

3. A LINGUÍSTICA COGNITIVA

Neste terceiro capítulo, objetivamos estudar algumas contribuições do arcabouço teórico denominado Linguística Cognitiva que, *em conjunto*, ajudam a descrever e explicar o processo da composição, oferecendo-nos um entendimento mais acurado das palavras compostas, não apenas quanto à forma, mas sobretudo ao significado.

Primeiramente, abordaremos princípios basilares da Linguística Cognitiva presentes em todos os trabalhos orientados sob esse paradigma, para, em seguida, expormos alguns conceitos e ideias específicos, colhidos de diferentes autores comprometidos com a perspectiva cognitivista, os quais, acreditamos, auxiliar-nos-ão a entender, com maior clareza, o processo de composição em nível lexical e a sustentar nossa tese principal: *a composição, em si, é materialização linguística de uma série de processos cognitivos de conceptualização esquemática da realidade, mesclagens conceituais e pensamento metafórico*.

3.1. Princípios básicos da Linguística Cognitiva

A chamada Linguística Cognitiva (doravante LC), diferentemente do Gerativismo, ou Linguística Gerativa, que se originou a partir dos trabalhos e reflexões do renomadíssimo estudioso Noam Chomsky, é fruto de trabalho coletivo o qual, a despeito dos enfoques específicos dados por cada autor, nivela-se pela concepção basilar de que *os significados veiculados pela linguagem são, em suma, elaborações cognitivas a partir das experiências humanas no mundo*, mas não reflexo direto desse mundo. Nas célebres palavras de Fauconnier, (1997, p. 1), citadas em quase todos os trabalhos sobre LC a que tivemos acesso: “a linguagem é a ponta visível do iceberg da construção invisível do significado”.⁵³

O Gerativismo chomskiano é, antes de tudo, uma teoria formalista da Sintaxe, cujas estruturas são encaradas sob a forma de algoritmos computacionais, que se propõem a explicar como são criadas novas sentenças nas línguas naturais, isto é, como, a partir de *inputs* tão restritos, uma criança consegue apropriar-se do mecanismo complexo da linguagem e das regras que regem a gramática da língua na qual está inserida.

⁵³ Tradução livre do original: “(...) visible language is only the tip of the iceberg of invisible meaning construction”. (FAUCONNIER, 1997, p. 1).

Desse modo, apesar de a Linguística Gerativa apresentar uma inevitável matriz cognitivista, condensada na conhecida fórmula proferida por Chomsky “a linguagem é o espelho da mente”⁵⁴ (CHOMSKY, 1975, p. 4), a Semântica Gerativa nunca ultrapassou a tradicional visão objetivista do significado, que se ancora na *semântica de condições de verdade*, ou seja, o significado de uma sentença é identificado quanto às condições sob as quais essa sentença pode ser considerada falsa ou verdadeira.

Essa ideia pressupõe uma relação direta entre a língua e o mundo, o que é fortemente negado pela LC, a qual “defende que a relação entre palavra e mundo é mediada pela cognição” (FERRARI, 2014, p. 14). Isso faz com que o significado deixe, necessariamente, de ser o reflexo direto do mundo, conforme preconiza a semântica de condições de verdade, e passe a ser entendido como uma “construção cognitiva, através da qual o mundo é apreendido e experienciado” (FERRARI, 2014, p. 14). As palavras, nessa perspectiva, não mais contêm significados em forma de “traços semânticos” ou “semas”, mas “orientam a construção do sentido” (FERRARI, 2014, p. 14). No esquema imagético abaixo, por nós idealizado, é possível visualizar esses conceitos:

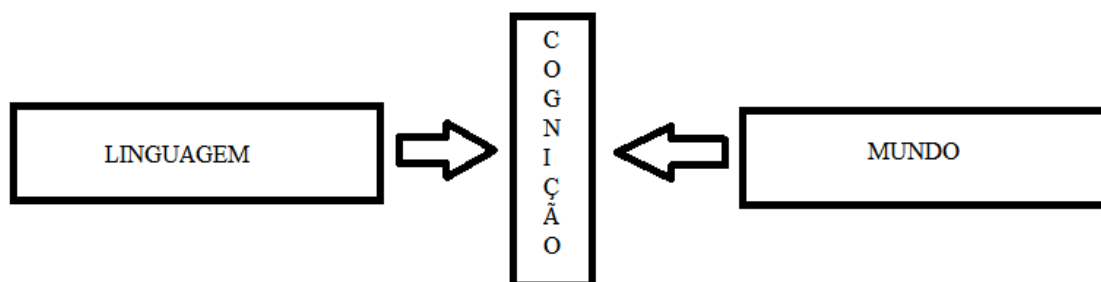


Imagem 1: Relação linguagem/mundo mediada pela cognição

Percebe-se que, no esquema acima, as setas convergem bidirecionalmente para o campo *cognição*, numa tentativa de mostrar que, na perspectiva da LC, ao mesmo tempo em que a representação do mundo, pela linguagem, se dá por meio da cognição, a linguagem, por sua vez, também orienta nossa percepção de mundo.

Desde o início da década de 1980, alguns pesquisadores, outrora atuando nas fileiras do Gerativismo, como George Lakoff, Ronald Langacker, Leonard Talmy, Charles Fillmore, Gilles Fauconnier, Mark Turner, entre outros, insatisfeitos com o tratamento gerativista dado à Semântica, iniciaram estudos, pesquisas e reflexões sobre as relações entre linguagem e significado, as quais vieram a criar o paradigma teórico da

⁵⁴ Tradução livre do original: “(...) language is the mirror of mind”. (CHOMSKY, 1975, p. 4).

LC, que hoje já acumula vasta e importante literatura. Como se vê, pois, a LC “(...) se coloca como rival e alternativa para a Teoria Gerativa da Sintaxe, sendo, portanto, (...) a relevância da Semântica sobre a Sintaxe a proposição mais central da Linguística Cognitiva” (BASILIO, 2010, p. 5).

Em oposição à Teoria Gerativa, a LC adota *perspectiva não-modular*, isto é, o módulo cognitivo da linguagem não é independente de outros módulos cognitivos, como a percepção e o raciocínio lógico-matemático, por exemplo. Isso equivale a dizer que *os mesmos princípios cognitivos gerais que atuam em diferentes capacidades cognitivas do ser humano atuam também na linguagem*. Ao estudarmos como o humano conceptualiza o mundo a partir de suas experiências nele, entendemos, naturalmente, como a língua, de forma permanente, cria e recria significados que, pareados a sons em estruturas linguísticas que nada mais são do que símbolos (BASILIO, 2010, p. 8), materializam, na língua, o universo conceptual humano.

A concepção simbólica da palavra é o que sustenta, aliás, a ideia de uma Gramática Cognitiva, como se pode depreender das palavras abaixo, de Lakoff (1987, p. 583): “A função primeira da linguagem é transmitir significado. Portanto, uma gramática deveria mostrar, tão diretamente quanto possível, como parâmetros de forma são conectados a parâmetros de significado.”⁵⁵

A perspectiva não-modular adotada pela LC preconiza, também, que os conhecidos níveis de análise linguística não são módulos separados, ou seja, *os mesmos fenômenos observados em um podem ser observados em todos*. Soares da Silva (2006) demonstra, por exemplo, que a polissemia, reconhecida principalmente nos estudos lexicais, aparece, também, na Fonologia (com os diferentes sentidos atribuídos às entonações descendentes e ascendentes), na Morfologia (os muitos significados dos sufixos diminutivos do português europeu⁵⁶), na Sintaxe (os variados sentidos evocados pelas construções bitransitivas com objeto indireto no português europeu⁵⁷) e na Pragmática (os vários usos e significados do marcador discursivo do português europeu “pronto”).

⁵⁵ Tradução livre do original: “The primary function of language is to convey meaning. A grammar should therefore show as directly as possible how parameters of form are linked to parameters of meaning.” (LAKOFF, 1987, p. 583).

⁵⁶ Gonçalves *et. al* (2009), semelhantemente a Soares, investigam a polissemia do sufixo *-ão* no português brasileiro.

⁵⁷ Goldberg (1995) também realiza importante estudo que evidencia a polissemia em diferentes construções sintáticas do inglês.

Nesse sentido, *a perspectiva da LC é integradora e generalizadora*. Ao eleger, como objeto maior de pesquisa, o mapeamento de fenômenos cognitivos gerais, num diálogo perene entre a Ciência da Linguagem e as demais Ciências Cognitivas, a LC acaba por romper com a rigidez categorial no campo da Gramática (Fonologia, Morfologia e Sintaxe) e entre esta e o Léxico⁵⁸. Gramática e Léxico não são mais vistos como módulos estanques, mas integram um mesmo *continuum* sustentado por fenômenos cognitivos gerais. Apenas para ilustrar esse pensamento, trazemos, abaixo, a palavra de John Taylor justificando o rompimento das barreiras entre Morfologia e Sintaxe:

A distinção entre palavra e frase é certamente válida, em geral. Contudo, essencialmente os mesmos tipos de operações estão envolvidos na organização de componentes menores em expressões internamente complexas, sejam essas expressões complexas palavras ou frases. A Morfologia e a Sintaxe, portanto, representam dois aspectos do fenômeno mais geral da combinação sintagmática.⁵⁹ (TAYLOR, 2003, p. 30).

Essa concepção, em especial, mostra-se bastante cara ao nosso trabalho, uma vez que, no que se refere à composição, os limites entre léxico e gramática são sempre fluidos, como os estudos acerca da criação lexical, esmiuçados no capítulo anterior, têm evidenciado e como a análise, a ser desenvolvida no capítulo seguinte, confirmará.

Além da não-modularidade, a LC, de modo geral, sustenta também a *visão enciclopédica do significado*, em oposição à visão dicionarística.

Perspectivas teóricas modularistas, como o gerativismo, defendem a separação entre o conhecimento linguístico e outros tipos de conhecimento do mundo, concepção essa que, como vimos, a LC refuta. Nesse sentido, nas teorias modulares, o que se chama Semântica Lexical seria o conhecimento da palavra “em si”, ou seja, do significado essencial de uma palavra, que não se relacionaria ao conhecimento do mundo e dos usos dessa palavra em contextos diversos. Assim, o fato de alguém saber o significado da

⁵⁸ A bem da verdade, as inevitáveis relações entre os níveis da gramática e entre esta e o léxico sempre estiveram presentes em estudos de vieses estruturalista e gerativista. Basta lembrar, para tanto, as concepções saussurianas sobre a morfologia e a importância da analogia no âmbito do sistema linguístico, já aludidas no capítulo anterior (cf. seção 2.4). Mesmo entre os gerativistas, a integração gramática e léxico tem sido tema de interessantes estudos, como os desenvolvidos pela chamada Morfologia Distribuída (HALLE & MARANTZ, 1993), que se propõe a explicar os fatos morfolexicais por meio do seu espelhamento a processos sintáticos. A diferença epistemológica, contudo, entre as abordagens da Morfologia Distribuída e da Linguística Cognitiva é que a primeira adota a perspectiva modular do gerativismo e a centralidade do módulo sintático para explicar os fatos morfolexicais, ao passo que a segunda rompe com a modularidade e encara os fatos da língua, em todos os seus níveis, como processos cognitivos gerais. Não há, portanto, na LC, qualquer prevalência da sintaxe.

⁵⁹ Tradução livre do original: “The distinction between word and phrase is certainly a valid one, in general. Nevertheless, essentially the same kinds of operations are involved in the assembly of smaller components into internally complex expressions, whether the complex expressions be words or phrases. Morphology and syntax therefore represent two aspects of the more general phenomenon of syntagmatic combination.” (TAYLOR, 2003, p. 30).

palavra *caderno*, por exemplo, para os modularistas, evidencia conhecimento lexical, e o fato de saber onde comprar um caderno evidencia conhecimento de outra natureza, pragmático, externo à linguagem propriamente dita, que não faz parte do conhecimento lexical. Nessa perspectiva, o conhecimento lexical seria de natureza dicionarística, uma vez que traços de significado são associados às palavras e memorizados pelo falante, numa estrutura que lembra a de um dicionário.

Partindo, contudo, da ideia de que o significado é uma “construção mental, em um movimento contínuo de categorização e recategorização do mundo, a partir da interação de estruturas cognitivas e modelos compartilhados de crenças socioculturais” (FERRARI, 2014, p. 15), a LC rompe com a distinção entre Semântica e Pragmática, pois o conhecimento do significado de uma palavra (Semântica) jamais se poderá desvincular dos usos históricos, culturais, sociais e contextuais dessa palavra (Pragmática).

Na perspectiva da LC, essa separação rígida entre conhecimento lexical e conhecimento de mundo apresenta uma série de problemas. Em primeiro lugar, o modelo de dicionário assume que as palavras têm uma semântica relacionada ao aspecto “essencial” do significado, distinto dos aspectos “não essenciais”. A LC discorda dessa premissa. (FERRARI, 2014, p. 16).

Ferrari, na obra citada acima (2014, p. 16-17) oferece-nos o exemplo das palavras *panela* e *caçarola*, ambas denotando utensílios culinários cilíndricos com tampa e cabo. Argumenta a autora que, a despeito do significado-base ser o mesmo, ambas apresentam diferenças em função do dialeto (em alguns locais, a palavra *caçarola* é empregada apenas para panelas com alças), das funções (*caçarolas* normalmente associam-se ao preparo de sopas e caldos) e da distribuição linguística (diz-se *chá de panela* e não *chá de caçarola*; faz-se *caçarola de legumes* e não *panela de legumes* etc.). Diante de tudo isso, o questionamento da LC é bastante pertinente: qual é a base, afinal, para se decidir que uma determinada informação é ou não essencial para o significado de uma palavra? (FERRARI, 2014, p. 17). Como desvincular conhecimento semântico de conhecimento pragmático? Quem hoje, no Brasil, não associaria, por exemplo, a palavra *panela* a determinados protestos movidos contra as ações governamentais? Como é possível que todo esse conhecimento de mundo fique fora do significado atribuído a uma palavra?

Em virtude disso, a LC busca mostrar que o significado de uma palavra é sempre contextual, pois o contexto orienta o significado, e as palavras só podem ser interpretadas em relação a esquematizações de experiências reais em *frames* e a domínios complexos de experiências (FILLMORE, 1975, 1977, 1982; LANGACKER, 1987, 1991, 2008). Para a LC, em suma, o significado não é dicionarístico, mas enciclopédico: a uma palavra

como *maçã*, por exemplo associam-se, em escalas diferentes de centralidade e generalidade, informações sobre (I) sua forma; (II) sua cor; (III) seu sabor; (IV) sua representação cultural no Ocidente como a “fruta do pecado”, oferecida pelo Diabo a Adão e Eva no Jardim do Éden, e, por extensão metafórica, (V) “fruta do desejo sexual”; (VI) sua representação como instrumento de morte no universo infantil do clássico conto de fadas *A Branca de Neve*, dos Irmãos Grimm; até informações mais particulares, como (VI) conexões afetivo-sentimentais que envolvem maçãs na experiência individual de cada um etc. Tudo isso está envolvido no conhecimento da palavra *maçã*.

A visão enciclopédica assume que os significados convencionalmente associados às palavras são abstrações a partir de uma vasta gama de contextos de uso associados a um dado item lexical. (...) O significado convencional representa uma idealização baseada no sentido prototípico emergente do uso contextualizado das palavras. O significado associado às palavras sempre envolve o significado pragmático. O significado convencional é, na verdade, uma afirmação desse significado prototípico a partir de várias interpretações situadas pragmaticamente. Portanto, o significado pragmático é considerado *real*, e o significado convencional é visto como abstração. (FERRARI, 2014, p. 17-18).

Finalmente, antes de abordarmos conceitos específicos desenvolvidos por alguns autores, é necessário que explicitemos ainda outra ideia-geral sustentadora do edifício da LC: o *realismo experiencialista*.

Acima foi dito que, na concepção da LC, não há relação direta e unívoca entre a linguagem e a realidade, pois o significado emerge de complexa elaboração cognitiva das experiências humanas no mundo. É a isso que se dá o nome de realismo experiencialista, o que explica também por que *a Semântica Cognitiva coloca em posição de centralidade, na experiência humana, o corpo*, numa metodologia de investigação do mental a partir do corporal, integrando mente, corpo e realidade, como sintetizado por Ferrari (2014, p. 21) nos seguintes dizeres: “(...) a experiência, a cognição e a realidade são concebidas a partir de uma ancoragem corporal”.

Afirmar que a cognição enraíza-se no corpo não quer dizer, obviamente, que a LC acredite não existir realidade externa a ele. Contudo, é inegável que o acesso a ela só pode se dar por meio do corpo. O espectro de cores e sons que um ser humano pode apreender, por exemplo, é limitado pelas capacidades de seus sistemas foto-senso-receptores. Noções básicas como “equilíbrio”, “contêiner” etc., longe de serem meras abstrações, derivam de nossa experiência corporal mais direta (JOHNSON, 1987). Discrepâncias categoriais observadas há muito entre as línguas, como a diferença, no inglês, entre “pig” (porco-animal) e “pork” (porco-alimento), inexistente em português, constituem materialização linguística de processos cognitivos de estruturação das experiências

corporais humanas: a sensível transformação do animal vivo em alimento, percebida pelos sentidos corporais, “marcou” a experiência de determinados grupos humanos, plasmando, na realidade apreensível de algumas línguas, uma diferença categorial, fruto de elaboração cognitiva dessa experiência.

Diante disso, Jackendoff (1983) cunhou o termo, hoje já célebre na área, *realidade projetada*: a mente representa a realidade, ou seja, projeta-se sobre a realidade, por meio dos sistemas perceptuais e conceptuais do corpo.

Assim, embora reconhecendo a existência da realidade externa, o realismo experiencialista estabelece que dada a forma e configuração de nossos corpos e cérebros, estabelecemos necessariamente uma perspectiva particular entre várias perspectivas possíveis e igualmente viáveis em relação ao mundo. (FERRARI, 2014, p. 22).

Após a apresentação dos pilares estruturais do edifício cognitivista, tencionamos, nos próximos subitens, discutir rapidamente algumas ideias específicas trazidas a lume por célebres autores da LC que, em conjunto, ajudar-nos-ão a analisar, com maior propriedade, o fenômeno da composição.

3.2. Frames, Domínios Cognitivos, Metáforas e Metonímias

O conceito evocado pela palavra inglesa *frame*, hoje comum nos estudos linguísticos de viés cognitivista, foi desenvolvido primeiramente por Charles Fillmore, numa série de estudos sobre o significado de palavras e estruturas gramaticais (1975; 1977; 1982; 1985).

A chamada *Semântica de Frames* ancora-se na concepção, apresentada no subitem anterior, de que o significado não se encontra “dentro” das palavras, em forma de traços semânticos, mas sim é um constructo mental, organizado a partir de experiências humanas reais, ou seja, é uma forma de esquematizar, em estruturas de conhecimento armazenadas na memória, cenas, experiências e vivências do humano sobre a Terra (EVANS & GREEN, 2006).

Nas palavras de Fillmore:

Pelo termo “frame”, tenho em mente qualquer sistema de conceitos relacionados de tal modo que, para entender qualquer um deles, deve-se entender toda a estrutura na qual ele se encaixa. (...) Entendo a palavra “frame”, usada aqui, como um termo geral que cobre uma série de conceitos conhecidos na literatura acerca do significado nas línguas naturais, como “esquema”,

“script”, “cenário”, “estrutura ideacional”, “modelo cognitivo”, ou “folk theory.”⁶⁰. (FILLMORE, 1982, p. 111).

Segundo Ferrari,

(...) basicamente, o significado das palavras é subordinado a *frames*. Assim, a interpretação de uma determinada palavra, ou de um conjunto de palavras, requer o acesso a estruturas de conhecimento que relacionam elementos e entidades associados a cenas da experiência humana, considerando-se as bases físicas e culturais dessa experiência. (FERRARI, 2014, p. 50).

Não se pode conceber, portanto, o significado de qualquer palavra como algo desvinculado de seus usos contextuais. Apesar de formados por elementos prototípicos, compartilhados, de modo geral, pelos membros de uma comunidade de fala, os *frames* apresentam, também, caráter fortemente imaginativo e mutável, não sendo jamais conjuntos fechados, mas sempre abertos a mudanças culturais, históricas, sociais e mesmo a experiências individuais (KÖVECSES, 2006).

Nesse sentido, vale lembrar as clássicas considerações de Fillmore (1982, p. 118) a respeito da palavra *café-da-manhã* e de todos os conceitos, cenas e experiências por ela evocadas:

Entender essa palavra é entender a prática, em nossa cultura, de termos três refeições ao dia, em horários mais ou menos convencionalmente estáveis, e (entender) que uma dessas refeições é a que é desfrutada logo cedo, após um período de sono, que consiste em um menu algo único (os detalhes desse menu variam de comunidade para comunidade).⁶¹ (FILLMORE, 1982, p. 118).

Essa perspectiva de encarar o significado lexical difere muito, como é facilmente perceptível, da ideia de um significado dicionarístico, sob a forma de traços semânticos inerentes à unidade léxica, como defendido pelas teorias formalistas. Uma palavra, pois, só pode ser definida em seu significado em função do *frame* por ela evocado.

Ainda sobre os *frames*, é importante lembrar que diferentes palavras podem destacar aspectos diferentes de um mesmo *frame*. Nesse sentido, recorreremos novamente ao estudo de Fillmore (1982, 116-117), que analisa também a semântica dos verbos *comprar*, *vender*, *pagar*, *custar*, *cobrar*. Todos esses verbos associam-se à esquematização imagética de uma cena conhecida da experiência humana: *evento*

⁶⁰ Tradução livre do original: “By the term ‘frame’ I have in mind any system of concepts related in such a way that to understand any one of them you have to understand the whole structure in which it fits (...). I intend the word ‘frame’ as used here to be a general cover term for the set of concepts variously known, in the literature on natural language understanding, as ‘schema’, ‘script’, ‘scenario’, ‘ideational scaffolding’, or ‘folk theory’.” (FILLMORE, 1982, p. 111).

⁶¹ Tradução livre do original: “To understand this word is to understand the practice in our culture of having three meals a day, at more or less conventionally established times of the day, and for one of these meals to be the one which is eaten early in the day, after a period of sleep, and for it to consist of a somewhat unique menu (the details of which can vary from community to community).” (FILLMORE, 1982, p. 118).

comercial. No entanto, cada verbo representa um “pedaço” dessa cena, uma perspectiva ou destaque diferente sob a qual a cena pode ser observada.

Assim, os verbos citados acima destacam (ou, num termo que ficou marcado na LC, *perfilam*) diferentes momentos do evento comercial: *comprar* coloca em evidência os elementos “comprador” e “mercadoria”, deixando em segundo plano os elementos “vendedor” e “valor”; *vender* destaca o “vendedor” e a “mercadoria”, deixando, em obscuridade, os outros elementos e assim sucessivamente.

Associado à noção de *frames*, Langacker (1987; 1990; 2008) desenvolve o conceito de *domínios cognitivos*. Essencialmente, os domínios langackerianos nada mais são que expansão do conceito fillmoreano de *frames*, desenvolvendo algumas ideias que, em Fillmore, encontravam-se apenas latentes. Nas palavras de Langacker:

O significado linguístico envolve tanto o conteúdo conceptual quanto a interpretação imposta a esse conteúdo. O termo **domínio** é adotado na Gramática Cognitiva para que tenhamos um meio uniforme de nos referirmos a esse conteúdo conceptual. Uma expressão invoca uma série de domínios cognitivos que compõem a base de seu significado⁶². (LANGACKER, 2008, p. 44).

Como se vê, a conceptualização proposta por Langacker é bastante ampla e abrangente. Sob a nomenclatura “domínio”, o autor entende nada menos que todo o conteúdo conceptual evocado por uma unidade linguística, haja vista a necessidade de uniformizar as referências teóricas a esse conteúdo mentalmente estruturado. Mais adiante, sintetiza as ideias ao afirmar que domínio pode ser: “qualquer tipo de concepção ou experiência mental”⁶³ (LANGACKER, 2008, p. 50).

Ainda que Fillmore admita que o significado de uma palavra ou expressão possa ancorar-se, de maneira complexa, em mais de um *frame*, Langacker argumenta que, em verdade, essa é a estrutura padrão, uma vez que cada palavra, por mais simples que seja, invoca sempre uma série de domínios cognitivos, os quais, a seu turno, compõem-se, enciclopedicamente, de quaisquer conceitos, experiências individuais, experiências perceptuais etc.

Para ilustrar essa ideia, o autor oferece-nos o exemplo da unidade lexical “água”. Entre os domínios evocados neste caso, temos: ESPAÇO (a água ocupa determinados

⁶² Tradução livre do original: “Linguistic meaning involves both conceptual content and the construal imposed on that content. To have a uniform way of referring to content, the term **domain** is adopted in GC. An expression is said to invoke a set of cognitive domains as the basis for its meaning.”. (LANGACKER, 2008, p. 44).

⁶³ Tradução livre do original: “any kind of conception or mental experience”. (LANGACKER, 2008, p. 50).

espaços), UMIDADE, LÍQUIDO, CONTÊINER (água preenche copos, jarras, buracos etc.), VOLUME, BEBER, VIDA etc. (LANGACKER, 2008, p. 44).

Entre os domínios evocados por uma unidade linguística, Langacker diferencia entre os que são básicos (não redutíveis) e os não-básicos (redutíveis).

Obviamente, muitas concepções incorporam outras ou são, em algum sentido, redutíveis a noções mais fundamentais. Os domínios em que isso não ocorre são chamados **básicos**. Um domínio básico é, portanto, cognitivamente irreduzível, não derivável e não analisável em outras concepções. Embora eu não possa fornecer um inventário definitivo, alguns exemplos primordiais são espaço, tempo e as classes de experiência não analisáveis associadas aos variados sentidos: espectro de cores (a variedade de cores que somos capazes de abarcar), frequências auditivas (a variedade de frequências auditivas que somos capazes de apreender), temperatura, paladar, odor, entre outros. Em si mesmos, domínios básicos não são conceitos ou conceptualizações. Eles podem ser melhor compreendidos como reinos de experiência em potencial, no âmbito dos quais conceptualizações podem ocorrer e conceitos específicos podem emergir⁶⁴. (LANGACKER, 2008, p. 44-45).

Desse modo, o espectro de cores perceptíveis pelo sistema fotorreceptor humano não é o mesmo que qualquer experiência com essas cores em algum evento particular e, por esse motivo, pode ser entendido como domínio básico.

A maioria dos domínios, afirma ainda o autor, contudo, são não-básicos, pois

Qualquer tipo de conceptualização conta como domínio não-básico capaz de ser explorado para propósitos semânticos. São abarcadas sob esse termo concepções várias, sejam elas sensoriais ou intelectuais, estáticas ou dinâmicas, fixas ou inovadoras, simples ou complexas. Incluídas no rol dos domínios não-básicos estão as instâncias de experiências sensoriais, emotivas e motor-cinéticas imediatas (ex.: a sensação de umidade, de ter medo ou de explodir um balão), bem como os produtos abstratos de operações intelectuais (ex.: conceitos como JUSTIÇA, VERTEBRADOS e MÉDIA DE REBATIDAS [no beisebol]). Incluem-se no grupo dos domínios não-básicos, ainda, concepções manifestadas instantaneamente no nível consciente (ex.: a imagem de um círculo), bem como cenários elaborados apenas conceptualizáveis passo a passo, ao longo do tempo (ex.: os sucessivos passos de uma receita complicada). Não há o requisito de que um domínio não-básico seja fixo, estável ou convencional⁶⁵. (LANGACKER, 2008, p. 45).

⁶⁴ Tradução livre do original: “Obviously, many conceptions incorporate others or are in some sense reducible to more fundamental notions. Domains for which this is not the case are said to be **basic**. A basic domain is therefore cognitively irreducible, neither derivable from nor analyzable into other conceptions. Though I cannot give a definite inventory, some prime examples are space, time, and the ranges of unanalyzed experience associated with the various senses: color space (the range of colors we are capable of experiencing), pitch (the range of pitches we can perceive), temperature, taste and smell, and so on. In and of themselves, basic domains are not concepts or conceptualizations. They are better thought of as realms of experiential potential, within which conceptualization can occur and specific concepts can emerge.” (LANGACKER, 2008, p. 44-45).

⁶⁵ Tradução livre do original: “Any kind of conceptualization counts as a nonbasic domain capable of being exploited for semantic purposes. Conceptions fall under this rubric whether they are sensory or intellectual, static or dynamic, fixed or novel, simple or complex. Included as nonbasic domains are instances of immediate sensory, emotive, and motor/kinesthetic experience (e.g. the sensation of wetness, of being afraid, or of blowing up a balloon), as well as the abstracted products of intellectual operations (e.g. concepts like JUSTICE, VERTEBRATE, and BATTING AVERAGE). Also included are conceptions manifested instantaneously at the level of conscious awareness (e.g. the image of a circle), as well as

Os domínios evocados por qualquer unidade linguística, segundo Langacker, são denominados, em conjunto, *matriz* (*matrix*). Afirma ainda que “(...) não há restrições impostas sobre como os domínios da matriz relacionam-se uns com os outros”⁶⁶ (LANGACKER, 2008, p. 51).

Apesar de não haver, de acordo com o autor, restrições quanto ao modo de relacionamento dos domínios dentro da matriz, Langacker argumenta que, na maioria das vezes, os domínios podem ser agrupados hierarquicamente, encontrando-se os mais gerais na sustentação da matriz. Nesse sentido, é conhecido o exemplo, dado por ele, da palavra *elbow* (cotovelo):

Considere uma palavra como *elbow* (cotovelo). Claramente, um domínio que ela seleciona – central em sua matriz – é a concepção de corpo humano. Mas também é claro que cotovelo não é caracterizado diretamente em relação ao corpo humano, de modo indiscriminado. Um corpo é composto por partes, incluindo os braços, e o cotovelo é primeiramente e acima de tudo parte de um braço. Ao conceptualizar cotovelo, a concepção de braço em particular é mais diretamente relevante (“em cena”). Há uma hierarquia conceptual, de modo que CORPO figura diretamente em BRAÇO, que, a seu turno, figura diretamente em COTOVELO (...)⁶⁷. (LANGACKER, 2008, p. 63-64).

Representando, esquematicamente, o domínio-matriz dessa unidade lexical, segundo Langacker, temos:

elaborate scenarios that we can only conceptualize stage by stage through processing time (like the successive steps in a complicated recipe). There is no requirement that a nonbasic domain be fixed, established, or conventionally recognized.” (LANGACKER, 2008, p. 45).

⁶⁶ Tradução livre do original: “(...) no restrictions are imposed on how the domains of a matrix are related to one another”. (LANGACKER, 2008, p. 51).

⁶⁷ Tradução livre do original: “Consider a word like *elbow*. Clearly, one domain it selects – quite central in its matrix – is the conception of the human body. But it is equally clear that *elbow* is not characterized directly with respect to the human body as an undifferentiated whole. A body has major parts, including arms, and an elbow is first and foremost part of an arm. In conceptualizing an elbow, the conception of an arm in particular is most directly relevant (‘onstage’). There is a conceptual hierarchy, such that BODY figures directly in ARM, which in turn figures directly in ELBOW (...).” (LANGACKER, 2008, p. 63-64).

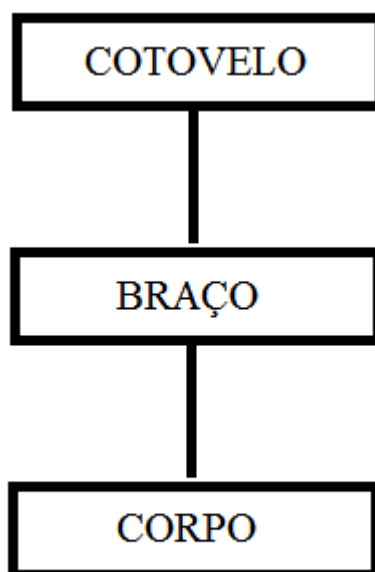


Imagem 2: Esquemática do domínio matriz de "cotovelo".

Como os domínios estão interligados, do mais geral ao mais específico, podemos também pensar, para além de CORPO, o domínio básico ESPAÇO, no qual se ancora a ideia de corpo enquanto objeto situado espacialmente.

Langacker explicita, ainda, uma ideia que, em Fillmore, encontrava-se implícita: os domínios podem ser concretos (derivam de nossa experiência corporal imediata) ou abstratos, sendo, os últimos, derivados dos primeiros. O conceito abstrato “saudades”, por exemplo, nos níveis mais baixos, pode envolver domínios mais concretos como CONTATO (ausência de contato), ESPAÇO (ausência no espaço), VISÃO (ausência no campo visual) etc.

A noção de domínios cognitivos tem-se mostrado essencial ao edifício teórico da LC, como veremos adiante, na compreensão de conceitos como *Espaços Mentais* e *Mesclagem Conceptual* desses espaços. Outros dois conceitos, caros à LC, que ganharam abordagem inovadora no âmbito dos estudos cognitivistas foram a metáfora e a metonímia, que podem ser melhor compreendidas tendo em vista a ideia de *domínios cognitivos*.

Desde a publicação, em 1980, do livro *Metaphors we live by*, de Lakoff & Johnson, a metáfora foi definitivamente retirada do pedestal dos estudos retórico-literários para a linguagem do cotidiano. Argumentam os autores que ela se encontra não apenas na linguagem, mas também na base de nosso pensamento e de nossa ação no mundo: “(...) a metáfora perpassa a vida cotidiana, não apenas na linguagem, mas (também) no pensamento e na ação. Nosso sistema conceptual comum, em termos do que

pensamos e agimos, é, por natureza, fundamentalmente metafórico.”⁶⁸ (LAKOFF & JOHNSON, 1980, p. 3). Pensamos, refletimos, entendemos, conceptualizamos o mundo de modo metafórico. A metáfora, portanto, não é apenas figura de linguagem esporadicamente utilizada para embelezar discursos, mas ancora-se na própria capacidade cognitiva do ser humano: eis o fundamento da chamada Teoria da Metáfora Conceptual (TMC).

A essência da metáfora é a compreensão e conceptualização de um domínio cognitivo de experiência em função, ou em termos, de outro: “A essência da metáfora é entender e experienciar um tipo de coisa em termos de outra”⁶⁹ (LAKOFF & JOHNSON, 1980, p. 5). Portanto, para cada metáfora, pode-se identificar um domínio-fonte, que se projeta sobre um domínio-alvo. Normalmente, o primeiro domínio (fonte) é de natureza concreta, envolvendo propriedade físicas e experiências concretas, e o segundo domínio tende a ser mais abstrato, como podemos ver nos três exemplos abaixo:

(I) TEMPO (domínio alvo – abstrato) É ESPAÇO (domínio fonte – mais concreto): Estamos *nos aproximando* da segunda-feira.

(II) TEMPO (domínio alvo – abstrato) É DINHEIRO (domínio fonte – mais concreto): *Gastei* meu tempo com inutilidades.

(III) DISCUSSÃO (domínio alvo – abstrato) É UM EDIFÍCIO (domínio fonte – mais concreto): Os argumentos dela *implodiram* os meus.

Kövecses (2002), em trabalho de sistematização das principais ideias acerca da metáfora desenvolvidas nos estudos cognitivistas, mapeou os domínios-fonte mais comuns que aparecem nas estruturas e sistemas metafóricos⁷⁰, ancorados, como se pode deduzir, pela experiência corporal do ser humano no mundo, que é conceptualizada em esquemas imagéticos⁷¹: CORPO HUMANO (*pulmão do mundo*), ANIMAL (*leão do*

⁶⁸ Tradução livre do original: “(...) metaphor is pervasive in everyday life, not just in language but thought and action. Our ordinary conceptual system, in terms of which we both think and act, is fundamentally metaphorical in nature.” (LAKOFF & JOHNSON, 1980, p. 3).

⁶⁹ Tradução livre do original: “The essence of metaphor is understanding and experiencing one kind of things in terms of another” (LAKOFF & JOHNSON, 1980, p. 5).

⁷⁰ Por sistemas metafóricos, entende-se uma estrutura cognitiva complexa, composta por uma série de metáforas que interagem simultaneamente para a construção e interpretação de uma metáfora mais geral. Por exemplo, a metáfora VIDA É VIAGEM, mapeada por Lakoff (1993), pressupõe uma constelação de metáforas menores, que ocorrem simultaneamente, tais como: ESTADOS SÃO LOCAIS (cheguei a um *beco sem saída*), MUDANÇA É MOVIMENTO (*fui dos trinta aos quarenta anos*), DIFICULDADES SÃO IMPEDIMENTOS AO MOVIMENTO (vários problemas *atravessaram* o meu caminho), entre outras.

⁷¹ Desde cedo, os autores da Teoria da Metáfora Conceptual (LAKOFF, 1987; 1990) perceberam que a experiência corporal, não apenas as dos indivíduos isoladamente, mas a mais humana e geral, constituía fonte privilegiada a partir da qual entendemos metaforicamente o abstrato. As experiências corporais, portanto, dado o seu impacto sobre a vida humana na Terra, são conceptualizadas em estruturas cognitivas universais e pré-linguísticas chamadas por eles “esquemas imagéticos” (*image schemas*). Por exemplo, para

imposto de renda), PLANTA (*raiz* do mal) e COMIDA (*digerir* o excesso de informações). Entre os domínios-alvo mais comuns, o linguista identifica EMOÇÃO, MORALIDADE, PENSAMENTO, RELAÇÕES HUMANAS e TEMPO, todos eles, pois, abstratos.

Podemos, então, dentro dessa perspectiva, entender a projeção metafórica interdomínios como recurso de cognição eminentemente analógico e criativo, que nos permite sondar o abstrato-desconhecido por analogia ao concreto-familiar. De fato, é difícil definir, por exemplo, o tempo e o seu transcurso (a própria ideia de transcurso do tempo já é entendê-lo metaforicamente, como agente que se desloca no espaço) sem buscarmos, em nossa experiência corporal genérica e universal, domínios/imagens mais concretos e conhecidos que possam ser as lentes com que olhamos para ele. Segundo entendemos, isso ajuda a explicar ainda a grande quantidade de compostos neológicos metafóricos que abundam em nosso *corpus* de análise (cf. capítulo 5). Como demonstrar a extrema (e esquisita) celeridade com que ocorrem eventos que, normalmente, demandariam mais tempo, se não estabelecêssemos criativo processo analógico entre a rapidez incomum da situação e a rapidez de um fenômeno natural como relâmpago, experienciado por todos, como em *sequestro-relâmpago*?

Nada define melhor a essencialidade criativa e analógica do pensamento metafórico no processo de cognição humana da realidade como as palavras de Lakoff & Johnson abaixo:

Entender nossas experiências em termos de objetos e substâncias permite-nos pinçar partes de nossa experiência e tratá-las como entidades discretas ou substâncias de tipo uniforme. Uma vez que podemos identificar nossas experiências enquanto entidades ou substâncias, podemos nos referir a elas, agrupá-las e quantificá-las e, por isso mesmo, racionalizá-las.⁷² (LAKOFF & JOHNSON, 1980, p. 55).

Lakoff e Turner (1989; 1990) acrescentaram às reflexões acima esboçadas um importante conceito sobre o qual faremos algumas considerações: a Hipótese da Invariância (*The Invariance Hypothesis*).

A partir dos estudos desenvolvidos sobre as metáforas conceptuais e sua interligação em sistemas metafóricos complexos, os autores perceberam que a projeção

entendermos o TEMPO, normalmente invocamos a imagem ALGO/ALGUÉM POSTO EM RELAÇÃO AO ESPAÇO: “estamos *chegando ao* mês de julho”.

⁷² Tradução livre do original: “Understanding our experiences in terms of objects and substances allows us to pick out parts of our experience and treat them as discrete entities or substances of a uniform kind. Once we can identify our experiences as entities or substances, we can refer to them, group them, and quantify them and, by this means, reason about them.” (LAKOFF & JOHNSON, 1980, p. 55).

interdomínios seguia sempre um padrão unidirecional, independentemente da complexidade das relações metafóricas: da fonte para o alvo, jamais o contrário. Além disso, verificou-se também que os sistemas metafóricos tendem à autopreservação, pois, do contrário, não poderiam servir de estruturas cognitivas imagéticas para o falante conceptualizar a realidade e interpretá-la. Em suma: sem a tendência à autopreservação, os sistemas metafóricos ruiam com sérios prejuízos ao riquíssimo universo de conceitos da experiência humana no mundo e impacto negativo direto sobre a linguagem. A essa tendência à autopreservação, Lakoff e Turner denominaram *Hipótese da Invariância*.

Em termos gerais, a hipótese por eles aventada descreve um princípio de invariância não apenas quanto à unidirecionalidade da projeção metafórica, mas também quanto à integridade do domínio-fonte, cuja estrutura imagética precisa ser preservada durante o processo. Para tanto, dizem eles, só podem ser projetadas do domínio-fonte as inferências metafóricas que não sejam incompatíveis com o domínio-alvo⁷³. Por essa razão, apesar de extremamente criativo, o processo metafórico não é ilimitado. Certamente, seria muito difícil encontrarmos, em alguma língua natural, uma metáfora como TRISTEZA É CALOR, uma vez que, neste caso, o domínio-fonte (calor), normalmente, é associado a esquemas imagéticos de “alegria”, “conforto”, “aconchego”; ao contrário, a tristeza é mais comumente entendida em termos de “frio”, “escuridão”, “vazio”.

A Hipótese da Invariância é um princípio geral que busca caracterizar a ampla gama de regularidades tanto em nosso sistema conceptual quanto no linguístico. Dado que todos os mapeamentos metafóricos são parciais, a Hipótese da Invariância afirma que a porção da estrutura do domínio-fonte que é mapeada preserva a topologia cognitiva (ainda que, é claro, nem toda a topologia cognitiva do domínio-fonte necessite ser mapeada). (LAKOFF, 1990, p. 39).⁷⁴

Semelhantemente à metáfora, nos estudos da LC, a metonímia também passa a ser encarada não como simples recurso retórico, mas como processo de cognição humana.

⁷³ Nas seções seguintes, veremos a mesma ideia aplicada aos princípios gerais da Teoria da Mesclagem Conceptual (Fauconnier & Turner, 2002; 2003): quando se trata de projeções entre domínios, nem todos os elementos que os compõem são projetados. No capítulo 5, esboçaremos algumas consequências dessa proposição para análise dos dados neológicos de que dispomos. Como se vê, os conceitos desenvolvidos pelos estudos cognitivistas, a cada avanço das teorias, são (re)aproveitados e (re)interpretados continuamente, associando-se entre si na tentativa de melhor compreensão dos fatos linguísticos. Por essa razão, ao tratar de algum assunto do ponto de vista da Linguística Cognitiva, é impossível não recorrer a várias fontes, aparentemente não relacionadas. Apenas aparentemente, contudo.

⁷⁴ Tradução livre de: “The Invariance Hypothesis is a proposed general principle intended to characterize a broad range of regularities in both our conceptual and linguistic systems. Given that all metaphorical mappings are partial, the Invariance Hypothesis claims that the portion of the source domain structure that is mapped preserves cognitive topology (though, of course, not all the cognitive topology of the source domain need be mapped).” (LAKOFF, 1990, p. 39).

Desse modo, a metonímia também pode ser entendida levando-se em conta os domínios cognitivos. Contudo, a diferença entre os dois fenômenos reside, basicamente, no fato de que, enquanto o processo metafórico envolve a projeção entre domínios diferentes, o metonímico envolve relações de contiguidade no interior de um mesmo domínio-matriz ou Modelo Cognitivo Idealizado⁷⁵ (LAKOFF & TURNER, 1989; CROFT & CRUSE, 2004). Isto equivale a dizer que a metonímia, de certo modo, coloca em evidência, em determinados contextos, diferentes aspectos desse domínio-matriz, ao passo que a metáfora, por sua vez, cumpre função predicativa ao utilizar elementos de um domínio para definir/caracterizar outro.

Comparemos, apenas a título de ilustração, duas sentenças diferentes: “hoje acordei me sentindo para baixo” e “adoro ler Clarice Lispector”. Na primeira, há evidência de metáfora, uma vez que o domínio SENTIMENTO é compreendido em termos do domínio ORIENTAÇÃO ESPACIAL para onde se projeta: SENTIMENTO É ESPAÇO. Já na segunda, por sua vez, há evidência de processo metonímico, pois a autora Clarice Lispector toma o lugar de sua obra, mas tanto a autora quanto a obra integram um mesmo domínio-matriz.

Apesar de facilmente discriminadas na teoria, não raro, numa única estrutura cognitiva, podem ser encontradas metáforas e metonímias ocorrendo ao mesmo tempo e se interpenetrando. A clara delimitação prática entre os dois processos, portanto, durante a análise do significado das estruturas linguísticas reais, quase nunca é totalmente possível. Isso tem levado os estudiosos (GOOSSENS, 1990; EVANS 2010; BARNDEN, 2010, entre outros) a entenderem esses dois conceitos não de forma absoluta, mas como polos de um *continuum*. Para isso, foi cunhado o termo *metaftonímia*, cruzamento vocabular que busca materializar a intrínseca relação entre a metáfora e a metonímia.

De fato, se retomarmos o exemplo da composição não neológica *sequestro-relâmpago* mencionada acima, veremos que, se há metáfora evidente no segundo elemento, pode-se observar também um processo metonímico subjacente. Para que fosse

⁷⁵ O conceito de *Modelo Cognitivo Idealizado* (MCI) foi desenvolvido por Lakoff (1987) numa tentativa de aproximar os estudos sobre a categorização por protótipos (ROSCH, 1973; 1975; 1976; 1978) e a *Semântica de Frames* (FILLMORE, 1982). Como o próprio nome evoca, um MCI é uma estrutura de conhecimento gestáltica abstraída diretamente do meio cultural e formada por um complexo de *frames*, *esquemas imagéticos* e projeções metafóricas e metonímicas. Os MCIs promovem efeitos de prototipicidade e podem adequar-se ao mundo real em diferentes graus. Se nos lembrarmos, por exemplo, do lobo (LAKOFF & TURNER, 1989, p. 66), o modelo cultural que nos vem à consciência é o da fera indócil que está sempre pronta a nos devorar. Contudo, ao compararmos esse modelo idealizado com a realidade apontada pela Zoologia, veremos que o lobo, na verdade, evita o humano sempre que pode. Portanto, o MCI de lobo se encaixa mal aos dados da realidade.

projetado, do domínio FENÔMENO NATURAL, o elemento “relâmpago”, foi necessário que um de seus atributos – “rapidez” – fosse alçado ao primeiro plano do significado, numa relação metonímica de contiguidade PROPRIEDADE POR CATEGORIA. Nesse sentido, consideramos a construção semântica de *sequestro-relâmpago* um ilustrativo da *metaftonímia*.

Obviamente, muito ainda poderia ser dito sobre metáforas e metonímias, uma vez que estes têm sido os conceitos mais estudados sob o viés da LC. Contudo, como nosso estudo não os elegeu objeto imediato de análise (ainda que desempenhem importante papel), cremos que a discussão sustentada acima seja suficiente para se entender o que, para o tratamento do significado das composições neológicas, é suficiente: (I) metáforas são projeções de domínios concretos sobre os abstratos, no intuito de compreender, racionalizar e conceptualizar esses últimos, (II) metonímias são relações de contiguidade no âmbito de um único domínio-matriz ou Modelo Cognitivo Idealizado; e (III) normalmente elas ocorrem simultaneamente, numa mesma estrutura cognitiva (*metaftonímia*).

A seguir, trataremos de dois conceitos essenciais à análise das unidades léxicas neológicas compostas que desenvolveremos no capítulo quinto: *Espaços Mentais* e *Mesclagem Conceptual*.

3.3. A Teoria dos Espaços Mentais e a Mesclagem Conceptual (*Blending*)

Desenvolvida por Gilles Fauconnier (1994, 1997), a Teoria dos Espaços Mentais propõe que, ao longo do desenvolvimento do discurso, espaços mentais são criados de modo a dar sentido ao que é dito. Tais espaços nada mais são que domínios conceptuais que permitem o fracionamento das informações, representando, de modo parcial, relações entre entidades em um espaço ou tempo lembrado ou imaginado.

Na definição de Fauconnier (1997, p. 11): “Espaços mentais (...) são estruturas parciais que proliferam quando pensamos e falamos, permitindo um fracionamento minucioso de nosso discurso e de nossas estruturas de conhecimento.”⁷⁶. É ainda Fauconnier quem nos ensina que

Os espaços mentais são agrupamentos bastante parciais, para ação e entendimento locais, construídos à medida em que pensamos e falamos. Eles

⁷⁶ Tradução livre do original: “Mental spaces (...) are partial structures that proliferate when we think and talk, allowing a fine-grained partitioning of our discourse and knowledge structures.” (FAUCCONNIER, 1997, p. 11).

contêm elementos e são estruturados por *frames* e modelos cognitivos. Espaços Mentais conectam-se ao conhecimento esquemático de longo prazo, tal como o *frame* para percorrer um caminho, e ao conhecimento específico de curto prazo, tal como a recordação de quando você escalou o Monte Rainier em 2001. (FAUCONNIER, 2007, p. 351).⁷⁷

Apesar de estreitamente relacionados ao conceito langackeriano de domínios cognitivos, os espaços mentais de Fauconnier não correspondem exatamente ao que se entende por domínios. Enquanto um domínio cognitivo abarca todo o conteúdo conceptual de uma unidade linguística, um espaço mental representa uma parte do domínio cognitivo, um espaço onde a informação pode ser fracionada. Além disso, o espaço mental tem curta duração, pois é construído ao longo do discurso, ao passo que o domínio cognitivo envolve *frames* e estruturas cognitivas mais gerais e mais estabilizadas:

Os termos *domínio* e *espaço mental* representam modos não equivalentes de entender as estruturas conceptuais, cada um refletindo certos aspectos analíticos. *Domínio* diz respeito a uma unidade de concepção e coerência interna. Como um modo de se referir ao conteúdo conceptual, ele tende a ser usado para concepções estabelecidas em relação a significados lexicais. Por sua vez, *espaço mental* enfatiza discontinuidades conceptuais, o fracionamento da estrutura conceptual em regiões semiautônomas. Ele tende a ser empregado para os produtos de operações imaginativas e as estruturas criadas dinamicamente no discurso. (LANGACKER, 2008, p. 51).⁷⁸

Um único espaço mental, nessa perspectiva, pode ser construído a partir de vários domínios diferentes. Fauconnier (2007, p. 352-353) dá-nos o seguinte exemplo: imaginemos um espaço mental no qual uma moça chamada Julie compra um café na cafeteria Peet. Esse espaço pode ser construído pelos domínios de *realizar uma transação comercial, fazer uma pausa do trabalho, ir a um lugar público para entretenimento, ou aderir a uma rotina diária*, entre outros, a depender da interpretação que se lhe dê ou do que se quer colocar em evidência.

Um conceito fundamental na Teoria dos Espaços Mentais é o de projeção entre espaços ou, na terminologia de Fauconnier, *Princípio de Acesso*: “o princípio afirma que

⁷⁷ Tradução livre do original: “Mental spaces are very partial assemblies constructed as we think and talk for purposes of local understanding and action. They contain elements and are structured by frames and cognitives models. Mental spaces are connected to long-term schematic knowledge, such as the frame for walking along a path, and to long-term specific knowledge, such as memory of the time you climbed Mount Rainier in 2001.” (FAUCONNIER, 2007, p. 351).

⁷⁸ Tradução livre do original: “The terms *domain* and *mental spaces* represent nonequivalent ways of viewing conceptual structure, each reflecting a certain range of analytical concerns. *Domain* focuses on a conception’s unity and internal coherence. As a way of referring to conceptual content, it tends to be used for established conceptions in relation to lexical meanings. By contrast, *mental space* emphasizes conceptual discontinuities, the partitioning of conceptual structure into semiautonomous regions. It tends to be employed for the products of imaginative operations and the structures created dynamically in discourse.” (LANGACKER, 2008, p. 51).

uma expressão que nomeia ou descreve um elemento em um espaço mental pode ser usada para acessar uma contraparte desse elemento em outro espaço mental.” (FAUCONNIER, 2007, p. 354). Adiante, Fauconnier (2007, p. 354) resume essa ideia na seguinte fórmula: “se dois elementos **a** e **b** estão ligados por um conector **F** [$b = F(a)$], então o elemento **b** pode ser usado para nomear, descrever ou apontar sua contraparte **a**.”.

Esquemáticamente, os espaços mentais organizam-se e projetam-se sempre a partir de um espaço-base (B), que representa o aqui e o agora, isto é, o momento da enunciação, o tempo presente.

Um pedaço de discurso começará com a base B. O espaço M_1 é, então, construído e subordina-se a B. Em seguida, surge o espaço M_{11} , subordinado a M_1 e assim por diante. Retornando à base B, podemos abrir um espaço M_2 , em seguida um M_{21} etc. Podemos retornar a B uma centena de vezes, abrindo espaços M_i , e espaços derivados M_{ij} , M_{ijk} , e assim por diante. (FAUCONNIER, 2007, p. 373).⁷⁹

Tomemos, como exemplo inicial, uma frase simples: “Talvez Marcos ame Roberta”. O verbo *amar* evoca uma estrutura cultural de conhecimento no qual dois papéis são desempenhados por duas pessoas diferentes: uma que ama e a outra que é amada. O advérbio *talvez* é o que Fauconnier denomina “*space builder*” (construtor de espaços), isto é, trata-se de uma expressão gramatical que abre um novo espaço além do espaço-base. No exemplo acima, temos, no espaço-base, dois elementos **a** e **b**, identificados com Marcos e Roberta, respectivamente. O construtor de espaços *talvez* abre o espaço mental virtual da possibilidade, materializado, linguisticamente, no português, pelo verbo *amar* no modo subjuntivo. Nesse novo espaço, **a** e **b** projetam as contrapartes **a'** e **b'** e a relação de amor entre eles. Tudo isso pode ser visualizado no diagrama abaixo:

⁷⁹ Tradução livre do original: “A piece of discourse will start with a base B. Space M_1 is then set up subordinate to B, then space M_{11} , subordinate to M_1 , and so on. Returning to the base B, one can open space M_2 , then M_{21} , etc., return to B a number of times, opening spaces M_i , and daughter spaces M_{ij} , M_{ijk} , and so on.”. (FAUCONNIER, 2007, p. 373).

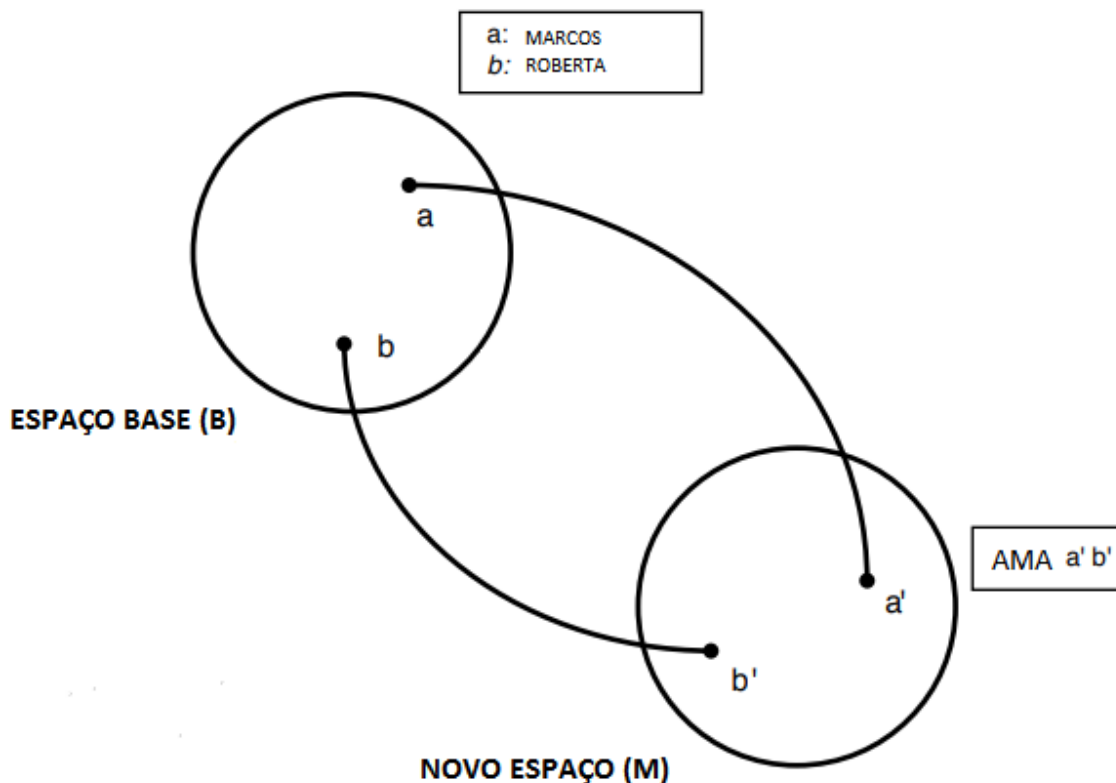


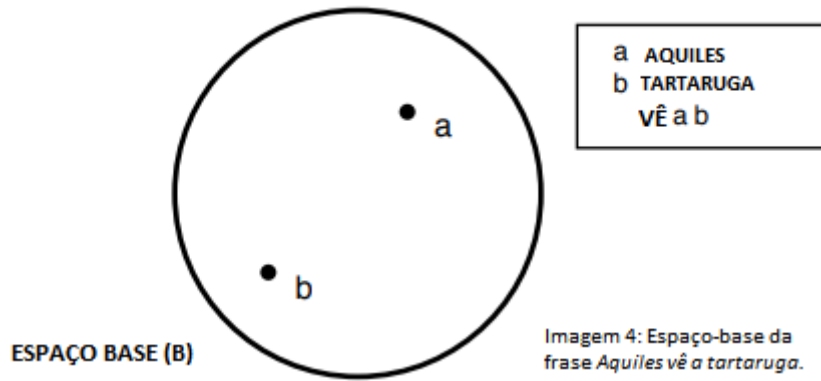
Imagem 3: Espaço Mental aberto pela frase: *Talvez Marcos ame Roberta.*

Em contextos mais complexos, como o que analisaremos abaixo, retirado de Fauconnier (2007, p. 357), “Aquiles e a tartaruga”, os espaços mentais projetam-se uns a partir dos outros, derivando-se uns dos outros em uma teia intrincada de relações. Observemos:

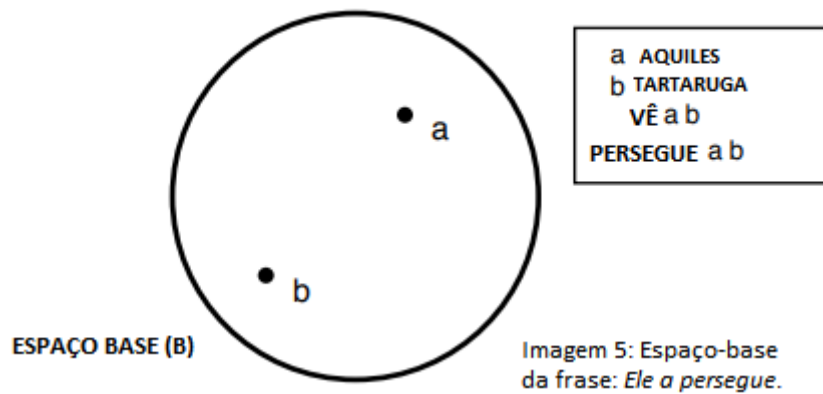
Aquiles vê uma tartaruga. Ele a persegue. Ele acha que a tartaruga é lenta e que ele a pegará. Mas ela é rápida. Se a tartaruga fosse lenta, Aquiles a teria pegado. Talvez a tartaruga seja, na verdade, uma lebre⁸⁰.

Na primeira frase, “Aquiles vê uma tartaruga”, temos os elementos **a** e **b** identificados como “Aquiles” e a “tartaruga”, respectivamente. O *frame* evocado é “**a** VÊ **b**”. O tempo presente do verbo indica que a ação ocorre no espaço-base, o espaço da enunciação.

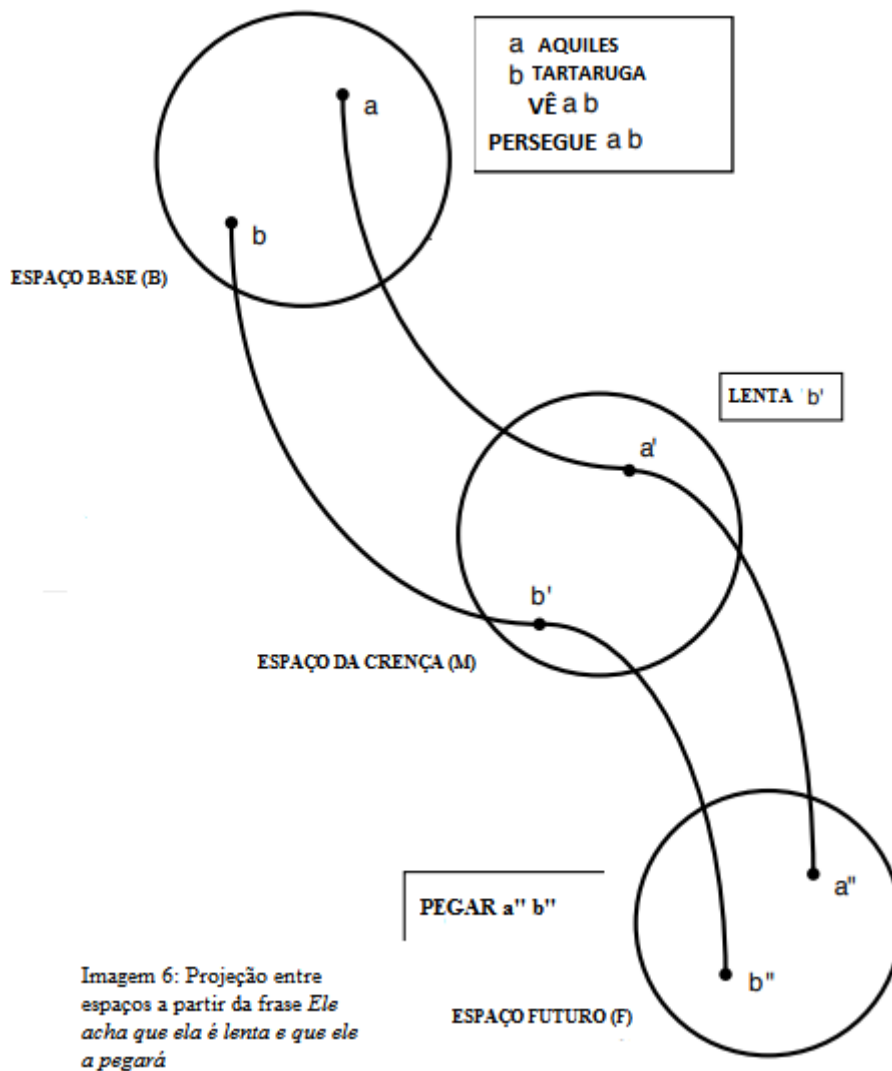
⁸⁰ Tradução livre do exemplo, retirado de Fauconnier (2007, p. 357): “Achilles sees a tortoise. He chases it. He thinks that the tortoise is slow and that he will catch it. But it is fast. If the tortoise had been slow, Achilles would have caught it. Maybe the tortoise is really a hare.”.



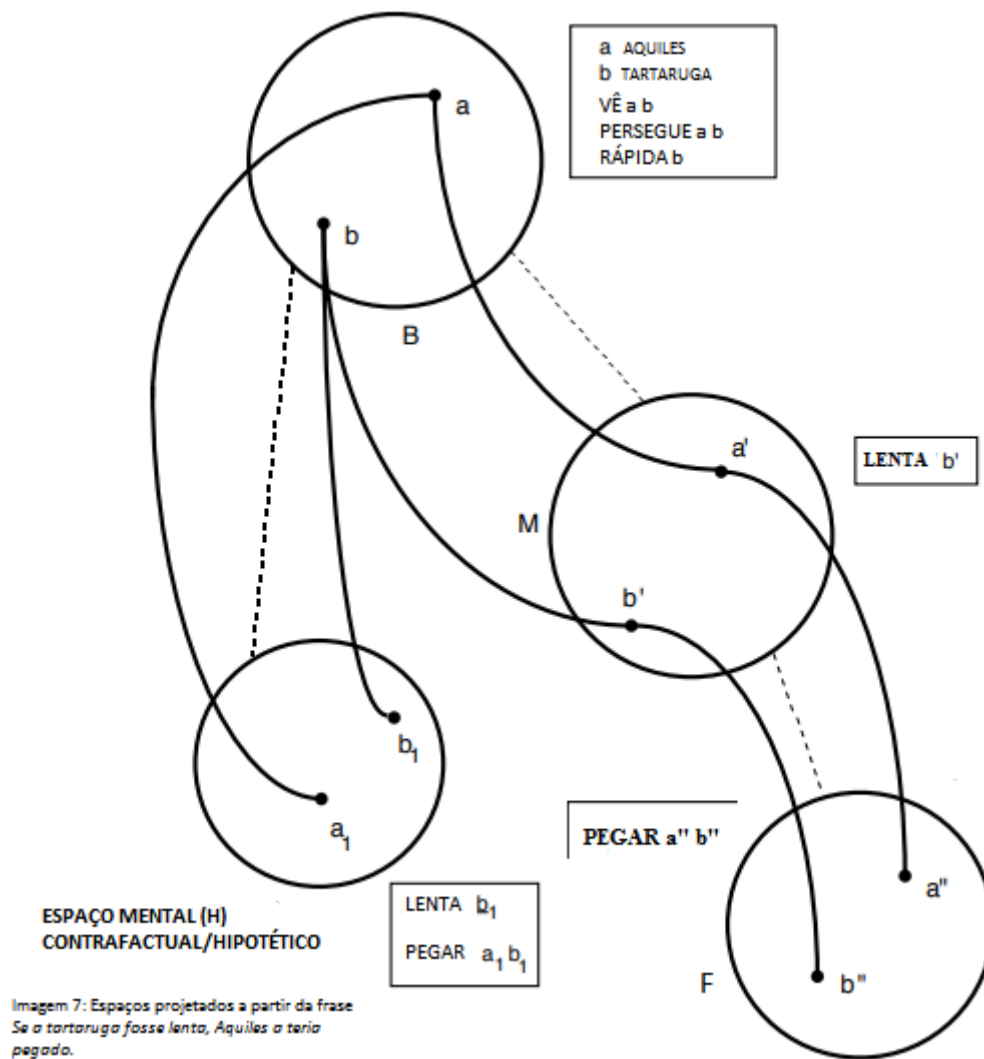
A segunda frase, “ele a persegue”, não projeta novo espaço, tão só acrescenta mais elementos ao espaço base. Agora, além de ver, Aquiles também persegue a tartaruga.



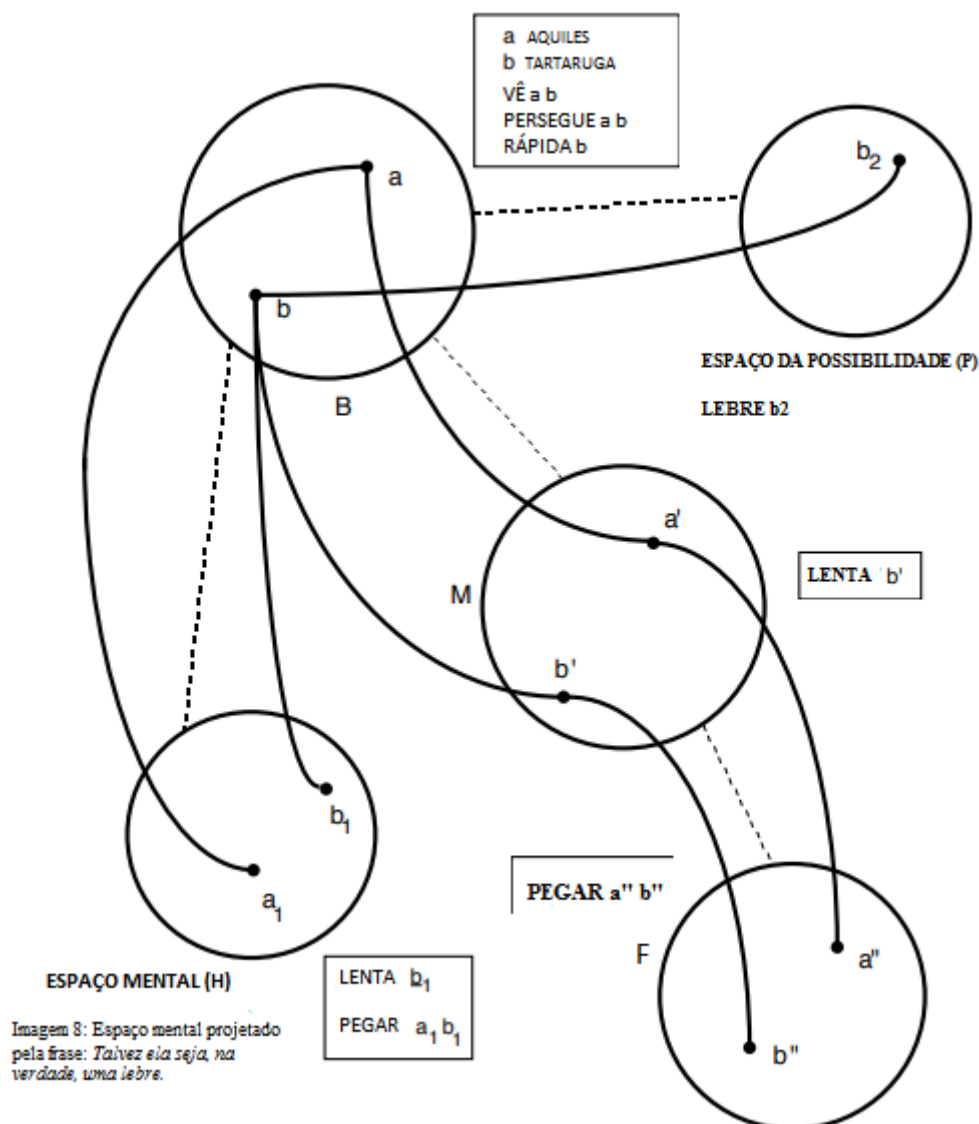
Já na terceira frase, “Ele acha que a tartaruga é lenta e que ele a pegará”, temos um construtor de espaços (*ele acha*), que abre um novo espaço mental (M), fracionando as crenças de Aquiles: *a tartaruga é lenta e, portanto, ele a pegará*. Há, aqui, também, um terceiro espaço aberto (F) pelo tempo futuro do verbo *pegar*, que, a seu turno, fraciona ainda mais as crenças de Aquiles. O tempo presente mantém-se nos espaços B e M. O espaço F, porém, representa uma situação futura em relação a M e B.



A quarta frase, “Mas ela é rápida”, leva-nos de volta ao espaço-base, acrescentando, nele, mais um elemento: RÁPIDA. A quinta frase, “Se a tartaruga fosse lenta, Aquiles a teria pegado”, acrescenta um novo espaço mental contrafactual, isto é, trata-se de uma hipótese (H) em relação aos fatos apresentados pelo espaço-base (B), no qual o elemento b_1 é identificado como lento e é pego pelo elemento a_1 .



Finalmente, na última frase, “Talvez ela seja, na verdade, uma lebre”, o construtor de espaços *talvez* inaugura um novo espaço mental de possibilidade (P), no qual a contraparte de b , b_2 , é, na verdade, uma lebre.



Acima verificou-se que as mudanças de tempos verbais da narrativa inauguram novos espaços mentais, a partir do espaço construído previamente. Cutrer (1994), nesse sentido, advoga a ideia de que a principal função dos tempos e modos verbais nas línguas naturais é justamente estabelecer ordenações entre espaços mentais.

Obviamente, o estudo minucioso dos tempos verbais em relação com a Teoria dos Espaços Mentais extrapola os objetivos imediatos deste estudo, razão por que nos deteremos neste ponto para apresentar, a seguir, a Teoria da Mesclagem Conceptual ou *Blending* (FAUCONNIER & TURNER, 2003), derivada diretamente dos estudos sobre os espaços mentais.

Entendem os autores que a Mesclagem Conceptual (no original inglês *Blending*) é

(...) uma operação mental básica que conduz a um novo significado, a uma visão global e a compressões conceptuais úteis à memória e à manipulação de faixas de significado que, de outro modo, seriam difusas. Ela desempenha um papel fundamental na construção do significado na vida cotidiana, nas artes e nas ciências e, especialmente nas ciências sociais e comportamentais.⁸¹ (FAUCONNIER & TURNER, 2003, p. 57).

Basicamente, a operação mental a que Fauconnier & Turner denominam *Blending* consiste em

(...) construir uma correspondência parcial entre dois espaços mentais *input* e projetar, seletivamente, elementos desses *inputs* em um novo espaço mental “*mescla*”, que, então, de modo dinâmico, desenvolve estruturas emergentes.⁸² (FAUCONNIER & TURNER, 2003, p. 58).

Gostaríamos de chamar a atenção para o fato de que, na Teoria do *Blending*, os elementos constantes nos dois espaços *inputs* são projetados seletivamente, isto é, nem todos os elementos dos *inputs* acabam por ser projetados. Os autores citam ainda o *espaço-mescla*, onde se constrói efetivamente o significado e onde são desenvolvidas estruturas emergentes, que podem ser compreendidas, por sua vez, como os produtos finais de todo o processo, ou os *blends*, que se caracterizam por ser algo completamente novo. Além dos dois espaços *input* e do *espaço-mescla*, os autores mencionam ainda um quarto espaço, opcional, chamado “*genérico*”, cuja função é conectar os dois *inputs*, evidenciando o que de mais geral compartilham. Importa ressaltar, dizem-nos Fauconnier & Turner, que a Mesclagem Conceptual é mecanismo tão importante que se encontra na raiz mesmo da capacidade humana de pensamento e linguagem, sendo a língua, de acordo com esse conceito, nada mais que a materialização formal de intrincados esquemas de mesclagem (p. 58).

Graficamente, podemos representar o modelo de Mesclagem Conceptual com quatro espaços da seguinte forma:

⁸¹ Tradução livre do original: “(...) a basic mental operation that leads to new meaning, global insight, and conceptual compressions useful for memory and manipulation of otherwise diffuse ranges of meaning. It plays a fundamental role in the construction of meaning in everyday life, in the arts and sciences, and especially in the social and behavioral sciences.” (FAUCONNIER & TURNER, 2003, p. 57).

⁸² Tradução livre do original: “(...) to construct a partial match between two input mental spaces, to project selectively from those inputs into a novel ‘blended’ mental space, which then dynamically develops emergent structure.” (p. 58).

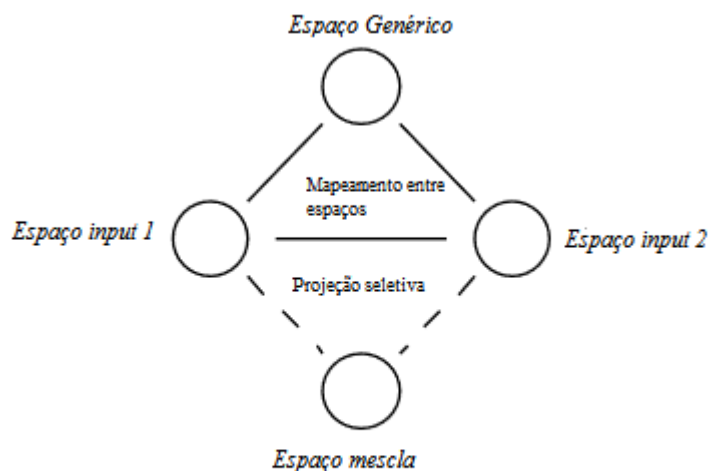


Imagem 9: Modelo de Mesclagem Conceptual com 4 espaços

Os autores (2003, p. 60) ensinam-nos que as estruturas cognitivas emergentes do espaço-mescla podem se desenvolver, basicamente, por (I) *composição*, onde os elementos trazidos à mescla estabelecem relações semânticas novas, que não existiam, necessariamente, nos *inputs* tomados separadamente; (II) *padrão de completamento*, onde os elementos projetados dos *inputs* podem evocar, inconscientemente, *frames* e modelos cognitivos e culturais; (III) *elaboração*, onde, imaginativamente, instaura-se uma nova lógica no espaço-mescla e, por conseguinte, novas etapas de trabalho cognitivo podem ocorrer em seu interior.

Como se pode perceber, na Teoria da Mesclagem Conceptual de Gilles Fauconnier e Mark Turner, a composicionalidade semântica não é, obrigatoriamente, direta, pois o produto semântico final do processo de mescla não se constitui, necessariamente, da simples soma dos significados dos elementos projetados, que, ao contrário, são elaborados e reelaborados no espaço-mescla para criar uma estrutura conceptual, não raro, completamente diferente. É justamente aí que reside, a nosso ver, uma das razões pelas quais cremos que o *Blending* não só pode ser utilizado para explicar a construção do significado em unidades lexicais compostas, que não é diretamente composicional, conforme veremos na análise, como também que o próprio processo em si da composição lexical é uma de suas possíveis materializações linguísticas.

Resumem os autores os conceitos apresentados até o presente momento dizendo-nos que:

A Mesclagem Conceptual é descrita e estudada cientificamente em termos de redes de integração. Em sua forma mais básica, uma rede de integração conceptual consiste em quatro espaços mentais conectados: dois espaços *input*

parcialmente conectados, um espaço genérico de estrutura comum aos *inputs* e o espaço-mescla. O espaço-mescla é construído por meio de projeção seletiva dos *inputs*, padrão de completamento e elaboração dinâmica. O *blend* tem dinâmicas emergentes. Ele pode estar para além de suas conexões com os outros espaços. (FAUCONNIER & TURNER, 2003, p. 60).⁸³

Informam-nos ainda que quatro são os tipos de redes de integração, ou seja, de *Blendings*: Simplex, Mirror, Single-Scope e Double-Scope⁸⁴.

No primeiro tipo, *Simplex*, um dos espaços *input* é um *frame* completo e o outro consiste de alguns elementos específicos. No tipo chamado *Mirror*, todos os espaços da rede integram o mesmo *frame*. O terceiro tipo, *Single-Scope*, apresenta *frames* diferentes, mas o *blend* (produto final) herda características de apenas um deles. O último tipo, *Double-Scope*, o mais complexo e, por isso mesmo, o mais estudado de todos, apresenta *frames* diferentes e propriedades de ambos são trazidas para o espaço-mescla. Nas palavras dos linguistas: “O *Blending Double-Scope* consegue resolver conflitos entre *inputs* que diferem fundamentalmente em termos de conteúdo e topologia. Essa é uma fonte poderosa de criatividade humana.” (FAUCONNIER & TURNER, 2003, p. 60).⁸⁵ Ressaltam os autores, contudo, que apesar de tratados em separado, os diferentes tipos de mesclagem mencionados acima são, em verdade, protótipos dentro de um *continuum* “que ancora nossas noções cotidianas intuitivas sobre o significado para uma compreensão unificada do processo inconsciente em curso.” (p. 60).⁸⁶ Desse modo, uma variedade de fenômenos semânticos aparentemente diferentes, como metáforas, metonímias, categorizações, analogias, construções gramaticais etc. podem ser situados dentro desse *continuum*.

A Mesclagem Conceptual opera da mesma forma tanto em níveis mais altos do pensamento, como o científico, o artístico e o literário, até em supostos

⁸³ Tradução livre do original: “Conceptual blending is described and studied scientifically in terms of integration networks. In its most basic form, a conceptual integration network consists on four connected mental spaces: two partially matched input spaces, a generic space constituted by structure common to the inputs, and the blended space. The blended space is constructed through selective projection from the inputs, pattern completion, and dynamic elaboration. The blend has emergent dynamics. It can be ‘run’, while its connections to the other spaces remain in place.” (FAUCONNIER & TURNER, 2003, p. 60).

⁸⁴ Por se tratar de conceitos bastante trabalhados no âmbito da Teoria da Mesclagem Conceptual, optamos por manter os nomes dos tipos de redes de integração tal como aparecem no original inglês, evitando, assim, confusões.

⁸⁵ Tradução livre do original: “Double-Scope Blending can resolve clashes between inputs that differ fundamentally in content and topology. This is a powerful source of human creativity.” (FAUCONNIER & TURNER, 2003, p. 60).

⁸⁶ Tradução livre do original: “that anchors our intuitive everyday notions about meaning to an unified understanding of the unconscious process at work.” (FAUCONNIER & TURNER, 2003, p. 60).

níveis mais baixos, como a compreensão de elementos básicos e os significados de frases (...). (FAUCONNIER & TURNER, 2003, p. 61).⁸⁷

Se a projeção seletiva de elementos de dois *inputs* em um espaço-mescla pode ser entendida como princípio constitutivo dos *Blendings*, Fauconnier & Turner (2003, p. 61) mencionam ainda alguns “princípios de governabilidade” (*governing principles*) que ao mesmo tempo em que limitam os *blends* também otimizam as estruturas emergentes para manipulação pelo falante. São eles: Integration, Topology, Web e Unpacking⁸⁸. Sobre eles, ressaltam os estudiosos que “frequentemente, satisfazer um deles é meio caminho para satisfazer os outros, mas os princípios de governabilidade também, com frequência, competem entre si.” (FAUCONNIER & TURNER, 2003, p. 61).⁸⁹

Integration: por este princípio, o *blend* constitui um todo tão integrado em si que pode ser entendido e manipulado como uma única unidade.

Topology: por este princípio, as relações no espaço-mescla devem refletir as relações estabelecidas entre os espaços *input*.

Web: por este princípio, ao manipularmos o produto *blend*, como uma única unidade, mantêm-se os mapeamentos entre ele e os *inputs*.

Unpacking: por este princípio, o *blend*, em si mesmo, leva o falante a inferir a estrutura de outros espaços mentais, reconstruindo, portanto, toda a rede de integração conceptual.

Mencionam os autores, como vimos, que o processo cognitivo chamado por eles *Blending* está na raiz do pensamento e da criatividade humanas. Isso se explica, uma vez que, por ele, é possível realizar compressões, ou seja, aproximar mentalmente dois ou mais eventos, domínios, situações, elementos etc. e colocá-los juntos. Ao longo do tempo na história da língua, algumas compressões tornam-se tão convencionais que se associam a determinadas formas gramaticais que, apesar de formalmente simples, escondem variados e complexos processos de mesclagem.

Não estabelecemos espaços mentais, conexões entre eles e espaços mescla sem motivo. Fazemos isso porque nos dá uma visão global, uma compreensão em escala humana e um novo significado. Isso nos torna eficientes e criativos. Um dos aspectos mais importantes de nossa eficiência, discernimento e criatividade é a *compressão* obtida pelo *blending*. Certas relações conceituais, como tempo, espaço, causa-efeito, identidade e mudança, aparecem

⁸⁷ Tradução livre do original: “Conceptual Blending has been shown to operate in the same way at the highest levels of scientific, artistic and literary thought, and at the supposedly lower levels of elementary understanding and sentence meaning (...).” (FAUCONNIER & TURNER, 2003, p. 61).

⁸⁸ Por se tratar de conceitos já consolidados na Teoria da Mesclagem Conceptual, optamos por manter os nomes no original inglês, a fim de evitar confusões desnecessárias.

⁸⁹ Tradução livre do original: “Often, satisfying one goes part way toward satisfying another, but governing principles also frequently compete with each Other.” (FAUCONNIER & TURNER, 2003, p. 61).

repetidamente em compressão sob mesclagem. Chamamos essas importantes relações conceituais de "relações vitais". A compressão maximiza e intensifica as relações vitais. O *Double-Scope Blending* fornece aos seres humanos a capacidade de realizar compressões notáveis, e toda a língua fornece uma matriz sistemática para tipos de compressão. Vários padrões de compressão altamente úteis tornam-se convencionais e estão associados a formas gramaticais específicas. (FAUCONNIER & TURNER, 2003, p. 63).⁹⁰

Por mobilizar considerável gama de recursos mentais, aproximando domínios e modelos cognitivos díspares, o processo de *Blending*, sobretudo o de tipo *Double-Scope*, fornece-nos interessante caminho de explicação da construção do significado em unidades lexicais neológicas. Ora, se considerarmos, como Fauconnier & Turner, que a criatividade humana ancora-se na capacidade de operar mesclas, é inevitável não tomar a criatividade lexical como materialização linguística de mesclas e, especificamente no caso das composições, isso nos parece evidente. Numa palavra, tomada a título de exemplo, como *navio-escola*, comprimem-se dois elementos de domínios diferentes para criar algo totalmente novo, tanto em termos formais quanto semânticos. Adiante, os linguistas fornecem-nos alguns exemplos concretos de unidades léxicas compostas em inglês que podem ser analisadas tendo-se em vista os processos de *Blending*. Acompanhemos.

O primeiro caso citado por eles é o dos compostos formados com o padrão *Nome + Safe*, como *dolphin-safe*. Aqui, o *input 1*, “dolphin” (golfinho), é relacionado ao abstrato *input 2*, “perigo”, isto é, o golfinho desempenha algum papel relacionado a perigo. No espaço-mescla, os dois são comprimidos na propriedade *safe* (salvo/seguro). Muitas são, contudo, as interpretações possíveis para *dolphin-safe*. Numa lata de atum onde estivesse escrito *dolphin-safe*, poderíamos interpretar o golfinho no papel de vítima e o composto significaria que, durante a pesca do atum, nenhum golfinho foi ferido. Já *dolphin-safe diving*, por exemplo, poderia significar tanto um mergulho protegido por golfinhos (neste caso o animal desempenharia papel de agente da segurança) quanto um mergulho que imitasse o estilo de nadar dos golfinhos que, hipoteticamente, seria

⁹⁰ Tradução livre do original: “We do not establish mental spaces, connections between them, and blended spaces for no reason. We do this because it gives us global insight, human-scale understanding, and new meaning. It makes us both efficient and creative. One of the most important aspects of our efficiency, insight, and creativity is the compression achieved through blending. Certain conceptual relations, such as time, space, cause-effect, identity, and change, show up again and again in compression under blending. We call these all-important conceptual relations “vital relations”. Compression maximizes and intensifies vital relations. Double-scope blending provides human beings with the ability to do remarkable compressions, and every language provides a systematic array for types of compression. Various highly useful compression patterns become conventional and are associated with specific grammatical forms.” (FAUCONNIER & TURNER, 2003, p. 63).

considerado seguro. Aqui, o animal marinho desempenharia não o papel de agente, mas de modelo.

Múltiplos são, pois, os significados para a expressão composta, o que evidencia, de acordo com os autores e em consonância com os princípios básicos da LC (p. 65), que os processos de compressão e *blending* são eminentemente contextuais e, em última análise, culturais. Para a interpretação, portanto, de qualquer forma linguística, mobilizam-se complexos processos cognitivos de mesclagem de *frames* e modelos cognitivos construídos culturalmente. Em inglês, as composições *Nome+Safe* materializam na língua uma dessas mesclagens construídas na e pela cultura. Numa sociedade, por exemplo, onde o meio-ambiente e sua preservação não representassem uma preocupação direta dos governos, das mídias e das pessoas, uma lata de atum onde se lesse “*dolphin-safe tuna*” não poderia significar “golfinhos não sofreram danos durante a pesca do atum”.

Fauconnier e Turner, adiante, analisam alguns casos de unidades lexicais compostas metafóricas, normalmente classificadas nos estudos lexicais como exocêntricas (p. 68-72). Uma delas que gostaríamos de destacar é *jail bait* (em tradução livre “isca de cadeia”), que designa, nessa língua, uma mulher jovem e sexualmente atraente, porém menor de idade. “Jail” (cadeia) vem do domínio da criminalidade humana e “bait” (isca) vem do domínio da pesca. Na correspondência entre eles, a atração pela isca corresponde à atração pela garota; realizar o ato sexual corresponde a morder a isca; ir para a cadeia (por ter feito sexo com uma menor de idade) corresponde a pegar o peixe. A compressão entre os dois domínios faz vir à tona algumas questões que os autores julgaram importante destacar e que abaixo reproduzimos.

Em primeiro lugar, percebe-se que o domínio da pesca, de certo modo, retira ao homem que manteve relações sexuais com a garota menor de idade a dimensão da culpa. No domínio da pesca, o peixe não sabe que a isca é isca e, ainda que o homem saiba da proibição legal de se relacionar intimamente com uma garota menor de idade, no *blending*, ele é não apenas inocente de sua ação, como a culpa acaba por recair tanto sobre a garota quanto sobre a própria legislação, uma vez que, no ato da pesca, a intencionalidade está no pescador, que joga a isca.

Além disso, percebe-se em *jail bait* intensa compressão espaço-temporal e de causa-efeito. A sequência de ações que vão desde o conhecer a garota, seduzi-la, realizar o ato sexual, a posterior denúncia, julgamento e prisão são comprimidas no ato de engolir

a isca que traz, como efeito imediato, ser pego, ou seja, ir para a prisão. Não há pois, no composto, separação entre cometer o ato e ser punido.

Isso tudo evidencia que o *blend*, ou seja, o produto final do processo de mesclagem é mais complexo que os elementos projetados a partir dos *inputs*, o que faz cair por terra a ideia de que o significado de uma unidade linguística composta é a simples soma dos significados dos elementos que a compõem. O produto final é sempre, ao mesmo tempo, menos e mais que a composição dos elementos dos *inputs*. Menos, porque constantemente ignoramos alguns aspectos levantados pelos *inputs* e mais porque o *blend* estabelece relações não necessariamente previstas neles. No caso mesmo de *jail bait*, percebe-se, segundo os autores (p. 71), que frequentemente ignoramos, na mescla, que o pescador deseja atrair o peixe, mas que, talvez, ninguém deseje, necessariamente, atrair o homem. Além disso, ignoramos que o homem não é um peixe nem tampouco, no caso de apenas admirar a garota, um criminoso. No *blend*, adotamos a perspectiva de que o mundo é um local cheio de armadilhas para o homem, testando-o naquilo que é proibido. No *input 2*, da pesca, contudo, os peixes não são aptos a terem essa perspectiva, ao passo que, no *input 1*, das ações criminais, o mundo não necessariamente tenta o homem a cometer crimes.

Nas páginas seguintes desse importante estudo de Fauconnier & Turner (2003), o qual estamos tomando como base de nosso trabalho, os autores tratam do fenômeno das mesclagens em nível formal, como o neologismo “chunnel” ([English] channel + tunnel)⁹¹ e de algumas estruturas sintáticas do inglês, que podem ser entendidas como materializações, na gramática, de mesclagens. Contudo, para nossos objetivos imediatos, julgamos que as informações veiculadas até este momento são suficientes. Na seção seguinte, trazemos a lume alguns estudos recentes que aprofundam as relações entre o processo de composição em nível lexical e a Teoria da Mesclagem Conceptual.

3.4. A Composição na Teoria da Mesclagem Conceptual (*Blending*)

⁹¹ Nos estudos de Morfologia e Lexicologia do português, esse fenômeno de *blending* lexical é mais conhecido como “cruzamento vocabular”. Alves (1991) destaca ainda que “palavra-valise” e “palavra *portmanteau*” são também nomes pelos quais o mesmo processo pode ser nomeado. Alguns neologismos, não raro carregados de humor e sátira, formam-se no português brasileiro por cruzamento vocabular. *Showmício*, *brasiguai*, *novelha* (nova + velha) são alguns dos exemplos estudados por Alves (1991, p. 70).

No português, em especial no português brasileiro, são ainda raros estudos práticos de aplicação da Teoria do *Blending*, de Fauconnier & Turner (2003), ao entendimento da semântica das unidades lexicais compostas⁹². O mesmo não se pode dizer, contudo, do inglês. Recentemente, vários linguistas têm se dedicado a estudar o maior ou menor potencial de aplicabilidade do *Blending* ao entendimento mais acurado da construção semântica dos compostos. Entre esses estudos, destacamos quatro, por sua abrangência e significação: Benczes (2005), Benczes (2006), CabezasBorja (2016) e Vorobeva (2016).

Na primeira parte do artigo intitulado “Creative Noun-Noun Compounds” (2005), a professora Réka Benczes, da Universidade Eötvös Loránd, em Budapeste, na Hungria, refuta, a nosso ver acertadamente, a conhecida classificação dos compostos em endocêntricos e exocêntricos, alegando que o termo “exocêntrico” serve como “guarda-chuva” generalizante, abarcando ricos fenômenos conceptuais diversos, como a metáfora e a metonímia. Em seu lugar, propõe “compostos criativos”.

Em meu ponto de vista, a principal diferença entre compostos endocêntricos (como *apple tree*), por um lado, e compostos metafóricos e metonímicos (como *information highway*), de outro, não é a transparência do significado, mas a criatividade: o segundo representa um tipo de construção nominal cunhado por um processo de formação mais imaginativo. Portanto, proponho o uso do termo “composto criativo” para aqueles em que o significado é influenciado por metáfora e/ou metonímia. (BENCZES, 2005, p. 256-257).⁹³

Nas unidades léxicas compostas S+S, nominais, nas quais um dos elementos é determinante e o outro determinado, Réka Benczes atesta que a metáfora e a metonímia podem influenciar tanto o determinante ou modificador quanto o determinado, e mesmo a relação entre os dois elementos e, ainda, o composto como um todo. O mapeamento de sobre onde incide a metáfora ou a metonímia – se em um dos elementos, na relação ou no composto em si - ajuda-nos a identificar, segundo a linguista, padrões criativos de formação de compostos nominais metafóricos ou metonímicos, retirando, portanto, essas modalidades de compostos do espectro “excepcional” e “exótico” onde a Linguística mais tradicional sempre os colocou, por não terem, supostamente, uma “cabeça” semântica.

⁹² Um trabalho interessante sobre o tema é o de Hanna Batoréo (2010), da Universidade Aberta de Lisboa, que estuda alguns compostos do PE e do PB com base em Fauconnier & Turner (2002). As referências completas encontram-se nas Referências Bibliográficas, ao final deste trabalho, e ele será retomado quando os neologismos compostos com o elemento *bolsa* forem analisados, no capítulo 5.

⁹³ Tradução livre do original: “In my view, the main difference between endocentric compounds (such as *apple tree*) on the one hand and metaphorical and metonymical compounds (such as *information highway*) on the other hand is not transparency of meaning but creativity: the latter represents a type of nominal construction that has been coined by a more imaginative word formation process. Therefore, I propose using the term ‘creative compound’ for compounds whose meaning is influenced by metaphor and/or metonymy.” (BENCZES, 2005, p. 256-257).

Portanto, eu não restrinjo o termo “composto criativo” apenas a construções onde a metáfora e a metonímia agem sobre o constituinte-cabeça: também o aplico àqueles casos em que a metáfora e a metonímia influenciam outras partes do composto: o modificador, a relação entre os dois constituintes do composto e o composto como um todo. (BENCZES, 2005, p. 258).⁹⁴

Na segunda parte do artigo, a linguista estuda alguns exemplos concretos de motivações metafóricas em compostos nominais S+S. Assevera Benczes (2005, p. 260) que, nesses casos, a entidade designada pelo substantivo 2 é metaforicamente compreendida por meio da entidade denotada pelo substantivo 1⁹⁵. Temos, assim, *clubfoot* (aproximadamente, em português, “pé torto”), em que o formato do pé (*foot*, substantivo 1) é comparado ao de um taco (*club*, substantivo 2) por ser distorcido, voltado “para dentro”; *submarine sandwich*, em que o formato do sanduíche corresponde ao de um submarino, isto é, a forma característica de um submarino projeta-se sobre a de um sanduíche. Nesses casos específicos, apenas o formato foi projetado do domínio-fonte, deixando-se de lado as demais características das entidades designadas pelos substantivos 1, como material, tamanho, cor etc.

Para analisar o composto *sandwich generation*, Benczes recorre à Teoria do *Blending* (p. 264-265). Uma *sandwich generation*, em inglês, pode ser entendida como o conjunto de pessoas adultas (geração adulta) que cuida tanto de seus filhos crianças ou jovens (geração descendente) quanto de seus pais idosos (geração ascendente). Neste caso, o *input 1*, família/geração, é projetado sobre o *input 2*, sanduíche, e compreendido em termos desse espaço mental. Assim, a geração adulta é projetada sobre o recheio do sanduíche e as gerações descendente e ascendente são projetadas sobre as fatias do sanduíche. Ensina-nos Benczes que a metáfora é possível dado o nosso conhecimento cultural do sanduíche como um Modelo Cognitivo Idealizado: as fatias de pão são secundárias, ao passo que o coração desse tipo de lanche é o recheio, sendo o sanduíche, inclusive, nomeado em função do recheio. Desse modo, ao associar a geração adulta ao recheio e as demais às fatias, ressalta-se a importância da primeira sobre as demais. Além disso, o fato de o recheio estar no meio do sanduíche, atingindo as duas fatias, evidencia

⁹⁴ Tradução livre do original: “Therefore, I do not restrict the term ‘creative compound’ to constructions where metaphor and metonymy acts upon the head constituent only: I also apply it to those cases where metaphor and metonymy influence other parts of the compound: the modifier, the relation between the two constituents of the compound, and the compound as a whole.” (BENCZES, 2005, p. 258).

⁹⁵ Em português, a ordem sintática natural e mais comum dos compostos é determinado + determinante, diferentemente do inglês, cujo elemento determinante costuma aparecer sempre em primeira posição. Por essa razão, a afirmação de Benczes, se aplicada à nossa língua, deve ser invertida: a entidade designada pelo substantivo 1 é metaforicamente compreendida pela entidade designada pelo substantivo 2.

o fato de que a geração adulta também está “no meio” da escala de gerações, cuidando tanto dos filhos quanto dos pais, que se lhe subordinam.

No artigo de 2006, “Analysing Metonymical Noun-Noun Compounds: The Case of *Freedom Fries*”, Réka Benczes retoma as discussões teóricas já empreendidas no trabalho anterior, mas com foco, agora, em compostos metonímicos. A autora considera a metonímia, como já é comum entre os estudiosos da LC, fenômeno conceptual e processo cognitivo, que opera no âmbito de um Modelo Cognitivo Idealizado (p. 4), e finaliza o texto analisando o curioso neologismo composto *freedom fries*, no qual se pode observar relações metonímicas nos dois constituintes.

Lembra-nos a linguista (p. 5-6) que *freedom fries* foi criado por representantes do Partido Republicano Estadunidense, em 2003, com o intuito de retirar a palavra *French* de alimentos populares como *French fries* (batata frita) e *French toast* (rabanada), já que a França relutava em apoiar os aliados estadunidenses na guerra deflagrada contra o Iraque naquele ano. Uma análise cognitivista da unidade lexical neológica em questão revela-nos, segundo nos diz a autora, interessantes fenômenos conceptuais, bem como características da cultura em que surgiu. Vejamos.

Em *freedom fries*, a metonímia incide sobre os dois elementos. A palavra *fries* revela relação metonímica com aquilo que é por ela perfilado “batatas fritas em óleo” e evoca o Modelo Cognitivo Idealizado de produção, especificamente “método de produção de um produto”, que é tomado pelo próprio produto. Já *freedom* não é tão transparente assim. Possivelmente, informa-nos Benczes (p. 6), esse substantivo apresenta relação metonímica com América, pois os conceitos de democracia e liberdade estão na raiz dos mais profundos valores estadunidenses (ainda que, na maioria das vezes, só se apliquem a eles mesmos). Neste caso, o Modelo Cognitivo Idealizado é “categoria-e-propriedade”, pois uma “propriedade” dos Estados Unidos, encarado como “categoria”, toma seu lugar. Percebe-se que o neologismo *freedom fries* é bastante exagerado e foi cunhado por propósitos retóricos, o que revela o caráter hiperbólico dos discursos que marcam, desde sempre, a cultura política estadunidense.

Em sua dissertação de Mestrado, apresentada e defendida em 2016 na Universidade de Edimburgo, na Escócia, Gabriela CabezasBorja aplica as ideias de Fauconnier & Turner (2002; 2003) e Benczes (2005; 2006) ao entendimento da construção e do significado de unidades léxicas metafóricas e metonímicas compostas com o elemento “*milk*” (*milk bottle*, *milk-tooth*, *milk-tart*, *milk-rounds*, entre outros).

Assim como Réka Benczes, CabezasBorja refuta a divisão de compostos em endocêntricos e exocêntricos, preferindo, à semelhança daquela, entender os últimos como “compostos criativos”, dada sua motivação metafórico-metonímica.

Quanto à relação entre a Teoria da Mesclagem Conceptual e a composição em si, diz-nos a autora:

Com a Teoria da Mesclagem Conceptual, o composto é representado com espaços mentais que se conectam entre si e com o *blend*: “isto é, cada substantivo evoca um espaço estruturado por algum *frame* apropriado e o significado como um todo é uma mesclagem bem-sucedida de dois espaços envolvidos” (Sweetser, 1999, p. 135). O *blend* é o que conecta os dois elementos do composto e o que, por fim, forma o significado da construção. (CABEZASBORJA, 2016, p. 3).⁹⁶

Adiante, afirma ainda a linguista que a Mesclagem Conceptual ajuda-nos, sobremaneira, a apreender e compreender as relações figurativas que se podem estabelecer entre os elementos dos compostos: “A Teoria da Mesclagem Conceptual demonstrou que não apenas cada um dos elementos pode ser tratado metaforicamente, mas as diferentes relações e conexões dentro do *blend* ajudam a construir o significado.” (CABEZASBORJA, 2016, p. 4).⁹⁷

Apesar de analisar apenas unidades léxicas compostas inglesas de esquema *milk-X*, a linguista assevera que a relação semântica entre *milk* (leite) e a outra base não é sempre a mesma, podendo ser literal, metafórica ou metonímica. Nossos dados neológicos, como se verá a partir do próximo capítulo, também apresentam relações semânticas variadas entre os elementos dos compostos. Por essa razão, apresentaremos resumidamente, a título de ilustração, as análises de CabezasBorja aos compostos *milk bottle*, *milk-tooth*, *milk-tart*, *milk-rounds*.

O primeiro deles, *milk bottle* (garrafa de leite) apresenta relação transparente e não-metafórica entre os elementos, sendo sua interpretação literal: “container feito de vidro para carregar leite”. O primeiro *input* é o espaço mental “leite”, com elementos definidores dessa bebida, como “líquido”, “branco”, “bebível” etc. O segundo é o espaço mental “garrafa”, com elementos como “container”, “feito de vidro”, “com forma característica” etc. Os elementos projetam-se, assim, uns sobre os outros e para dentro do

⁹⁶ Tradução livre do original: “With blending theory, the compound is represented with mental spaces that interconnect with each other and the blend: ‘that is, each noun evokes a space structured by some appropriate frame, and the meaning of a whole is a successful blending of the two spaces involved’ (Sweetser, 1999, p. 135). The blend is what connects the two elements from the compound, and what is ultimately primes the meaning of the construction.” (CABEZASBORJA, 2016, p. 3).

⁹⁷ Tradução livre do original: “Blending theory demonstrated that not only each one of the elements can be treated metaphorically, but the different relations and connections inside of the blend help prime the meaning.” (CABEZASBORJA, 2016, p. 4).

espaço-mescla, onde ocorre, efetivamente, o *blend*. A autora chama a nossa atenção para o fato de que nem todos os elementos possíveis dos espaços mentais são projetados para o espaço-mescla, mas apenas os que, de certo modo, ligam-se entre si. Assim, do espaço “leite” não se projeta a origem, o processo de pasteurização, o consumo por animais mamíferos etc. Por fim, CabezasBorja afirma que o produto final, *milk bottle*, é, em si, de natureza metonímica (ainda que sua interpretação não seja figurativa), pois perfila apenas um elemento do domínio cognitivo “garrafa”. É a parte que toma a frente no lugar do todo.

No segundo composto, *milk-tooth* (dente de leite), diferentemente de em *milk bottle*, a lexia “leite” não é literal, mas metafórica. A autora informa que dois são os caminhos de acesso à metáfora aqui: (I) a relação entre o dente e o leite se verifica por ser esse o dente que cresce durante o período de lactação; (II) a relação entre o dente e o leite se verifica por ser esse dente mais branco que os permanentes, ou seja, tão brancos quanto o leite.

No primeiro caso, os dois espaços *inputs* são “amamentação” e “dente”, respectivamente. O espaço genérico pode ser apreendido e nele está o cálcio, como elemento de união entre a lactação (o leite tem cálcio) e o dente (o dente é formado de cálcio). No *blend*, são projetados os elementos “lactação”, “dente” e “cálcio”, onde ocorre a mesclagem para o significado de *milk-tooth* como “o dente que cresce no período de amamentação em virtude do cálcio do leite”.

O segundo caminho interpretativo, por sua vez, tem como *inputs* “branco” e “dente”, respectivamente, estando no primeiro o elemento “leite” como substância que materializa o branco. No espaço genérico, há a ideia de “dente de leite é mais branco que os dentes posteriores”, conectando, portanto, “branco” e “dente”. No espaço-mescla, projetam-se os elementos “branco” e “dente”, onde o significado de *milk-tooth* como “dente tão branco quanto o leite” é construído.

Em *milk-tart*, terceiro composto, que designa uma sobremesa bastante apreciada na culinária sul-africana, espécie de “torta de leite”, o determinante *milk* pode ser interpretado metonimicamente, pois a torta é definida em função do leite que não é, obviamente, o único ingrediente da receita, mas talvez o que mais se sobressai e ajuda a diferenciar o prato de outros similares. Leite é, aqui, a parte que toma o lugar do todo. Os dois *inputs* são “leite” (como o ingrediente mais importante) e “torta”, respectivamente, e o espaço genérico é “receita de torta”, que conecta o leite e a torta, produto final da receita. No *blend*, há a projeção de “leite” e “torta” e a relação metonímica ocorre.

Por fim, em *milk rounds*, espécie de “rota do leite” percorrida diariamente pelos leiteiros nos tempos mais antigos, a metonímia não está em leite, interpretado, aqui, literalmente, mas em *round* (rota, caminho), que toma o lugar do processo inteiro de entrega – rotineiramente, entregar de casa em casa o leite, logo de manhã cedinho, seguindo um caminho pré-determinado -. Todo o processo é, portanto, resumido em *round*. Mais uma vez, a parte é entendida como representante do todo.

O último estudo que gostaríamos de destacar é o de Yulia Vorobeva, da Universidade de Bahrein, “Cognitive-Pragmatic Approach to the Meaning of New Compound Nouns in English”, publicado em abril de 2016 no *International Journal of Humanities and Social Science*. Basicamente, no artigo, Vorobeva tece críticas ao tradicional princípio de composicionalidade semântica direta, alegando, com base nos principais postulados da LC, que as palavras não “contêm” significados, de modo que o sentido de construções léxicas apenas existe na relação entre os elementos em contextos de uso os mais variados e são, primordialmente, elaborações mentais complexas. Em Semântica Cognitiva, portanto, A+B não resulta, necessária e absolutamente, em AB, pois o produto final é sempre trabalhado criativa e imaginativamente, mostrando-se além da soma direta e literal dos significados das partes. Prova disso, segundo a autora, reside justamente nos compostos S+S, que evocam relações semânticas não previstas originalmente nas lexias tomadas em separado. Para ela, a Teoria da Mesclagem Conceptual, ou Integração Conceptual, de Gilles Fauconnier e Mark Turner, que vimos estudando até aqui, explica, muito melhor, a construção mental criativa do significado dos compostos dessa natureza.

A razão para se falar em integração conceptual deve-se ao fato de não ser possível confiar no princípio de composicionalidade para analisar novos compostos S+S, pois ele parece não explicar, de modo claro, como o significado é ativado e processado durante a produção do discurso. Portanto, faz sentido voltarmos-nos aos princípios da integração conceptual. O modelo de integração conceptual em rede enfatiza a mesclagem conceptual como processo central e utiliza um modelo de rede para a construção do significado. (VOROBÉVA, 2016, p. 119).⁹⁸

Para ilustrar a proficuidade da Teoria da Mesclagem Conceptual, a autora analisa três compostos S+S do inglês: *gold card* (cartão-ouro), *couch potato* (sem tradução,

⁹⁸ Tradução livre do original: “The reason to talk about conceptual integration is related with the fact that while analyzing new N+N compounds one cannot rely on the compositionality principle as it does not seem to explain in a clear way how meaning is activated and processed during speech production. Therefore, it makes sense to refer to the principles of conceptual integration. Conceptual integration network model stresses conceptual blending as its central process. It uses a network model for constructing a meaning.” (VOROBÉVA, 2016, p. 119).

peessoa que passa muito tempo sem fazer nada, normalmente assistindo à televisão e comendo porcarias sem a preocupação com a realização de exercícios físicos) e *enterprise zone* (sem tradução, uma área na qual o governo deseja estimular o surgimento de novas empresas oferecendo incentivos fiscais).

No primeiro caso, os dois *inputs* são “ouro” e “cartão”, que projetam na mescla as ideias de “cor”, “valor alto” e “material plástico”, e o significado resultante desse processamento mental não é “cartão feito de ouro”, como deveria ser caso a composicionalidade semântica fosse direta, mas “cartão para pessoas cujas contas bancárias acumulam muito dinheiro”, ou seja, o composto é uma categoria do domínio cognitivo dos cartões. Ouro, nesse caso, não é literal, mas é metaforizado em função do valor do metal nobre em nossa sociedade e sua associação ao valor do cartão e da conta bancária e, por extensão, ao valor que se dá ao dinheiro no mundo capitalista em que vivemos. A construção da metáfora só é possível dada a capacidade humana de operar em *blendings*, que retrabalham os significados de forma constante e criativa.

Em *couch potato*, os *inputs* são “móvel” e “planta” e os elementos projetados na mescla são, respectivamente, “sofá” (*couch*) e “batata” (*potato*). O indivíduo designado pela unidade léxica composta apresenta, metafórica e satiricamente, relação de similaridade física entre o sofá e a batata, pois o estilo de vida que adota é compreendido em termos de uma batata (redonda) posta desleixadamente em um sofá, permanecendo passivamente lá para apodrecer. Obviamente, todo o trabalho de mesclagens e construções dessa significação a partir de dois elementos diferentes acaba por depor, em definitivo, contra a relevância da composicionalidade semântica.

Finalmente, em *enterprise zone*, a estrutura emergente, que evoca a ideia de “incentivos fiscais fornecidos pelo governo”, é altamente criativa, pois nem em “empresa” (*enterprise*) nem em “zona” (*zone*) há qualquer referência a concessões financeiras governamentais, o que evidencia que o significado é mesmo elaboração mental que não prescinde de contexto social, cultural, econômico e político e as relações e projeções entre os domínios cognitivos remontam ao infinito.

3.5. A Morfologia Construcional

No início deste capítulo, foi dito que a Linguística Cognitiva surge como abordagem alternativa à Semântica Formal. De fato, não há qualquer preocupação

específica, nos estudos cognitivistas iniciais, com a Morfologia ou o Léxico, tão só com a Semântica. Segundo Basilio,

Isto decorre, em parte, da posição marginal que a Morfologia ocupa na Linguística do séc. XX, em geral, mas também, em particular, do fato objetivo de que a Linguística Cognitiva não estabelece um limite rígido entre gramática e léxico, dentre inúmeras outras não-dicotomias que caracterizam esta abordagem do fenômeno linguístico (...). (BASILIO, 2010, p. 5).

A autora informa adiante que “nos últimos anos, no entanto, começam a surgir alguns trabalhos sobre o tratamento da morfologia lexical numa abordagem cognitivista” (BASILIO, 2010, p. 5)⁹⁹.

Uma dessas recentes abordagens cognitivistas da Morfologia é a chamada *Morfologia Construcional*, desenvolvida por Geert Booij (2005; 2007; 2010) e cujo expoente, no Brasil, tem sido Carlos Alexandre Gonçalves (2016b).

Em resumo, pode-se dizer que a Morfologia Construcional é uma proposta teórica de se trabalhar, especificamente no campo morfolexical, o que a vertente da LC chamada *Gramática de Construções* (GOLDBERG, 1995; 2006) tem investigado na Sintaxe. Isso está de pleno acordo com a perspectiva não-modular adotada pela LC, ou seja, os mesmos processos construcionais observados sintaticamente estão presentes no âmbito morfolexical, uma vez que gramática e léxico nada mais são do que elementos de um mesmo *continuum*, diferenciando-se apenas pelo nível de complexidade interna de seus objetos de análise.

A Linguística Cognitiva assume que léxico e sintaxe não constituem módulos rigidamente separados, mas formam um *continuum* de construções, partindo de elementos muito específicos, como o item lexical *janela* ou a expressão idiomática *esquentar a cabeça*, até padrões mais abstratos, como a categoria *adjetivo* ou a *Construção Transitiva*. (FERRARI, 2014, p. 129).

Uma das principais motivações para uma abordagem morfológica baseada em construções é justamente a ausência de fronteiras rígidas e facilmente demarcáveis entre processos como a derivação e a composição. Como afirmar inequivocamente que um elemento é lexical ou gramatical? Nesse sentido, a classe dos prefixos sempre apresentou dificuldades, uma vez que preposições podem ser utilizadas como prefixos. Diante disso, formações como *contra-ataque* e *sem-teto* são, a rigor, exemplos de derivação ou composição? O que dizer, ainda, de subpadrões de composição nominal, como as

⁹⁹ Apesar das afirmações de Basilio, desde o final dos anos 80, já há estudos que, a despeito de não inaugurarem propriamente uma teoria completa da morfologia sob o ponto de vista cognitivista, já apontam para o que, futuramente, viriam a ser os princípios da Morfologia Construcional de Booij. Um desses estudos é o de Bybee (1988). À página 139, afirma ela, claramente, que “padrões morfológicos recorrentes emergem como acumulações de conjuntos semelhantes ou idênticos de conexões que são descritos como ESQUEMAS.” (tradução livre).

formações *X-fantasma* ou *X-relâmpago* (ALVES, 2006), apresentadas no capítulo anterior, nas quais a presença de um mesmo item lexical em posição fixa desafia o suposto caráter *ad hoc* das formações compostas? Além disso, como classificar as formações nas quais elementos de composição neoclássicos começam a assumir a função prefixal em formações da língua comum (ALVES, 1990; 2006)? Deve-se considerá-las casos de recomposição (MARTINET, 1964; CUNHA & CINTRA, 2008) ou derivação prefixal (ALVES, 1990; 2000)? Em tudo isso, a Morfologia Construcional pode nos auxiliar.

A Gramática de Construções (e, por extensão, a Morfologia Construcional) ancora-se na “hipótese de pareamento entre forma e significado nos níveis lexical, morfológico e sintático” (FERRARI, 2014, p. 129). Esse pareamento ocorre “de acordo com padrões gerais (ou esquemas), que captam as características compartilhadas por várias instanciações específicas.” (FERRARI, 2014, p. 129).

Nas palavras de Booij

Padrões de formação de palavras podem ser vistos como esquemas abstratos que generalizam conjuntos de palavras complexas existentes a partir de uma correlação sistemática entre forma e significado. Esses esquemas também especificam como novas palavras complexas podem ser criadas.¹⁰⁰ (BOOIJ, 2007, p. 34).

As semelhanças entre derivação e composição, segundo nos afirma Booij, ao final de seu estudo (2005, p. 130), podem ser formalizadas por meio de padrões (ou esquemas) gerais de formação:

A forte semelhança entre derivação e composição pode ser explicada com perspicácia na teoria da Morfologia Construcional. Padrões derivacionais e subpadrões composicionais são construções idiomáticas, esquemas intermediários entre palavras complexas individuais no léxico e esquemas mais abstratos de formação lexical.¹⁰¹ (BOOIJ, 2005, p. 130).

No âmbito da Morfologia Construcional, as unidades linguísticas adotam caráter eminentemente simbólico e convencional, retomando, de certo modo, o pensamento saussureano de que o signo linguístico reflete uma estreita relação entre forma (significante) e conteúdo (significado), expandindo-a, porém, a construções complexas.

Basilio fala das unidades da língua como “rotinas cognitivas”, asseverando que

As unidades podem ser complexas, porque a relação entre uma unidade e outra pode também atingir um status de unidade, isto é, também pode ser rotinizado,

¹⁰⁰ Tradução livre de: “Word formation patterns can be seen as abstract schemas that generalize over sets of existing complex words with a systematic correlation between form and meaning. These schemas also specify how new complex words can be created.” (BOOIJ, 2007, p. 34).

¹⁰¹ Tradução livre de: “The strong similarity between derivation and compounding can be insightfully accounted for in the theory of Constructional Morphology. Derivational patterns and sub-patterns of compounding are constructional idioms, schemas that are intermediate between the individual complex words in the lexicon, and more abstract schemas of word formation.” (BOOIJ, 2005, p. 130).

com conseqüente possibilidade de uso automático e sem esforço. As unidades simbólicas são estruturas bipolares, isto é, correspondem a uma relação entre uma estrutura fonológica e uma estrutura semântica. (BASILIO, 2010, p. 6).

Nas acertadas palavras de Ferrari (2014, p. 130), a adoção da concepção cognitiva de gramática enquanto conjunto de unidades simbólicas estruturadas na base do pareamento forma/significado levam-nos a adotar um “compromisso de generalização que prevê um conjunto de princípios comuns para explicar todas as unidades presentes na composição de uma língua incluindo som, significado, léxico e gramática.”.

Assim, a palavra *escravizar* generaliza-se como instanciação imediata da construção $[[X]_N\text{-izar}]_V$ “tornar X”, que, por sua vez, é instanciação da construção, ainda mais geral e abstrata, da sufixação $[[X]_X Y]_Y$. Unidades lexicais como *guarda-roupa* e *pombo-correio*, por exemplo, generalizam-se como instancicações do esquema abstrato das composições $[[X]_X [Y]_Y]_N$ “Y com alguma relação com X”. Do mesmo modo, sentenças como *Ele comprou um caderno* e *Ela visitou a família*, a seu turno, são instancicações da construção transitiva $[[SN1] V [SN2]]$, em que SN1 e SN2 constituem os argumentos do verbo, desempenhando as funções de sujeito e objeto direto, respectivamente.

Basilio, brilhantemente, sintetiza a discussão aqui empreendida em um parágrafo que, a despeito do tamanho extenso, merece ser integralmente reproduzido:

Na perspectiva da Gramática Cognitiva, tanto os itens lexicais quanto as construções sintáticas são estruturas simbólicas convencionais; as formas derivadas são unidades simbólicas complexas, assim como os compostos, as expressões, e assim por diante. Todas essas unidades podem ser analisadas em suas estruturas de formação. Segundo Langacker (2000), a gramática corresponde a padrões de composição, que tomam a forma de esquemas construcionais. Estes padrões, no conjunto, sancionam a acumulação progressiva de expressões de qualquer tamanho e grau de complexidade simbólica. Assim, deixa de ser crucial a questão de determinar, por exemplo, se um composto é ou não uma palavra; ou se uma construção é composta ou prefixada: em todos os casos, trata-se de unidades simbólicas complexas convencionais, cujas propriedades comuns podem ser representadas em esquemas construcionais, desde os mais especificados, como $[[X\text{izar}]_V\text{-ção}]_N$ até os mais abstratos como $[N-N]_N$. A gramática consiste em padrões de composição, que tomam a forma de esquemas construcionais. (BASILIO, 2010, p. 7-8).

Essa abordagem difere fundamentalmente da abordagem gerativista, pois o que está em jogo aqui são padrões construcionais gerais, esquematizados a partir do uso da língua, e não regras algorítmicas rígidas, como preconizam os modelos gerativos embasados no lexicalismo de Aronoff (1976). Enquanto a Gramática Gerativa, tanto na sintaxe quanto na morfologia lexical, coloca em evidência o *input*, entendido como regras

de formação, a Gramática de Construções, no âmbito da LC, evidencia o *output*, ou seja, o foco está nas palavras, expressões e sentenças reais da língua.

Os esquemas ou padrões construcionais, nessa perspectiva, são abstrações das formas linguísticas concretas e podem ser utilizados na construção e na compreensão de novas expressões. Ora, se o significado é uma construção mental, esquematizando em *frames* e domínios cognitivos as experiências humanas no mundo, a gramática e o léxico são, igualmente, construções mentais, esquematizando, em padrões gerais de pareamento forma-significado, as palavras e sentenças da língua.

Na Morfologia Construcional, assim como na Gramática de Construções, “a relação entre o esquema mais abstrato e as instanciações individuais é representada por meio de uma árvore, em que construções mais específicas herdam propriedades de construções dominantes ou mais gerais.” (GONÇALVES, 2016b, p. 25). Tomando como exemplo a palavra sufixada elencada acima (*escravizar*), temos o seguinte esquema construcional:

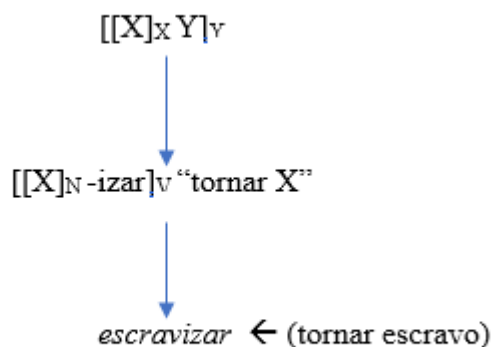


Imagem 10: Esquema construcional do verbo “escravizar”

Observa-se claramente que cada nó inferior da árvore herda características dos nós imediatamente superiores. O esquema mais geral que se pode atingir, nesse caso, é o da sufixação, no qual a um elemento do léxico, identificado por um subscrito¹⁰², associa-se, à direita, um afixo, representado sem o subscrito por não poder ser listado como elemento lexical, mas que, no entanto, representa a cabeça categorial da construção, uma vez que determina a classe gramatical da palavra formada. No nó imediatamente inferior, surge o afixo *-izar*, herdando, do nó superior, a função de cabeça categorial, ao indicar

¹⁰² Os subscritos que identificam elementos do léxico podem ser indicações de categoria gramatical (N para nomes; S para substantivos; V para verbos etc.) ou, de modo geral, as letras *i*, para itens lexicais que integram a estrutura do esquema e *j*, para indicar os produtos resultantes do padrão.

que a palavra a ser representada no nó inferior é um verbo. Nesse momento, também, o significado “tornar X” é pareado à forma. No último nó, o item lexical nominal é acrescentado e o significado completa-se: “tornar escravo”.

Não nos esqueçamos, contudo, de que, a despeito de termos analisado a palavra escravizar “de cima para baixo”, ou seja, do nível mais abstrato até a instanciação individual, a relação entre palavra e esquema, na Morfologia Construcional, é sempre bidirecional, isto é, do item lexical para a construção e da construção para o item lexical. Booij (2010), nesse sentido, fala em “unificação” de esquemas para criar novas palavras nas línguas naturais.

Imaginemos a palavra neológica, por nós inventada, “desescravizar”, isto é, “deixar de ser escravo”. Aqui, pode-se entender a unificação de dois esquemas construcionais: [des-[X]_V]_V “reverter X” e [[X]_N -izar]_V “tornar X”, os quais, juntos, instanciam o esquema [des-[X]_N -izar]_V “deixar de ser X”. Num verdadeiro processo de “*blending* morfológico”, se é que assim podemos nos expressar, unificaram-se a forma e também a semântica: “reverter X” + “tornar X” = “deixar de ser X”. Essa concepção difere completamente dos modelos gerativistas de regras unidirecionais. Se a cada *input* (regra) corresponde um *output* (palavra), como explicar palavras como a que acabamos de criar? Talvez por isso sejam tão caros à morfologia lexical conceitos como “salto de etapas” ou “bloqueio”.

A mesclagem de esquemas explica, portanto, a possibilidade do uso de dois ou mais padrões de formação de palavras combinados, o que acaba por depor contra um modelo baseado em regras, já que a ocorrência simultânea de mais de uma operação morfológica não é possível (...). Nas abordagens baseadas em regras, é necessário recorrer a dispositivos, como, por exemplo, o salto de etapas, tal como formulado em Sandmann (1994), para um grande número de formações lexicais do português, a exemplo de *descupinizar*, *desratizar*, *desinsetizar*, todas construídas com *des-* e *-izar*, mas sem acesso a uma base verbal prévia *X-izar*. (GONÇALVES, 2016b, p. 39-40).

Acima dissemos que as construções de nós inferiores das árvores construcionais herdam características dos nós imediatamente superiores. Por herança, entende-se “qualquer característica formal ou semântica que esteja na construção básica e se transfira para a construção decorrente” (GONÇALVES, 2016b, p. 29). Goldberg (1995) fala em quatro tipos de herança: por *polissemia*, por *extensão metafórica*, por *subparte* e por *instanciação*. Analisemos cada uma delas, seguindo Booij (2005; 2007; 2010) e Gonçalves (2016b).

O primeiro tipo de herança, isto é, por polissemia, ocorre “quando há relação entre um sentido específico de uma construção e alguma extensão desse sentido em outra.”

(GONÇALVES, 2016b, p. 29). Exemplifiquemos esse tipo de herança com o substantivo neológico “pacotite” (formado pelo esquema *X-ite*), extraído da *Folha de S. Paulo* do dia 27-12-86, p. 5, coluna 3, e analisado por Alves (1990, p. 39): “Não há <‘pacotite’> no governo (João Sayad, Ministro do Planejamento, em 04-05-86)”.

Booij (2010) afirma que os vários significados existentes para uma mesma construção devem partir, necessariamente, de um significado prototípico. No caso do esquema *X-ite*, em questão, a semântica prototípica é a de “inflamação”, normalmente atribuída a afecções que ocorrem em diversas partes do corpo humano (*amigdalite*, *estomatite*, *otite* etc.). Por extensão metafórica, contudo, em algumas formações neológicas, Alves tem verificado que o sufixo atribui caráter de exagero/excesso à semântica da palavra base. “Pacotite”, portanto, significa “excesso de pacotes” criados pelo então governo federal. Quando o falante metaforiza o sentido primário “inflamação” em “exagero/excesso”, criam-se, por ligação polissêmica, subesquemas construcionais. Os mecanismos de extensão semântico-conceptuais, aliás, tais como a metáfora, são, no dizer de Gonçalves (2016b, p. 31), “a força propulsora por trás de padrões de polissemia que emergem na relação entre construções”.

No nível mais abstrato, a contraparte semântica, segundo Booij (2010), não é especificada, podendo ser interpretada, de um modo geral, conforme nos diz Gonçalves (2016b, p. 31) como “o *frame* evocado pela palavra-fonte”. É necessário que assim seja, tendo em vista que os sentidos prototípico e derivado devem poder ser abarcados por uma especificação que seja geral o suficiente para tanto.



Imagem 11: Esquema construcional das formações *X-ite*

Especificamente quanto ao segundo tipo de herança, por extensão metafórica, Gonçalves (2016b, p. 32) a exemplifica com formações diminutivas de esquema *X-inho*, tais como a palavra *camisinha*, cuja motivação é inteiramente metafórica. Do ponto de vista imagético e funcional, o preservativo que abarca e protege o órgão sexual masculino é nomeado em termos do domínio “vestuário”, especificamente como uma pequena

camisa, que, à semelhança do preservativo, também abarca uma parte do corpo, protegendo-a.

O terceiro tipo de herança, por subparte, ocorre “quando parte de uma construção existe independentemente, constituindo outra construção” (GONÇALVES, 2016b, p. 30). Os chamados “afixoides”, que participam do processo de recomposição, são um claro exemplo de herança por subparte. O formativo *eco-*, por exemplo, de origem grega, cujo significado etimológico é “casa” ou “habitat”, tem sido empregado em formações neológicas nas quais não atualiza o sentido original, como *ecochato* ou *ecorresponsabilidade*, pois, aqui, significa “ecologia/meio ambiente” e não “casa” ou “habitat”. Nesses casos, *eco-*, “parte” da palavra ecologia, por ligação metonímica, acaba por atualizar o conteúdo semântico da palavra inteira e instancia subesquema construcional. O uso de *eco-* como afixoide decorre, portanto, de uma construção por subparte. Nas palavras de Gonçalves (2016b, p. 33), afixoides como *homo-*, *eco-*, *narco-*, em formações de língua geral, “compactam” o significado do todo, levando essa acepção “zipada” para novas formações lexicais.

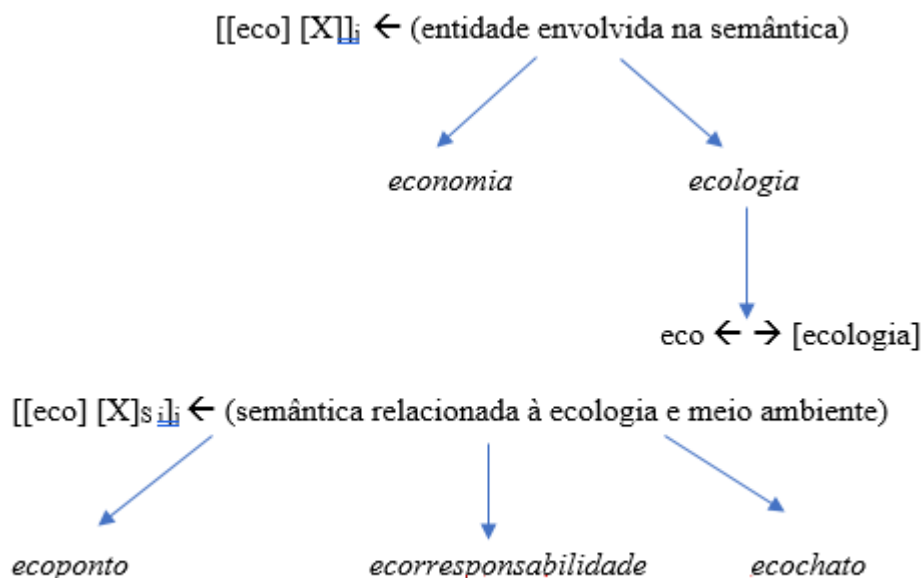


Imagem 12: Esquema construcional das formações eco-X

Finalmente, a herança por instanciação pode ser observada nos casos de afixos que se associam a bases de classes gramaticais diferentes, tal como o sufixo *-(d)eira* em *iogurteira* (base nominal) e *batedeira* (base verbal). A Morfologia Construcional entende os padrões [S_i eira]_{s j} e [V_i deira]_{s j} como instanciações do padrão mais geral [[X]_i eira]_{s j}.

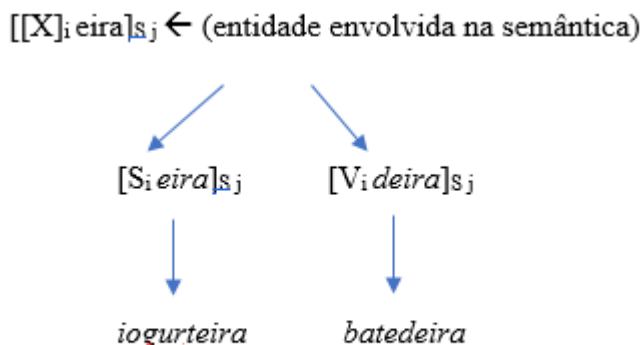


Imagem 13: Esquema construcional das formações X-eira.

Afixos que se adjungem, em unidades lexicais diversas, a bases de categorias gramaticais diferentes, como $-(d)eira$, sempre representaram um desafio para abordagens morfológicas baseadas em regras algorítmicas. Para o modelo gerativo lexicalista, *iogurteira* e *batedeira* só podem estruturar-se a partir de regras de formação diferentes, uma vez que um mesmo *input* só pode dar origem a palavras de mesma classe gramatical. Para Aronoff (1976), a cada afixo corresponde uma categoria de base léxica: é a chamada Hipótese da Base Unitária. A abordagem da Morfologia Construcional, porém, revela-se muito mais adequada para explicar as formações citadas acima: ao colocar em evidência o *output* (BOOIJ, 2010), buscam-se generalizações e constroem-se redes de integração entre os esquemas, ou seja, um esquema não é uma regra, mas pode ser uma instanciamento de outro esquema ainda mais abstrato. Isso, certamente, ajuda-nos a lidar com as chamadas idiosincrasias lexicais.

(...) as formações de base nominal (*iogurteira*) e de base verbal (*fritadeira*) são instâncias de um esquema abstrato geral e, por isso mesmo, atualizam esse esquema com a etiqueta lexical do constituinte à esquerda. Como regras são orientadas para o *input* e esquemas são orientados para o *output* (Booij, 2010), esse dispositivo se revela bem mais adequado que aquele, garantindo generalizações mais interessantes. (GONÇALVES, 2016b, p. 35).

Além dos quatro tipos de herança estudados acima, Booij (2010) fala-nos também sobre a chamada “herança *default*”, que ocorre quando uma informação presente em nó superior acaba por não ser herdada, sendo substituída por propriedades presentes nos nós inferiores. Gonçalves (2016b, p. 35) ilustra esse caso, novamente, com as formações $[[X]_ieira]_s_j ← (entidade envolvida na semântica): *jardineira*, *faxineira*, *costureira* etc., que diferem das construções $[X\ eira]_s_j$, nas quais X não faz parte do léxico: *peneira*, *torneira*. A relação entre os dois tipos de estruturas não é de subparte, uma vez que $[X\ eira]_s_j$ não é parte de $[[X]_ieira]_s_j$. Do nó superior para o nó inferior não foi herdado por X o estatuto$

de item lexical, tendo sido herdada apenas a generalização de que nomes formados com o sufixo *-eira* são substantivos.

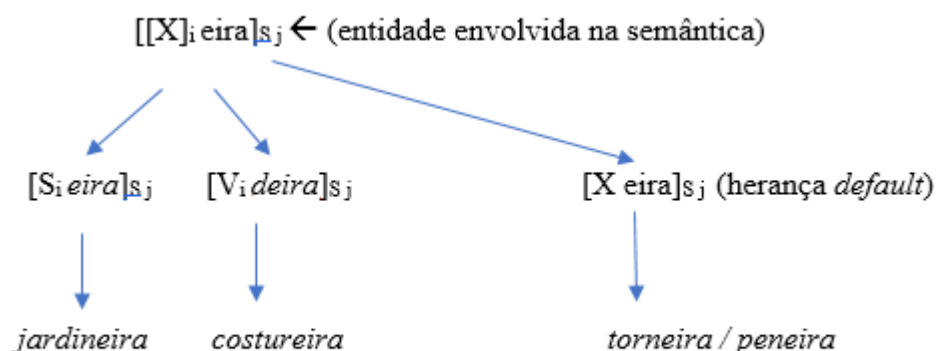


Imagem 14: Esquema construcional com herança *default*

De acordo com Booij (2010, p. 27), “o mecanismo de herança *default* é necessário porque nós queremos ser capazes de expressar que uma palavra tem uma propriedade excepcional, embora seja regular em muitos outros aspectos.”¹⁰³. Eis aí mais um exemplo da plasticidade da Morfologia Construcional em relação a modelos baseados em regras.

Esquemas construcionais generalizados a partir dos usos reais, os quais, por sua vez, servem de modelo a novas criações; redes construcionais entre esquemas que são instanciados uns a partir dos outros, herdando propriedades dos níveis mais altos; esquemas que se unificam para formar unidades léxicas complexas; tudo isso vem corroborar o conceito básico da LC de que os níveis linguísticos não são módulos rigidamente separados, mas elementos de um mesmo *continuum*. Nesse sentido, derivação e composição não mais podem ser encaradas como processos rigidamente demarcáveis, mas instâncias surgidas na relação entre esquemas onde forma e significado são pareados. Esses padrões construcionais abstraem-se das unidades linguísticas reais e, por isso mesmo, são plásticos, maleáveis, interpenetram-se e projetam-se uns sobre os outros.

Desse modo, ao invés de tentar definir se unidades léxicas como *narcotraficante* ou *narcocomércio* são derivadas ou compostas, a Morfologia Construcional olha para elas em sua integralidade formal e semântica e, a partir delas, abstrai esquemas e padrões de

¹⁰³ Tradução livre do original: “The mechanism of *default* inheritance is necessary because we want to be able to express that a word has an exceptional property, although it is regular in most aspects.” (BOOIJ, 2010, p. 27).

construção, do mais específico ao mais abstrato e, ao mesmo tempo, do mais abstrato ao mais específico, que se relacionam por heranças e instanciações.

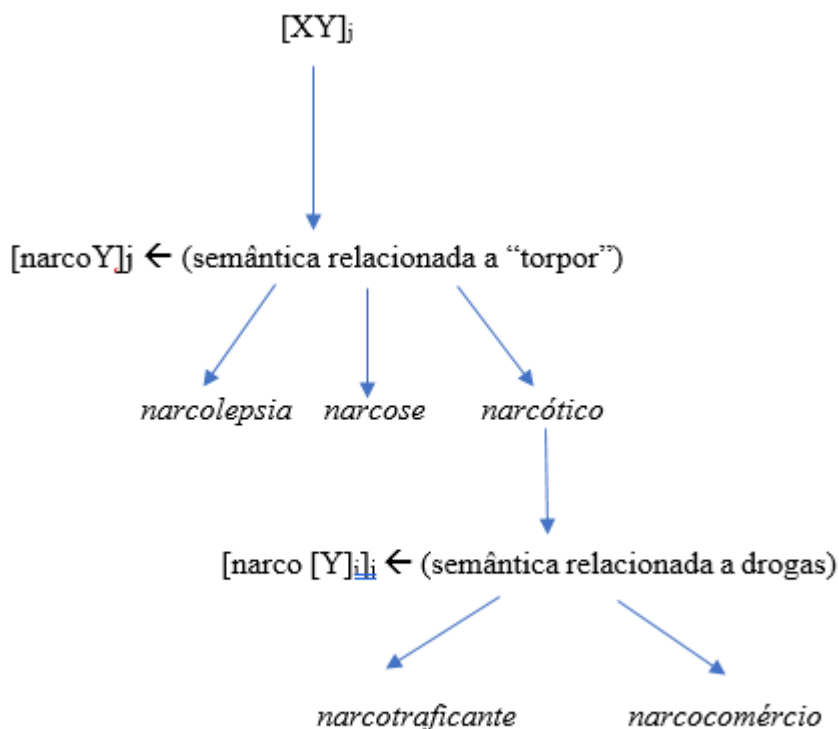


Imagem 15: Esquema construcional das formações *narco-X*

Não há, portanto, em uma abordagem construcional, espaço para considerar diferenças rígidas e inequívocas entre composição e derivação, uma vez que todas as unidades linguísticas, compostas ou derivadas, são, em si, materializações de esquemas tão plásticos e maleáveis quanto o é a própria linguagem. Chegar a eles, descrevê-los, evidenciar a complexidade de suas relações é, por certo, muito mais interessante e proveitoso.

Neste capítulo, procuramos abarcar alguns conceitos teóricos, dentre os muitos desenvolvidos no âmbito da LC, que nos auxiliarão a analisar, com maior propriedade, no próximo capítulo, aspectos formais e semânticos das composições lexicais neológicas.

4. ANÁLISE QUANTITATIVA DOS DADOS

Coletamos, nos blogues que compuseram o *corpus* de análise desta pesquisa (cf. capítulo 1), ao todo, 384 unidades lexicais neológicas diferentes formadas pelo padrão de composição nominal S+S. Dessas, 104 (27%, aproximadamente) são compostos coordenativos e 280 (73%, aproximadamente), determinativos (SANDMANN, 1989). Na grande maioria dos neologismos compostos no *corpus*, portanto, um dos elementos atribui características ao outro. O gráfico abaixo ilustra essa relação.

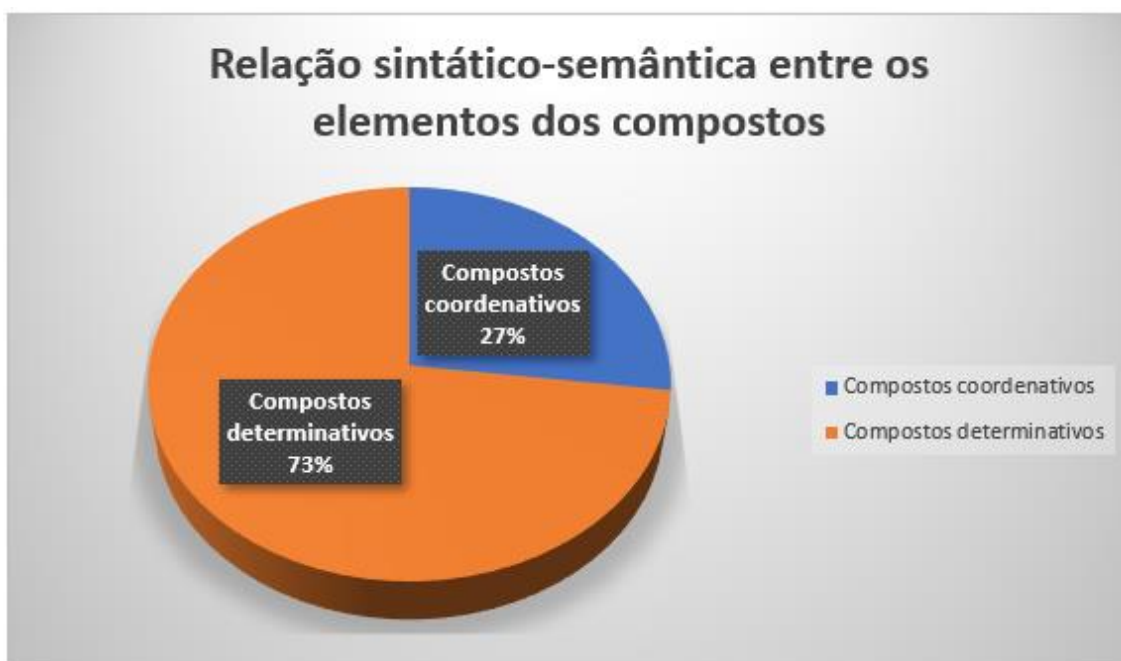


Imagem 16: Gráfico representando a porcentagem de compostos coordenativos e determinativos

Apesar de, teoricamente, compostos coordenativos e compostos determinativos estarem muito bem demarcados em suas características básicas, na prática, etiquetar as unidades léxicas compostas dessa maneira mostra-se uma tarefa bastante desafiadora, já que, segundo nos lembra Sandmann (1989, p. 119), a relação entre os elementos dos compostos só pode ser efetivamente analisada em contexto, isto é, no âmbito do emprego da palavra em contextos reais de uso e, ainda assim, não é tão nítida.

Por compostos coordenativos, entendem-se, conforme vimos no segundo capítulo, aqueles nos quais os dois elementos são cabeças semânticas da unidade lexical composta, razão pela qual um não determina o outro. Sandmann (1989, p. 118) nos lembra que uma maneira prática de identificá-los é inserir, entre os elementos, a conjunção coordenativa aditiva “e”. Assim, *médico-cantor* poderia ser entendido como a redução da frase-base (GUILBERT, 1975) “ele é médico e cantor”. Percebe-se que, nessa classe de compostos,

o elemento resultante é a soma dos dois membros da composição. Assim, *médico-cantor* denota um indivíduo que exerce as duas profissões, não havendo, portanto, entre os dois elementos, interferência de significados um sobre o outro.

Por sua vez, os chamados compostos determinativos diferem dos coordenativos, pois apenas um dos elementos representa a cabeça semântica da unidade lexical, tendo o outro a função de lhe atribuir características e/ou qualidades. Nesse sentido, podemos dizer que é determinativo o composto *hospital-escola* se designar um tipo de hospital, no qual os médicos residentes aprendem os meandros da profissão, e não um hospital que também funciona como escola básica, o que, nesse caso, levar-nos-ia a interpretar o composto como coordenativo – hospital e escola.

Em português, a ordem habitual dos elementos de compostos dessa natureza é determinado seguido de determinante. A posposição do determinante ao determinado, aliás, é padrão não apenas na morfossintaxe da palavra, mas também da sentença, já que a posição-padrão, no sintagma nominal, do adjetivo é após o núcleo substantivo. Apesar disso, assim como pode haver adjetivos prepostos a substantivos em nossa língua, também é possível verificarem-se compostos determinativos de ordem determinante seguido de determinado, chamados por Sandmann (1992) neoclássicos, por imitarem a estrutura do latim, como *videoaula*, por exemplo.

No âmbito dos compostos determinativos, as relações estabelecidas entre os elementos formadores apresentam nuances múltiplas, obrigando-nos, praticamente, a analisar neologismo por neologismo, a fim de lhes desvendar a construção do significado. De modo geral, contudo, pode-se perceber que o caráter determinante do segundo elemento da composição pode ser ostensivamente metafórico e/ou metonímico (*paquera-relâmpago*) ou não (*economista-chefe*). Percebe-se ainda que o próprio elemento determinado em si também pode ser de natureza não-literal, isto é, metafórico ou metonímico (*bolsa-família*). Isso, certamente, também nos ajuda a diferenciar essa classe de compostos dos coordenativos, os quais não apresentam emprego metafórico dos elementos.

Em resumo, consideramos como determinativos, neste trabalho, (I) os compostos que apresentam emprego metafórico em um ou nos dois elementos, ou mesmo na relação entre eles (*votação-relâmpago*, *deputado-bomba* etc.); (II) os compostos nos quais o segundo elemento é, de certo modo, “parte” do primeiro, como *ônibus-leito*, que denota um ônibus **com** leitos, no qual as pessoas realizam viagens rodoviárias noturnas; (III) os compostos em que o segundo elemento apresenta função ontológica e o produto resultante

é um subtipo do domínio cognitivo evocado pelo primeiro elemento, como *voto-atleta*, que denota um tipo de voto, no caso o do representante dos atletas na eleição da diretoria do Comitê Olímpico Brasileiro. Nesse sentido, o conhecimento enciclopédico da palavra, priorizado pela LC, que não faz separação entre Semântica e Pragmática, é muito útil. *Diretor-presidente*, por exemplo, que poderia ser entendido como composto coordenativo (diretor e presidente), é por nós classificado como determinativo, pois a complexa organização empresarial-capitalista admite *diretor-presidente*, *diretor-executivo*, *diretor-adjunto* etc., ou seja, *diretor-presidente* é um subtipo da classe dos diretores, razão por que é analisado, aqui, como de natureza determinativa; (IV) os compostos em que o primeiro elemento é palavra de caráter mais generalizante, cabendo ao segundo elemento caracterizá-la, ou mesmo restringi-la, como *pessoa-celebridade*, *edifício-hangar*, *prédio-monumento* etc.

Mesmo com todos esses critérios, percebemos que alguns compostos ainda se mostram categorialmente incertos quanto à relação entre seus membros. Isso, contudo, para nós, não é um verdadeiro problema, pois, como estamos trabalhando com o arcabouço teórico fornecido pela Linguística Cognitiva, e concordantemente aos seus princípios, não acreditamos em demarcações categoriais rígidas. Se aqui utilizamos a divisão “compostos determinativos” e “compostos coordenativos”, isso se deve mais ao respeito à tradição dos estudos lexicais, aos quais queremos integrar, e à necessidade de organização dos dados para análise do que, exatamente, à realidade. Na seção 5.1 adiante, analisaremos alguns neologismos compostos que não são tão prototipicamente coordenativos. Eis, portanto, uma semente interessante de futuros estudos: como seria um possível *continuum* entre composição coordenativa e determinativa? Por hora, porém, essas cogitações fogem ao escopo deste trabalho. No momento da análise de cada neologismo, discutiremos as peculiaridades semânticas de cada um e os motivos, no mais das vezes parciais, que nos levaram a entender o composto como determinativo ou coordenativo.

No segundo capítulo, vimos que a composição em si é entendida por Basilio (1989), ainda sob a égide teórica do gerativismo, como processo de caráter eminentemente *ad hoc*, ou seja, cujos membros não podem ser, a rigor, previstos e a associação entre eles é, por assim dizer, fortuita. Isso, de acordo com a autora, constitui a essência da diferenciação entre derivados e compostos. Já desde o início da década de 90, Alves (1990; 2006; 2010) vem, na contramão, mostrando, com dados neológicos reais, que, em composições S+S do português brasileiro, alguns elementos aparecem

recorrentemente em posição fixa, colocando, assim, em xeque o entendimento mais tradicional da morfologia gerativa sobre a questão da formação de palavras compostas. Recentemente, Gonçalves (2016a), ainda que não no âmbito específico dos estudos de neologia, tem confirmado essa tendência.

Esse fato, a nosso ver, representa a pá de cal tanto no conceito de composição enquanto processo de elementos totalmente imprevisíveis, ao menos no que se refere à criação de novas lexias no português brasileiro, quanto na fixidade dos formantes em mesma posição como critério definidor da derivação em comparação com a composição. Nesse sentido, julgamos como mais acertados para o melhor entendimento formal do fato em questão os conceitos teóricos da Morfologia Construcional (BOOIJ, 2005; 2007; 2010; GONÇALVES, 2016b), estudados no final do terceiro capítulo. A partir de uma palavra real, por exemplo, *Bolsa-família*, que significa o auxílio monetário oferecido pelo governo às famílias carentes, que se popularizou no Brasil durante os governos petistas, os demais auxílios oferecidos pelos órgãos governamentais a diferentes classes de pessoas foram identificados como tipos de bolsas. Isto equivale a dizer, em termos da Morfologia Construcional, que um esquema abstrato (S+S) deu origem a um item novo do léxico (*Bolsa-família*) que, por sua vez, analogicamente, instancia outros itens (*bolsa-atleta*, *bolsa-banqueiro* etc.) os quais são reanalisados e generalizados em um novo esquema construcional composto (*bolsa-X*), que retroalimenta o sistema lexical da língua.

Ao iniciarmos o estudo das unidades léxicas neológicas empregadas nos *corpora* de análise, percebeu-se de imediato que os compostos determinativos, confirmando os dados de Alves (1990; 2006; 2010) e Gonçalves (2016a), continuavam a apresentar tendência de fixidade de um dos elementos, normalmente o metafórico-metonímico, aparecendo sempre na mesma posição.

Apesar de termos recolhido também composições coordenativas com elementos recorrentes na mesma posição, como *deputado-cartola*, *deputado-doleiro*, *deputado-pastor* etc., julgamos que se trata, em verdade, de fenômenos diferentes. No caso dos neologismos compostos por coordenação, os dois elementos, como vimos, são cabeças semânticas da unidade lexical. Assim, nenhum dos formantes é metafórico e/ou dependente do outro, o que parece ser o gatilho para a possibilidade de surgimento de subpadrões no âmbito das composições. Em *deputado-cartola*, *deputado-doleiro* e *deputado-pastor*, há elementos recorrentes em mesma posição não porque haja um subpadrão de composição, mas apenas porque indivíduos desempenham duas funções: são deputados, mas também cartolas de clubes esportivos; são deputados, mas também

negociam em dólares no mercado paralelo; são deputados, mas também estão à frente de igrejas evangélicas na função de pastores. Ainda que exista uma classe, no Brasil (mais forte do que deveria), de *deputados-cartolas*, *deputados-doleiros* ou *deputados-pastores*, essas são, oficialmente, duas categorias distintas e não uma atribuição que se dá a um deputado ou uma metáfora que o caracteriza. Por essa razão, não julgamos que se trate de subpadrões de composição nominal, mas tão somente de associações entre duas funções/ocupações/atividades desempenhadas por indivíduos.

Do total de 280 unidades lexicais compostas determinativas, em 142 (51%), ou seja, na metade, verificou-se a recorrência de formantes em posição fixa. O gráfico abaixo ilustra o que se acabou de afirmar.

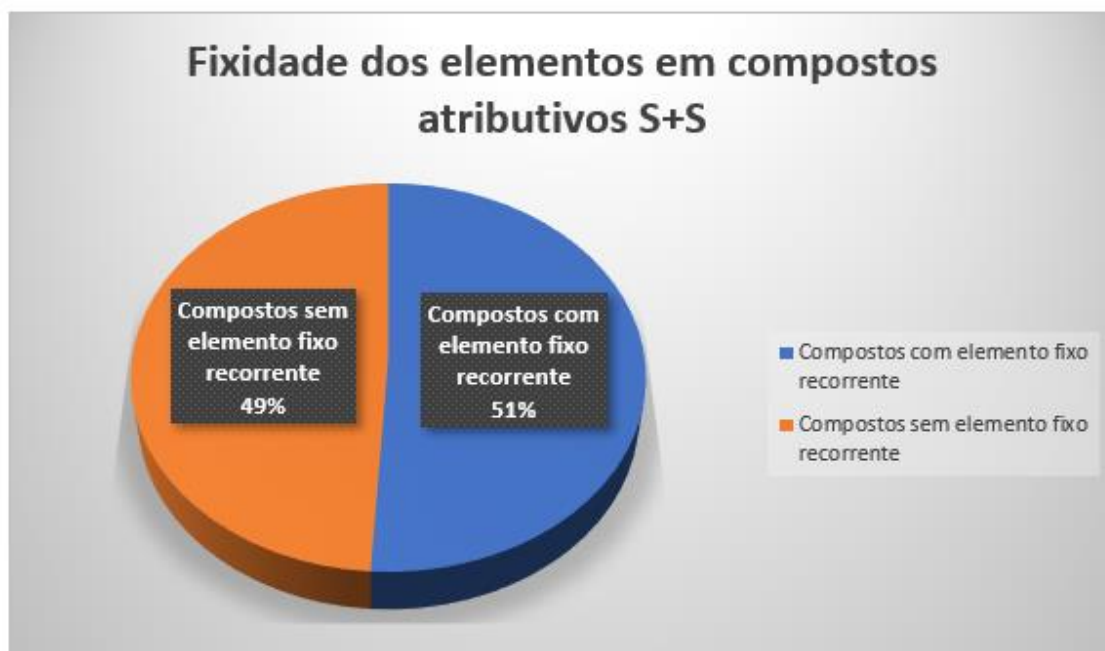


Imagem 17: Gráfico representando a porcentagem de compostos que apresentam recorrência de elementos fixos

A essa recorrência de elementos fixos em compostos determinativos denominamos subpadrões de composição nominal, instanciados, nos termos da Morfologia Construcional, a partir do padrão mais genérico e abstrato S+S. Faz-se necessário, porém, nesse ponto, explicitar o que entendemos exatamente por isso.

Para considerarmos que haja um subpadrão de composição nominal determinativo S+S no *corpus* de análise, utilizamos como critério, além de, obviamente, a frequência (de 3 a mais ocorrências de neologismos com o mesmo elemento em posição fixa), também a abrangência maior de possibilidades de emprego do subpadrão, dada a maior generalidade semântica do formante fixo. Esse critério levou-nos a não considerar, por

exemplo, como materialização de subpadrão de composição, os neologismos *livro-depoimento*, *livro-ensaio*, *livro-referência*, *livro-relatório* e *livro-reportagem*, uma vez que a palavra “livro”, usada aqui em sentido literal, é, por isso mesmo, mais restrita a contextos relacionados à literatura e ao mercado editorial. Isso é muito diferente de compostos *X-chave*, por exemplo, onde “chave” não é literal, mas, metaforicamente, designa entes essenciais a determinada situação. Variados são, portanto, os contextos em que um neologismo dessa natureza pode surgir. No primeiro caso, temos, pois, associações recorrentes da palavra “livro” a unidades léxicas que lhe atribuem características, por serem diversos, na atualidade, os tipos de obras literárias; no segundo caso, temos, contudo, um subpadrão de composição.

No *corpus* de análise, verificamos 16 subpadrões de composição nominal determinativa S+S, sendo 13 com o segundo elemento fixo - *X-alvo* (3 ocorrências, 1% do total), *X-mãe* (4 ocorrências, 1,5% do total), *X-problema* (4 ocorrências, 1,5% do total), *X-sede* (4 ocorrências, 1,5% do total), *X-teste* (5 ocorrências, 2% do total), *X-bomba* (6 ocorrências, 2% do total), *X-surpresa* (6 ocorrências, 2% do total), *X-padrão* (7 ocorrências, 2,5% do total), *X-símbolo* (8 ocorrências, 3% do total), *X-relâmpago* (10 ocorrências, 4% do total), *X-fantasma* (12 ocorrências, 5% do total), *X-chefe* (15 ocorrências, 5,5% do total) e *X-chave* (26 ocorrências, 9% do total) - e 3 com o primeiro elemento fixo - *vídeo-X* (8 ocorrências, 3% do total), *homem-X* (11 ocorrências, 4% do total) e *bolsa-X* (13 ocorrências, 4,5% do total).

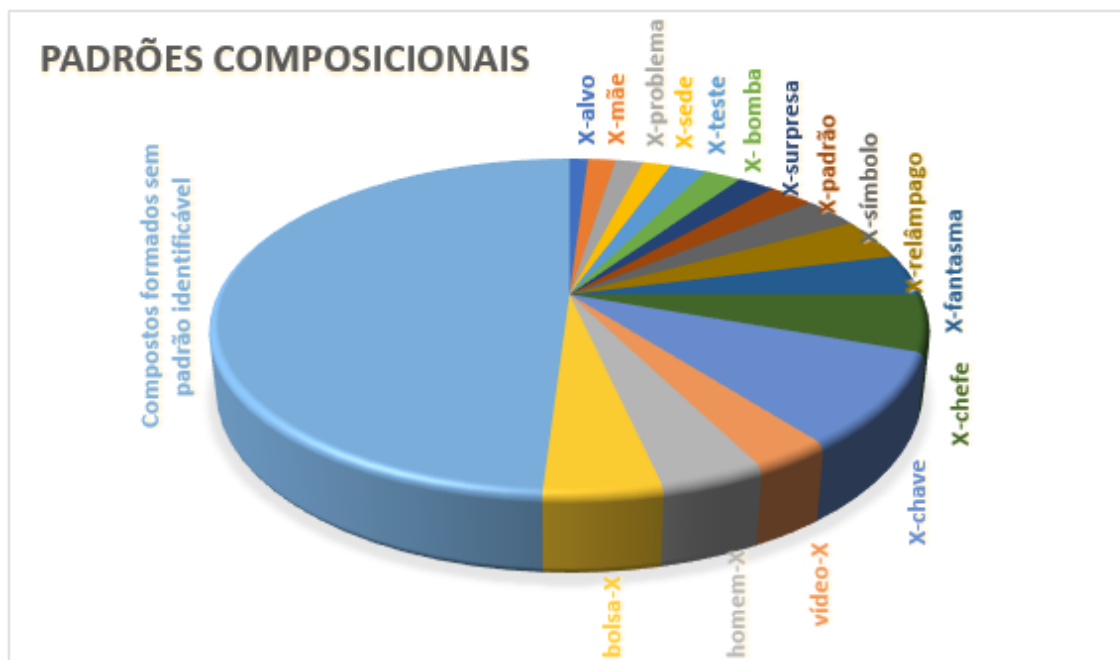


Imagem 18: Gráfico representando os padrões composicionais determinativos S+S em comparação com os neologismos formados sem padrão identificável

Finalmente, antes de realizar a análise qualitativa dos dados neológicos de que dispomos, importa dizer ainda que não adotaremos, neste estudo, a divisão dos compostos em endocêntricos e exocêntricos (BLOOMFIELD, 1933, entre muitos outros), por não acreditarmos, seguindo Benczes (2005; 2006), em opacidade e transparência semânticas como critérios definidores do significado dos compostos, uma vez que, sob o termo guarda-chuva “exocêntrico” escondem-se relações metafórico-metonímicas muito ricas que devem ser descritas, ainda mais em se considerando o arcabouço conceptual fornecido, para tanto, pela Linguística Cognitiva. Exocêntrico esconde, na própria palavra, a ideia de que o significado (o centro) do composto está fora (*exo*) dele mesmo. Ora, o conceito cognitivista de projeção interdomínios, muito presente na construção semântica dessa classe de compostos, se me é permitido, aqui, o uso de uma metáfora, é a roupa de astronauta que o linguista pode vestir para explorar o espaço-*exo* do significado. Por essa razão, portanto, não faria sentido dividir, neste trabalho, os compostos em exocêntricos e endocêntricos.

5. ANÁLISE QUALITATIVA DOS DADOS

Na seção 1.1., esboçamos alguns questionamentos que deveriam guiar nossa atenção e que constituem a problemática a ser investigada neste capítulo, a fim de evidenciarmos a hipótese de trabalho aqui acolhida: os falantes conseguem apreender o sentido de composições neológicas por serem elas materializações linguísticas de processos cognitivos mais gerais, como a capacidade de operar com domínios cognitivos diferentes, mesclá-los (FAUCONNIER & TURNER, 2003) e constituir, analogicamente, esquemas-padrão de formação lexical, tanto do ponto de vista formal quanto semântico (BOOIJ, 2005, 2007, 2010; GONÇALVES, 2016b). Antes de procedermos à análise dos neologismos, retomemos, pois, as questões-base, a fim de as termos sempre no horizonte:

(I) por que o emissor empregou o recurso da composição para materializar o conceito que tinha em mente?

(II) quais são e como se constroem os significados possíveis para essa unidade lexical?

(III) como o falante consegue acessar esse significado, mesmo se tratando de lexias neológicas?

Como foram recolhidos mais de 300 neologismos e, dada a necessidade imprescindível de analisá-los em contexto, tomando o cuidado, ao mesmo tempo, de escrever um texto claro e fluido à leitura, decidimos apresentá-los, na íntegra, anexos ao corpo do trabalho. Remetemos, portanto, o leitor à seção “Anexos” para conhecer todas as composições neológicas coletadas e seus contextos de uso, sempre que, para isso, julgar necessário e oportuno, uma vez que, neste capítulo, optamos por desenvolver um esforço de generalização analítica, estudando mais a fundo apenas uma amostragem dessas unidades lexicais neológicas presentes no *corpus*, as quais se fizeram representativas de padrões e esquemas cognitivos de construção do significado lexical.

5.1. Compostos neológicos nominais coordenativos de padrão S+S

Identificamos, em nosso *corpus*, 104 unidades lexicais neológicas compostas S+S cujos elementos apresentam aparente relação coordenativa¹⁰⁴.

¹⁰⁴ Atentar para a modalização “*aparente* relação coordenativa” (cf. capítulo 4).

Primeiramente, percebe-se que a maior parte desses neologismos designa: (I) funções/papéis sociais e/ou políticos (*aluno-professor, amigo-sócio, deputado-candidato, deputado-pastor, desembargadora-mãe, general-presidente, mãe-filho, médico-paciente, membro-fundador, ministro-deputado, presidente-candidato, senador-candidato, turista-torcedor* etc.); (II) profissões/qualificações profissionais (*astrônomo-matemático, ator-cantor, autor-diretor, baixista-cantor, músico-produtor* etc.); (III) eventos/acontecimentos/empreendimentos (*aula-comício, almoço-debate, almoço-palestra, corrida-reportagem, jantar-aula, palestra-comício, piquenique-protesto, show-oficina* etc.); (IV) instalações/instituições/locais (*bar-sebo, carro-dormitório, castelo-hotel, cenário-redação, escritório-residência, estádio-prisão, redação-estúdio* etc.); e, em menor frequência, (V) localidades (*país-ilha, campo-cidade, Brasil-Estados Unidos* etc.); (VI) meios de transportes (*barco-táxi*), (VII) gêneros textuais (*crônica-ensaio, revistinha-folhetim*) e (VIII) alimentos (*pretzel-croissant*). Há, também, neologismos formados com (IX) nomes próprios de pessoas (*Dilma-Temer, Renan-Collor* etc.), que designam relações estabelecidas entre elas.

Além disso, destaca-se, em nosso *corpus*, o forte emprego de unidades lexicais neológicas coordenativas nas áreas: (I) política (todas as variadas composições com as lexias *deputado, presidente, candidato, senador* as quais se encontram nos anexos); (II) artística (todas as composições com lexias relacionadas ao universo das artes musicais, cinematográficas, cênicas e literárias, das quais, igualmente, não é necessária a repetição neste momento) e (III) comercial/empresarial ([empresa de]*consultoria-auditoria, diretor-fundador, empregado-empregador, sócio-diretor* etc.), sobretudo na área empresarial-esportiva (*clube-associação, sócio-torcedor* etc.).

A despeito de serem todos compostos aparentemente coordenativos, a construção semântica das unidades léxicas apresentadas difere entre si. Basicamente, podemos dividir os neologismos listados acima entre (a) aqueles que são formados por elementos de mesmo domínio cognitivo imediato; (b) aqueles que são formados por elementos de domínios cognitivos imediatos diferentes; (c) aqueles que Rio-Torto & Ribeiro (2009, p 281) classificam como copulativos.¹⁰⁵

¹⁰⁵ Como qualquer categorização, essa também não é absoluta e poderia ser melhor esboçada em um *continuum*, uma vez que, embasados em Langacker (2008), sabemos que os domínios se inter-relacionam em uma rede de conexões. Cada domínio remete, portanto, a outro mais geral. A divisão que estabelecemos tem, portanto, apenas um fim didático e tão somente a função de organizar a análise, identificando tendências gerais.

Seguindo a Teoria da Mesclagem Conceptual, de Fauconnier & Turner (2003), pode-se afirmar que compostos do grupo (a) são do subtipo *Mirror*, no qual há apenas um domínio cognitivo e os elementos dos *inputs* o compartilham. Isso ajuda a explicar por que não há interferência semântica entre os dois elementos, uma vez que o ser denotado pelo composto desempenha, integralmente, duas funções no mesmo domínio. Graficamente, a relação semântica genérica pode ser representada como segue abaixo:

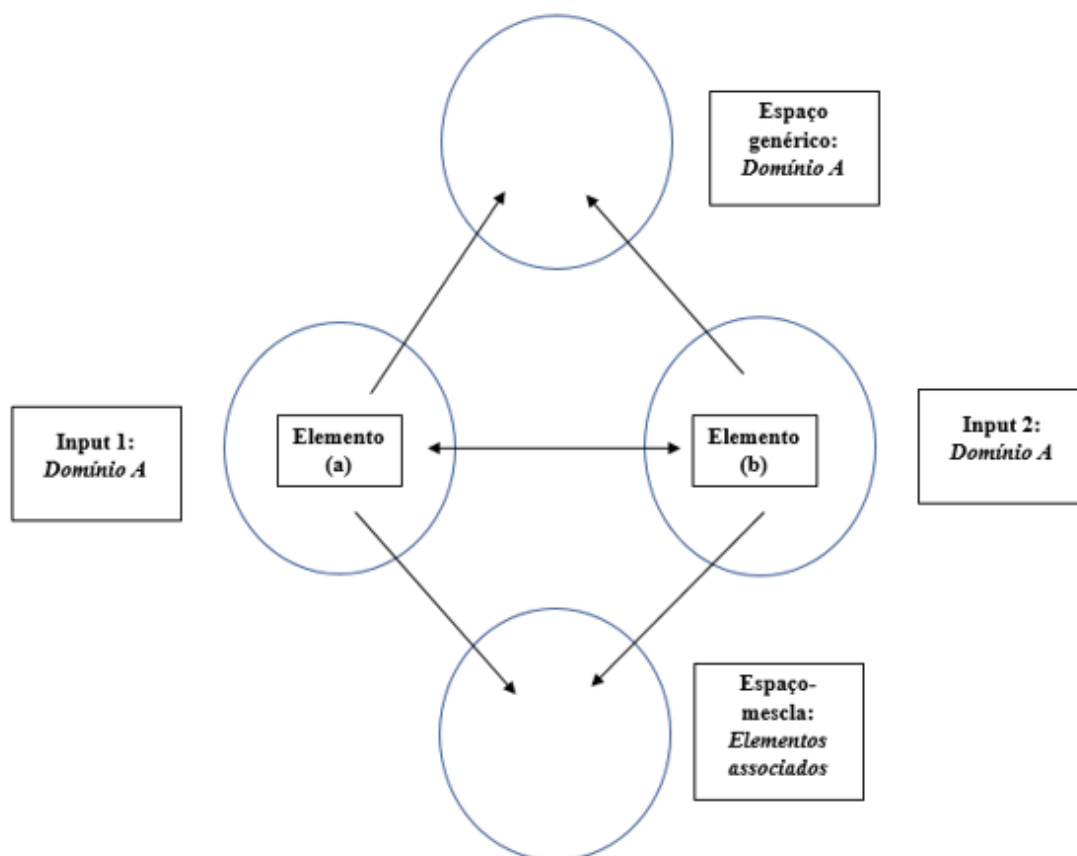


Imagem 19: Modelo de Integração Conceptual de compostos coordenativos com elementos de mesmo domínio

Nota-se aqui que tanto o espaço genérico quanto os *inputs* pertencem ao mesmo domínio cognitivo (o qual denominamos A) e os elementos associam-se mutuamente, como indicado pela seta de duas pontas, não havendo, portanto, propriamente falando, mescla semântica, nem tampouco relevância de um sobre o outro, visto tratarem-se de compostos coordenativos, nos quais os dois elementos constituem-se cabeças semânticas da unidade lexical, isto é, representam os papéis que o mesmo referente desempenha no âmbito do domínio-matriz. Como exemplos, podemos citar, entre outros: *ator-produtor*, *autor-diretor*, *baixista-cantor*, *crônica-ensaio*, *deputado-candidato*, *diretor-ator*, *diretor-coreógrafo*, *esposa-irmã*, *ministro-deputado*, *presidente-candidato*, *professor-*

estudante, senador-candidato. Em todos esses casos, o referente designado pelos neologismos é, em sua vida pessoal/profissional, tanto o primeiro quanto o segundo elemento, sem concorrência entre eles. Não se percebe, finalmente, nesses casos, qualquer relação metafórica na estrutura emergente.

Apenas a título de ilustração, façamos o esquema semântico dos neologismos *baixista-cantor, esposa-irmã* e *presidente candidato*, cujos elementos integram, respectivamente, os domínios imediatos: MÚSICA, FAMÍLIA e POLÍTICA.

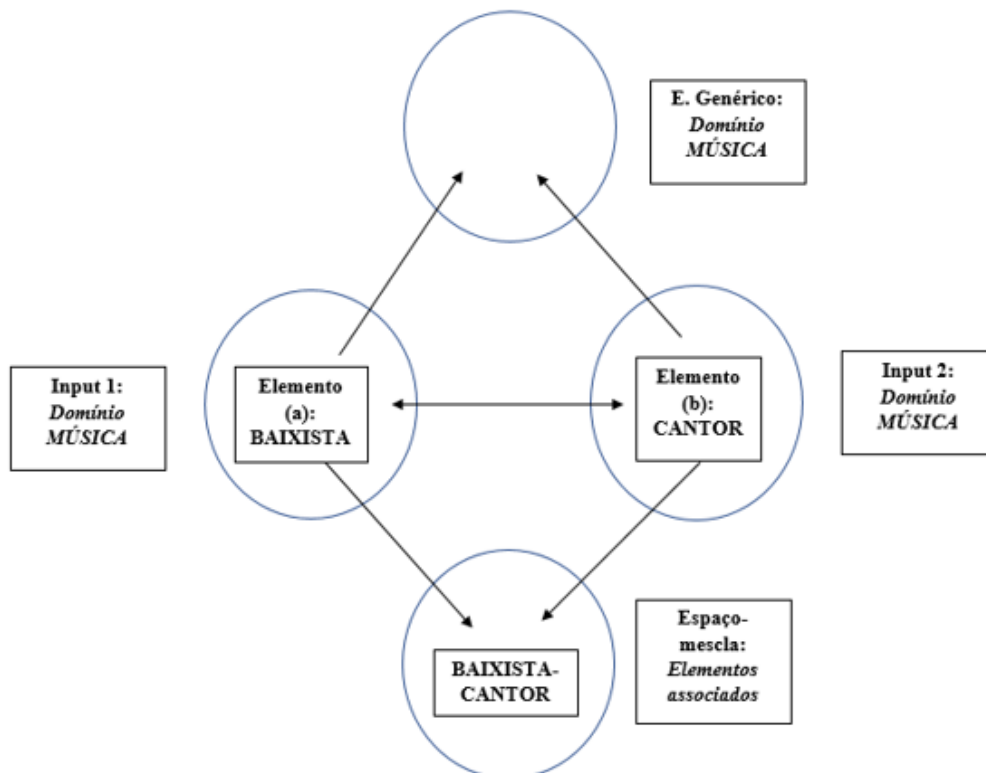


Imagem 20: Esquema de Integração Conceptual do neologismo *baixista-cantor*.

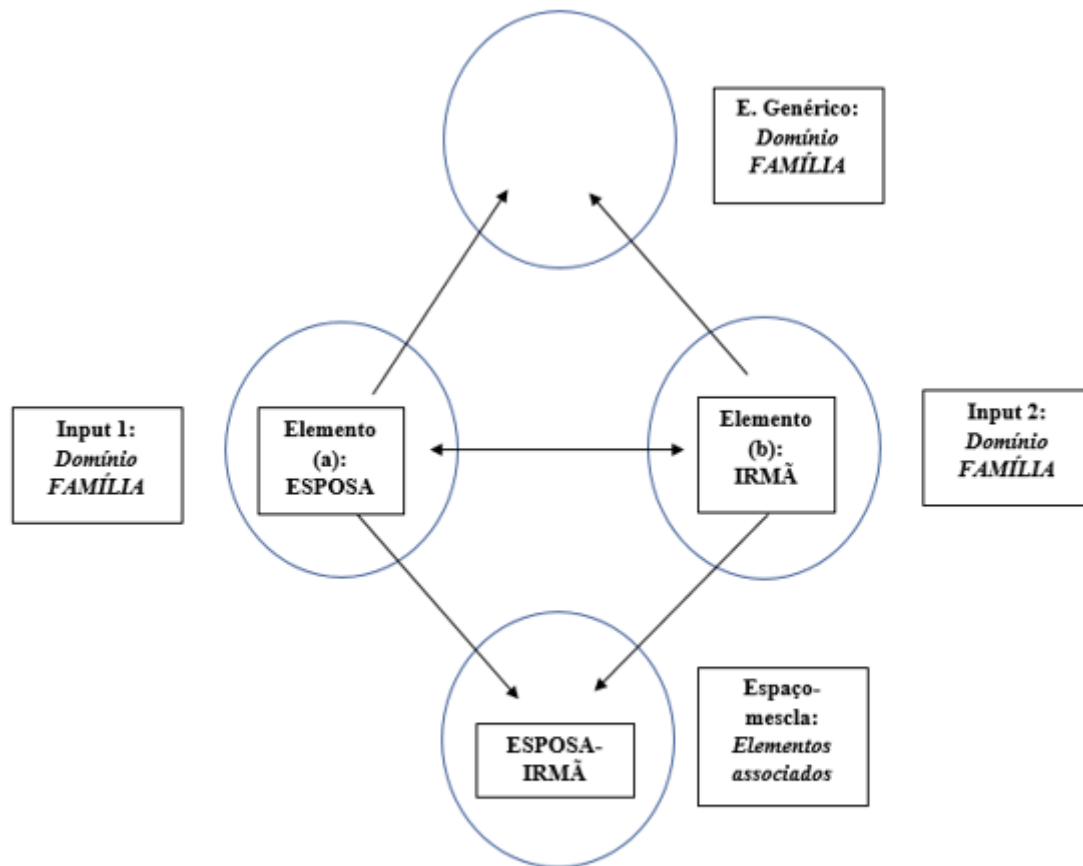


Imagem 21: Esquema de Integração Conceptual do neologismo *esposa-irmã*.

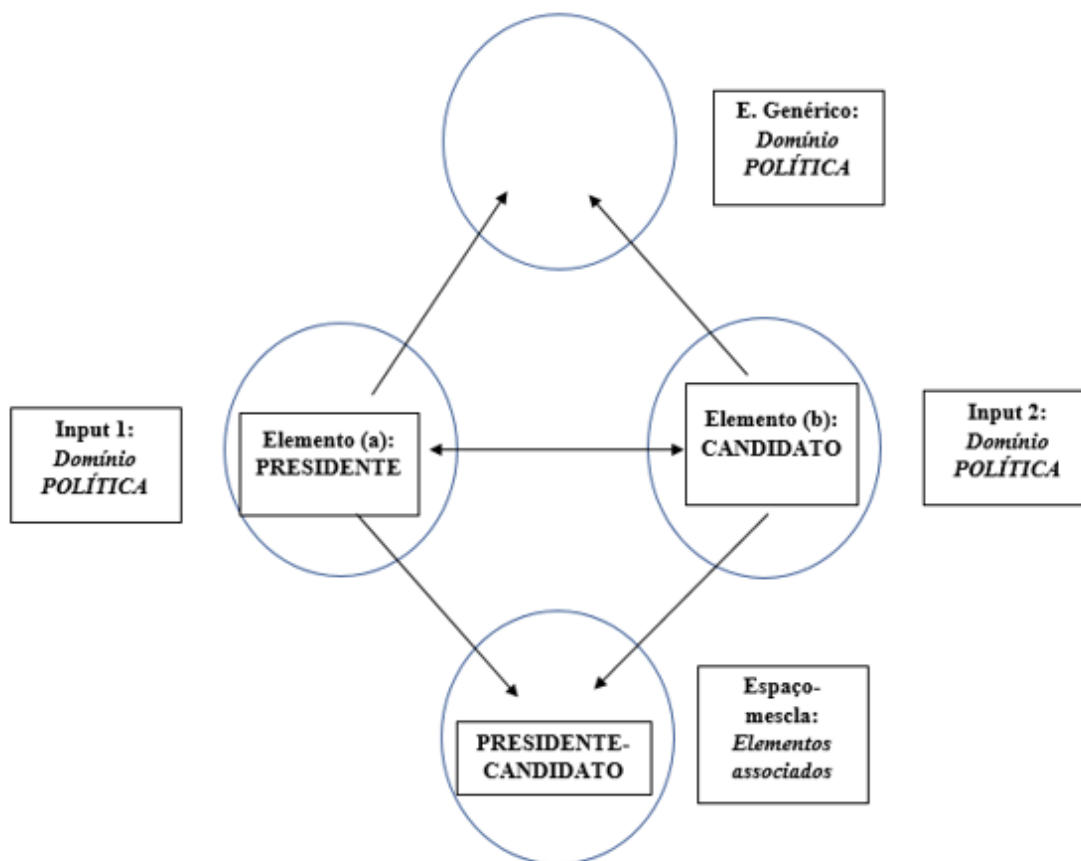


Imagem 22: Esquema de Integração Conceptual do neologismo *presidente-candidato*

Muito mais numeroso que o primeiro grupo, os compostos coordenativos neológicos do tipo (b), ou seja, aqueles cujos elementos evocam domínios cognitivos imediatos diferentes, também não são todos iguais. Entre eles, há os mais prototípicos, isto é, em que a disparidade entre os domínios imediatos é mais evidente, como *leitor-torcedor* (LITERATURA e ESPORTE), ou *jantar-aula* (REFEIÇÕES e EDUCAÇÃO), ou mesmo *piquenique-protesto* (LAZER e MANIFESTAÇÃO); e há os que são menos prototípicos, como *ator-cantor*, a cuja ligação entre os dois domínios imediatos (TEATRO e MÚSICA, respectivamente) é mais fácil remontar (ARTE).

Nos compostos do tipo (b), cada elemento é projetado no espaço-mescla a partir de um domínio diferente. O ser designado pelo composto desempenha, simultaneamente, como nos exemplos do grupo (a), funções diferentes, mas agora, cada qual, em um espaço mental diferente. Segue abaixo uma possível representação esquemática geral da construção semântica desses compostos.

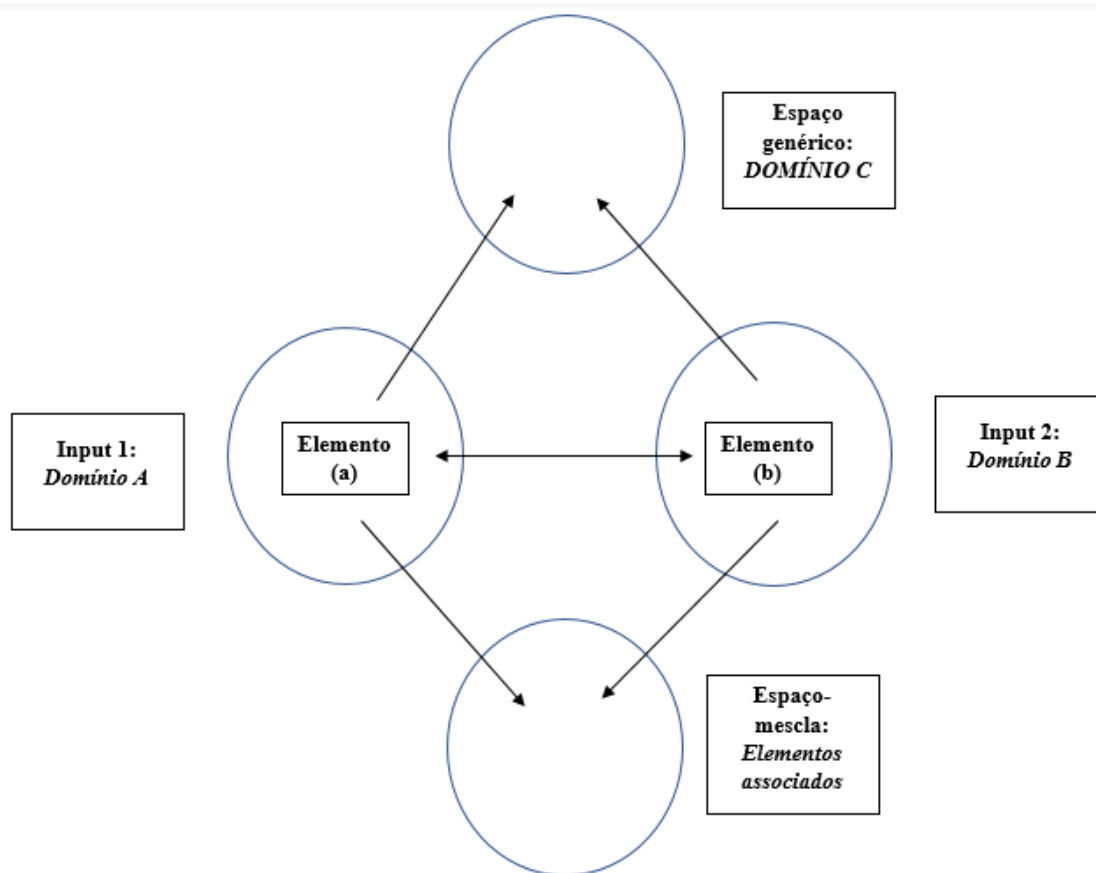


Imagem 23: Modelo de Integração Conceptual de compostos coordenativos com elementos de domínios diferentes

Nesse modelo, os *inputs* 1 e 2 evocam, respectivamente, dois domínios imediatos diferentes, os quais chamaremos A e B, respectivamente. O espaço genérico, por sua vez, representa o domínio mais geral que conecta os dois *inputs*. A seta de duas pontas, tal como no modelo representado pela imagem 19, evidencia que não há relevância semântica de um elemento sobre o outro, uma vez que os dois se associam, não se mesclam, mantendo, portanto, cada qual seu significado mais prototípico, sem qualquer conotação metafórica. Para ilustrar o que acabamos de afirmar, analisemos os neologismos *desembargadora-mãe*, *escritora-bruxa* e *deputado-pastor*.

O contexto de uso da unidade lexical neológica *desembargadora-mãe* esclarece-nos que não há qualquer conotação metafórica evocada por *mãe*. Trata-se, neste caso específico, de uma mulher de profissão desembargadora, mas que, por ser mãe de um infrator, utiliza sua influência profissional em causa própria, conseguindo, para seu filho, a internação em uma clínica psiquiátrica ao invés de o enclausuramento em um presídio. Esquemáticamente, temos:

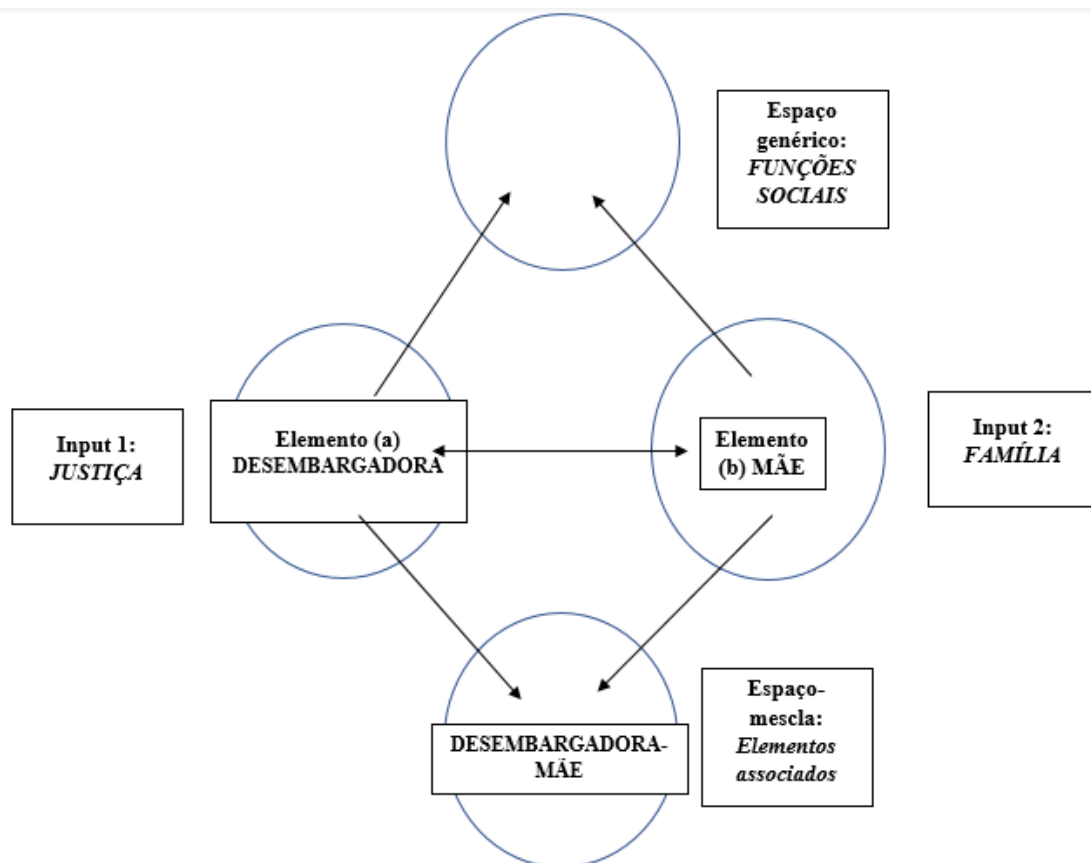


Imagem 24: Modelo de Integração Conceptual do neologismo *desembargadora-mãe*

Do mesmo modo, em *escritora-bruxa*, o segundo elemento não carrega qualquer conotação metafórica que pudesse ser associada à lexia *bruxa*, uma vez que o contexto se refere à escritora Márcia Frazão, autora de livros esotéricos e praticante de cultos neopagãos, os quais designam a si próprios pelo termo genérico “bruxaria”. Assim, o esquema de *escritora-bruxa* é:

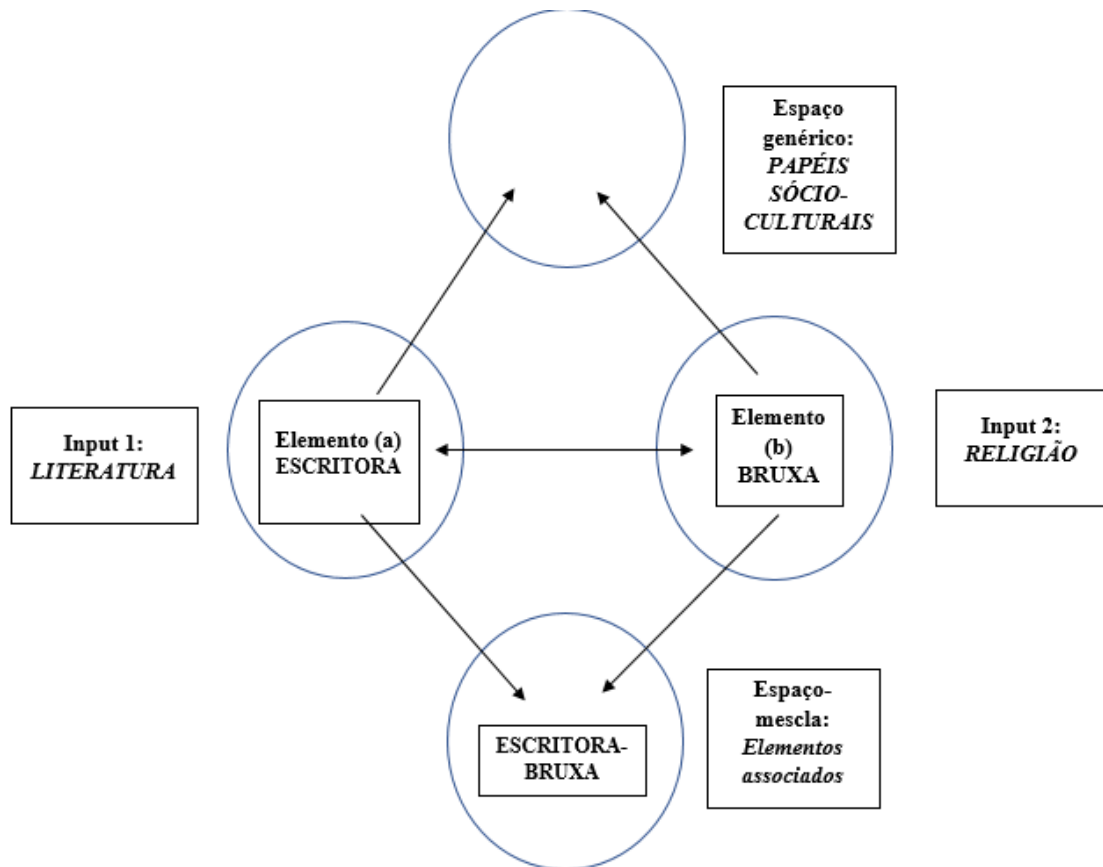


Imagem 25: Modelo de Integração Conceptual do neologismo escritora-bruxa

Por fim, *deputado-pastor*, no contexto, refere-se à conhecida personagem da política recente do Brasil, Marcos Feliciano, pastor evangélico que se elegeu para um cargo de deputado federal em nosso país. Esquemáticamente, temos:

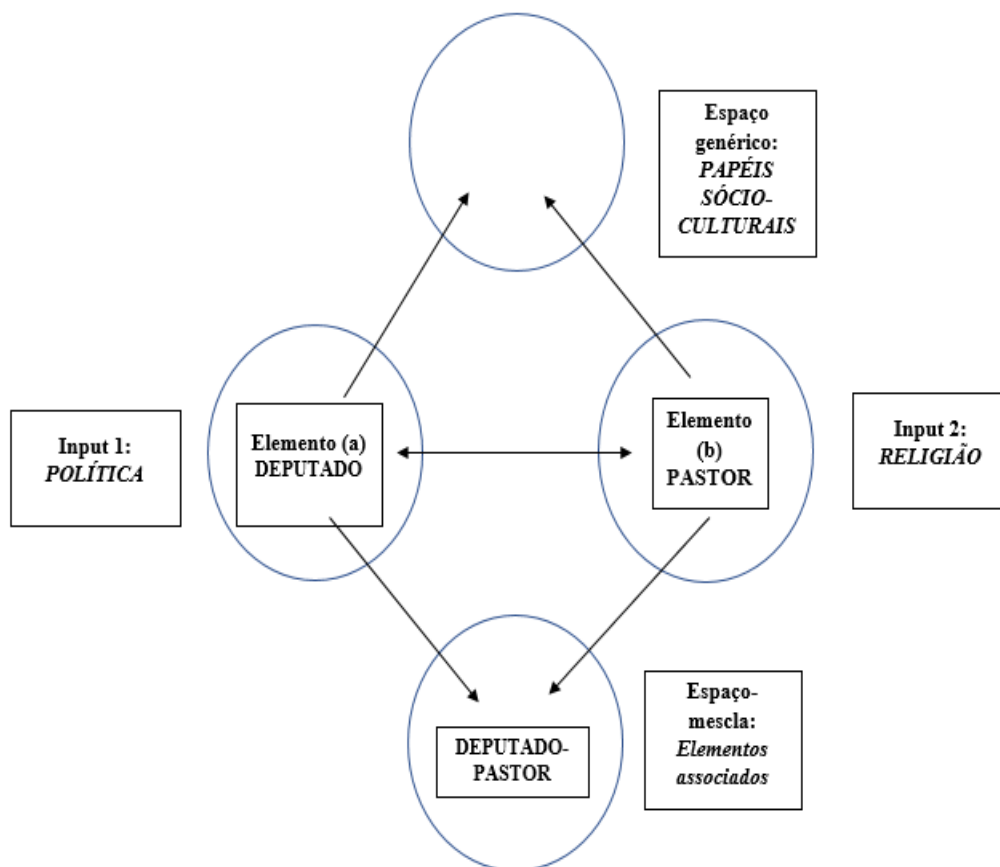


Imagem 26: Modelo de Integração Conceptual do neologismo *deputado-pastor*

Apesar de serem compostos substantivos de aparente natureza coordenativa, os neologismos do grupo (b), cujos elementos evocam domínios cognitivos imediatos diferentes, chamam-nos a atenção para um detalhe semântico interessante. Se retornarmos aos contextos de *desembargadora-mãe*, *escritora-bruxa* e *deputado-pastor*, perceberemos que, apesar de não haver, propriamente falando, mesclagem semântica, uma vez que os dois elementos não apresentam relação de dependência entre si, o segundo, contudo, afigura-se como algo que se quer destacar, de forma neutra ou valorativa, no referente designado pelo neologismo.

Assim, parece curioso que uma escritora também possa ser, inesperadamente, uma bruxa. Ou seja, ao escolher *bruxa* para a segunda posição do composto, o autor do neologismo quis, de certo modo, causar surpresa no leitor devido ao contraste entre os elementos da composição, que acaba, por fim, colocando em destaque o segundo. Além disso, e talvez por causa disso, o blogueiro quis ainda ressaltar exatamente esse aspecto da vida escritora Márcia Frazão, afinal, ele poderia ter dito *escritora carioca* ou *escritora esotérica*, mas preferiu frisar que se trata de uma autodenominada bruxa.

Do mesmo modo, apesar de não ser impossível nem necessariamente errado um deputado exercer, no âmbito de uma comunidade religiosa, a função de líder, ou de uma desembargadora ter filhos, a insistência de Marcos Feliciano em atuar como religioso no domínio da política, que deveria ser laica, e a utilização de privilégios oriundos da posição profissional, que é pública, no âmbito privado, isto é, para livrar o filho da prisão, parecem ter sido as motivações que levaram os autores das unidades léxicas neológicas em análise a cunhá-las, materializando seu estranhamento ou sua reprovação às atitudes dos referentes. Nenhuma escolha lexical, em suma, é neutra e todas elas revelam, a quem lhes interroga, intenções de quem as empregou.

Não podemos afirmar, portanto, que, nesses casos, o segundo elemento do composto determina o primeiro, como nas composições determinativas, já que não há, aqui, repetimos, motivações metafóricas, nem se pode afirmar que, na organização político-social do Brasil, como um todo, *mãe* seja um subtipo de *desembargadora* ou *pastor* é uma classe entre os deputados. Ou seja, *desembargadora-mãe* é a específica deste contexto; *deputado-pastor* é claramente um em especial – Marcos Feliciano. Contudo, se tivéssemos que criar um *continuum* imaginário entre compostos coordenativos e compostos determinativos, os neologismos do grupo (b) certamente estariam no meio do caminho para serem determinativos, dada a intencionalidade implícita de destacar certas funções, espantosas ou moralmente questionáveis, dos seres referenciados por eles. Para isso, contribuem, por certo, tanto a diversidade de domínios cognitivos imediatos que se associam para formar o item léxico composto, quanto a posição do segundo elemento que, na morfossintaxe do português, é marcadamente adjetival-atributiva. Por esse motivo, também, acreditamos ser esse grupo mais produtivo que o (a).

Reproduzimos abaixo o mesmo esquema de Integração Conceptual esboçado na imagem 23, agora, contudo, acrescido de uma seta pontilhada, que parte do segundo para o primeiro elemento. Por ser pontilhada, entende-se que não se trata necessariamente de uma projeção de um domínio sobre o outro, ou seja, o primeiro elemento não é entendido em termos do segundo, mas este acaba por ser, intencionalmente, alçado ao primeiro plano, revelando, como vimos, tanto juízos de valor que os autores dos neologismos adotam sobre os seres por eles designados, quanto as perspectivas sob as quais eles são encarados.

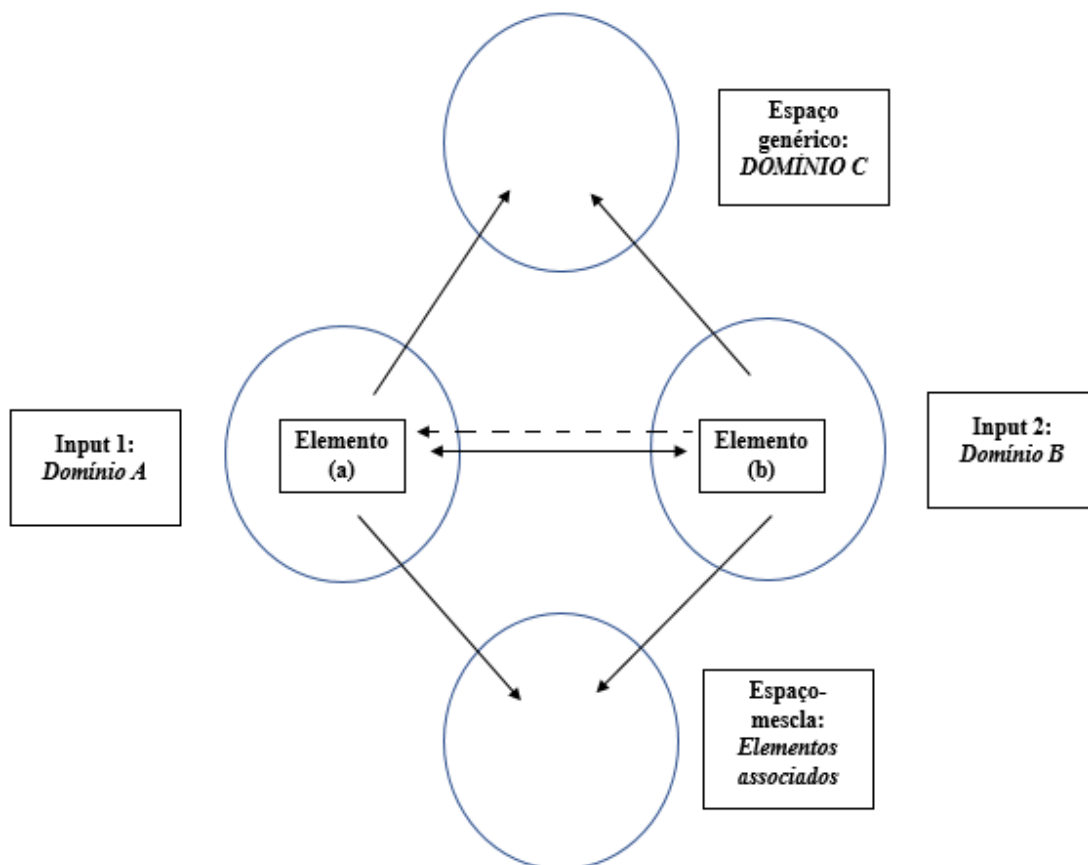


Imagem 27: Modelo Reformulado de Integração Conceptual de compostos coordenativos com elementos de domínios diferentes

Se mantivermos em nosso horizonte essas reflexões, poderemos acessar o significado de vários dos compostos neológicos coordenativos recolhidos do *corpus*. Apenas para ilustrar, sem estendermos em demasia essa seção, analisemos mais detidamente as unidades lexicais neológicas *Deus-homem*, *país-ilha*, *barco-táxi*, *poeta-samurai*, *palhaço-deputado*, *fonte-namorado* e *castelo-hotel*.

O primeiro neologismo refere-se a Jesus Cristo, que, na teologia cristã, é a encarnação de Deus na Terra, ou seja, é, ao mesmo tempo, Deus e homem. O segundo elemento, neste caso, não é atributo do primeiro, razão por que o composto é coordenativo, ou seja, *Deus-homem* não é uma classe dos deuses, mas refere-se a uma personalidade humana específica supostamente de dupla natureza. O fato extraordinário e milagroso de o Todo-Poderoso encarnar-se numa figura humana é destacado pela associação entre os domínios DIVINO e HUMANO, com *homem* em segunda posição. Muito diferente seria a perspectiva se o neologismo fosse *homem-Deus*, em que teríamos a relevância do divino sobre o humano, ou seja, teríamos um homem que se eleva à posição de Deus e não o contrário, conforme apregoa a teologia cristã. A ordem dos elementos neste exemplo é, pois, fundamental para acessarmos seu significado.

País-ilha evoca um referente que, do ponto de vista político, é país, mas, geograficamente, é uma ilha. Nesse caso, a insularidade aparece como fator de destaque, já que se nota discrepância entre a imagem de pequenez, evocada por *ilha*, e as de grandeza e soberania, evocadas por *país*. Isso se confirma no contexto, que fala em megatempestades que varrem *países-ilhas*. Ora, para que uma tempestade de grandes proporções destrua a totalidade de uma nação, é necessário que seu território seja menor: uma ilha. Daí a importância de se destacar esse aspecto geográfico.

Barco-táxi evoca, simultaneamente, os domínios MARINHA e TRANSPORTE e o referente diz respeito ao transporte urbano em Veneza, a charmosa cidade italiana cujas ruas são canais. Os *barcos-táxis* de Veneza são objetos de navegação, isto é, construídos para andar sobre as águas (barcos), cuja função é transportar, mediante pagamento, passageiros pelos canais da cidade (serviço de táxi). Ou seja, o referente é, literalmente, barco e taxi ao mesmo tempo e o insólito fato de um barco poder servir também como táxi, circunscrito, até onde se sabe, apenas à realidade urbana veneziana, ganha destaque na organização sintática do composto.

Paulo Leminski é o ser a que se refere o neologismo composto *poeta-samurai*. Vasculhando dados de sua biografia, descobrimos que, além de poeta consagrado, Leminski também dedicou-se intensamente ao estudo e à vivência da cultura nipônica e às chamadas “artes dos samurais”, em especial ao judô, esporte em que atingiu a faixa preta, atestado de maestria. Desse modo, Leminski foi poeta e samurai, combinação, aliás, bastante incomum e que nos lembra a estranheza causada por *escritora-bruxa*. Por essa razão, o autor do neologismo optou, segundo cremos, por registrar, na estrutura do composto, esse estranhamento, mediante a evocação de *samurai* como uma faceta não tão amplamente conhecida do aclamado literato.

Palhaço-deputado evoca os domínios do CIRCO e da POLÍTICA, respectivamente, e refere-se ao deputado federal Francisco Everardo Oliveira Silva. Conhecido do público brasileiro desde os anos 90, Francisco encarnou durante muitos anos o debochado palhaço Tiririca, até decidir entrar para o cenário político brasileiro, ocupando, desde 2011, o cargo de Deputado Federal por São Paulo. Não é, certamente, comum que membros do universo circense mudem seu foco de atuação do humor para a política. Além disso, o satírico slogan da campanha de Tiririca, “pior do que tá não fica”, e suas reiteradas afirmações, também em tom de deboche, de que não sabia o que fazia um deputado atestam, não apenas o nível de descrédito perante a população em que caiu a esfera política no Brasil, como também o fato de o palhaço, e não o cidadão Francisco,

haver se eleito deputado, tornando-se, assim, um *palhaço-deputado*. Mesmo que, durante sua atuação na Câmara Federal dos Deputados, Francisco não tenha encarnado o palhaço Tiririca, o fato de o autor do neologismo ter colocado a lexia de domínio circense em primeira posição no composto, evidencia uma velada crítica ao fato de um personagem circense ter sido eleito a um alto cargo da República brasileira. Interessante ainda notar que a possível inversão dos elementos do composto –*deputado-palhaço*– poderia evocar relação determinativa, designando um deputado entendido metaforicamente em termos de um palhaço: debochado, ingênuo, bobo etc. Nesse caso, apenas o contexto e nosso conhecimento quanto ao referente nos ajudariam a compreender a possível relação semântica entre os membros da composição esperada pelo autor do neologismo.

Evocando os domínios IMPRENSA e RELACIONAMENTO AMOROSO, *fonte-namorado* materializa o estranhamento evidenciado pelo fato de o namorado da jornalista em questão ser a fonte das informações que veicula em suas reportagens. Nesse caso, claramente, identificar essa fonte como *namorado* ajuda a pôr às claras o descrédito com que o autor do neologismo deseja envolver a atuação da jornalista.

Finalmente, *castelo-hotel* remete-nos aos domínios REALEZA/NOBREZA e TURISMO, respectivamente. O neologismo demarca um desvio na função clássica dos castelos - abrigar membros da nobreza e da realeza nos países que ainda adotam essa forma de governo – os quais se inserem, agora, no ramo hoteleiro. Mais uma vez, o elemento em segunda posição, ainda que não redefina metaforicamente o primeiro, pois o castelo continua a ser um castelo e o hotel também está em sentido literal, adquire maior relevância no sentido de materializar o ineditismo da situação: castelos outrora habitados pela nobreza passam a acolher turistas, servindo-lhes de acomodação durante a estada pela região além de lhes proporcionar lazer.

De modo geral, nos termos da Linguística Cognitiva, podemos dizer que esses neologismos do grupo (b) materializam diferentes graus de (in)adequação dos referentes que denominam em relação ao Modelo Cognitivo Idealizado (LAKOFF, 1987) evocado pelas lexias em primeira posição. Assim, o *castelo-hotel* e o *barco-táxi*, por exemplo, desviam-se do castelo e do barco idealizados devido à inusitada função que desempenham; a *fonte-namorado* desvia-se da fonte jornalística prototípica por manter relações amorosas com a jornalista, comprometendo a fidedignidade dos dados, e assim por diante.

Os compostos neológicos coordenativos do tipo (c), classificados por Rio-Torto & Ribeiro (2009, p. 281), como copulativos, desempenham, sintaticamente, função adjetival a outro substantivo. Na lista em anexo, optamos por destacá-los junto com os substantivos a que predicam, os quais foram colocados entre parêntesis. Alguns desses neologismos verificados no *corpus* são: (*relações*) *Brasil-Estados Unidos*, (*migração*) *campo-cidade*, (*relação*) *capital-trabalho*, (*trajeto*) *Chile-Brasil*, (*conexão*) *China-Brasil*, (*chapa*) *Dilma-Temer*, (*chapa*) *Renan-Collor*, (*relação*) *pai-filho*, (*vínculo*) *mãe-bebê* etc.

Estruturalmente, evidencia-se, fortemente, aqui, a redução de uma frase de base (GUILBERT, 1975), pois “relação entre um pai e um filho/entre o Brasil e os Estados Unidos/ entre o capital e o trabalho” reduz-se a “relação pai-filho/Brasil-Estados Unidos/capital-trabalho”; “chapa formada pela Dilma e pelo Temer/pelo Renan e pelo Collor” reduz-se a “chapa Dilma-Temer/Renan-Collor”, e assim por diante.

O que, no plano formal, entende-se como função adjetival, no plano semântico é, no entanto, entendido como um *frame* contextual, isto é, apreendido pelo contexto de surgimento do composto neológico, o qual, por sua vez, representa alguns papéis pressupostos nele. Ora, o *frame* “relação” pressupõe, necessariamente, ao menos dois elementos que se colocam em relação. O *frame* “migração”, pressupõe, além dos indivíduos migrantes, os locais de partida e chegada, e assim por diante. Nesses casos, os compostos representam justamente os dois elementos dos *frames* que se escolheu focar e colocar em relação. Graficamente, podemos esquematizar a construção semântica desse grupo de neologismos segundo o a figura esboçada abaixo:

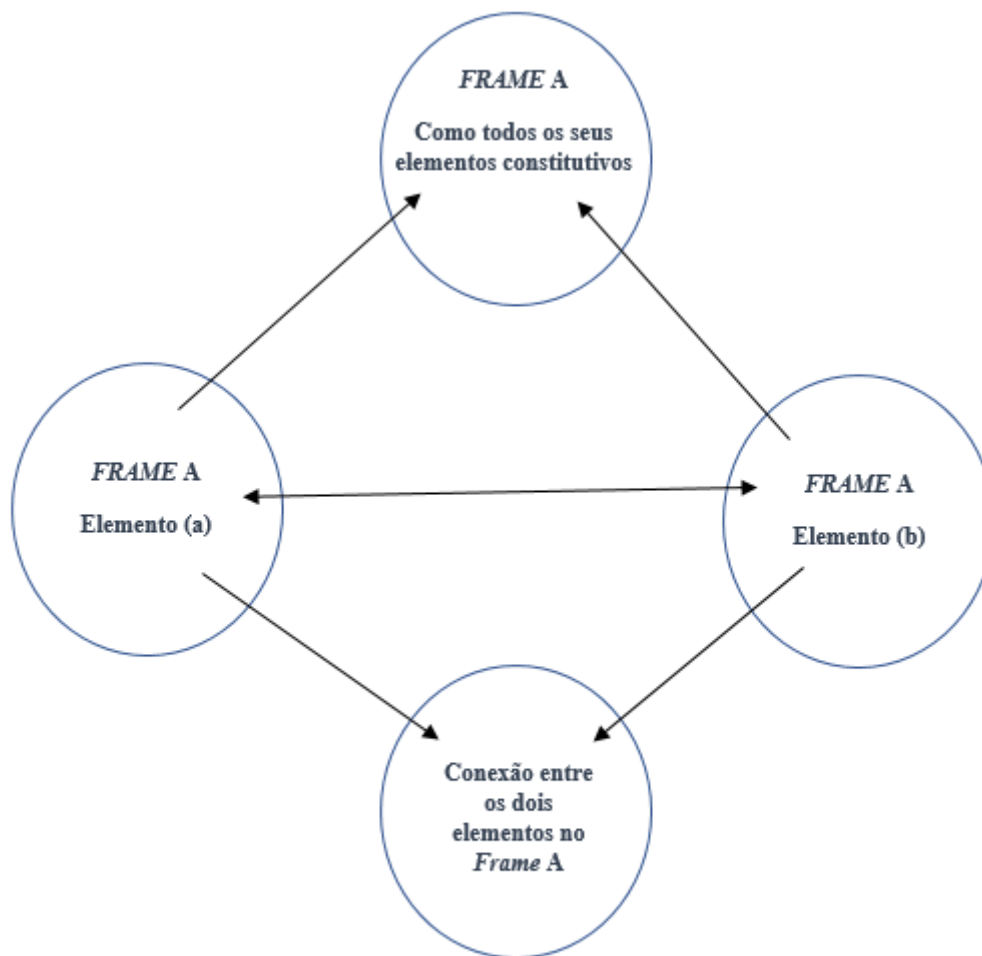


Imagem 28: Modelo esquemático de elementos em relação em um mesmo *frame*

Os espaços circulares são a representação de um mesmo *frame*¹⁰⁶. O espaço genérico é a totalidade da cena ou *frame*, focalizado pelo contexto (*relação, chapa, migração, vínculo, conexão, trajeto* etc.) e os *inputs* 1 e 2, elementos específicos evocados pelo *frame*. O neologismo composto copulativo materializa linguisticamente, nesse sentido, a focalização de dois desses elementos, postos em relação recíproca pela seta de duas pontas, deixando os outros em segundo plano. Assim, a cena *trajeto* evoca não apenas os pontos de partida e chegada, mas também os meios de transporte, os indivíduos que percorrem o trajeto etc. A unidade lexical neológica (*trajeto*) *Chile-Brasil* coloca, porém, concretamente, em evidência, do *frame*, apenas os elementos *partida (Chile)* e *chegada (Brasil)*. Graficamente, temos:

¹⁰⁶ Ressalte-se, neste ponto, que estamos agora trabalhando com um *frame*, ou seja, uma cena imagética cognitivamente estruturada, e não com um domínio cognitivo completo.

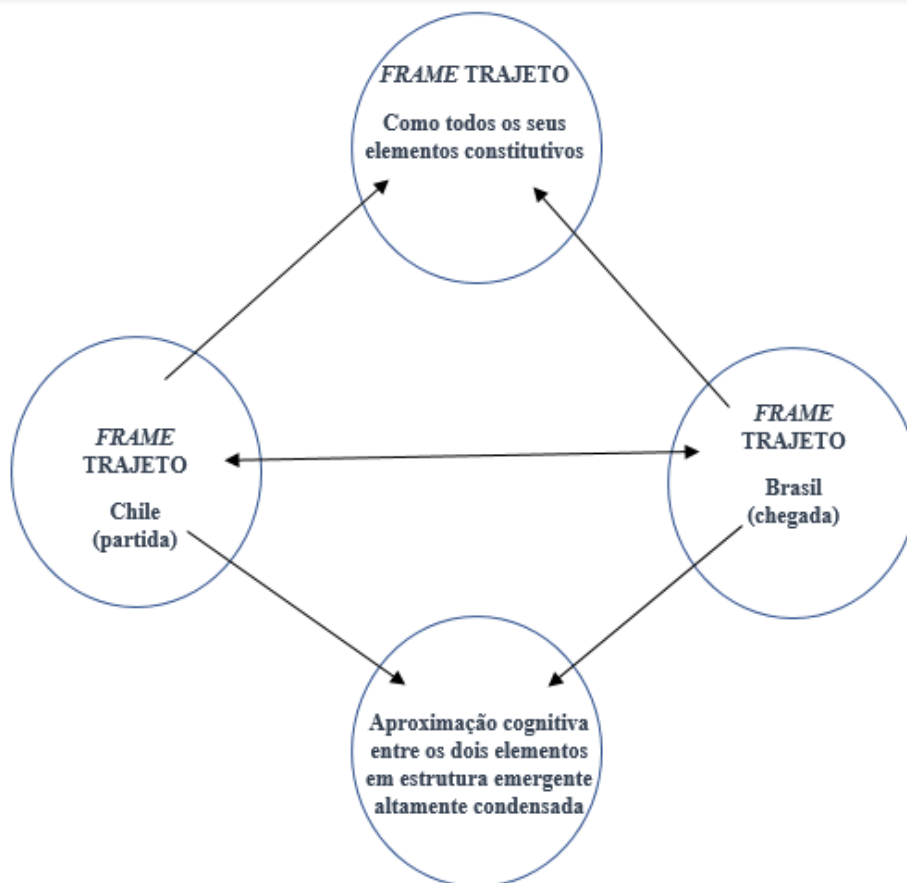


Imagem 29: Modelo esquemático de elementos em relação no neologismo (trajeto) *Chile-Brasil*

Fauconnier & Turner (2003, p. 63) aludem ao fato de a operação de mesclagem e integração conceptual estar na raiz da criatividade humana por permitir a compressão, em uma única estrutura mental, de relações conceituais, como tempo, espaço, causa-efeito etc. Especificamente nas unidades lexicais neológicas compostas do tipo (c), essa compressão torna-se bastante evidente. Em *(trajeto) Chile-Brasil*, todo o tempo do percurso entre um país e outro, bem como o espaço que separa os dois países, os meios materiais e os objetivos da viagem são comprimidos, como que apagados mesmo em uma única estrutura conceptual.

Nesse sentido, reiteramos o quão impressionante é a capacidade humana de operar magistralmente com *frames*, com domínios conceptualizados em estruturas de conhecimento a partir da experiência concreta e com a integração entre elementos intra- e extra-domínios. Se não fôssemos dotados dessa capacidade cognitiva ímpar, jamais conseguiríamos apreender o significado de uma composição e quiçá construí-la formalmente. O que aparece, pois, em termos de formas linguísticas, esconde um mundo

de relações e sub-relações semânticas possíveis, algumas das quais tentamos esboçar nesta seção.

No plano formal, um dos fenômenos que se explicam ao atentarmos para as estruturas cognitivas comprimidas ocasionadas pela integração conceptual é o chamado desejo de economia linguística do falante (ALVES, 1990), isto é, falar o mais com o menos, expressar o pensamento mobilizando, para isso, menos recursos linguísticos. Nos compostos neológicos acima referidos, isso parece evidente. Nota-se também que reduzir linguisticamente uma frase de “conexões estabelecidas entre a China e o Brasil” para “conexões China-Brasil” gera um impacto evidente na própria organização sintática da frase, com reflexos diretos na produção e na progressão textuais, permitindo ao escritor/falante variabilidade estilística. Se a composição, segundo Basilio (1987), cumpre função denominativa, podemos seguramente acrescentar-lhe também uma função textual (GONÇALVES, 2016a).

Surpreendeu-nos, somos obrigados a confessar no final desta seção, não apenas as diferentes estruturas semânticas de integração conceptual ocultas sob o que a morfologia lexical tradicionalmente denomina “compostos coordenativos”, as quais, sinceramente, não esperávamos, mas também a quantidade considerável de unidades lexicais neológicas dessa natureza recolhidas do *corpus*. Quanto a esse ponto em especial, acreditamos que a própria dinâmica da sociedade contemporânea, da qual o léxico é um fiel espelho, marcada pela multiplicidade de acontecimentos e eventos simultâneos em ritmo desenfreado, impulsiona a criação de neologismos compostos coordenativos. Cada vez mais, os indivíduos devem mostrar-se talentosos em mais de uma área para estarem “na mídia”, serem vistos e socialmente valorizados (*jornalista-humorista, empresário-apresentador*); têm sido cada vez mais comuns eventos que congregam em si acontecimentos simultâneos (*jantar-aula, piquenique-protesto, palestra-comício*); surgem constantemente empreendimentos e/ou instalações, outrora destinadas a cumprir uma função específica, mas que acabam, pela comodidade que se impõe como valor nos dias de hoje, por desempenhar mais de um papel (*bar-sebo, carro-dormitório*) etc.

5.2. Compostos neológicos nominais determinativos de padrão S+S não formados por subpadrões de composição

Entre os chamados compostos determinativos (SANDMANN, 1989), diferenciaremos, tão somente para fins de organização da análise e identificação de

tendências mais gerais, aqueles onde não se verificam relações metafórico-metonímicas ostensivas, os quais denominaremos tipo (d)¹⁰⁷, dos de tipo (e), onde se pode perceber, com maior clareza, a atuação direta de metáforas e metonímias.

Conforme aprendemos com Lakoff & Johnson (1980), a metáfora está na base do próprio pensamento humano. Conhecer o mundo é conceptualizá-lo em estruturas de conhecimento que se constroem por meio de associações e projeções entre domínios. Portanto, difícil é, e estamos conscientes disso, que qualquer unidade léxica não acabe por expor e/ou integrar um sistema imagético-conceptual de natureza metafórica. Por essa razão, ao realizarmos a demarcação mencionada acima, não estamos negando esse princípio, mas apenas ressaltando que, para fins de organização didática da análise, estabeleceremos uma demarcação (sempre artificial e incompleta, como se verá pelos próprios dados) entre os compostos onde a metáfora não é evidente, ou, talvez fosse melhor dizer, onde ela não seja proeminente, e aqueles onde ela mais facilmente salta aos olhos do pesquisador.

Nesta seção, não analisaremos as composições neológicas formadas por subpadrões composicionais determinativos. Reservaremos a elas as próximas seções.

Verificamos, em nosso *corpus*, um maior número de criações neológicas compostas determinativas, metafóricas ou não, nas artes em geral, com especial concentração na (I) música: *álbum-tributo*, *banda-paródia*, *banda-tributo*, *canção-título*, *faixa-bônus*, *faixa-título*, *guitarrista-galã*, *música-título*, entre outros; no (II) cinema/televisão: *papel-título*, *papel-homenagem*, *filme-diversão*, *filme-pipoca*, *temporada-pipoca*, *temporada-ouro* etc.; e (III) no universo textual literário e não literário: *autor-celebridade*, *leitor-detetive*, *livro-ensaio*, *livro-depoimento*, *livro-relatório*, *livro-reportagem*, entre outros. Também destacamos considerável variedade de compostos neológicos designativos de (IV) locais/edifícios: *edifício-hangar*, *cidade-tema*, *cidade-vitrine*, *condomínio-club*, *espaço-estufa*, *gabinete-bunker*, *prédio-espetáculo*, *prédio-monumento* etc.

Por se tratar de compostos de padrão S+S determinativos, assume-se que o segundo elemento, apesar de substantivo, desempenha função adjetival. Espelha-se na morfologia, portanto, a mesma estrutura sintática do sintagma nominal do português, em que o elemento de função adjetival normalmente segue-se ao núcleo substantivo. Assim como são menos frequentes as anteposições de adjetivos a substantivos na sintaxe de

¹⁰⁷ Por razões de clareza textual, optamos por reservar as letras (a), (b) e (c) aos compostos neológicos coordenativos analisados na seção precedente (5.1), a fim de não ocasionar mal-entendidos.

nossa língua, os compostos do tipo determinante + determinado, neoclássicos segundo Sandmann (1992), têm também sua distribuição limitada.

Em termos da Integração (ou Mesclagem) Conceptual de Fauconnier & Turner (2002; 2003), a análise formal esboçada no parágrafo acima pode ser traduzida segundo o esquema genérico abaixo:

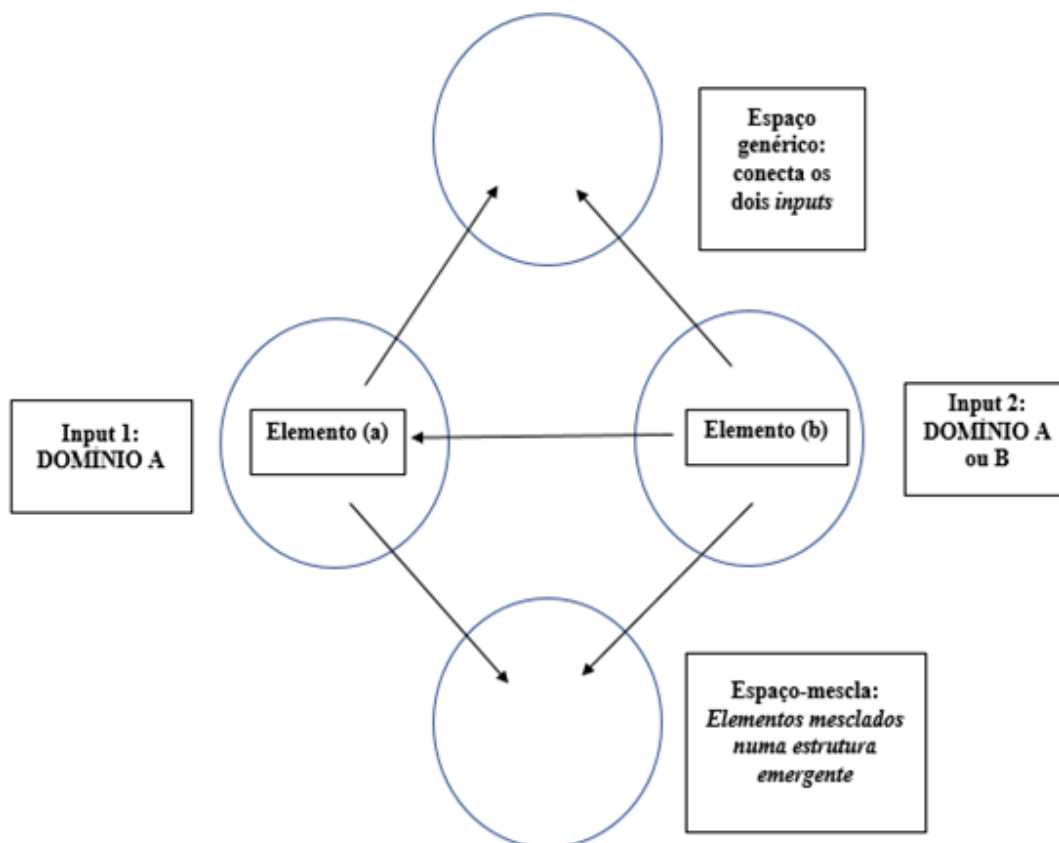


Imagem 30: Modelo genérico de Integração Conceptual de composições determinativas

Diferentemente dos esquemas evocados pelas composições coordenativas, aqui, o elemento (b) projeta-se sobre o (a), daí a “função adjetival” do segundo substantivo. Mais comumente, os *inputs* 1 e 2 representam domínios diferentes, mas pode ocorrer de serem os dois elementos do mesmo domínio ou de domínios imediatamente muito próximos. Como exemplo no *corpus*, temos *diretor-presidente*. Nesse caso, os dois elementos vêm do domínio COMANDO, ainda que, hierarquicamente, saibamos que o esquema imagético evocado por presidente coloca-o na posição máxima de comando em uma estrutura político-empresarial, ao passo que diretor se nos afigura, culturalmente, mais localizado, ou seja, seu poder limita-se a uma seção ou departamento e não ao todo. Por

isso, nas empresas, existem os *diretores-presidentes*, *diretores-executivos*, *diretores-adjuntos* etc. Isso também justifica por que optamos por entender *diretor-presidente* como composto determinativo, dada a função ontológica do segundo elemento nesse caso (cf. capítulo 4).

Dentre os neologismos compostos de tipo (d), elencamos vinte e dois, a título de elementos exemplares dessa categoria, para análise mais detida da estruturação semântica: *álbum-tributo*, *asfalto-borracha*, *banda-tributo*, *bilhete-prêmio*, *canção-título*, *candidato-celebridade*, *carta-desabafo*, *carta-manifesto*, *condomínio-clubes*, *conversa-contato*, *faixa-título*, *jogo-treino*, *livro-depoimento*, *livro-reportagem*, *negócio-atleta*, *ônibus-leito*, *partida-desempate*, *peça-ícone*, *prédio-espetáculo*, *prédio-monumento*, *voto-atleta* e *veterano-tutor*.

Os compostos *álbum-tributo* e *banda-tributo*, os dois da área musical, designam, respectivamente, um CD lançado pelo cantor Eric Clapton e amigos, em homenagem ao falecido guitarrista e músico norte-americano J. J. Cale; e algumas bandas de rock criadas para homenagear outras famosas, como Iron Maiden, Judas Priest etc. O primeiro elemento dos compostos evoca o domínio MÚSICA e o segundo manifesta, contemporaneamente, a ideia de homenagem.

A unidade lexical *tributo*, originalmente do latim *tributum* (CUNHA, 2010, p. 650), designa, genericamente, um imposto que se deve ao Estado, no caso específico da Roma Antiga a um tribuno (daí o nome *tributum*). A cultura ocidental, porém, por extensão, entende *tributo* como sinônimo de homenagem ou presente que se oferece a alguém que, reconhecidamente, prestou importantes serviços em determinada área.¹⁰⁸ Interessante notar que, se, contemporaneamente, reconhecemos, com facilidade, relação sinonímica entre *tributo* e homenagem/respeito, a construção desse significado deu-se metaforicamente. Os tribunos da Roma Antiga eram oficiais aos quais se devia o maior respeito, dadas as estruturas de poder extremamente hierárquicas e rígidas do patriciado. Natural era, pois, que o imposto que lhes era, por lei, devido representasse, portanto, o respeito que a sociedade lhes votava. A estrutura metafórica imagética que se criou foi, então, a associação entre *tributo* e respeito e a extensão de *tributo* a todas as formas de respeito e homenagem, não necessariamente financeiras, oferecidas a alguém importante.

¹⁰⁸ Não é escopo desta tese realizar qualquer tentativa de trabalho etimológico. Objetivamos apenas apresentar evidências da construção dos significados do ponto de vista dos estudos cognitivistas. Para um levantamento etimológico completo de *tributo* e de outras unidades léxicas com as quais lidamos aqui, necessário seria a constituição de *corpora* históricos e a aplicação de metodologia específica (VIARO, 2011), tarefa essa a que, nem de longe, nos propomos.

A breve análise dessa unidade lexical vem ao encontro das afirmações de Lakoff & Johnson (1980) quanto à centralidade da metáfora no pensamento humano. Se hoje os compostos com o segundo elemento *tributo* não evidenciam metáfora ostensiva não é, pois, porque não há metáfora, mas porque já houve sua naturalização na língua, ou seja, a estrutura metafórica evocada por *tributo* já faz parte do conhecimento linguístico de todo falante do português. Ainda que o domínio FINANCEIRO não seja o mais proeminente, permanece implícito, porém, em *tributo*, o esquema imagético de hierarquia, isto é, alguém de importância reconhecidamente superior recebe algo valioso de outro alguém que lhe é (ou se reconhece como sendo) moral, política, religiosa ou profissionalmente inferior.

Nesse sentido, um *álbum-tributo* é um trabalho musical que se oferece como homenagem a um colega de profissão cuja atuação é reconhecidamente meritória e *banda-tributo* é um conjunto musical criado para cantar músicas de bandas famosas, imitando, como forma de homenagem e reconhecimento de superioridade, o seu estilo.

Curioso notar que, a despeito da imagem de hierarquia suscitada por *tributo*, não se preservou, na estrutura cognitiva emergente dos compostos neológicos analisados, qualquer ideia de “sacrifício” ou “obrigação” que o tributo enquanto elemento do domínio FINANCEIRO evocaria naturalmente. Nesse sentido, um *álbum-tributo* e uma *banda-tributo* constituem-se enquanto homenagens aparentemente espontâneas, cujo preparo, apesar do trabalho, causou prazer a quem lhes aprontou.

Esquemáticamente, a projeção interdomínios pode ser ilustrada dessa maneira:

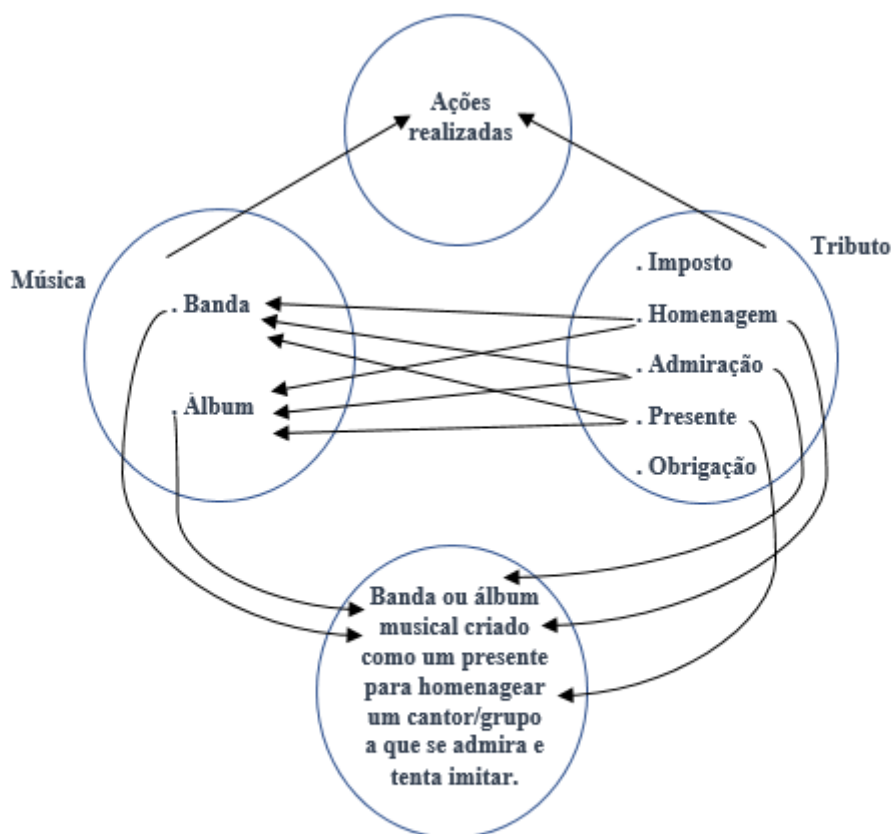


Imagem 31: Modelo de projeção interdomínios dos neologismos *banda-tributo* e *álbum-tributo*

Vemos aqui os dois domínios interligados por elementos que se projetam do segundo (*tributo*) para o primeiro (*banda/álbum*). Percebe-se que, na construção semântica dos neologismos sob análise, os elementos “imposto” e “obrigação” não são projetados. Obviamente, se tomarmos isoladamente as duas composições neológicas em questão, até poderíamos pensar em álbuns e grupos musicais sendo criados por obrigação. Contudo, o esquema imagético evocado pela experiência cultural com bandas e álbuns aponta na direção da espontaneidade. Nesse sentido, podemos afirmar que, consoante à Hipótese da Invariância (LAKOFF, 1989), do segundo domínio só são projetados os elementos que podem ser preservados na estrutura imagético-conceptual do primeiro.

Ainda da área musical são os neologismos compostos *canção-título* e *faixa-título*. O primeiro designa a canção “Born in the U.S.A.”, de Bruce Springsteen, e o segundo nomeia a canção “Pink Moon”, de Nick Drake. As duas unidades lexicais, portanto, referem-se à mesma coisa: uma música que também dá nome ao álbum que a contém.

A diferença entre elas, contudo, reside no fato de *faixa* colocar em proeminência o álbum, ao passo que *canção* coloca em evidência a arte musical. Dito de outra forma, podemos entender que, da perspectiva de *faixa-título*, o que se coloca em primeiro plano,

imageticamente, é a organização do disco/CD em faixas, sendo uma delas a principal, ao passo que, da perspectiva de *canção-título*, tomada isoladamente de seu contexto, o que é realçado é a própria canção, uma vez que se poderia estar falando aqui de uma canção que nomeia um livro, um filme, um CD etc. Se retomarmos as concepções de Langacker (2008) sobre as relações entre os domínios cognitivos - do mais específico ao mais geral - , poderemos afirmar que o domínio-matriz de faixa é CD/disco, ao passo que o de canção é a própria arte musical, de que é um produto.

Esquemáticamente, portanto, o *input 2, título*, que evoca a imagem do produto artístico - afinal, dão-se títulos a canções, a textos escritos (os quais mesmo não sendo propriamente artísticos demandam esforço criativo e trabalho com a língua), a quadros, a esculturas etc. - projeta-se sobre duas estruturas diferentes, que são perspectivas diferentes sobre o mesmo referente: uma que remete diretamente a álbum musical e a outra que remete ao produto primeiro da arte musical, a canção. Apenas o contexto, neste caso, pode nos informar que se trata, em verdade, da mesma coisa: uma música contida em um álbum e que o nomeia.

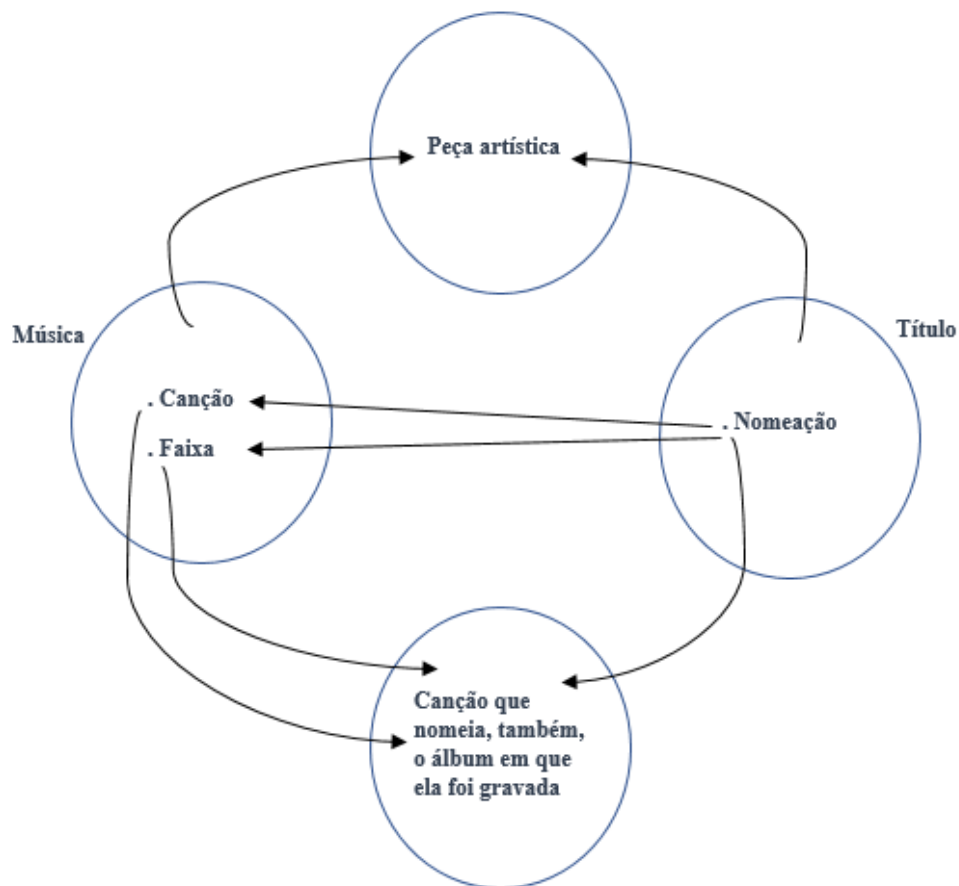


Imagem 32: Modelo de projeção interdomínios dos neologismos *canção-título* e *faixa-título*

A análise que procuramos desenvolver acima permite-nos concordar com a premissa básica da Linguística Cognitiva de que as palavras não “contêm” significados, mas que eles se constroem devido a complexos mecanismos de cognição que estruturam o pensamento e intermediam a relação língua-mundo. Desse modo, conhecidos fenômenos estudados na Lexicologia como a sinonímia, por exemplo, aqui mencionada a respeito de *faixa-título* e *canção-título*, são fenômenos cognitivos construídos apenas contextualmente.

Quatro unidades lexicais neológicas compostas elencadas para análise manifestam gêneros textuais diferentes: *livro-reportagem*, *livro-depoimento*, *carta-desabafo* e *carta-manifesto*. Em todas elas, percebe-se que o primeiro elemento evoca o gênero predominante do texto e o segundo busca responder ao questionamento implícito: para que foram escritas essas peças textuais?

O contexto de *livro-reportagem* esclarece-nos de que se trata de livros escritos para denunciar a guerra travada há décadas entre o governo mexicano e o narcotráfico, a

qual traz em seu sangrento bojo o assassinato de vários jornalistas. Nesse sentido, reportagem transforma-se, contextualmente, em sinônimo de denúncia.

Sabemos que o esquema imagético culturalmente construído e evocado pelo segundo membro do composto constitui-se de “um jornalista que escreve um texto para ser publicado em um jornal ou revista, o qual veicula assunto de interesse público, que pode ou não ter caráter de denúncia”. Aqui, contudo, os elementos que se projetam sobre livro com mais intensidade são “denúncia” e “assunto de interesse”. Esquemáticamente, temos:

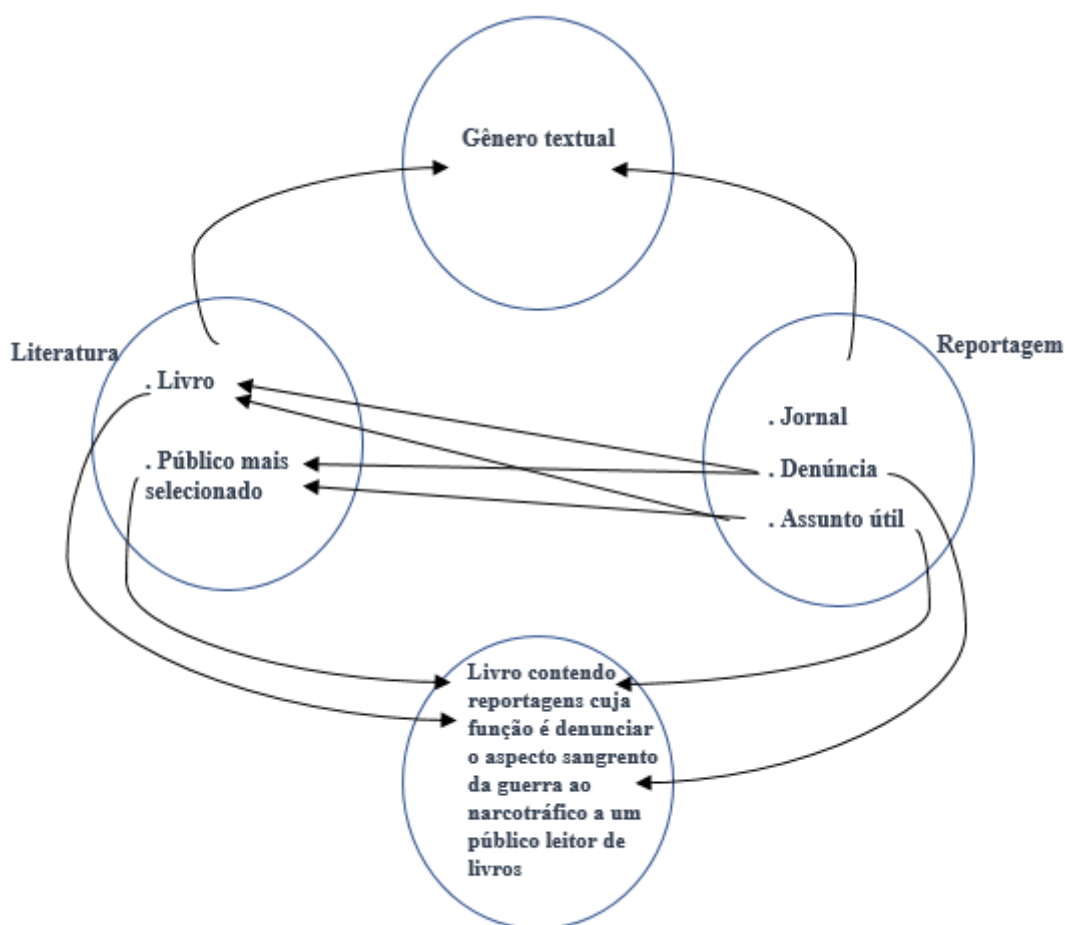


Imagem 33: Modelo de projeção interdomínios do neologismo *livro-reportagem*

Igualmente digno de nota, nesse caso, é o primeiro membro do composto. Ora, se reportagens normalmente são escritas para jornais e revistas e por eles veiculadas ao público, por que esta, em especial, teve de vir a público em um livro, suporte no qual, normalmente, não aparece? Justamente pelo contexto de censura e perigo aos jornalistas que representa a denúncia da guerra contra o narcotráfico. Nos termos cognitivistas, *livro-reportagem* não se adéqua totalmente ao Modelo Cognitivo Idealizado evocado

culturalmente por livro, e esse estranhamento e/ou falta de adequação leva-nos a perceber, justamente, que algo “está fora de lugar”: a imprensa não tem liberdade de se dirigir a público pelos meios considerados mais naturais.

Isso nos leva, porém, a pensar: por que o livro seria mais seguro ao jornalista que o jornal? Recorrendo ao Modelo Cognitivo Idealizado construído a respeito de livro na cultura ocidental, perceberemos que ele normalmente é associado à erudição e, consecutivamente, a um grupo seletivo de pessoas. O *livro-reportagem*, portanto, apesar de ser uma denúncia, não vai penetrar o universo das massas, mais facilmente controladas pelos poderes paralelos. Em um neologismo tão singelo quanto este, posto em contexto, percebe-se todo um universo de crimes e censuras à base da bala.

Em *livro-depoimento*, não estamos mais diante de um contexto de censura e crime, pois o neologismo se refere ao livro do falecido jogador de futebol Araken Patusca, lançado em 1976, *Os Reis do Futebol*¹⁰⁹. Nessa obra, Patusca, um dos pioneiros do futebol no Brasil, relata o processo de ascensão dos jogadores brasileiros ao primeiro plano do universo futebolístico, ganhando mundialmente o epíteto “os reis do futebol”. A estrutura semântica dessa unidade lexical neológica revela a integração entre os domínios LITERATURA (*livro*) e JUSTIÇA (*depoimento*). O segundo domínio, por ser o composto de natureza determinativa, projeta-se sobre o primeiro. Assim, o livro é entendido como um depoimento, isto é, seu propósito é ser um depoimento.

O esquema imagético de depoimento evoca o universo da justiça, no qual alguém que testemunhou um fato depõe em juízo sobre ele, a fim de que se lhe apure ou não a procedência e a culpabilidade. Além disso, e por ser um relato ocular, o depoimento tem sempre um quê de parcialidade, ou seja, nele, a testemunha relata, *sob a sua perspectiva*, os fatos presenciados por ela. Pelo contexto da unidade lexical neológica *livro-depoimento*, sabemos que Patusca, um “craque das antigas”, de fato testemunhou *in loco* os fatos narrados, isto é, a ascensão do futebol brasileiro e de seus atores (dele, inclusive), desde suas origens, à glória do esporte mundial.

Apesar de projetado do domínio JUSTIÇA, depoimento, neste caso, não é empregado em seu sentido literal. A sobreposição de JUSTIÇA sobre LITERATURA e o conteúdo em si do depoimento fazem com que o entendamos metaforicamente. Pelo contexto, de modo figurativo, o futebol brasileiro está em julgamento e quem dá o veredicto é o depoente Patusca: “deve ser finalista”.

¹⁰⁹ PATUSCA, Araken. *Os reis do futebol*. São Paulo: Bentivegna, 1976.

Por estarmos diante de uma metáfora (novamente em um composto aparentemente não metafórico), a fim de que a estrutura do segundo domínio possa ser preservada no primeiro em função do significado, segundo preconiza a Hipótese da Invariância, a noção de criminalidade e o local prototípico do julgamento – o tribunal –, por exemplo, não são projetados de JUSTIÇA e o significado do neologismo é, portanto, “um livro, destinado ao público leitor que se interessa pelo assunto, contendo a visão subjetiva do autor sobre acontecimentos vividos por ele”. Esquemáticamente, temos:

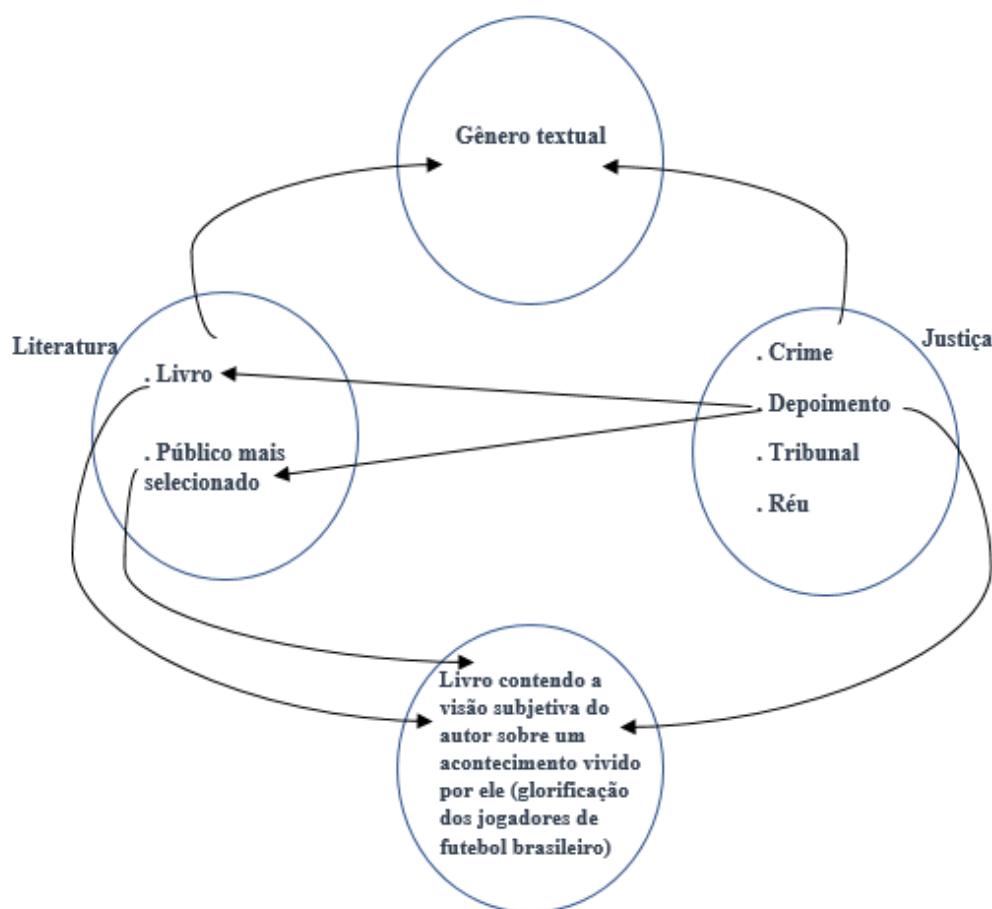


Imagem 34: Modelo de projeção interdomínios do neologismo *livro-depoimento*

Carta-manifesto é uma composição neológica que mescla, em uma mesma estrutura, dois gêneros textuais diferentes. O primeiro evoca imagética prototípica relacionada à intimidade, pois, tradicionalmente, as cartas são enviadas por enamorados ou conhecidos/amigos (menos vezes por inimigos ou seres indesejados – “cartas de cobrança”), sempre, porém, em situação de intimidade, afinal, cartas, normalmente, são endereçadas a alguém, ou seja, não são públicas e abertas a todos. O segundo evoca, ao contrário, imagética prototípica de espaço público e atuação política, normalmente

oferecendo um posicionamento a algum problema de ordem social, política, cultural ou religiosa. Os manifestos, além disso, têm a função de arrebanhar, pela argumentação, seus leitores.

O contexto do neologismo revela-nos que a *carta-manifesto* em questão é a missiva enviada pelo então vice-presidente do Brasil, Michel Temer, à presidenta Dilma Rousseff, no dia 07 de dezembro de 2015. Nela, Temer revela sentir-se deixado de lado pela presidenta e reclama maior participação no governo. Foi também neste texto que ele cunhou a lexia neológica *vice decorativo*, muito comentada à época. A carta precedeu o processo de *Impeachment* que viria, no ano seguinte, a retirar Dilma da presidência.

Curioso notar, na construção semântica dessa unidade lexical neológica composta, a oposição entre o espaço social assumido pelos gêneros textuais em questão. Ao projetar-se sobre *carta, manifesto* retira-lhe a noção de privativa. Apesar de endereçada a Dilma, o texto foi facilmente vazado para os jornais (certamente pela própria equipe do vice-presidente), ou seja, tornou-se público. A mescla entre o público e o privado, tão rotineira da política no Brasil, materializa-se, portanto, linguisticamente.

Ademais, a construção do significado desse neologismo revela ainda outro aspecto interessante: o autor da carta não a nomeia como um manifesto, ou seja, a integração conceptual entre os domínios imediatos CARTA e MANIFESTO foi realizada pelo autor da composição neológica. Ora, sabe-se que os manifestos não somente opõem-se a determinadas situações, mas que inauguram outras. O *Manifesto Futurista*, por exemplo, inaugurou, no início do século XX, essa tendência artística, que se opõe ao passado realista. O que se quis passar aqui, provavelmente, é que a carta de Temer inaugura uma ruptura ou mesmo um movimento de oposição ao governo, o que, de fato, confirmou-se nos meses seguintes. Ainda, considerando que o manifesto é um dos elementos do domínio-matriz POLÍTICA, uma *carta-manifesto* não é inocente, fruto do desespero íntimo do autor que se sente desprezado, é um fazer político premeditado e com clara intenção.

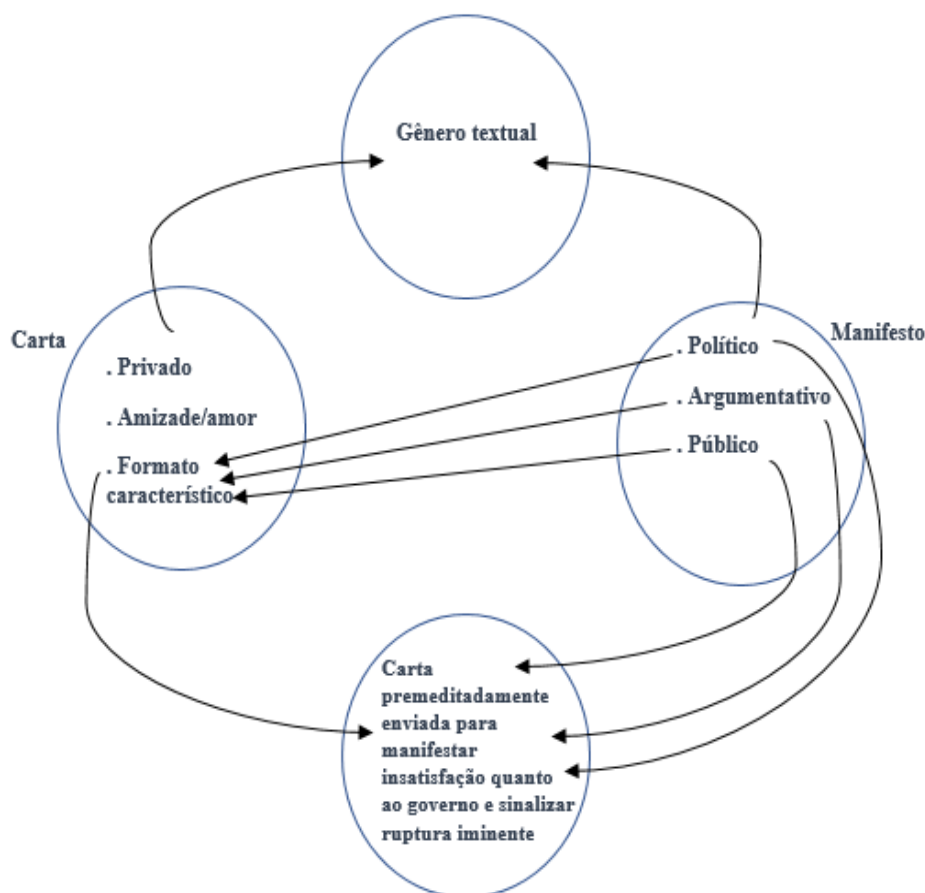


Imagem 35: Modelo de projeção interdomínios do neologismo *carta-manifesto*

Comparemos, nesse sentido, *carta-manifesto* com *carta-desabafo*, neologismo recolhido do blog *Brasil Confidencial* e que também nomeia a mesma epístola do vice-presidente. No segundo neologismo, a imagética do fazer político evocada por *manifesto* desaparece por dar lugar ao domínio SENTIMENTO, evocado por *desabafo*. Um desabafo é, pois, um alívio para a angústia e o sofrimento moral, uma ação feita, no mais das vezes, em um momento de arroubo emocional. Normalmente, desabafamos com quem consideramos amigo ou confidente. *Carta* e *desabafo*, portanto, evocam, os dois, a noção de privacidade e uma *carta-desabafo* adequa-se mais ao Modelo Cognitivo Idealizado de *carta* do que uma *carta-manifesto*.

Não se pode afirmar que o autor do neologismo *carta-desabafo* em verdade acredite na angústia moral de Temer ou mesmo que ele considere Dilma sua confidente. O fato, contudo, é que o mesmo referente é conceptualizado a partir de perspectivas diferentes, que perfilam aspectos igualmente diversos da problemática em questão, revelando visões de mundo variadas e adicionando mais um tijolo ao muro de evidências

levantado pela LC quanto à relação indireta língua-mundo, permeada sempre pela cognição.

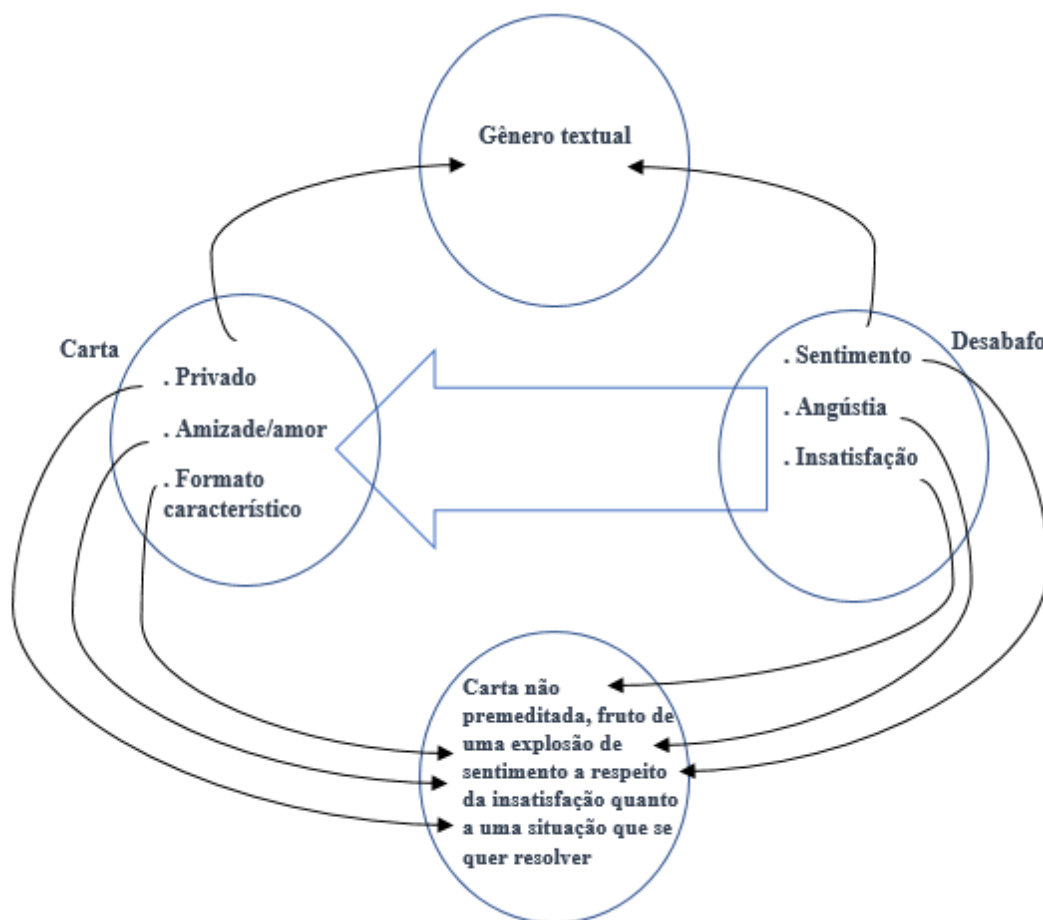


Imagem 36: Modelo de projeção interdomínios do neologismo *carta-desabafo*

Jogo-treino e *partida-desempate* são duas das composições neológicas da área esportiva que escolhemos analisar. *Jogo*, *partida* e *desempate* relacionam-se fortemente e remetem ao domínio-matriz ESPORTE. *Treino* interpenetra a fundo o domínio dos esportes, mas pode também evocar um domínio ainda mais genérico, AÇÃO/ATIVIDADE, pois podemos treinar caligrafia, matemática, canto etc.

O primeiro neologismo constrói o significado pela projeção de *treino* sobre *jogo*. A imagética de *jogo* evoca as noções de ganhar, perder, competir e premiação. Ao sobrepor-se ao primeiro domínio, *treino* sombreia, porém, todas essas noções, lançando luz apenas sobre a atividade física em si. Além disso, uma imagem fortemente evocada por *treino* em nossa cultura contemporânea é a do indivíduo forte, saudável e musculoso que submete seu corpo a esforços físicos intensos a fim de lhe fortalecer. Entender um *jogo* em termos de um *treino*, portanto, atualiza linguisticamente este conceito: ainda que

o jogo em si não seja uma competição, é útil para fortalecer o atleta e facilitar sua vitória. A noção de competição, portanto, não é anulada, mas deslocada da partida em si para um evento futuro, em relação ao qual o jogo atual é uma preparação. Esquemáticamente, temos:

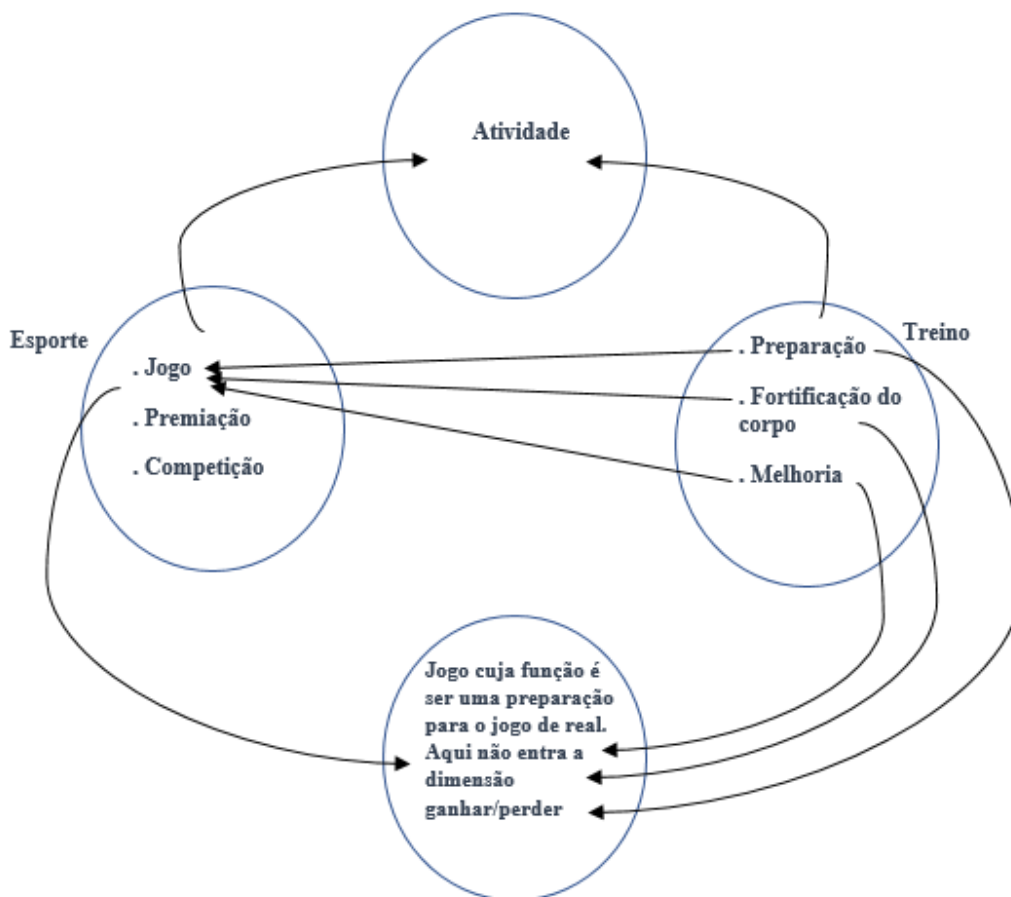


Imagem 37: Modelo de projeção interdomínios do neologismo *jogo-treino*

Situação diferente verifica-se em *partida-desempate*, que, de acordo com o contexto, nomeia o histórico jogo de futebol, ocorrido em 1974, entre o Atlético e o Bayern de Munique, valendo o troféu da Liga dos Campeões, vencido pelo time alemão por 4 X 0. Partida, segundo o *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*, tem como uma das acepções, “peleja esportiva”. Ou seja, a diferença entre *jogo* e *partida* é que, ainda que designem o mesmo referente, o fazem sob duas perspectivas diferentes: do primeiro, é perfilado o esporte em si; ao passo que, do segundo, sobressaem as ideias de disputa, competição, peleja. Essas noções são reforçadas pela projeção de *desempate* sobre *partida*, o que faz com que a estrutura cognitiva emergente evoque esquema imagético de um time que vence o jogo e se torna campeão. Nesse sentido, o segundo

membro da composição fornece ao primeiro uma noção de grande importância, por se tratar de uma partida decisiva que deve coroar ou não os esforços do time.

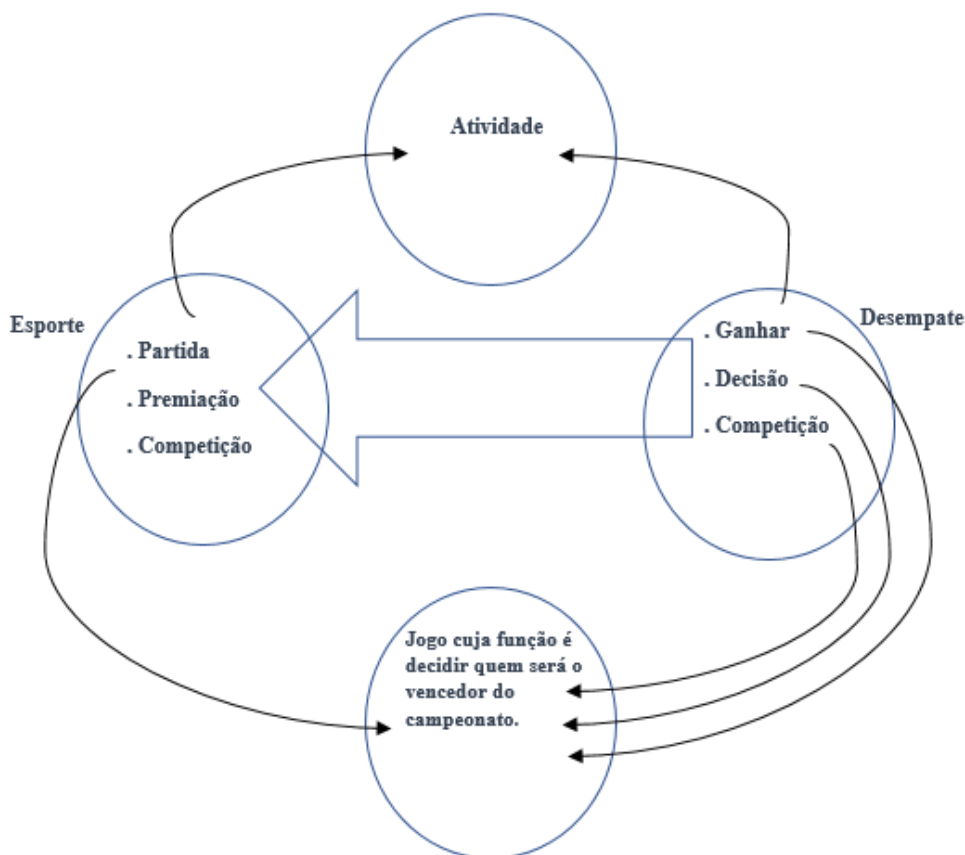


Imagem 38: Modelo de projeção interdomínios do neologismo *partida-desempate*

Também relacionados ao esporte são os neologismos compostos *negócio-atleta* e *voto-atleta*, nos quais se integram, ao domínio ESPORTE, os domínios COMÉRCIO (a princípio) e ELEIÇÃO, respectivamente.

Apesar de formalmente simples, num primeiro contato, é difícil saber exatamente o que seja um *negócio-atleta*, uma vez que se pode entendê-lo, numa primeira análise, tanto como um comércio ou uma rede comercial financiada por um atleta e, nesse caso, o domínio esportivo integrar-se-ia ao comercial no papel de agente, quanto como uma negociação entre clubes em que o atleta seria o objeto negociado. Analisando o contexto em que a unidade lexical foi empregada, verifica-se que não se trata nem de um significado nem de outro. O blogueiro critica, em seu texto, o alto financiamento governamental aos clubes de futebol para que promovam “escolinhas” onde, supostamente, seriam revelados os novos talentos da bola, coisa que, aliás, segundo ele, não acontece.

Após estudo mais detido do contexto, percebemos que ocorre uma ressignificação de *negócio*, que sai do domínio COMÉRCIO, onde, a princípio o havíamos identificado, e passa a integrar CORRUPÇÃO: neste caso é um negócio corrupto de enriquecimento ilícito com dinheiro público. Do mesmo modo, *atleta* deixa de ser o objeto comercializado (afinal, não se trata de compra e venda do passe dos atletas aos clubes) e passa a assumir a função de pretexto para o negócio escuso, uma vez que todo negócio corrupto deve ter um pretexto aparentemente idôneo. Vejamos:

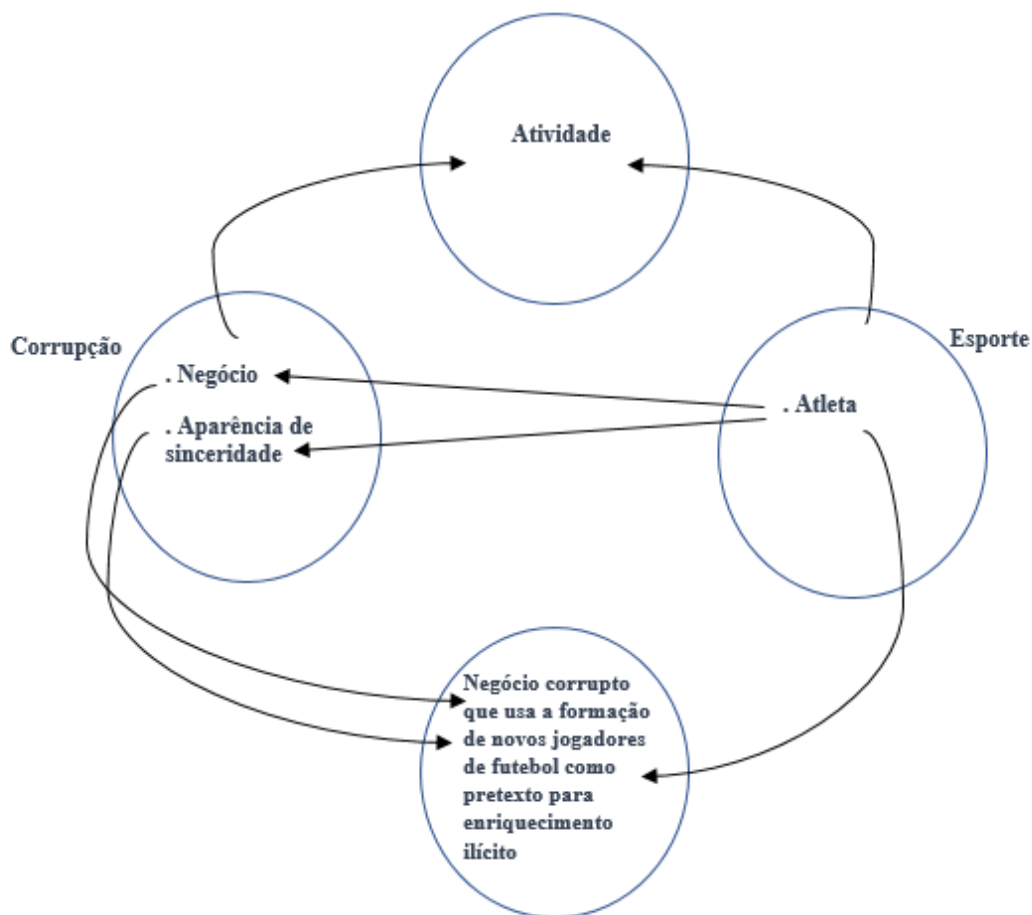


Imagem 39: Modelo de projeção interdomínios do neologismo *negócio-atleta*

Importa destacar que essa interpretação só é possível se nos voltarmos ao contexto, ou seja, ao uso real da palavra, cuja dimensão semântica aclara-se apenas mediante a práxis. O falante, portanto, consegue acessar o significado mobilizando as estruturas cognitivas de sua mente *em função* dos dados reais de que dispõe, que lhe servem de gatilhos para a evocação de esquemas imagéticos cristalizados na cultura. Este neologismo é um exemplo de estrutura semântica emergente que Fauconnier & Turner (2003, p. 60) dizem ser desenvolvida por elaboração: a partir de dois *inputs*, instaura-se

uma nova lógica no espaço-mescla, que ajuda a explicar, por exemplo, por que *atleta* é apenas o pretexto e não o objeto, como seria de se esperar. Essa elaboração cognitiva, porém, é sempre importante ressaltar, só é possível mediante o uso real que mobiliza os esquemas imagéticos de corrupção em nossa sociedade, os quais admitem como necessário ao negócio escuso um pretexto honesto, no caso em questão, o atleta.

Em *voto-atleta*, apesar de o mesmo item lexical do neologismo anteriormente analisado estar presente na posição determinativa do composto, a relação de sentido instaurada, em função do contexto, pela projeção interdomínios, é outra. O voto em questão diz respeito às eleições para a diretoria do COB (Comitê Olímpico Brasileiro) e o atleta é, neste caso, o agente do voto, ou seja, aquele que vota.

Ainda pelo contexto, descobrimos, porém, que o singular não é um simples detalhe: trata-se, em verdade, de um único atleta que pode votar como representante da categoria, segundo o estatuto do COB. Assim, metonimicamente, um membro do conjunto passa a valer por todo ele e apenas este membro projeta-se sobre voto.

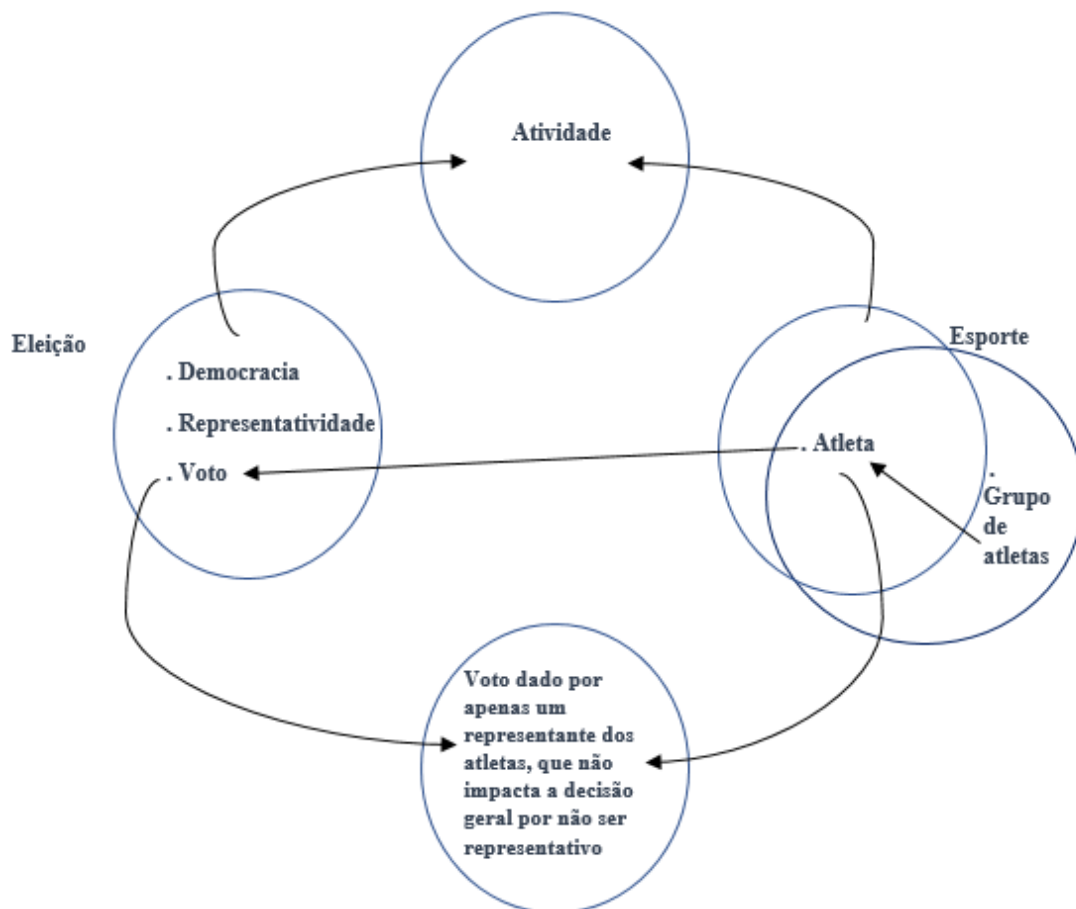


Imagem 40: Modelo de projeção interdomínios do neologismo *voto-atleta*

A crítica às regras eleitorais do Comitê Olímpico Brasileiro, que depreendemos a partir das opiniões expressas pelo autor do texto, são, de certo modo, reforçadas pela contradição entre voto, que pressupõe liberdade de escolha em um ambiente regido pela democracia, e a relação metonímica instaurada pelo singular – atleta -, que, na realidade extralinguística, acaba por não ter peso sobre os rumos da instituição.

Denominando construções/locais, serão analisados agora os neologismos compostos *prédio-monumento*, *prédio-espetáculo* e *condomínio-clube*.

O esquema imagético evocado por monumento é o de um objeto, normalmente de grandes proporções, erigido para chamar a atenção das pessoas e guardar na memória os feitos de um herói ou de uma civilização. Culturalmente, portanto, atrelado a monumento está a dimensão de antiguidade histórica: as pirâmides do Egito, o Coliseu e o Stonehenge são exemplos de monumentos históricos guardados em nossa memória. Por esse motivo, nosso primeiro ímpeto analítico seria entender *prédio-monumento* como um local histórico, erigido à memória de um imperador ou de uma civilização do passado longínquo.

A lexia *prédio*, contudo, evoca modernidade. Se edifício é mais clássico, prédio, sem dúvida, é moderno. De fato, recorrendo ao contexto, vemos que os *prédios-monumento* em questão são as sedes da Apple, do Facebook e da Google, as maiores empresas globais do ramo informático na atualidade.

A projeção do segundo *input* sobre o primeiro é, pois, a projeção do épico sobre o moderno. Seguindo a Hipótese da Invariância, para que a estrutura de monumento possa ser preservada em prédio, é necessário que a dimensão antiguidade literal não seja projetada, em favor de outros elementos como “tamanho descomunal”, “impressionar os sentidos”, “poder” etc., e, de fato, o subtítulo do texto – “gigantes no meio do nada” – vem ao encontro de nossa análise.

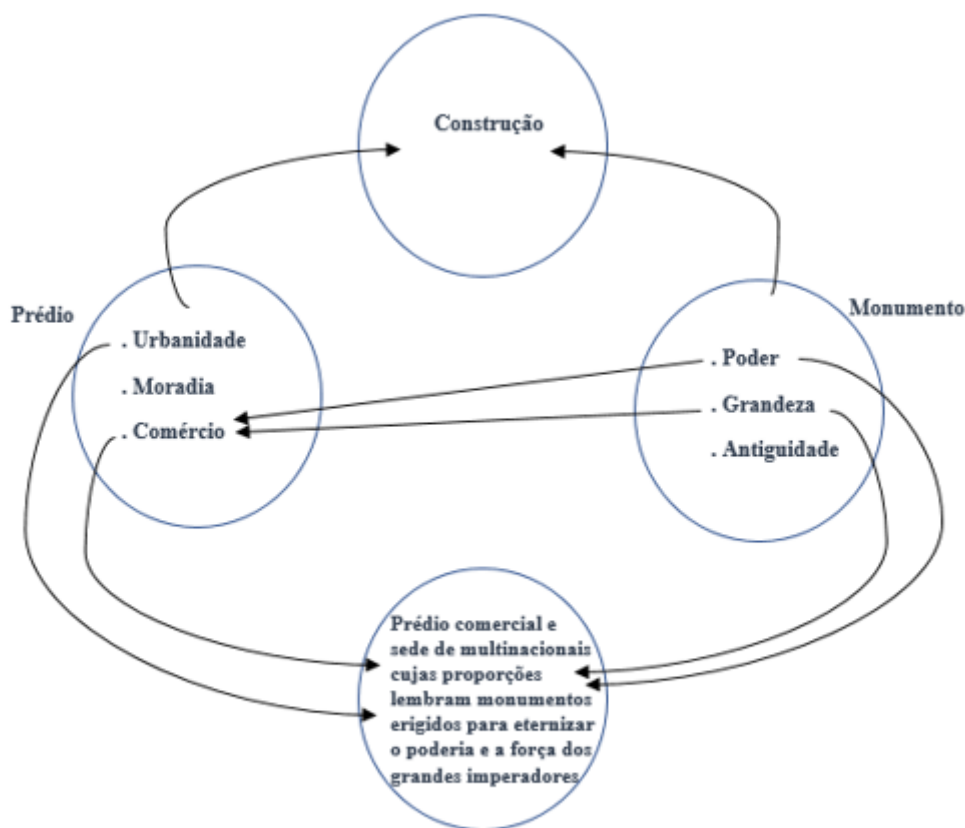


Imagem 41: Modelo de projeção interdomínios do neologismo *prédio-monumento*

Ainda que a dimensão histórica de monumento tenha ficado de fora da projeção – afinal, os prédios são sedes de empresas contemporâneas de um ramo bastante moderno – a escolha de um membro que evoca o domínio épico-histórico, em lugar de um adjetivo como “grandioso”, por exemplo, para a composição do neologismo, faz-nos pensar que, na visão do autor do blogue, as empresas capitalistas globais de informática são, na realidade, os novos imperadores do mundo contemporâneo e os marcos de nossa civilização. Desse modo, se os antigos regentes erigiram para si, e em sua memória, colossos da arquitetura antiga, os novos imperadores globais também o fazem. Grandeza é poder e poder é típico dos grandes influenciadores dos rumos da humanidade: tais são, certamente, hoje, a Google, o Facebook e a Apple.

Algumas linhas abaixo, no mesmo texto, encontramos mais uma unidade lexical neológica composta que se refere a outra construção grandiosa - a sede da Amazon – alcunhada como *prédio-espetáculo*. Os dois domínios que se mesclam em uma única estrutura semântica emergente, neste caso, são CONSTRUÇÃO e ARTE. Normalmente, o esquema imagético de espetáculo evoca uma apresentação teatral ou musical, vistosa e atraente ao público.

Para fins de preservação da estrutura do segundo domínio, ao projetar-se sobre o primeiro – uma construção -, as noções de “apresentação artística teatral e musical” são deixadas de lado em favor de “visual atraente”. Isso, claro, só nos é fornecido pelo contexto, uma vez que, por *prédio-espetáculo*, um falante do português poderia entender também um edifício onde ocorrem os espetáculos teatrais, o que não é o caso em questão.

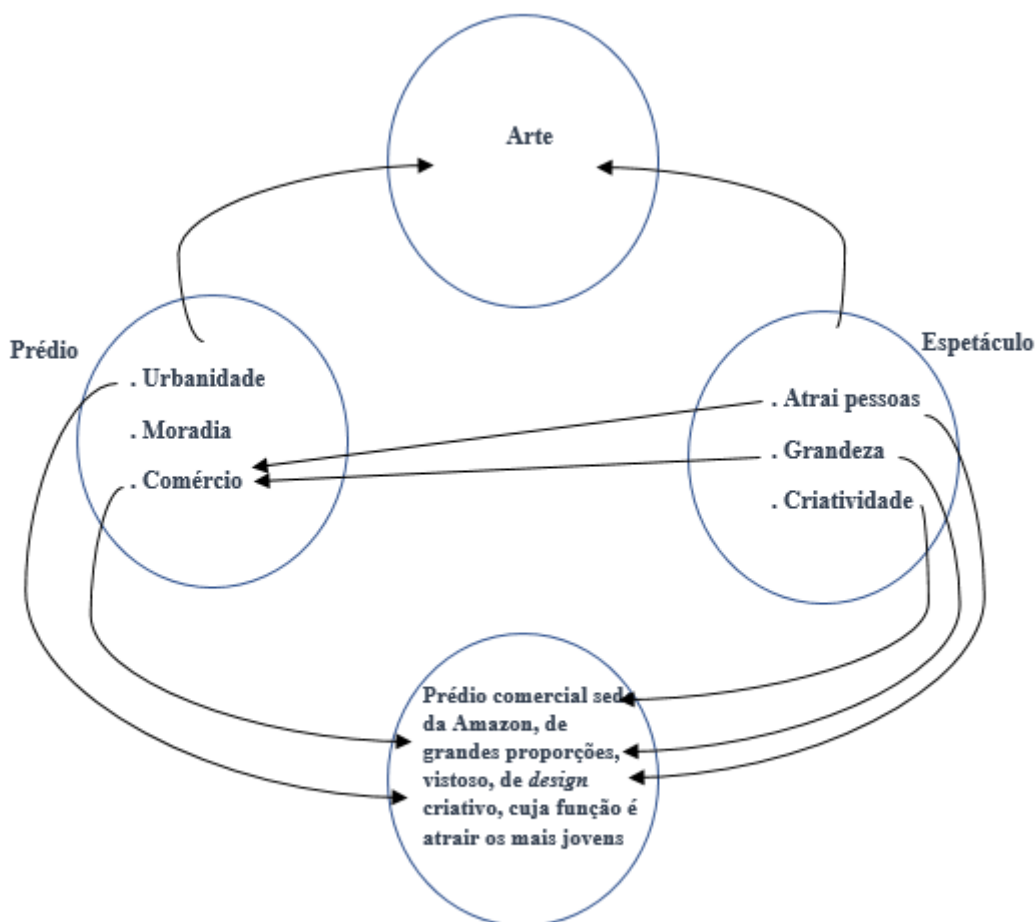


Imagem 42: Modelo de projeção interdomínios do neologismo *prédio-espetáculo*

A noção artística, contudo, ainda que não se manifeste, no neologismo, em forma de espetáculos musicais ou teatrais, preserva-se na concepção arquitetônica do prédio. Nesse sentido, o próprio contexto nos esclarece que quem o projetou foi um “arquiteto estrelado” (estrela também remete ao universo do espetáculo artístico) com o intuito de “atrair a juventude”. A extravagância do edifício formado com “três esferas de vidro, que lembram bolhas de sabão gigantes” é, portanto, um espetáculo visual de inovação e criatividade, também ele um *prédio-monumento* feito para perpetuar as glórias da global Amazon.

Condomínio-clube, por sua vez, não evoca qualquer imagem de grandeza. Segundo o *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*, condomínio remete à ideia de posse comum. Culturalmente, a imagem evocada por ele é um prédio ou vários blocos de prédios murados, onde vivem várias pessoas, cada uma em seu apartamento, dividindo, contudo, uma área comum (salão de festas, sala de ginástica, piscina etc.). Clube, a seu turno, remete a um espaço de lazer privativo a quem se torna sócio, mediante contribuição financeira. Além disso, essa unidade lexical também costuma evocar noções de riqueza e elitismo, uma vez que clubes tradicionais são reservados a membros das classes financeiramente favorecidas.

Ao projetar-se sobre condomínio, clube acaba por acentuar, no primeiro domínio, as noções de exclusividade, insulamento e boa situação financeira. O contexto, que trata sobre as tentativas governamentais de planejamento urbano, parece corroborar essa construção semântica. Um *condomínio-clube* é, portanto, um espaço privilegiado de moradia e lazer, isolado da complexa e feia realidade urbana da megalópole paulista, destinado àqueles que por ele podem pagar.

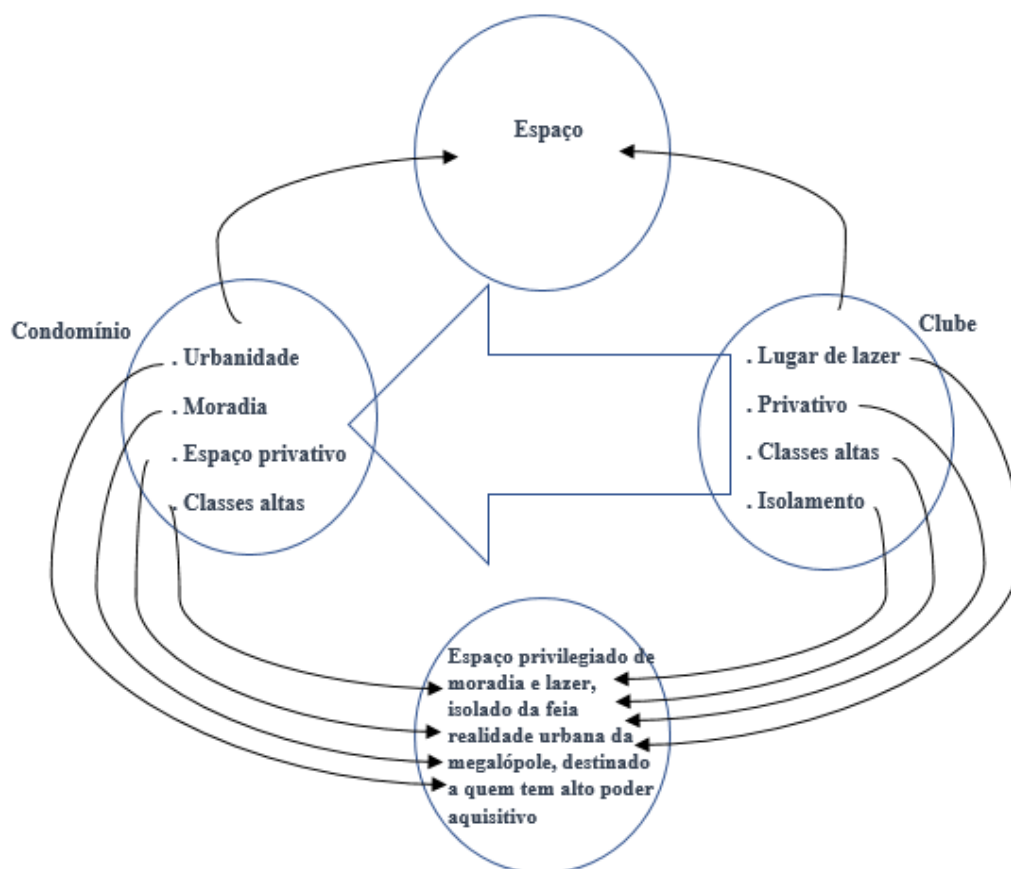


Imagem 43: Modelo de projeção interdomínios do neologismo *condomínio-clube*

A unidade lexical neológica *candidato-celebridade* nomeia um referente do campo político. Os dois domínios cognitivos envolvidos na construção semântica dessa composição são POLÍTICA e FAMA, respectivamente. Celebridade evoca o esquema imagético de um artista (cantor, ator, apresentador de televisão) bastante conhecido das massas e por elas adorado. Trata-se, pois, de alguém que influencia a opinião pública a seu favor.

No Brasil, não é incomum indivíduos da classe artística televisiva ou musical candidatarem-se a cargos políticos (Tiririca, Sérgio Reis, Celso Russomano, entre outros). A projeção de celebridade sobre candidato, contudo, faz emergir uma estrutura semântica fortemente crítica a essa situação. Embora os dois domínios estruturem-se no espaço público, POLÍTICA pressupõe veracidade (ainda que o Modelo Cognitivo Idealizado que historicamente se tem construído em nosso país admita falsidade), ao passo que o universo da fama é eivado de aparência sem conteúdo. Ao entendermos um candidato como uma celebridade, portanto, estamos colocando em primeiro plano a aparência, o espetáculo, a não criticidade (afinal, de alguém em que as massas confiam, dada a sua fama artística, é difícil que se diga algo menos clemente).

Um *candidato-celebridade*, em suma, elege-se não por suas ideias políticas a favor da população, mas por sua fama prévia. Por isso, o contexto afirma que se deve “tomar precauções para que a política não seja invadida por *candidatos-celebridade* (...)”. Só se toma precaução contra algo a que se critica e se quer evitar.

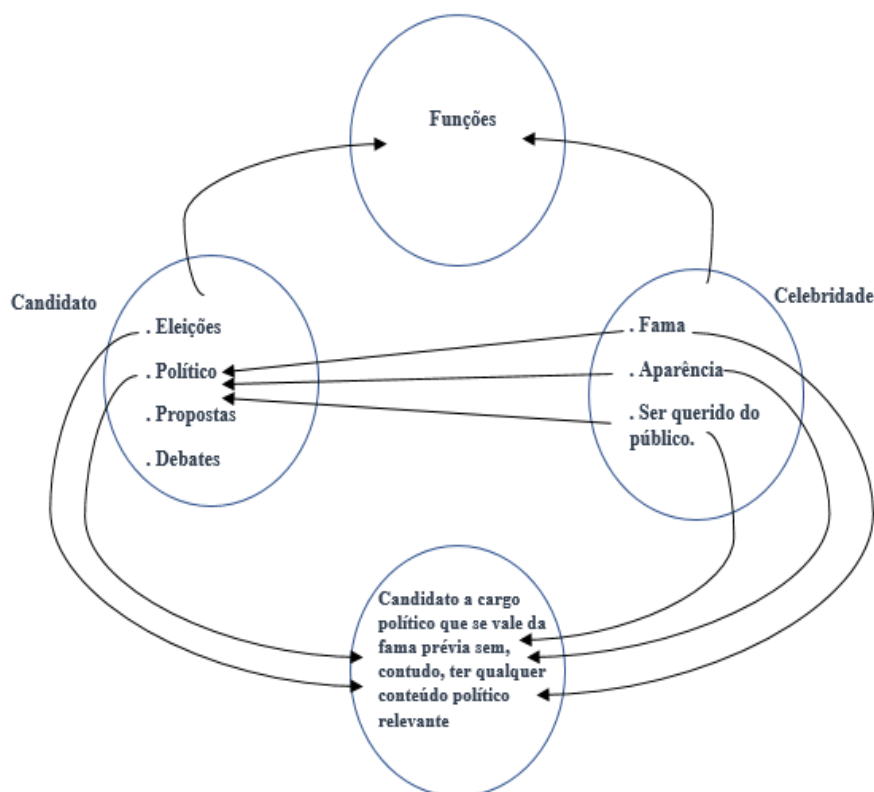


Imagem 44: Modelo de projeção interdomínios do neologismo *candidato-celebridade*

Dentre os esquemas imagéticos possíveis evocados por veterano está o indivíduo que ingressou em algum curso universitário e se torna, no ano seguinte, veterano em relação a quem inicia o curso naquele momento, o chamado calouro. Nas universidades, normalmente, são os alunos veteranos que organizam os eventos sociais de integração dos calouros nos primeiros dias no ano letivo em curso. No neologismo *veterano-tutor*, é, pois, este o significado do primeiro membro da composição.

Aqui, veterano é caracterizado em termos de um tutor. Imageticamente, tutor evoca alguém responsável e capacitado, que protege outro ser incapaz ou inapto, normalmente criança ou ancião, zelando por sua integridade e guiando-lhe os passos com segurança, literalmente ou não. Ao projetar-se sobre a figura do veterano, tutor imprime a ela essa noção de responsabilidade, cuidado, guia e carinho do aluno mais velho da universidade pelo mais novo, zelando por sua rápida integração à rotina universitária.

Veterano-tutor, nesse sentido, pelos elementos atribuídos pelo segundo membro da composição, opõe-se à imagem do veterano imprudente, zombeteiro e até cruel, responsável por fazer o calouro sofrer, colocando-o em situações vexatórias, abusivas ou mesmo de risco. Os famosos trotes violentos que ocorriam há alguns anos na Universidade de São Paulo, um dos quais ficou famoso por causar a morte do calouro de

medicina Edison Chi Hsueh, em 1999¹¹⁰, justificam a tentativa de positivação na imagem culturalmente construída do veterano, que, cada vez mais, se apresenta como uma figura de orientação responsável e não de medo.

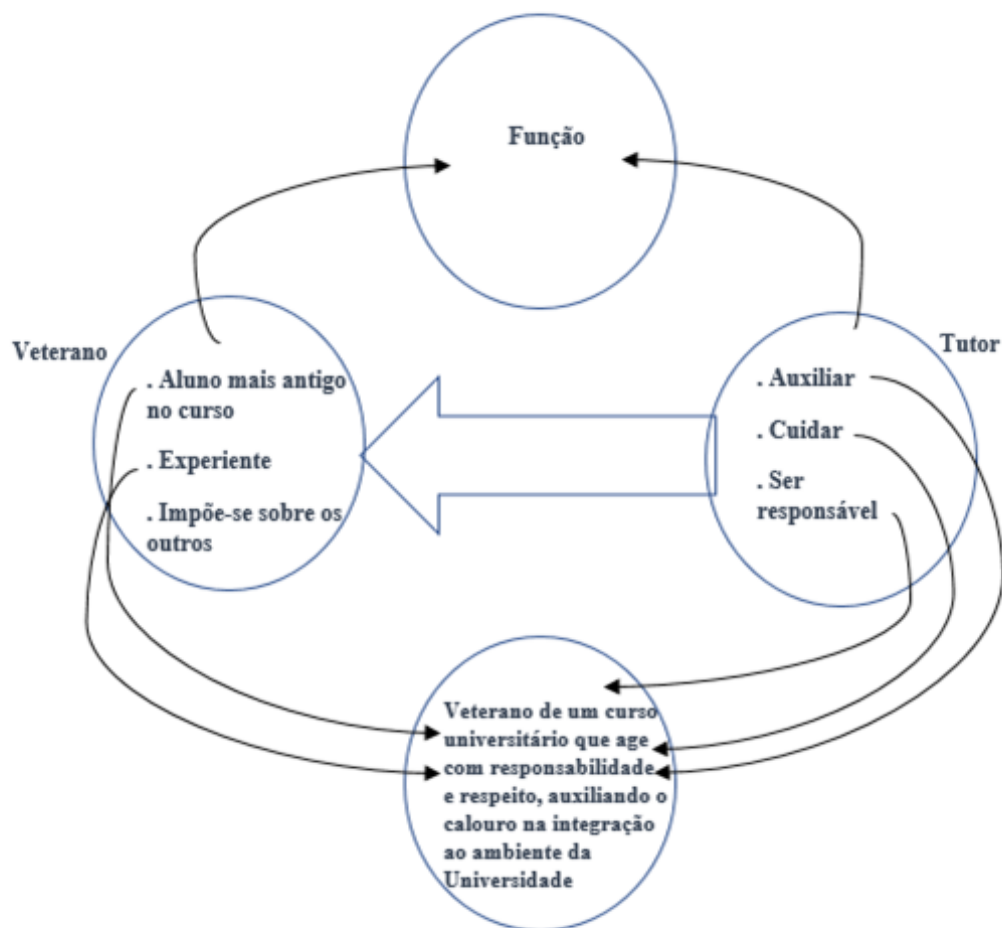


Imagem 45: Modelo de projeção interdomínios do neologismo *veterano-tutor*

Peça-ícone e *bilhete-prêmio* são dois neologismos compostos de nosso *corpus* que nomeiam objetos materiais diversos.

A *lexia* peça evoca a noção genérica de artefato. Uma peça pode ser um objeto decorativo, uma joia, uma estátua, uma engrenagem de máquina, um membro de uma coleção ou de um jogo etc. O segundo elemento do composto, *ícone*, por sua vez, evoca, a princípio, o universo religioso. Ícones são as conhecidas pinturas chapadas de santos, de Nossa Senhora e de Jesus Cristo, considerados sagrados pelo cristianismo ortodoxo.

¹¹⁰ Cf. <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff25049910.htm> (Acessado em: 11 jun. 2020)

Sem recorrer ao contexto, talvez pudéssemos, a princípio, entender *peça-ícone* como uma das imagens religiosas ortodoxas que enfeitam os templos dessa religião.

Todavia, se um ícone é um objeto sagrado, torna-se, desse modo, importante, essencial, vital. Saindo do campo exclusivamente religioso, a palavra ícone pode passar, então, a evocar a noção de algo essencial, primordial, representativo de uma classe ou categoria. Essa extensão metafórica já se encontra registrada no *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*, de modo que nós, falantes do português, não sentimos mais o processo metafórico que, contudo, está na raiz da transferência de ícone do espaço sagrado para o mundano.

Recorrendo ao contexto, verifica-se que, no caso deste neologismo, *peça* é identificada como joia e *ícone* é identificado como a grife de joias Tiffany, ou seja, trata-se de uma joia, especificamente um anel de noivado da glamurosa grife Tiffany. Para a construção de *peça-ícone*, portanto, a compreensão da palavra em uso é essencial.

Esquemáticamente, o *input 2*, ao projetar-se sobre o 1, torna a *peça* em questão, metonimicamente, representante de sua categoria, ou seja, a joia mais importante dentre as produzidas pela Tiffany. Nesse sentido, a estrutura semântica de *peça-ícone* assemelha-se à dos neologismos criados pelo subpadrão *X-símbolo*, que serão analisados na seção 5.3.8, pois uma *peça-ícone* é, de certo modo, uma *peça-símbolo* da marca que a produziu. Do universo religioso, ícone preserva e projeta sobre a joia as noções de “importância”, “impressionabilidade” e “feito para ser visto”, deixando de lado noções como “sacralidade”, “ortodoxia” etc.

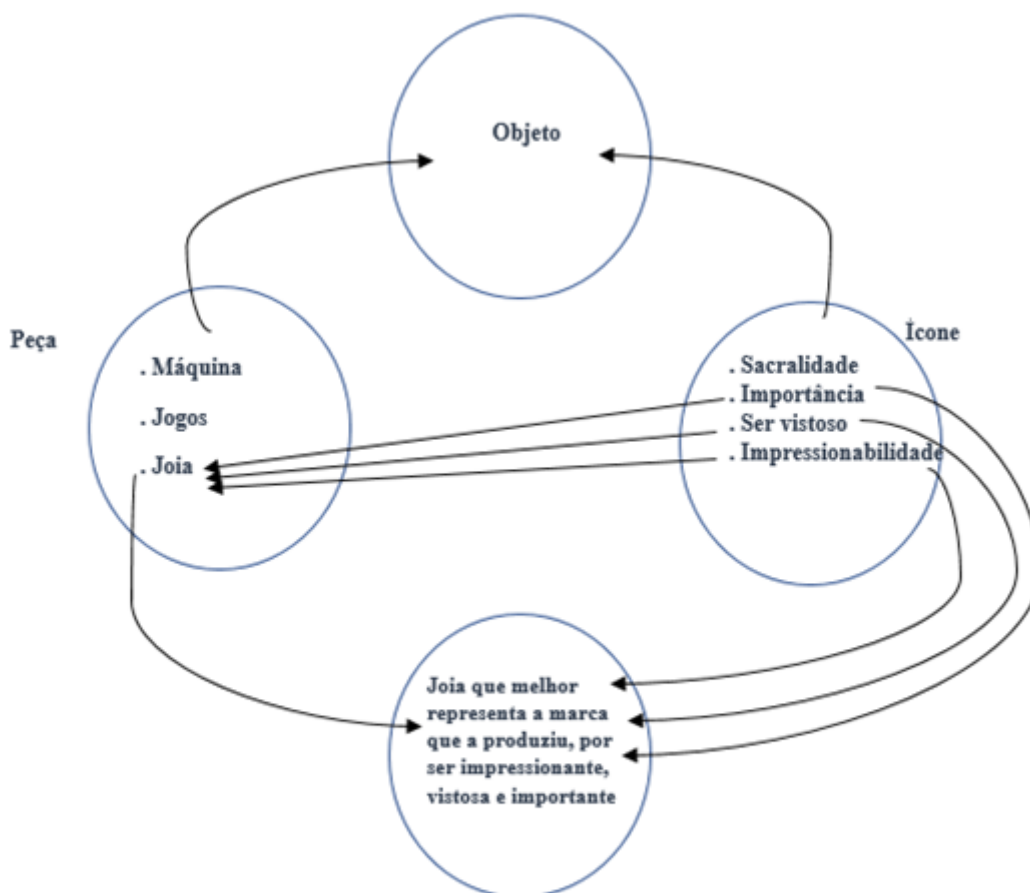


Imagem 46: Modelo de projeção interdomínios do neologismo *peça-ícone*

Bilhete-prêmio, de acordo com o contexto, nomeia uma passagem de avião (bilhete) oferecida por algumas empresas aéreas como cortesia mediante o cumprimento de alguns critérios. Culturalmente, a imagem evocada por prêmio é “presente valioso e disputado, que se conquista por merecimento, muitas vezes em competições variadas”. Ao projetar-se sobre bilhete, prêmio lhe acentua a noção de importância e a passagem de avião passa a ser entendida como algo valioso a que se deve cobiçar. De fato, se considerarmos que bilhetes aéreos não são acessíveis a todos os públicos, poder adquirir um a custo zero é algo a que facilmente se pode almejar.

Importante atentarmos, aqui, para a dimensão de conquista evocada por prêmio. O bilhete de avião, no caso, não é uma simples cortesia oriunda da bondade das companhias aéreas comerciais, é um prêmio que o cliente conquista mediante o cumprimento de critérios – sempre benéficos à empresa – como fidelidade, realizar viagens constantes (o que já indica a situação social mais privilegiada do cliente) etc. Subjacente a *bilhete-prêmio*, pois, pode-se vislumbrar todo um universo estrutural de

práticas próprias do Capitalismo, prontas a tornar as pessoas dependentes de serviços, competitivas entre si (não à toa a lexia determinante do composto evoca a noção de “competição”), e ávidas a consumir mais e mais em troca de pequenas satisfações (que são os prêmios por ser um “bom consumidor” no ideal capitalista, isto é, consumir sempre): afinal, o que é uma viagem gratuita quando, para se consegui-la, foi necessário realizar tantas outras?

Esquemáticamente, o que temos aqui é uma dupla projeção de elementos entre domínios: se prêmio projeta-se sobre bilhete, competidor e merecedor projetam-se sobre cliente, que se torna, então, uma engrenagem na máquina de competição capitalista a que todos nós estamos submetidos.

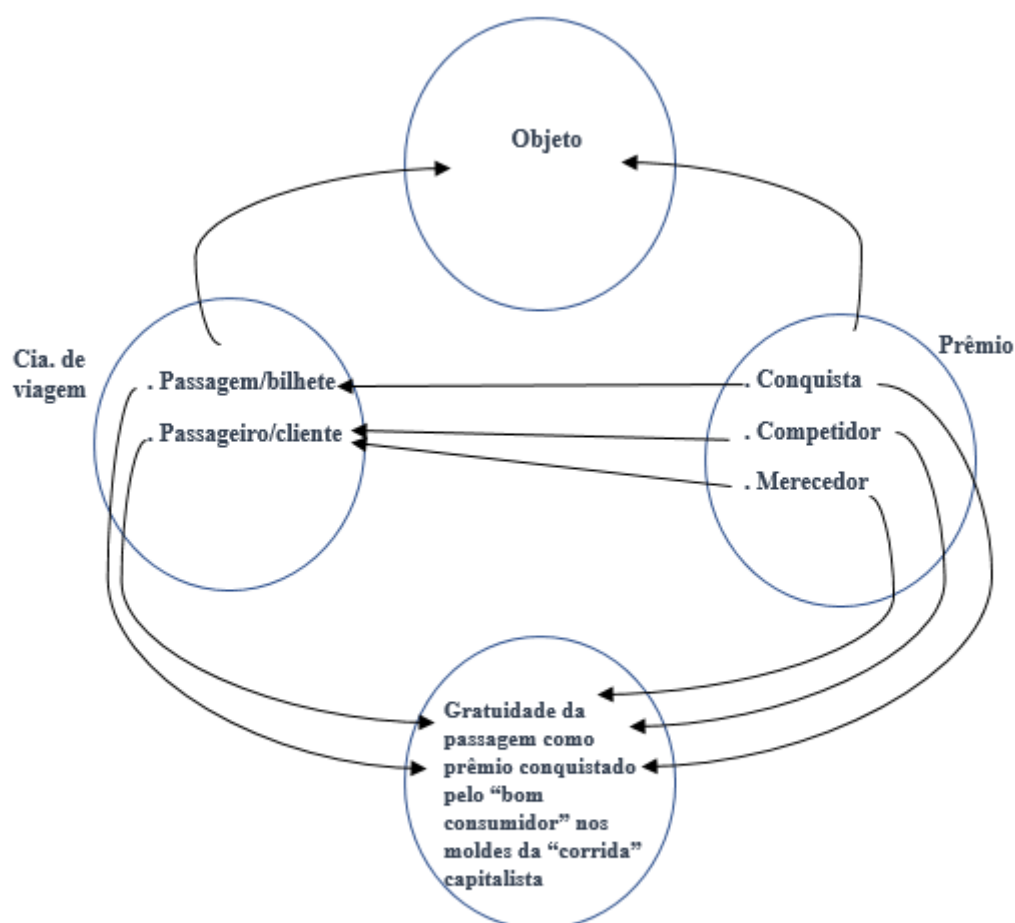


Imagem 47: Modelo de projeção interdomínios do neologismo *bilhete-prêmio*

A unidade lexical neológica *ônibus-leito* foi por nós classificada como composição determinativa por não se tratar de um ônibus que, ao mesmo tempo, é um leito, mas sim de um ônibus **com** leito; ou seja, o segundo membro do composto

referencia algo que existe **dentro** do ônibus. O elemento determinante, portanto, não é aqui qualificador, pois sua função é ontológica: *ônibus-leito* é um hipônimo de ônibus, ou seja, um tipo dentro da categoria ônibus.

Semanticamente, os dois domínios evocados são TRANSPORTE e DESCANSO. A estrutura cognitiva emergente do processo projetivo interdomínios é um desvio, sem qualquer juízo valorativo, em relação ao Modelo Cognitivo Idealizado de ônibus: normalmente, nas viagens de ônibus, os passageiros estão despertos e sentados, e não dormindo e deitados. Um ônibus com leito, pois, é uma exceção.

Interessante a utilização de leito e não cama para compor esse neologismo. Segundo o *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*, *leito*, originalmente, designava toda a armação que sustenta o colchão e os estrados. Contudo, por extensão de sentido, passou a significar “qualquer espaço sobre o qual se pode descansar deitado”. Imageticamente, a *lexia* cama evoca intimidade, o espaço do quarto e, sobretudo, uma forma mais determinada, ao passo que *leito* pode evocar superfícies horizontais mais gerais, ou seja, menos definidas em termos de forma, onde se pode deitar, com diferentes graus de conforto, tais como os leitos de hospital ou a poética expressão “leito de morte”, que pode ser qualquer lugar onde o corpo se reclina para morrer.

Numa rápida pesquisa em sites de busca pela internet, verificamos que *ônibus-leito* parece ser um termo especializado do vocabulário das viagens terrestres¹¹¹. Além desta, encontramos a unidade lexical “ônibus leito-cama” que, em comparação com o nosso neologismo aqui em análise, designa um referente que transporta ainda menos passageiros e conta com poltronas individuais mais reclináveis, além de maior espaço. A diferença semântica entre as unidades léxicas *leito* e *cama*, portanto, quando projetadas sobre o domínio TRANSPORTES, parece concentrar-se no grau de conforto, reclinção e individualidade que proporcionam aos passageiros. Num imaginário *continuum* categorial, pode-se visualizar que, quanto mais acentuadas são as características mencionadas acima, mais se aproxima a “cama” presente no ônibus da imagem da cama que temos em nosso quarto; quanto mais longe, mais ela vai se tornando *leito*, ou seja, vai perdendo as características imagéticas de forma, conforto e intimidade, permanecendo apenas a reclinção maior se comparada à poltrona simples.

¹¹¹ Cf. <https://blog.guichevirtual.com.br/tipos-de-onibus/> (Acessado em: 12 jun. 2020)

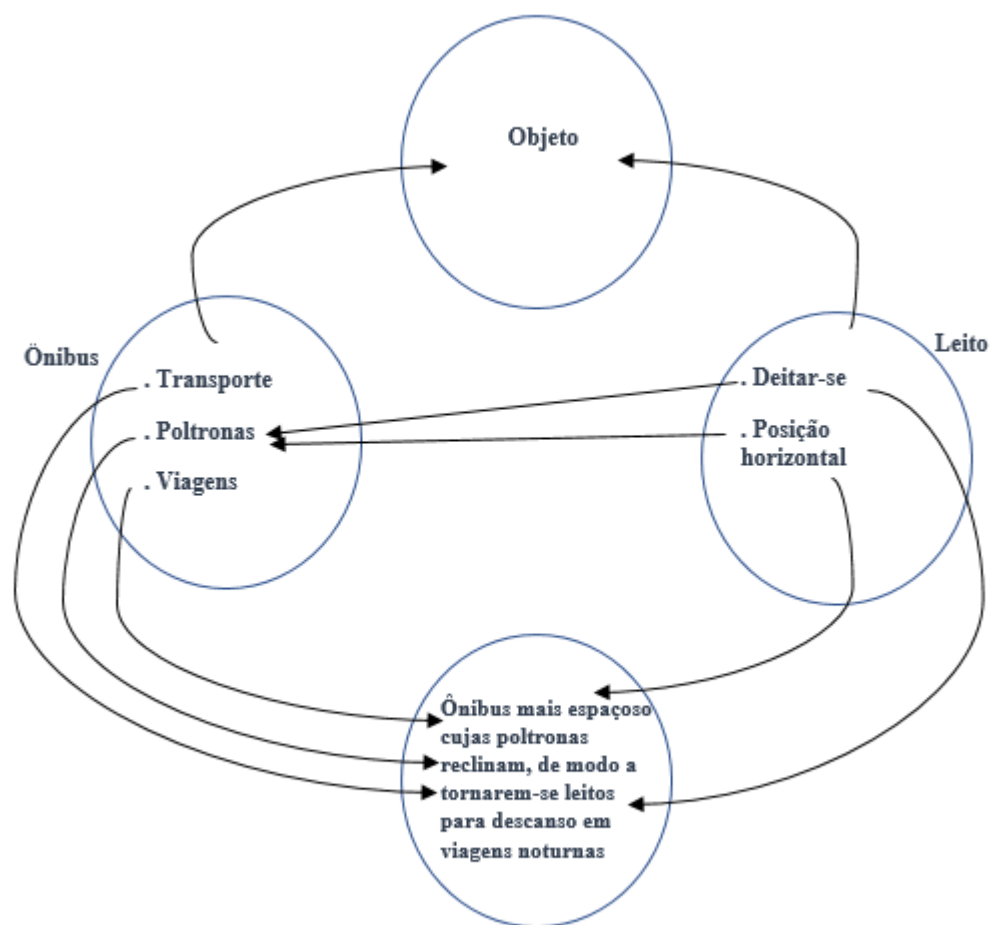


Imagem 48: Modelo de projeção interdomínios do neologismo *ônibus-leito*

A princípio, ao nos depararmos com a unidade lexical neológica *asfalto-borracha*, imaginamos uma espécie de pavimento menos compacto que o asfalto normal, uma vez que borracha evoca noções como elasticidade e maior maleabilidade se comparada ao betume de que é feito o asfalto tradicional. Se essa fosse a interpretação correta, borracha tomaria o lugar do betume como material desse atípico pavimento asfáltico e seriam projetados, do *input 2*, os elementos “elasticidade”, “maleabilidade”, “impenetrabilidade” etc.

Contudo, após realizarmos uma busca geral por alguns sites de pesquisa, descobrimos que um *asfalto-borracha* é, na verdade, “um revestimento de pavimento constituído de cerca de 14% de pó de pneu moído”¹¹², sendo este pó derivado da reciclagem de pneus, o que acaba por tornar este tipo de pavimento ecologicamente correto.

¹¹² Cf. <https://www.aecweb.com.br/revista/materias/asfaltoborracha-garante-vias-mais-seguras-e-duraveis/15935> (Acessado em: 13 jun. 2020)

Esta constatação modificou nosso entendimento sobre as estruturas semânticas do neologismo. Borracha passa a estabelecer com pneu relação metonímica, pois o material torna-se o próprio objeto e é essa relação de contiguidade que se projeta sobre o primeiro *input*. Logo, *asfalto-borracha* é um asfalto produzido com determinada quantidade de pós de pneu moído e não um pavimento produzido pelo processamento da borracha.

Esquemáticamente, abrem-se, pois, três espaços: (I) o domínio de pneu, que evoca, entre outros elementos, “carro”, “estrada”, “forma circular”, “borracha”, “estepe” etc.; (II) o espaço de projeção metonímica pneu-borracha; (III) o domínio asfalto, sobre o qual se projeta a relação de contiguidade realizada no processo metonímico.

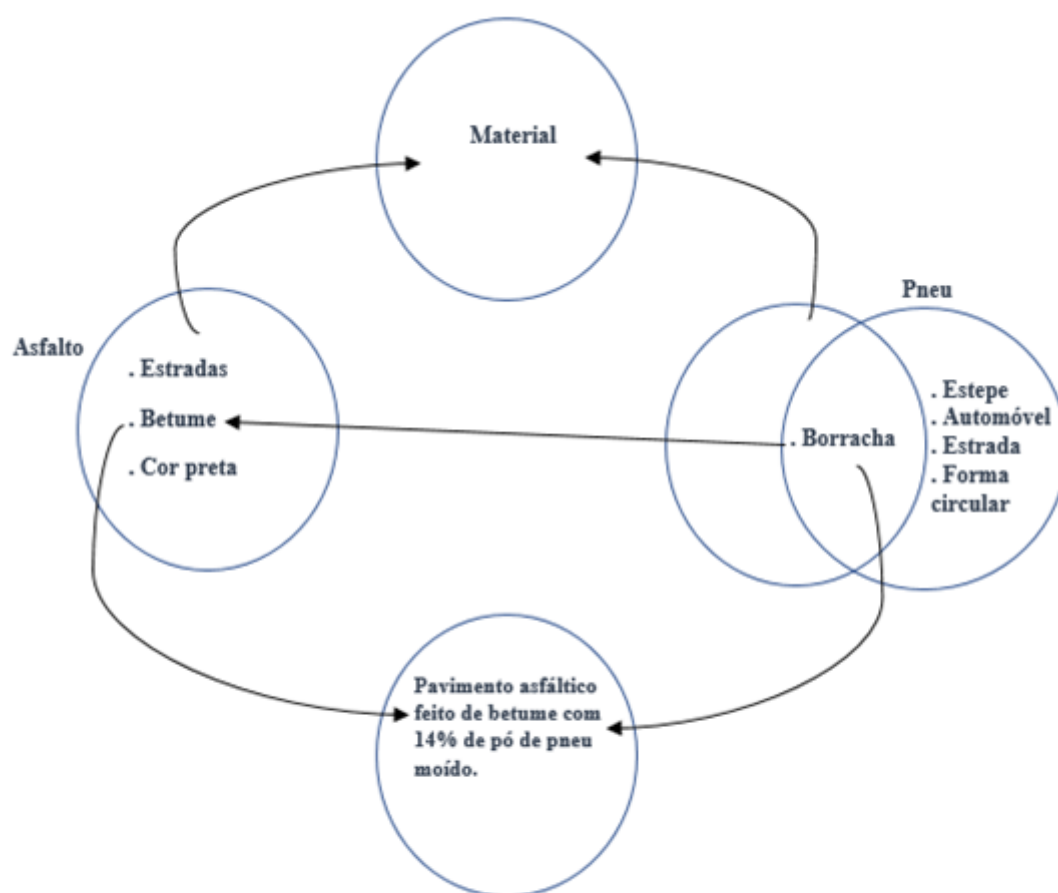


Imagem 49: Modelo de projeção interdomínios do neologismo *asfalto-borracha*

É realmente impressionante, jamais o deixaremos de afirmar, a incrível capacidade humana que permite a construção das estruturas de cognição complexas e compactas a partir de projeções interdomínios (FAUCONNIER & TURNER, 2003). Toda uma rede de conexões mentais que sustenta a noção de “asfalto produzido pela mistura do betume ao pó de pneus velhos moídos, que, por isso, é considerado

ecologicamente correto” materializa-se em uma forma tão singela quanto *asfalto-borracha*.

A dificuldade inicial em analisar este neologismo contribui para evidenciar, uma vez mais, que nenhum item léxico é, figurativamente, uma caixinha que contém significados fechados e prontos dentro dela. Ao contrário, as palavras assemelham-se mais a fachos de luz em vidros cristalinos: apesar de concentrada no interior do vidro, a luz projeta-se para fora dele em várias direções, encontra outras luzes, mescla-se, cria cores imprevistas; do mesmo modo, os significados projetam-se, misturam-se, criam outras estruturas de significação e se reconstróem em relação de uso, jamais isolados.

Ainda por esse motivo, não se pode entender a composicionalidade semântica como um processo absoluto em que o todo é a soma total do significado das partes (VOROBÉVA, 2016). Não foi todo o conteúdo semântico de borracha que se projetou sobre asfalto. Se assim fosse, deveríamos considerar que um *asfalto-borracha* serviria para apagar anotações feitas a lápis em folhas de papel, afinal, um dos significados possíveis para borracha é “pequeno pedaço industrializado desse material, usado para apagar traços de escrita ou de desenho”¹¹³. Certamente, essa noção específica de borracha não entra na composição semântica deste neologismo, o que comprova que a composicionalidade é, no mais, indireta, ou, talvez fosse melhor dizer, elaborada, e possibilitada não pela simples soma dos significados das palavras, mas por processos cognitivos complexos e simultâneos, que escolhem o que aproveitar e o que descartar em cada atualização linguística da unidade lexical.

Finalmente, o último neologismo do tipo (d), que nos propusemos a analisar, é *conversa-contato*. Recorrendo ao contexto, percebemos que representa a própria definição do composto neológico que nele está inserido: uma *conversa-contato* é “aquela conversa leve, não comprometedora e relativamente impessoal que as pessoas muitas vezes desenvolvem assim que se encontram” (Ailton Amélio, 09/10/2014).

Com o auxílio do contexto definitório, conseguimos, portanto, entender que o segundo *input*, contato, projeta sobre conversa as noções de “leveza”, “impessoalidade” e “isenção”. Essa projeção, então, restringe o alcance de conversa, que poderia, a princípio, por exemplo, evocar a imagem de duas pessoas conhecidas em colóquio íntimo de assunto grave, o que, no neologismo em questão, não se confirma. Entendida, pois, em termos de um contato, ou seja, de algo que apenas tangencia sem aprofundar-se, *conversa-*

¹¹³ Cf. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*.

contato evoca o esquema imagético de pessoas desconhecidas postas em um mesmo espaço (numa fila de banco ou de mercado, por exemplo), e que tentam, despretensiosamente, estabelecer um rápido diálogo, com o objetivo de “passar o tempo”.

Esquemáticamente, podemos visualizar os elementos de impessoalidade e superficialidade projetando-se de contato, ao passo que outras noções como “contato telefônico”, “contato físico” não entram na construção semântica do composto. Ao mesclar-se a conversa, as noções projetadas de contato incidem sobre “diálogo”, deixando de lado elementos como “seriedade”, “amizade”, “intimidade” etc.

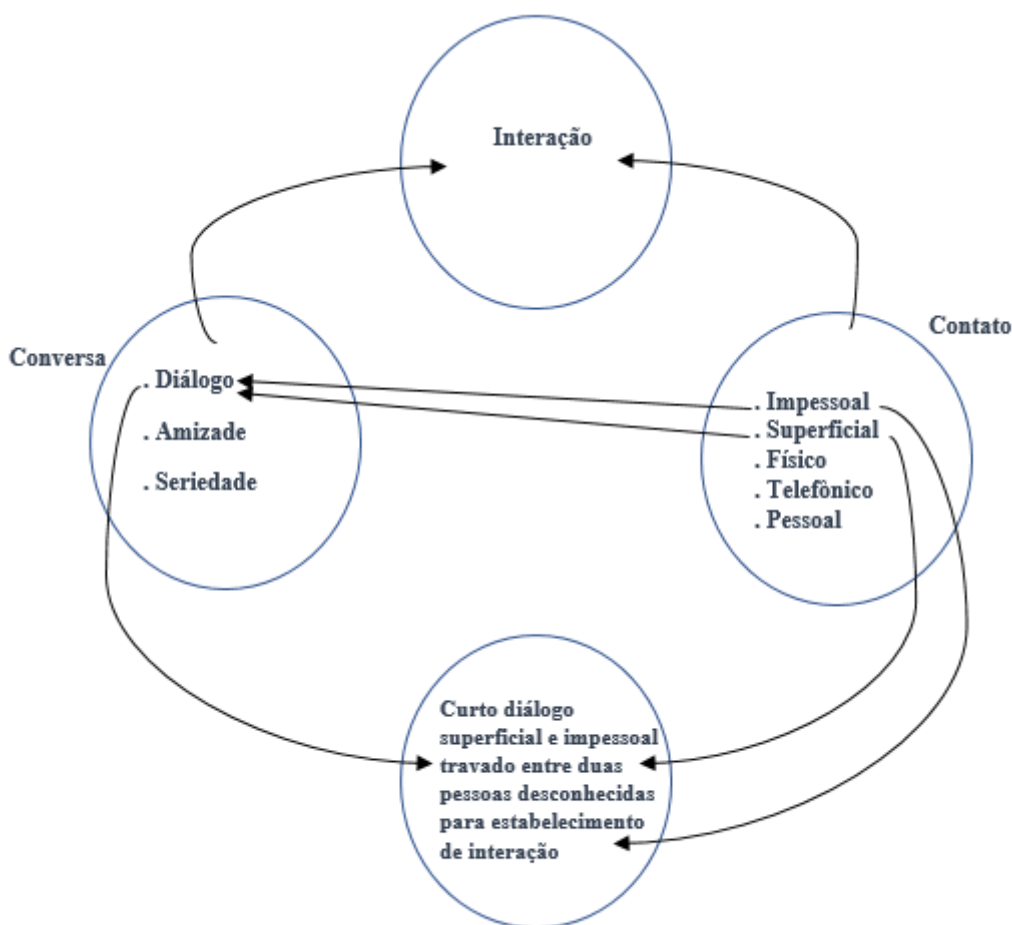


Imagem 50: Modelo de projeção interdomínios do neologismo *conversa-contato*

Apesar de os compostos do tipo (d), analisados acima, esconderem, em sua estrutura semântica, metáforas e metonímias (muitas delas já enraizadas na língua), as quais tentamos desvendar durante a análise, nas composições neológicas do tipo (e), por sua vez, as relações metafórico-metonímicas aparecem com maior evidência e, sobretudo, estranheza. Para ilustrar a construção do significado nessa subclasse de unidades lexicais neológicas formadas pelo processo da composição determinativa, analisaremos mais detidamente: *assessor-cabideiro*, *cidade-vitrine*, *esforço-remendo*, *Estado-babá*, *fêmea-*

Nostradamus, filme-pipoca, ideia-força, macho-jurubeba, macho-tupperware, mulher-mosaico, Neymar-dependência, pai-helicóptero, partícula-Deus, perfil-pinóquio, pessoa-mosaico, piti-mulherzinha, smartphone-dependência, temporada-ouro, temporada-pipoca, universo-bebê, vestido-bolo das noivas e vibrador-borboleta.

A unidade lexical neológica composta *assessor-cabideiro* designa um auxiliar específico do então deputado petista André Vargas. A construção semântica dessa criação lexical mescla os domínios POLÍTICA e MOBÍLIA, respectivamente. Ainda que, no discurso oficial, a função do assessor político seja de considerável relevância, as práticas de corrupção e esbanjamento do dinheiro público, que abundam entre a classe dirigente brasileira, têm ajudado a construir um esquema imagético em que o assessor é evocado como parte do esquema de espoliação do erário público: é uma figura inútil, posta ao lado do político apenas para justificar a exuberante verba de gabinete, sem desempenhar, contudo, qualquer função real na organização do trabalho executivo. No português, existe, inclusive, uma lexia bastante pejorativa, especialmente cunhada para denominar essa classe: *aspone*.

O contexto em que o neologismo foi empregado parece sugerir exatamente isso, uma vez que a única função observável do assessor em questão é levar o paletó do figurão político, o que, convenhamos, ele poderia fazer por si mesmo, economizando o dinheiro do povo que sustenta seus serviços à nação. Definir este assessor, metaforicamente, em termos de uma peça pouco essencial na mobília de uma residência, um cabideiro, ajuda, portanto, a construir a crítica em torno do excesso de assessores inúteis na política brasileira. Semanticamente, temos, portanto, um cargo político, já imagetivamente associado à inutilidade, e que é definido, pela metáfora, em termos de um móvel, por sua vez, também não essencial, cuja única função é servir de suporte a casacos e paletós.

Na projeção metafórica, a não essencialidade de cabideiro incide sobre a utilidade do cargo, apagando qualquer noção que ainda houvesse em assessor de “auxílio real”, “essencialidade”, “utilidade” etc. A ideia de “pendurar roupa”, própria do cabideiro, define, satiricamente, o ato de “assessorar” realizado pelo auxiliar.

Por outro lado, noções semânticas específicas da materialidade do móvel, como o material de que é feito, sua forma característica, a imobilidade etc. não são projetadas, uma vez que, pela Hipótese da Invariância, elas não se sustentariam no domínio POLÍTICA. O único contexto em que poderia haver projeções dessas noções semânticas sobre assessor seria caso estivéssemos em uma história infantil permeada pelo fantástico, tal como o clássico da Disney “A Bela e a Fera”, em que os empregados do castelo da

Fera eram todos peças de louça e mobília, que falavam, cantavam e trabalhavam. Nesse caso, contudo, melhor seria dizer *cabideiro-assessor*, com o domínio MOBÍLIA na nomeação do referente.

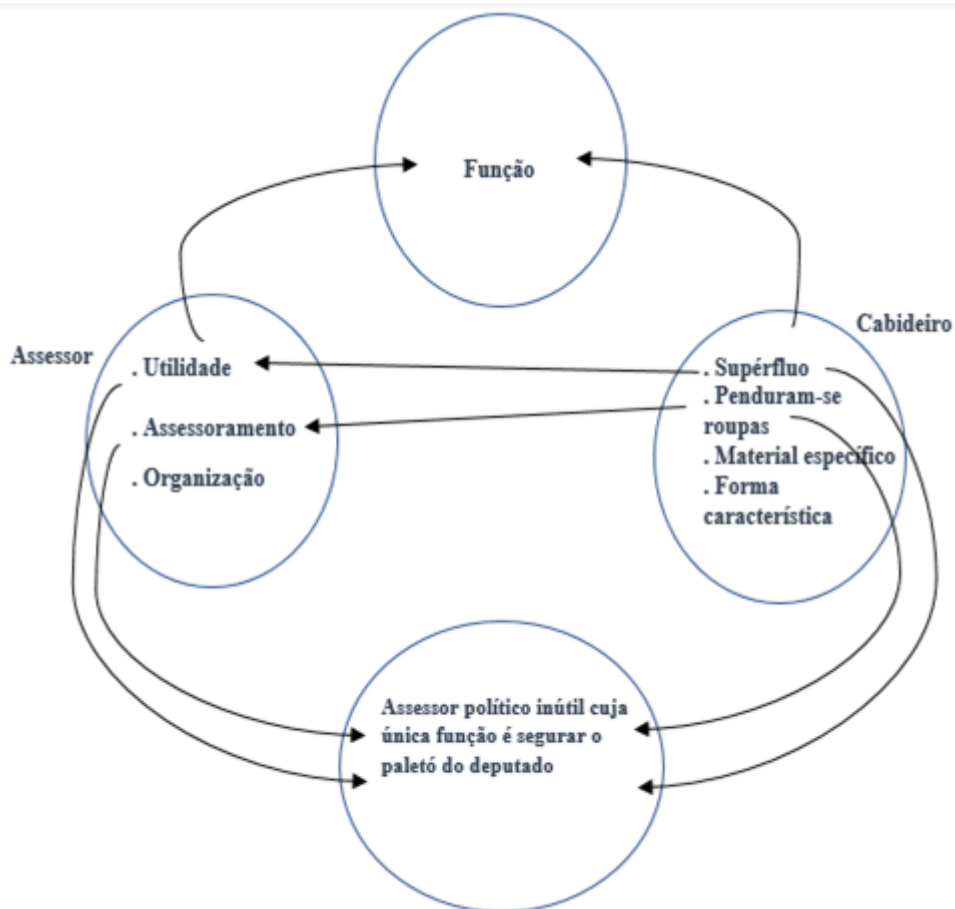


Imagem 51: Modelo de projeção interdomínios do neologismo *assessor-cabideiro*

No neologismo composto *cidade-vitrine*, a integração conceptual ocorre entre os domínios URBANIDADE e COMÉRCIO. A unidade léxica vitrine remete-nos, imagetivamente, a um *shopping center*, no qual produtos que se quer vender são expostos, atrás de uma estrutura de vidro, para serem vistos, desejados e adquiridos pelos potenciais consumidores. Verificando o contexto em que o neologismo foi empregado, descobrimos que ele fala sobre uma pesquisa, realizada no início de 2014, acerca da possibilidade de ocorrerem protestos durante a Copa do Mundo daquele ano (realizada no Brasil), semelhantes aos que pipocaram pelo país em junho do ano anterior, 2013. Os resultados desse levantamento foram entregues ao gabinete presidencial e aos gabinetes dos governadores de São Paulo e do Rio de Janeiro, as chamadas *cidades-vitrines* dos protestos de 2013. Posta em contexto, a unidade lexical neológica em análise ganha, então, contornos semânticos mais definidos.

De vitrine, são projetadas as noções de “algo a ser visto” / “algo posto em exibição” e o desejo de compra é, aqui, também metaforizado. *Cidade-vitrine* é aquela onde ocorreram grandes e importantes eventos (no caso, os protestos), que são acompanhados com atenção por todo o país. Tal como o vidro da vitrine é transparente para deixar à mostra os produtos, a cidade, que é metaforicamente uma vitrine, mostra ao resto do país seu produto mais precioso – os protestos movidos contra a classe política brasileira em junho de 2013, que representou, à época, uma espécie de “despertar” do povo brasileiro para a necessidade de mudança no sistema político do país.

Preserva-se, na estrutura semântica emergente da mescla, a noção de importância advinda do produto exibido pela vitrine. Afinal, só vale ser visto aquilo que tem potencial de causar impacto, seja comercial ou político. Só vale ser exibido numa vitrine aquilo que se quer vender. Logo, se o comerciante quer comercializar seus produtos, o desejo geral é que os protestos também sejam levados a outros lugares na mesma intensidade e proporção.

Ainda que não pareça a princípio, *cidade-vitrine* constrói-se, porém, semanticamente, sob uma perspectiva positiva em relação aos protestos de 2013: é uma cidade que exhibe o seu produto e quer vendê-lo às outras; não é uma cidade-vergonha, é uma cidade que mostra o que tem de melhor no intuito de levá-lo adiante e multiplicá-lo.

O *frame* relação comercial, aqui, encontra-se inteiramente metaforizado: preserva-se a imagem de transmissão de um produto útil e bom, que vai gerar benefício a quem o compra, sem, contudo, recuperar, da relação comercial, a noção de “troca mediante dinheiro”. Além disso, o vendedor, neste caso, semelhantemente aos líderes dos protestos que, segundo o blogueiro, inexistem (hoje, contudo, sabemos que não é bem assim), também é apagado. Quem vende os protestos? Quem se beneficia dessa transação? Ninguém em especial e todo mundo ao mesmo tempo.

Esquemáticamente, temos:

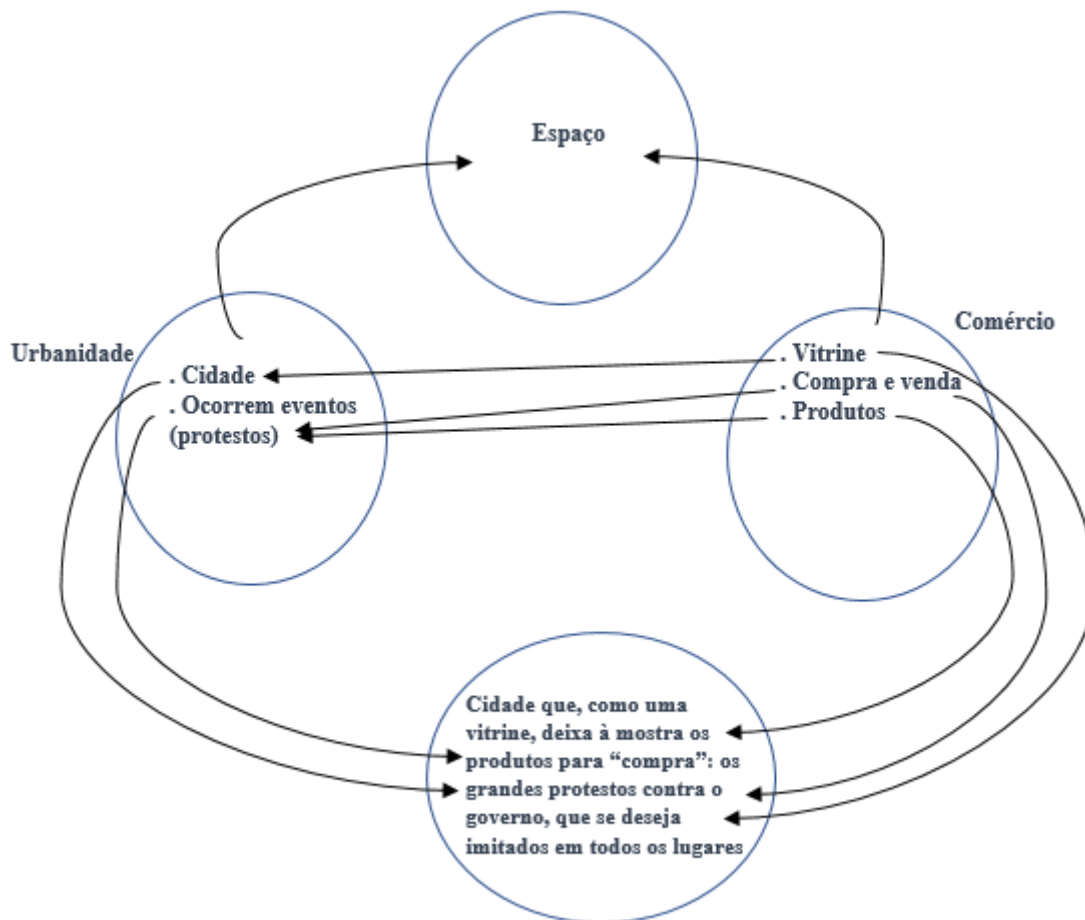


Imagem 52: Modelo de projeção interdomínios do neologismo *cidade-vitrine*

O neologismo composto *esforço-remendo*, considerado isoladamente, poderia referir-se ao trabalho de costureiras em realizar remendos em roupas rasgadas. Contudo, ao verificarmos o contexto, percebe-se que ele identifica as tentativas desesperadas do governo norte-americano para armar a população curda contra o avanço do sanguinário grupo jihadista Estado Islâmico, após haverem superestimado a capacidade dos curdos e dos iraquianos em resistir aos seus ataques. A inserção do neologismo no contexto de uso, mais uma vez, mostrou-se essencial para a interpretação do sentido.

A construção semântica desse composto neológico envolve a compreensão metafórica de esforço em termos do domínio COSTURA. O esquema imagético evocado por remendo é o de uma costureira que realiza tentativa de reparo sobre uma peça de roupa gasta, a fim de lhe garantir mais algum tempo de uso. Estão fortemente presentes, nesse esquema, noções como “imperfeição do trabalho”, “improviso”, “amadorismo” etc., uma vez que um remendo é uma costura, não raro, feita às pressas, de modo não profissional e que não dura muito.

Esquemáticamente, o governo norte-americano é, em projeção metafórica, uma costureira amadora (quando se esperava que fosse uma profissional mais gabaritada, dado o prestígio internacional ostentado pelos Estados Unidos) que, diante de um erro cometido na condução da caótica situação política e social no Oriente Médio (a roupa da metáfora, gasta, contudo, pela má gestão norte-americana), tudo o que pode fazer é remendar a situação, realizando às pressas (outra característica do remendo) o armamento dos curdos. Ora, se a atuação do governo do então presidente Barack Obama no Oriente Médio é comparada a um remendo, pressupõe-se que, na visão do autor do neologismo, ela é inadequada, pouco efetiva e provisória: muito em breve mostrar-se-á um esforço sem reais proveitos.

A estrutura cognitiva emergente, em virtude do contexto em que foi empregada a unidade lexical *esforço-remendo*, atribui à costureira-governo norte-americano a culpa por ter rasgado o tecido-Oriente Médio. Esse traço de culpabilidade não estava originalmente previsto no domínio COSTURA, uma vez que não necessariamente a costureira é culpada pelo tecido roto, o qual se deteriora, no mais das vezes, pela própria ação do tempo. Segundo Fauconnier & Turner (2003, p. 60) essa estrutura emergente é formada pelo chamado *padrão de composição*, onde os elementos trazidos à mescla estabelecem relações semânticas novas, que não existiam, necessariamente, nos *inputs* tomados em separado.

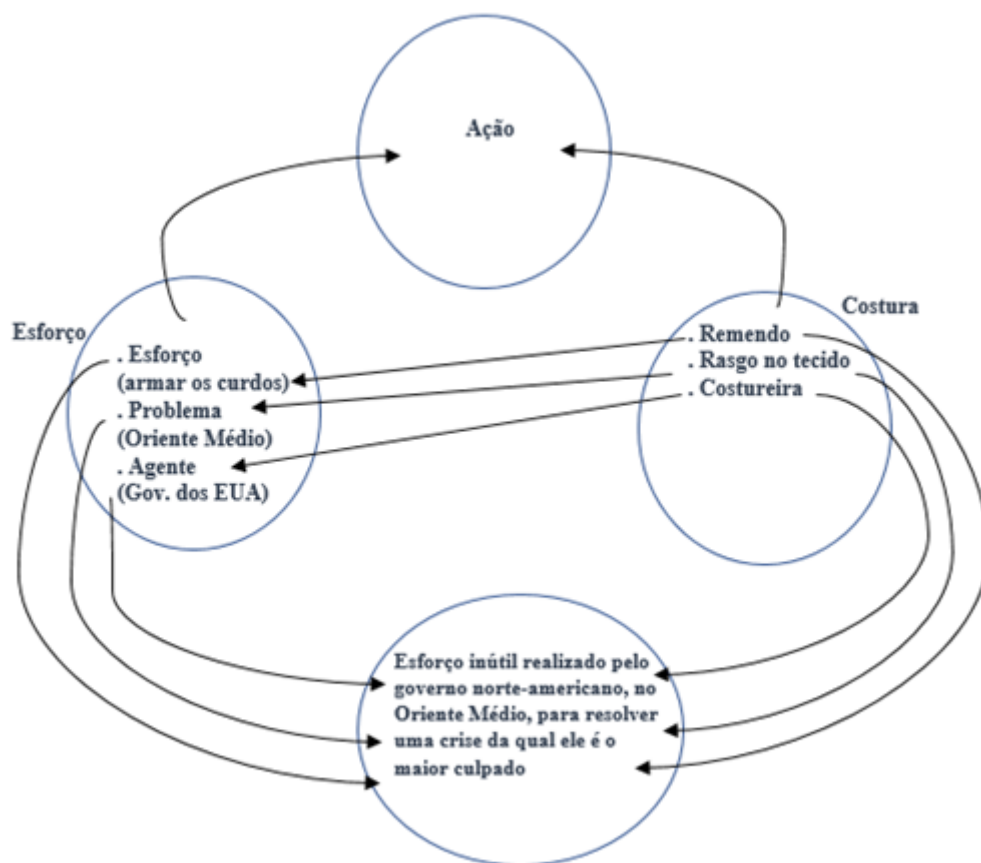


Imagem 53: Modelo de projeção interdomínios do neologismo *esforço-remendo*

Na composição neológica *Estado-babá*, o *input 2* remete-nos ao domínio da INFÂNCIA, no qual desponta a figura da babá, geralmente uma moça jovem, que cuida de crianças (alimentando-as, entretendo-as, banhando-as, zelando por elas etc.) mediante remuneração financeira. Normalmente, a imagem da babá evoca, ainda, famílias de classes economicamente favorecidas, que podem pagar por seus serviços. Um *Estado-babá*, portanto, poderia ser, a princípio, um governo que tivesse como prioridade maior o cuidado, sempre necessário, à infância.

Não é isso, contudo, que vemos no contexto em que a unidade lexical neológica foi empregada. O blogueiro elenca alguns modelos político-econômicos, como o socialismo, o feudalismo e a social-democracia, classificada, pejorativamente, por ele, *Estado-babá*, e os compara ao capitalismo de livre-mercado, nos moldes estadunidenses.

Sem entrar em detalhes técnicos, lembramos apenas que a social-democracia é uma política que prega a intervenção do Estado na economia e na sociedade, de modo a promover, no âmbito do capitalismo, a justiça e o Estado de bem-estar social. Essa filosofia de governo opõe-se ao capitalismo de livre mercado justamente por assegurar

direitos sociais mínimos para toda a população (acesso à saúde, à educação e à moradia, por exemplo), independentemente das flutuações da economia.

Ao comparar o Estado social-democrata a uma babá, o blogueiro coloca-se contrário a esse modelo, optando pelo livre mercado irrestrito. De babá são projetadas noções como “zelo”, “cuidado”, “alimentar a criança”, “proteção”, entre outras, ao passo que “serviço remunerado” e “moça jovem”, por exemplo, não se projetam do *input 2*. Se o Estado é entendido como babá, o povo passa a ser a criança, a quem o governo deve cuidar, alimentar e zelar pela integridade.

Todavia, pelo contexto em que a unidade lexical foi empregada, verifica-se que todas as projeções de babá adquirem tons negativos. Assim, o cuidado, o zelo, a proteção viram “cuidado excessivo”. Isso se explica pela superposição do esquema imagético de “criança” sobre “população governada”. À criança não se dá liberdade irrestrita, dada a sua pouca maturidade física e psicológica. A criança deve ser vigiada para não se colocar em situações de risco. Ora, essas noções, ao serem projetadas sobre a população, tornam-se problemáticas, pois a vigilância e a falta de liberdade do *Estado-babá* tolhem o crescimento da criança-população. É aí que reside a crítica do blogueiro: a social-democracia, em seu entender, tolhe a liberdade econômica ao impor restrições ao livre mercado.

Esquemáticamente, o papel de agente do *input 2* encontra-se com o papel regulador do Estado social-democrata; a vigilância à criança projeta-se sobre a economia; a satisfação de todas as necessidades encontra sua contraparte em sociedade e a própria noção de criança superpõe-se à de população.

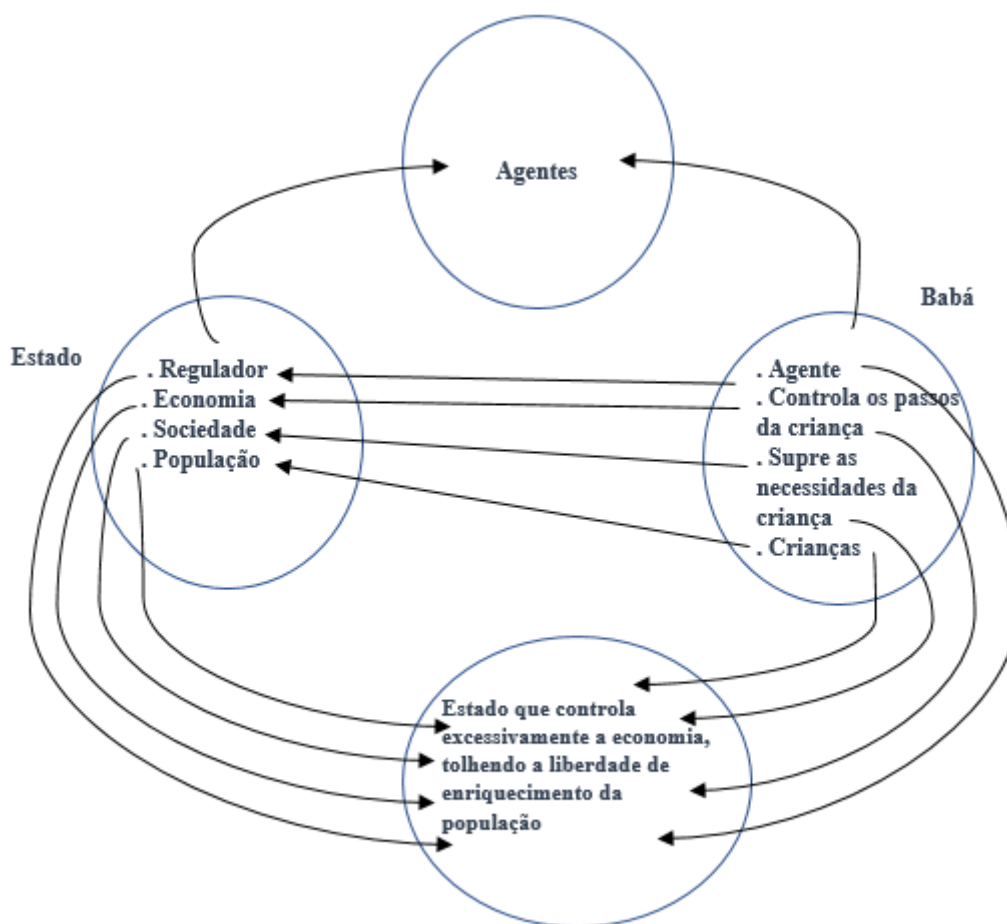


Imagem 54: Modelo de projeção interdomínios do neologismo *Estado-babá*

Em três das unidades lexicais neológicas compostas selecionadas para análise, o primeiro *input* evoca gêneros sexuais no contexto natural: *fêmea-Nostradamus*, *macho-jurubeba* e *macho-tupperware*. Esses neologismos evidenciam, talvez mais até que os demais, a importância do contexto para a decodificação do significado pretendido pelo autor das unidades lexicais. Por mais que sejamos dotados pela capacidade de estruturar cognitivamente a realidade por meio de projeções entre domínios e operar analogicamente com essas estruturas, difícil é ter uma ideia, *a priori*, do que seja uma *fêmea-Nostradamus*, um *macho-jurubeba* e um *macho-tupperware*.

Recorrendo ao contexto do primeiro neologismo, percebe-se que o blogueiro denomina *fêmea-Nostradamus* à mulher excessivamente desconfiada das promessas feitas pelos homens. O texto, porém, não emprega a palavra “mulher”, dando preferência a “fêmea”, que, por evocar o domínio NATUREZA, está, pois, para além da civilização, deixando entrever a ideia de que essa desconfiança da mulher quanto à conduta masculina está na raiz da própria natureza, não sendo, portanto, culturalmente construída.

O segundo *input*, Nostradamus, refere-se ao famoso médico e alquimista francês da Renascença Michel de Nostredame, famoso na cultura ocidental por ter escrito centenas de centúrias proféticas enigmáticas que, supostamente, previram acontecimentos desenrolados de sua época até os dias atuais e daqui até o futuro. Culturalmente, Nostradamus tornou-se sinônimo de profecia, conhecimento do futuro. De fato, sempre que ocorre alguma tragédia que faz história reinterpretem-se seus textos e é encontrada, neles, a previsão “certeira”.

De Nostradamus, projetam-se sobre fêmea noções como “capacidade de prever” e “sensibilidade quanto à iminência da ocorrência de fatos”, o que explica ser a fêmea “desconfiada de véspera”, ou seja, ela consegue intuir quando o homem vai enganá-la, pois, como o profeta francês, possui uma sensibilidade para tanto. Contudo, as noções de “dom mediúnico” ou “artes esotéricas ocultas” não se projetam, de modo que *fêmea-Nostradamus* não evoca qualquer noção místico-esotérica, muito pelo contrário. Além de ser algo natural (habilidade própria da fêmea e não só da mulher), essa capacidade de prever o mau comportamento dos homens é resultado da naturalização da mentira no universo masculino (“das promessas masculinas não-cumpridas”). Como as fêmeas, desde sempre, decepcionam-se com os machos, por “seleção natural”, essa capacidade autoprotetiva de prever as falhas masculinas integrou-se ao DNA da fêmea.

Esquemáticamente, temos:

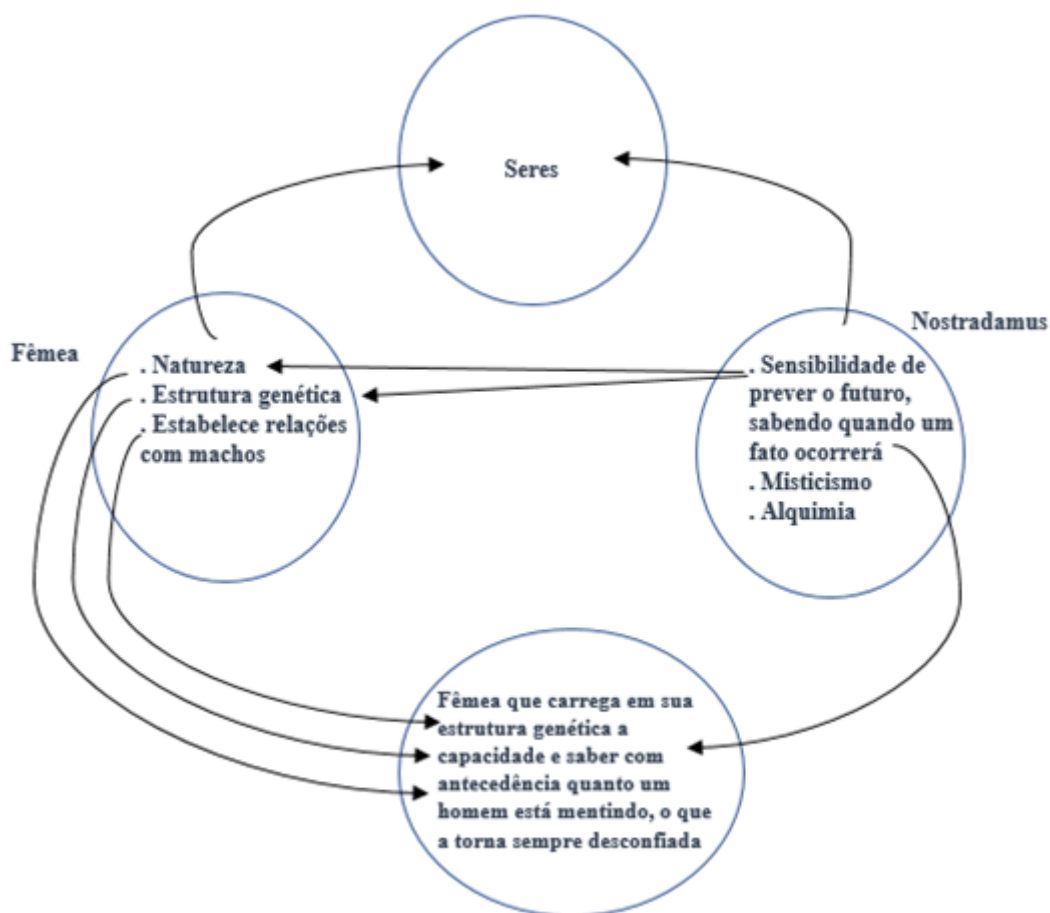


Imagem 55: Modelo de projeção interdomínios do neologismo *fêmea-Nostradamus*

Nos próximos dois neologismos, o primeiro membro da composição é igual – *macho*. Cunhados pelo mesmo autor, nomeiam dois tipos de “machos” na visão do blogueiro: um é *jurubeba* e o outro é *tupperware*.

Assim como *fêmea*, *macho* evoca o domínio NATUREZA. Mais uma vez, os seres designados pelos neologismos estão para além da civilização. Não são, segundo a sugestão implícita subjacente a *macho*, construções culturais, mas tipologias naturais do universo de conhecimento (subjetivo) do blogueiro.

A palavra *jurubeba* refere-se a um arbusto espinhoso, comum na flora brasileira, cujas folhas têm sabor amargo¹¹⁴ e uso medicinal. O contexto estabelece relação sinonímica entre *jurubeba* e a lexia inglesa *roots* (raiz). Um *macho-jurubeba* é, portanto, um *macho-raiz*. Mas o que significa exatamente isso?

Há alguns anos, circula na internet um meme que estabelece uma categorização satírica por meio do contraste entre coisas que são “Nutella” (saboroso creme de amêndoas e, por extensão metafórica, algo “agradável”, “politicamente correto”, “fraco”,

¹¹⁴ Cf. https://pt.wikipedia.org/wiki/Solanum_paniculatum (Acessado em: 15 jun. 2020)

“artificial”) e coisas que são raiz (“difíceis”, “naturais”, “originais”, “desagradáveis”, “politicamente incorretos”, “fortes”)¹¹⁵. Com base nisso e na definição oferecida pelo próprio contexto, acreditamos que a composição neológica *macho-jurubeba* filie-se a essa tradição memética. Do *input 2* (jurubeba), são projetadas noções como “ser amargo”, “ser espinhoso”, “ser natural” que, ao encontrarem o *input 1* (macho), metaforizam-se em noções como “ser rústico”, “ser natural”, “ter aspereza no trato com as pessoas” etc.

Nota-se que o *macho-jurubeba* seria uma espécie de macho prototípico, ao qual se oporiam os outros tipos de macho, “menos machos” que ele. Todas as noções evocadas pelo Modelo Cognitivo Idealizado de macheza concretizam-se em jurubeba: a planta, assim como o macho idealizado, é natural, é forte, é rústica, é espinhosa oferecendo resistência ao trato, é amarga, é desagradável etc.

Esquemáticamente, toda essa elaborada construção semântica cognitiva pode ser representada como segue:

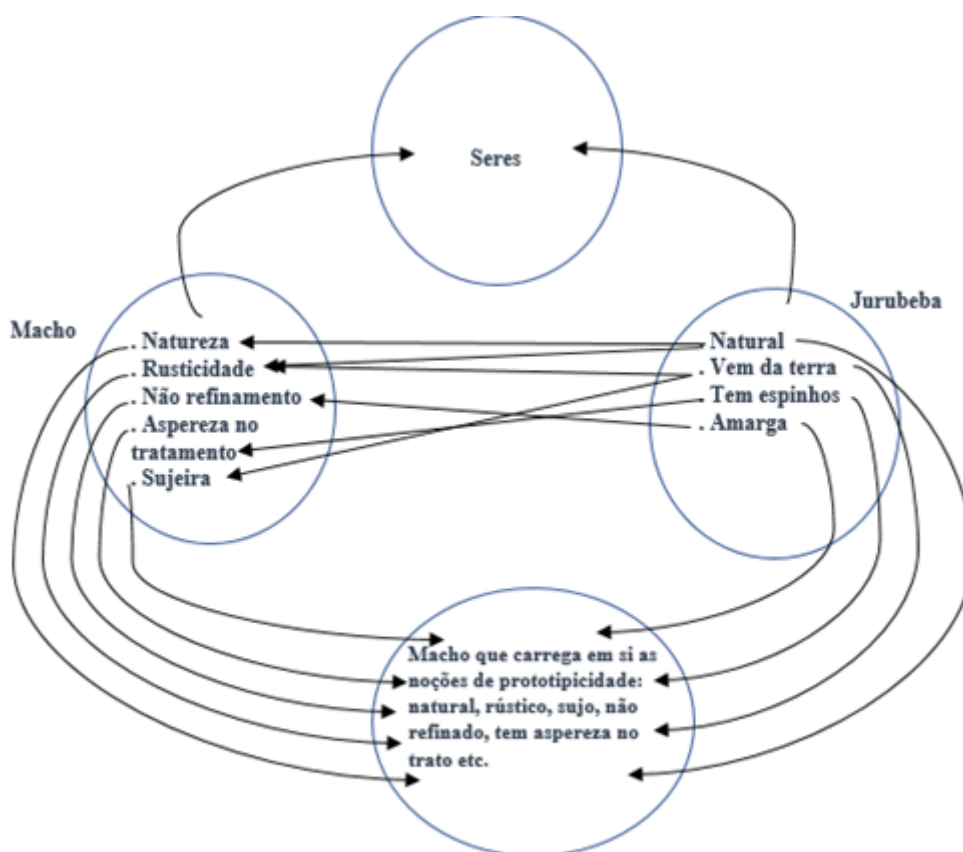


Imagem 56: Modelo de projeção interdomínios do neologismo *macho-jurubeba*

¹¹⁵ Cf. <https://www.museudememes.com.br/sermons/raiz-x-nutella/> (Acessado em 16 jun. 2020)

Se um *macho-jurubeba* é um macho prototípico, um *tupperware*, ao contrário, afasta-se desse modelo. Voltando-nos ao contexto, percebemos que ele é definitório da unidade lexical, pois informa que um macho é *tupperware* quando ele pode ser levado por uma mulher à sua casa com a esperança de “devorá-lo” assim que ele estiver “minimamente em condições técnicas para o abate”.

A construção metafórica desse neologismo é muito curiosa. Os dois domínios que entram em jogo aqui são NATUREZA (*macho*) e ALIMENTO (*tupperware*). O segundo membro do composto designa os recipientes de plástico, muito populares no Brasil e fabricados pela empresa norte-americana *Tupperware Brands Corporation*, próprios para armazenamento e conservação de alimentos. Normalmente, nessas vasilhas, conservam-se porções de alimentos preparados para almoços e jantares que, guardados em refrigeradores, servem para consumo posterior.

Segundo o contexto, um *macho-tupperware* é, metaforicamente, um alimento levado por uma mulher para sua casa para ser consumido após um tempo. Nesse sentido, no segundo membro, verifica-se relação metonímica entre o continente (a vasilha) e o conteúdo (alimento-homem). Ao projetar sobre macho as noções de “alimento” e “consumo”, elas ganham conotação claramente sexual. Além disso, assim como o alimento não tem controle sobre o processo de preparo e consumo e é produzido para saciar uma necessidade física, o macho em questão, por encontrar-se ébrio, não tem controle sobre os próprios movimentos, daí ele ser levado para a casa de uma mulher como objeto dos desejos dela, para lhe satisfazer uma necessidade física. Não por acaso, a relação sexual é entendida, na metáfora, como “abate”, que pressupõe, logo, a passividade do ser abatido. Em suma, *macho-tupperware* é o indivíduo inerte, levado à casa de uma mulher por ela mesma, para ter, com ela, relações sexuais na condição de objeto de desejo físico.

Esquemáticamente, a construção metafórica via projeções interdomínios pode ser representante como segue:

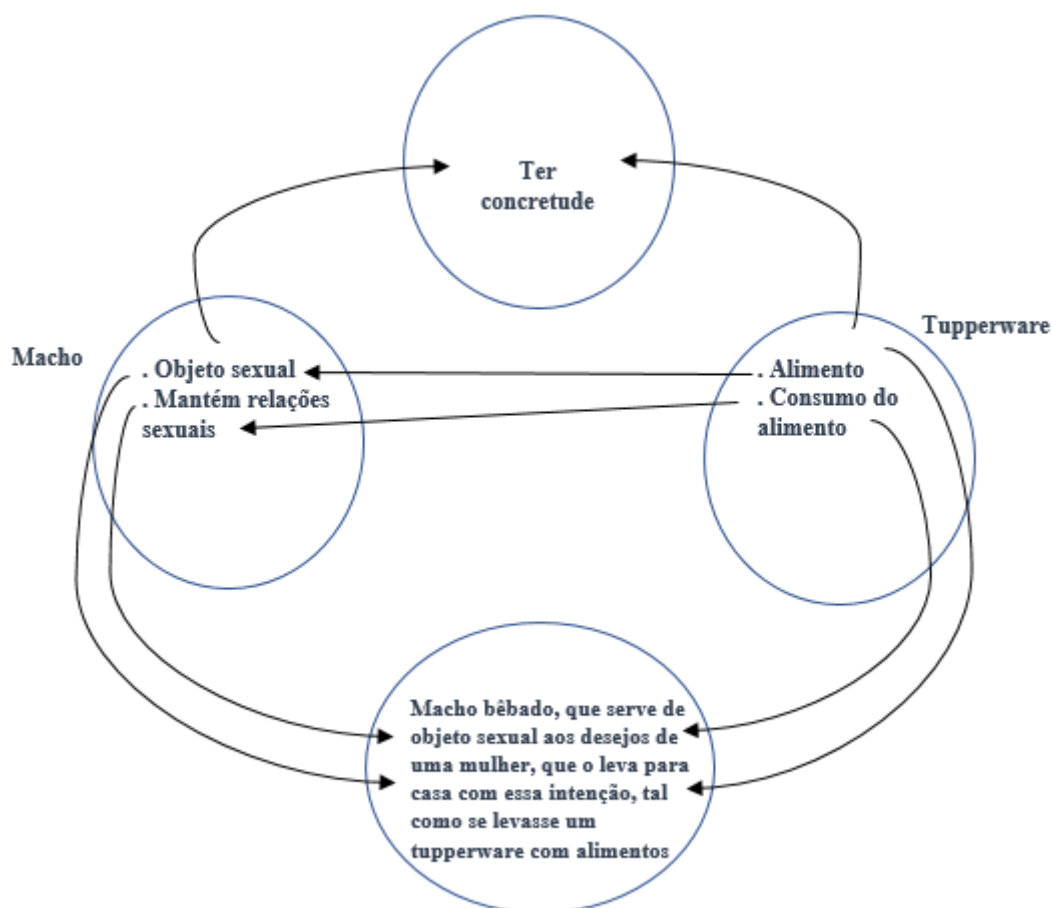


Imagem 57: Modelo de projeção interdomínios do neologismo *macho-tupperware*

Os neologismos *filme-pipoca* e *temporada-pipoca* referem-se ao universo cinematográfico-televisivo. A fim de desvendarmos sua construção semântica, faz-se necessário rastreamos a metáfora elaborada a partir da projeção de elementos do esquema imagético evocado por pipoca sobre filme e temporada.

Em nossa cultura, esse saboroso alimento, normalmente, é associado ao ato de assistir a projeções cinematográficas ou televisivas. Não é incomum irmos aos *shoppings centers* nos finais de semana e encontrarmos famílias inteiras e/ou casais enamorados, além de alegres e barulhentos grupos de amigos, com saquinhos de pipoca, dirigindo-se ao cinema. A atmosfera criada pela associação entre famílias/casais/amigos, sacos de pipoca e o local do cinema é de leveza e diversão, e é justamente isso que a pipoca acaba por representar. Dito de outro modo, podemos dizer que se metonimiza em pipoca toda uma estrutura imagético-cognitiva que envolve assistir a uma projeção no cinema ou na TV por diversão.

Ao projetar-se essa imagética específica evocada por pipoca sobre filme ou sobre temporada (que, no contexto, refere-se a vários filmes parecidos que são lançados ao mesmo tempo no circuito cinematográfico), a estrutura semântica emergente nos informa

que a(s) produção(ões) cinematográfica(s) em questão foi(ram) concebida(s) e, conseqüentemente, consumida(s) pelo público para efeitos de diversão e leveza. Os *filmes-pipoca* e as *temporadas-pipoca*, nesse sentido, são, portanto, aqueles em que o aspecto artístico-experimental da película não está em primeiro plano. Ora, se a família vai ao cinema para passar junta um tempo agradável, ou se os casais dirigem-se às escuras salas de projeção cinematográfica para namorarem, isso não é, obviamente, proporcionado com filmes que demandam atenção e maior apuração estética por parte do público.

Além de diversão familiar, pipoca também evoca, na composição do neologismo, a noção mais elitista de “produto artístico feito para as massas”, ou seja, facilmente consumível (assim como a própria pipoca), que vale mais, do ponto de vista da sétima arte, pelo momento de juntar familiares, amigos e casais que, exatamente, pela qualidade do filme em si, quase sempre questionável.

Esquemáticamente, as noções de leveza, diversão, ser facilmente consumível e ser dividida entre pessoas projetam-se sobre os elementos do *input* 1. Na elaboração semântica dentro do espaço-mescla, a estrutura integrada que se forma constrói a noção de filme ou temporada de filmes voltados para o grande público, facilmente consumíveis pelas massas, cujo maior objetivo é proporcionar leveza e momentos de diversão em família ou entre amigos.

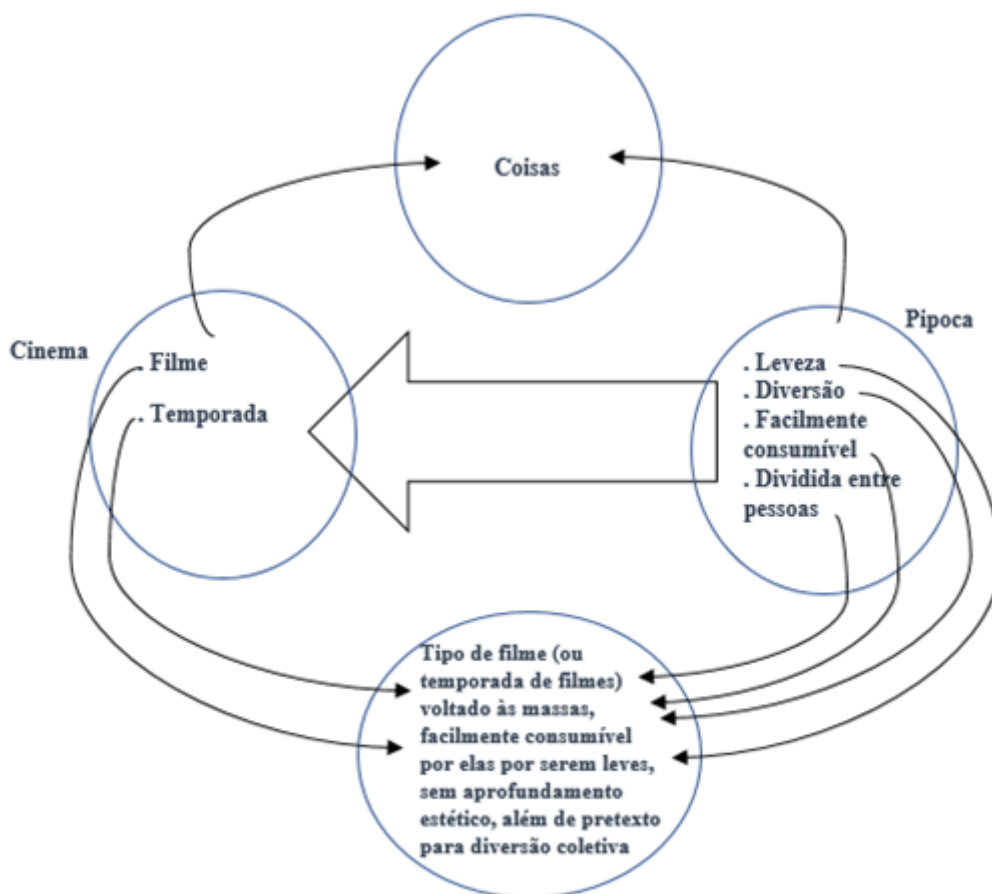


Imagem 58: Modelo de projeção interdomínios dos neologismos *filme-pipoca* e *temporada-pipoca*

Na unidade lexical neológica composta *ideia-força*, metaforicamente, uma ideia/conceito é compreendida como uma força física que impulsiona algo. Recorrendo ao contexto, percebemos que a ideia em questão é o aforismo “a esperança vai vencer o medo”, utilizado pelo então governador do Pernambuco, o já falecido Eduardo Campos, em sua campanha à presidência da República. O blogueiro lembra que o conceito, contudo, não é original, pois é cópia da campanha presidencial que levou Lula à presidência do Brasil em 2002.

Toda força física é aplicada, normalmente, sobre um corpo para lhe colocar em movimento, detê-lo, ou, ainda, mudar a direção de seu trajeto. Na projeção metafórica instaurada pelo composto neológico, o objeto sobre o qual atua a *ideia-força* é justamente a campanha presidencial de Campos. A atuação dessa força deve ser, pelo que se depreende do contexto, no sentido de desenvolver a campanha, ou, nos termos da metáfora, colocar em movimento progressivo o objeto-campanha.

Esquemáticamente, do *input* 2, projetam-se, sobre o 1, as noções de “objeto/corpo” (que encontra sua contraparte em “campanha presidencial”) e “movimento para frente” (que tem em “a esperança vai vencer o medo” a sua contraparte).

A estrutura semântica resultante, portanto, é: “aforismo que é utilizado para desenvolver a campanha presidencial, com vistas à vitória nas eleições gerais”.

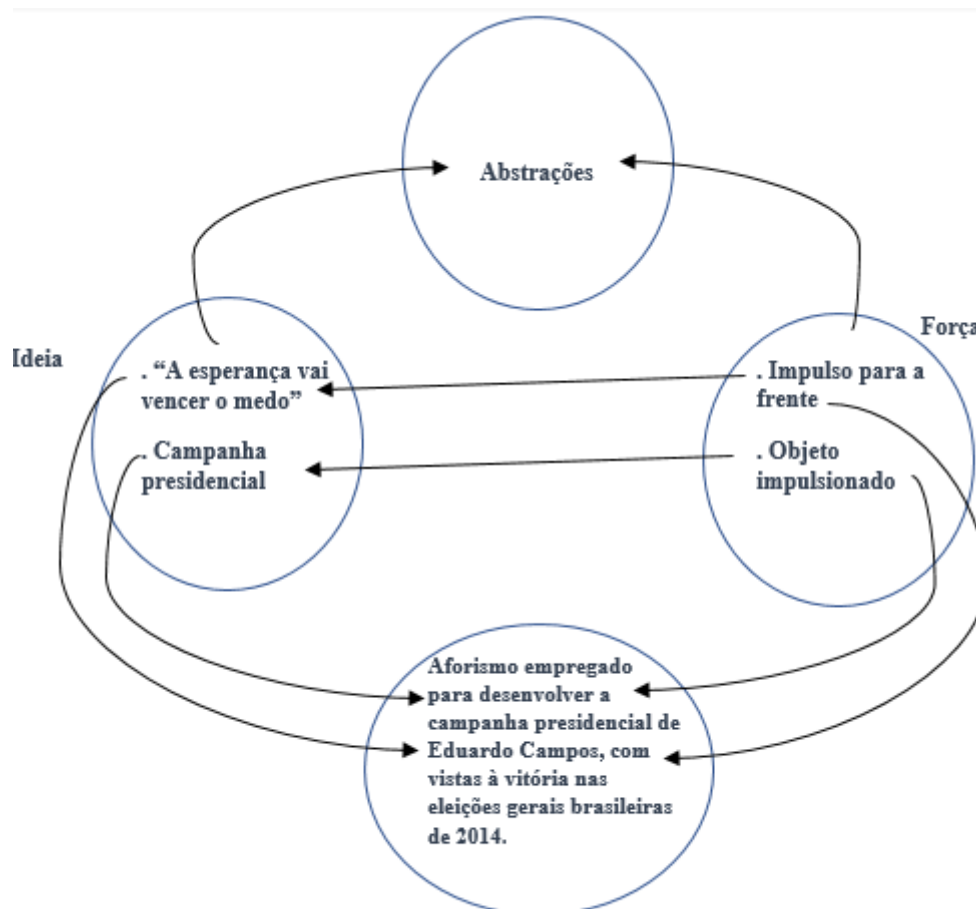


Imagem 59: Modelo de projeção interdomínios do neologismo *ideia-força*

Dois neologismos compostos do *corpus*, especificamente da área da medicina genética, foram criados com a palavra mosaico na função determinante: *mulher-mosaico* e *pessoa-mosaico*. Para entendimento completo dos conceitos materializados pelas unidades léxicas neológicas em análise, necessário é que recorramos ao texto integral em que as palavras foram empregadas, uma vez que, sem isso, poderíamos compreendê-las de jeitos completamente díspares. Seriam esses neologismos referências a criaturas humanas criadas em laboratório a partir de partes de corpos diferentes, igual ao monstro do Dr. Frankenstein do famoso romance gótico de Mary Shelley? Ou talvez as lexias compostas estivessem se referindo a figuras humanas construídas artisticamente em mosaico?

O fato é que o próprio contexto trata de assentar o significado: uma *pessoa-mosaico* (e, por extensão, uma *mulher-mosaico*) são indivíduos em que “diferentes partes

do corpo têm DNAs distintos”, ou seja, a depender da zona corporal a partir da qual o teste de DNA é realizado, é possível chegar a códigos genéticos diferentes que estruturam um mesmo indivíduo. Mas por que, afinal, uma palavra do domínio ARTE foi utilizada para a construção da metáfora dessas unidades lexicais compostas?

A palavra *mosaico*, segundo informa Cunha (2010, p. 438) é originária do italiano *mosàico*, derivada, por sua vez, do latim medieval *musaicus*, “de Musa ‘musa’, que indicava as grutas dedicadas às musas que adornavam os jardins romanos”. A técnica artística de produção de mosaicos é milenar, remontando à Antiguidade greco-romana, e consiste numa colagem de fragmentos de pedra, mármore, granito e, mais recentemente, azulejos, papéis, plásticos e até conchas, para a produção de imagens, desenhos etc. A procedência dos materiais utilizados em obras artísticas dessa natureza é diversa e eles têm tamanhos, cores e formas diferentes. A diversidade é, portanto, marca dos mosaicos e a genialidade do artista consiste justamente em trabalhar essa diversidade, transformando-a em obra artística.

A construção semântica de *pessoa-mosaico* e *mulher-mosaico* evoca, do segundo *input*, justamente a noção de “pedaços diferentes”. Os sequenciamentos genéticos diversos em um mesmo indivíduo são, portanto, metaforicamente, comparados a pedaços de materiais diferentes em uma mesma obra de arte. Obviamente, os DNAs dos indivíduos-mosaico não são feitos de substâncias químicas diferentes. O que ocorre é apenas o fato anômalo de haver sequenciamentos genéticos diversos em uma mesma pessoa, ou seja, há ordenamentos díspares em partes do corpo igualmente diversas. Contudo, a metáfora criada, para colocar em primeiro plano o estranhamento que esse fato provoca, aproxima, ainda que não de maneira exata, a ocorrência genética a uma peça de mosaico, que é o elemento concreto mais próximo que temos para tornar palpável e cognoscível esse fato microscópico¹¹⁶.

¹¹⁶ Apesar de as formas lexicais *pessoa-mosaico* e *mulher-mosaico* serem neológicas de acordo com os critérios metodológicos utilizados neste estudo, isto é, não estarem *ipsis litteris* registradas nos dicionários consultados, a denominação “mosaico” aplicada à mutação genética referida já se encontra dicionarizada. No *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* (2009), por exemplo, a acepção 5.5 do verbete “mosaico” registra: “organismo (ger. uma planta) que apresenta tecidos de dois ou mais tipos genéticos, em decorrência de mutação, segregação cromossômica anormal ou enxerto”. Revela ainda a obra lexicográfica que outro nome para as criaturas-mosaico seria *quimera*. De fato, a segunda acepção do verbete “quimera” atesta: “combinação heterogênea ou incongruente de elementos diversos”. Devido, contudo, ao não registro das unidades lexicais compostas *pessoa-mosaico* e *mulher-mosaico* nos dicionários consultados, e também à interessante rede metafórica evocada por *mosaico*, optamos por incluir esses itens em nossos dados para análise.

Importante ressaltar que não são projetadas, de mosaico, quaisquer noções artísticas ou mesmo de Antiguidade Clássica. Também não se projeta a figura do artista que produz o mosaico, já que o DNA é um fato puramente natural.

Esquemáticamente, temos, portanto:

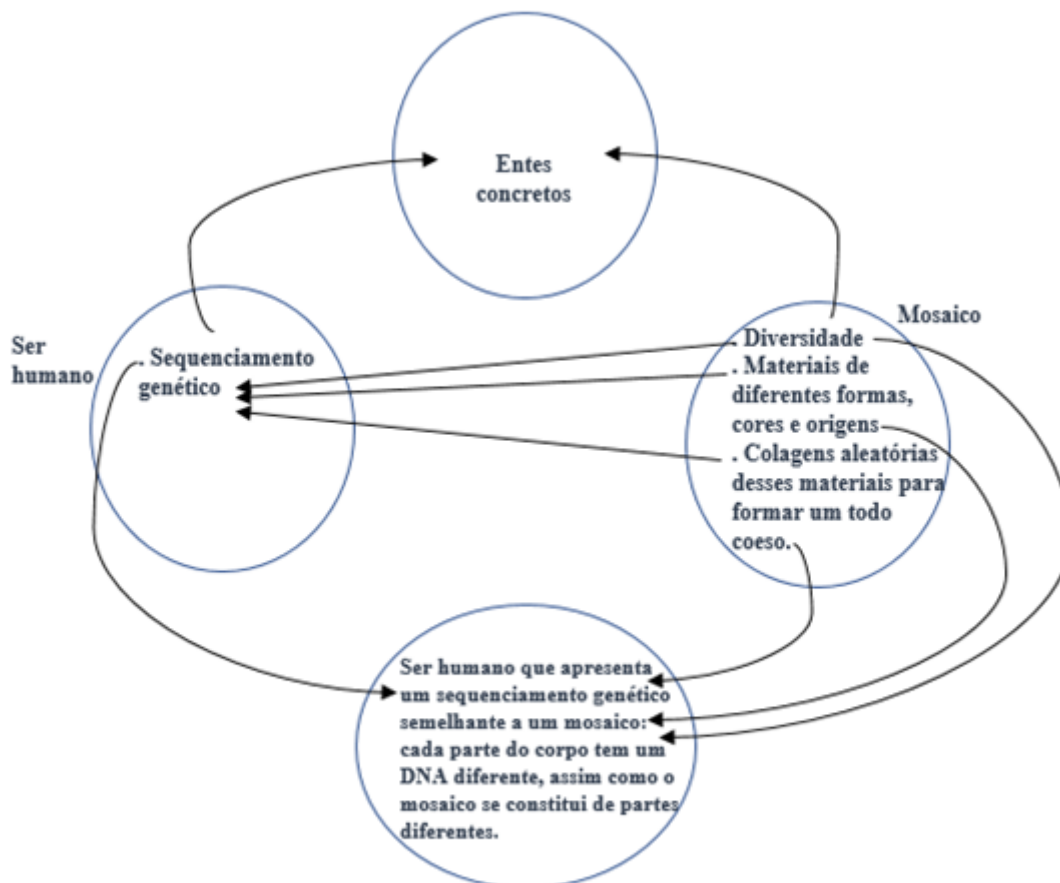


Imagem 60: Modelo de projeção interdomínios dos neologismos *mulher-mosaico* e *pessoa-mosaico*

A palavra *dependência* foi empregada em segunda posição para compor os neologismos *Neymar-dependência* e *smartphone-dependência*. Neles, o famoso jogador brasileiro de futebol Neymar Jr. e a peça tecnológica de telefonia móvel *smartphone* são ressignificados nos termos de uma substância química que causa dependência, ou seja, são redefinidos, numa forte crítica, como se fossem drogas.

Em *Neymar-dependência*, o contexto menciona alguns comportamentos em campo que o autor do texto julga típicos de Neymar, os quais têm sido copiados pelos jogadores da Seleção Brasileira de Futebol: marcação individual, linhas distantes e bolas longas. A partir da projeção do domínio DROGAS sobre o primeiro *input* da composição, esses comportamentos são metaforizados como os sintomas do uso prolongado da

“droga” Neymar e os jogadores passam à condição de adictos: não agem mais com liberdade de escolha, mas condicionados pelos efeitos da substância entorpecente. Assim como as drogas são combatidas e os viciados levados a tratamento, implícita fica na construção semântica do neologismo em questão a necessidade de combater a perniciosa influência de Neymar Jr. para libertar os outros jogadores dessa escravidão redutora de sua condição de profissionais da bola.

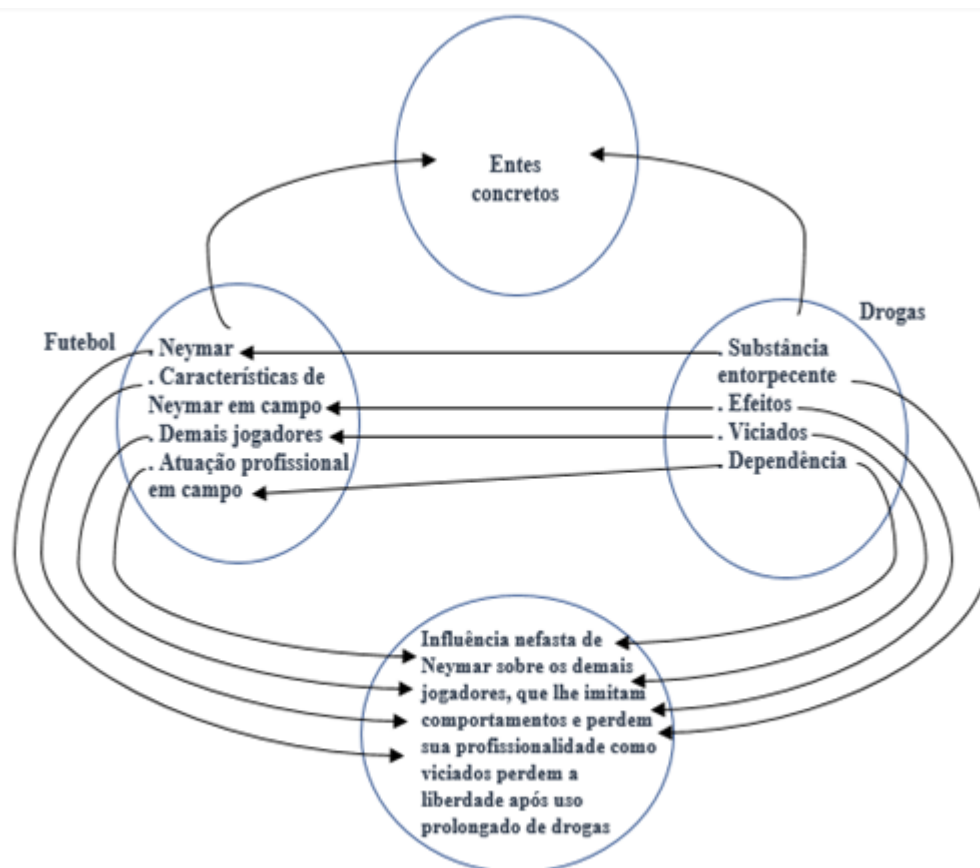


Imagem 61: Modelo de projeção interdomínios do neologismo *Neymar-dependência*

Da mesma forma, em *smartphone-dependência*, o objeto do domínio TELEFONIA MÓVEL é comparado metaforicamente a uma substância entorpecente. O contexto nos informa três características da maioria dos usuários de smartphone (atentar para a unidade lexical empregada para se referir aos proprietários do objeto): mantêm o telefone ao alcance das mãos o dia inteiro, dormem com o aparelho e deixam o som do celular ligado, mesmo durante o sono. Todas essas características são encaradas, metaforicamente, como sintomas de uma dependência de drogas, uma vez que indicam que o portador do telefone não consegue permanecer afastado dele, assim como o adicto

desenvolve sofridas crises de abstinência quando é posto em isolamento. Tal como se combatem as drogas, subjaz na estrutura semântica do neologismo a ideia de que se deve combater o excesso de uso de aparelhos eletrônicos em favor da saúde e da autonomia dos indivíduos.

Esquemáticamente, temos:

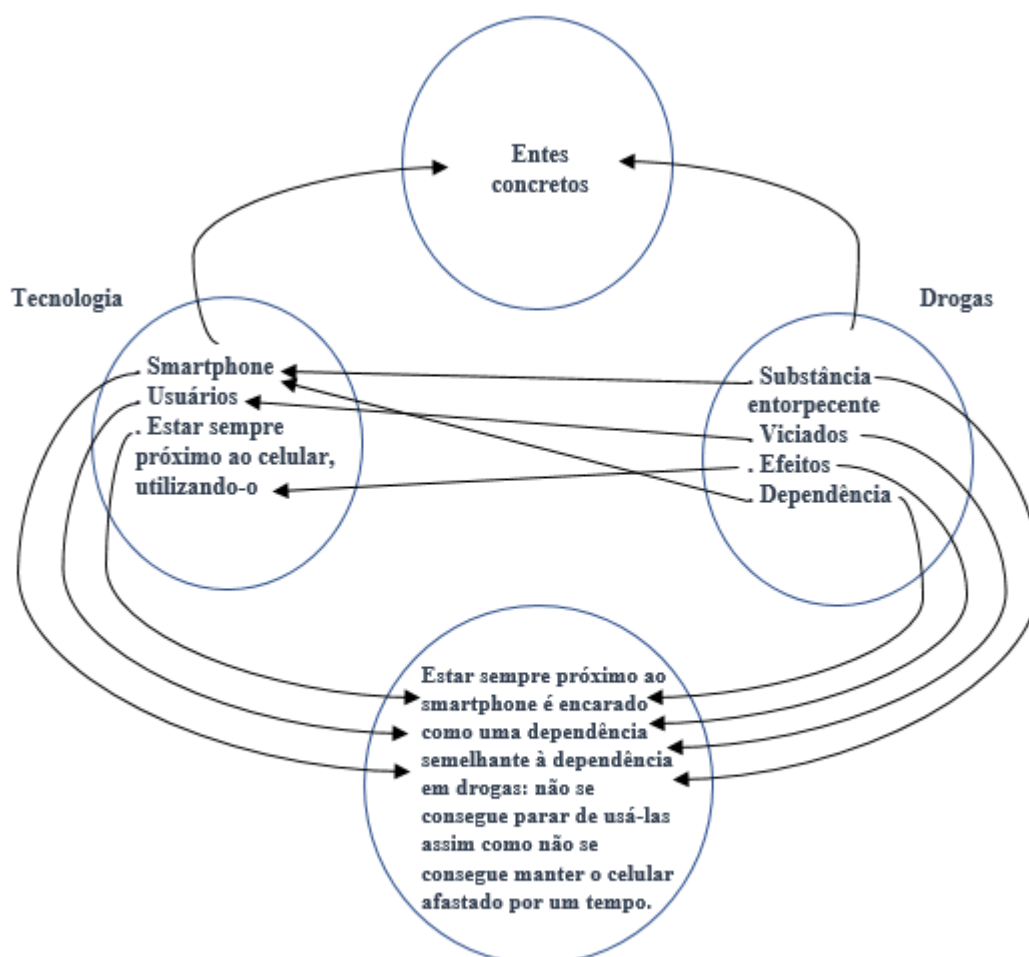


Imagem 62: Modelo de projeção interdomínios do neologismo *smartphone-dependência*

No português brasileiro, tem sido empregada a forma composta *drogadependência*, termo neológico especializado encontrado, principalmente, na linguagem médica. A Associação Paulista de Medicina (APM), inclusive, conta com um Departamento de Drogadependência. A lexia composta vernácula é decalque do inglês *drug addiction* e apresenta a mesma estrutura verificada em *Neymar-dependência* e *smartphone-dependência*. Não podemos, de modo inequívoco, afirmar que os dois neologismos aqui em análise foram criados em analogia a *drogadependência*, mas não é absurdo considerar que um novo subpadrão composicional $[[X]s[dependência]s]$,

originado na terminologia médica, desenha-se no horizonte do nosso português com o significado metafórico “X é droga, logo X causa dependência”.

Desde que a recolhemos do *corpus*, a unidade lexical neológica composta *pai-helicóptero* causou-nos estranheza. O que seria exatamente um pai que é caracterizado como helicóptero? Sabemos que o segundo membro do composto designa um determinado objeto voador, normalmente utilizado para transportar passageiros em voos de curta e média distância. Um *pai-helicóptero* seria, pois, um piloto que transporta seus filhos diariamente para vários locais? Ou talvez, de um jeito mais metafórico, um genitor que dá as condições a que seus filhos alcem voos na vida, na carreira, na sociedade?

Contrariamente a esse segundo entendimento, o contexto em que o neologismo foi empregado informa-nos que um *pai-helicóptero* é justamente o oposto do pai que permite o voo metafórico aos filhos: é controlador e tolhe a liberdade dos rebentos. Mas, neste caso, por que a palavra helicóptero foi empregada para formar o composto neológico?

A resposta a esse questionamento não está grafada no texto. Para acessá-la, tivemos que mobilizar a estrutura de conhecimento construída acerca de helicóptero. Além de transportar passageiros, esses veículos aéreos também são bastante empregados em operações policiais importantes, na busca mais efetiva de criminosos. Ao sobrevoar uma área com o auxílio do helicóptero, o piloto policial adquire melhor visão de conjunto, possibilitando uma busca mais eficiente de bandidos fugitivos da lei. Ao compreender o pai, metaforicamente, como um helicóptero, é essa a imagem que nos é evocada.

A ascendência moral, etária, financeira e mesmo física (no caso de pais de crianças pequenas) sobre os filhos é, pela metáfora, o voo do helicóptero. Assim como o policial eleva-se sobre o chão para encontrar o bandido, impedindo sua fuga, o pai aproveita-se de sua ascendência para controlar os passos do filho, impedindo seu desenvolvimento físico, social, cognitivo. O policial no helicóptero cumpre um dever profissional. O *pai-helicóptero* acredita estar fazendo o melhor ao seu filho e também pensa cumprir seu dever paterno. A atuação do policial é necessária, a do pai, contudo, é exagerada e essa noção em especial, construída no espaço-mescla da estrutura cognitiva, é referendada pelo contexto de crítica à atuação dessa categoria de pais. Esquemáticamente, o que se tem desse processo de construção semântica é:

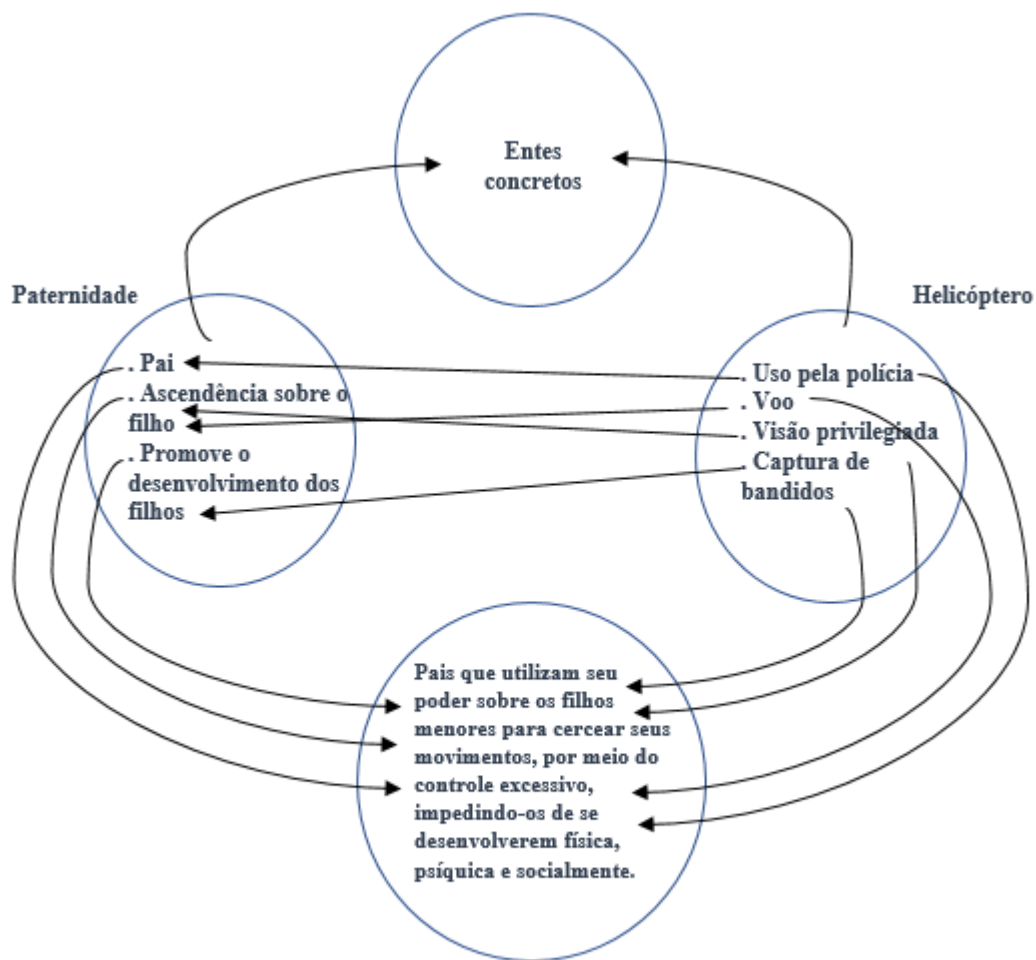


Imagem 63: Modelo de projeção interdomínios do neologismo *pai-helicóptero*

A forma neológica composta *partícula-Deus*, recolhida do blogue *Mensageiro Sideral*, concorre, no próprio contexto, com a sinapsia *partícula de Deus*, na qual o elemento determinante do núcleo substantival é um sintagma preposicionado.

Oriunda do campo científico, a chamada *partícula-Deus* é o nome popular com que ficou conhecido o Bóson de Higgs, uma partícula subatômica, inicialmente prevista por modelos teóricos da Física Quântica, que teve sua existência confirmada em 2013. Basicamente, o Bóson de Higgs é uma partícula elementar, que ajuda a explicar a origem da massa dos planetas, sóis e estrelas. Sem massa, não há gravidade e, sem gravidade, não pode haver agregação de elementos químicos para a formação dos corpos estelares conhecidos. Logo, sem a *partícula-Deus*, nada do que hoje vemos poderia existir da forma como existe.

Por desempenhar uma função primordial na agregação da matéria em corpos planetários e estelares, proporcionando a própria gravidade, a partícula Bóson de Higgs

foi, no composto neológico em questão, qualificada como Deus, elemento do domínio RELIGIÃO.

Para todos os religiosos e teístas do planeta, à figura a que se chama Deus atribui-se a função primeira e primordial da criação de tudo o que tem existência. Deus, na concepção filosófica teísta, é a chave para explicar todos os mistérios da origem do universo e é justamente essa noção primordial de promover a criação dos corpos materiais e sustentar a agregação da matéria que se projeta de Deus sobre partícula.

Ao compreender o elemento subatômico, metaforicamente, como Deus, o autor da unidade lexical neológica desejou imprimir-lhe grande significação e importância na ordem das coisas, uma vez que não há, do ponto de vista teísta, que é o adotado pela maioria das pessoas do planeta, nada mais poderoso e significativo que Deus. Obviamente, nomear o Bóson de Higgs como *partícula-Deus* é um certo exagero, já que, teologicamente, Deus precede à sua criação, ao passo que o Bóson só é possível após o Big Bang. Ele explica, teoricamente, a existência da massa e não a matéria em si.

Além de “criador”, Deus também evoca noções como “amor”, “paternidade”, “inteligência”, “sabedoria”, “bondade”, “moralidade”, “salvação”, “espiritualidade” etc., que são próprias do universo religioso. Nenhuma delas é, contudo, projetada sobre partícula, de modo que o elemento primordial subatômico diviniza-se apenas da perspectiva estritamente naturalista. Tudo o que configura a estreiteza da relação homem-Deus (como os milagres e os “livramentos”, por exemplo) não entra na construção semântica do neologismo. Esquemáticamente, temos:

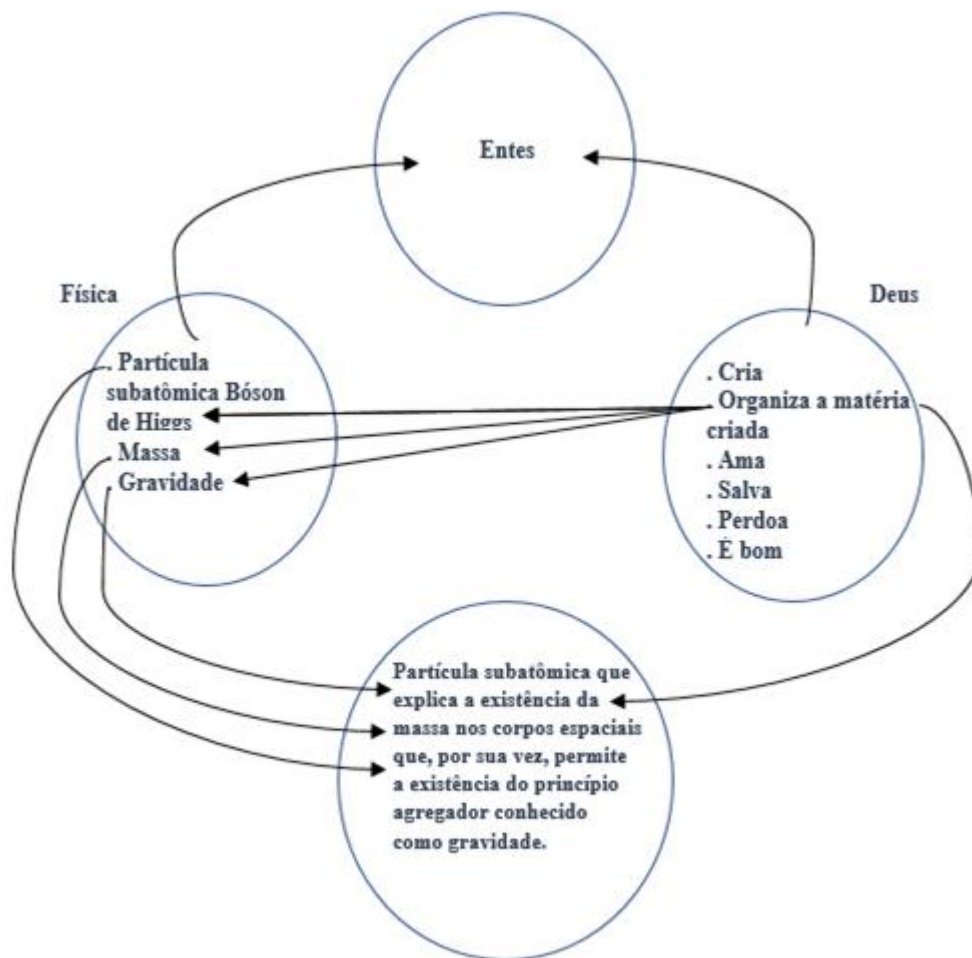


Imagem 64: Modelo de projeção interdomínios do neologismo *partícula-Deus*

Finalmente, interessante é perceber que, apesar de colocadas pelo blogueiro como sinônimas, as unidades léxicas *partícula-Deus* e “partícula de Deus” não são propriamente idênticas do ponto de vista do significado. A estrutura composta binária permite, como vimos acima, compreender, metaforicamente, o Bóson de Higgs como um “deus” naturalista que estrutura a matéria, ao passo que a preposição que nucleia o sintagma preposicional “de Deus” materializa a ideia de que a partícula seria um dos instrumentos utilizados pelo divino para criar, mas não a própria divindade. A forma “partícula de Deus” parece-nos, portanto, semanticamente, mais teísta que *partícula-Deus*.

Em *perfil-pinóquio*, o segundo membro do composto evoca o menino-boneco Pinóquio, personagem central do conhecido conto de fadas infantil, em que o carpinteiro italiano Geppetto constrói um boneco de madeira para ser seu filho, o qual ganha vida por ação mágica. Na história, o nariz do boneco Pinóquio cresce todas as vezes em que

conta mentiras. Por isso, metonimicamente, na cultura ocidental, Pinóquio passou a significar algo ou alguém mentiroso.

No neologismo em questão, o elemento eivado de mentiras são os artigos no site Wikipedia referentes a alguns políticos. Nos textos online, foram veiculadas informações pessoais (ou, de perfil) falsas sobre eles, no intuito de lhes enobrecer aos olhos de possíveis eleitores. Trata-se, portanto, de *perfis-pinóquio*, ou seja, mentirosos, falsos, inverídicos.

Sobre o primeiro *input*, projeta-se apenas a noção “mentira”, evocada por Pinóquio. As referências a “boneco de madeira”, “conto infantil”, “mágica” etc. não entram na estruturação semântica do composto neológico. Apenas poderíamos admitir tal possibilidade, caso o neologismo estivesse fazendo referência a um possível e imaginário perfil na internet feito para apresentar a personagem Pinóquio. Nesse caso, *perfil-pinóquio* seria sinônimo de “perfil do Pinóquio”, o que não se verifica no contexto.

Interessante notar que, no conto de fadas, a mentira é severamente punida. No contexto em questão, o autor informa que a Wikipedia também tem adotado medidas para impedir essas adulterações fraudulentas nos perfis de figuras políticas conhecidas, bloqueando os IPs dos computadores a partir dos quais elas foram feitas. No universo infantil, a sanção apresenta resultado: Pinóquio nunca mais mente e ainda ganha, por ação mágica, a condição humana; no universo político, contudo, os pinóquios continuam sem se emendar.

Esquemáticamente, a estruturação semântica pode ser representada como segue:

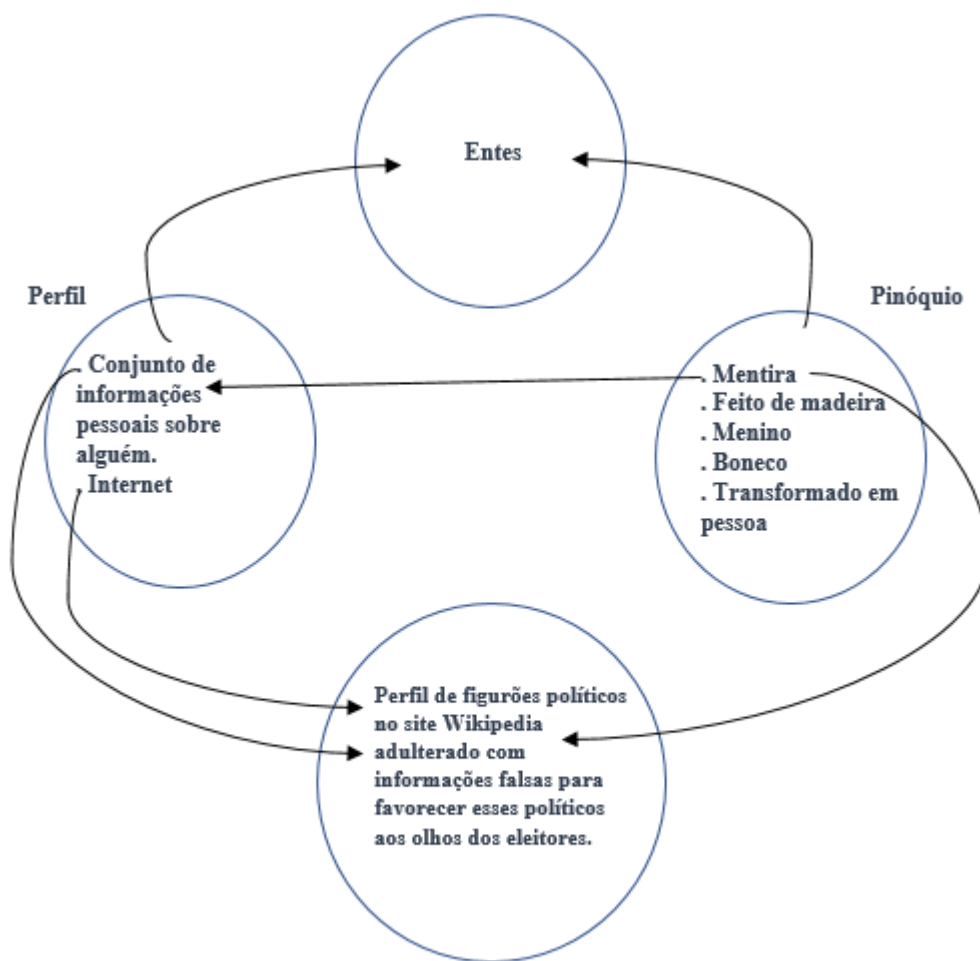


Imagem 65: Modelo de projeção interdomínios do neologismo *perfil-pinóquio*

A unidade lexical neológica composta *piti-mulherzinha* materializa linguisticamente um modelo cognitivo culturalmente estruturado no qual a mulher, numa perspectiva machista, é vista como uma criatura emocionalmente frágil, cujas crises históricas fariam parte de sua própria natureza de fragilidade.

Piti é marcado no *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa* como regionalismo de uso informal e *lhe* são apontados como sinônimos pela obra lexicográfica “ataque nervoso ou histérico”, “chilique” e “faniquito”. Em verdade, o uso consagra uma diferença considerável entre “piti” e “ataque nervoso”. Enquanto a segunda lexia evoca neutralidade, a primeira é carregada de exagero. Um piti tem, portanto, conotação negativa e depreciativa, por ser uma crise histórica desnecessária e exagerada, uma reação desmedida a algo que, a princípio, não deveria provocar tamanha comoção.

Ao ser compreendido em termos de *mulherzinha*, o piti é integrado ao universo feminino, como se dele fizesse parte naturalmente, em diálogo com a estrutura cultural-cognitiva preconceituosa erigida socio-historicamente acerca da mulher. O emprego do

sufixo diminutivo, neste caso, acentua o tom de crítica e depreciação, posto tratar-se de um *piti-mulherzinha*, ou seja, de um chique típico de mulherzinhas.

Na melhor das hipóteses, pode-se entrever uma separação, ainda machista e preconceituosa, entre as categorias de “mulher” e “mulherzinha”, afinal não é um “piti-mulher” e talvez apenas as mais emocionalmente instáveis, ou “mulherzinhas”, seriam passíveis de “dar piti”. Entretanto, o próprio contexto vai em outra direção ao colocar esse neologismo na boca de uma mulher que reclama porque o homem não aguentou seu “primeiro *piti-mulherzinha*”. O chique, no caso, pela fala da mulher, é naturalizado como uma característica de seu gênero: ela não tem crises histéricas diárias, mas certamente terá várias ao longo dos anos, uma vez que isso seria próprio delas.

A análise semântica dessa unidade lexical neológica revela, portanto, uma tentativa de aproximação a um modelo cognitivo idealizado de mulher, estruturado pelo olhar patriarcal a partir de noções que associam o feminino, de forma natural, à fraqueza e à inferioridade. Daí serem elas descritas como emocionalmente instáveis. Obviamente, na concepção machista da mulher, não entra a dimensão estrutural da opressão sofrida da parte dos homens como causa de possíveis desequilíbrios da emoção.

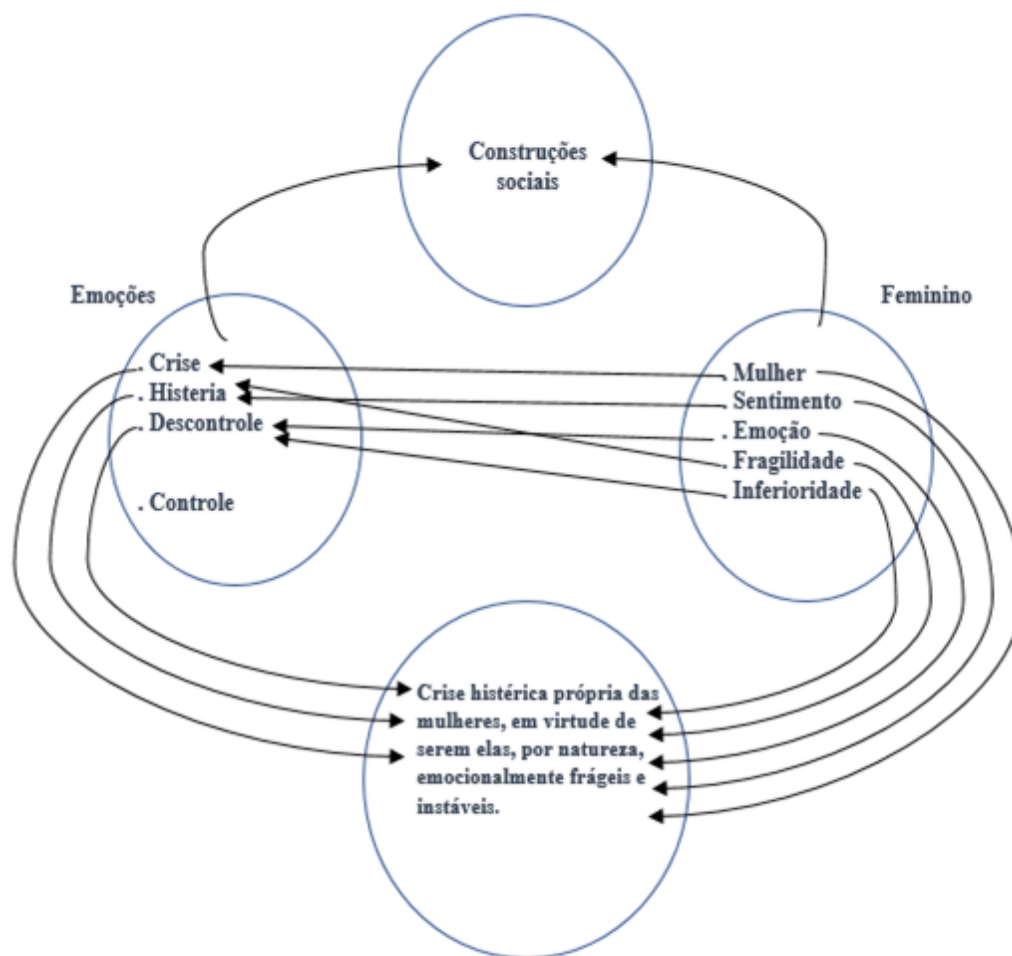


Imagem 66: Modelo de projeção interdomínios do neologismo *piti-mulherzinha*

A palavra *temporada*, segundo vimos durante a análise de *temporada-pipoca*, entre outros significados, pode referir-se a uma sequência de filmes produzidos e lançados no mesmo período cronológico que, ou tratam do mesmo assunto, ou se constituem sucessos de público e de crítica. É exatamente nesse segundo sentido que pode ser entendida a unidade lexical neológica *temporada-ouro* e não, como talvez pudéssemos compreendê-la de modo descontextualizado e até literal, um período de prevalência da mineração do ouro, uma “temporada de caça ao ouro”, como a que ocorreu em Minas Gerais durante o século XVIII. *Temporada-ouro* é, portanto, um período em que são lançados importantes filmes, que interessam à crítica e ao público, faturando prêmios e angariando milhões de dólares nas bilheterias de cinema, além de alçar ao estrelato atores e atrizes jovens e veteranos.

A lexia *ouro* tem emprego metafórico nessa composição neológica. Nossa sociedade atribui, historicamente, ao elemento ouro grande valor. Normalmente, joias e peças feitas de ouro são extremamente caras e cobiçadas, de modo que, evocadas por ele,

estão as noções de “riqueza” e “preciosidade”. Por extensão, o modelo cognitivo idealizado de ouro compreende-o como símbolo geral de prosperidade, seja ela financeira, pessoal, profissional, familiar, social etc. O período de auge econômico e social de um indivíduo ou de um povo, normalmente, é denominado época de ouro ou anos dourados (no último caso, a cor do elemento, por metonímia, assume o lugar do próprio ouro). Uma *temporada-ouro* do cinema é, portanto, um momento de grande sucesso e prosperidade (financeira, inclusive) para a cultura cinematográfica e seus atores.

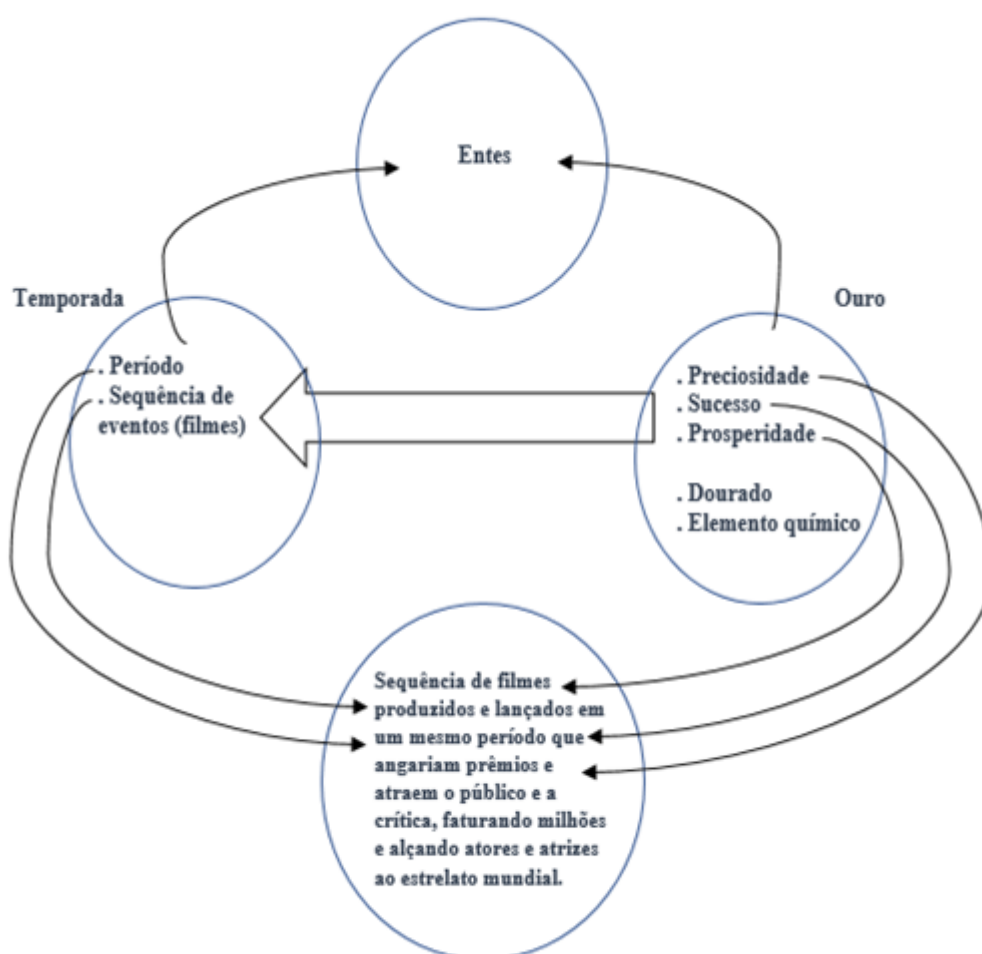


Imagem 67: Modelo de projeção interdomínios do neologismo *temporada-ouro*

Na unidade lexical neológica *universo-bebê*, mesclam-se elementos dos domínios ASTRONOMIA e INFÂNCIA e o universo é compreendido, metaforicamente, como um bebê. O contexto fala sobre imagens da “famosa radiação cósmica de fundo – o ‘eco’ em micro-ondas gerado pelo Big Bang”, captada artisticamente graças à técnica desenvolvida pelo brasileiro Diego Gonçalves, astrônomo da Universidade de São Paulo. Segundo a

Teoria do Big Bang, o universo teve origem após uma explosão cósmica, que liberou micro-ondas ainda irradiando pelo espaço sideral. Seu estudo tem ajudado os cientistas a desvendar os mistérios do universo na época de seu surgimento, ou seja, quando ele, metaforicamente, era um bebê de 380 mil anos de idade, segundo o blogueiro, pouquíssimo tempo nas quase infinitas escalas astronômicas, muito ao contrário, aliás, do que representa isso em termos humanos.

Do espaço mental aberto por bebê, projetam-se sobre universo apenas as noções de “pouca idade” e “nascimento recente”, que incidem em “surgimento” e “Big Bang”, ao passo que outros elementos tipicamente humanos como “fragilidade estrutural”, “necessidade de cuidados maternos”, “fofura”, “inocência” etc., por não se sustentarem no primeiro *input*, segundo a Hipótese da Invariância, de Lakoff (1989), não entram na estruturação semântica do neologismo composto.

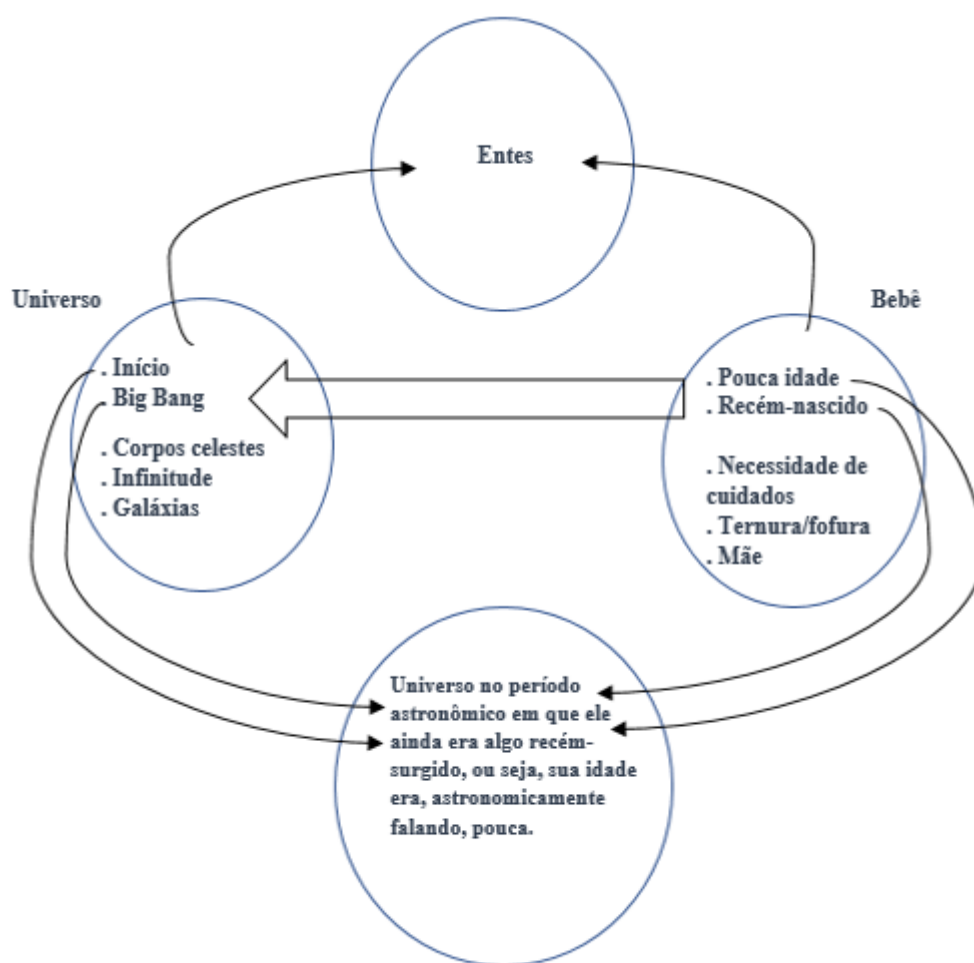


Imagem 68: Modelo de projeção interdomínios do neologismo *universo-bebê*

A curiosa composição neológica *vestido-bolo (das noivas)* constrói-se, semanticamente, sobre uma metáfora calcada na transposição da imagem do objeto evocado pelo segundo *input* para o primeiro, vestido. Neste caso, segundo o contexto esclarece, de bolo de casamento são projetadas para o domínio ROUPA as cores típicas dessa categoria gastronômica: branco e bege. Esse tipo de vestimenta de gala contrasta, de acordo com o blogueiro, com os vestidos de estilo “cupcake”, ou seja, de cores mais variadas.

Do domínio BOLO DE CASAMENTO, não se projetam, pela Hipótese da Invariância, nem os ingredientes (do contrário teríamos um vestido comestível, o que não é o caso), nem o formato dos bolos de casamento, e, menos ainda, projeta-se a função, pois não se trata de um vestido de noiva, mas de trajes femininos de gala usados por atrizes durante a entrega do Emmy em 2014. Dele, apenas as cores claras tradicionais dos bolos de casamento entram na construção semântica do composto neológico.

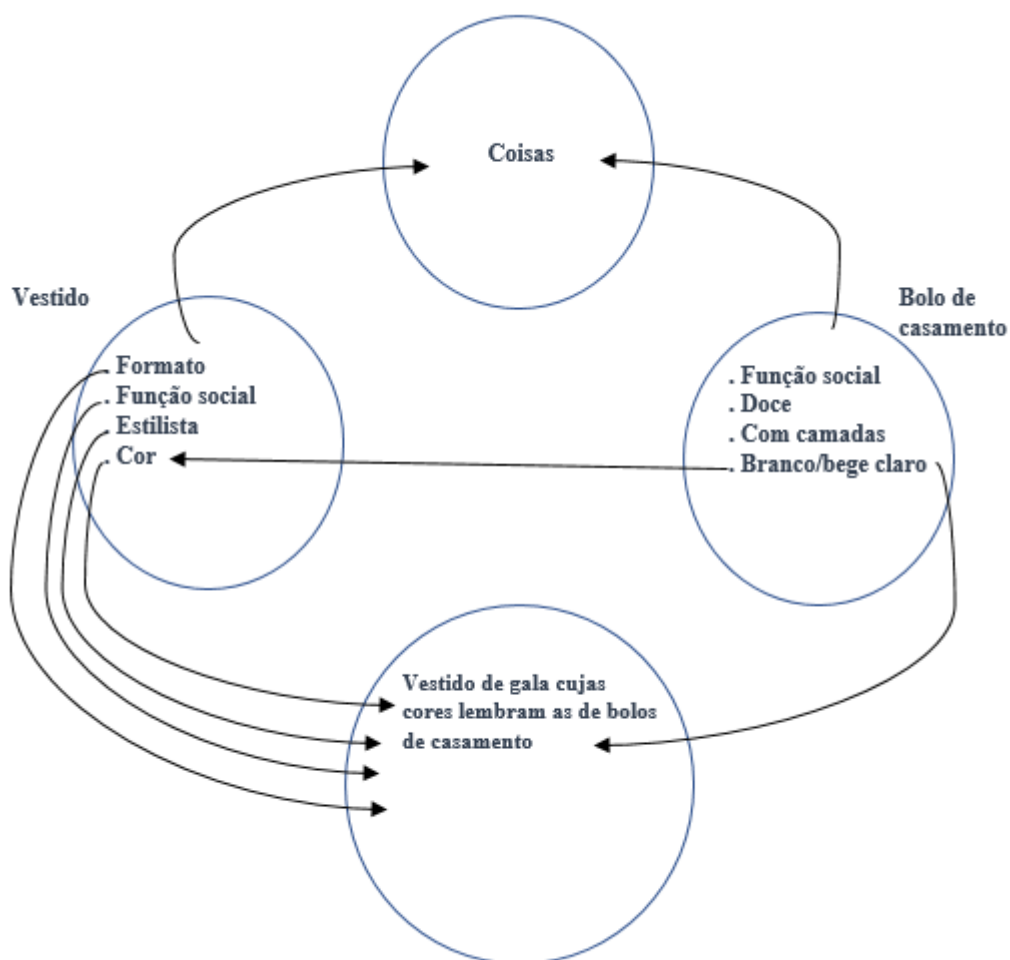


Imagem 69: Modelo de projeção interdomínios do neologismo *vestido-bolo (das noivas)*

Também é de natureza visual-imagética a construção metafórica do neologismo *vibrador-borboleta*. Aqui, do segundo *input*, é projetada sobre o objeto de utilização sexual apenas a forma característica de uma borboleta. Não se projetam, ao contrário, nem a cor, nem o tamanho, nem qualquer aspecto relacionado à natureza da borboleta. Tampouco percebe-se, na estruturação semântica do composto neológico, qualquer evocação a valores culturais associados à borboleta: beleza, delicadeza, flores, leveza, dia ensolarado etc.

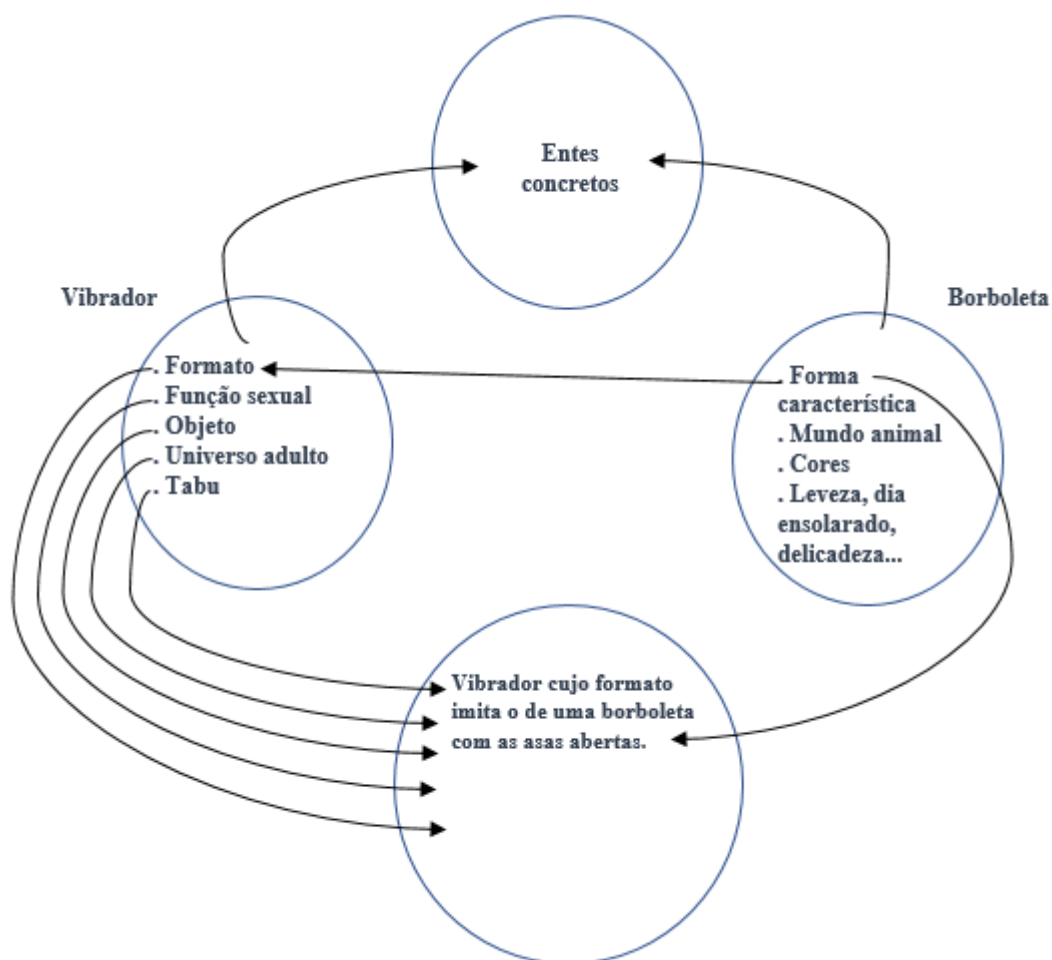


Imagem 70: Modelo de projeção interdomínios do neologismo *vibrador-borboleta*

Três neologismos compostos determinativos verificados no *corpus* chamaram-nos a atenção e, antes de passarmos à próxima seção, sobre eles gostaríamos de refletir um pouco, analisando-os em separado: *atacante-atacante*, *homem-homem* e *lulo-petismo*.

Nos dois primeiros, verifica-se a repetição da unidade lexical, que aparece nas duas posições do composto criando efeito de reiteração. Recorrendo ao contexto, percebe-

se que o primeiro neologismo acentua a decepção com a seleção brasileira de 2014, pois, na opinião do blogueiro, faltava ao time um atacante de verdade. Do mesmo modo, para o autor da segunda composição neológica, os homens metrossexuais, isto é, os que se importam sobremaneira com os cuidados higiênicos e a aparência, seriam menos homens e o desodorante referido por ele destina-se ao uso por homens mais masculinizados.

Cognitivamente, o que temos aqui é o referente real como *input* 1 do esquema de integração conceptual e o Modelo Cognitivo Idealizado (MCI) desse referente como *input* 2. Ao projetar-se sobre o referente, o MCI revela um desejo de idealização, ao mesmo tempo que demonstra o quão deslocada está a realidade em relação ao elemento idealizado.

Um atacante ideal é um jogador que tem total domínio da bola, dribla com maestria os adversários, encara o goleiro e faz quantos gols desejar. Culturalmente, o modelo ideal de atacante foi construído sob as épicas vitórias passadas da seleção brasileira, nos tempos de Pelé, Rivelino e Garrincha. Apesar de ocuparem a posição de atacantes, os jogadores reais de hoje, postos em analogia ao MCI, demonstram não se adequarem a ele, provocando a frustração do autor do neologismo, que declara que o Brasil precisa de um *atacante-atacante*, isto é, de um atacante que o seja nos moldes do MCI.

Do mesmo modo, o MCI de homem, construído cultural, histórica e socialmente ao longo dos séculos, não comporta o cuidado excessivo com a aparência e a higiene além do estritamente necessário para o convívio social. A noção prototípica (e, diríamos, preconceituosa) de macheza evocada pelo MCI de homem comporta, tal como vimos na análise de *macho-jurubeba*, ideias como rusticidade, indelicadeza, impolidez, força, sujeira, feiura etc. Um homem, portanto, que se preocupa com a aparência não se adequa totalmente ao MCI e o produto anunciado no contexto do neologismo destina-se não a esse, mas aos membros da classe prototípica dos homens, que reuniriam, em si, todos os atributos da macheza. Ao associar o cuidado com a aparência e a higiene aos “menos machos”, a projeção do MCI sobre o referente revela, por oposição, algumas construções idealizadas sobre a mulher: limpa, delicada e que se preocupa com a aparência. Nesse sentido, os não adequados ao MCI de homem aproximar-se-iam, portanto, à classe das mulheres.

Esquemáticamente, a construção semântica de *atacante-atacante* e *homem-homem* podem ser representadas assim:

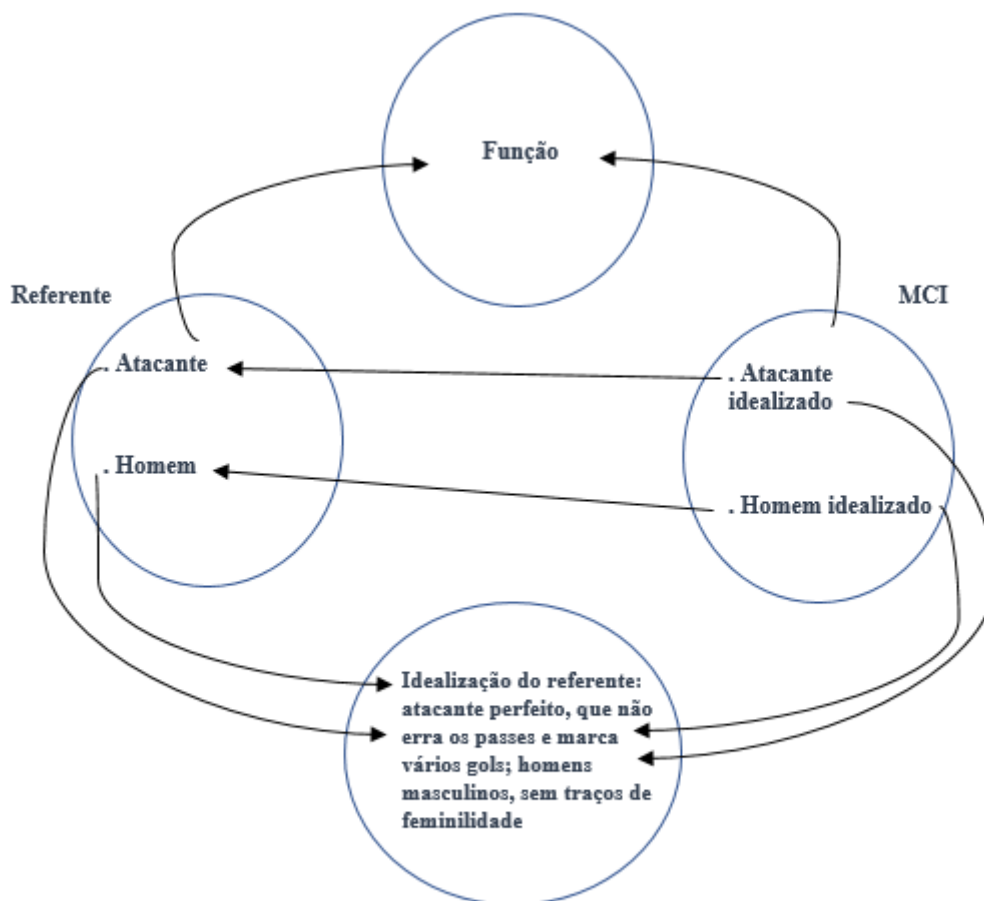


Imagem 71: Modelo de projeção interdomínios dos neologismos *atacante-atacante* e *homem-homem*

Por se tratar de repetição da mesma forma linguística para criar uma unidade nova do léxico, os estudos de morfologia, comumente, classificariam *homem-homem* e *atacante-atacante* como exemplos de reduplicação e não de composição (ALVES, 1990; GONÇALVES, 2016a). As gramáticas mais tradicionais, por sua vez, não registram as ocorrências de repetição de lexias como processo distinto da composição.

Uma análise mais detalhada a respeito da reduplicação nos tratados de morfologia do português extrapolaria o escopo deste trabalho. De modo geral, porém, esses estudos consideram-na como processo essencialmente morfofonêmico, “uma vez que envolve a cópia de material fonológico de uma base” (GONÇALVES, 2016a, p. 69). No português, segundo Gonçalves (p. 70-71), a reduplicação marca, sobretudo, de modo irônico, um excesso, como em *chororô* (excesso de choro), ou uma ação repetida, como em *borra-borra* (ato de borrar repetidamente).

No presente trabalho, optamos por analisar *homem-homem* e *atacante-atacante* como composições, consoante a tradição gramatical do português, uma vez que sua formação segue o padrão de composição nominal S+S das demais lexias neológicas aqui

estudadas. Ademais, por emprendermos uma investigação partindo primeiramente do componente semântico da língua, não nos parece que, de fato, haja, aqui, a simples repetição de material fônico de uma palavra-base, mas interessante motivação semântica. Apesar de materializarem-se sob a mesma forma linguística, a estrutura cognitiva designada pela primeira lexia não é a mesma que a denominada pela segunda. Trata-se, em essência, de dois espaços mentais distintos, conforme analisamos acima: um real, outro prototípico.

Na língua oral, não raro, essa diferença entre elemento real e modelo cognitivo idealizado, ou protótipo, é marcada por sinais gestuais específicos realizados pelo falante enquanto profere sua fala, bem como por alongamentos propositais da vogal tônica da lexia que designa o protótipo: *homem-hooooomem*; *atacante-atacaaaante*. Tudo isso parece corroborar com a análise aqui empreendida de que, sob um mesmo material fônico repetido, revelam-se estruturas cognitivas diferentes que são mescladas em uma única forma composta.

Não é possível, com os dados neológicos de que dispomos, afirmar com segurança se toda repetição de substantivos em estrutura composicional binária formaliza linguisticamente a projeção cognitiva do ideal sobre o real, contudo, isso nos parece bastante provável, o que, nesse caso, diferenciaria a repetição de verbos, cuja função é marcar uma ação reiterada, da associação entre o elemento real e o seu MCI, marcada pela reduplicação de substantivos.

A unidade lexical neológica *lulo-petismo* foi utilizada por Reinaldo de Azevedo, reconhecidamente antipetista, para designar uma espécie de *modus operandi* ideológico, onde os princípios norteadores do Partido dos Trabalhadores foram, de alguma forma, contaminados pela influência de Lula, seu dirigente e presidente do Brasil de 2003 a 2010.

Lulo-petismo é um exemplo de composto neoclássico (SANDMANN, 1992), pois sua estrutura é determinante-determinado, ou seja, o primeiro membro atribui características ao segundo e não o contrário. Em termos cognitivistas, Lula projeta-se sobre o movimento político petista, como podemos ver por meio do esquema a seguir:

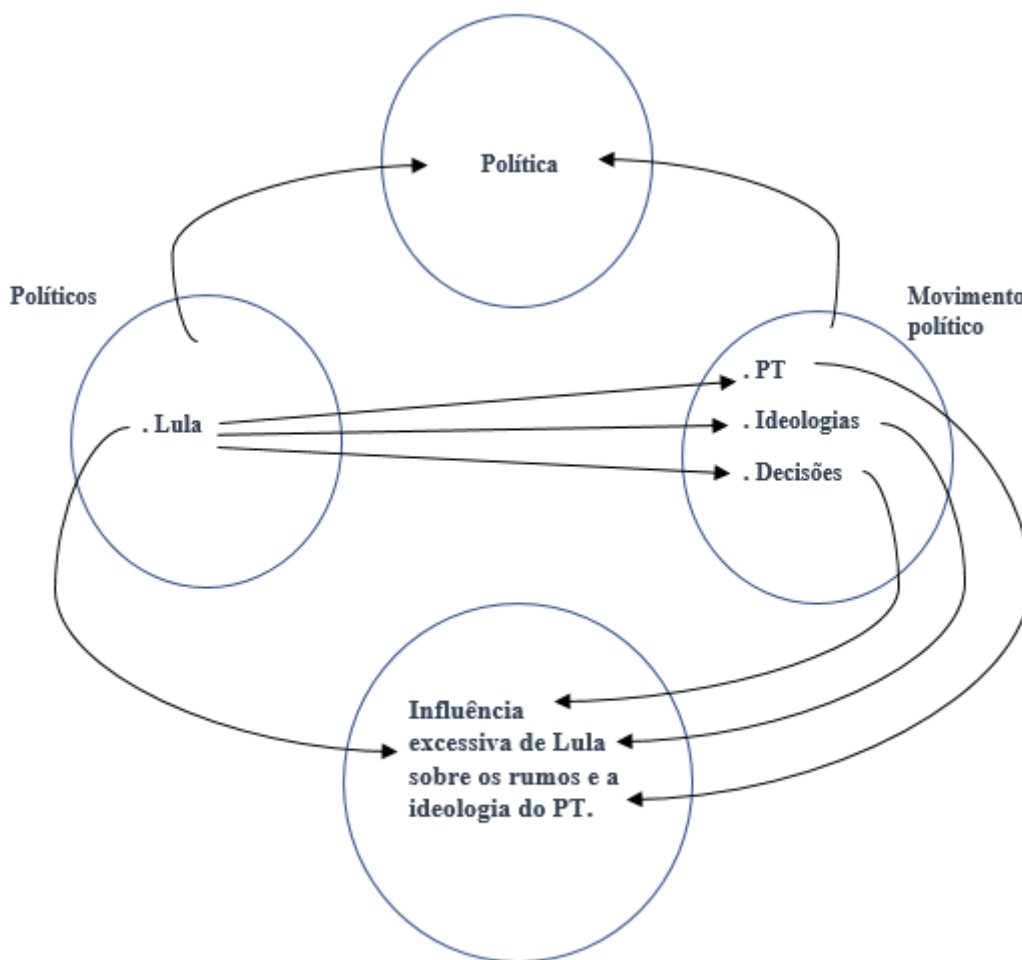


Imagem 72: Modelo de projeção interdomínios do neologismo *lulo-petismo*

Interessante perceber que o tom de crítica dado por Reinaldo de Azevedo evidencia-se justamente pela adoção do modelo neoclássico de composição. O autor poderia ter dito simplesmente “petismo lulista”, mas, neste caso, a ideologia do PT viria em primeiro lugar e o que se quer é materializar linguisticamente na própria estrutura da lexia composta que, nas decisões tomadas pelo partido, a influência das ideias e concepções políticas de Lula é absoluta.

Morfofonologicamente, ocorreu, para a criação desta unidade lexical, a substituição do -a final do nome próprio, que passa a ser reanalisado como vogal temática, pelo -o, tornando-o um elemento não autônomo na língua.

Alves (1990, p. 49-50) afirma que

(...) a composição pode ocorrer entre bases não autônomas ou entre uma base autônoma e uma não independente, ou vice-versa. Geralmente originárias de fonte erudita, grega ou latina, as bases não autônomas compõem itens léxicos característicos de vocabulários especializados (...). (ALVES, 1990, p. 49-50. Grifo nosso.).

Diferentemente do afirmado acima, o formante *lulo-* não provém de fonte erudita e, em nosso entender, foi criado por analogia a elementos de composição greco-latinos, muitos dos quais apresentam vogal temática -o (*narco-*, *demo-*, *neo-* etc.). A Base de Neologismos do Português Brasileiro Contemporâneo (Projeto TermNeo-USP), aliás, registra diversas formações nominais com a primeira base, não autônoma, terminada em -o: *anarcoliberalismo*, *neo-ambientalismo*, entre outros. Essa parece ser uma tendência de criação lexical em neologismos desse tipo.

Acima, dissemos que a presença de Lula em primeira posição no composto, projetando-se sobre petismo, ajuda a dar o tom de crítica à sua suposta excessiva influência sobre os rumos do partido. Se atentarmos, porém, à observação de Alves quanto ao emprego de compostos com bases neoclássicas em vocabulários especializados, compreenderemos, pois, que *lulo-petismo* não é sinônimo de “petismo lulista”. Ao formar um neologismo a partir da analogia a compostos eruditos, o autor acaba por lhe imprimir certo ar de autoridade, como se *lulo-petismo* fosse um conceito científico (e, como tal, verdadeiro e universal) e não uma opinião circunscrita. Nesse sentido, não se coloca em discussão, para Azevedo, se Lula influenciou negativamente ou não nos rumos do PT. Para ele, é fato.

O esquema construcional geral de compostos com bases não autônomas¹¹⁷ é [XY]_N. Pela decomposição analógica dos elementos formadores dessas unidades lexicais de bases presas, pode ser instanciado um esquema mais específico, no qual o segundo item seja membro do léxico, enquanto o primeiro permanece sem autonomia: [X[Y]_Y]_N. Esse modelo, por sua vez, dá origem a algumas criações. Ainda pelo princípio da analogia, a estrutura dessas novas unidades lexicais é reanalisada e passamos, pois, a contar com um esquema modelar de criação lexical, em que o primeiro elemento, preso, passa a terminar obrigatoriamente em -o: [X-o [Y]_Y], o qual, por sua vez, permite a criação de palavras como o nosso neologismo *lulo-petismo*, onde itens lexicais são remodelados e passam a aparentar a estrutura de bases presas clássicas. Dos esquemas construcionais mais abstratos de nível superior, *lulo-petismo* herda, além da forma, também a noção de cientificidade da qual se aproveitou Azevedo.

¹¹⁷ Apesar de os estudos morfolexicais em geral compreenderem as criações com bases não autônomas como composicionais, essa classificação não é unânime. Bauer (2005, p. 105), por exemplo, embasando-se nas concepções lexicalistas do gerativismo, entende que, para haver composição propriamente dita, é necessário que os elementos que a integram sejam parte do léxico, o que não ocorre com as chamadas bases clássicas.

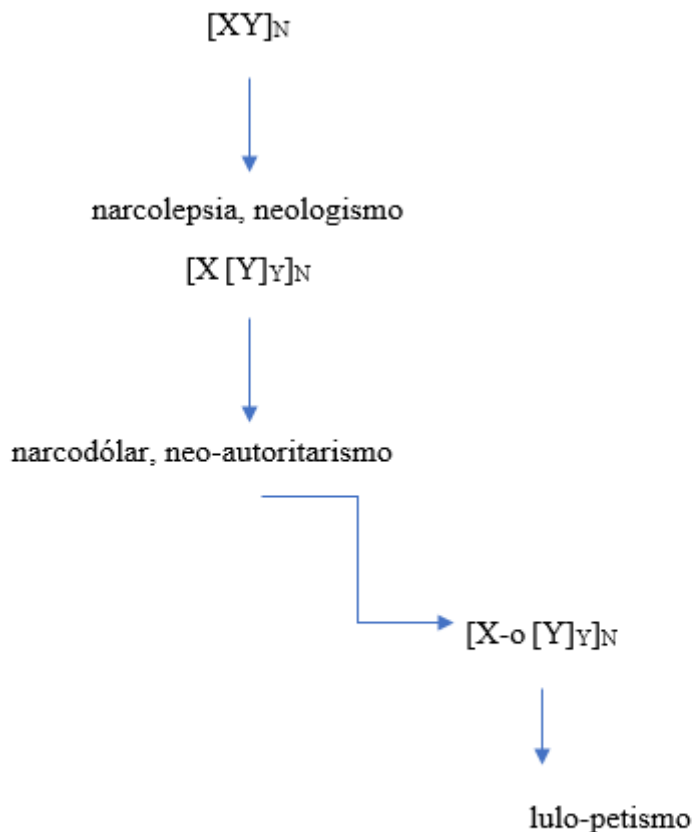


Imagem 73: Esquema construcional que instancia neologismos como *lulo-petismo*

5.3. Compostos neológicos nominais determinativos S+S formados por subpadrões de composição

Os principais estudos sobre a criação lexical no português brasileiro (ALVES, 1990, 2006, 2010; SANDMANN, 1989) têm atestado a multiplicidade de compostos neológicos nos quais um dos elementos é sempre fixo na mesma posição, com função e semântica definidas (*X-fantasma*, *X-chave*, *X-relâmpago* etc.). Tal característica, no entender de Basilio (1987), seria típica apenas das unidades léxicas derivadas e não das compostas.

Recorrendo às reflexões da Morfologia Construcional (BOOIJ, 2005, 2007, 2010; GONÇALVES, 2016b), embasada nos postulados-base da Linguística Cognitiva, abandonamos qualquer tentativa de delimitar inequivocamente as fronteiras entre compostos e derivados e compreendemos tratarem-se esses fatos de subpadrões de composição nominal S+S. Mas, como se criam esses subpadrões na língua?

Primeiramente, é preciso lembrar que padrões são esquemas modelares plásticos, que instanciam criações lexicais variadas, não regras algorítmicas rígidas e unidirecionais de formação de palavras. Basicamente, do padrão mais genérico e abstrato da composição $[[X]_x [Y]_y]$, no qual dois elementos do léxico se associam para a criação de uma nova unidade, são instanciadas formas diversas, postas em uso pelo falante. A concretização dessas unidades lexicais em contextos reais de prática linguística ativa o processo da analogia, que faz com que esses elementos lexicais reais, frequentemente atualizados no discurso, sejam comparados e reanalisados em novas estruturas instanciadas a partir das mais gerais e que herdaram características formais e semânticas das que lhes são imediatamente superiores. Eis aí a gênese dos subpadrões de composição S+S identificados neste trabalho.

Esquemáticamente, temos esse processo representado como segue:

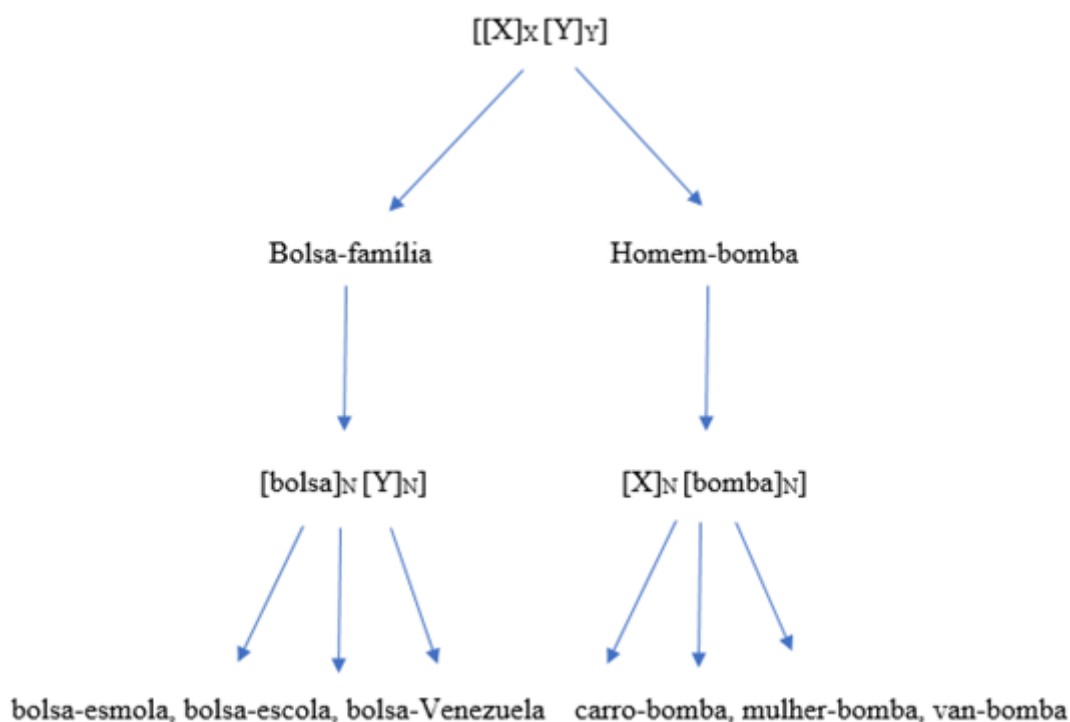


Imagem 74: Modelo genérico de esquema construcional dos subpadrões de composição nominal S+S

É necessário ressaltar que, para que considerássemos a existência de subpadrões de composição S+S no português brasileiro, a repetição de elementos em posição fixa não foi o único critério levado em consideração (cf. capítulo 4). Alves (1990) já dizia que os membros fixos de unidades lexicais compostas neológicas são, normalmente, metafóricos, o que lhes permite o emprego em variados contextos. Por esse motivo, não julgamos que as composições neológicas, presentes no *corpus*, nas quais se repetiam,

sempre na mesma posição, itens lexicais designadores de referentes bastante específicos, como “deputado” e “livro”, sejam formados por subpadrões. Em todos os subpadrões verificados, percebe-se que o elemento repetido, se não exatamente metafórico, é empregado para referenciar entes diversos, como *-chefe*, passível, portanto, de emprego em variados contextos.

Em nosso *corpus*, verificamos apenas um neologismo formado pelo subpadrão *maria-X* (*maria-chuteira*), já devidamente identificado e descrito por Gonçalves (2016a). Como não foram encontrados, nos blogues que consultamos, outros elementos recorrentes desse modelo, não o incluímos em nossa análise.

Importa, por fim, informar que os subpadrões serão analisados de acordo com a sua produtividade em nosso *corpus* - do mais ao menos produtivo – não constituindo critério de diferenciação, para fins de organização do texto, a posição em que o elemento fixo ocorre na morfossintaxe do composto.

5.3.1. Compostos neológicos de subpadrão *X-chave*

Recolhemos 26 neologismos compostos pelo modelo *X-chave*, o mais produtivo dos subpadrões de composição nominal S+S do português brasileiro contemporâneo verificado em nosso *corpus*. As unidades léxicas neológicas criadas pelo esquema foram empregadas em contextos variados de esporte, política, sociedade, gastronomia, artes, entre outros. Em ordem alfabética, apresentamos os neologismos a seguir: *canção-chave*, *capítulo-chave*, *cargo-chave*, *cinasta-chave*, *data-chave*, *elemento-chave*, *Estado-chave*, *expressão-chave*, *fator-chave*, *figura-chave*, *ingrediente-chave*, *iniciativa-chave*, *jogador-chave*, *mecanismo-chave*, *membro-chave*, *momento-chave*, *papel-chave*, *peça-chave*, *pedaço-chave*, *pergunta-chave*, *ponto-chave*, *questão-chave*, *setor-chave*, *tema-chave*, *testemunha-chave* e *time-chave*¹¹⁸.

Alves (1990, p. 48) foi quem primeiro chamou a atenção para a recorrência da base lexical *-chave* na segunda posição de variados compostos neológicos do português brasileiro. Além da recorrência, a autora ainda menciona o caráter metafórico que adquire o formante lexical em questão. Nas unidades léxicas neológicas compostas pelo subpadrão *X-chave*, o segundo elemento não nomeia o objeto metálico utilizado para destrancar fechaduras, mas, ao assumir função adjetival-atributiva, passa a atualizar

¹¹⁸ Os contextos completos dessas unidades lexicais neológicas encontram-se no Anexo 3.

significados de centralidade, como “primazia”, “superioridade”, “ser o mais importante dentro de um grupo” etc.

Os referentes denominados pelos neologismos *X-chave* são, portanto, de modo geral, no âmbito dos contextos situacionais em que estão inseridos, os elementos mais importantes, centrais, essenciais ao desenrolar daquela situação ou evento. Sem eles, em suma, nada do que houve poderia ter ocorrido.

Assim, o *capítulo-chave* de uma novela é aquele em que se revela o mais importante, por trazer, por exemplo, o desvendamento de um crime ou o desenrolar de uma situação central. O *ingrediente-chave* de uma receita é aquele que lhe define a razão de ser: uma torta de maçãs sem maçãs não poderia ser entendida como tal. O *jogador-chave* de um time é o mais talentoso, que organiza as jogadas dos colegas: sem ele, dificilmente o time consegue vencer as partidas. Do mesmo modo, um *momento-chave* é um acontecimento que atesta uma virada em determinada situação, a partir da qual ela toma um rumo diferente ou contornos mais definidos. A exata essencialidade expressa por *-chave* vai depender, obviamente, do contexto de inserção do neologismo e do primeiro elemento do composto. Em todos eles, contudo, o membro recorrente atualiza sempre a noção metafórica de centralidade.

Ao iniciar a análise desse grupo de neologismos, nosso questionamento principal foi: por que caminhos metafóricos prováveis o item léxico chave transmutou-se em “o mais importante”?

Para isso, temos que recorrer ao esquema imagético evocado por chave. O objeto metálico a que denominamos chave é empregado todas as vezes em que desejamos trancar ou destrancar portas, celas, armários, gavetas etc. O portador de uma chave tem, pois, em suas mãos, considerável poder, uma vez que pode, ao trancar um documento em uma gaveta, um objeto valioso em um baú ou um indivíduo em uma cela, ocultar segredos ou determinar os destinos de alguém. Do mesmo modo, ao destrancar esses objetos, segredos vêm à tona, pessoas são libertadas, locais outrora vedados aos olhos passam a domínio público etc. Os atos de trancar e destrancar, proporcionados por uma chave, são, portanto, numa imagem mítica, ritos de passagem de uma situação a outra.

Os contextos em que os neologismos *X-chave* foram empregados retratam situações ou eventos que, metaforicamente, estavam trancados, ou seja, sem solução, e as composições neológicas em questão denotam indivíduos ou acontecimentos que, semelhantemente a chaves, destrancam-nas. Apenas para ilustrar nossas reflexões,

analisemos os neologismos *cargo-chave*, *expressão-chave*, *papel-chave*, *questão-chave* e *testemunha-chave* em seus contextos de uso.

Cargos-chave, no contexto, referem-se aos postos mais importantes do universo de funções do Senado Federal, como a vice-presidência e a presidência da Comissão de Assuntos Econômicos. Metaforicamente, caso esses cargos estejam “trancados”, ou seja, nas mãos da oposição, o trabalho do presidente da casa pode ser seriamente comprometido. Ao contrário, se os indivíduos que ocuparem esses cargos forem aliados do presidente do Senado, eles podem ser, portanto, as chaves que “destrancam” seu mandato, favorecendo seus interesses.

A *expressão-chave* em questão é “partilha” e representa a ideia fundamental veiculada pela famosa Resolução 181 da ONU, que instituiu o Estado de Israel em 1948, e propôs a partilha do outrora domínio britânico na Palestina entre árabes e judeus. O forte movimento sionista no pós-holocausto é, metaforicamente, a porta trancada que precisava ser liberada pela *expressão-chave* “partilha da Terra Santa”, ideia essa que, na concepção dos membros da ONU, deveria ser a compensação histórica devida ao povo judeu após as atroz perseguições nazistas.

O então ministro das Comunicações do governo Dilma, Ricardo Berzoini, é o ser que desempenha, segundo o contexto, o *papel-chave* na articulação política. Na projeção metafórica, a falta de acordo entre os partidos é a porta trancada que impede a caminhada rumo à concretização das ideias da presidenta. Por outro lado, caso haja essa articulação, as portas se abrem e todos os planos do governo federal são postos em prática. A chave, no caso, é a figura de Berzoini, cujo papel desempenhado no processo tem a função de destrancar todas as portas fechadas ao governo Dilma.

Questão-chave refere-se à seguinte pergunta, levantada a partir da proposta de construção de uma mesquita no local onde outrora havia as Torres Gêmeas em Nova York: “será que as diferentes seitas muçulmanas podem conviver entre si?”. No contexto, a *questão-chave* centraliza as preocupações que a proposta levanta. No caso, a pergunta vista como chave não resolve a situação “trancada” acerca da possibilidade de haver ou não uma mesquita no marco zero, mas ela é a chave para destrancar o debate, direcionando-o para o que realmente importa. O receio sobre ser possível uma convivência harmoniosa entre muçulmanos e americanos é tangencial: o mais importante é saber se pode haver convivência pacífica entre os próprios islâmicos.

Testemunha-chave, no contexto, refere-se ao empresário Hermes Magnus, cujo testemunho à Polícia Federal representou a chave que destrancou, metaforicamente, os

aposentos da corrupção política brasileira, revelando ao público a podridão em seu interior e dando início à famosa Operação Lava-Jato. A chave, neste caso, é o elemento iniciador que possibilitou o destrancamento do combate à corrupção.

Esquemáticamente, para a construção semântica dos compostos *X-chave*, por processo metonímico de tipo CATEGORIA-PROPRIEDADE, a noção de “destrancamento” passa a valer pelo objeto chave como um todo. Em seguida, esse elemento é projetado sobre o primeiro *input* da estrutura composta e sobre o espaço-mescla que, criativa e metaforicamente, reelabora-o numa estrutura emergente em que chave passa a valer como “o mais importante”. Assim, uma *testemunha-chave* é uma testemunha que destranca uma situação criminosa; se destranca, permite a abertura ao público dos segredos obscuros; se permite a abertura, é primordial; se é primordial, é a mais importante no processo todo.

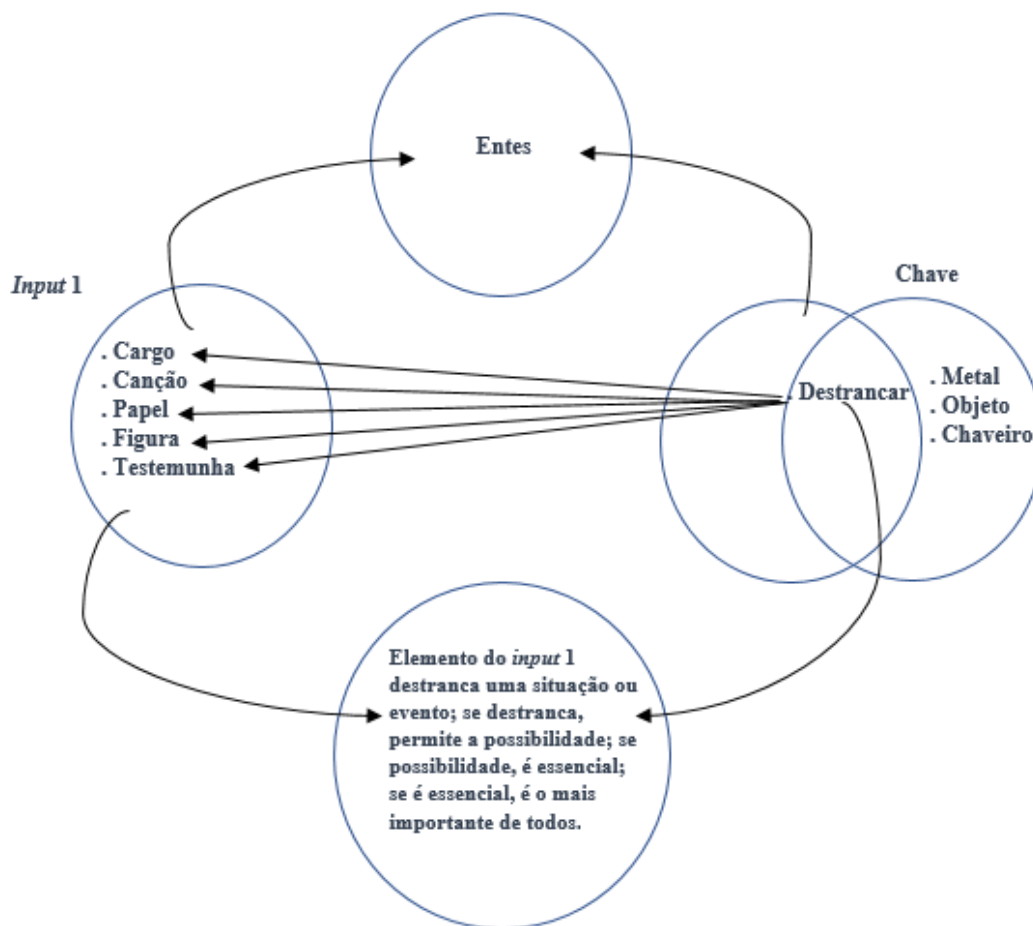


Imagem 75: Modelo genérico de construção semântica de neologismos de subpadrão *X-chave*

Por se tratar de esquema construcional já integrado ao sistema linguístico do português brasileiro, atua sobre toda essa rede de projeções o princípio de preservação estrutural, denominado por Lakoff (1989), Hipótese da Invariância, de que já tratamos largamente nas seções anteriores. Por já ter em seu sistema linguístico-cognitivo a estrutura construcional semântica e formal de composições nominais *X-chave*, o falante é capaz de produzir, em série e de modo automático, neologismos segundo esse modelo. Toda a rede projetiva esmiuçada acima, que constrói o significado dessas unidades lexicais neológicas, já está, por assim dizer, assentada na língua, de modo que o falante não sente qualquer dificuldade para interpretar o significado desses neologismos nem para criá-los em situações de comunicação que assim o exijam. Isso ajuda a explicar a considerável produtividade do esquema construcional *X-chave* no *corpus* que tomamos para análise.

Importante destacar a força imagética intensificadora proporcionada pelo esquema metafórico. De certo modo, ao concretizar as noções abstratas de “essencialidade” e “primazia” na imagem de uma chave, o falante intensifica seus efeitos. Dizer, assim, que uma figura é chave de uma situação parece ter mais força expressiva e intensificadora que simplesmente afirmar que essa mesma figura é essencial.

5.3.2. Compostos neológicos de subpadrão *X-chefe*

Recolhemos 15 unidades lexicais neológicas compostas de subpadrão *X-chefe*. Em nosso *corpus*, esse modelo construcional de composição nominal é, portanto, o segundo mais produtivo. Todos os neologismos instanciados por ele denominam funções profissionais as mais diversas. Em ordem alfabética, são eles: *arauto-chefe*, *assessor-chefe*, *cientista-chefe*, *cirurgião-chefe*, *delegado-chefe*, *economista-chefe*, *editor-chefe*, *executivo-chefe*, *médico-chefe*, *ministro-chefe*, *negociador-chefe*, *pesquisador-chefe*, *procurador-chefe*, *redator-chefe* e *treinador-chefe*¹¹⁹.

Diferentemente dos neologismos analisados na seção anterior, os que apresentam recorrentemente o elemento *-chefe* em segunda posição não são metafóricos e designam indivíduos que ocupam, na hierarquia própria de sua profissão/ocupação, o posto de liderança. Um *assessor-chefe* pode ser entendido como o principal entre os assessores. O *editor-chefe* de uma revista é o responsável por todos os editores desse veículo. O *médico-*

¹¹⁹ Para a leitura dos contextos completos, consultar Anexo 3.

chefe coordena a equipe médica de um hospital e responde por ela. O *pesquisador-chefe* é o diretor e coordenador do projeto de pesquisa, e assim por diante.

Curioso notar que esses profissionais são referenciados como chefes e não líderes. Apesar de comumente compreendidos como sinônimos, chefe e líder não são lexias comutáveis em todos os contextos. Chefe evoca, culturalmente, não apenas noção de liderança, mas também de mando. O chefe lidera ordenando e sendo obedecido. De certo modo, essa unidade léxica remete a um esquema fabril de comando sob mãos de ferro. Apesar de as ocupações denotadas pelas composições neológicas *X-chefe* não atualizarem, necessariamente, essas noções de significado, a preferência do português brasileiro por chefe e não líder parece ecoar, na própria estrutura semântica da língua, as construções socioculturais que permeiam, historicamente, as relações profissionais em nosso país. Tristemente, o histórico de abusos e violência que caracteriza a dimensão laboral no Brasil faz com que o indivíduo que ocupa uma posição hierárquica superiora seja nomeado e entendido como chefe, uma figura de mando, que ordena e fiscaliza, e não como um igual que assume a função de liderar a execução do trabalho.

Na estruturação semântica dos neologismos *X-chefe*, portanto, percebe-se que, muitas vezes, à revelia da própria atuação democrática e exemplar do indivíduo referenciado pela unidade lexical neológica, subsistem, na palavra, as noções de mando e poder, culturalmente construídas ao longo do tempo, evocadas pelo segundo elemento do composto.

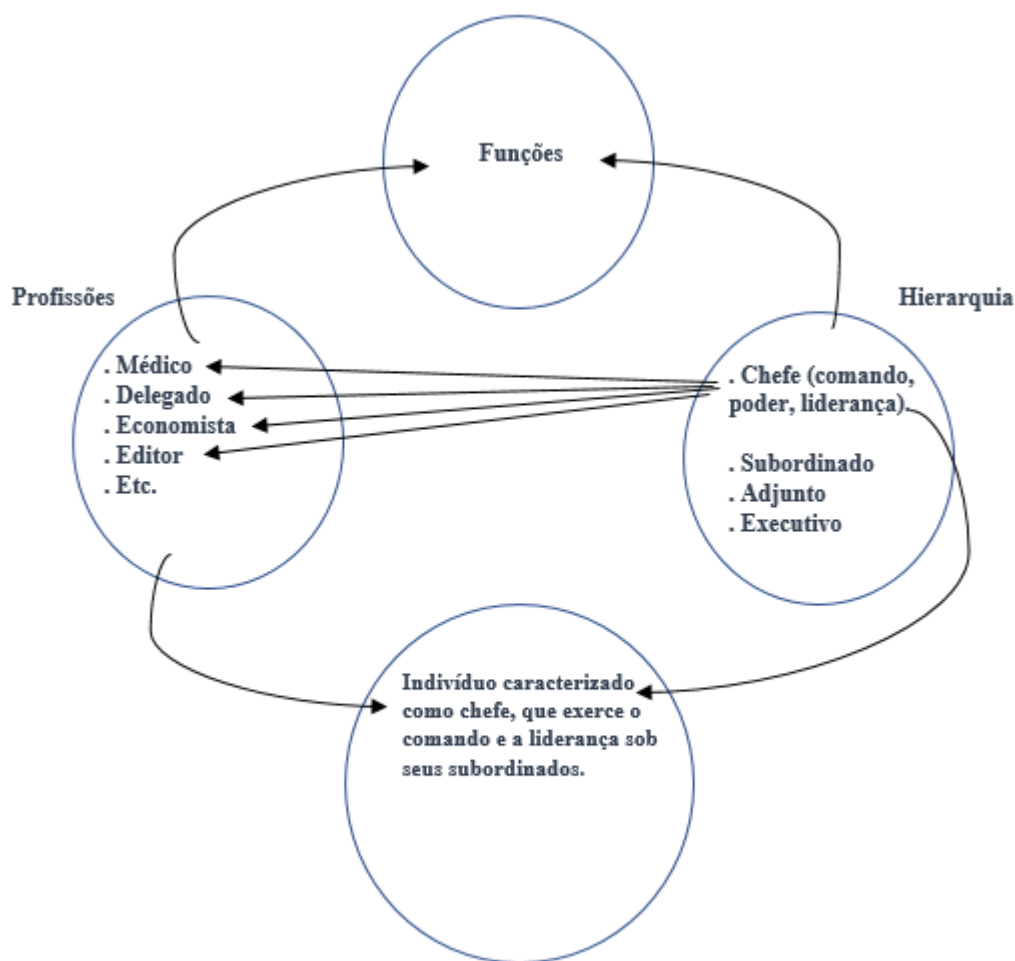


Imagem 76: Modelo genérico de construção semântica de neologismos de subpadrão *X-chefe*

Ainda sobre esse subpadrão de composição nominal, chama-nos a atenção o fato de, apesar de não ostensivamente metafórico, ter ele revelado notável potencial produtivo no *corpus* que analisamos. Acreditamos que isso se deva não só à nítida figuração imagética do chefe em nossa sociedade, de que tratamos acima, mas também às próprias exigências profissionais de nosso tempo. A busca pela excelência do produto final do trabalho, dentro da lógica competitiva do capitalismo, leva, segundo entendemos, à necessidade de divisão do processo produtivo, permitindo o despontar de várias figuras que atuam nele em conjunto (assistente, adjunto, executivo, subchefe, chefe etc.) para garantir a satisfação daqueles a quem o trabalho desempenhado se destina (clientes e empresários). Complexificam-se as relações profissionais; materializam-se na língua padrões construcionais que deem conta de expressar essas mudanças.

5.3.3. Compostos neológicos subpadrão *bolsa-X*

Foram recolhidas do *corpus* 13 unidades léxicas neológicas compostas em que o elemento *bolsa* apareceu fixamente na primeira posição do composto: *bolsa-atleta*, *bolsa-auxílio*, *bolsa-bandidagem*, *bolsa-banqueiro*, *bolsa-escola*, *bolsa-esmola*, *bolsa-família*, *bolsa-internet*, *bolsa-Panicat*, *bolsa-preservação*, *bolsa-prostituta*, *bolsa-recomeço* e *bolsa-Venezuela*¹²⁰.

Em português, afirma Batoréo (2010), a palavra *bolsa* pode significar tanto o continente, onde, comumente, levam-se objetos de valor, como o dinheiro, quanto o conteúdo. Assim, por exemplo, em “*bolsa de estudos*”, sintagma lexicalizado já registrado nos dicionários da língua comum, a palavra *bolsa* constrói seu significado por via metonímica, já que o continente passa a significar o conteúdo: *bolsa* é, portanto, uma quantia financeira oferecida a estudantes de baixa renda para que concluam seus estudos. Essa noção de auxílio financeiro é, justamente, a que verificamos em todos nos neologismos acima transcritos.

A proficuidade dos neologismos *bolsa-X* no *corpus*, em nosso entender, explica-se pelas próprias características da situação político-social do Brasil no período cronológico em que os textos foram escritos (2014 a 2017). De 2003 a 2016, o governo federal brasileiro esteve sob o comando do Partido dos Trabalhadores, que implementou políticas voltadas ao auxílio aos mais necessitados por meio de programas de transferência de renda, como o Bolsa-Família, instituído ainda em 2003, em substituição ao breve Bolsa-Escola (2001), do governo FHC. A partir de então, o auxílio financeiro governamental à população passou a fazer parte da ordem do dia dos brasileiros e da mentalidade de todos no país. Acreditamos, nesse sentido, que a composição nominal justaposta *Bolsa-família*, por ter sido muito divulgada pela imprensa, caindo rapidamente no gosto popular, instanciou os demais neologismos verificados, instaurando, no português brasileiro, um novo subpadrão construcional, diferente do que permitiu a criação de lexias mais antigas com *bolsa*, como *bolsa de estudos*.

Para a construção semântica das unidades lexicais neológicas *bolsa-X*, o *input 2* projeta-se sobre o primeiro definindo ou o grupo destinatário (*bolsa-família*, *bolsa-atleta*, *bolsa-prostituta* etc.), ou o objetivo do auxílio financeiro em questão (*bolsa-escola*, *bolsa-auxílio*, *bolsa-preservação*, *bolsa-internet* etc.). Genericamente, temos, portanto, o seguinte esquema construcional:

¹²⁰ Para leitura dos contextos completos em que foram empregadas essas unidades léxicas, consultar o Anexo 4.

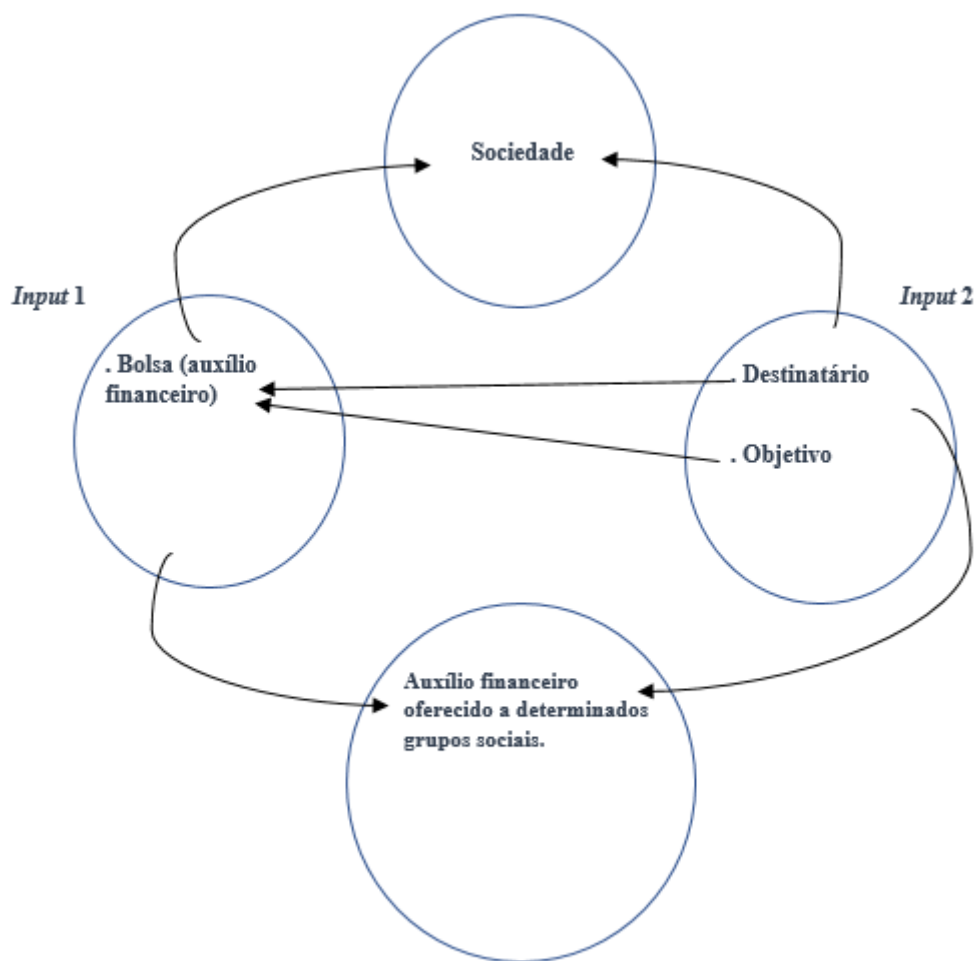


Imagem 77: Modelo genérico de construção semântica de neologismos de subpadrão *bolsa-X*

Apesar do modelo genérico acima esboçado, nota-se interessante diversidade semântico-pragmática entre os neologismos recolhidos.

Primeiramente, nem todos eles denotam, de fato, auxílios do governo brasileiro a grupos específicos. Entre eles, destacam-se os que evidenciam críticas às políticas assistencialistas e, por extensão, a toda a concepção ideológica do Partido dos Trabalhadores e os que nomeiam boatos largamente espalhados durante os anos do PT no poder. Nesse sentido, os contextos de *bolsa-bandidagem*, *bolsa-banqueiro* e *bolsa-prostituta* são bastante ilustrativos.

Bolsa-bandidagem e *bolsa-prostituta* nomeiam supostos auxílios que o governo petista teria a intenção de instituir, destinados, respectivamente, aos presidiários e às garotas de programa. Obviamente, essas bolsas jamais existiram, sendo frutos imaginários de árdua campanha contrária de adversários do PT, e a própria escolha lexical dos pretensos destinatários das bolsas é eivada de preconceito. Bandidagem e prostituta são palavras que evocam imagética estruturada na clandestinidade e na estigmatização

desses grupos, os quais a direita mais reacionária sempre quis associar, pejorativamente, aos membros da esquerda política, no intuito de desqualificá-la.

Bolsa-banqueiro, por sua vez, marca uma crítica feita pela então presidente Marina Silva à presidenta Dilma Rousseff: o governo estaria gastando demais os recursos públicos para o pagamento dos juros da dívida pública aos bancos. A construção cognitiva, aqui, é bastante interessante: ora, se o governo petista, na cultura popular que se criou, resume-se a distribuir dinheiro público, irresponsavelmente, na forma de bolsas, o pagamento dos juros da dívida pública aos bancos associa-se à imagética assistencialista e esbanjadora construída e é entendido (proposital e criticamente, claro) como uma das várias bolsas governamentais, esta, porém, destinada, definitivamente, a quem dela não precisa: os banqueiros. Esquemáticamente, temos:

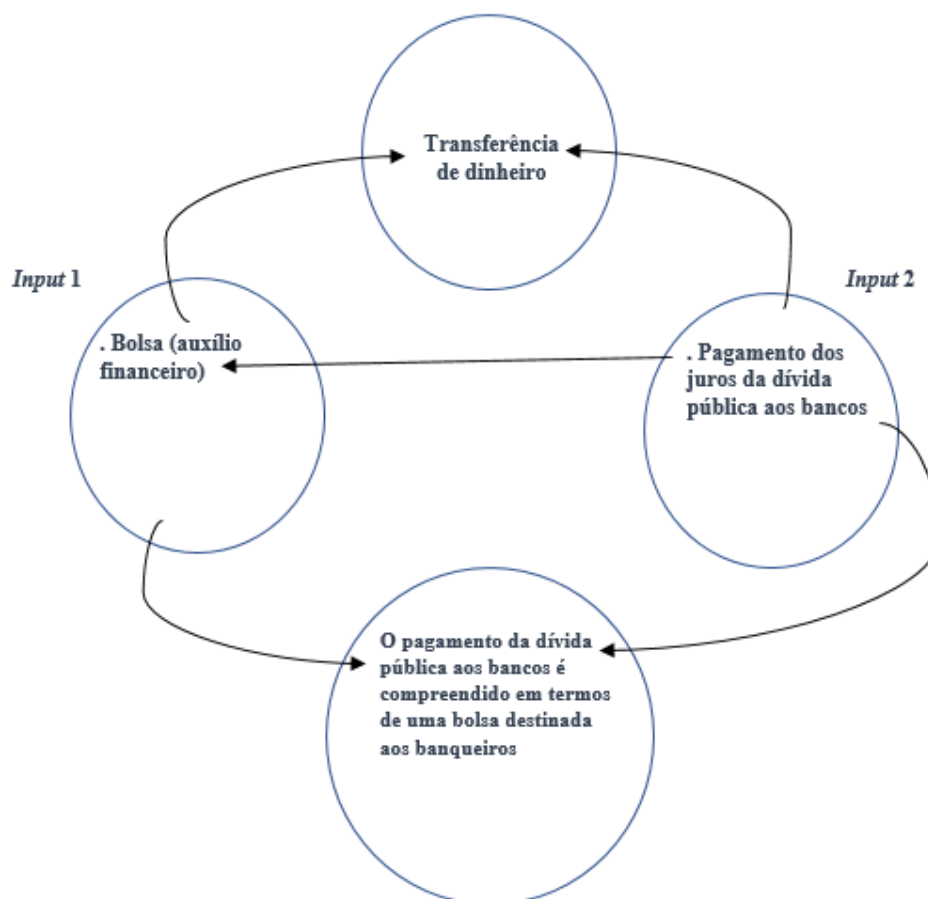


Imagem 78: Modelo de construção semântica do neologismo *bolsa-banqueiro*

Bolsa-esmola é outro neologismo crítico ao governo federal e às suas políticas de distribuição de renda. A palavra *esmola* evoca, cognitivamente, a imagem de moradores de rua estendendo suas mãos para o recebimento de migalhas insignificativas de

indivíduos abastados, os quais, de fato, não se preocupam com a situação dos pedintes, senão com seu próprio *status* de caridosos. A lexia composta *bolsa-esmola* projeta-se diretamente sobre *bolsa-família* e essa última passa a ser entendida como uma esmola do arrogante governo federal: o valor é insignificante para a manutenção de qualquer vida digna às famílias; o governo federal, na condição de abastado, oferta ao povo quantia irrisória apenas para impressioná-lo, com o eleitoreiro objetivo de autopromover-se. Esquemáticamente, temos:

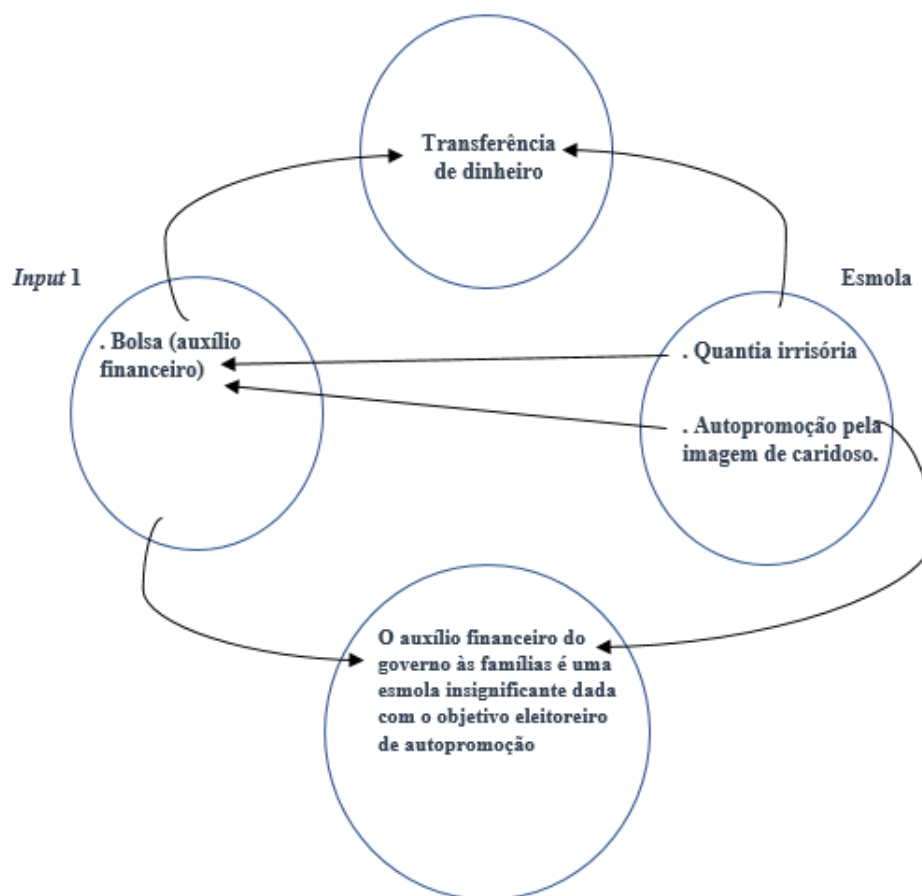


Imagem 79: Modelo de construção semântica do neologismo *bolsa-esmola*

Em *bolsa-Panicat*, o contexto nos informa que o auxílio financeiro em questão não é da parte do governo destinado às assistentes de palco do extinto programa Pânico na TV, as *Panicats*, mas de empresários a políticos em troca de favores. A tal *bolsa-Panicat* seria uma ajuda de custo para que parlamentares contratem garotas de programa famosas como contrapartida a favorecimentos ilícitos de empreiteiras em obras públicas.

Interessante é a associação feita entre a imagem de uma *Panicat* e a de uma garota de programa. Normalmente, as assistentes de palco do Pânico na TV eram moças jovens,

bonitas, trajadas com roupas curtas, elevadas à posição de símbolos sexuais para o universo masculino, cujos trejeitos de fala e as danças sensuais reforçavam esse estereótipo. Toda essa estrutura imagética criada em torno dessas moças é, mentalmente, associada à de garotas de programa, que passam, na construção do neologismo, a serem entendidas como Panicats.

Finalmente, *bolsa-Venezuela* nomeia uma crítica feita pelo autor do blogue aos gastos (na visão dele, excessivos) que o nosso país vizinho mantém com programas de assistência social, à semelhança do Brasil. A nota de excesso constrói-se pela própria utilização do substantivo próprio como segundo membro do composto: é a toda a Venezuela que se destina a bolsa, ou seja, o governo, na visão neoliberal do blogueiro, sustenta financeiramente o país todo, com sérios prejuízos à economia. São tantos os auxílios governamentais que é possível, em seu entender, concentrá-los todos em uma grande bolsa oferecida ao país como um todo. Obviamente, o emprego do subpadrão *bolsa-X* para a materialização lexical da crítica política não é ingênuo, pois aproxima Brasil e Venezuela, que, para o autor do texto, regem-se pelos mesmos princípios de excesso com gastos sociais.

5.3.4. Compostos neológicos de subpadrão *X-fantasma*

12 neologismos compostos formaram-se, no *corpus*, pelo subpadrão *X-fantasma*: *assessor-fantasma*, *biblioteca-fantasma*, *conselho-fantasma*, *corredor-fantasma*, *empregado-fantasma*, *estatal-fantasma*, *funcionário-fantasma*, *jornal-fantasma*, *laboratório-fantasma*, *locomotiva-fantasma*, *situação-fantasma* e *sócio-fantasma*.¹²¹

A maioria deles é empregada em contextos de corrupção, desvio ou lavagem de dinheiro no meio político-empresarial. A única exceção é *corredor-fantasma*, cujo texto nos informa tratar-se de um corredor virtual, isto é, de um holograma projetado para correr ao lado de corredores reais.

A construção semântica de neologismos *X-fantasma* chama-nos bastante a atenção. Nós, falantes nativos do português brasileiro, temos estruturado, em nosso sistema linguístico-cognitivo, o subpadrão composicional em questão, o que faz com que não tenhamos muitos problemas em identificar o elemento fantasma como indicador de

¹²¹ Os contextos em que essas unidades lexicais neológicas foram empregadas podem ser verificados no Anexo 3.

virtualidade, tanto em contextos em que ela é criminosa, quanto naqueles onde é fruto do desenvolvimento tecnológico.

A princípio, contudo, para um indivíduo não nativo do português brasileiro, as composições *X-fantasma* poderiam evocar contextos ligados ao sobrenatural. Um assessor que é, ao mesmo tempo, um fantasma poderia assombrar alguma mansão abandonada das histórias de horror, auxiliando o chefe do local a afugentar bisbilhoteiros. Uma *biblioteca-fantasma* ou uma *locomotiva-fantasma* poderiam ser, respectivamente, uma biblioteca mal-assombrada e uma locomotiva velha que se desloca sozinha pelos trilhos, assustando a quem visse a insólita cena. Em verdade, poder-se-ia imaginar todos esses neologismos, em virtude da presença da palavra fantasma, em contextos de mistério e sobrenatural.

Obviamente, aqui, o que nos impede de interpretá-los dessa forma são os contextos reais de uso dessas unidades lexicais, nos quais não há espaço para qualquer notação de terror sobrenatural. O horror, na vida real, é o desvio de milhões (e até bilhões) dos cofres públicos para indivíduos / empresas / empreitadas destinadas unicamente a esse fim. Isso, mais uma vez, evidencia que a estruturação semântica das unidades lexicais depende tanto de mecanismos internos, como as operações metalinguísticas de projeção entre domínios, quanto de fatores externos contextuais. Por se tratar de um subpadrão de composição nominal estruturado no sistema, ou seja, no qual já ocorreu o pareamento forma-significado como resultado da comparação analógica entre variadas unidades lexicais criadas por esse modelo, a tendência parece ser a de não-variância formal, semântica e pragmática. Isso ajuda a explicar por que a esmagadora maioria dos contextos em que *X-fantasma* é empregado denominam ações, empresas ou indivíduos corruptos.

Para a construção semântica desse subpadrão, a projeção de natureza metafórica entre domínios desempenhou papel primordial. Como dissemos acima, a *lexia fantasma* é, normalmente, de domínio ligado ao sobrenatural. O fantasma é, pois, um dos elementos que figuram nas histórias e lendas que se contam sobre aparições, objetos que se movem, vozes do além etc. Imageticamente, o fantasma é um ente sem forma definida (nas histórias infantis é um lençol branco flutuante). Além disso, por ser uma aparição, é possível ver através dele. O fantasma, ainda, não tem concretude, pois atravessa objetos sólidos e, inversamente, objetos sólidos podem atravessá-lo. Ora, um ser sem forma, transparente e que atravessa a matéria não pode ter, de fato, existência: ele está e não está ali ao mesmo tempo; ele tem, da realidade, apenas a aparência. É, nos termos da

tecnologia computacional, uma virtualidade, um holograma que não faz parte do mundo material, concreto e real.

É, pois, justamente isso que se projeta, cognitivamente, do segundo *input* sobre o primeiro. Quaisquer noções de “milagre”, “sobrenatural”, “terror”, “morte”, “cemitério” etc. não têm contraparte no primeiro *input*. Apenas as ideias de “virtualidade” e “inexistência” subsistem em fantasma. Metonimicamente, portanto, a propriedade “ser virtual” assume o lugar de toda a categoria fantasma.

Esquemáticamente, temos:

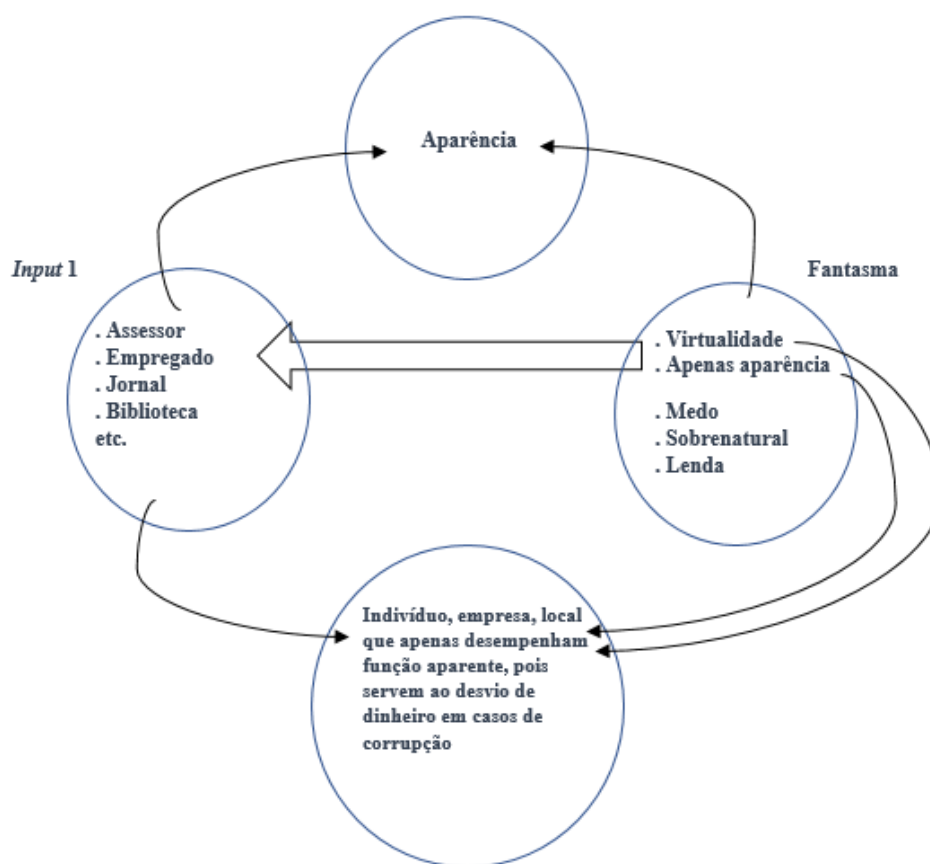


Imagem 80: Modelo genérico de construção semântica de neologismos do subpadrão *X-fantasma*

Ao ser empregado para nomear funcionários, assessores, sócios, locais e empresas destinadas a ações ilícitas de desvio de dinheiro, o subpadrão *X-fantasma* coloca em destaque justamente o seu caráter de falsidade e inexistência: um *funcionário-fantasma* é um funcionário irreal. Dele, só existem as aparências: registro, nome, endereço etc., mas não há concretude material: o nome é falso, o registro é ilícito, o endereço é inexistente. Ele é uma virtualidade para a qual são destinadas quantias volumosas em dinheiro que se deseja lavar. Do mesmo modo, uma *biblioteca-fantasma* só tem, de biblioteca, o nome: o

prédio está vazio, sem uso, sem livros, sem nada que configure uma biblioteca, a não ser a verba destinada à sua manutenção, embolsada por um agente da corrupção política.

Nota-se, aqui, fortemente, a importância da metáfora para a construção dos significados lexicais. Por certo, um *empregado-fantasma* poderia ser denominado como “empregado inexistente”, “empregado virtual”, ou “pseudo-empregado”, isto é, não seria necessário recorrer, a princípio, ao modelo de composição *X-fantasma*. Contudo, a força imagética evocada pela ideia do fantasma reforça justamente o caráter de virtualidade das situações de corrupção. Para que o esquema de corrupção subsista, é necessário que ele tenha uma aparência de real. Que elemento imageticamente construído na cultura evoca com maior clareza essa noção de aparência senão o fantasma? Empregado inexistente não existe. Empregado virtual pode existir também no ambiente online do computador, atuando, porém, na realidade. Pseudo-empregado é um empregado falso, mas pode ser alguém que desempenha outra função na empresa, um patrão que se finja de empregado, por exemplo. Apenas o *empregado-fantasma* materializa exatamente a noção de alguém virtual, cujas aparências, no entanto, são reais, mas que não está de fato lá, é uma “aparição”, uma “ilusão dos sentidos”: todos juram que viram, mas, quando se investiga, descobre-se apenas o vazio.

5.3.5. Compostos neológicos de subpadrão *homem-X*

Foram recolhidos, no *corpus*, 11 unidades lexicais neológicas formadas por subpadrão *homem-X*, a saber: *homem-árvore*, *homem-bomba*, *homem-bouquet*, *homem-cartaz*, *homem-flexa* (sic), *homem-homem*, *homem-hortinha*, *homem-Monet*, *homem-monstro*, *homem-roubada* e *homem-teste*.¹²² O neologismo *homem-homem* já foi analisado ao final da seção 5.2, razão por que a ele não retornaremos.

A palavra *homem*, na língua portuguesa, pode significar tanto o ser humano adulto do sexo masculino quanto, metonimicamente, a espécie humana *homo sapiens sapiens* como um todo. Nas composições neológicas *homem-árvore*, *homem-bomba*, *homem-bouquet*, *homem-cartaz*, *homem-flexa* (sic), *homem-homem*, *homem-hortinha*, *homem-Monet*, *homem-monstro* e *homem-roubada*, o primeiro elemento, nos contextos, designa, obrigatoriamente, o indivíduo do sexo masculino e os compostos nomeiam, algumas vezes satiricamente, tipos de homens na visão dos autores dos textos. São, portanto,

¹²² Os contextos em que esses neologismos foram empregados podem ser acessados em Anexo 4.

hipônimos do hiperônimo homem. Já em *homem-teste*, o ser designado é um indivíduo humano, não necessariamente do sexo masculino.

Alguns desses neologismos já se integraram perfeitamente à nossa cultura, como *homem-bomba*¹²³, por exemplo, que denomina um homem que, por motivos de fanatismo político-religioso, amarra explosivos no próprio corpo e os detona em determinados locais, suicidando-se e, ao mesmo tempo, levando consigo a vida de várias pessoas. Este ser é, literalmente, um homem que se transforma em bomba. Gonçalves (2016a, p. 55) reconhece outras unidades lexicais criadas em analogia a *homem-bomba*: *bueiro-bomba*, *carta-bomba*, *avião-bomba*, *bilhete-bomba*, entre outros. Em todas elas, o primeiro elemento transforma-se em explosivo em contextos de ataques terroristas. Em nosso *corpus*, além de *homem-bomba*, recolhemos a composição neológica *van-bomba*, veículo que explode no contexto de ataques terroristas ocorridos no Oriente Médio.

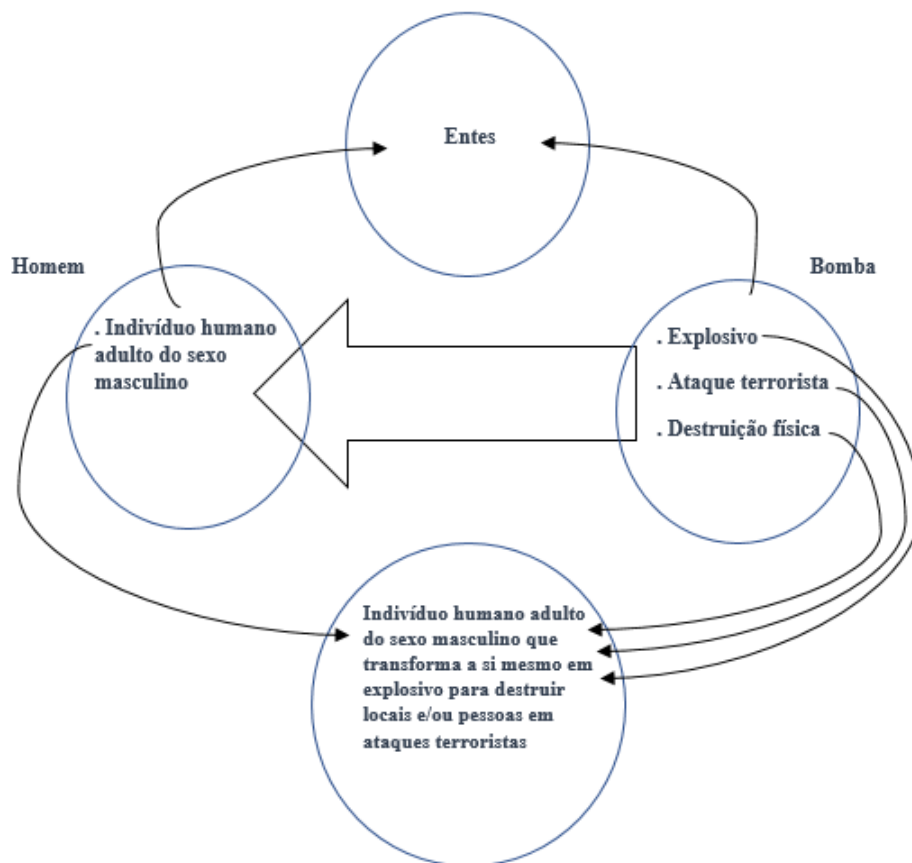


Imagem 81: Modelo de construção semântica do neologismo *homem-bomba*

¹²³ Apesar de formar-se com o segundo elemento *-bomba*, este neologismo não é instanciado a partir do subpadrão *X-bomba*, que será analisado em 5.3.10., já que, aqui, o segundo membro do composto não apresenta sentido metafórico, por se tratar, literalmente, de um explosivo.

Em *homem-cartaz*, o contexto nos revela que, ao projetar-se sobre o primeiro *input*, cartaz transforma o elemento humano masculino em um suporte, apresentando, inclusive, segundo afirma o autor do texto, a característica principal do suporte: a imobilidade. Todo cartaz precisa ser pendurado em alguma coisa: parede, *outdoor*, porta, janela etc. No contexto, o cartaz em questão é pendurado nos homens. Esquemáticamente, do *input 2*, projeta-se sobre o 1 o elemento “suporte imóvel” e para o espaço-mescla são projetadas também as outras características do cartaz: “propaganda”, “visualidade”, “material específico” etc.

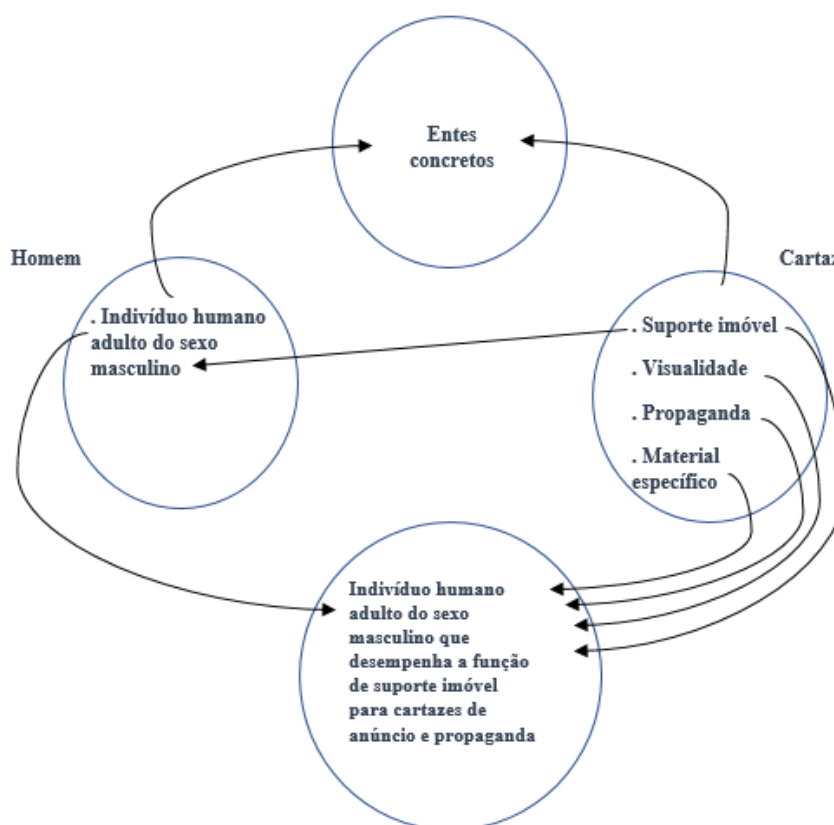


Imagem 82: Modelo de construção semântica do neologismo *homem-cartaz*

Homem-árvore é uma composição nominal neológica que designa um *doodle* (animação virtual) específico colocado no site da Google: um *homem-árvore* dançante, homenagem da Google para a abertura da Copa do Mundo Fifa 2014, que ocorreu no Brasil e teve, como um dos espetáculos, um homem vestido de árvore (lembrando a exuberante flora brasileira) que desempenhava coreografias artísticas. Do *input 2*, árvore, sobre o *input 1*, homem, projetam-se as noções de “aparência” e “formato”, ao passo que outros aspectos de uma árvore real, como “reino vegetal”, “imobilidade”, “selva” etc. não foram selecionados para projeção por não se estruturarem no primeiro *input*. Esquemáticamente, temos:

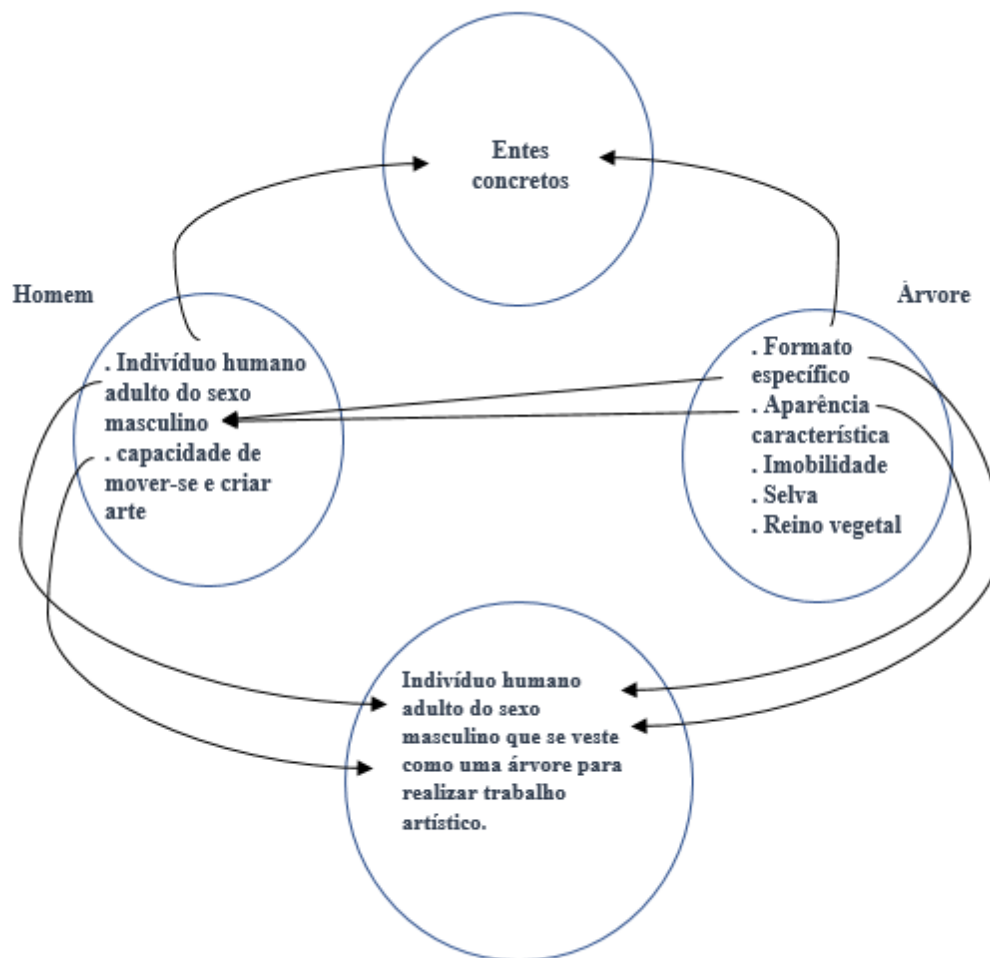


Imagem 83: Modelo de construção semântica do neologismo *homem-árvore*

Outros neologismos, ainda mais satíricos e metafóricos, são *homem-bouquet*, *homem-Monet*, *homem-hortinha*, *homem-flexa* (sic) e *homem-roubada*.

De acordo com a definição do próprio contexto, um *homem-bouquet* é um “cara que arrota conhecimento de vinhos finos”. A unidade lexical “bouquet”, segundo o *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa* (2009), designa o aroma característico de vinhos tintos envelhecidos que, na cultura, são os mais apreciados e os que mais caro custam ao consumidor da iguaria. Um *homem-bouquet*, portanto, é um indivíduo que se quer refinado para impressionar as mulheres. Nesse sentido, não é de estranhar que a grafia escolhida pelo autor da composição seja a francesa – *bouquet* – e não a forma portuguesa já consolidada e presente nas obras lexicais – “buquê”-, o que colabora para evocar um esquema imagético de refinamento e sedução, satiricamente associado, no Brasil, à cultura francesa.

Importante notar ainda que bouquet (ou buquê) é uma característica específica de um determinado tipo de vinho, o tinto, estabelecendo, contudo, aqui, relação metonímica

com ele: o buquê passa a significar o próprio vinho e um indivíduo que demonstra conhecer uma enorme variedade de vinhos para impressionar o sexo oposto não é um *homem-vinho*, mas um *homem-bouquet*. Essa especificidade materializada pela metonímia ajuda a construir o tom de sátira do neologismo em questão: assim como o bouquet é um aroma circunscrito a determinados vinhos em condições específicas, um *homem-bouquet* não é um indivíduo que se encontre em qualquer lugar, mas uma criatura (quase) única, pelo menos em seu próprio entender.

Do *input* 2, projetam-se sobre o primeiro, portanto, as noções de “refinamento” e “sedução”, deixando de lado, porém, outras características culturais do vinho, como seu uso em rituais religiosos, por exemplo. Além disso, do mesmo modo, não se projetam aspectos físicos da bebida, como “liquidez”, “cor característica” etc., os quais não encontram espaço para estruturarem-se no primeiro *input*.

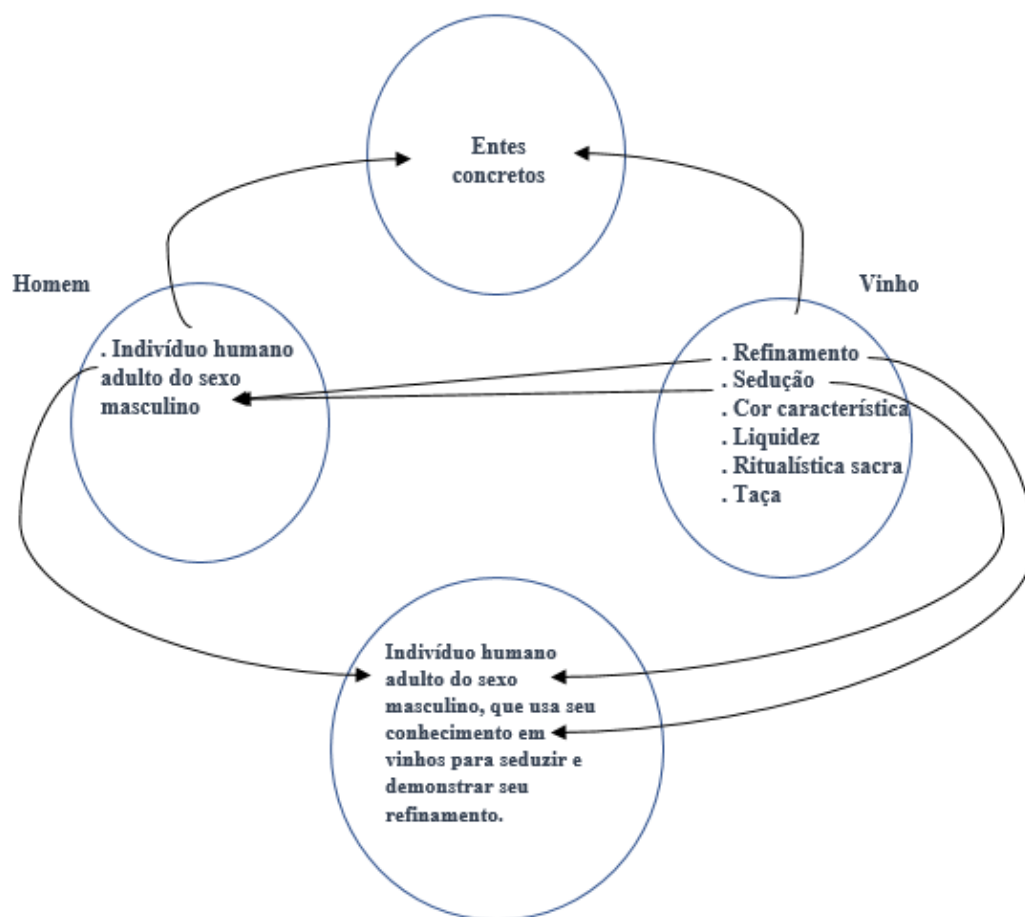


Imagem 84: Modelo de construção semântica do neologismo *homem-bouquet*

Em *homem-Monet*, o indivíduo designado pela composição neológica metafórica também deseja atrair o sexo oposto. Curiosa, no entanto, é a evocação de Monet para a

formação do neologismo: o que o famoso pintor francês Oscar-Claude Monet tem a ver com a ideia de atrair mulheres? Seria o *homem-Monet* um especialista em arte, tal como o *homem-bouquet* é um amplo conhecedor de vinhos, que utiliza sua erudição para seduzir? O contexto em que a composição foi empregada, porém, parece sugerir que a intenção do autor da unidade lexical é bem diversa.

É de amplo conhecimento geral que Monet foi o maior representante, no final século XIX, de uma tendência artística na pintura denominada Impressionismo. A relação, portanto, entre Monet e o Impressionismo é de ordem metonímica: o pintor passa a representar a tendência como um todo. Os artistas dessa escola não se preocupavam com o retrato realista de pessoas, objetos e paisagens, mas, ao tentar captar os efeitos de luz e sombra sobre eles, objetivavam materializar, nos quadros, as impressões (e ilusões) visuais que esses efeitos tinham a seus olhos.

Mas o que isso revela acerca do *homem-Monet*? O próprio contexto de surgimento do neologismo informa que, “quando um macho está a fim, vira um verdadeiro *homem-Monet*, o impressionista-mor”. Ora, o autor da composição neológica está, na verdade, brincando, humoristicamente, com a polissemia evocada pela lexia “impressionista”. Tentemos acompanhar seu raciocínio.

O homem desejoso de conquistar o sexo oposto é designado como um “impressionista”, já que lança mão de vários artifícios para impressionar as mulheres; a unidade lexical “impressionista”, recuperada pelo autor do texto no sentido de “causar impressão”, evoca, porém, o domínio cognitivo “Impressionismo Artístico” e o seu principal representante: Monet. Assim como Monet impressionou o mundo por captar artisticamente as impressões (a redundância é, aqui, necessária) da luz e da sombra sobre os objetos, o homem apaixonado utiliza os meios à sua disposição para impressionar as mulheres, captando-lhes a atenção.

Esquemáticamente, “impressionista” projeta-se sobre “indivíduo humano adulto do sexo masculino” e “captar as impressões” projeta-se sobre “conquistar as mulheres”:

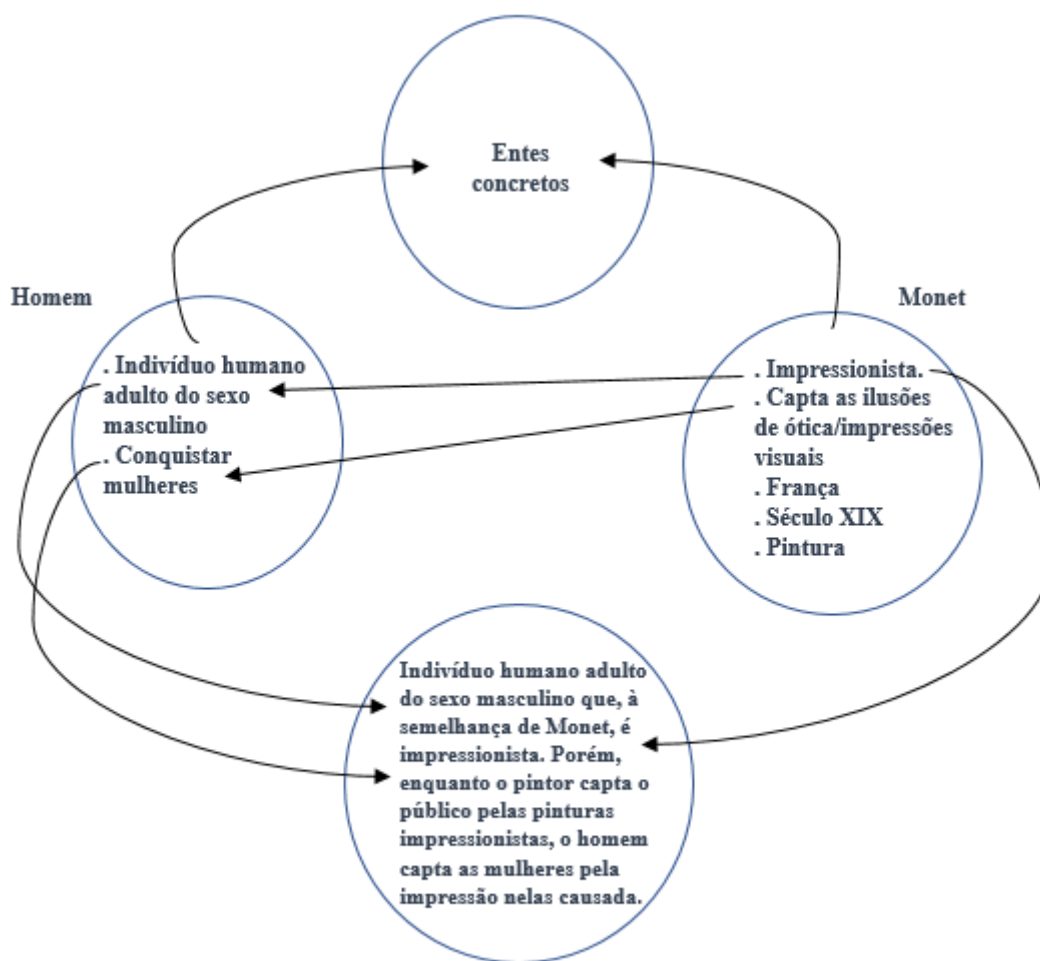


Imagem 85: Modelo de construção semântica do neologismo *homem-Monet*

Em *homem-hortinha*, o indivíduo masculino é metaforicamente caracterizado em termos de um determinado tipo de plantação, a horta caseira, que tem se tornado cada vez mais comum, mesmo nas grandes cidades, tanto como forma de proteção individual contra o uso indiscriminado de agrotóxicos, quanto como alternativa à compra de produtos orgânicos, normalmente muito mais caros que os demais. Cultivar hortas caseiras para consumo doméstico é uma tendência que ressalta a busca contemporânea por um estilo de vida mais saudável.

De acordo com o contexto, o *homem-hortinha* é aquele que “se orgulha de usar temperos cultivados no próprio quintal”. Longe, contudo, de aprovar semelhante atitude como exemplo de preservação da saúde a ser seguido, o autor do neologismo a encara como “afetação”. O tom satírico manifesta-se, formalmente, pelo emprego do sufixo diminutivo *-inh(a)*: o homem afetado, que se orgulha de cultivar os próprios temperos, não é um *homem-horta*, mas um *homem-hortinha*.

Semanticamente, do *input 2*, plantação, projeta-se sobre o *input 1* a noção “horta”. Para o espaço-mescla, são projetadas, além de “horta”, as noções de “cultivo”, “alimento” e “vegetais”, a partir do segundo domínio. Criativamente, na mescla, forma-se uma estrutura semântica que designa o homem que, por ocupar-se primordialmente em plantar alimentos em casa, é, por isso mesmo, metaforicamente, compreendido em termos da plantação que realiza, a hortinha caseira.

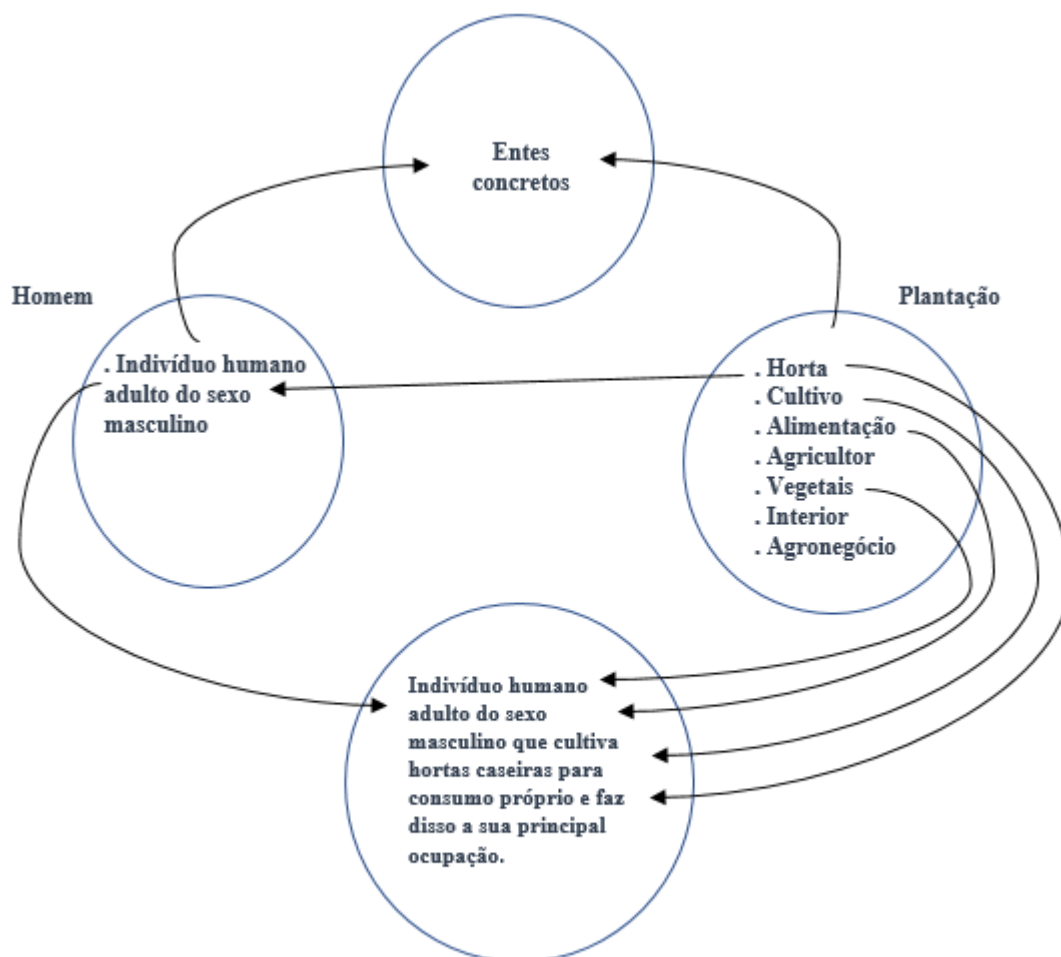


Imagem 86: Modelo de construção semântica do neologismo *homem-hortinha*

De acordo com o contexto, o *homem-flexa* (sic), imediatamente ao término do ato sexual, dirige-se correndo ao banheiro para a devida assepsia corporal. A flecha, ao ser disparada pelo arco, atinge rapidamente o alvo. O homem que corre ao banheiro após o sexo é, metaforicamente, essa flecha atirada rumo a um alvo, no caso em questão, a própria higienização dos órgãos íntimos.

Do *input 2*, “flecha”, projeta-se, portanto, sobre “homem” e sobre o espaço-mescla apenas a ideia de “rapidez para atingir o alvo”, deixando de lado outras noções evocadas por esse domínio, como “época medieval”, “guerra”, “morte” etc.

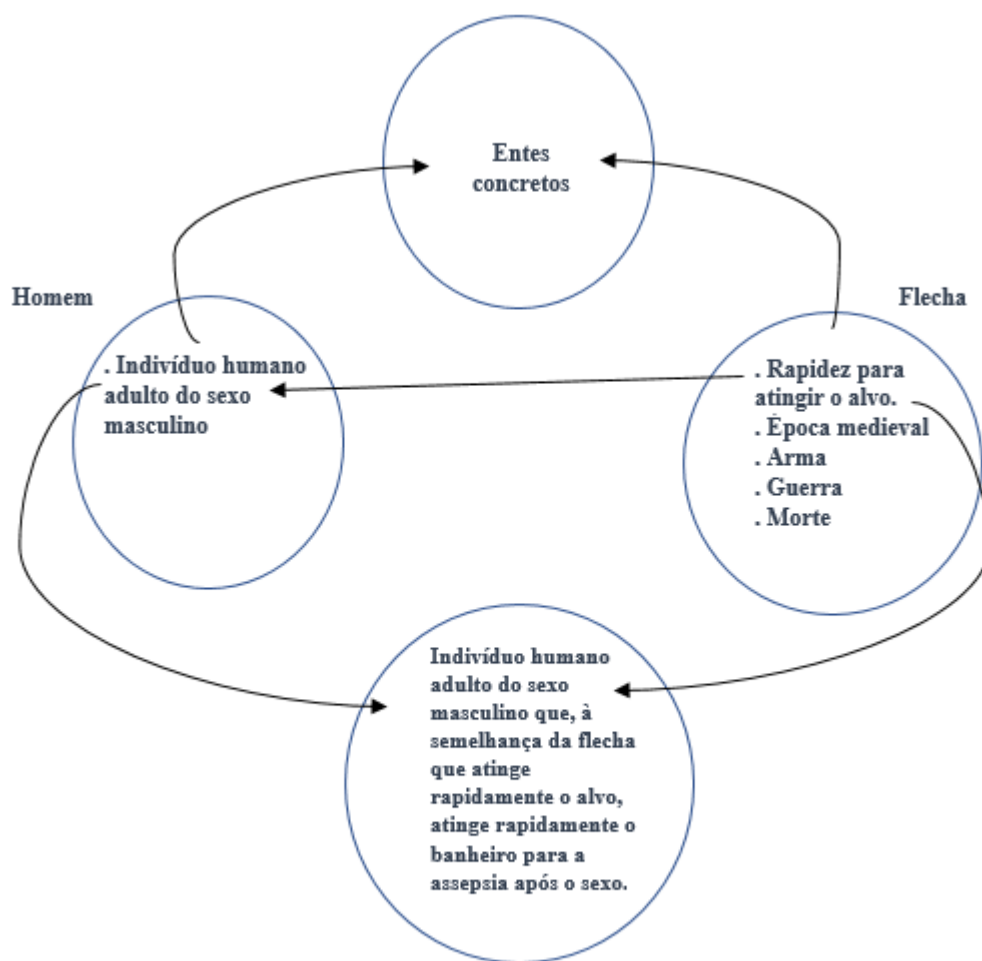


Imagem 87: Modelo de construção semântica do neologismo *homem-flecha*

Outro tipo de indivíduo masculino descrito no *corpus* é o *homem-roubada*. A lexia *roubada*, segundo o *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa* (2009), é de uso informal e significa “o que frustra”. A obra lexicográfica informa, ainda, que *roubada* é forma substantival, sendo o feminino do adjetivo participial “roubado”.

Roubar remete à ideia de subtração ilegal de objeto, causando dano àquele a quem foi subtraído o artefato. Por extensão metafórica do significado, *roubada* pode evocar, pois, noções negativas como “algo desagradável”, “algo perigoso”, “algo desconfortável”, “o que frustra”, “o que decepciona” etc. Um *homem-roubada*, nesse sentido, seria um indivíduo masculino que traria, à pessoa que com ele se relacionasse, alguma forma de decepção. É exatamente isso que nos sugere o contexto, ao afirmar que esse tipo de homem foi deixado no “cemitério dos amores esquecidos” ou no “crematório dos encostos e *homens-roubada*”. É, portanto, alguém de quem se deve afastar, a fim de assegurar a si mesmo equilíbrio e segurança.

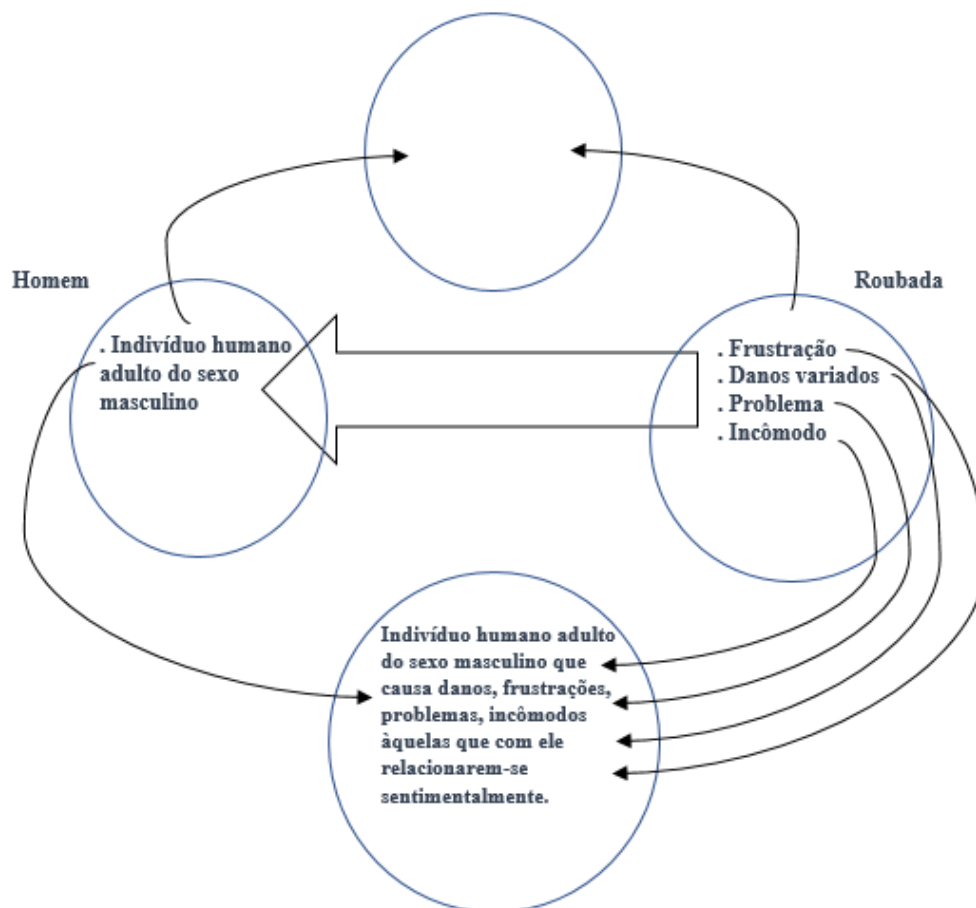


Imagem 88: Modelo de construção semântica do neologismo *homem-roubada*

Alves (2006; 2010) registra o subpadrão de composição nominal *X-monstro* como produtivo para a criação de neologismos compostos no português brasileiro. Nas lexias dessa natureza, “monstro”, metaforicamente, indica algo “de grandes proporções”, muito maior do que o usual. Assim, por exemplo, um *comício-monstro* e um *engarrafamento-monstro*, unidades léxicas neológicas registradas pela autora, designam, respectivamente, um comício político de grandes proporções, com a participação de elevado número de pessoas, e um engarrafamento de incontáveis quilômetros de extensão. O neologismo *homem-monstro*, registrado em nosso *corpus* de análise, porém, não foi formado por analogia aos estudados por Alves.

De acordo com o contexto, um *homem-monstro* é um indivíduo do sexo masculino que molesta sexualmente mulheres, ejaculando sobre elas em transportes públicos, filmando ou apalpando suas partes íntimas sem consentimento, entre outras perversões.

O domínio cognitivo “monstro” evoca, imageticamente, uma criatura não humana bestial (real ou imaginária), normalmente disforme, de grandes proporções, assustadora, potencialmente perigosa, que, não raro, causa danos àqueles que com ela cruzam os

caminhos. Por se tratar de um indivíduo que viola a intimidade de mulheres sem defesa, sobre “homem”, a partir do *input* 2, projetam-se noções como “comportamento animalesco”, “perigo”, “danos”, “horror” etc. Outras noções como “grandes proporções”, “fantástico”, “sem forma definida”, mais prototípicas dos monstros de contos sobrenaturais, não encontram espaço no *input* 1 por não serem evocadas no contexto de uso da unidade lexical neológica. Assim, esquematicamente, temos:

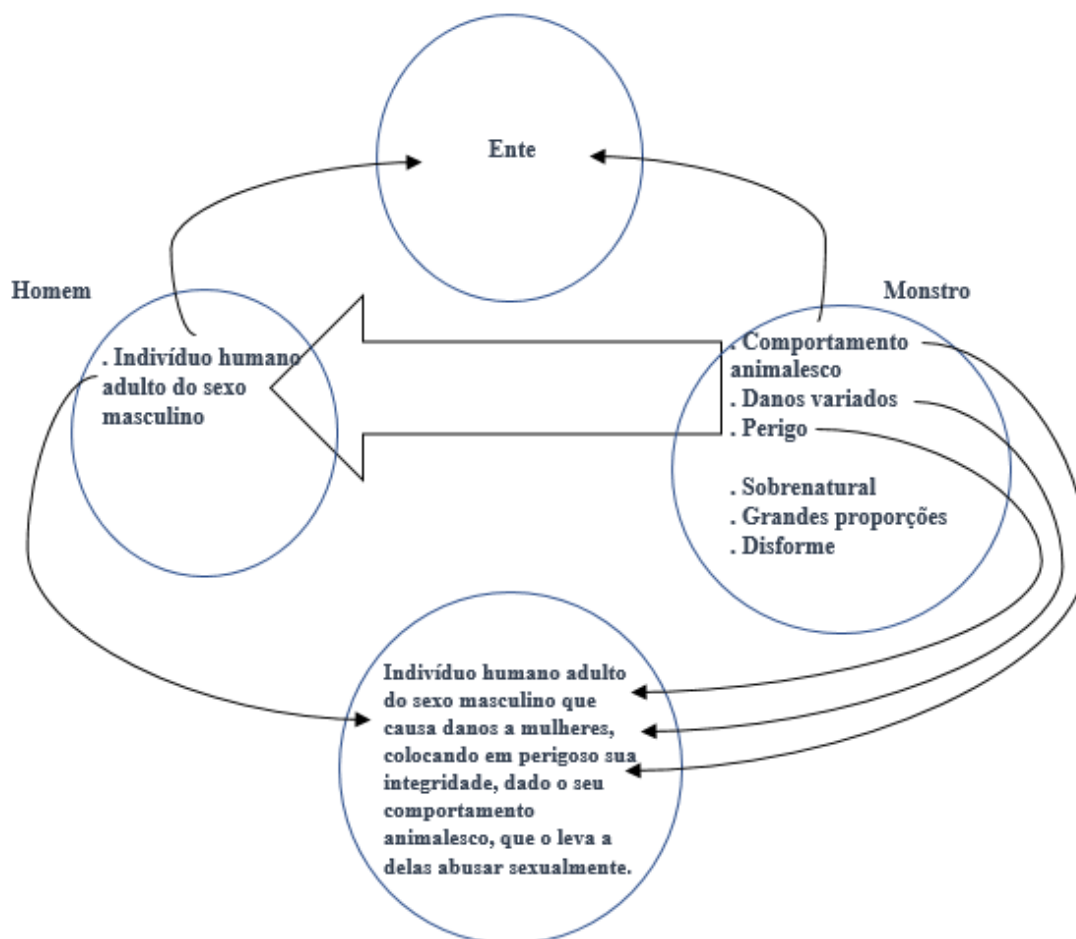


Imagem 89: Modelo de construção semântica do neologismo *homem-monstro*

Homem-teste, no contexto, designa um indivíduo humano, portador de determinada enfermidade, que se submete, voluntariamente, a ser cobaia de medicamentos ainda em estudo, cuja intenção é combater a doença que o acomete. Em troca, diz-nos o blogueiro, a cobaia humana ganhará o remédio gratuitamente, caso ele seja aprovado para comercialização, pelo tempo em que o fármaco ainda não estiver disponível no SUS.

Do ponto de vista de sua formação, *homem-teste* é um composto híbrido, pois pode ser entendida tanto como instanciada pelo subpadrão *homem-X*, quanto por *X-teste*.

Lembramos que a mesclagem de esquemas construcionais é uma possibilidade teórica perfeitamente admissível no âmbito da Morfologia Construcional (cf. seção 3.5.), já que não lidamos, aqui, com regras algorítmicas unidirecionais de criação lexical, mas com esquemas modelares plásticos, que se mesclam e se instanciam uns aos outros, criativamente. A opção por analisar *homem-teste* nesta seção é, portanto, arbitrária.

Em verdade, do subpadrão *homem-X*, a unidade lexical *homem-teste* herda a noção “subclasse do gênero humano”, atualizada pelos demais neologismos instanciados por esse esquema (*homem-Monet*, *homem-cartaz*, *homem-bomba* etc.). Já de *X-teste*, por sua vez, *homem-teste* herda a ideia de “algo provisório”.

Conforme veremos na seção 5.3.12, as lexias compostas de subpadrão *X-teste*, normalmente, apresentam, como primeiro elemento, um evento e/ou acontecimento, cujo valor social é atenuado em virtude de ser algo de caráter preparatório e/ou provisório. Isso, contudo, não é o que ocorre diretamente em *homem-teste*: se *evento-teste* é um evento preparatório a outro de maior valor, *homem-teste* não é, absolutamente, pelo contexto, um homem preparatório a outro de maior valor. No neologismo agora sob análise, o elemento provisório não é, portanto, como nas demais unidades lexicais neológicas *X-teste*, a lexia que ocupa a primeira posição do composto, mas a substância medicamentosa ingerida pelo referente por ela designado. O que está sob testagem, pois, é o remédio, não o homem que dele se utiliza.

Esquemáticamente, do *input teste*, que evoca o domínio ciência, projeta-se sobre homem a noção de “cobaia de experimento”, uma das imagens possíveis sugeridas pelo segundo *input*.

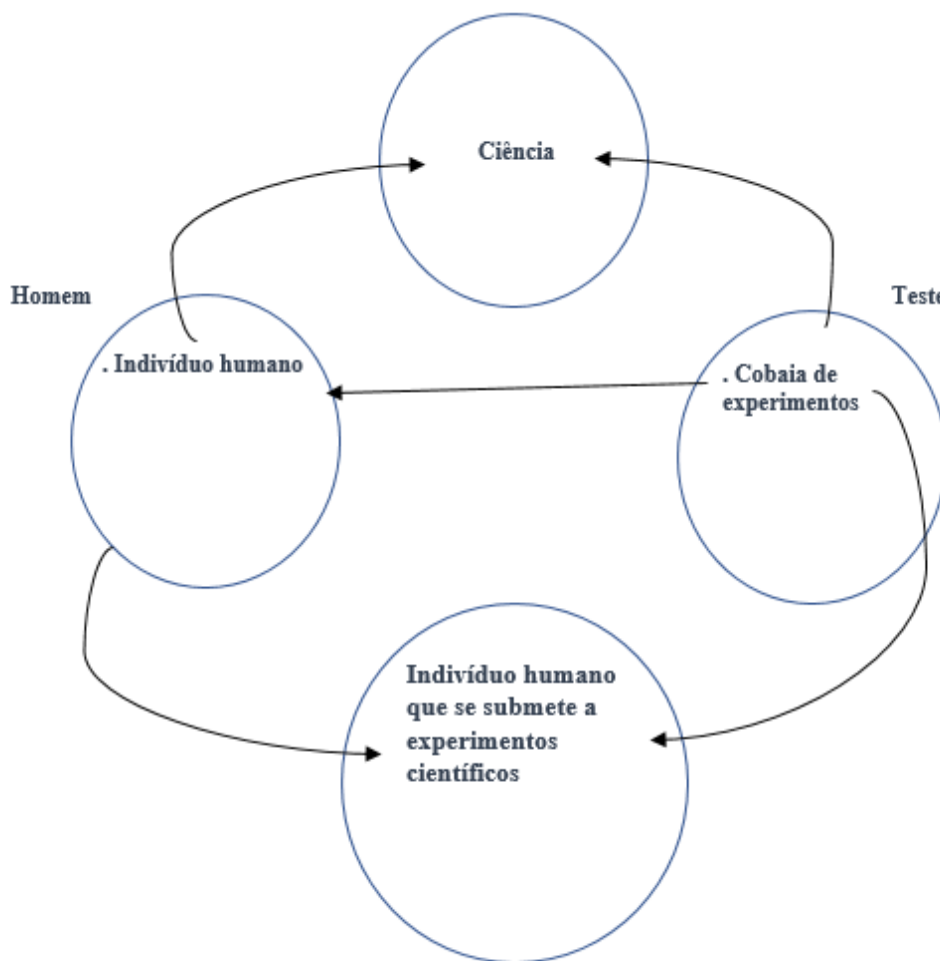


Imagem 90: Modelo de construção semântica do neologismo *homem-teste*

5.3.6. Compostos neológicos de subpadrão *X-relâmpago*

Foram recolhidas 09 unidades lexicais neológicas compostas de subpadrão *X-relâmpago* em nosso *corpus*: *autópsia-relâmpago*, *comitiva-relâmpago*, *concorrência-relâmpago*, *estreia-relâmpago*, *governador-relâmpago*, *paquera-relâmpago*, *promoção-relâmpago*, *sabatina-relâmpago* e *votação-relâmpago*¹²⁴.

Em todas elas, percebe-se que os elementos em primeira posição constituem domínios-matrizes que, contudo, são definidos em termos do segundo elemento, *relâmpago*, que se projeta sobre o primeiro, redefinindo-o. O produto composto resultante designa algo que, de certo modo, destoa da matriz idealizada pelo elemento 1 por ser muitíssimo mais rápido. Nesse sentido, um produto *X-relâmpago* não é exatamente um

¹²⁴ A leitura integral dos contextos em que os neologismos foram empregados pode ser realizada consultando o Anexo 3.

subtipo de X, mas um elemento que destoa, por ser mais rápido que o normal, do que se espera na idealização evocada por X. Esse estranhamento é materializado linguisticamente em alguns contextos, como o de *concorrência-relâmpago* (do processo de abertura ao final transcorreram apenas dez dias) e *paquera-relâmpago* (os indivíduos permanecem conversando com um potencial parceiro por apenas alguns minutos).

Do *input 2*, relâmpago, é projetada sobre o *input 1* e sobre o espaço-mescla a noção de “rapidez extrema”. Na mescla, criativamente, o atributo “rapidez”, existente em relâmpago, toma, metonimicamente, o relâmpago em si, possibilitando o emprego e a compreensão desse fenômeno natural de modo metafórico, como atributo de X. Esquemáticamente, isso pode ser representado da seguinte forma:

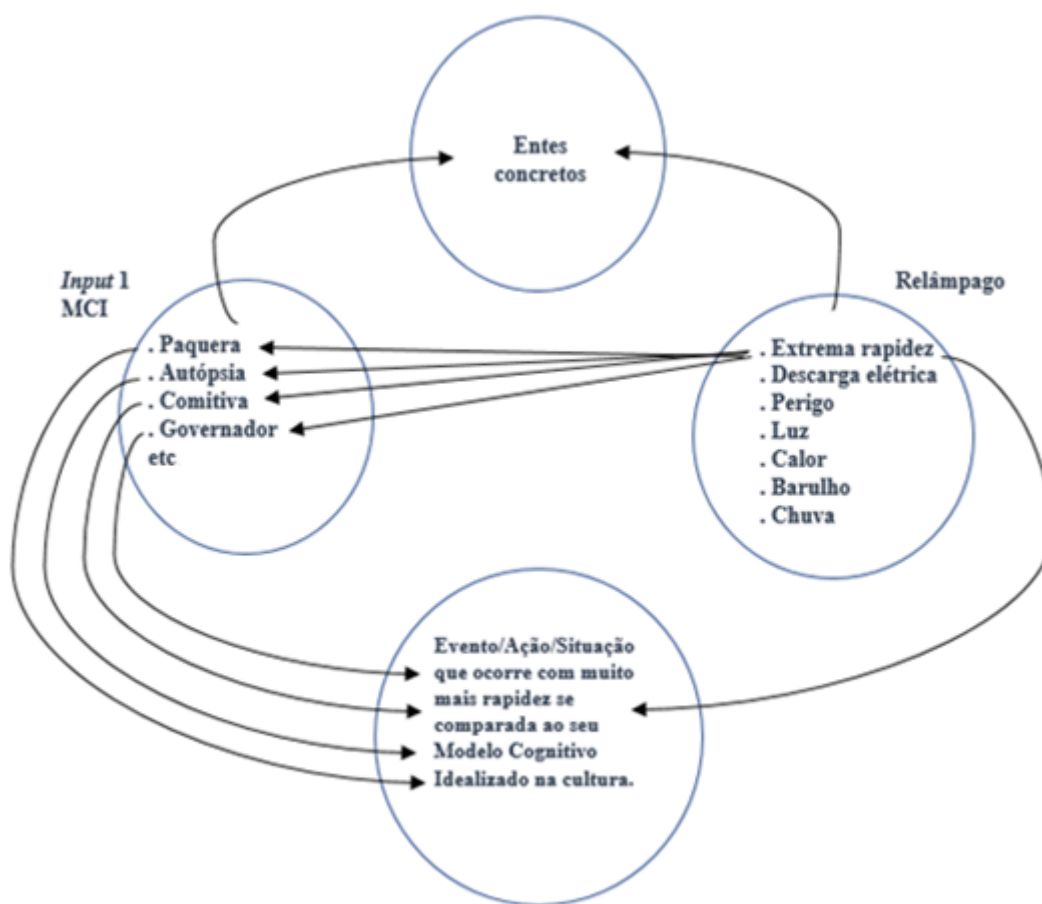


Imagem 91: Modelo genérico de construção semântica de neologismos de subpadrão *X-relâmpago*

Pela Hipótese da Invariância, o falante percebe que, para aproximar “relâmpago” do primeiro elemento do composto, é necessário projetar, do espaço mental aberto por ele, apenas as características funcionalmente úteis. Enquanto “rapidez” é projetada, pois

pode ser atributo de “paquera”, “mandato governamental”, “evento de estreia”, “votação” etc., outras características do relâmpago como “quente”, “luminoso”, “barulhento”, “ameaçador”, “descarga elétrica” são, inteligentemente, deixadas de lado pela mente do sujeito emissor do neologismo.

Importante destacar, ainda, a preciosa expressividade da metáfora aqui construída. Poderíamos nos perguntar por que denominar, por exemplo, *sabatina-relâmpago* à rápida entrevista realizada com a filha do Ministro do STF Luiz Fux para confirmá-la no cargo de desembargadora. Não se poderia dizer “rápida sabatina”, ou “extremamente rápida sabatina”, ou ainda “sabatina super-rápida”? Nesse caso, poder-se-ia questionar: quão rapidamente ocorreu esse evento? Ao compreendermo-lo, porém, em termos de um relâmpago, fenômeno observável na realidade extralinguística, a noção abstrata de máxima rapidez ganha concretude com incriveis ganhos à expressividade. Nada, a não ser a metáfora do relâmpago, consegue materializar linguisticamente, com tamanha intensidade, o nível de rapidez que se quer marcar. A sapiência do falante é, sempre, portanto, digna de nota.

5.3.7. Compostos neológicos de subpadrão *vídeo-X*

08 são os neologismos compostos formados pelo padrão *vídeo-X* presentes em nosso *corpus* de análise, a saber: *vídeo-aula*, *vídeo-blog*, *vídeo-dança*, *vídeo-depoimento*, *vídeo-meme*, *vídeo-montagem*, *vídeo-paródia* e *vídeo-poesia*¹²⁵.

Estruturalmente, as composições *vídeo-X* são exemplos do que Sandmann (1992) chama composições neoclássicas, pois a relação entre os membros constituintes é do tipo determinante + determinado, à semelhança dos compostos latinos, o que foge ao padrão comum no português: determinado + determinante.

Do ponto de vista cognitivista, os elementos em segunda posição constituem matrizes redefinidas pelo primeiro membro, *vídeo*, que se projeta sobre o segundo. A composição neológica resultante designa algo que, de certo modo, destoa dessa matriz idealizada por ser produzido em formato diferente do usual: o vídeo. Nesse sentido, um composto *vídeo-X* informa-nos que X passa a ser concebido, produzido e veiculado também no formato “vídeo”, além daqueles em que normalmente já existe e é conhecido.

¹²⁵ Para a leitura integral dos contextos, consultar Anexo 4.

Uma *vídeo-aula*, portanto, é uma aula que se utiliza da tecnologia de transmissão de som e imagem para ocorrer. A sincronidade, característica marcante do evento em questão, dá lugar à assincronicidade da reprodução do vídeo gravado. Um *vídeo-blog* é um blogue que, ao invés de materializar-se em uma plataforma virtual escrita, substitui o registro escrito das ideias por sua veiculação oral gravada em forma de vídeos. Do mesmo modo, uma *vídeo-poesia* é uma obra poética que abandona, conscientemente, a palavra escrita em favor da imagem gravada e uma *vídeo-dança* é um espetáculo de dança produzido especificamente para a gravação em vídeo. Um meme, não raro, é uma imagem que viraliza nas redes sociais, sendo empregada, com intenções humorísticas e satíricas, nos mais variados contextos. Já um *vídeo-meme* não é uma imagem, mas uma gravação viral utilizada juntamente com os memes-imagem. *Vídeo-montagem*, *vídeo-paródia* e *vídeo-depoimento*, a seu turno, são montagens, paródias e depoimentos – que originalmente não precisam ser gravados – concebidos, produzidos e veiculados, porém, em formato de vídeo.

Esquemáticamente, temos:

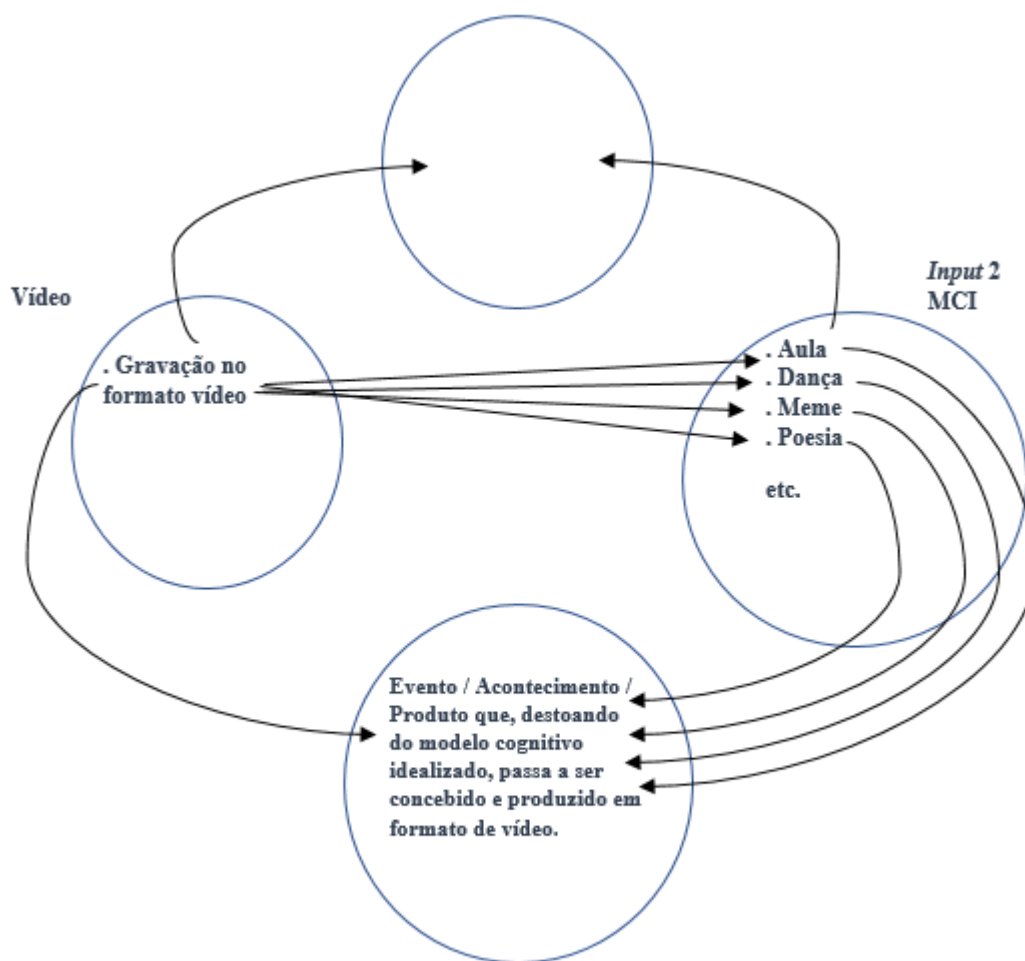


Imagem 92: Modelo genérico de construção semântica de neologismos de subpadrão *video-X*

As relações entre o léxico e a sociedade, no caso das composições neológicas *video-X*, mostram-se bastante evidentes. A cada dia, a tecnologia apresenta inovações que vão, gradativamente, sendo incorporadas em nosso cotidiano. Nos dias correntes, muito mais que em décadas passadas, gravar vídeos e disponibilizá-los rapidamente a milhares de pessoas é algo bastante simples de ser feito. Os mais jovens, sobretudo, tiram considerável proveito desse suporte e espalham vídeos no Youtube e nas redes sociais com enorme eficiência. Todo esse movimento, naturalmente, acaba por materializar-se na língua e, segundo cremos, a produtividade do subpadrão de composição nominal *video-X* comprova essa afirmação¹²⁶.

5.3.8. Compostos neológicos de subpadrão *X-símbolo*

¹²⁶ Não é apenas no domínio das composições que se pode observar as relações entre inovações tecnológicas e o léxico. Alves (2010, p. 70-71) fornece-nos alguns interessantes exemplos de formantes em função prefixal, como *ciber-* (*cibercrime*) e *e-* (*e-contracheque*), que também marcam, linguisticamente, o avanço proporcionado pela Informática nos últimos anos.

No *corpus*, recolhemos também 08 neologismos compostos de subpadrão *X-símbolo*, a saber: *animal-símbolo*, *árvore-símbolo*, *característica-símbolo*, *cartola-símbolo*, *mulata-símbolo*, *música-símbolo*, *personagem-símbolo* e *produto-símbolo*¹²⁷.

Metonímica por excelência, a unidade lexical “símbolo” evoca fortemente a noção de “representatividade” e os compostos neológicos *X-símbolo* designam animais, vegetais, produções artísticas, indivíduos, artefatos etc. que concentram, em si, culturas, cidades, eventos históricos, filosofias etc. Vejamos.

O *animal-símbolo*, no contexto, é o coala, representante da Austrália. A relação entre o animal e o país é, portanto, de ordem metonímica, pois um integrante específico da fauna passa a representar o país como um todo. A *árvore-símbolo* é o *ficus*, uma espécie de figueira comum em Presidente Prudente, metonimizada, no contexto, como a própria cidade do interior paulista. A *característica-símbolo* em questão diz respeito ao já falecido músico argentino Gustavo Cerati, que, diferentemente de outros artistas latino-americanos, não se internacionalizou à europeia, tampouco ficou restrito a seu próprio país, conquistando, porém, fiel público por toda a América hispânica. Ricardo Teixeira, ex-presidente da CBF, é o cartola que representa, metonimicamente, toda a corrupção no futebol brasileiro.

Todos os anos, entre fevereiro e março, durante o período do Carnaval, a Rede Globo de Televisão apresenta uma dançarina negra, nua, pintada artisticamente, chamada de Globeleza, a qual, por sua vez, é a *mulata-símbolo*, já entranhada na cultura brasileira, dos festejos carnavalescos da poderosa emissora carioca. “Pra não dizer que não falei de flores”, de Geraldo Vandré, é, segundo o contexto, a *música-símbolo* dos movimentos estudantis dos anos 60. A personagem Grim Reaper (a Morte) é a que metonimiza, de acordo com o contexto, a banda alemã de heavy metal Grave Digger, sendo sua *personagem-símbolo*. E, finalmente, o inocente papel higiênico é, na visão satírica do blogueiro Leonardo Sakamoto, o *produto-símbolo* do capitalismo imperialista.

¹²⁷ Para a leitura integral dos contextos, consultar Anexo 3.

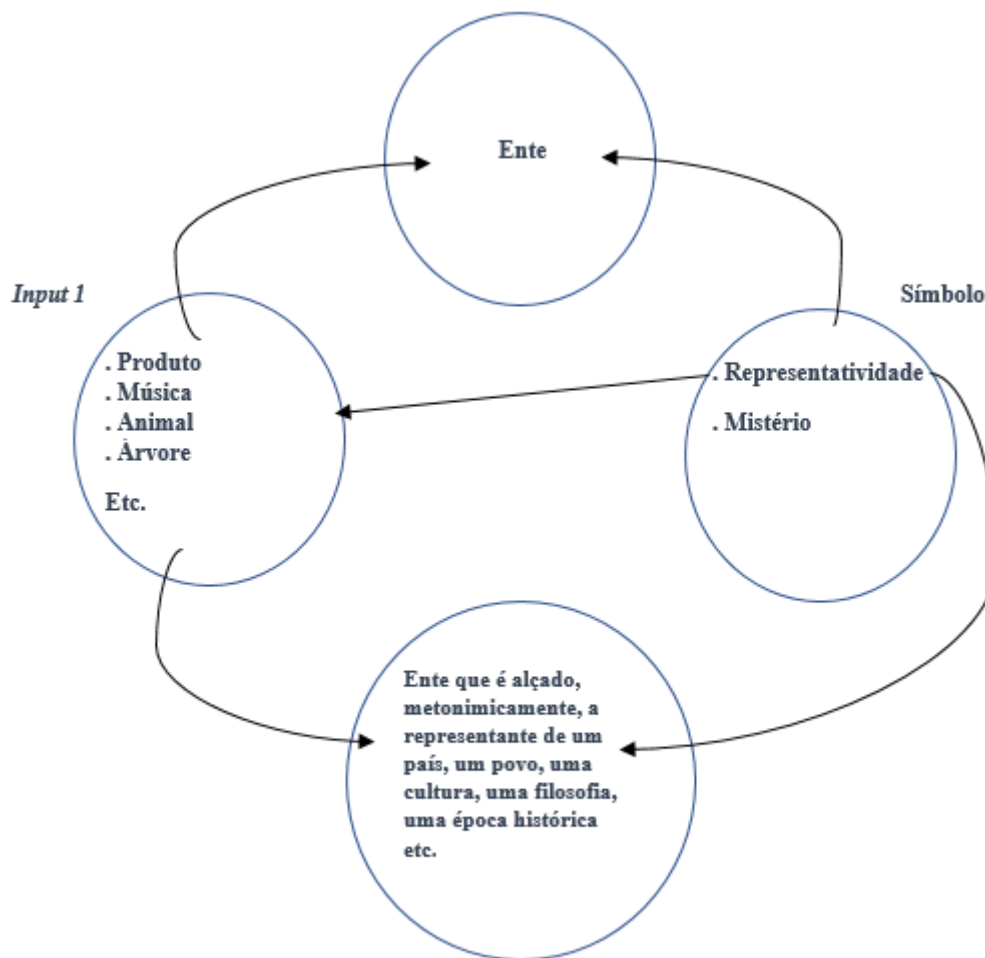


Imagem 93: Modelo genérico de construção semântica de neologismos de subpadrão *X-símbolo*

No esquema esboçado acima, percebe-se que, do domínio “símbolo”, projeta-se apenas a noção “representatividade”, ao passo que demais esquemas imagéticos, também evocados culturalmente pela lexia, como “mistério”, “artes ocultas”, “esoterismo”, entre outros, não são funcionais para a construção semântica de neologismos *X-símbolo*, razão porque, pela Hipótese da Invariância, não se estruturam no primeiro *input*.

De acordo com Fauconnier & Turner (2002; 2003), a estruturação cognitiva da realidade por meio de mesclagens conceituais permite a compressão de elementos diversos em uma mesma estrutura semântica altamente condensada. O subpadrão de composição nominal *X-símbolo*, em nosso entender, é mais um dos claros exemplos disso, pois, na base da forma composicional em análise, comprimem-se relações entre elementos, eventos e ideologias muito mais complexas do que a forma linguística, aparentemente, sugere. Ao eleger uma *música-símbolo* de uma época, por exemplo, o que se está a fazer é, na verdade, comprimir, em uma mesma estrutura de cognição, uma

sucessão complexa de eventos perpetrados por indivíduos, discursos, atos políticos, ideologias, instituições etc., que ganham sentido de unidade e identidade única.

5.3.9. Compostos neológicos de subpadrão *X-padrão*

Desculpas-padrão, gaiola-padrão, procedimento-padrão, questionário-padrão, resposta-padrão, texto-padrão e voz-padrão são as 07 unidades lexicais neológicas compostas *X-padrão* verificadas em nosso *corpus*¹²⁸.

Todas elas designam, semanticamente, um ente que é colocado como plenamente adequado a um Modelo Cognitivo Idealizado. Ao projetar-se sobre o *input* 1, “padrão” adéqua-o perfeitamente ao MCI construído e o produto final é um elemento prototípico, ou modelar, daquela categoria em determinados contextos.

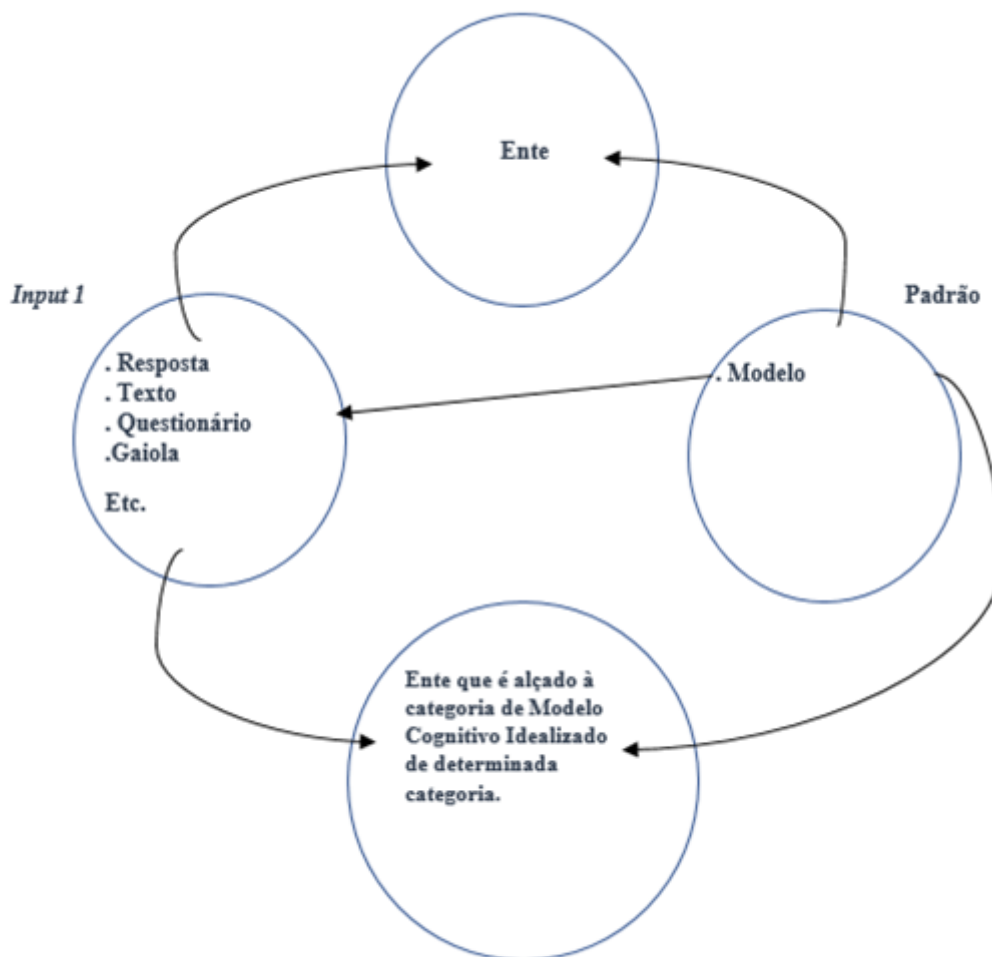


Imagem 94: Modelo genérico de construção semântica de neologismos de subpadrão *X-padrão*

¹²⁸ Para leitura integral dos contextos, verificar Anexo 3.

Assim, contextualmente, dizer ter amigos gays, negros e nordestinos é a *desculpa-padrão*, ou prototípica, do indivíduo preconceituoso que não assume sê-lo, ou seja, já é esperado que ele lance mão dessa desculpa para se justificar. *Gaiola-padrão* designa, por sua vez, objetos típicos, tanto na forma quanto no tamanho, de acondicionamento de ratos e camundongos. Vedar uma luva hospitalar com fita isolante destoa, de acordo com o contexto, dos *procedimentos-padrão*, ou seja, das já esperadas ações sanitárias típicas de um hospital moderno. Do mesmo modo, um *questionário-padrão* designa um conjunto de perguntas previsíveis, aplicadas repetidas vezes a todas as marcas de roupas pelo aplicativo Moda Brasil, para verificar possíveis casos de trabalho escravo.

Resposta-padrão, no caso, é o clássico ditado “uma andorinha sozinha não faz verão”, emitido pelo milionário norte-americano Warren Buffet quando questionado sobre o porquê de não doar ao governo de seu país mais dinheiro em forma de impostos, já que era isso, exatamente, o que estava defendendo na ocasião. Trata-se, pois, de uma resposta modelar e previsível, que permitiu a Buffet “sair pela tangente”. Um *texto-padrão*, ou seja, encaixado em um determinado modelo previsível de resposta, foi o que o autor do blogue *Bala na Cesta* recebeu ao questionar a Associação de Atletas Profissionais de Basquetebol do Brasil sobre irregularidades financeiras. Finalmente, a *voz-padrão* em questão é a de Davi Roque, por muitos anos locutor das chamadas da Rede Globo. Sua voz tornou-se, portanto, e em virtude disso, modelar.

5.3.10. Compostos neológicos de subpadrão *X-bomba*

As 6 unidades lexicais neológicas de subpadrão *X-bomba*, recolhidas em nosso corpus, são: *deputado-bomba*, *homem-bomba*¹²⁹, *livro-bomba*, *pauta-bomba*, *pergunta-bomba* e *secretária-bomba*.¹³⁰

Recorrendo aos contextos, verificamos que o *deputado-bomba* em questão é o petista Luiz Moura, flagrado em reunião com integrantes da facção criminosa paulista conhecida como PCC, o que levou o Partido dos Trabalhadores a perder eleitores na

¹²⁹ Na seção 5.3.5., analisamos o neologismo *homem-bomba*, que designa o indivíduo que detona explosivos amarrados ao próprio corpo, em atos terroristas. A unidade lexical *homem-bomba* sobre a qual refletiremos na presente seção, porém, é de outra ordem. A lexia “bomba”, aqui, está empregada metaforicamente, não apenas neste neologismo como nos demais que lhe acompanham. Apesar de materializarem-se sob a mesma forma linguística, na seção 5.3.5., temos uma unidade lexical neológica criada a partir do subpadrão *homem-X* e, aqui, *homem-bomba* constrói-se pelo subpadrão *X-bomba*, semanticamente bastante diferente, como se verá.

¹³⁰ Para a leitura integral dos contextos em que essas unidades lexicais foram empregadas, consultar o Anexo 3.

periferia de São Paulo. Eduardo Cunha, então deputado pelo PMDB e presidente da Câmara, é, no contexto, o *homem-bomba*, capaz, segundo o blogueiro, de destruir o governo da então presidenta petista Dilma Rousseff, o que, de fato, verificou-se. O *livro-bomba* de que falamos aqui é, por sua vez, o que seria escrito por José Roberto Arruda, ex-governador do Distrito Federal, que deveria revelar, em detalhes, esquemas de corrupção envolvendo grandes figurões da política nacional. As *pautas-bomba*, de acordo com o contexto, são pautas que o Congresso colocaria em votação com o intuito de desequilibrar as contas públicas e minar o então governo federal petista. A *pergunta-bomba*, em questão, é a feita pelo apresentador de TV Geraldo Luís, ao comediante Rafinha Bastos, sobre se ele pediria desculpas à cantora Wanessa Camargo pela polêmica e infeliz declaração, na época em que a cantora estava grávida, de que “comeria ela e o bebê juntos”. Finalmente, a *secretária-bomba*, no contexto, é Vanessa Ribeiro, secretária de Benedito de Oliveira, assessor do então governador mineiro Fernando Pimentel, do PT. Vanessa, à época, realizou delação premiada que envolvia Benedito e o governador, o que ajudou a minar a imagem do político perante a opinião pública mineira.

Semanticamente, os elementos em primeira posição no composto designam indivíduos ou acontecimentos que desequilibram governos e ameaçam elementos do *status quo*. Semelhantemente a uma bomba que implode edifícios, o deputado, o homem, o livro, a pauta, a pergunta e a secretária implodem partidos, figurões políticos, governos e carreiras, concretizados, metaforicamente, como edifícios atingidos por um explosivo.

Do *input 2*, bomba, projeta-se sobre o primeiro *input* a noção de “implodir um edifício”. Ao atingir o *input 1*, pela Hipótese da Invariância, a implosão passa a ser metafórica e o “edifício” implodido, também este metafórico, deve ser recuperado pelo contexto. Demais noções evocadas pelo esquema imagético de uma bomba sendo detonada, como “barulho”, “estilhaços”, “poeira”, entre outros, por não se estruturarem no primeiro *input*, não são projetados.

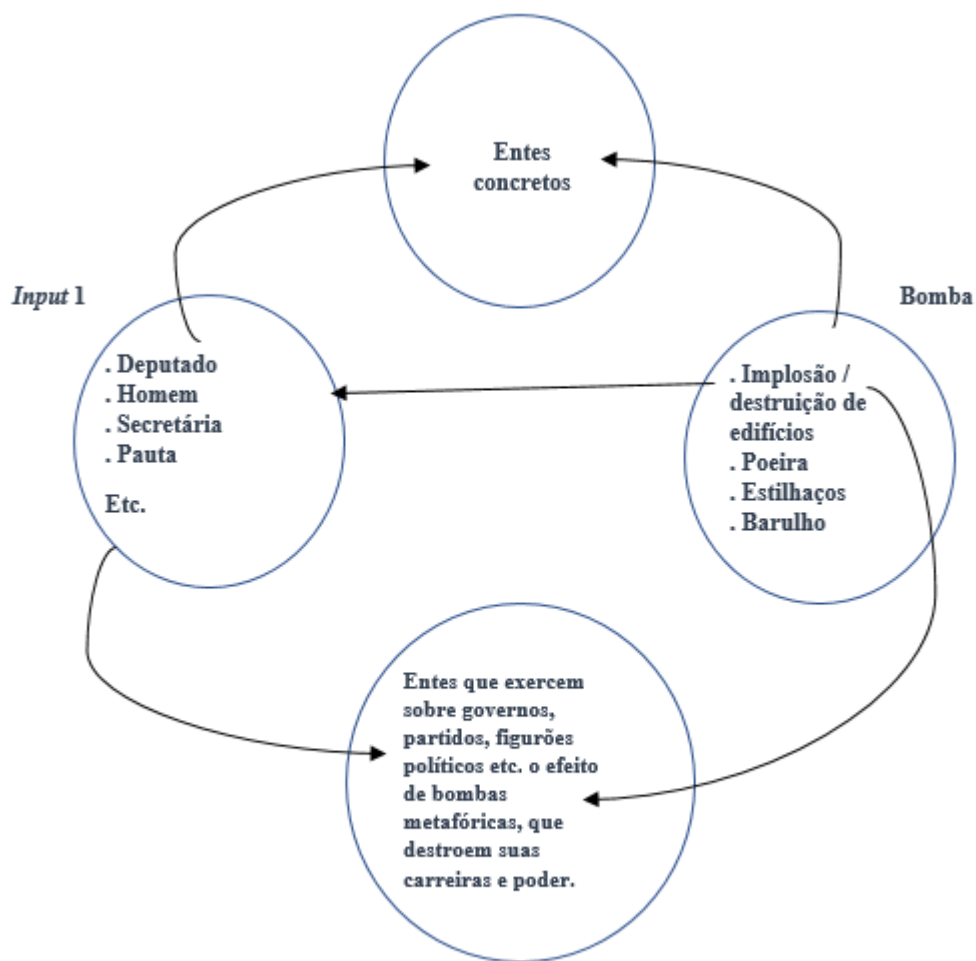


Imagem 95: Modelo genérico de construção semântica de neologismos de subpadrão *X-bomba*

O subpadrão *X-bomba* adquire conotações bastante especiais devido à construção metafórica. Dizer que um deputado destruiu um governo não tem a mesma força expressiva que entendê-lo como uma bomba. Segundo Lakoff & Johnson (1980), a metáfora auxilia a concretizar situações abstratas, estruturando a cognição a partir de domínios de experiência ancorados na realidade factual extralinguística. *X-bomba* desempenha exatamente esse papel: nos instáveis e ingratos mundos da política e da fama, onde governos, carreiras e imagens sofrem reveses fatais, como conceptualizar esses reveses se não como bombas estourando em uma verdadeira guerra por poder, influência e fama? Mais uma vez, a sabedoria cognitiva do falante é digna de nota.

5.3.11. Compostos neológicos de subpadrão *X-surpresa*

Convidado-surpresa, crise-surpresa, efeito-surpresa, filme-surpresa, madrinha-surpresa e ofensiva-surpresa. Essas são as 6 unidades lexicais neológicas compostas pelo subpadrão *X-surpresa* recolhidas em nosso *corpus*¹³¹.

A lexia surpresa, que se repete, nesses compostos, em função determinante, evoca o esquema imagético do inesperado, que pode ser tanto positivo quanto negativo, a depender do contexto em que o neologismo for empregado. Ao pensarmos em surpresa, a imagem culturalmente construída é a de alguém que encara uma situação não prevista, que foge ao padrão esperado. Ao projetar-se sobre o primeiro *input* e sobre o espaço-mescla, surpresa instaura um novo espaço mental, na estrutura semântica emergente, onde seria possível que o indivíduo, produto, objeto, evento ou situação designados pelo neologismo composto existissem na realidade.

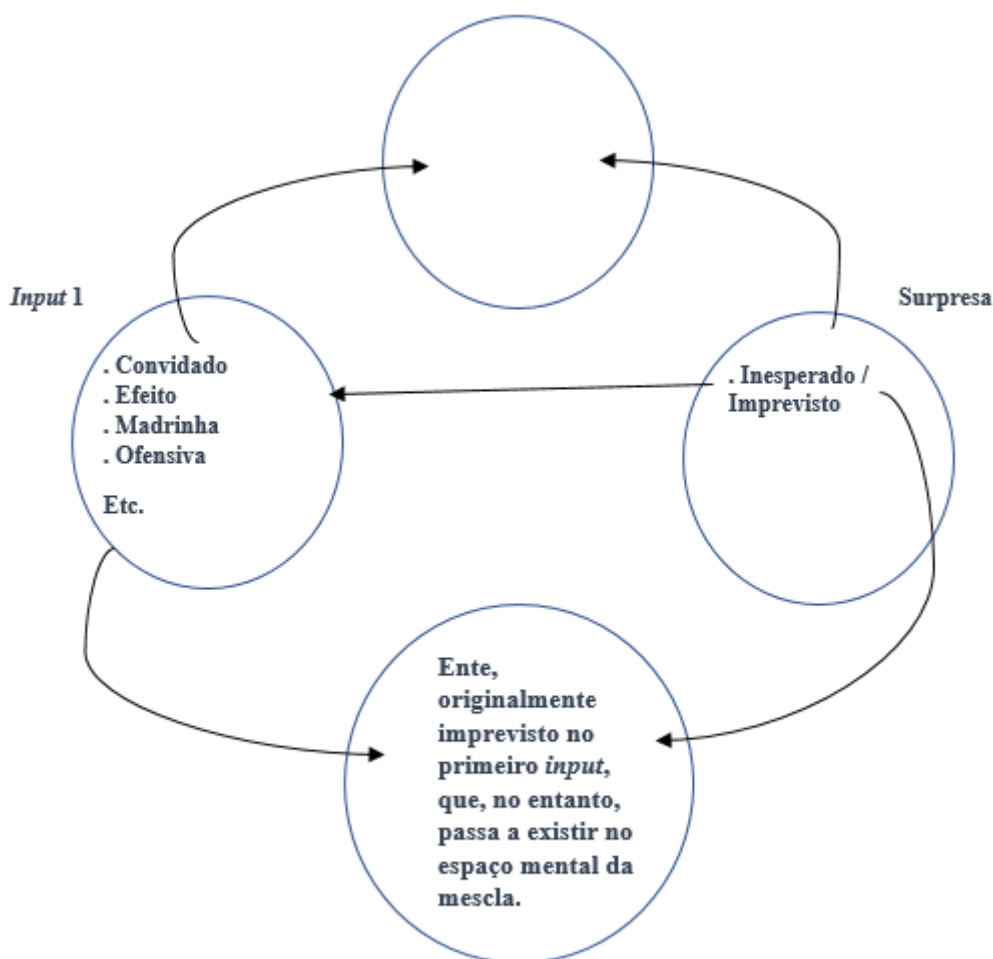


Imagem 96: Modelo genérico de construção semântica de neologismos de subpadrão *X-surpresa*

¹³¹ Para leitura integral dos contextos, consultar Anexo 3.

Convidado-surpresa, no contexto, é algo positivo, pois se trata de um músico inesperado que deveria tocar com a banda de hard rock Dr. Sin em seu próximo show. *Crises-surpresa*, culturalmente negativas em virtude do primeiro elemento, designam, no *corpus*, possíveis crises financeiras imprevistas. *Efeito-surpresa* é o que foge aos já conhecidos impactos do programa Porta dos Fundos em seu público-alvo. Pelo contexto, espera-se que esses efeitos sejam positivos, atraindo esse público.

Interestelar poderia ser o *filme-surpresa* vencedor do Globo de Ouro de 2014, segundo a blogueira Ana Maria Bahiana, uma vez que não era, à época, o mais cotado a ganhar o prêmio. Caso tivesse realmente faturado o prêmio, a surpresa teria sido muito positiva. A famosa cantora pop norte-americana Beyoncé Knowles, por ter adentrado inesperadamente em um casamento que ocorria na Itália em 2014, acabou, segundo o contexto, tornando-se uma *madrinha-surpresa* da noiva, ou seja, uma madrinha originalmente não esperada na cerimônia, mas bastante festejada. Por fim, a *ofensiva-surpresa*, no contexto, é a planejada pela Alemanha, ainda antes da Primeira Guerra Mundial, e que deveria ser deflagrada sobre Paris, inesperadamente, causando maiores danos à nação atacada.

5.3.12. Compostos neológicos de subpadrão *X-teste*

As 4 unidades lexicais neológicas compostas recolhidas no *corpus* de análise, criadas segundo o subpadrão *X-teste*, são: *evento-teste*, *jogo-teste*, *lançamento-teste* e *voo-teste*¹³².

Teste evoca o domínio da experimentação. O ser que realiza experimentos o faz, normalmente, com o intuito de melhorar o produto final, aprimorando-o e deixando-o isento de erros e equívocos. Logo, durante o experimento, espera-se que ocorram esses erros e contratempos, a fim de que o experimentador possa eliminá-los. Ao projetar-se sobre o primeiro *input*, designador de eventos e situações, portanto, teste atenua as consequências que lhe são inerentes, retirando-lhe a importância e colocando-o na categoria de preparação. Vejamos como isso ocorre.

De acordo com o contexto, o *evento-teste* descrito é a Copa das Confederações de 2013, vencida pela Seleção Brasileira de Futebol. Ora, entre esse evento e a Copa do Mundo de Futebol Fifa, que ocorreria em 2014 no território brasileiro, a importância

¹³² Para o acesso integral aos conceitos, consultar Anexo 3.

conferida ao segundo evento esportivo, em relação ao primeiro, é consideravelmente maior, o que faz do torneio de 2013 uma preparação ao de 2014. Nele, a Seleção Brasileira, então sob o comando do técnico Luiz Felipe Scolari, o Felipão, pôde aparar arestas e corrigir falhas técnicas, melhorando seu desempenho, com vistas à Copa do Mundo. Nesse sentido, ter ganhado a Copa das Confederações adquire menos importância que conquistar (ou perder) a Copa do Mundo. De fato, quem hoje se lembra da vitória do Brasil em 2013, sobretudo após a vexatória derrota em 2014? Ao projetar-se sobre o evento de 2013, teste apaga, portanto, o caráter de decisão. O evento não é mais definidor de rumos, é um simples preparo, restringido a isso sua importância.

Seguindo a mesma lógica, o blogueiro de *Painel FC* informa-nos que o *jogo-teste* em questão é uma partida de futebol, sem valor real, que serviria apenas para inaugurar o novo estádio do clube paulista de futebol Palmeiras. Mais uma vez, a noção de “algo feito para valer” é apagada pela projeção de teste sobre o primeiro *input*.

A primeira espaçonave indiana destinada a levar pessoas ao espaço teve seu *lançamento-teste* em 2014. Trata-se, portanto, de um lançamento sem pessoas, a fim de verificar a resistência e a funcionalidade da nave espacial em condições reais fora da Terra. Por envolver risco à vida dos tripulantes, é preciso testar para que os erros ocorram e sejam corrigidos a tempo, já que quando o lançamento for “para valer”, tudo tem que estar funcionando perfeitamente. O mesmo aplica-se a *voo-teste*, que designa o malfadado voo experimental do veículo espacial SS Enterprise, destruído três dias após estar em órbita.

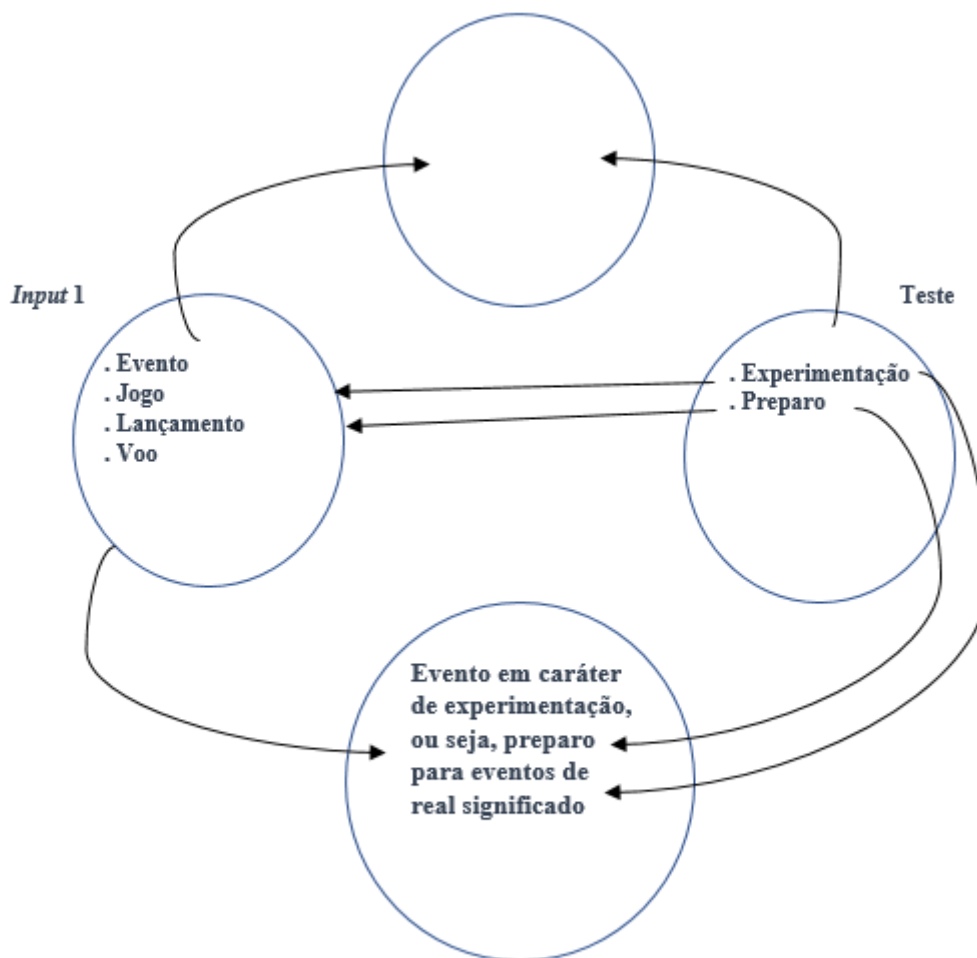


Imagem 97: Modelo genérico de construção semântica de neologismos de subpadrão *X-teste*

5.3.13. Compostos neológicos de subpadrão *X-sede*

4 são os neologismos compostos formados, no *corpus*, pelo subpadrão *X-sede*: *cidade-sede*, *estádio-sede*, *país-sede* e *prédio-sede*¹³³.

A lexia *sede* coloca em foco a noção de concentração e evoca esquemas imagéticos de grandes eventos ou notáveis conglomerados industriais e/ou governamentais, que têm, nela, a sua origem e direção. A *sede*, também, pode ser culturalmente associada às ideias de poder e mando: num esquema empresarial, as grandes decisões são tomadas na *sede* e, a partir dela, comunicadas às filiais. Os líderes, diretores, presidentes e protagonistas de eventos marcantes reúnem-se nas *sedes* das corporações e organizações que representam. Os agentes condutores de Estados concentram-se nas *sedes* dos governos. A *sede*, por isso mesmo, serve como referência

¹³³ Para acesso aos contextos integrais, consultar Anexo 3.

para o evento, o conglomerado ou o governo e concentra, em si, a “alma” (ou, metaforicamente, a “cabeça”) da empresa ou do acontecimento em jogo.

Em nosso *corpus*, todas as unidades lexicais neológicas *X-sede* recolhidas foram empregadas para nomear locais de ocorrência e concentração de eventos ou instituições importantes: nos três primeiros neologismos, a ocasião em questão foi a Copa do Mundo de Futebol da Fifa, de 2014, ocorrida no Brasil, cujo impacto foi sentido em todas as áreas, inclusive na língua, pelo extenso número de neologismos empregados, no *corpus*, em contextos a ela ligados. Já o *prédio-sede* mencionado, por sua vez, é o edifício que abriga a Junta Interamericana de Defesa.

Na construção da estrutura semântica emergente dessas unidades, projetam-se, portanto, a partir do segundo *input*, noções locativas, como “lugar onde ocorre” e “local onde se concentra”.

Ao mesclar-se ao primeiro *input*, *sede* confere ao local por ele evocado, no contexto em que o neologismo foi empregado, proeminência em relação aos demais lugares de mesma natureza e função. Assim, o *estádio-sede* de um jogo, no contexto de uma Copa do Mundo de futebol é alçado, cognitivamente, ao primeiro plano em comparação aos demais estádios. O *país-sede* ou a *cidade-sede* de jogos da Copa destacam-se entre os demais países e cidades, no âmbito desse evento esportivo. O *prédio-sede* da Junta Interamericana de Defesa, por sua vez, eleva-se ao primeiro plano na estrutura organizacional desse órgão.

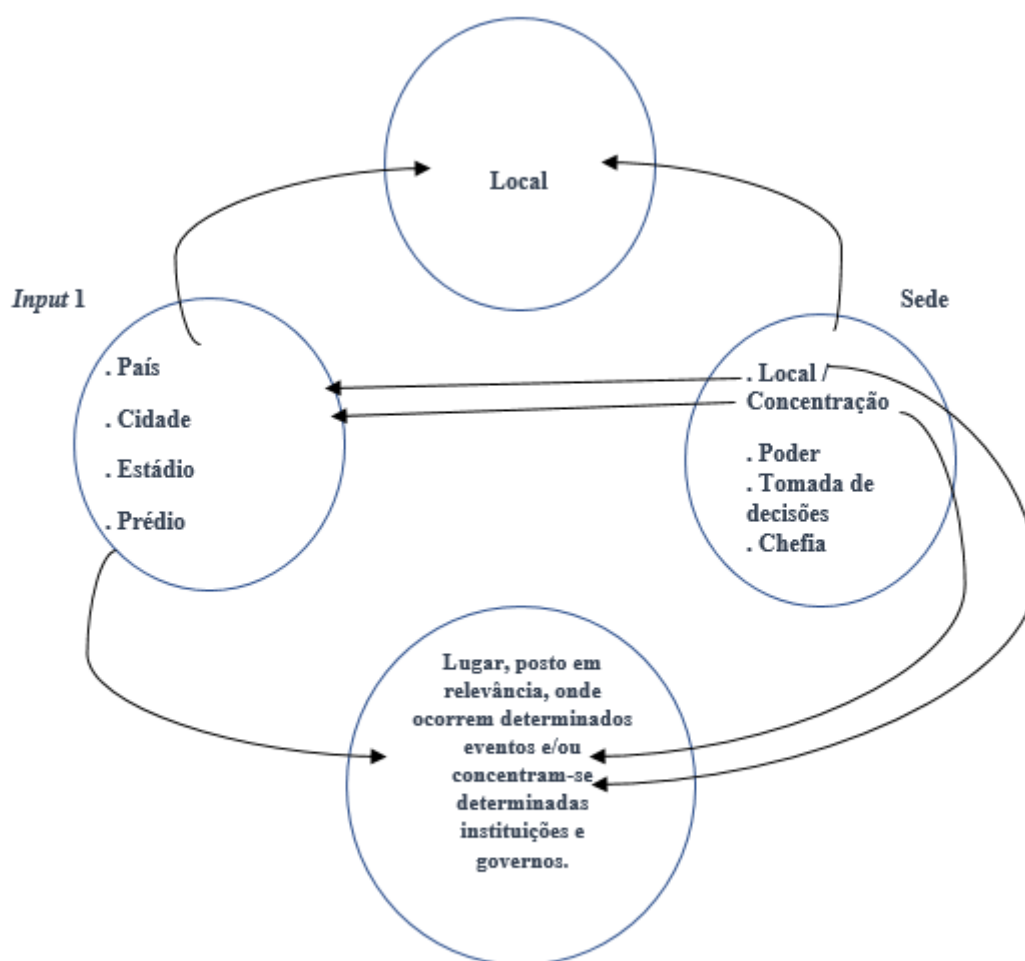


Imagem 98: Modelo genérico de construção semântica de neologismos de subpadrão *X-sede*

5.3.14. Compostos neológicos de subpadrão *X-problema*

As composições neológicas de subpadrão *X-problema*, verificadas no *corpus*, são também 4: *aliado-problema*, *estrela-problema*, *garoto-problema* e *vice-problema*.¹³⁴

O então deputado Eduardo Cunha, do PMDB, é identificado como o referente do neologismo *aliado-problema*, por ter sido, ao mesmo tempo, aliado e chantageador do ex-presidente Michel Temer, que se viu forçado a escolher o preferido de Cunha para substituí-lo na presidência da Câmara dos Deputados. *Estrelas-problema* são artistas globais causadores de transtornos à emissora carioca. O falecido corredor olímpico e herói de guerra norte-americano Louis Zamperini é o referente de *garoto-problema*, pois, segundo conta, antes de descobrir a corrida, vivia uma infância de confusões e pequenos

¹³⁴ Para acesso aos contextos integrais, consultar Anexo 3.

crimes. Clésio Andrade, ex-vice-governador de Minas Gerais na gestão de Aécio Neves, é, no contexto, o *vice-problema*, causador de contratempos ao tucano, por estar envolvido em vários esquemas de corrupção.

A respeito de *vice-problema*, destacamos ainda que o primeiro membro, vice, não está em função prefixal. De afixo, *vice-* passou a base lexical, razão por que o processo criativo aqui envolvido é a composição, não a derivação prefixal. O significado da unidade léxica, no uso pragmático da palavra, nesse caso, é primordial para afirmarmos isso: *vice-problema* não é um problema substituto, mas um vice-governador que causa contratempos de vulto ao governador titular.

Cognitivamente, problema evoca noções culturalmente desagradáveis como empecilho, obstáculo e transtorno. O problema atua como desvio de uma situação prototípica. Nesse sentido, não é exagero dizer que os neologismos *X-problema* denotam referentes que não se encaixam, a rigor, no MCI evocado pelos domínios em primeira posição. Prototipicamente, um aliado deve trazer soluções, não transtornos; uma estrela de TV deve aumentar o sucesso da emissora, não lhe causar desgostos; um garoto pequeno deve agir com a pureza da criança, não ser um fardo à comunidade local; um vice-governador deve auxiliar o governador a resolver as questões do estado e não se tornar uma delas.

Importante notar ainda que, na projeção ao *input* 1 e ao espaço-mescla, apenas as noções negativas relacionadas ao problema estruturam-se nesses espaços: empecilho, obstáculo, transtorno, fardo etc. Esquemas imagéticos de positividade evocados culturalmente por esse domínio, sobretudo na sociedade contemporânea ocidental embasada na filosofia *coaching* de “mentalidade positiva”, como “solução”, “crescimento profissional”, “superação de obstáculos” não são projetados.

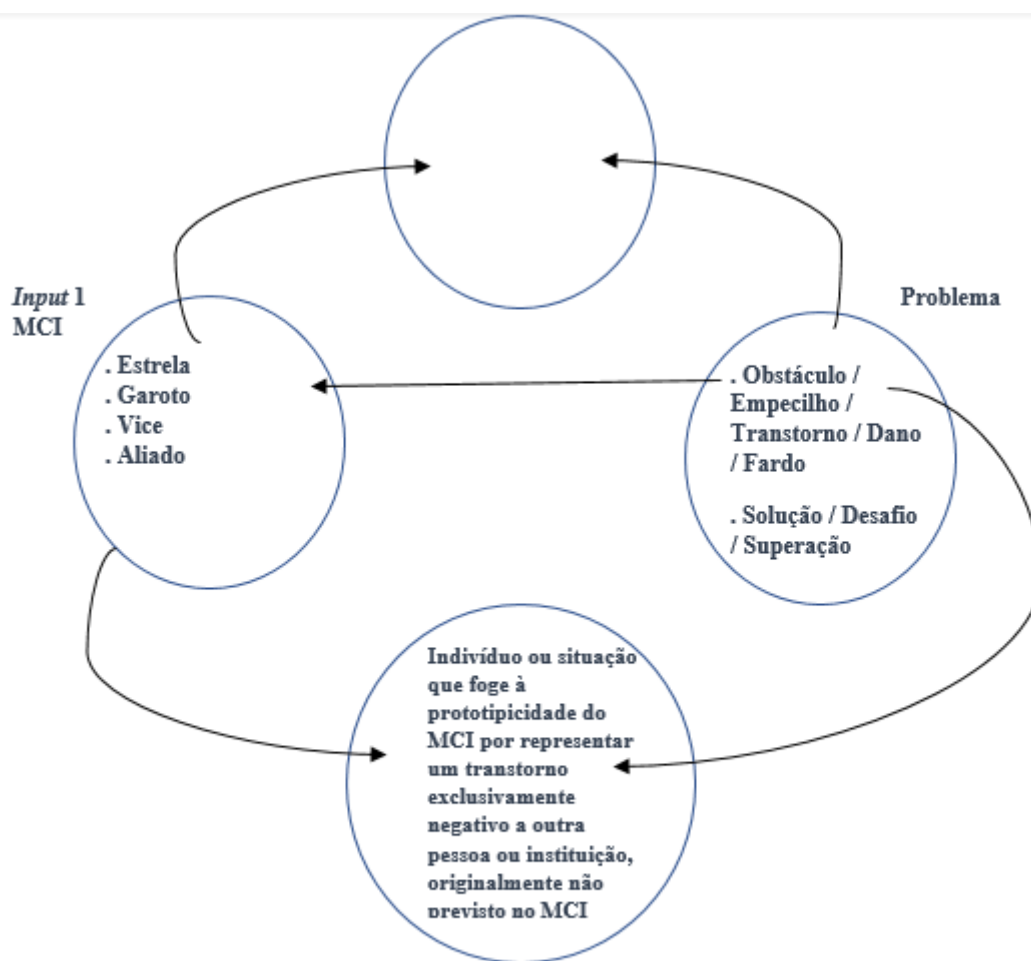


Imagem 99: Modelo genérico de construção semântica de neologismos de subpadrão *X-problema*

5.3.15. Compostos neológicos de subpadrão *X-mãe*

Responsável por 4 unidades lexicais compostas neológicas presentes no *corpus* de análise – *coisa-mãe*, *estrela-mãe*, *pátria-mãe* e *planeta-mãe*¹³⁵ -, o subpadrão *X-mãe* é, assim como diversos outros aqui analisados, de natureza metafórica¹³⁶.

Ao evocarmos o esquema imagético culturalmente associado a mãe, o que nos vem à mente é uma criatura do sexo feminino, que cuida de seu filho/filhote com amor e carinho e o protege dos perigos, assegurando sua integridade total. Noções como “amor”,

¹³⁵ Para acesso aos contextos integrais, consultar Anexo 3.

¹³⁶ A metáfora é, justamente, o que diferencia as unidades léxicas compostas *X-mãe* da composição neológica coordenativa *desembargadora-mãe*, analisada em 5.1, em que mãe está empregada no significado mais corrente: mulher que gera um filho. Evidencia-se, com isso, claramente, a primazia dos processos semânticos na construção e estruturação dos fatos formais na língua.

“sustento”, “afetividade”, “ternura”, “criança”, “fragilidade infantil”, “proteção”, “nutrição”, entre outras, constroem, cognitivamente, o domínio mãe.

O neologismo *coisa-mãe*, presente em um contexto de discussão científica, denomina “entidades que possuam descendência com modificação”. Para nomear essa descendência, o blogueiro também cunhou outra unidade lexical neológica composta, consequência natural e espelhamento da primeira: *coisa-filha*. *Estrela-mãe*, igualmente presente em contexto de discussão científica, denomina os sóis na órbita dos quais estruturam-se sistemas planetários. *Pátria-mãe*, no *corpus*, diz respeito à Rússia, que garante os interesses e a proteção dos russos fora do país. Por fim, *planeta-mãe* nomeia a Terra em um futuro mais ou menos distante, no qual seres humanos poderão habitar e multiplicar-se em outros planetas.

Do domínio *mãe*, na construção semântica de *coisa-mãe* e *planeta-mãe*, projeta-se, portanto, apenas a noção de “origem”: as *coisas-filhas* originam-se das mães e os humanos são originários da Terra. Em *estrela-mãe*, é projetada, para a composição do *blend*, a noção de “sustento”: a estrela sustenta a organização do sistema. Já em *pátria-mãe*, o que está em jogo, mais que “origem”, é “proteção”: a Rússia protege seus cidadãos no estrangeiro. Em nenhuma das estruturas semânticas emergentes do espaço-mescla verifica-se qualquer noção de “carinho”, “ternura”, “amor” ou “afetividade”. Tampouco entra, na construção mental do significado, o esquema imagético da fêmea mãe segurando um bebê ou guiando um filhote.

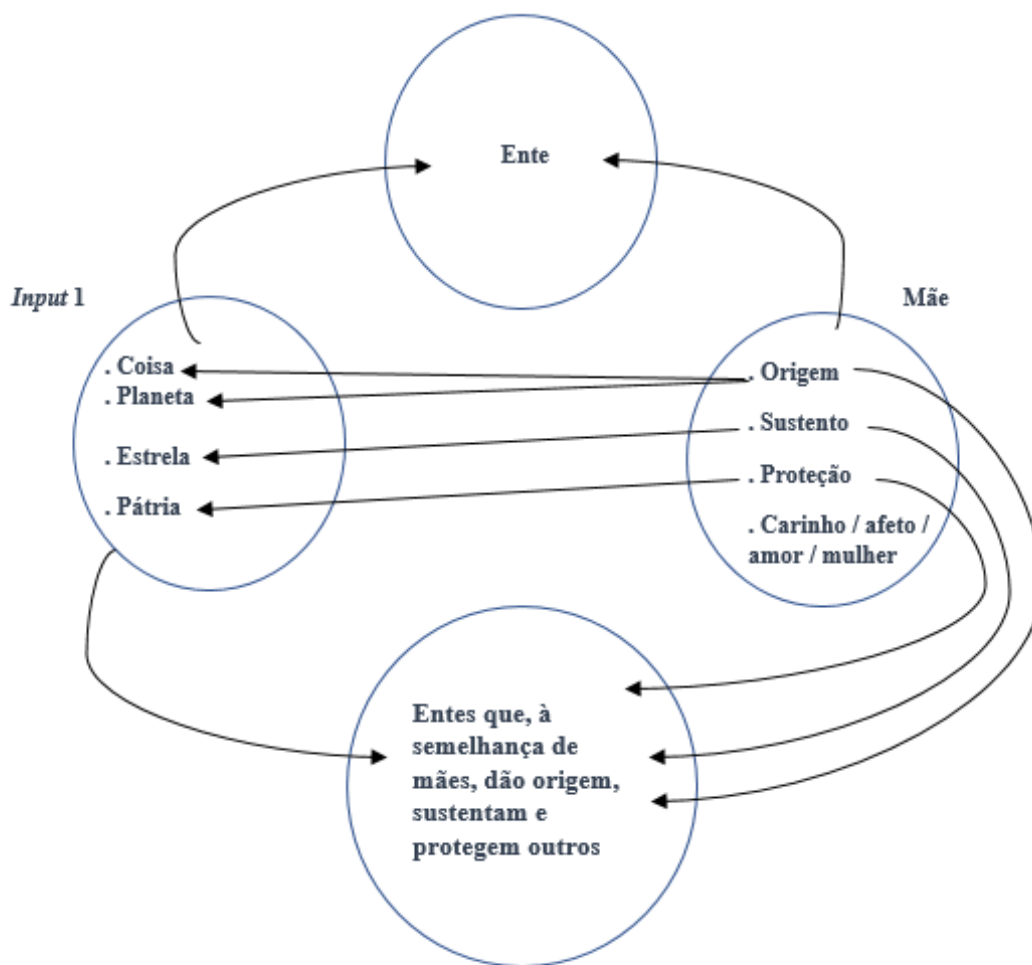


Imagem 100: Modelo genérico de construção semântica de neologismos de subpadrão *X-mãe*

5.3.16. Compostos neológicos de subpadrão *X-alvo*

Menos produtivo que os demais, o subpadrão de composição nominal *X-alvo* formou 3 unidades lexicais neológicas em nosso *corpus*: *campo-alvo*, *estrela-alvo* e *gato-alvo*¹³⁷.

A lexia *alvo* evoca domínios como “caça” e “armamentos”, que, por sua vez, remetem a domínios-matrizes mais gerais, como *VISÃO*: ser alvo de um caçador portando uma arma implica estar no campo de visão desse indivíduo.

Nos contextos em que as unidades lexicais neológicas *X-alvo* foram empregadas, a ideia de “visão” está muito presente. *Campo-alvo* denomina um espaço na dimensão do cosmos em que a sonda especial Kepler deverá direcionar sua visão, a fim de “caçar”

¹³⁷ Para acesso aos contextos integrais, consultar o Anexo 3.

informações. Do mesmo modo, *estrela-alvo*, no texto, nomeia uma estrela para a qual os cientistas desviam a visão, a fim de calcular sua distância em relação à Terra. Finalmente, *gato-alvo*, em um contexto bastante informal, designa um homem atraente (na gíria, “gato”), para o qual a mulher, “caçadora”, direciona sua visão e atenção.

Metaforicamente, portanto, nos neologismos compostos *X-alvo*, estrutura-se, no primeiro domínio evocado pelo *input* 1, a imagética da caça, projetada a partir do segundo *input*. Noções como “estar no campo de visão” e “voltar a atenção para” projetam-se no espaço-mescla para compor a estrutura semântica emergente, deixando de lado noções mais ligadas ao universo dos armamentos e operações bélicas.

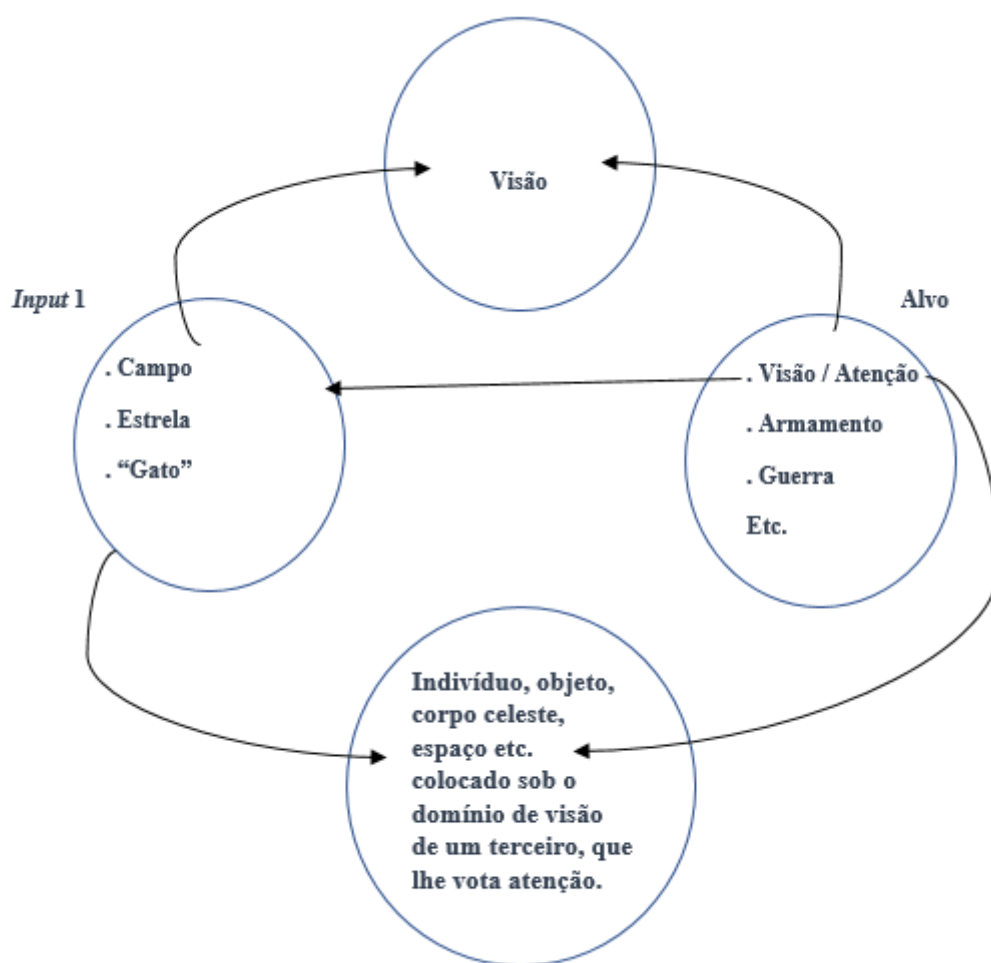


Imagem 101: Modelo genérico de construção semântica de neologismos de subpadrão *X-alvo*

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente trabalho, objetivamos analisar a construção semântica de composições neológicas nominais de padrão geral S+S no português brasileiro contemporâneo. Como hipótese de trabalho, acolhemos a ideia de que, subjacentes às aparentemente desprezíveis formas lexicais compostas em justaposição, atuavam estruturas cognitivas complexas de construção semântica, a que nos propusemos descrever e tentar compreender o funcionamento.

Toda Tese de Doutorado deve procurar responder a alguns questionamentos (ou, pelo menos, indicar um caminho de resposta), que ajudam a guiar o olhar do cientista para os diferentes aspectos da problemática em análise. Nossas perguntas-base nasceram de Maroneze (2011; 2014) e de Maroneze & Ganança (2020), que fornecem, segundo vimos no capítulo primeiro, direcionamentos analíticos para os estudos neológicos a partir de dois caminhos epistemológicos diferentes: o semasiológico e o onomasiológico.

Semasiologicamente, o pesquisador pode se perguntar: quais são os significados evocados pela unidade lexical neológica? E, talvez mais interessante que isso, como o falante acessa o significado preciso, mesmo em se tratando de um neologismo? Já sob uma perspectiva onomasiológica, o investigador perguntar-se-ia: que outros recursos linguísticos poderia o falante utilizar para materializar o conceito em mente? E, se havia outros, por que o falante utilizou exatamente aquele processo criativo?

Sugerimos algumas respostas, espalhadas ao longo da análise apresentada no longo capítulo quinto, para essas questões, que sempre estiveram em nosso horizonte teórico. Agora, porém, à guisa de considerações finais, trataremos de retornar a elas, a fim de sistematizá-las para encerrarmos o trabalho com uma visão global e geral do processo de construção semântica das composições neológicas nominais S+S. Com isso, esperamos desenvolver a hipótese inicial, confirmando-a.

Os compostos neológicos nominais S+S que estudamos apresentaram significados variados, a depender dos elementos lexicais tomados como membros da composição. Por isso, para responder ao primeiro questionamento semasiológico, isto é, quais seriam os significados possíveis para uma unidade lexical neológica, necessário se mostrou constituir uma amostragem de dados e analisá-los individualmente, pois cada unidade lexical composta é um mundo de relações semânticas variadas.

No que se refere, porém, ao segundo questionamento semasiológico – como o falante acessa o significado desses neologismos? – alguns apontamentos mais gerais podem ser feitos.

Primeiramente, consideramos que cada unidade lexical evoca não traços de significado que se encontram fechados no semema estruturalista (LOPES, 2008), mas domínios cognitivos em diferentes níveis de abstração (LANGACKER, 2008), sempre interconectados, do menos para o mais geral e abstrato, e estruturados a partir do uso real dessas unidades lexicais nas mais variadas situações. Nesse sentido, buscar o significado de uma palavra ou expressão é acessar o *frame* (FILLMORE, 1982) social, cultural, histórico e pessoal que ela evoca. Assim, por mais neológica que seja a unidade lexical, muito raramente se cria algo *ex-nihilo* e, mesmo quando isso parece ocorrer, argumenta Gonçalves (2016a, p. 32-33) que é quase sempre possível rastrear algum nível de motivação semântica, morfológica ou mesmo fonológica.

Isso nos leva ao primeiro nível de resposta à questão anteriormente formulada: o falante identifica o significado de uma unidade lexical neológica porque consegue realizar analogias formais ou semânticas com outros elementos linguísticos que lhe são conhecidos.

Em diversos momentos da análise, ressaltamos a importância da relação analógica para a criação lexical (SAUSSURE, 1969; MARONEZE, 2008). A composição *lulo-petismo*, por exemplo, lembremos, estruturou-se formalmente pela analogia aos modelos de composição erudita, cuja primeira base, presa, admitia vogal temática *-o*. O processo analógico, contudo, neste caso, não se restringiu apenas ao nível formal, estendendo-se ao pragmático, pois *lulo-petismo*, à semelhança de compostos clássicos cunhados para enriquecer terminologias científicas, teve a intenção de imprimir à opinião pessoal do autor do neologismo o caráter de fato objetivo e cientificamente comprovado.

Ainda sobre a importância da relação analógica para a criação e a interpretação semântica do neologismo, não há como não destacarmos os subpadrões de composição nominal S+S, identificados primeiramente por Alves (1990), e presentes em nosso *corpus* de análise. Verificamos, a esse propósito, que, a partir de unidades lexicais formadas segundo determinado esquema construcional mais geral (BOOIJ, 2005; 2007; 2010), outros neologismos podem surgir, serem analisados analogicamente e incorporados pelo sistema linguístico em novos subpadrões instanciados a partir do mais geral e que lhe herdaram características formais e/ou semânticas. Esses novos subpadrões são, pois,

modelos, não só de formação, mas também de interpretação dos neologismos, que auxiliam o falante a acessar seu significado.

Nesse sentido, a título de exemplo, relembremos o subpadrão *bolsa-X*, que parece ter sido instanciado a partir de *Bolsa-Família*, formado, por sua vez, pelo padrão geral da composição nominal S+S. Após o emprego de *Bolsa-Família* em contextos reais de uso, outras criações lexicais, semântica e formalmente análogas a ela, surgiram: *bolsa-escola*, *bolsa-auxílio*, *bolsa-internet* etc., dotando o falante de um modelo esquemático útil à construção de unidades lexicais variadas e à interpretação de seus significados.

Ao longo da análise, deparamo-nos com algumas criações lexicais compostas cuja estrutura semântica, claramente, comportava noções não originalmente previstas nos domínios cognitivos evocados pelos membros da composição. Como exemplo, lembramo-nos de *esforço-remendo*, em que o traço de culpabilidade atribuído ao governo norte-americano (que é o agente do metafórico remendo) não estava previsto em nenhum dos membros do composto.

Essas considerações conduzem-nos a um segundo nível de resposta à questão semasiológica de que estamos tratando: o falante consegue construir e identificar o significado de composições neológicas, porque, além de operar com analogias, lança mão de um processo de projeção interdomínios que está, segundo Fauconnier & Turner (2002; 2003), na base da própria criatividade do ser humano.

Os autores argumentam, segundo vimos, que o ser humano é capaz de conceptualizar o mundo simbolicamente porque une, em uma mesma estrutura cognitiva, domínios conceptuais diversos. Para isso, a mente opera projeções entre elementos selecionados desses domínios, que são lançados uns sobre os outros e em um espaço mental que os mescla e os reelabora, (re)criando significações variadas, no mais das vezes bastante criativas. Em *Estado-babá*, por exemplo, vimos que nem todos os elementos evocados por babá (“bebê”, “moça jovem”, “carinho”, “responsabilidade”) são projetados sobre Estado, mas, em consonância com a Hipótese da Invariância (LAKOFF, 1989), apenas aqueles que podem estruturar-se no primeiro *input* (“vigilância”, “cuidados”). O espaço mental da mescla, por fim, é o responsável por retrabalhar esses elementos projetados, evocando imagens culturalmente construídas e conotações críticas não necessariamente previstas em nenhum dos *inputs* tomados em separado (*Estado-babá* é aquele que sustenta, em demasia e demagogicamente, os seus cidadãos, mesmo que, para isso, atrapalhe sua liberdade econômica).

Lakoff & Johnson (1980) inauguraram o estudo da Metáfora Conceptual, evidenciando que os processos metafórico-metonímicos não são apenas retóricos, mas estão na base do pensamento humano e da conceptualização do mundo. Boa parte dos compostos neológicos que recolhemos e analisamos estruturaram-se por processos dessa natureza, alguns dos quais se encontram tão enraizados na língua que, deles, (quase) não nos damos mais conta. Ora, se a metáfora conceptual, no entender dos autores, é um processo basicamente projetivo, no qual um domínio mais conhecido projeta-se sobre outro menos conhecido para tentar identificar-lhe analogias e similitudes, é natural que a projeção e a integração conceptual interdomínios expliquem satisfatoriamente a construção do significado dos neologismos e o acesso do falante a eles.

Contudo, não podemos nos esquecer que todo esse maquinário cognitivo de construção e interpretação dos significados, que envolve analogias de esquemas semântico-formais, projeções e mesclas interdomínios, muitas das quais de natureza metafórico-metonímica, é potencial, ou seja, encontra-se nas estruturas da mente e da língua. O impulso que movimenta a máquina da cognição humana é, sem dúvida, a inserção da unidade lexical em contexto de uso, considerado a partir do universo de experiências do falante/escritor e do ouvinte/leitor. Ao analisarmos alguns neologismos, como *deputado-pastor*, *livro-reportagem* e *cidade-vitrine*, vimos que, sem o contexto e sem a nossa bagagem de conhecimento sobre os diversos fatos socioculturais da atualidade, jamais conseguiríamos decodificar o significado explícito e as sugestões implícitas evocadas por eles.

O conhecimento da realidade política brasileira e da atuação do referente denominado por *deputado-pastor* (Marcos Feliciano) fazem-nos entender que, mesmo sendo este um composto coordenativo, a escolha de pastor como segundo elemento não é aleatória e esconde uma crítica à interferência de princípios religiosos sobre a laicidade do Estado, marca da política desempenhada por Feliciano. Do mesmo modo, por sabermos de antemão que uma reportagem normalmente é veiculada em jornais e revistas, questionamo-nos acerca da razão que levou esta, em especial, a vir a público na forma de um livro. Ao acessar o contexto e verificarmos que se tratava de um *livro-reportagem* sobre a guerra contra o narcotráfico no México, causa, segundo o próprio blogueiro, da morte de vários jornalistas do país, compreendemos que o aparentemente despretensioso neologismo composto ocultava uma situação de medo e censura, que levou alguns jornalistas a publicarem suas investigações em um suporte mais elitizado que o jornal cotidiano, protegendo-se, portanto, de possível represálias. Finalmente, *cidade-vitrine* só

ganha sentido quando verificamos que se refere às cidades mais importantes no Brasil, onde ocorreram os maiores protestos populares antigovernistas em junho de 2013. A princípio, por evocar o universo dos *shoppings centers*, poder-se-ia até imaginar que vitrine seria metonímia do espaço privilegiado onde ocorrem compras e a *cidade-vitrine*, portanto, poderia ser entendida como aquela onde abundam os shoppings. Esse significado, contudo, não se confirmou em virtude do contexto.

Em suma, segundo pudemos observar, três fatores principais contribuem para a criação dos significados nas unidades lexicais neológicas compostas e para a sua decodificação pelos falantes/ouvintes:

(I) O ser humano, ao criar uma unidade lexical composta nova, opera com domínios cognitivos diferentes e mescla elementos selecionados desses domínios em estruturas cognitivas criativas, metafórico-metonímicas ou não, e sempre elaboradas de modo complexo.

(II) Essas unidades lexicais compostas reais, possíveis dada a capacidade humana de operar cognitivamente em *blendings*, retroalimentam o sistema linguístico, oferecendo novos subpadrões de criação lexical, tanto formais quanto semânticos, levando-nos a concordar com o pensamento saussuriano que vê, na analogia, a força que sustenta os processos de criação no léxico.

(III) Apesar de virtualmente possíveis, devido ao brilhante maquinário cognitivo humano, essas unidades lexicais compostas só atualizam linguisticamente os significados pela relação que estabelecem com os outros itens léxicos em contextos discursivos variados que, por sua vez, dialogam com as estruturas cognitivas socio-historicamente construídas pelo leitor/ouvinte.

Esquemáticamente, a imagem abaixo é uma tentativa de ilustrar a interligação entre todos esses processos de construção e interpretação do significado.

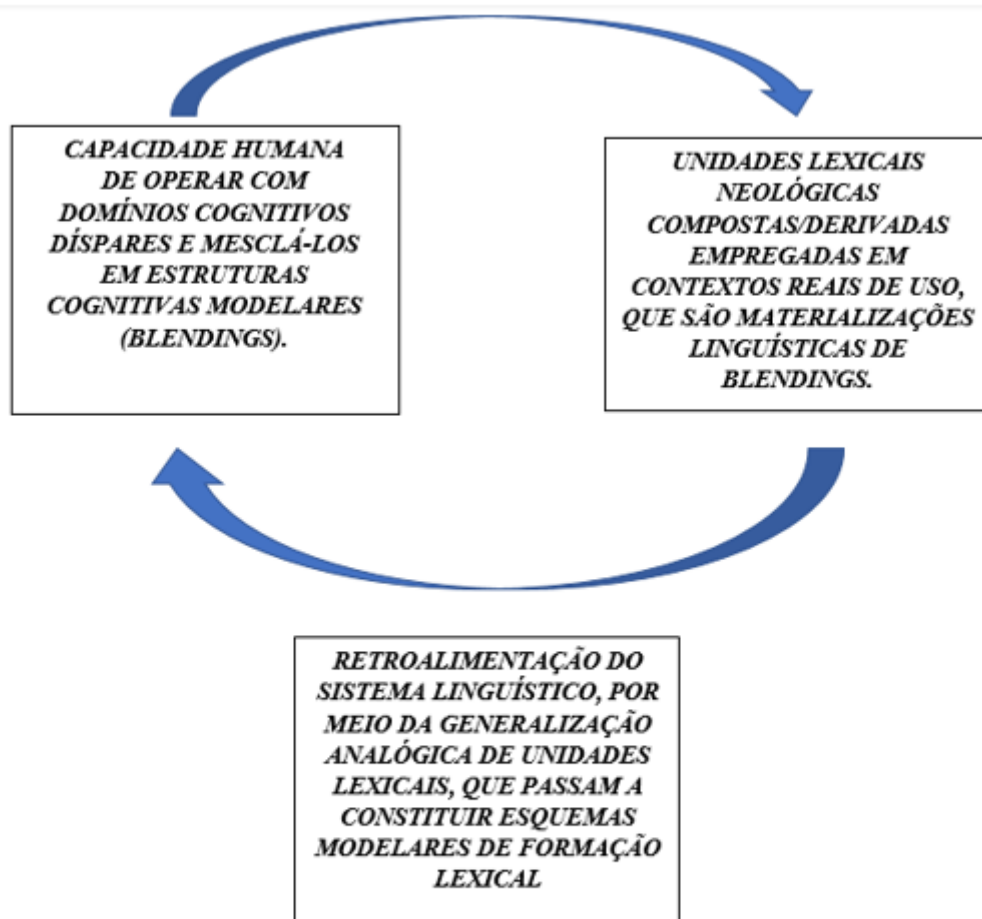


Imagem 102: Imagem ilustrativa da relação entre os processos envolvidos na construção e interpretação do significado de unidades lexicais neológicas

Por tudo o que foi dito acima, acreditamos estar comprovada a hipótese de trabalho inicial: as composições neológicas S+S são uma das materializações linguísticas possíveis de processos cognitivos gerais de conceptualização das experiências do homem sobre a Terra, como a capacidade de operar com domínios cognitivos diferentes e mesclá-los em estruturas emergentes criativas.

Onomasiologicamente, propusemo-nos questionamentos que vão no sentido de investigar por que a composição foi utilizada para materializar os conceitos que deprendemos nas análises. Haveria outros recursos possíveis para o mesmo fim? E, se havia, por que não foram utilizados?

Para responder a essa pergunta, temos que retornar a algumas afirmações feitas em outros estudos sobre o papel da composição na criação lexical, as quais, por sua vez, já foram por nós abordadas ao longo do texto.

Guilbert (1975), ancorado na primazia da sintaxe, própria das reflexões gerativistas, entende as composições como reduções de frases de base. Alves (1990), por

sua vez, lembra-nos de que existe um princípio de economia dos recursos linguísticos, que nos impele a falar mais utilizando o mínimo, e que preside a essa redução de que fala Guilbert. De fato, ao analisarmos as composições neológicas S+S de nosso *corpus*, percebemos que elas condensam, em sua estrutura, noções que poderiam ser desenvolvidas em enunciados maiores. O neologismo (relações) *China-Brasil*, por exemplo, reduz frases mais desenvolvidas como “relações estabelecidas entre a China e o Brasil”. Isso, obviamente, tem um impacto grande na organização do texto e em sua progressão, levando-nos a reconhecer que, além da função nomeadora de novas realidades/artefatos, de que nos fala Basilio (1987), a composição cumpre, também, função textual (GONÇALVES, 2016a), permitindo variabilidade sintática e estilística necessárias à produção de textos.

Como privilegiamos, neste estudo, a dimensão semântica da análise linguística, não podemos deixar de lembrar que conceitos formalistas como “redução de frase de base” ou mesmo “economia linguística” são conceptualmente explicados levando-se em conta as concepções cognitivistas de Fauconnier & Turner (2002, 2003). Dizem-nos os autores que a projeção interdomínios e a mescla de elementos entre eles fazem emergir estruturas de conhecimento com forte poder de condensação, por aproximarem, numa mesma estrutura, lugares, tempos e relações complexas de causa-efeito. Observe-se que, em (relações) *Brasil-China*, dois locais geograficamente distantes e todo o processo de estabelecimento, estreitamento e consolidação do contato entre os dois países é condensado em uma mesma estrutura cognitiva. A economia dos recursos linguísticos, de que nos fala Alves (1990), parece-nos ser, portanto, mais um dos efeitos formais de processos cognitivos gerais e abstratos.

Um dos níveis de resposta aos questionamentos onomasiológicos feitos acima pode ser, em suma: o falante utilizou-se da composição para expressar-se, pois ela permite materializar, formalmente, a condensação semântica inerente ao processo do *blending*, além de propiciar melhor organização e progressão textuais.

Uma segunda dimensão reflexiva, contudo, é necessário considerar. Verificamos que boa parte dos compostos neológicos coordenativos foi empregada para nomear pessoas que desempenhavam dois papéis profissionais ou sociais em dados contextos, além de locais ou eventos destinados a cumprirem duas funções. Nesse sentido, a composição nominal S+S justaposta é um excelente recurso formal para materializar, na língua, a tendência, cada vez mais crescente, de pessoas desempenharem múltiplas tarefas ao mesmo tempo, de locais serem aproveitados, simultaneamente, para mais de uma

função, ou mesmo de um evento social ter mais de um objetivo. Vivemos numa era em que a rapidez e a necessidade de simultaneidade nas tarefas, com vistas à economia de tempo, ditam os avanços tecnológicos e, por que não, a criação de novas palavras compostas por coordenação.

Uma das razões levantadas pelos autores da Linguística Cognitiva para a importância central da metáfora nos processos de cognição deve-se ao fato de ela permitir o reconhecimento do mais abstrato a partir do mais concreto. Exatamente isso verificamos nas composições neológicas de motivação metafórica analisadas neste estudo. Como representar, linguisticamente, de modo condensado e esquemático, aquela sequência de filmes sobre o mesmo assunto, aclamados por público e crítica, produzidos e lançados cronologicamente no mesmo período? Todas essas concepções mais difusas são como que materializadas pela evocação à palavra *ouro* no composto neológico *temporada-ouro*, que condensa e dá concretude ao estrondoso sucesso das produções cinematográficas em questão.

Ora, que outra construção lexical, que não a composição nominal S+S, poderia descrever tal riqueza semântica com tão poucos recursos formais? Não entraremos em considerações teóricas sobre a existência real ou não de sinônimos absolutos. O fato, porém, é que dificilmente outra expressão linguística alcançaria tais detalhes e a sabedoria cognitiva do falante sabe disso. Outras formas semelhantes como “temporada preciosa”, “temporada importante”, “temporada significativa” não evocam exatamente as mesmas noções. Do mesmo modo, uma *empresa-fantasma* não é simplesmente uma não-empresa, ou uma “empresa falsa”, ou mesmo uma “pseudo-empresa”: ao evocar a imagem do fantasma, constrói-se uma composição para indicar que, além de falsa e inexistente, a empresa em questão mantém as aparências de real; virtualmente, é uma empresa; na concretude, não. Essa noção perfila, com maior clareza, o aspecto da falsidade que se quer destacar: aparência *versus* essência. Dizer “empresa aparente”, nesse sentido, não teria a mesma força imagética de significação por ser expressão demasiadamente vaga: o que se quer dizer com empresa aparente?

Uma terceira, e última, dimensão de resposta aos questionamentos onomasiológicos poderia ser, portanto, que o falante utiliza o recurso da composição nominal S+S porque só ele exprime, de modo estruturalmente condensado, a sutileza de detalhes que se quer materializar.

O presente trabalho jamais teve a pretensão de ser definitivo. No entanto, chegamos ao momento de finalizá-lo com a consciência de haver cumprido a proposta

inicial, desenvolvendo-a até ao limite de nossos conhecimentos e de nossa capacidade analítico-reflexiva. Por essa razão, e cientes de que muito mais ainda poderia ser dito acerca das variadas, complexas e instigantes relações semânticas evocadas pelas composições neológicas S+S, colocamos, aqui, nosso ponto final.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Napoleão Mendes de. *Gramática metódica da língua portuguesa*. 44ª ed. São Paulo: Saraiva, 1999. [1ª ed. 1944].

ALVES, Ieda Maria. A neologia do português brasileiro de 1990 a 2009: tradição e mudança. In: ALVES, Ieda Maria (org.). *Neologia e neologismos em diferentes perspectivas*. São Paulo: Paulistana, 2010, p. 63-82.

_____. A observação sistemática da neologia lexical: subsídios para o estudo do léxico. *Alfa: Revista de Linguística*, v. 50, n. 2., p. 131-144, São Paulo: 2006. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/1415/1116>. Acesso em: 31 jul. 2018.

_____. *Um estudo sobre a neologia lexical: os microssistemas prefixais do português contemporâneo*. Tese (Livre Docência em Lexicologia e Terminologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

_____. *Neologismo. Criação lexical*. São Paulo: Ática, 1990.

ARONOFF, Mark. *Word formation in Generative Grammar*. Boston: The MIT Press, 1976.

ASSIS ROCHA, Luiz Carlos de. *Estruturas morfológicas do português*. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BALDINGER, Kurt. Semasiologia e onomasiologia. *Alfa: Revista de Linguística*, v. 9, p. 7-36, FFCL de Marília: 1966. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3265/2992>. Acesso em: 25 ago. 2019.

BARBOSA, Maria Aparecida. *Léxico, produção e criatividade. Processos do neologismo*. São Paulo: Global, 1981.

BARNDEN, John. Metaphor and metonymy: making their connection more slippery. *Cognitive Linguistics*, v. 21, issue 1, p. 1-34, 2010.

BASILIO, Margarida. Abordagem gerativa e abordagem cognitiva na formação de palavras: considerações preliminares. *Revista Linguística / Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro*, v. 6, n. 2, p. 1-14, Rio de Janeiro: UFRJ, 2010. ISSN: 1808-835X-1. Disponível em: www.letas.ufrj.br/poslinguistica/revistalinguistica. Acesso em: 14 abr. 2019.

_____. Prefixos: a controvérsia derivação/composição. *Cadernos de Linguística e Língua Portuguesa*, v. 1, p. 3-13, Rio de Janeiro, PUC-RJ, 1989.

_____. *Teoria lexical*. São Paulo: Ática, 1987.

_____. *Estruturas lexicais do português: uma abordagem gerativa*. Petrópolis: Vozes, 1980.

BATORÉO, Hanna. Produtividade lexical, espaços mentais integrados e lexias compostas na língua portuguesa (PE e PB): o que a Linguística Cognitiva nos ensina sobre língua e cultura? *Revista Linguística (Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro)*. v. 6, n. 2, p. 27-43, Rio de Janeiro: UFRJ, 2010. ISSN 1808-835X. Disponível em: <http://www.letras.ufrj.br/poslinguistica/revistalinguistica>. Acesso em: 04 jan. 2020.

BAUER, Larry. The borderline between derivation and compounding. In: DRESSLER, W. et. al. (eds.). *Morphology and Its Demarcations*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2005, p. 97-108.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. [1ª ed. 1961].

BENCZES, Rêka. Analysing Metonymical Noun-Noun Compounds: The case of Freedom Fries. p. 01-09, 2006. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/228749376_Analysing_Metonymical_Noun-Noun_Compounds_The_Case_of_Freedom_Fries. Acesso em: 05 jan. 2020.

_____. Creative Noun-Noun Compounds. *Annual Review of Cognitive Linguistics*. v. 3, p. 250-268, Amsterdã, John Benjamins Publishing Company, 2005. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/233485608_Creative_noun-noun_compounds. Acesso em: 03 jan. 2020.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral*. v. 2. 2ª ed. Campinas: Pontes Editora, 2006.

_____. *Problèmes de linguistique générale*. v. 2. Paris: Gallimard, 1974.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. *Teoria linguística: linguística quantitativa e computacional*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.

BLOOMFIELD, Leonard. *Language*. Londres: Allen and Unwin, 1935 [1ª ed. 1933].

BOOIJ, Geert. *Construction Morphology*. Oxford: Oxford University Press, 2010.

_____. Construction Morphology and the Lexicon. In: MONTERMINI, F.; BOYÉ, G.; HATHOUT, N. (org.). *Selected Proceedings of the 5th Décembrettes: Morphology in Toulouse*. Somerville: Cascadilla Press, 2007, p. 34-44.

_____. Compounding and Derivation: Evidence for Construction Morphology. In: DRESSLER, W. et. al. (orgs.). *Morphology and Its Demarcations*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2005, p. 109-131.

BOULANGER, Jean-Claude. L'évolution du concept de "néologie" de la linguistique aux industries de la langue. In: C. De Schaetzen (org.). *Terminologie diachronique. Actes du Colloque organisé à Bruxelles les 25 et 26 mars 1988*. Paris: Conseil international de la langue française (CILF) et Ministère de la communauté française de Belgique, p. 193-211, 1989.

_____. Problématique d'une méthodologie dynamique d'identification des néologismes en terminologie. In: R. Adda (et. al.). *Néologie et lexicologie. Hommage à Louis Guilbert*. Paris: Larousse Université, p. 36-46, 1979.

BRASIL. CASA CIVIL DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA (2008). Decreto nº 6.583, de 29 de setembro de 2008. Promulga o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, assinado em Lisboa, em 16 de dezembro de 1990. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Decreto/D6583.htm. Acesso em: 08 set. 2019.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA (1959). *Nomenclatura Gramatical Brasileira*. Diário Oficial de 11 de maio de 1959.

BYEBEE, Joan Lea. Morphology as lexical organization. In: HAMMOND, M. & NOONAN, M. (ed.) *Theoretical Morphology. Approaches in modern Linguistics*. San Diego: Academic Press, 1988.

CABEZASBORJA, Gabriela. *Blending Theory and the Semantics of Compounds*. Dissertation (Master of Science). Universidade de Edimburgo, Edimburgo, 2016. Disponível em: <https://era.ed.ac.uk/handle/1842/21738>. Acesso em: 13 jan. 2020.

CABRÉ, Maria Teresa. La neología, campo disciplinar y aplicado: utilidad y problemas en el trabajo neológico de los Observatorios. In: ALVES, I. M. (org.). *Neologia e neologismos em diferentes perspectivas*. São Paulo: Paulistana, p. 12-33, 2010.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *História e estrutura da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1975.

_____. *Problemas de linguística descritiva*. Rio de Janeiro: Vozes, 1969.

CALDAS AULETE, Francisco Júlio de. *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. Versão online. Rio de Janeiro: Lexicon. Disponível em: www.aulete.com.br. Acesso em: 27 ago. 2019.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. *Nova gramática do português brasileiro*. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2010.

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 33ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1990. [1ª ed. 1962].

CHOMSKY, Noam. *Reflections on Language*. New York: Pantheon, 1975.

_____. Remarks on nominalization. In: JACOBS, R. & ROSENBAUM, P. (orgs.). *Readings in English Transformational Grammar*. Waltham: Blaisdell, 1970.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Gramática histórica*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Imprensa do Livro Técnico, 1976. [1ª ed. 1938].

CROFT, William & CRUSE, D. Allan. *Cognitive Linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008. [1ª ed. 1985].

CUTRER, Michelle. *Time and Tense in Narratives and Everyday Language*. Ph.D. Dissertation. University of California, San Diego, 1994.

DEMAI, Fernanda Mello. *Processos de terminologização: descrição e análise da neologia da área de educação do campo*. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014. DOI: 10.11606/T.8.2014.tde-26032015-151957. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-26032015-151957/pt-br.php>. Acesso em: 12 jul. 2019.

DUBOIS, Jean et al. *Dicionário de linguística*. 16ª ed. São Paulo: Cultrix, 2011.

EVANS, Vyvian. Figurative language understanding in LCCM Theory. *Cognitive Linguistics*, v. 21, p. 601-662, 2010.

_____ & GREEN, Melanie. *Cognitive Linguistics: An Introduction*. New Jersey, London, Lawrence Erlbaum Associates, Publishers, 2006.

FAUCONNIER, Gilles. Mental Spaces. In: GEERAERTS, D. & CUYCKENS, H. *The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics*. Oxford: Oxford University Press, 2007, p. 351-375.

_____. *Mappings in Thought and Language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

_____. *Mental Spaces*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

FAUCONNIER, Gilles & TURNER, Mark. Conceptual Blending, Form and Meaning. *Recherches en Communication*, n.19, p. 57-86, 2003. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/45359086_Conceptual_Blending_Form_and_Meaning. Acesso em: 11 nov. 2019.

_____. *The Way We Think*. New York: Basic Books, 2002.

FERRARI, Lilian. *Introdução à Linguística Cognitiva*. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2014.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Dicionário Aurélio da língua portuguesa*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Positivo, 2010.

FILLMORE, Charles. Frames and the semantics of understanding. *Quaderni di Semantica*, v. 6, p. 222-254, 1985.

_____. Frame semantics. In: LINGUISTIC SOCIETY OF KOREA (org.). *Linguistics in the morning calm*. Seoul: Hanshin Publishing, 1982, p. 111-137.

_____. Scenes-and-framesemantics. In: ZAMPOLLI, A. (org.). *Linguistic structures processing*. Amsterdam: North Holland, 1977, p. 55-81.

_____. An alternative to checklist theories of meaning. In: COGEN, C., THOMPSON, H., THURGOOD, G., WHISTLER, K. (org.) *Proceedings of the Berkeley Linguistics Society*. Berkeley: Berkeley Linguistic Society, 1975, p. 123-131.

GANANÇA, João Henrique Lara. *Um estudo da prefixação em unidades lexicais neológicas coletadas de blogs da internet*. Dissertação (Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/D.8.2017.tde-05072017-105742>. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-05072017-105742/pt-br.php>. Acesso em: 10 out. 2019.

GARDIN, Bernard.; LEFEVRE, André.; MARCELLESI, Jean-Baptiste.; MORTUREAUX, Marie-Françoise. À propos du sentiment néologique. *Langages*. n. 36, p. 45-52, 1974.

GOLDBERG, Adele. *Constructions*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

_____. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

GONÇALVES, Carlos Alexandre. *Atuais tendências em formação de palavras*. São Paulo: Contexto, 2016a.

_____. *Morfologia Construcional: uma introdução*. 1ª ed. São Paulo: Contexto, 2016b.

_____. Prefixação: composição ou derivação? Novos enfoques sobre uma antiga polêmica. *Matraga – Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ*. v. 19, n. 30., p. 142-167. Rio de Janeiro: jan/jun 2012. Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/matraga/article/view/22625>. Acesso em: 30 jul. 2018. DOI: <https://dx.doi.org/10.12957/matraga>.

_____. et. al. Para uma estrutura radial das construções x-ão do português do Brasil. In: ALMEIDA, M. L. L., FERREIRA, R. G.; PINHEIRO, D. et. al. (org.). *Linguística Cognitiva em foco: morfologia e semântica do português*. Rio de Janeiro, Publit, 2009.

GOOSSENS, Louis. Metaphonymy: the interaction of metaphor and metonymy in expressions for linguistic action. *Cognitive Linguistics*, v. 1, n. 3, p. 323-340, 1990.

GUILBERT, Louis. *La créativité lexicale*. Paris: Larousse, 1975.

_____. Théorie du néologisme. *Cahiers de l'Association Internationale des Etudes Françaises*, n. 25, p. 9-29, 1972. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/caief_0571-5865_1973_num_25_1_1020. Acesso em: 21 jul. 2018. DOI: <https://doi.org/10.3406/caief.1973.1020>

HALLE, Morris & MARANTZ, Alec. Distributed morphology and the pieces of inflection. In: HALE, K. & KEYSER, S. J. (orgs.) *The views from building 20*. Cambridge MA: MIT Press, 1993, p. 111-176.

HOUAISS, Antônio e VILLAR, Mauro. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

JACKENDOFF, Ray. *Semantics and Cognition*. Cambridge, MA: MIT Press, 1983.

JOHNSON, Mark. *The Body in the Mind: The Bodily Basis of Meaning, Imagination and Reason*. Chicago: Chicago University Press, 1987.

KÖVECSESES, Zoltán. *Language, Mind and Culture*. Oxford, Oxford University Press, 2006.

_____. *Metaphor: a practical introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2002.

LAKOFF, George. The contemporary theory of metaphor. In: ORTONY, A. (ed.). *Metaphor and Thought*. 2ª ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1993, p. 202-251.

_____. The invariance hypothesis: is abstract reason based on image schemas? *Cognitive Linguistics*, v. 1, n. 1, p. 39-74, 1990.

_____. & TURNER, Mark. *More than Cool Reason: a field guide to poetic metaphor*. Chicago: University of Chicago Press, 1989.

_____. *Women, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

_____. & JOHNSON, Mark. *Metaphors we live by*. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.

LANGACKER, Ronald. *Cognitive Grammar: A Basic Introduction*. Oxford, Oxford University Press, 2008.

_____. *Foundations of Cognitive Grammar: Descriptive applications*. Standford: Standford University Press, 1991.

_____. *Foundations of Cognitive Grammar: Theoretical prerequisites*. Standford: Standford University Press, 1987.

LOPES, Edward. *Fundamentos da linguística contemporânea*. 20ª ed. São Paulo: Cultrix, 2008.

MACAMBIRA, José Reboças. *Português estrutural*. Fortaleza: Imprensa Universitária da Universidade Federal do Ceará, 1974.

MARONEZE, Bruno Oliveira. & GANANÇA, João Henrique Lara. Perspectivas onomasiológica e semasiológica nos estudos de neologia. *LaborHistórico*, v.6, n. 1, p. 204-224. Rio de Janeiro: jan/abr. 2020. Disponível em:

<https://revistas.ufrj.br/index.php/lh/issue/view/1313>. Acesso em: 02 jun. 2020.
DOI: <https://doi.org/10.24206/lh.v6i1.31296>.

_____. Onomasiologia e semasiologia: uma distinção válida nos estudos de neologia? In: ALVES, I. M. & PEREIRA, E. S. (orgs). *Os Estudos Lexicais em Diferentes Perspectivas*. v. IV. p. 7-21, São Paulo: FFLCH/USP, 2014. Disponível em: [www.researchgate.net/publication/277077739 Onomasiologia e semasiologia um a distincao valida nos estudos de neologia](http://www.researchgate.net/publication/277077739_Onomasiologia_e_semasiologia_um_a_distincao_valida_nos_estudos_de_neologia). Acesso em: 02 dez. 2019.

_____. *Um estudo da mudança de classe gramatical em unidades lexicais neológicas*. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. DOI: 10.11606/T.8.2011.tde-28092011-102939. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-28092011-102939/pt-br.php>. Acesso em: 01 dez. 2019.

_____. As concepções saussurianas de formação de palavras. *ReVEL*. v. 6, n. 2, p. 1-16, 2008.

MARTINET, André. *Elementos de linguística geral*. Trad. Jorge Morais-Barbosa. 1ª ed. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1964.

MAURER Jr., Theodoro Henrique. *Gramática do latim vulgar*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1959.

MICHAELIS. *Moderno dicionário da língua portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/>. Acesso entre jan. 2018 e mar. 2019.

NUNES, José Joaquim. *Compêndio de gramática histórica*. 7ª ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1969. [1ª ed. 1919].

OLIVEIRA, Márcia Regina de. Interações na blogosfera. In: SHEPHERD, T. G. & SALIÉS, T. G. (orgs.). *Linguística da internet*. São Paulo: Contexto, 2013.

PEREIRA, Eduardo Carlos. *Grammatica expositiva: curso superior*. 1ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1907.

POTTIER, Bernard; AUDUBERT, Albert; PAIS, Cidmar Teodoro. *Estruturas linguísticas do português*. 2ª ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1973.

POTTIER, Bernard. *Grammaire de l'Espagnol*. Paris: Presses Universitaires de France, 1972.

POLGUÈRE, Alain. *Lexicologia e Semântica Lexical: noções fundamentais*. Trad. Sabrina Pereira de Abreu. 1ª edição. São Paulo: Contexto, 2018.

REY, Alain. Néologisme: um pseudoconcept? *Cahiers de Lexicologie*, n. 28, p. 3-17, 1976.

RIBEIRO, Ernesto Carneiro. *Elementos de grammatica portugueza*. 7ª ed. Bahia: Livraria e Papelaria Catilina, 1932. [1ª ed. 1879].

_____. *Serões grammaticaes ou nova grammatica portugueza*. 3ª ed. Bahia: Livraria Catilina, 1919. [1ª ed. 1890].

RIO-TORTO, Graça Maria; RODRIGUES, Alexandra Soares; PEREIRA, Isabel; PEREIRA, Rui; RIBEIRO, Sílvia. *Gramática derivacional do português*. 2ª ed. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013.

_____; RIBEIRO, Sílvia. Compounding in Portuguese. *Lingua e Linguaggio*, VIII (2), p. 271-281, 2009.

_____; *Formação de palavras em português*. Tese (Doutorado) – Universidade de Coimbra, Coimbra, 1993.

ROBINSON, Susan. The Mission of the j-blog: Recapturing Journalistic Authority Online. *Journalism*. v. 7, n. 1, p. 65-83, Filadelfia: Sage, 2006.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 48ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010. [1ª ed. 1957].

ROSCH, Eleanor. Principles of categorization. In: ROSCH, E. & LLOYD, B. (eds.). *Cognition and Categorization*. Hillsdale, NJ; NY: Lawrence Erlbaum, 1978, p. 27-48.

_____; et. al. Basic objects in natural categories. *Cognitive Psychology*, v. 8, p. 382-439, 1976.

_____. & MERVIN, Carolyn. Family resemblances; studies in the internal structure of categories. *Cognitive Psychology*, v. 7, p. 573-605, 1975.

_____. On the internal structure of perceptual and semantic categories. In: MOORE, T. (ed.). *Cognitive Development and the Acquisition of Language*. New York: Academic Press, 1973, p. 111-144.

SABLAYROLLES, Jean-François. Le sentiment néologique: une compétence qui s'acquiert et s'affine. In: ALVES, I. M. et al. (orgs). *Os Estudos lexicais em diferentes perspectivas*. v. III. São Paulo: FFLCH-USP, p. 6-20, 2013. Disponível em: <http://www.usp.br/gmhp/publ/VICOLOQUIO.pdf>. Acesso em: 12 jul. 2019.

SAID ALI, Manuel. *Gramática histórica da língua portuguesa*. 3ª ed. São Paulo: Melhoramentos, 1964. [1ª ed. 1921].

SANDMANN, Antônio José. *Morfologia geral*. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 1997.

_____. *Morfologia lexical*. São Paulo: Contexto, 1992.

_____. *Formação de palavras no português brasileiro contemporâneo*. Curitiba: Sciencia e Labor/Ícone, 1989.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. Trad. Antonio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blickstein. 34ª ed. São Paulo: Cultrix, 2012. [1ª ed. 1969]

SCHWINDT, Luiz Carlos. Morfologia. In: SCHWINDT, Luiz Carlos (org.). *Manual de Linguística. Fonologia, Morfologia e Sintaxe*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014, p. 109-154.

_____. O prefixo no português brasileiro: análise prosódica e lexical. *D.E.L.T.A. – Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, v. 17, n. 2, São Paulo: 2001. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502001000200001. Acesso em: 31 jul. 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-44502001000200001>.

SILVEIRA BUENO, Francisco da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 6ª ed. São Paulo: Saraiva, 1963. [1ª ed. 1944].

SIQUEIRA, Jéssica Camara. *Neologismos na Ciência da Informação*. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015. DOI: 10.11606/T.8.2015.tde-19102015-132239. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-19102015-132239/pt-br.php>. Acesso em: 25 ago. 2019.

SOARES DA SILVA, Augusto. *O mundo dos sentidos em português: polissemia, semântica e cognição*. Coimbra: Almedina, 2006.

TAYLOR, John R. *Cognitive Grammar*. Oxford: Oxford University Press, 2003.

TORRES, Artur de Almeida. *Moderna gramática expositiva da língua portuguesa*. 14ª ed. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, 1962. [1ª ed. 1959].

VASCONCELOS, Carolina Michaelis de. *Lições de Filologia Portuguesa*. Lisboa: Edição da Revista de Portugal, 1946.

VIARO, Mario Eduardo. *Etimologia*. São Paulo: Contexto, 2011.

VIEIRA, Francisco Eduardo. *A gramática tradicional. História crítica*. São Paulo: Parábola, 2018.

VOROBÉVA, Yulia. Cognitive-Pragmatic Approach to the Meaning of New Compound Nouns in English. *International Journal of Humanities and Social Science*. v. 6, no. 4, p. 117-124, CPI, USA, 2016. Disponível em: http://www.ijhssnet.com/view.php?u=https://www.ijhssnet.com/journals/Vol_6_No_4_April_2016/15.pdf. Acesso em: 20 jan. 2020.

ANEXO 1

Lista, em ordem alfabética, das unidades lexicais neológicas compostas coordenativas, seguidas dos respectivos contextos em que foram empregadas.

Almoço-debate

FHC e Armínio em SP – ex-presidente Fernando Henrique Cardoso e Armínio Fraga, ex-presidente do Banco Central, participam de <**almoço-debate**> sobre “Uma agenda econômica viável para a retomada do crescimento brasileiro”. Organizado pelo Lide (Grupo de Líderes Empresariais), em São Paulo. (*Fernando Rodrigues*, 22/09/2014)

Almoço-palestra

Padilha e portugueses – Alexandre Padilha, pré-candidato do PT ao governo de SP, é convidado para <**almoço-palestra**> do Conselho de Administração da Câmara Portuguesa, em SP. (*Fernando Rodrigues*, 21/05/2014)

(relação) **aluno-professor**

E há outros critérios. Alguns estudantes preferem as escolas menores, com um ou dois cursos, por exemplo. Nessas instituições, a relação <**aluno-professor**> costuma ser mais próxima e os estudantes acabam formando uma espécie de “família”. Outros querem os campus (sic) universitários do tamanho de cidades, com prédios enormes afastados por áreas arborizadas. (*Abecedário*, 23-10-2014)

Amigo-sócio

2º: recebi uma notícia que esperava havia pouco mais de uma semana. A nossa conhecida personagem, Carol (ler Conexão Capão – EUA e Como mudar o mundo – parte 1), recomendou que o João (meu <**amigo-sócio**>) e eu fôssemos à Virada Empreendedora. (*Gustavo Torres*, 03/05/2014)

Astrônomo-matemático

Na Antiguidade Grega, o <**astrônomo-matemático**> Aristarco de Samos (310 a 230 a.C.), que defendia a órbita da Terra em torno do Sol e sua rotação em torno de um eixo imaginário, concebeu um universo tão vasto quanto o considerado nos anos 30 do século passado, quando a cosmologia deixou a filosofia e se integrou ao corpo da ciência pelos trabalhos do astrônomo americano Edwin P. Hubble (1889-1953). (*Scientific American*, 05/09/2014)

Ator-cantor

Luz Negra – Com grandes <atores-cantores>, o Pessoal do Faroeste conta uma outra história de São Paulo, sobre a Frente Negra dos anos 30. Sede Luz do Faroeste. Terças e quartas, 21h (até 4 de março) (*Cacilda*, 29/11/2014)

Ator-produtor

Vamos então dizer logo de cara: amigas e amigos, 12 Anos de Escravidão é o filme mais importante da safra 2013. Mesmo com os dez minutos de Brad Pitt e seu sotaque bizarro (<ator-produtor> tem seus privilégios...) o filme de Steve McQueen já está na história do cinema como a mais profunda, exata e poderosa visão de um assunto que os americanos preferem empurrar para baixo do tapete. (*Ana Maria Bahiana*, 16/01/2014)

Aula-comício

Uma página do Facebook convoca manifestantes para o que chamam de ‘<aula-comício>’ da pré-candidata Gleisi Hoffmann (PT), na Sexta, na Universidade de Maringá. (*Coluna Esplanada*, 13/02/2014)

Autor-diretor

Lepage morou durante meses num hotel de Las Vegas, quando dirigiu um show do Cirque du Soleil, no momento em que os Estados Unidos invadiam o Iraque. Embora escritos de forma “coletiva”, as tramas e os personagens parecem todos saídos diretamente das impressões do <autor-diretor>. (*Cacilda*, 15/10/2014)

Autor-jornalista

“O Jornalista e o Assassino”, Janet Malcolm, Companhia das Letras – Esse é daqueles obrigatórios. Mesmo. Livro, aço, aço. Talvez nenhum outro discuta tão sabiamente ética e liberdade de imprensa. A trama parte da história de um médico, condenado por matar a mulher e duas filhas. Depois de virar tema e personagem de um livro, ele processa o <autor-jornalista>. Corra e leia, Lola, é urgente. Para Malcolm, o trabalho do jornalista é, moralmente, indefensável. (*Xico Sá*, 14/02/2014)

Baixista-cantor

Tudo isso em menos de um ano, e com uma banda formada por apenas duas pessoas: um <baixista-cantor>, Mike Kerr, e um baterista, Ben Thatcher. (*Pablo Miyazawa*, 08/11/2014)

Barco-táxi

Por ter sido construída sobre as águas, Veneza é uma zona praticamente livre de carros. A locomoção dentro da cidade continua como nos séculos passados: a pé ou pela água, com os <barcos-táxis>. (*Companhia de Viagem*, 02/10/2014)

Bar-sebo

Como andam as coisas no Chico Discos, <bar-sebo> de São Luis? No Bar Brasil, em Londrina, preferi, em breve visita na semana passada, observar as sádicas Justines da terra roxa. (*Xico Sá*, 23/09/2014)

(relações) **Brasil-Estados Unidos**

Obama se viu forçado a explicar a natureza dessa espionagem num encontro de cúpula do G20 em São Petersburgo, na Rússia, em 2013, mas suas justificativas não foram convincentes e as relações <Brasil-Estados Unidos> permaneceram congeladas até 2015, quando ele recebeu Dilma nos Estados Unidos. Nesse período, no entanto, o golpe parlamentar de 2016 foi sendo arquitetado — ao que tudo indica, com apoio informal norte-americano. (*Leonardo Attuch*, 06/10/2017)

(migração) **campo-cidade**

Olhando sociologicamente: tínhamos o mundo contingenciado pela Guerra Fria, porém o Brasil começava a se encaixar no eixo dos investimentos estrangeiros, desde o Juscelino. Havia crescimento industrial, forte migração <campo-cidade> e um Estado incompetente para atender às demandas de uma sociedade que crescia. (*Ricardo Setti*, 31/03/2014)

(relação) **capital-trabalho**

Este caso mostra como grupos próximos do poder político são capazes de sentir-se seguros o suficiente para subverter a lei a fim de garantir a exploração dos trabalhadores. Flagrados, alguns usam o “mas sempre foi assim”, que justifica as maiores aberrações pela manutenção da exploração como “tradição”. Outros culpam o Estado, que se interpõe sobre a relação de compra e venda de força de trabalho. Para eles, a legislação impede a livre negociação. Para eles, a legislação impede a livre negociação. Como se a relação <capital-trabalho> fosse baseada sempre em igualdade de condições. (*Sakamoto*, 01/08/2014)

Carro-dormitório

Depois de tecnicamente pronto, será a vez dos desenhistas do setor automobilístico fazerem as suas propostas: o carro que anda sozinho poderá ter um aspecto bem diferente do carro que o homem dirige. O princípio do carro atual, com painel, direção, pedais e controles à mão do motorista, cai por terra. O carro poderia ser em formato de uma sala de estar, quadrada ou circular, onde os ocupantes ficariam conversando; poderia ser um módulo de escritório, onde o ocupante trabalharia durante o percurso, ou quem sabe um <carro-dormitório>, onde o ocupante se acomodaria confortavelmente numa cama enquanto o seu carro o levaria de uma cidade para outra. (*Mundo em Movimento*, 25/09/2014)

Castelo-hotel

Você já imaginou viver dentro do seu filme favorito durante quatro dias e ainda conhecer um destino fantástico? Pois para os amantes da saga Harry Potter, agora isso é bem possível! Um grupo de fãs da cinessérie criou o College of Wizardry (CoW), um larp nórdico – ou seja, uma espécie de RPG, o famoso Role Playing Game – inspirado na história e cenários da trama. E o melhor: tudo isso acontece no castelo de Czocha, na Polônia. Para a experiência, foi criada no local uma escola de magia inspirada na fictícia Hogwarts, onde todos os participantes assumem papéis inspirados no filme, como estudantes e professores. Tudo se trata, na verdade, de um grande jogo de interpretação. Mas além da fantasia de fingir ser – com direito a vestimentas e tudo – um dos seus personagens favoritos, o bacana desta viagem também está em conhecer esse <castelo-hotel> localizado na vila de Sucha Beskidzka. (*Companhia de Viagem*, 22/12/2014)

Cenário-redação

A Rede Globo acusa hackers de suposto furto de imagens do <cenário-redação> do "Fantástico". (*O Buxixo*, 14/04/2014)

(interface) cérebro-máquina

No filme, essa questão se abre em discussões sobre livre arbítrio e consciência humana: o protagonista luta para não deixar sua mente ser dominada pelo computador. Na vida real, a ciência está longe de criar um dilema dessa magnitude. Mas é exatamente essa questão, em uma versão menos drástica, que tem motivando críticas à mais avançada iniciativa de ICM (interface <cérebro-máquina>) que existe na vida real. (*Teoria de Tudo*, 28/02/2014)

(trajeto) Chile-Brasil

O acordo de transporte marítimo assinado entre Brasil e Chile em 1974, que vem causando prejuízos para empresários dos dois países, será tema de uma reunião entre o presidente da CNI, Robson Braga de Andrade, e Hermann Von Mülenbrock, da Sofofa, entidade empresarial do Chile. O tratado estabelece que somente navios de bandeiras chilena e brasileira podem operar na rota entre os dois países e isso afeta mais da metade do comércio bilateral. Hoje, o valor do quilômetro do Chile para China é 30% mais barato do que no trajeto <**Chile-Brasil**>. O pleito será levado a José Serra, do Itamaraty. (*Brasil Confidencial*, 10/06/2016)

(conexão) **China-Brasil**

Uma conexão <**China-Brasil**> que já rendeu uma série de descobertas de fósseis interessantes acaba de apresentar mais um monstro pré-histórico voador — e esse tem certo sabor cinematográfico. Os pesquisadores batizaram a criatura, um pterossauro (réptil voador da Era dos Dinossauros) de Ikrandraco avatar, em homenagem aos ikrans, uma das espécies de criatura voadora do filme “Avatar” (óbvio!). Vejam só que coisa linda. (*Darwin e Deus*, 12/09/2014)

Clube-associação

Para tanto, insistem, muitos dos nossos cartolas, em realizar grandes esforços para manterem os clubes que chamam de “seus” exatamente na mesma forma de organização adotada no tempo em que Charles Muller apareceu com a bola em nosso País, o chamado “<**clube-associação**>”. A forma das associações, assim definida como reunião de pessoas para realização de atividades de caráter, eminentemente, não econômico, não permitiria, em regra, a remuneração dos seus dirigentes, o que implica a permanência de “voluntários” ocupando cargos de gestão. Para impedir a evolução natural, grande maioria dos nossos dirigentes esportivos não relutam fazer acrobacias, inclusive constitucionais, acionando seus lobistas junto aos Poderes Públicos para impedir que o Estado faça o relógio correr, determinando que nossos clubes adotem formas de organização condizentes com o volume dos recursos que movimentam hoje em dia. (*Juca Kfoury*, 08/09/2014)

[empresa de] **consultoria-auditoria**

Tudo isso é verdade, mas é apenas uma parte da história. Os bancos e as corporações se acostumaram a viver nesse ecossistema. Mudar as regras poderia provocar um desarranjo no bioma no qual já sabem de onde tirar o seu sustento. Numa associação nefanda com as quatro grandes empresas de <**consultoria-auditoria**> (PwC, KPMG, Ernst & Young

e Deloitte), as corporações e bancos influem para criar leis generosas em vários países, adaptar regras, fazer o tal “planejamento tributário” e terem suas contas sempre aprovadas, sem restrições. (*Fernando Rodrigues*, 06/11/2014)

Corrida-reportagem

Para mim, esse projeto foi mais do que um feito esportivo. Ainda que muita gente percorra tal distância em muito menos tempo, para as minhas condições foi um exercício considerável. O mais importante, porém, foram as descobertas: tratou-se de uma corrida-reportagem> ou de uma reportagem caminhada, em que minhas passadas me ajudaram a conhecer um pouco mais de São Paulo, permitindo que eu compartilhasse com você essas descobertas. (*Rodolfo Lucena*, 26/01/2014)

Crônica-ensaio

(...) a crônica-ensaio>, em que o cronista, ironicamente, tece uma crítica ao que acontece nas relações sociais e de poder. (*Caio Blinder*, 17/10/2014)

Deputado-candidato

Veja quais deputados-candidatos> votaram contra a PEC do Trabalho Escravo 14 (*Sakamoto*, 10/09/2014)

Deputado-cartola

Na prática, os jogadores do Bom Senso chutaram a bola para um lado e correram para o outro, conseguindo, nessa elegante jogada, o adiamento de votação do projeto de refinanciamento da dívida, elaborado originalmente por deputados-cartolas> e fortíssimo lobby da CBF. (*José Cruz*, 06/08/2014)

Deputado-doleiro

Agora lança Padilha no maior Estado do Brasil. Um ex-médico (renegou a tudo que deveria respeitar) envolvido em mentiras e planos mirabolantes desenhados por outros. Um programa, o “Mais Médicos”, de escravidão consentida e aproveitada com os médicos cubanos. A queda absurda dos índices de atendimento à saúde no Brasil. E a proximidade com André Vargas, o deputado-doleiro>. (*Ricardo Setti*, 21/04/2014)

Deputado-pastor

Além desses e outros disparates, o texto do deputado-pastor> Marco Feliciano contém erros gramaticais em excesso. Uma simples consulta à Wikipedia ou pelo Google e a

ajuda de um simples corretor gramatical teriam resolvido esses problemas. (*Mauricio Tuffani*, 15/11/2014)

Desembargadora-mãe

Bruno Borges é outro filho da desembargadora Tânia Borges. Advogado, defende a namorada do irmão, que se encrencou no mesmo flagrante. Mas a vida de Bruno, o advogado, não foi sempre essa maravilha. Em 2005, ele foi preso por assalto à mão armada em Campo Grande. O forte da desembargadora não é manter seus filhos dentro da lei, mas ela é ótima para mantê-los fora da cadeia. Bruno foi preso e condenado em apenas 24 horas. Não ficou nem um dia preso. Enquanto seu comparsa foi enviado ao presídio, a <**desembargadora-mãe**> entrevistou e ele foi internado numa clínica psiquiátrica. Bonito a gente ver uma mãe tão dedicada. (*Mentor Neto*, 11/08/2017)

Deus-homem

Por outro lado, olhando a questão pelo ângulo da pregação dirigida por Paulo e por outros líderes cristãos aos pagãos do Império Romano, também parece uma burrice sem tamanho inventar um líder divino judeu. E isso não apenas por causa da distância cultural entre judaísmo e paganismo antigos — afinal, o que o cidadão médio de Corinto ou de Roma sabia sobre as profecias judaicas sobre Abraão ou David? –, mas também porque uma forma embrionária, mas considerável, de antissemitismo, era comum no Mediterrâneo antigo, mesmo antes da guerra entre judeus e romanos que levou à destruição do Templo de Jerusalém no ano 70. Do ponto de vista estratégico, inventar um “<**deus-homem**>” judeu é, de novo, uma grande bobeadas. (*Darwin e Deus*, 23/04/2014)

(chapa) **Dilma-Temer**

Circula no meio jurídico, inclusive entre ministros do STF, tese que admite a aprovação de emenda constitucional pró-eleições diretas, caso a crise econômica e política se agrave e a chapa <**Dilma-Temer**> venha a ser cassada pelo TSE. (*Blog do Boechat*, 09/12/2016)

Diretor-ator

Na apresentação que vi, algumas semanas atrás, o discurso arrebatado de Getúlio/Walmor/Drummond contrastou com o de Próspero/Zé Celso, que encerra a peça, mas que o <**diretor-ator**> leu de um caderno, aos trancos, arrastando a apresentação por meia hora além das duas programadas. (*Cacilda*, 19/05/2014)

Diretor-coreógrafo

Se Eu Fosse Você, o Musical – A reunião de artistas provados do teatro musical, como o <**diretor-coreógrafo**> Alonso Barros, o dramaturgo Flavio Marinho e os protagonistas Claudia Netto e Nelson Freitas, resultou numa comédia musical engraçadíssima que pode abrir um novo momento para o gênero. Teatro Cetip. Quintas e sextas, 21h. Sábados, 17h e 21h. Domingos, 17h (Até 14 de dezembro) (*Cacilda*, 29/11/2014)

Diretor-fundador

Colunista da Folha de S.Paulo e articulista convidado do Financial Times e The Economist, Troyjo é <**diretor-fundador**> do BRICLab, da Columbia University, em Nova York, e tornou-se nos últimos anos referências para entrevistas em jornais dos países do BRIC, EUA, Reino Unido, e palestrante em universidades. (*Coluna Esplanada*, 14/09/2014)

(vínculo) **empregado-empregador**

O Ministério Público do Trabalho acaba de emitir relatório sobre a situação do Uber no Brasil. O extenso documento aponta na direção de reconhecimento do vínculo <**empregado-empregador**>, na atividade de um motorista autônomo, acionado por meio de um aplicativo. A questão é muito atual. Em países onde o direito do trabalho é mais flexibilizado do que aqui, como EUA e Inglaterra, a jurisprudência vai nesse sentido, já havendo decisões contra a empresa que opera o serviço. (*Blog do Boechat*, 30/06/2017)

Empregador-doador

O ato da doação é um indício de que o doador comunga das propostas do candidato, deseja que ele o represente politicamente, seja por suas ideias, seja por sua classe social, ou que quer criar um vínculo por meio desse apoio em campanha. O benefício não precisar vir em assuntos diretamente relacionados ao trabalho escravo, mas em outros temas que dizem respeito à defesa de determinada atividade econômica, por exemplo. Portanto, pode-se afirmar que esses <**empregadores-doadores**> estão representados politicamente, mas não que esses representantes agiram, necessariamente, em prol de seus financiadores de campanha na área de trabalho escravo. (*Sakamoto*, 02/10/2014)

(integração) **empresa-escola**

Integração <**Empresa-Escola**>, voltada para a área da Educação. (*Rodolfo Martinho*, 22/01/2014)

Empresário-apresentador

Desde o anúncio dos competidores, a medalhista olímpica era apontada como a candidata mais preparada para conquistar Roberto Justus. Durante o reality, a ex-jogadora de vôlei reforçou sua seriedade, aprofundou os valores éticos e passou uma boa imagem, já alicerçada desde os tempos das quadras. O empresário-apresentador> acertou na decisão. Ana transmitiu credibilidade, competência e preparo durante toda a competição. (*Fábio TV*, 04/07/2014)

Empresário-dramaturgo

Uma versão deste texto foi publicada na edição de hoje, sob o título “No teatro, Antônio Ermírio deu espaço a ideias”. Leia também uma crítica de “Brasil S.A”, uma entrevista com o empresário-dramaturgo> e sua coluna de despedida. (*Cacilda*, 26/08/2014)

Escritora-bruxa

Tive o extraordinário prazer de conhecer a Marcia Frazão, a escritora-bruxa>, em um debate muito doido, na Bienal de Livros (Rio de Janeiro). Estavam no evento as escritoras Marcia Frazão, Gisela Rao e Bruna Surfistinha. Foi hilário. (*Vigilantes da Autoestima*, 22/04/2014)

Escritório-residência

Atentados com carros bomba ou camicases podem ocorrer a todo instante e em todo lugar. Na noite da minha chegada, fui parar por acaso no escritório-residência> de uma agência de notícias internacional, onde o chefe oferecia com e bebe com colegas estrangeiros para festejar seu casamento (a noiva, obviamente, estava no exterior). (*Um Brasileiro no Irã*, 06/05/2014)

Escritor-protagonista

Noutras palavras, Khams representa muito _e as mesmices de Bob Wilson, dizendo que não é para entender o escritor-protagonista> de “The Old Woman”, soam paternalistas e até ofensivas. (*Cacilda*, 18/08/2014)

Esposa-irmã

Esses detalhes não fazem muito sentido se aquilo é uma narrativa histórica, factual — quer dizer, quais são as chances de essa cena esquisita com a esposa-irmã> acontecer tantas vezes do mesmo jeito? Mas faz bastante sentido se aquilo são narrativas folclóricas contadas sobre um ancestral distante e semilendário. (*Darwin e Deus*, 10/12/2014)

Estádio-prisão

O Brasil também teve o seu <estádio-prisão> durante a ditadura. (*Juca Kfourri*, 20/12/2014)

(separação) **Estado-Igreja**

E, voltando a Locke, significa acatar a separação <Estado-Igreja> (ou Mesquita). (*Caio Blinder*, 09/07/2014)

Estudante-atleta

A notícia que divulguei sobre a coincidência de datas do exame do ENEM e dos Jogos Escolares, com prejuízo para o <estudante-atleta>, é prova da falta de diálogo. (*José Cruz*, 06/11/2014)

Fonte-namorado

Se alguém pensou na relação e no diálogo de uma prostituta com seu cliente, acertou. Essa é a ideia que fica, de maneira quase grosseira (“termine logo”). O grave aqui é que se trata de uma jornalista e sua <fonte-namorado>. E mais: a repórter que está investigando o político mais poderoso naquele momento em Washington. Eis aí como aparece a mídia em “House of Cards”. (*Fernando Rodrigues*, 14/02/2014)

Fotógrafo-corredor

Foi lá que comecei o meu trajeto de hoje, com o <fotógrafo-corredor> Marcos Viana “Pinguim”, que foi meu convidado/anfitrião neste dia, em mais numa etapa de meu percurso de 460 km em homenagem ao próximo aniversário de São Paulo. (*Rodolfo Lucena*, 07/01/2014)

(conexão) **futebol-política**

A Copa de 78, durante a ditadura militar, é também esmiuçada. Outro Mundial duvidoso, por conta da pressão abertamente exercida pelo governo do general Videla para que o resultado fosse a Argentina campeã (como de fato foi). Os autores, porém, não deixam de reconhecer os craques e o talento daquela equipe. Tanto na Argentina como no Brasil de 1970, durante o governo Médici, houve uso político dos resultados para fazer propaganda do regime. “A conexão <futebol-política> é fortíssima nos dois países. (*Sylvia Colombo*, 08/06/2014)

General-presidente

A edição, em espaço de texto que correspondia a 5% do original, foi realizada pelo jornalista Ricardo Kotscho e pelo frei Betto, autores do texto final de enxutas 312 páginas

do livro *Brasil: Nunca Mais*, lançado em julho de 1985 — quatro meses após a saída, pela porta dos fundos do Palácio do Planalto, do último <**general-presidente**> da ditadura, João Figueiredo. (*Ricardo Setti*, 15/08/2014)

(relação) **homem-mulher**

Entretanto, na relação <**homem-mulher**> existem alguns padrões de comportamento tão arraigados às mentalidades, que se tornam defasados de outras transformações antes ocorridas. Como é difícil as pessoas aceitarem que a necessidade e o desejo sexual são iguais para ambos os sexos! (*Regina Navarro*, 22/04/2014)

Jantar-aula

O chef Gustavo Rigueiral, do Chef à Porter, e Larissa Januário, do Sem Medida, estão promovendo os Jantares Secretos, agora em versão “aula”. O tema do próximo jantar será a cozinha brasileira com pratos de diferentes regiões do país e custará R\$ 170. São jantares onde o destaque é a interação com o casal, que recebe, fala sobre os ingredientes, explica as receitas num gostoso bate-papo. Para mais informações: jantares.secretos@gmail.com. Vem aí um <**jantar-aula**> com cervejas. (*Katsuki*, 11/11/2014)

Jornalista-humorista

Já na Band, Rafinha Bastos continua na busca de uma identidade. Uma boa iniciativa foi a diminuição do espaço reservado ao humorista Gustavo Mendes que satiriza Dilma Rousseff. O <**jornalista-humorista**> tenta suavizar a sua própria imagem. Não entra em polêmicas e corriqueiramente enaltece os convidados. Ainda procura um tom. É um programa ainda em construção. Marcelo Mansfield poderia conquistar mais espaço. (*Fábio TV*, 09/06/2014)

Leitor-torcedor

O Correio Braziliense tenta sensibilizar o <**leitor-torcedor**>: “A dor que calou nossa alegria”, diz a manchete, com Neymar ao fundo se contorcendo de dor. (*José Cruz*, 05/07/2014)

(vínculo / contato / interação / laços) **mãe-bebê**

Vínculo precoce <**mãe-bebê**>. As primeiras horas após o parto são muito importantes no desenvolvimento da ligação afetiva entre os pais e o bebê. Eles não deveriam ser separados em nenhum momento. (...) O contato contínuo <**mãe-bebê**> favorece a formação do vínculo entre eles. Aumenta as oportunidades para a equipe de

enfermagem oferecer instruções sobre os cuidados com o recém-nascido. (...) Sedativos podem provocar amnésia materna e atrapalham a interação <Mãe-bebê>. (...) Melhora as condições para o estabelecimento dos laços <Mãe-bebê> e da amamentação. (*Maternar*, 24/04/2014)

(conversa / relação) **médico-paciente**

“Estudos científicos indicam que nestes ambientes há menor possibilidade de riscos de complicações para ambos. A autarquia defende o parto normal e o respeito às autonomias do profissional e da mulher no contexto da relação <médico-paciente>. (*Maternar*, 08/10/2014)

E sustenta ainda que médicos deveriam conversar sobre os medos e objetivos dos doentes, assim como entender o que eles precisam para confortá-los nesse difícil estágio da vida. Para Gawande, a conversa <médico-paciente> deve se iniciar com o entendimento das prioridades do paciente e não necessariamente com providências médicas. (*Morte sem Tabu*, 28/10/2014)

Membro-fundador

O lendário <membro-fundador> do Joy Division e do New Order está em São Paulo para um show nesta noite de sexta, 31 de outubro. (*Pablo Miyazawa*, 31/10/2014)

Ministro-candidato

A comissão focaria os casos gritantes de médicos em hospitais particulares de Brasília, mas a turma do jaleco, aliada ao ministro e ao seu partido, percebeu que o sangue alheio respingaria naturalmente nos hospitais públicos e, por consequência, nas ações do ministério e prejudicariam a imagem do <ministro-candidato>. Enterrada a CPI no Senado, menos uma dor de cabeça. (*Coluna Esplanada*, 17/01/2014)

Ministro-deputado

Caso a segunda denúncia contra Michel Temer (mais Moreira Franco e Eliseu Padilha) avance na Câmara, o Planalto vai exonerar os ministros com mandato de deputado para votarem no plenário a favor do presidente, claro. O expediente é igual ao utilizado na batalha pela aprovação da Reforma Trabalhista e quando Temer foi acusado por Rodrigo Janot de corrupção passiva. O primeiro escalão tem 14 “<ministros-deputados>”, mas 13 votam – Raul Jungmann (PPS-PE) é suplente de Mendonça Filho (DEM-PE), portanto está fora. A oposição precisa de 342 dos 513 votos para que a denúncia seja enviada ao STF. (*Blog do Boechat*, 12/10/2017)

Ministro-relator

O TST abriu janela inusitada para relações trabalhistas flexíveis, em julgamento na Subseção 1 de Dissídios Individuais, na quinta-feira 19. Foi ressuscitado o artigo 617 da CLT – quase morto por desuso. Ou seja, se um sindicato se recusa discutir sobre tema no qual se exige negociação coletiva com participação da entidade (art. 8, VI, da Constituição), a empresa e um grupo de trabalhadores (não assistido por sindicato) podem firmar acordo flexibilizando direitos trabalhistas. O <ministro-relator> (Vieira de Mello Filho) e outros três colegas de toga ficaram vencidos: para eles, a presença do sindicato era vital. (*Blog do Boechat*, 20/05/2016)

Mostra-instalação

“Only You”, <mostra-instalação> com fotos de Leonardo Kossoy, apresenta nessa sala uma espécie de balé fotográfico. O encantamento visual dessas imagens ritmadas não precisa de palavras para ser fruído. (*Marcelo Coelho*, 26/03/2014)

Músico-humorista

Na distante época pré-YouTube, o trabalho do <músico-humorista> “Weird Al” Yankovic já era de certa forma mítico. (*Pablo Miyazawa*, 23/10/2014)

Músico-produtor

Sete anos mais velho do que Malcolm, George era a referência musical da família e um dos <músicos-produtores> mais famosos da Austrália no começo dos anos 70. Integrante da banda Easybeats, fez enorme sucesso entre 1964 e 1968 em seu país, até que a boa fase da banda foi acabando aos poucos. (*Combate Rock*, 11/11/2014)

Narrador-cantor

À maneira do teatro musical dos anos 60, de Opinião e Arena, com preparação que recorreu até à cantora Ná Ozetti, os dois <narradores-cantores> embalam o público pela história de uma mulher que é raptada pelo raio, iniciando uma busca reveladora do marido, por várias “estações”, até encontrá-la. (*Cacilda*, 11/10/2014)

(reunião bilateral) **Obama-coala**

Depois de termos nos perguntado há alguns dias sobre para que serve o G20, os líderes que representaram o mundo nessa reunião interromperam sua agenda para abraçar um dos animais-símbolo da Austrália. As fotos logo ganharam as galerias de jornais internacionais. O “Business Insider”, por exemplo, disse que as imagens eram “gloriosas”. Para a “Bloomberg”, foram os coalas que abraçaram os políticos, e não o

inverso. O “Washington Post” falou em reunião bilateral <**Obama-coala**>. (*Mundialíssimo*, 18/11/2014)

Pai-ditador

Assad tem dado declarações contraditórias, mas nesta segunda-feira, conforme disse em entrevista à agência France Presse, o plano dele é “concorrer” em eleições em junho deste ano. Eleições na Síria são uma farsa. Para dar uma medida, ele chegou ao poder no ano 2000, após a morte do <**pai-ditador**>, obtendo 99.7% dos votos. (*Caio Blinder*, 20/01/2014)

(relação) **pai-filho**

Ou seja, ameaçar, colocar medo nos nossos filhos só vai construir vulnerabilidade, ambivalência na relação <**pai-filho**>, sensação relativa ou perda de segurança emocional. (*Maternar*, 07/07/2014)

País-ilha

Ou seja, para ele, megatempestades, eventos extremos, extinção de espécies, desaparecimento de <**países-ilhas**>, pessoas morrendo, tudo isso faz parte de um plano maior de alguma entidade sobrenatural que brinca de Playmobil conosco. E, portanto, que temos pouca influência por ter causado tudo isso. Ou, pior: quem somos nós para irmos contra a vontade de Deus. (*Sakamoto*, 21/07/2014)

País-sócio

(...) Apesar de um considerável tom anti-Ocidente, é uma iniciativa inteligente e ousada a criação do Banco dos Brics — sigla do grupo de grandes países em desenvolvimento que reúne Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul. Como se sabe, a instituição, anunciada anteontem na sexta reunião de cúpula do grupo, em Fortaleza, terá um capital de 50 bilhões de dólares, destinados a financiar projetos de infraestrutura e a serem desembolsados igualmente pelos sócios ao longo de dois anos, mais um colchão de reservas de 100 bilhões de dólares para fazer frente a eventuais crises cambiais. (...) Na primeira fileira, da esquerda para a direita, em seguida à presidente Cristina Kirchner, os dirigentes dos cinco <**países-sócios**>: Rússia, Índia, Brasil, China e África do Sul. Fechando a fila, Evo Morales, da Bolívia. O gesto em direção à América do Sul foi político — não se sabe se e quando o novo banco irá trabalhar com países da região. (*Ricardo Setti*, 17/07/2014)

Palestra-comício

O ex-presidente Lula baixa amanhã em Teresina para <**palestra-comício**>, coisa que tem feito bem nas últimas semanas. Amanhã é Sexta 13, a palestra será às 13h e o número do PT é... 13. O Hotel? Não, fica no nº 2727 de uma avenida. (*Coluna Esplanada*, 12/06/2014)

Palhaço-deputado

No entanto, o <**palhaço-deputado**> aproveita o tempo para mostrar-se, de fato, um deputado-palhaço: como seus mais de 15 projetos apresentados nos últimos quatro anos não foram ao picadeiro – ou melhor, ao Plenário – Tiririca não tem o que mostrar de balanço de mandato e apela ao que melhor saber fazer. (*Coluna Esplanada*, 08/09/2014)

Parceiro-comparsa

Por isso “Não vai ter copa”, aquela que querem impor às nossas custas e às nossas costas, superfaturada pela FIFA e seus <**parceiros-comparsas**>. (*Juca Kfourri*, 15/05/2014)

Parlamentar-autor

Na audiência pública da última terça-feira, na Comissão de Esporte da Câmara dos Deputados, o ministro do Esporte, Aldo Rebelo, lembrou ao deputado Silvio Torres (PSDB-SP) que ambos são os únicos <**parlamentares-autores**> censurados na imprensa brasileira. (*José Cruz*, 17/04/2014)

Parlamentar-cartola

A anistia da dívida fiscal de R\$ 4 bilhões dos clubes de futebol, cujo assunto é tratado em comissão específica, na Câmara dos Deputados, sob o comando de <**parlamentares-cartolas**> – nada mais democrático, não é mesmo? (*José Cruz*, 13/01/2014)

Piquenique-protesto

Agora, além de brigar pela criação de uma área verde pública ali, os frequentadores brigam para voltar a usar o espaço de 25 mil m². Já procuraram a prefeitura, fizeram ativismo nas redes sociais e até um <**piquenique-protesto**> em frente ao local para pedir a reabertura. (*Seres Urbanos*, 14/03/2014)

Poeta-samurai

Durante a maior parte da apresentação, Edvaldo Santana, aliás, usava óculos de lentes escuras. Tirou-os apenas na hora de pegar um papel para ler nomes das pessoas as quais deveria agradecer, do técnico de som ao responsável pela Sala Adoniran Barbosa. Alguém poderia até pensar que o adereço das lentes seria um disfarce de alguém supostamente

marrento, quem sabe parte da fantasia de uma mera personagem. Mas como poderia ser esnoberado ou entrar em cena mascarado um camarada que é o que é, e estando no centro das atenções no calor daquele momento, despiu-se do papel de astro e brincou o tempo todo com quem o curtiava, contou sem delongas ou autocensura de onde veio e alguns hábitos, várias vezes bateu as palmas para seus músicos, ergueu-as para os céus agradecendo aos parceiros de estrada que com ele contribuíram nestas quatro décadas — entre os quais Paulo Leminski, Itamar Assumpção, Ademir Assunção e Luiz Waack? “Estes caras e muitos outros que já passaram para outro plano ou ainda estão por aqui sempre me ajudaram muito, foram me moldando, me deram conselhos fundamentais no começo da minha carreira, me orientaram direitinho e muitas vezes com sua sabedoria até me recomendaram segurar um pouco minha onda”, disse Edvaldo Santana. Ele pediu aplausos para um destes mestres, o <poeta-samurai> polaco-curitibano que não discutia com o destino. (*Radio UOL*, 01/09/2014)

Presidente-candidato

A <presidente-candidata> Dilma Rousseff, que acusou governos anteriores ao do PT de promoverem uma “queda brutal” do salário-mínimo, foi quem concedeu os menores reajustes desde o Plano Real. (*Dinheiro Público*, 09/09/2014)

Presidente-ditador

No futebol, a China não é nem uma Costa Rica. No ranking da Fifa, a superpotência emergente está na posição 103, um degrau abaixo da Guiné Equatorial. Os chineses participaram apenas uma vez de Copa (em 2002), mas os relatos são de um acompanhamento fanático dos jogos no Brasil e no pecado capital existe uma queda de produtividade, com trabalhadores chegando tarde ao emprego ou fajutando doença. Até o <presidente-ditador> Xi Jinping é fã do esporte bretão (embora patriotas chineses garantam que invenção do jogo seja local). Ele estará ao lado de Dilma Rousseff na final no Maracanã no próximo domingo. (*Caio Blinder*, 07/07/2014)

Preso-vítima

Quando criminosos passam a atear fogo na cidade e o governo estadual não é capaz de impedi-los, ou passam a decapitar outros presos e o governo estadual não toma medidas necessárias para proteger os <presos-vítimas>, pode-se falar em comprometimento da ordem pública e na violação dos direitos humanos, respectivamente. (*Para Entender Direito*, 07/01/2014)

Pretzel-croissant

O caso do <pretzel-croissant> foi o seguinte. Uma senhora alemã, designer, veio para NY e não deu certo. Sem dinheiro e sem emprego ela resolveu então experimentar fazer uns pretzels e pediu uma mesa emprestada na padaria de Rubin. Ficou ali, apertada, junto com as mesas dos croissants. Uma padeira pegou um pouco do sal que a outra jogava por cima dos seus pretzels, polvilhou no croissant padrão e cruzou duas perninhas no croissant para ficar com cara de pretzel. Uma nova coisa fora inventada. Salve. E era bom e todo mundo gostou. (*Nina Horta, 29/10/2014*)

Príncipe-fotógrafo

Dom João de Orléans e Bragança, o <príncipe-fotógrafo>, trocará Paraty por Ouro Preto nesse Sete de Setembro. Ele participa das comemorações oficiais da data lembrando que, em 9 de abril de 1822, seu tetravô visitou a antiga Vila Rica e anunciou da sacada do palácio do governo de Minas Gerais que o Brasil se tornaria independente. Antecipou o Grito do Ipiranga. A presença de Dom João na histórica cidade mineira é a arrancada das celebrações do bicentenário. (*Blog do Boechat, 01/09/2017*)

Príncipe-piloto

O simbolismo, por exemplo, está na divulgação da imagem do <príncipe-piloto> Khaled bin Salman, após retornar de missão aérea antiterrorista na Síria, em contraste aos 15 sauditas terroristas que participaram das missões aéreas de destruição em 11 de setembro de 2011. (*Caio Blinder, 26/09/2014*)

Professor-estudante

Depois de pensarmos entre nosso grupo, fomos às ruas para “entrevistar” as pessoas sobre o tema. A intenção era fazer bate-papos, em que o “entrevistado” se sentisse confortável para dizer tudo o que pensava sobre escolas e professores. Conversamos com pai e filhos na lanchonete, com idosos, com <professores-estudantes> na biblioteca, com jovens em escolas de arte... Mesmo que tivéssemos pouco tempo, foi uma etapa bem enriquecedora. (*Gustavo Torres, 22/07/2014*)

Professor-político

Roque (Esteban Lamothe) é um rapaz que chega do interior para estudar na Universidade de Buenos Aires. Ingressa em ciências políticas e, ao não ser especialmente inteligente nem engajado, dedica-se a princípio a conquistar garotas. Logo, porém, se apaixona por uma professora (Romina Paula), esta sim muito comprometida com política, e até aí

amante de um velho professor, que havia trabalhado com o presidente Raúl Alfonsín na época da redemocratização, nos anos 80. O triângulo evolui, e Roque passa a trabalhar para Acevedo, o professor, em sua ambiciosa corrida para tentar eleger-se presidente do centro de estudantes. De insignificante aluno, Roque se transforma no braço direito do <professor-político>, lidando muito bem com negociações, nem sempre as mais honestas, para catapultar a candidatura do mestre. (*Sylvia Colombo*, 27/07/2014)

Redação-estúdio

"Mais dinâmico, interativo e próximo do público, o programa estreia novo formato no dia 27 de abril. Na tarde desta segunda-feira, dia 14, a nova <redação-estúdio>, na sede da Globo no Jardim Botânico, zona sul do Rio de Janeiro, foi apresentada à imprensa pelos jornalistas Renata Vasconcellos e Tadeu Schmidt e pelo diretor do programa, Luiz Nascimento. Tadeu e Renata explicaram cada uma das funcionalidades do novo espaço de cerca de 500 metros quadrados, que integra estúdio e redação, onde os jornalistas trabalham no dia a dia. (*O Buxixo*, 14/04/2014)

(chapa) **Renan-Collor**

Foi eleito para o cargo em maio deste ano, no mesmo dia em que a entidade definiu o apoio à chapa <Renan-Collor>, que tem o apoio de 15 partidos, incluindo PT e PCdoB. (*Brasil 2014*, 30/09/2014)

Reunião-almoço

O tema da palestra do vice-presidente Michel Temer, na <reunião-almoço> do Instituto dos Advogados de São Paulo na sexta-feira 19, deu bem a dimensão de como ele avalia a missão que recebeu de Dilma Rousseff em abril, de aproximar o Executivo e o Legislativo: "A reforma política possível". Cada associado pagou R\$ 200 para ouvir o blábláblá. (*Blog do Boechat*, 19/06/2015)

Revistinha-folhetim

"Penny dreadfuls", deve-se explicar, eram <revistinhas-folhetins> que faziam sucesso na Grã Bretanha de meados do século 19 com história de terror em série. Seu público-alvo eram (como hoje, aliás....) os adolescentes. (*Ana Maria Bahiana*, 13/05/2014)

Senador-candidato

Testemunhas afirmam que o <senador-candidato> não revidou. (*Coluna Esplanada*, 13/09/2014)

Show-oficina

<**Show-oficina**> com Barbatuques dia 31 de agosto, 12h, no estacionamento do shopping Villa Villa Lobos. Aprendizado de sons corporais básicos, criação de ambientes sonoros, sonoplastas, jogos de regência e cantorias. Utilizar o corpo como instrumento musical é a proposta essencial do Barbatuques. (*Maternar*, 27/08/2014)

Sócio-diretor

Bordejando a zona de rebaixamento neste ainda início de Brasileirão e na pindaíba geral dos clubes de futebol, o Botafogo conseguiu um novo patrocinador. Fechou contrato com o Grupo Cercred, especializado em call center e recuperação de crédito. O acordo é de seis meses e não teve as cifras reveladas. O <**sócio-diretor**> da Cercred, Leonardo Coimbra, é sobrinho do falecido marchand José Coimbra, que em 1990 doou ao clube a réplica da estátua do Manequinho, cujo original, do escultor Belmiro de Almeida, fora furtado. (*Blog do Boechat*, 24/06/2016)

Sócio-fundador

Tudo começou em 1º de julho de 2011 com a publicação no site do Instituto Socioambiental (ISA) do artigo “Reacionário e predatório”, de autoria de Márcio Santilli, <**sócio-fundador**> da entidade que foi deputado federal (PMDB-SP) de 1983 a 1987 e presidente da Funai de 1995 a 1996. Nesse texto, Santilli criticou o posicionamento de Rebelo, que era relator do projeto de lei que dois anos depois culminou na restrição da proteção das áreas de cobertura vegetal nativa no Código Florestal. Segundo o artigo, o relatório do deputado do PC do B (*Mauricio Tuffani*, 25/12/2014)

Sócio-proprietário

Agora a entrevista é com a fisioterapeuta PAULA SOUSA, especialista em fisioterapia esportiva, com formação e aprimoramento em técnicas de terapia manual e postural (RPG, Mulligan, Maitland, ATM, Kinesio Taping, Estabilização Segmentar). <**Sócio-proprietária**> da Solus Fisioterapia, atendeu a seleção brasileira de kung fu de 2007 a 2011. (*Rodolfo Lucena*, 23/06/2014)

Sócio-torcedor

Virada. Após lançar promoção para seu programa de <**sócio-torcedor**>, o Corinthians recuperou o posto de time paulista com mais associados. (*Painel FC*, 30/12/2014)

(distância) **Terra-asteroide**

Lembre-se de que a força F de atração gravitacional entre a Terra e o asteroide, segundo Newton, pode ser calculada por $F = GMm/r^2$ onde G é uma constante, M a massa da Terra, m a massa do asteroide e r a distância <**Terra-asteroide**>. (*Física na Veia*, 06/03/2014)

(distância) **Terra-Lua**

Podemos estimar a máxima e a mínima distância <**Terra-Lua**> para a Lua no apogeu e no perigeu, respectivamente. Para tanto, usamos o método que descrevo nesse post. (*Física na Veia*, 10/08/2014)

Torcedor-consumidor

STF declara constitucionalidade do Estatuto de Defesa do Torcedor. (...) Segundo ele, o Estatuto do Torcedor é um conjunto ordenado de normas de caráter geral, com redação que atende à boa regra legislativa e estabelece preceitos de “manifesta generalidade”, que “configuram bases amplas e diretrizes gerais para a disciplina do desporto nacional” em relação à defesa do consumidor. (...) “Compartilho da compreensão de que o Estatuto, na verdade, visa assegurar ao torcedor o exercício da sua paixão com segurança. Isso implica imputar responsabilidade aos organizadores dos eventos esportivos”, afirmou a ministra Rosa Weber. (...) Para o ministro Ayres Britto, o Estatuto protege o <**torcedor-consumidor**>. (*Juca Kfourri*, 11/07/2014)

Torcedor-contribuinte

A reportagem de Juca Kfourri e Bernardo Itri, domingo, na Folha de S.Paulo, mostrando que a Fifa repassou R\$ 870 milhões de suas despesas para os governos das 12 sedes da Copa do Mundo é mais um capítulo nessa história de prejuízos sem fim, descobertos aos poucos. Na semana passada, o repórter Aiuri Rebello contou aqui no UOL Esporte que R\$ 1,6 bilhão para a construção de estádios está na conta do Tesouro Nacional. Isso sem falar nos incentivos e isenções estaduais e municipais. E há outros R\$ 1,1 bilhão de isenções fiscais à Fifa, conforme projeções do Tribunal de Contas da União. Tudo com o aval das excelências do Congresso Nacional. Está na Lei Geral da Copa! Esses valores e benefícios públicos bilionários contrastam com a pobreza do esporte, mostrados no domingo, na abertura dos campeonatos regionais, revelando os extremos da realidade do futebol. Enfim, o balanço dessa contabilidade de espertos e ofensiva ao contribuinte brasileiro confirma que o futebol é, de fato, “um grande negócio”, mas com prejuízos para o bolso do <**torcedor-contribuinte**>. (*José Cruz*, 20/01/2014)

Torcedor-eleitor

Historicamente corrupto, caloteiro, falido financeiramente e desmoralizado no campo de jogo, ainda assim o futebol mantém forte apelo para cativar o <**torcedor-eleitor**>, como mostram os presidenciáveis em suas campanhas eleitorais. (*José Cruz*, 31/07/2014)

Torcedor-espectador

O povo não é <**torcedor-espectador**> confinado às arenas ou à frente da tevê de plasma. (*Juca Kfourri*, 15/05/2014)

Trainee-cientista

Quando nosso <**trainee-cientista**> lê uma reportagem de Ciência+Saúde da Folha, ele pode não conhecer o tema abordado. (*Novo em Folha*, 23/06/2014)

Turista-torcedor

A exploração sexual infantil, por sua vez, que ganhou destaque na imprensa internacional antes dos jogos, despedaça hoje meio milhão de infâncias no país, segundo a Unicef. Embora não tenha havido agravamento deste quadro por conta da presença de <**turistas-torcedores**>, a ação dos governos foi cosmética e a bruta realidade dessas meninas não vê mudanças há tempos. (*Juca Kfourri*, 15/07/2014)

ANEXO 2

Lista, em ordem alfabética, das unidades lexicais neológicas compostas determinativas sem elementos fixos, seguidas dos respectivos contextos em que foram empregadas.

Álbum-tributo

Eric Clapton não perdeu tempo em homenagear um de seus grandes amigos e inspiradores de todos os tempos. Sempre disse que JJ Cale é uma das únicas figuras mais importantes da história do rock, um sentimento ecoado por muitos de seus colegas músicos. é inegável que a influência Cale s em Clapton e muitos dos artistas de hoje não pode ser subestimada, haja vista que duas de suas músicas, “Cocaine” e “After Midnight” se tornaram clássicos mundiais do rock na voz e guitarra de Clapton, além de outros artistas que fizeram suas versões. Para honrar o legado do amigo, um ano após a sua morte, Clapton reuniu um grupo de amigos e músicos e organizou de forma rápida e eficiente o <álbum-tributo> “Eric Clapton & Friends – The Breeze – Appreciate to JJ Cale”. (*Combate Rock*, 30/07/2014)

Anjo-promotor

“No livro de Jó, ‘o satã’ é simplesmente um membro do Conselho Divino, um dos servos de Deus cuja função é investigar os acontecimentos na Terra e agir como uma espécie de promotor, trazendo os malfeitores à justiça. Quando Javé se gaba de seu piedoso servo Jó, o <anjo-promotor> simplesmente se pergunta, seguindo sua função, se a fé de Jó é sincera”, diz Christine Hayes. (*Darwin e Deus*, 24/01/2014)

Argumento-coringa

– A segunda o quê? – perguntou Dareem, exasperado com o linguajar sofisticado dos visitantes. Ele desconfiava que o palavreiro complicado escondia ideias simples demais. Poderia o mundo ser tão simples assim? Era fácil demais varrer para o fundo da caverna tudo aquilo que não fosse imediatamente explicável, alegando “complexidade irreduzível”. Era um <argumento-coringa>. Seria este o fim de todas as reflexões a respeito do fogo? A conclusão de que ele era fruto de uma intervenção de ordem superior? Dareem não gostava da ideia, mas seus interlocutores eram incansáveis. (*Mensageiro Sideral*, 13/09/2014)

Asfalto-borracha

Segundo o autor do projeto de lei, universidades e órgãos públicos de transporte de vários países apontam, entre as vantagens do <asfalto-borracha>, a redução do problema ambiental do acúmulo de pneus usados imprestáveis e, em relação ao asfalto, o retardamento do seu envelhecimento devido aos antioxidantes da borracha, maior flexibilidade e maior resistência às deformações provocadas pelo trânsito intenso de veículos, e redução da suscetibilidade térmica do asfalto. (*Mauricio Tuffani, 07/06/2014*)

Assento-cama

Apesar de toda a grandeza disponível nos ares, pouca coisa se compara a alguns dos projetos iniciais preparados para o A380 e que não saíram das pranchetas. Quase ninguém acreditava nos protótipos que incluíam academias, lojas ou bibliotecas a bordo, mas alguns dos conceitos preparados originalmente pela Priestman Goode, uma renomada empresa de design de Londres, para a Airbus começam aos poucos a aparecer nos superjatos. Chamada de “classe executiva do futuro”, os designs mostram um ambiente claro e aberto, com <assentos-cama> ultralargos dispostos no padrão 1-2-1, parcialmente encapsulados, com iluminação especial e acesso ao corredor para todos os passageiros. (*Todos a Bordo, 29/10/2014*)

Assento-sofá

No começo de 2014, a Etihad novamente aqueceu a guerra do ultraluxo nos A380 anunciando que a partir de dezembro, seus aviões contarão com novas classes premium. No lugar da executiva, a empresa traz o “Business Studio”, com poltronas-cama, mesas, nichos fixos e divisórias de alta privacidade. A primeira classe dá lugar aos “First Apartments”, suítes com um <assento-sofá> e um apoio que se torna uma cama. O ápice do luxo fica por conta da “The Residence”, uma classe ultra premium, com dois ambientes e banheiro privativo, além de serviço de chef, concierge e mordomo a bordo para até dois passageiros viajando juntos. (*Todos a Bordo, 29/10/2014*)

Assessor-cabideiro

Não foi só o doleiro preso Alberto Youssef quem cedeu aos caprichos do parlamentar. O vice-presidente da Câmara, agora licenciado deputado André Vargas (PT-PR), adora um jatinho e virou habitué dos aviões da FAB. Quando substitui o titular Henrique Alves (PMDB-RN), solicita uma aeronave pela prerrogativa do cargo para viajar a Londrina, sua terra natal. Uma foto publicada em blogs do Paraná flagrou uma dessas comitivas de

Vargas: eram três assessores, entre eles um maleiro e um <‘**assessor-cabideiro**’> só para levar seu paletó. (*Coluna Esplanada*, 08/04/2014)

Atacante-atacante

Falta “<**atacante-atacante**>” como opção na seleção brasileira. Hulk é praticamente um meia. Mesmo Neymar tem voltado para marcar, já que Felipão diz que seu esquema tático é o 4-2-3-1. Luiz Gustavo e Paulinho são a dupla, Oscar, Hulk e Neymar o trio e Fred o um. (*Blog da Seleção*, 27/05/2014)

Autor-estrela

A proliferação de selos independentes é uma tendência no variado mercado editorial argentino, em expansão apesar da crise econômica que vive o país. Sem recursos para ter em seus catálogos <**autores-estrela**>, cooptados por mega editoras, como a Santillana e a Alfaguara, as pequenas têm apostado em correspondências ou escritos inéditos e esquecidos de grandes nomes, que devido ao tempo passado estão isentos de cobrar direitos de autor. (*Sylvia Colombo*, 03/01/2014)

Banda-paródia

- Detonator – Bruno Sutter foi um dos bons apresentadores da antiga MTV. Músico com bons recursos e ótimo cantor, fez parte do Massacration, <**banda-paródia**> que fez algum sucesso entre o final dos anos 90 e meados dos anos 2000 – e foi bem-sucedida em algumas piadas. (*Combate Rock*, 20/10/2014)

Banda-tributo

Sutter, que atualmente também comanda o programa “Bem Que Se Kiss” na rádio Kiss (102,1 FM), já integrou várias <**bandas-tributo**> tocando/cantando Iron Maiden, Judas Priest, Death, Helloween e Dream Theater. (*Combate Rock*, 04/07/2014)

Bebê-alarme

Esther Anderson, uma mãe do Texas (EUA), postou um vídeo na internet no último dia 2 dezembro mostrando as tentativas de seu bebê de acordá-la. Desde então, o vídeo já teve mais de 2 milhões de visualizações. O que o vídeo mostra? Mostra a bebê cutucando o nariz da mãe, enfiando o dedo em seu olho, e por fim, subindo em cima dela. Tudo para despertá-la. O vídeo é bobinho? Sim, é. E por que faz tanto sucesso? Eu sugiro duas respostas: 1) por que adoramos bebês fofos e 2) mães sabem o quão difícil é dormir depois

do nascimento do filho. “Todas as manhãs minha bebê dorme comigo em minha cama por algumas horas depois de comer. E eu sempre me pergunto por que eu não a coloquei em seu Berço. Nesta manhã, gravei como meu <bêbê-alarme> funciona. Acho que não estou sozinha nessa”, escreveu ela. (*Maternar*, 08/12/2014)

Bilhete-prêmio

Dentre as preocupações com eventuais alterações estão um possível aumento nos valores de resgates de <bilhetes-prêmio>, além de modificações no modo como os passageiros pontuam no programa –United Airlines e Delta Airlines recentemente anunciaram que passarão a atrelar a milhagem recebida por voos ao valor pago pelos bilhetes e não mais à distância voada, como costumava ocorrer. A American Airlines é parceira da TAM na aliança oneworld, com programas de fidelidade alinhados. (*Todos a Bordo*, 23/10/2014)

Bocão-Jolie

Apita mais ainda no raio-x. Meia-volta. O sorriso está mais safado ainda, meio Monalisa meio <bocão-Jolie>. (*Xico Sá*, 11/08/2014)

Boneco-linguiça

É quase uma ofensa ir à cidade sul-mato-grossense de Maracaju (160 km ao sul de Campo Grande) e não provar a famosa linguiça local. Logo na entrada da cidade, um enorme <“boneco-linguiça”> dá as boas-vindas aos visitantes. Nos bares e restaurantes do município de 42 mil habitantes, as placas na calçada convidam: “Temos linguiça de Maracaju”. (*Brasil 2014*, 03/11/2014)

Bordão-síntese

Esse ainda é o grosso de nossa rotina, mas sinais de que a crise urbana chega ao limite começam a dar as caras na nossa metrópole do concreto aparente. Depois do pleno emprego e do consumo, os paulistanos perceberam que querem dinheiro, mas também querem felicidade, e ficaram sedentos de vida pública. Transbordam as ciclofaixas, os parques e os shoppings (vide rolezinhos), esse substituto dos espaços de convivência perdidos. Movimentos, turbinados pelas redes sociais, ocupam as ruas de forma criativa com festas, reivindicações. “Baixem a tarifa do busão, não quero mais prédios no meu quarteirão!” poderia ser um <bordão-síntese> dessa ópera urbana. (*Seres Urbanos*, 24/02/2014)

Caligrafia-coceira

Enfie-me entre os dedos lambi como um lazarento... pulgas passionais ainda tentaram me avisar, epa!, durante a queda, em vão. Uma mulher muito grande, alma desenhada por R. Crumb. Pulgas mais avexadas, sado-camonianas, escreveram no meu couro, em <caligrafia-coceira>, “o amor é fogo que arde e não se sente”, ah, se eu pego esse Camões caolho eu furo o outro. (*Xico Sá*, 26/03/2014)

Canção-título

Puxado pelo single “Dancing in The Dark”, Born in The U.S.A. trouxe uma série de hits empacotados em arranjos pop, temperados por sintetizadores – foi a primeira vez que Bruce Springsteen e a sua E Street Band lançaram mão deste recurso. Aliado a um grande esforço promocional da gravadora, com materiais de merchandising, remixes, e videoclipes, o álbum atingiu em cheio o gosto da audiência americana, em geral. A <canção-título> virou hit instantâneo e durante muito tempo alimentou polêmicas – se por um lado apresenta uma visão crítica à presença americana no Vietnã, por outro lado o refrão aparenta ressaltar o orgulho por ser americano. (*Combate Rock*, 04/06/2014)

Candidato-celebridade

Agora, o próximo passo deve ser reduzir os gastos de campanha e tomar precauções para que a política não seja invadida por <candidatos-celebridade>, que, por serem já notórios, necessitam de menores investimentos para se tornar conhecidos pelos eleitores. (*Leonardo Attuch*, 18/09/2015)

Candidato-tesão

Voltou forte (nas propagandas) nas dependências internas dos motéis do Recife o <candidato-tesão>, Waldemar Borges (PSB). Além de sua imagem, as placas agora têm Paulo Câmara (Governo) e até o falecido Eduardo Campos. (*Coluna Esplanada*, 23/09/2014)

Capital-modelo

O atraso na obra do estádio do Atlético-PR motivou manifestações de autoridades do governo, em tom de deboche, lembrando que isso ocorre em Curitiba, <capital-modelo>, com trânsito e transporte públicos exemplares e ótima qualidade de vida. (*José Cruz*, 17/02/2014)

Careta-coelho

Tem gente que sabe imitar passarinhos. Tem gente faz barulho de um porco e com certeza alguém faz uma foca incrível. Aposto que você aí também tem um talento. Bom, a habilidade da menina abaixo é imitar um coelho. Mas, o mais legal, é que ela consegue dar emoções para suas <“**caretas-coelho**”> – e ainda faz GIFs animados com elas! (*Uol Tecnologia*, 14/02/2014)

Carnê-leão

Para quem não sabe, rendimentos tributáveis recebidos de pessoa física que ultrapassem o limite de isenção da tabela do Imposto de Renda devem recolher <**carnê-leão**> mensalmente. Em 2013, esse valor era de R\$ 1.710,78. (*Sophia*, 18/04/2014)

Carreira-ouro

Aqui vai uma avaliação mais breve e possivelmente mais sensata incluindo filmes que já estrearam e/ou foram exibidos para votantes e – mais importante – já passaram por algum dos festivais que alavancam <**carreiras-ouro**>: Sundance, Cannes, Veneza, Telluride (em ordem cronológica). (*Ana Maria Bahiana*, 03/09/2014)

Carta-compromisso

Graúdos. O movimento Atletas pelo Brasil, de Ana Moser e Raí, produziu uma <**carta-compromisso**> e conversa com representantes dos candidatos à presidência para que o documento integre seus programas de governo. (*Painel FC*, 18/08/2014)

Carta-desabafo

Michel Temer anda de bom humor. Ri quando lhe perguntam se assumir o Brasil “é crime ou castigo?”. Também achou graça dos memes sobre sua <**carta-desabafo**> à Dilma. O favorito foi virar enfeite de árvore de Natal, como “vice decorativo”. (*Brasil Confidencial*, 18/12/2015)

Carta-manifesto

Michel Temer chegou ao governo por um dispositivo constitucional. Era o Vice Presidente da República. Simplesmente compôs a chapa. No primeiro mandato de Dilma Rousseff pouco apareceu. Dedicou-se a manter o controle do PMDB, sempre lutando contra a bancada do Senado, que desejava partilhar os ganhos obtidos na intermediação

de nebulosos negócios públicos. Insatisfeito com as nomeações controladas pelo PT, divulgou uma <**carta-manifesto**> que caiu no vazio. Isto porque não exigia o cumprimento de princípios políticos. Pelo contrário, reclamava que seus amigos do PMDB não estavam sendo contemplados no saque organizado pelo projeto criminoso de poder petista. (*Marco Antonio Villa, 25/08/2017*)

Carta-testamento

“Walmor y Cacilda 64“, em cartaz no teatro, é a mais musical das peças sobre a atriz, até aqui, e é curta para os padrões recentes do Oficina. Tem grandes cenas, como sempre. A primeira é de Drummond como Walmor Chagas, ator, marido e produtor de Cacilda, que por sua vez vive Getúlio Vargas. É a <**carta-testamento**> na íntegra, pelo que pude checar. E o documento se revela arrepiantemente atual, como se tirado do noticiário do dia, até nas menções à Petrobras _o que é acentuado pela representação sempre direta de Drummond, “apresentação” como diria Zé Celso, sem quarta parede. (*Cacilda, 19/05/2014*)

Cidade-tema

A partir do dia 24, e até 12 de maio, a Feira do Livro de Buenos Aires terá São Paulo como <**cidade-tema**>. Como faz todos os anos, o evento elege um ponto do mapa e reúne autores de ficção e não-ficção desse país ali, além de atrair editoras de distintos tamanhos sediadas na base escolhida. (*Sylvia Colombo, 25/03/2014*)

Cidade-vitrine

Chegaram às mãos dos principais governantes do País os resultados de uma pesquisa encomendada a um instituto por uma grande emissora sobre a predisposição do brasileiro para efetivar protestos durante a Copa do Mundo. E o resultado foi alarmante: sim, há grande possibilidade de o povo voltar às ruas. A sondagem indica que há grandes chances de ocorrerem manifestações no Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Brasília, Salvador, Porto Alegre e Recife – algumas das sedes, a exemplo do cenário de Junho passado, quando uma multidão sem líder, sem cara, de todas as idades e movida por reclamações distintas foi para as praças e avenidas, assustando a PM e cercando governantes. Os resultados da pesquisa foram entregues, em especial, para o gabinete da presidente Dilma Rousseff, e para os governadores Sérgio Cabral (PMDB), do Rio, e Geraldo Alckmin (PSDB), de São Paulo, as <**idades-vitrines**> para os protestos. O que

vão fazer para evitar, ou minorar os efeitos da possível convulsão social, ainda é um mistério. (*Coluna Esplanada*, 25/01/2014)

Coisas-filhas

Dito isso, no entanto, o fato é que é comum e salutar a aplicação da lógica da biologia evolucionista aos primórdios da vida, em especial a ideia de seleção natural. Isso porque, a rigor, você não precisa de nada realmente “vivo” (seja lá o sentido no qual você aplica a palavra) para a seleção natural ocorrer. Só é preciso, na verdade, que você tenha entidades que possuam descendência com modificação. Ou seja: “coisas-mães” que produzam <“**coisas-filhas**”> um pouquinho diferentes de si próprias, e que essas diferenças sejam transmitidas de uma geração para outra e tenham algum impacto na capacidade desses entes de se propagar, de se multiplicar. (*Darwin e Deus*, 08/12/2014)

Coletânea-presente

Parafraseando John Cusack, em *Alta Fidelidade*, baixarei músicas a fim de produzir <**coletâneas-presentes**> aos amigos neste Natal. Serei eu, através desse ato tresloucado, e não o Napster, o Torrent e o 4Shared o responsável por quebrar a indústria fonográfica. (*Sakamoto*, 02/12/2014)

Condomínio-bolha

Eles, que possuem menos recursos financeiros, gastam mais tempo e mais de sua renda com transporte do que os mais ricos que ficaram nas áreas centrais (com exceção dos <**condomínios-bolha**> espalhados no entorno, como as Alphabolhas, com suas dinâmicas de segregacionismo próprias). (*Sakamoto*, 15/06/2014)

Condomínio-clubes

Para definir mais claramente com que qualidade ocorrerá o adensamento dessas áreas, a Lei de Zoneamento, cuja revisão já está sendo preparada, poderia transformar em regras, considerando as características e necessidades locais, parte ou o total de diretrizes que se pretende apenas incentivar. Do jeito que estão, essas medidas ainda são insuficientes para afastar de vez o modelo <**condomínio-clubes**> com espigões no centro do lote que tanto destruiu a vida de rua e a paisagem da cidade. (*Seres Urbanos*, 14/07/2014)

Conversa-contato

Use a <**conversa contato**> para sondar e preparar o terreno para a conversa. A <**conversa-contato**> é aquela conversa leve, não comprometedor e relativamente impessoal, que as pessoas muitas vezes desenvolvem assim que se encontram: “Está quente hoje, não é?”. (*Ailton Amélio*, 09/10/2014)

Conversa-lamúria

O fato é que Obama chega arrastado para a encrenca, não confia em aliados, é alvo de desconfiança e precisa convencer uma sociedade americana relutante a ter paciência, pois este combate contra o Estado Islâmico pode durar até três anos, sobrando para o próximo presidente. Falando nisso, entre os “frenemies” de Obama podemos incluir a presidenciável Hillary Clinton, hoje com um discurso mais falcão e uma <**conversa-lamúria**> sobre o que poderia ter sido feito de mais vigoroso no Oriente Médio pelo governo Obama, o governo que ela serviu como secretária de Estado. (*Caio Blinder*, 09/09/2014)

Corredor-motorista

Vai daí que, em plena marginal, de repente estavam formadas três filas: a “certa”, digamos assim, mais a dos espertinhos que pretendiam chegar antes roubando espaço pela direita, e ainda a dos supostos motoristas de Fórmula 1 que ultrapassavam a todo pela esquerda para tentar uma vaguinha na fila principal três ou quatro carros à frente. Para completar a balbúrdia, os <**corredores-motoristas**> em carrões importados achavam que só eles queriam chegar ao local da partida da prova antes de soar a corneta da largada. E, além de furarem filas e fazerem ultrapassagens perigosas, se grudavam nas buzinas como se a alaúza fosse fazer os carros andarem mais rápidos.... (*Rodolfo Lucena*, 31/08/2014)

Defesa-moleza

Al Jefferson bateu o recorde de sua carreira (contra a <**defesa-moleza**> do Lakers não deveria nem contar, né...), fez 40 e o Charlotte venceu por 100-90. (*Bala na Cesta*, 01/02/2014)

Deus-pastor

No Egito, seria Osíris, Deus do mundo do além, do submundo e dos mortos. Ele também é relacionado à fertilidade, por garantir a riqueza debaixo da terra. Normalmente representado por um homem de pele verde, com uma barba de faraó, parcialmente mumificado nas pernas, e com uma coroa rodeada por duas penas de avestruz. Tem nas

mãos um cajado e um mangual (instrumento para se malhar cereais). O mangual é associado à fertilidade da terra e o cajado à realeza e ao <Deus-pastor>. Antes de morrer, Osiris era conhecido como “O bom Pastor”, título que dá margem a exercícios de comparações com Jesus Cristo. Um deles pode ser conferido aqui (em inglês). (*Morte sem Tabu*, 11/11/2014)

Diretor-presidente

O <diretor-presidente> da ANS, André Longo, diz que os médicos vão ser obrigados a fazer o partograma para que recebam dos planos de saúde. Longo explica que as medidas só devem entrar em vigor após serem discutidas na audiência pública. (*Maternar*, 14/10/2014)

Edifício-hangar

Apesar da situação delicada pela qual passa a Infraero, com a esperada perda de receita pelas concessões, a diretoria não abdicou ainda de alugar o <edifício-hangar> da falida Transbrasil para alocar 1.200 funcionários no Aeroporto JK, em Brasília – hoje nas mãos da argentina Inframérica, a nova concessionária. (*Coluna Esplanada*, 21/01/2014)

Efeito-holofote

“Oportunidade perdida”, assim o prefeito do Rio de Janeiro definiu nossa Olimpíada. Nas suas palavras, “com a crise econômica e política e todos esses escândalos, não é o momento para estarmos nos olhos do mundo.” Tem razão. Sediar uma Olimpíada ou uma Copa do Mundo oferece grandes oportunidades. A primeira é o <efeito-holofote>. Eventos globais colocam um país em evidência, podendo incrementar seu fluxo de comércio e de turismo de forma permanente. (*Ricardo Amorim*, 22/07/2016)

Efeito-mola

Os capacetes em geral são construídos, basicamente, em dois tipos de material: plástico injetado ou composto de fibras sintéticas. Os cascos construídos em plástico são mais baratos, mas oferecem menos proteção ao motociclista. A característica do material faz com que o capacete bata no chão repetidas vezes – como uma bola quicando – o que é conhecido como <efeito-mola>, absorvendo menos o impacto. (*Infomoto*, 21/02/2014)

Esforço-remendo

Washington também subestimou a rapidez do avanço dos jihadistas ensandecidos do grupo Estado Islâmico, que são profissionais do genocídio (xiitas, cristãos e yazidis). Os americanos falharam para antecipar a capacidade dos jihadistas para conquistar um vasto território no norte do Iraque em parte por terem superestimado a capacidade dos curdos, do Exército iraquiano e de outras milícias locais para detê-los. Agora, é um esforço relutante e desesperado, ao mesmo tempo, para armar os curdos e suavizar o genocídio. Parte deste <esforço-remendo> é bombardear posições do Estado islâmico no norte do Iraque. E na Síria? A bandeira negra da barbárie do Estado Islâmico foi desfraldada nos edifícios administrativos de Raqqa, no norte da Síria. (*Caio Blinder*, 12/08/2014)

Espaço-estufa

E assisti a um documentário sobre venda de maconha no Colorado, *mamma mia*, não era proibida até ontem? Hoje são lojas sofisticadíssimas, com pacotinhos de mínimos a grandes, atendimento de magazine de luxo, <espaços-estufas> para perpetuar aquela planta que mais te agrada, assistentes delicados orientando se é para apaziguar ou animar. Admirável mundo novo do mês passado até hoje! (*Nina Horta*, 26/02/2014)

Esporte-negócio

Danuza Meneghello e Fábio Pinto discutem a resistência cultural necessária no cenário esportivo brasileiro e citam como exemplo o jogo da capoeira. Uma proposta que se contrapõe totalmente ao modelo de competição e rendimento do <esporte-negócio>. Defendem a prática de um esporte enraizado na vida real, capaz de integrar e incluir todas as pessoas, afinal, a prática esportiva precisa ser prazer e brincadeira, bem distante, portanto, do mundo dos negócios. (*Juca Kfoury*, 14/05/2014)

Estado-babá

O capitalismo de livre mercado sem dúvida permite maior mobilidade, especialmente se o compararmos com as alternativas: feudalismo, socialismo, social-democracia com <estado-babá> e capitalismo de estado, com muitos privilégios distribuídos pelo estado aos “amigos do rei”. Em ambiente de livre concorrência, os herdeiros vão à bancarrota se não colocarem a herança para trabalhar de forma adequada a satisfazer a demanda dos consumidores. (*Constantino*, 29/06/2014)

Faixa-bônus

A prática mais comum no combate aos bootlegs, mas que não passa de oportunismo, é a reedição de um álbum ou de discografias inteiras em CD com a inclusão de <<“**faixas-bônus**”> – gravações ao vivo ou músicas gravadas mas nunca lançadas oficialmente. (*Combate Rock*, 09/02/2014)

Faixa-título

Terceiro e derradeiro álbum, “Pink Moon” foi produzido em 1971, durante um estado crescente da depressão, quando Drake já vivia isolado em Londres e pouco se comunicava com o mundo ao redor. Ele terminou a gravação em dois dias, apenas com ajuda de um engenheiro de som, sem overdubs ou outros instrumentos além do violão e um piano martelado que faz o solo da <<**faixa-título**>. (*Pablo Miyazawa*, 25/11/2014)

Fêmea-Nostradamus

Da costela do homem frouxo, nasceu a <<**fêmea-Nostradamus**>. A desconfiada de véspera. Óbvio que ela é resultado de muitas promessas masculinas não-cumpridas. Ela cansou de mascar o jiló do desprezo. (*Xico Sá*, 30/04/2014)

Férias-folia

Apontada por Nestor Cerveró como escolha de Lula para tocar a construção de um prédio no Centro do Rio de Janeiro para a Petrobras, a WTorre tem sob si a responsabilidade de construir a sede da União Nacional de Estudantes, no Flamengo, Zona Sul carioca. A obra com vista para a Baía de Guanabara, orçada em R\$ 65 milhões, deveria ficar pronta para os Jogos Olímpicos. Mas está longe disso. A grande maioria dos empregados está de folga pelo menos até o carnaval, numa espécie de <<**férias-folia**>. (*Blog do Boechat*, 15/01/2016)

Filme-diversão

É um risco brutal que nos diz, de cara, que o diretor Matt Reeves está jogando com todas as suas cartas, e veio para nos provocar, nos instigar, nos propor a ver um <<**filme-diversão**>, um filme fantástico, como algo além de desculpa para duas horas no ar condicionado, comendo pipoca. (*Ana Maria Bahiana*, 09/07/2014)

Filme-pipoca

A novidade do trabalho de Wie é pensar no problema como fez Bruce Willis, no <<**filme-pipoca**> “Armageddon” (1998). Na ocasião, o ator interpretava um especialista em

escavar poços de petróleo que foi transformado em astronauta para abrir um buraco fundo num asteroide, a fim de detonar uma bomba nuclear lá dentro. (*Mensageiro Sideral*, 17/02/2014)

Filósofo-celebridade

Por uma irônica coincidência, um dos destinatários do manifesto de Schiffer, o <**filósofo-celebridade**> Bernard-Henri Lévy (ou simplesmente, BHL), havia publicado no mesmo dia, nas páginas de Opinião do “New York Times”, um artigo intitulado “O crime de Putin, a covardia da Europa”, no qual chama a Comunidade Europeia de pusilânime por não se manifestar frontalmente contra a atuação da Rússia na Ucrânia do Leste. (*Juca Kfoury*, 27/07/2014)

Fralda-roupinha

Empresas lançam <**fralda-roupinha**> para facilitar troca; leia avaliação. Trocar fralda ficou muito fácil. As empresas lançaram no mercado brasileiro as chamadas <**fraldas-roupinha**>. Como o próprio nome diz, são fraldas que vestem como calcinha ou cuequinha. (*Maternar*, 22/07/2014)

Francês-estrela

<**Franceses-estrelas**>?

A maioria das pessoas mais velhas “entendeu” pela primeira vez na vida o que era a boa comida quando foi à França. Julia Child, Elizabeth David, M.K.Fisher, Bourdain, Alice Waters, a brasileira que tinha um dinheirinho para viajar, todos tiveram o seu primeiro susto lá, seja com uma ostra, um escargot, um ovo pochê, um doce da Fauchon. De repente, a Espanha surgiu e roubou a cena. (*Ninar Horta*, 05/11/2014)

Frase-síntese

Saciados, é chegada a hora de partir. Agora sim, um bar, uma cerveja. R. profere então nossa <**frase-síntese**> daquele momento: “A noite já está quase acabando, o que significa que o domingo vai ser de putaria”. (*X de Sexo*, 14/10/2014)

Futebol-arte

Mas, mesmo os que dão certo, tem a agravante de que lá, em muitos países da Europa, eles desaprendem o futebol solto, bonito, em troca de uma eficiência esquemática que

retira deles o nosso brilho. E a Copa já deixou claro que há um retorno ao futebol-arte. A comprovação disso é que Espanha e Inglaterra foram mandadas embora logo no segundo jogo da Copa. Mas o nosso time fica igualmente travado, querendo imitar esse futebol europeu, burocrático, sem se soltar, como é a nossa marca. Esse é, por certo, o grande ensinamento desta Copa. (*José Cruz, 21/06/2014*)

Gabinete-bunker

À noite, o governador recebeu Marina Silva para reunião, confirma um contato da socialista, que não informou local. O room-service do gabinete-bunker no hotel se encerrou às 4h de domingo. (*Coluna Esplanada, 16/09/2014*)

Guitarrista-galã

O então ex-tecladista do Yes e do Strawbs era celebridade mundial com o seu platinado álbum “Journey to the Centre of the Earth”, e em alguns lugares era tão grande quanto o queridinho da época, o guitarrista-galã Peter Frampton (ex-Humble Pie), que logo depois lançaria o multiplatinado “Frampton Comes Alive”. (*Combate Rock, 15/10/2014*)

Hospital-escola

A médica Simone Diniz disse durante a audiência que, infelizmente, o parto normal é visto como algo nojento, que provoca a frouxidão da vagina. “Nos hospitais-escola a vagina da mulher pobre está lá para o aluno aprender a cortar e suturar. A mulher precisa sair do parto com integridade corporal”, relata. Para ela, a mulher parir deitada impossibilita ainda mais que o parto seja feito da forma mais natural possível e que não adianta querer apressar o período expulsivo. (*Maternar, 24/10/2014*)

Ideia-força

A resposta de Campos à comparação de Lula contém algumas referências históricas. Ao afirmar que “desta vez, como aconteceu em 2002, a esperança vai vencer o medo”, o governador de Pernambuco usa uma ideia-força do próprio PT durante a primeira campanha presidencial que levou Lula ao Planalto. (*Fernando Rodrigues, 19/03/2014*)

Jogo-treino

Sem jogo, apenas treinos e jogo-treino. (*Blog da Seleção, 05/12/2014*)

Jornalista-pesquisador

Enquanto isso, em Brasília, <**jornalistas-pesquisadores**> que superaram as idolatrias e ódios discutem sobre como passar informações inteligentes de gestão pública para o (e)leitor quando a sociedade está tão acomodada a ler fofoca política. Esse povo acadêmico (também me incluo aqui) está pouco se lixando para PT, PSDB, Dilma, Lula e Aécio – somos idealistas e alienados. (*Caio Blinder*, 01/11/2014)

Jornal-laboratório

Muitos anos atrás, não deixei um bom aluno fazer uma manchete em um <**jornal-laboratório**> na USP sobre uma pesquisa de intenção de voto em uma comunidade cujo texto era mais ou menos: “Veja, nesta edição, os resultados da nova pesquisa eleitoral”. (*Sakamoto*, 18/05/2014)

Leitor-detetive

O “RJTV” exibiu uma boa reportagem nesta quinta-feira (23) sobre “sete erros” no atendimento aos passageiros depois de um descarrilamento de trem na manhã de quarta-feira no Rio. Uma pequena distração, porém, não passou despercebida pelo <**leitor-detetive**> Eduardo Luiz. Durante entrevista com Carlos José Cunha, presidente da SuperVia, ao fundo (à dir.), uma tela de TV estava sintonizada no SBT. “Sem querer querendo, a Globo passou um pedaço do Chaves”, notou Eduardo. (*Maurício Stycer*, 23/01/2014)

Livro-depoimento

Vou à estante em busca de consolo – e fuga. Chama a minha atenção o <**livro-depoimento**> de Araken Patusca, um craque das antigas, sobre “a jornada histórica” de El Tigre, Nestor, Clodô, o próprio autor (apelidado de Le Danger) e outros. Eu o folheio despreziosamente e encontro as impressões do craque. (*Rodolfo Martino*, 06/07/2014)

Livro-ensaio

Desde então não perdi de vista seus passos literários até reencontrá-lo novamente aqui em Bogotá, na feira literária internacional do livro (Filbo), onde Carrión lança o <**livro-ensaio**> “Librerías”, que foi finalista do prêmio Anagrama. (*Sylvia Colombo*, 04/05/2014)

Livro-referência

Assim começa o <**livro-referência**> sobre o Massacre de Tlatelolco, da veterana escritora mexicana Elena Poniatowska (Ediciones Era, jamais traduzido ao português). (*Sylvia Colombo*, 09/11/2014)

Livro-relatório

O Direito à Memória e à Verdade, um indesmentido <**livro-relatório**> de 500 páginas — preciso pelos fatos e comovente pelos horrores que descreve —, é acintosamente ignorado pelo Exército, que não o cita uma única vez em sua sindicância. Mas, como outros, já está disponível na internet, no portal do Governo Federal, com todos os dados que o Exército não conseguiu encontrar em seus registros. (*Ricardo Setti*, 15/08/2014)

Livro-reportagem

De todos os sérios problemas que enfrenta a mídia latino-americana em suas relações com o poder ou com facções criminosas nada se equivale em gravidade com a situação dos jornalistas mexicanos. Nem as expropriações de meios na Venezuela ou no Equador, ou as medidas para sufocar economicamente os jornais na Argentina ou a manutenção das hegemonias das famílias que também ocupam o poder político, como no caso da Colômbia, podem ser comparadas com a situação mexicana. Ali, profissionais da notícia são censurados, coagidos, sequestrados e mortos, ao tentar contar o que passa de um lado e de outro na guerra do governo contra o narcotráfico, conflito que, desde 2006, já causou mais de 60 mil mortes e 150 mil desaparecimentos. Entre eles, 56 jornalistas perderam a vida, no local considerado hoje mais perigoso para o desempenho da profissão, segundo o Comitê de Proteção aos Jornalistas, baseado em Nova York. Se se conta desde 2000, quando teve início a alternância democrática com o fim da hegemonia do PRI, são 127 jornalistas mortos. Para discutir essa terrível situação, o projeto NAR (Nuestra Aparente Rendición) se reuniu no último mês em Barcelona para o encontro “México em Trânsito”. Trata-se de uma associação voluntária de jornalistas que visa divulgar as histórias dos profissionais mortos e cobrar a elucidação dos fatos (<http://nuestraaparenterendicion.com/>), numa espécie de mapa da tragédia atualizado por meio de palestras, ciclos, reportagens e livros. Se há algum aspecto positivo numa situação tão desoladora é o fato de que vários jornalistas e cronistas do continente têm se dedicado a investigar o narcotráfico e suas consequências, oferecendo uma série de reportagens ou livros que ajudam a dar visibilidade ao tema. “Se escreveu muito e se segue escrevendo, há trabalhos excelentes que chamam à reflexão”, conta à Folha a

jornalista mexicana Lolita Bosch, radicada em Barcelona, em conversa por Skype. “Quando muitos dos grandes meios fecharam acordos com o governo para não publicar notícias negativas sobre a guerra, ou estão impedidos pela autocensura a que se impõem os mesmos jornalistas desses meios, é alentador ver trabalhos como os <livros-reportagem> que vêm saindo”. (*Sylvia Colombo*, 23/07/2014)

Loja-conceito

O próximo passo da marca, que será dado no segundo trimestre de 2015, será com as vendas “Dual Brand”, que aproveitarão a estrutura já montada das concessionárias Dafra para oferecer também as duas versões da Duke e a pequena superesportiva RC 390. “Trabalharemos em duas frentes, criando <lojas-conceito> em mercados que se destacam no segmento premium e investindo numa maior sinergia entre os produtos de baixa/média cilindrada street de KTM e de DAFRA. (*Infomoto*, 24/11/2014)

Lulo-petismo

Quem transformou a Petrobras numa engrenagem macabra e corrupta para conquistar a base de apoio por intermédio da compra de parlamentares foi o <lulo-petismo>. O homem que “ameaça” voltar é o responsável último pela situação pré-insolvente da empresa, que só não quebrou ainda — nem vai quebrar — porque majoritariamente pública. (*Reinaldo de Azevedo*, 16/02/2014)

Macho-jurubeba

O reclame me fez recordar os usos e costumes do <macho-jurubeba>, essa versão ainda mais original, o macho roots, o macho de raiz. O termo nasceu mais precisamente no sítio das Cobras, na zona rural de Santana do Cariri, onde este cronista entre bravos se criou. Revisitemos, pois, a capanga do <macho-jurubeba>, que já foi tema deste blog e agora relembremos para as novas e desavisadas gerações: Era um sujeito vaidoso sim, mas sem frescuras. Não confunda. (*Xico Sá*, 13/03/2014)

Macho roots

O reclame me fez recordar os usos e costumes do macho-jurubeba, essa versão ainda mais original, o <macho roots>, o macho de raiz. O termo nasceu mais precisamente no sítio das Cobras, na zona rural de Santana do Cariri, onde este cronista entre bravos se criou. Revisitemos, pois, a capanga do <macho-jurubeba>, que já foi tema deste blog e agora

relembramos para as novas e desavisadas gerações: Era um sujeito vaidoso sim, mas sem frescuras. Não confunda. (*Xico Sá*, 13/03/2014)

Macho-tupperware

Não temas a condição de <**macho-tupperware**>, aquele sujeito que a freguesa do mesmo bar leva para casa com a esperança de devorá-lo mais tarde –depois que o miserável estiver minimamente em condições técnicas para o abate. (*Xico Sá*, 11/02/2014)

Mãe-mulher

Acredita, acima de tudo, na proteção ao modelo de família de um pai-homem e uma <**mãe-mulher**>, como solução para todos os males do mundo? (*Sakamoto*, 27/09/2014)

Manifesto-resposta

O <**manifesto-resposta**> de professores e alunos da UFRGS contra o Manifesto da Sociedade Brasileira do Design Inteligente –TDI BRASIL- sobre o ensino do Criacionismo, da Teoria do Design Inteligente (TDI), e da Teoria da Evolução (TE) é aqui replicado pela TDI-BRASIL por três razões: (*Darwin e Deus*, 18/12/2014)

Maria-chuteira

A série, de seis episódios, trará a história de torcedoras fanáticas, jogadoras profissionais ou amadoras, bandeirinhas, mulheres de juízes e técnicos, <**marias-chuteiras**> e mães que acompanham o futebol por causa de seus filhos. Cada episódio mostrará a relação de três mulheres diferentes com o esporte. (*Outro Canal*, 28/03/2014)

Martelo-pêndulo

No game, que reproduz a mecânica de “Flappy Bird”, só que na vertical, você controla um personagem que usa uma hélice na cabeça para voar o mais alto possível. A ideia é desviar de plataformas dotadas de <**martelos-pêndulos**> nas extremidades. Se não, você morre e começa tudo outra vez. (*Blog de Tec*, 28/10/2014)

Mensagem-ameaça

Em seis de dezembro do ano passado publiquei esta <**mensagem-ameaça**> da PM do Distrito Federal, feita numa assembléia da categoria: “Se a Polícia Militar não for contemplada como os outros órgãos da segurança pública, o troco vem na Copa do Mundo”. (*José Cruz*, 02/02/2014)

Menu-degustação

• Quinta-feira, dia 29 de maio, das 18h às 19h, na Tasca da Esquina: o chef Vítor Sobral dará uma aula com o tema Pimentas nos países de língua portuguesa, pelo valor de R\$ 90. Em seguida, haverá um <menu-degustação> dos quatro pratos do festival harmonizados com vinhos portugueses, pelo preço de R\$ 165. (*Katsuki*, 27/05/2014)

Ministro-trovador

O <ministro trovador>

Presidente do Tribunal Superior Eleitoral, Dias Toffoli fez ontem o último discurso da sessão de diplomação de Dilma Rousseff e de seu vice, Michel Temer. Disse que, ao final do segundo turno, não era possível saber quem seria o próximo presidente, mas tinha uma certeza:

–O vice seria do largo São Francisco –disse, em referência à Faculdade de Direito da USP, onde estudaram Temer e Aloysio Nunes, vice de Aécio Neves.

Animado, recitou uma trova de homenagem à escola:

–Onde mora a amizade, onde mora a alegria, no largo de São Francisco, na velha academia! (*Painel 2014*, 19/12/2014)

Ministro-olheiro

Destaca-se deste episódio a ingratidão da presidente eleita para com o <‘**ministro-olheiro**’>. Quando a campanha desandava contra ela em 2010 na etapa final, por declarações desencontradas sobre o direito ao aborto e a legalização ou não, Carvalho organizou uma caravana de importantes parlamentares para que percorressem o Brasil durante duas semanas antes do pleito em defesa da candidata do PT. José Serra (PSDB) disparava gradativamente nas pesquisas após a polêmica e ameaçava o projeto de Poder dos petistas. (*Coluna Esplanada*, 31/12/2014)

Molécula-filha

Ou seja: uma molécula ou conjunto de moléculas que, por qualquer motivo, seja capaz de levar a reações químicas que produzem cópias dela mesma com mais eficiência do que outras moléculas, e que transmita essa capacidade às <“**moléculas-filhas**”>, pode

perfeitamente ser alvo de seleção natural, mesmo que esteja muito longe de integrar um ser vivo, ainda que muito simples. (*Darwin e Deus*, 08/12/2014)

Mulher-abismo

Da vida nada se leva a não ser a ressaca das vodkas e dos amores mal resolvidos. Toda história de dor, meu amor, é em primeira pessoa. Blow-up. Quando dei fé, cão vadio, aos teus pés lá embaixo estava, <**mulher-abismo**>. (*Xico Sá*, 26/03/2014)

Mulher-mosaico

É um serviço importante. O jornalista Carl Zimmer, do “New York Times” conta em reportagem que um dos casos estudados pelo Baylor College era o de uma <**mulher-mosaico**> com três filhos portadores da síndrome de Smith-Magenis, que causa problemas intelectuais e insônia crônica. (*Teoria de Tudo*, 31/07/2014)

Música-balada

“Goodbye” entra para dar um descanso aos ouvidos, é a <**música-balada**> do álbum – se é que dá para se falar em balada num trabalho do Slipknot. (*Combate Rock*, 03/12/2014)

Música-título

2. Um Sonho a Mais (1985). A <**música-título**>, que deu o nome a essa novela absurda, deve ser uma das canções que mais toca em formaturas e festinhas oitentistas até hoje. E repare na participação especial do Roupas Nova fazendo o papel de... Roupas Velhas. (*Pablo Miyazawa*, 12/12/2014)

Navio-plataforma

Mais surpreendidos ficaram, dias atrás, os auditores e advogados do Tribunal de Contas da União, da Receita Federal e do Banco Central, que analisaram para o Congresso a documentação dos negócios da Petrobras com a SBM. Comprovaram, por exemplo, que a diretoria da estatal subscreveu um contrato em branco para a construção do <**navio-plataforma**> P-57. (*Reinaldo de Azevedo*, 15/12/2014)

Negócio-atleta

O Araxá Esporte Clube, da segunda divisão do Campeonato Mineiro, já captou R\$ 11,5 milhões da Lei de Incentivo ao Esporte para a “formação de atletas”. Dinheiro para escolinhas de futebol. Já o América F.C, também de Minas, captou R\$ 8 milhões, com o

mesmo destino, “atletas do futuro”, coisa assim. Qual foi o grande nome revelado pelo América ou pelo Araxá? – para ficarmos só nesses dois, porque há outros clubes com projetos iguais, Santos, São Paulo, Atlético, Grêmio etc.? E onde estão esses atletas, esses jovens talentos formados com verba pública, desde 2008? Quem os negociou? Quem ganhou com o <“**negócio-atleta**”> financiado por verba pública? (*José Cruz, 21/07/2014*)

Neymar-dependência

O Brasil, por sua vez, um amontoado de bons jogadores tentando resolver em uma jogada individual. A <“**Neymar-dependência**”> que se faz presente em cada um! Marcação individual; linhas distantes, bolas longas, marcam a bola nas jogadas de bola parada (no primeiro gol foi gritante!); confiam na raça, motivação, grupo fechado, trazer o torcedor para jogar junto, ufanismo, VAMO LÁ!... (*Ricardo Setti, 12/07/2014*)

Ofício-promessa

Na ânsia de conquistar prefeitos do Paraná, a senadora Gleisi Hoffmann (PT), candidata ao governo, enviou a mesma carta de promessa a prefeitos que disputam um campus avançado de faculdade de medicina. O quiprocó começou quando um dos alcaides fez alarde com a carta, feliz da vida, e os ‘concorrentes’ descobriram a demagogia. Foz do Iguaçu, Pato Branco, Umuarama e Guarapuava disputam o campus. Mas as prefeituras de Santo Antônio da Platina, Cornélio Procópio, Ibaiti e Jacarezinho também receberam o <**ofício-promessa**>. Resultado: a turma indignada não vai apoiar o PT. (*Coluna Esplanada, 16/03/2014*)

Ônibus-leito

Vou pegar carona no assunto sexo-no-banheiro, que eu e Diana tratamos aqui recentemente, para falar um pouco mais de sexo em público. Há mil histórias de gente conhecida que já transou no cinema, ou em <**ônibus-leito**> durante uma viagem, que a pergunta é: em público é mais gostoso? Não creio que para mim funcione assim. (*X de Sexo 23/09/2014*)

Ônibus-tocha

Atear fogo em um ônibus com passageiros em uma avenida de grande circulação não é um ato de loucura, mas uma ação pensada para criar pânico na população e questionar a capacidade de controle do poder público. E a pouca certeza de ser pego influencia nesse

cálculo, claro. Cálculo que esteve presente ao acender <ônibus-tochas> em cidades de todo o país no ano passado. (*Sakamoto, 05/01/2014*)

Operação-arrastão

O desaparecimento dos três adolescentes (um deles também tem cidadania americana) resultou em uma drástica <operação-arrastão> das forças de segurança israelenses (o que mais fazer?). O governo Netanyahu acusa o grupo radical islâmico Hamas pelo sequestro (que controla Gaza, mas também opera na Cisjordânia e que sequer reconhece o direito de existência do estado judeu). Dois ativistas do Hamas foram apontados como os principais suspeitos e mais de 400 pessoas acusadas de pertencerem ao grupo foram presas nos últimos dias. (*Caio Blinder, 31/12/2014*)

Padrão-Fifa

O futebol é um mundo das grandes transações financeiras, dos super salários, das arenas <padrão-Fifa> e ao mesmo tempo da superexploração, do coronelismo paternalista, de existência de trabalho escravo e maus tratos. (*Juca Kfoury, 05/02/2014*)

Padrão-piada

Comecei a tocar baixo aos 14 anos, confesso que muito influenciado por Cliff Burton. E desde sempre notei que o preconceito para com os baixistas é quase um <padrão-piada> entre as bandas de garagem. (*Pablo Miyazawa, 20/10/2014*)

Pai-helicóptero

<**Pais-helicópteros**>: a paranoia que tolhe a liberdade infantil

Pausa na política para falar de tendências de comportamento. As liberdades individuais, a longo prazo, dependem mais destas do que daquela, que mal ou bem vem a reboque. João Pereira Coutinho, em sua coluna de hoje na Folha, conta-nos um pouco de sua infância rebelde e arriscada, com suas típicas pitadas de humor, para chegar ao mundo moderno, em que pais controlam cada passo de seus filhos de forma doentia. (*Constantino, 29/07/2017*)

Pai-homem

Acredita, acima de tudo, na proteção ao modelo de família de um <pai-homem> e uma mãe-mulher, como solução para todos os males do mundo? (*Sakamoto, 27/09/2014*)

País-maravilha

Mas não há menor dúvida de que as ruas, ao reclamarem contra males ancestrais, estão transformando em fumaça e devidamente sepultando o <país-maravilha>, o “nuncaantezneztepaiz” do Líder Supremo em oito anos de lulalato, a que se seguiu sua discípula, a presidente Dilma, que o governo não se cansa de mostrar, gastando rios de dinheiro, na propaganda oficial. (*Ricardo Setti*, 03/12/2014)

Papel-homenagem

Elis, o Musical. O espetáculo, que sai de cartaz no próximo dia 27 tem a caracterização de Elis Regina por Laila Garin e outras duas atrações: Tuca Andrada com ironia precisa no papel de Ronaldo Bôscoli e Danilo Timm no <papel-homenagem> a Lennie Dale. Teatro Alfa. Quinta, 21h. Sextas, 21h30. Sábados, 16h e 20h30. Domingos, 15h e 19h. (*Cacilda*, 11/07/2014)

Papel-título

Em contraposição, “Jesus Cristo Superstar” é muito bem trabalhado, com maior apuro não só técnico, mas criativo. O segundo ato é uma aula de teatro musical do diretor Jorge Takla, começando pelo quadro “Getsêmani”, em que Igor Rickli mostra por que foi selecionado para o <papel-título>. Wellington Nogueira, referência de comédia musical em São Paulo, faz Herodes, praticamente sua única participação, que resulta num número fundamental de alívio cômico, durante a apresentação dramática em tudo mais. (*Cacilda*, 20/03/2014)

Partícula-Deus

Talvez não soe tão grandioso posto dessa forma, mas lembre-se: a massa é o que gera a gravidade. E, se não houvesse gravidade no Universo, estrelas não poderiam se formar, nem planetas, nem nós. Não é à toa que o físico ganhador do Nobel Leon Lederman deu a ela esse apelido imponente, “partícula de Deus” (ou <“partícula-Deus”>, como queira). (*Mensageiro Sideral*, 11/09/2014)

Partida-desempate

E não é fácil virar as costas para a equipe que, na mesma cidade, gosta de arrotar ser a mais rica e vencedora do futebol mundial. O Real Madrid tem nove títulos da Liga dos Campeões. O Atlético chegou a uma final, em 1974. Esteve a segundos de levantar a taça,

mas levou o empate do Bayern de Munique e depois foi humilhado na <**partida-desempate**>. Acabou goleado por 4 a 0. (*O Mundo é uma Bola*, 23/05/2014)

Peça-ícone

Meu desejo é que o cliente entre na loja para conhecer algo novo, não apenas para comprar um anel de noivado [<**peça-ícone**> da Tiffany]. (*Peça única*, 14/08/2014)

Perfil-pinóquio

Nesta semana, o jornal Folha de S.Paulo revelou que computadores instalados no Palácio do Planalto, sede do governo federal em Brasília, foram usados para editar artigos de políticos na Wikipédia – precisamente, a página do candidato do PT ao governo de São Paulo, Alexandre Padilha, que citava suspeitas de corrupção, foi alterada por servidores federais. As mudanças foram realizadas no ano passado, antes do início da campanha, mas o serviço colaborativo já se prepara para a enxurrada de edições tendenciosas que tradicionalmente ocorrem às vésperas de eleições, criando <“**perfis-pinóquio**”> de candidatos. A ação, que é comum no Brasil e exterior, é repelida por um exército de editores, que ao primeiro sinal de conflito de interesses reedita um texto na enciclopédia virtual. Em caso de reincidência, a Wikipédia não perdoa e bloqueia por tempo determinado o endereço IP (sequência de números que identifica um dispositivo em uma rede local ou pública) responsável pela mudança no termo. (*Reinaldo de Azevedo*, 01/08/2014)

Perfil-sensação

Se a classe média reclama dos novos frequentadores dos aeroportos brasileiros (quem nunca ouviu um “aeroporto agora parece rodoviária” por aí?), é porque não deve ter conhecido ainda o novo <**perfil-sensação**> do Instagram, o Passenger Shaming. (*Hashtag*, 30/09/2014)

Personagem-título

E há referências demais a celebridades de TV. Imitações demais, remetendo a programas humorísticos, por exemplo, com paródias gratuitas de Marília Gabriela e de Paulo Francis, ambos com pouco ou nenhum vínculo com a <**personagem-título**>. A imitação avança para a própria Elis. O melhor do espetáculo acaba sendo a capacidade de Laila Garin para mimetizar voz e trejeitos da cantora, cultuada por uma geração – que estava

no teatro, no último sábado: é público de show, que quer assistir à versão cover do ídolo, em autoengano de várias horas. (*Cacilda*, 20/03/2014)

Pessoa-celebridade

Na reportagem acima, o governo russo decidiu que qualquer pessoa com mais de três mil seguidores diários é um veículo de imprensa. Mas a qualificação por quantificação gera dois problemas: ótimos jornalistas com ótimos conteúdos podem ter pouquíssimos seguidores (qual foi a última vez que você se deu ao trabalho de ler alguma reportagem gerada pelo Cern, na Suíça?), e <**‘pessoas-celebridades’**> cujas contas de Twitter e Facebook têm milhões de seguidores, mas que essencialmente apenas divulgam pensamentos daquelas pessoas (e não informação), seriam automaticamente consideradas jornalísticas, ainda que tais pessoas não tenham qualquer desejo de serem classificadas como tais. (*Para Entender Direito*, 11/05/2014)

Pessoa-mosaico

Em <**‘pessoas-mosaico’**>, diferentes partes do corpo têm DNAs distintos (Ilustração: Nature) (*Teoria de Tudo*, 31/07/2014)

Piti-mulherzinha

“Você não aguenta meu primeiro <**‘piti-mulherzinha’**>, já corre daqui”, disse ela. “Que homem é esse, meu Deus?”, completou. (*Xico Sá*, 09/09/2014)

Planeta-marasmo

E depois que a vida complexa surge, é certo que uma espécie inteligente como nós irá aparecer? De jeito nenhum. Mais uma vez, deparamos com uma estimativa difícil de fazer. Afinal, não sabemos o que leva à inteligência. Alguns craques da biologia, como Ernst Mayr, sugerem que é um desfecho vastamente improvável, haja vista que apenas uma linhagem evolutiva, dentre bilhões de espécies que já viveram sobre a Terra, chegou lá. O que talvez ele não leve em conta é que qualquer planeta com uma biosfera acabará produzindo bilhões de espécies, o que meio que anula o argumento na base da força bruta. Uma pista que considero mais concreta reside no fato de que, em circunstâncias de estabilidade ambiental, a evolução acaba empacando. Isso explica por que há criaturas que permaneceram praticamente inalteradas por centenas de milhões de anos — o ambiente em que elas vivem também pouco mudou. Ou seja, se vivêssemos num <**‘planeta-marasmo’**>, em que nada acontece no ambiente, provavelmente a chance de

surgir uma espécie inteligente cairia bastante. Mas esse não foi o caso da Terra, nem deve ser o estado geral dos planetas no Universo. Sabemos que, nos últimos 500 milhões de anos, a Terra passou por cinco grandes extinções em massa. São basicamente “resets” na história da vida, em que a evolução é desafiada a começar tudo de novo, quase do zero. Isso, na minha modesta opinião, deve aumentar a chance de evolução de criaturas inteligentes. (*Mensageiro Sideral*, 11/12/2014)

Poltrona-cama

No começo de 2014, a Etihad novamente aqueceu a guerra do ultraluxo nos A380 anunciando que a partir de dezembro, seus aviões contarão com novas classes premium. No lugar da executiva, a empresa traz o “Business Studio”, com <poltronas-cama>, mesas, nichos fixos e divisórias de alta privacidade. (*Todos a Bordo*, 29/10/2014)

Preço-referência

Porque são vendidos em embalagens de um litro. Ora, para resolver isso, bastaria tornar obrigatório colocar o <preço-referência>, por litro, quilo e metro, além do preço final. (*Maria Inês Dolci*, 31/03/2014)

Prédio-espetáculo

<PRÉDIOS-ESPETÁCULO> -- Três esferas de vidro, que lembram bolhas de sabão gigantes, formam a nova sede da Amazon. Na fria e cinzenta Seattle, ela foi projetada pelo escritório NBBJ, o mesmo que projetará para o Google. Para os gigantes da internet, arquitetos estrelados e edifícios de alta tecnologia são formas de atrair a juventude que tem preferido se estabelecer em outras freguesias. (*Ricardo Setti*, 11/01/2014)

Prédio-monumento

GIGANTES NO MEIO DO NADA

Ao erguer <prédios-monumento> em suas pequenas cidades-sede, Apple, Facebook e Google pensam em atrair jovens funcionários seduzidos pelas metrópoles. (*Ricardo Setti*, 11/01/2014)

Programa-irmão

Famoso nos Estados Unidos, onde já teve 18 temporadas, e exibido com mais ou menos sucesso em três dezenas de países, o reality “The Bachelor” finalmente estreou no Brasil

nesta sexta-feira (21). Trata-se de um concurso no qual um homem solteiro procura uma mulher entre 25 candidatas, confinadas em uma mansão. O reality encontrou espaço na grade da RedeTV!, uma escolha das mais acertadas, considerando que um dos campeões de audiência da emissora é o “Teste de Fidelidade”, uma espécie de <“**programa-irmão**”>. (Mauricio Stycer, 22/11/2014)

Robô-velociraptor

Um robô corredor capaz de atingir velocidade superior à de Usain Bolt foi desenvolvido por pesquisadores do Korea Advanced Institute of Science and Technology. Projetado para imitar as formas do velociraptor (um sauro carnívoro pequeno, superveloz e superagressivo), ele chegou a atingir 46 km/h nos testes efetuados, superando o máximo registrado pelo recordista mundial dos 100 m, que é de 44,7 km/h (dados do Kaist). Quem viu “O Parque dos Dinossauros” provavelmente vai se lembrar desses velocistas da pré-história. No filme, eles têm cerca de 1,80 m, mais isso foi uma das “licenças poéticas” da obra em relação à verdade científica tal como a conhecemos hoje. Segundo os pesquisadores, os velociraptors (sic) eram pequenos, mais ou menos do tamanho de uma galinha. Os pesquisadores sul-coreanos fizeram o robô baseado nessas dimensões e tentaram reproduzir a biomecânica do animal, dando-lhe melhores condições na hora da largada. Talvez isso tenha contribuído para que o <**robô-velociraptor**> conseguisse velocidades maiores do que outro robô velocista, este desenvolvido nos EUA pela Boston Dynamics. Baseado no corpo do leopardo, o WildCat atingiu o máximo de 26 km/h. (Rodolfo Lucena, 04/06/2014)

Satélite-espião

Imagem mostra as órbitas dos cacarecos que sobraram do satélite chinês um mês após a explosão. Um monte de lixo espacial.

Em 2008, os americanos deram o troco e destruíram um <**satélite-espião**> não funcional. Alegaram que ele podia acabar caindo sobre regiões povoadas com um tanque cheio de hidrazina — combustível tóxico. Mas é balela. O risco era mínimo. Foi para medir forças e mandar o seu recado também. (Mensagem Sideral, 16/10/2014)

Série-antologia

Em True Detective a paisagem era um personagem, e sua história era uma das histórias mais poderosas da trama. Houve um tempo em que apenas o cinema – e o cinema de

qualidade superior e grandes ambições – provocava esse tipo de reflexão, essa riqueza de ideias. Pizzolato e a HBO criaram um problemão para si mesmos: fazer uma segunda temporada desta série-antologia (nos moldes de American Horror Story) neste mesmo nível. (*Ana Maria Bahiana*, 10/03/2014)

Série-obsessão

Prometi falar da minha série-obsessão, mas antes dela quero incluir uma importante menção honrosa: Silicon Valley, de Mike Judge, que estreou dia 6 de abril na HBO daqui. Não me dou bem com a maioria das séries de comédia americanas, confesso. Até rio de um ou outro episódio, mas muito poucas conseguem me prender com a fidelidade das séries de drama. (*Ana Maria Bahiana*, 29/04/2014)

Show-tributo

Depois de uma dissolução amarga e mal-resolvida, Mould seguiu carreira solo e liderou outro trio de apelo mais adocicado, o Sugar. Se não experimentou tanta aclamação crítica quanto sua banda anterior, Mould se manteve em alta e gerou um dos discos fundamentais do rock noventista – “Copper Blue”. Dois álbuns e um EP depois, Mould seguiu experimentando, flertou com a música eletrônica e caiu em um ligeiro ostracismo. Chegou a desentender-se com o rock, mas fez as pazes em definitivo com o ótimo “The Silver Age” (2011). No mesmo ano, participou de uma faixa do Foo Fighters (“Rosemary”) e ganhou um show-tributo a sua carreira, com as participações de Ryan Adams e Dave Grohl. (*Pablo Miyazawa*, 16/10/2014)

Smartphone-dependência

A pesquisa, que contou com depoimentos de cerca de 500 usuários de tablets e celulares, revelou mais alguns dados interessantes sobre a smartphone-dependência dos americanos. Confira e veja se você se encaixa em algum deles: 74% dos entrevistados mantém o telefone ao alcance das mãos durante todo o dia; 60% dormem com o aparelho –o número sobe para 84% se considerarmos a faixa etária de 18 a 29 anos de idade. 53% deixam o som do celular ligado mesmo quando estão dormindo (*Blog de Tec*, 03/07/2014)

Substituto-clone

Anderson está fora do Yes, banda que ajudou a fundar, desde 2008, quando ficou doente com problemas de voz, na coluna e estomacais. Seus antigos companheiros não tiveram dó: acharam um substituto-clone no Canadá (Benoit David, que já foi substituído por

Jon Davison também por ter ficado doente) e seguiram em frente, ainda que a banda pareça clone de si mesma. (*Combate Rock*, 16/10/2014)

Técnico-medalhão

O problema é que tem muito cartola incompetente e medroso que prefere contratar <técnico-medalhão> para tirar o peso da responsabilidade pelos maus resultados. Isso é simplesmente ridículo! Covardia. (*Neto*, 07/11/2014)

Temporada-ouro

<Temporada-ouro>: onde estão as mulheres? A esta altura, ano passado, já tínhamos visto, todo mundo já estava certo de que Cate Blanchett seria se não a vencedora de todos os prêmios, pelo menos a favorita, aquela que as demais tinham que ultrapassar. 2013 foi um ano bom para atrizes, assim como 2012 e 2011, repleto de papéis fortes, tanto para protagonistas quanto para coadjuvantes. O difícil era escolher: Jacki Weaver ou Halle Steinfeld? Viola Davis ou Rooney Mara? Jessica Chastain ou Emmanuelle Riva? Sandra Bullock ou Judi Dench? Isso sem nem falar nas que ganharam. Este ano, até agora, o zumbum é dominado pelos atores, desde Sundance, passando por Cannes, Telluride e Toronto. (*Ana Maria Bahiana*, 17/09/2014)

Temporada-pipoca

Quem está dominando as bilheterias? Quem deu surra em No Limite do Amanhã foi A Culpa é Das Estrelas, a própria antítese do filme de ação/sci-fi. É a segunda vez em duas semanas desta <temporada-pipoca>, em geral dominada por adolescentes masculinos e famílias, que o público feminino dá as cartas: Malévola passou de longe Um Milhão de Maneiras de Pegar Na Pistola (não briguem comigo – foi esse o título que o filme de Seth MacFarlane ganhou no Brasil); (*Ana Maria Bahiana*, 10/06/2014)

Torcedor-povão

A torcida de massa ou o <torcedor-povão>, como se dizia em Salvador, está acabando. (*Juca Kfoury*, 13/04/2014)

Trecho-prêmio

Esses valores são os mesmos agora cobrados por um <trecho-prêmio> entre o Brasil e a Europa, que antes possuía valor de resgate fixo de 35 mil milhas na econômica, de 52,5 mil na executiva e de 70 mil em primeira classe. (*Todos a Bordo*, 22/11/2014)

Tuíte-esclarecimento

Marcelo fez o primeiro gol da Copa, na última quinta-feira –pena que foi contra. E não faltou quem detonasse o jogador brasileiro nas redes sociais. Só que, ao fazer isso, vários internautas marcaram em seus tuítes o Marcelo errado. Ou melhor, o Marcello errado. A conta do lateral-esquerdo no Twitter é @12MarceloV, mas várias pessoas marcaram @Marcello, que pertence ao modelo fisiculturista Marcello Ferri. Ele estava conectado ao Twitter no momento do gol contra, e viu sua conta ser invadida de xingamentos e ironias. E retuitou vários. E até tirou uma onda com o lateral-esquerdo no intervalo: O mais incrível é que teve gente que criticou o modelo por estar tuitando, como se o Marcelo (o jogador) conseguisse atualizar a rede social no meio do jogo: Para evitar maiores confusões, o modelo fixou um <tuíte-esclarecimento> em sua página para evitar novos problemas: (*Hashtag*, 15/06/2014)

Universo-bebê

O <universo-bebê> vira obra de arte.

Uma técnica usada por um brasileiro está ajudando a tirar mais informação da famosa radiação cósmica de fundo — o “eco” em micro-ondas gerado pelo Big Bang. E as imagens são estonteantes. Essa radiação revela as condições na época em que o Universo era um “bebê”, com apenas 380 mil anos de idade. Hoje ele tem 13,8 bilhões de anos. É graças a ela que os cientistas conseguem hoje identificar a geometria do espaço-tempo no Universo observável e determinar as quantidades de matéria e energia no cosmos. (*Mensageiro Sideral*, 15/12/2014)

Van-bomba

Eles cobriam o comício de candidatos ligados a uma milícia xiita quando viram uma <van-bomba> avançar a toda velocidade sobre a multidão antes de explodir, estraçalhando mais de 30 pessoas. (*Um Brasileiro no Irã*, 06/05/2014)

Vestido-bolo das noivas

A silhueta armada típica dos <vestidos-bolo das noivas> deu o tom da passarela do Emmy 2014 nesta segunda-feira (25). Os tons de escarlate usados por atrizes como Lena Dunham (“Girls”), que foi à premiação com look controverso do estilista Giambattista Valli, e January Jones (“Mad Men”), que trajava criação de Prabal Gurung, inauguraram a tendência “cupcake”. Os vestidos adocicados são parecidos aos de casamento, só que

em vez dos tradicionais bege e branco, as celebridades apostam num recheio mais saboroso e colorido. (*Peça Única*, 26/08/2014)

Veterano-tutor

Lá, os calouros costumam ser recebidos por <**veteranos-tutores**>, que se ocupavam de orientá-los sobre moradia, alimentação, lugares para estudar e, claro, festas. (*Abecedário*, 14/02/2014)

Vibrador-borboleta

Tudo era tudo: grandes lábios, pequenos lábios, cu, períneo, clitóris... E, enquanto ele usava a língua no cu e na buceta, deixava o <**vibrador-borboleta**> tremendo no meu clitóris. Ele começou a enfiar os dedos em mim e, com ritmo e vigor, me fez gozar um gozo inteiro, que vinha de todos os lugares. Fiquei completamente estremeada por alguns minutos, atordoada, querendo saber de onde tinha vindo aquilo tudo... (*X de Sexo*, 21/10/2014)

Vizinho-inimigo

Curiosamente, os autores mostram que, se para o Brasil, a Argentina é o rival máximo, para o país-vizinho não é bem assim. O clássico mais local, contra o Uruguai, é quase que igualmente aguerrido. E, depois de 1982, e da derrota da Guerra das Malvinas, a Inglaterra passou a ser um adversário com o qual valia jogar de forma mais dura. Como diz o escritor Martín Caparrós, o Brasil seria o <“**vizinho-inimigo**”>, enquanto a Inglaterra seria apenas o “inimigo”. (*Sylvia Colombo*, 08/06/2014)

Voto-atleta

Na mesma assembleia, os cartolas instituíram o <**voto-atleta**> nas decisões do COB. Porém, exclusivo para o presidente da Comissão de Atletas, atualmente o campeão olímpico de vôlei de praia, Emanuel. Um voto apenas é nada no contexto de milhares de competidores federados e que são, de fato, os responsáveis pelo movimento esportivo como um todo. Por isso, o voto de Emanuel será prática inexpressiva. (*José Cruz*, 20/02/2014)

ANEXO 3

Lista das unidades lexicais neológicas compostas determinativas formadas por subpadrões com o segundo elemento fixo, apresentadas em ordem alfabética do segundo elemento e seguidas dos respectivos contextos em que foram empregadas.

Campo-alvo

É basicamente uma nova missão, com um velho telescópio espacial. Em sua operação original, o Kepler ficava o tempo todo apontado para a mesma região do céu, na direção das constelações de Cisne e Lira. Agora, ele apontará em diferentes direções do céu a cada época do ano. “A missão K2 irá observar campos-alvo> ao longo do plano da eclíptica, a trajetória orbital dos planetas em nosso Sistema Solar, também conhecido como zodíaco”, afirma Charlie Sobeck, gerente da missão da Nasa. (*Mensageiro Sideral*, 28/05/2014)

Estrela-alvo

A partir disso, o resto é só geometria simples. Os astrônomos medem o ângulo formado pela posição aparente da estrela cuja distância querem medir ao comparar as duas observações. E aí imaginam um triângulo que tem a estrela-alvo> num dos vértices, e a posição da Terra em cada uma das observações nos outros dois. Com o ângulo conhecido, assim como o tamanho da aresta que liga as duas posições da Terra em sua órbita, basta trigonometria para calcular a distância. Moleza, né? (*Mensageiro Sideral*, 08/10/2014)

Gato-alvo

De esquecer de propósito a garrafa de vinho na casa do gato-alvo> a oferecer um beijo em troca de uma música, já cansei de tomar a iniciativa em escapadas sexuais. Ok, não é verdade. Não cansei, não, nem vou cansar tão cedo. Mas a parte de tomar a iniciativa é a real. Daí eis que leio hoje a coluna de Mariliz Pereira Jorge sobre “mulheres que ficam esperando o cara ligar” e penso comigo que, enquanto convencia as meninas de que tudo bem dizer que está a fim primeiro, ela se esqueceu de explicar para as garotas que também é OK convidar o cavalheiro para seu boudoir. (*X de Sexo*, 19/09/2014)

Deputado-bomba

As dificuldades do PT para se livrar do deputado-bomba> (tít)

Por Felipe Frazão, na VEJA.com:

Nos últimos anos, o PT conseguiu construir um importante reduto eleitoral na capital paulista. Na populosa Zona Leste da cidade, o partido ganhou força pelas mãos de dois irmãos, o vereador Senival Moura e o deputado Luiz Moura, ambos ex-líderes de perueiros. Os votos da região foram decisivos para os petistas nas últimas eleições, especialmente para a vitória do prefeito Fernando Haddad. Tudo funcionou bem até maio, quando veio a público a informação de que policiais flagraram Luiz Moura, ex-presidiário, em uma reunião com sindicalistas na garagem de uma cooperativa na qual também estavam dezoito membros da facção criminosa Primeiro Comando da Capital (PCC). Desde então, o deputado tornou-se um fardo difícil para o partido carregar. E o PT colocou em curso uma desesperada articulação para rifá-lo antes do início da campanha de Alexandre Padilha ao Palácio dos Bandeirantes. (*Reinaldo de Azevedo*, 28/07/2014)

Homem-bomba

O deputado Eduardo Cunha (PMDB-RJ) é a nova “bola da vez” da Operação Lava Jato. Acusado pelo delator Júlio Camargo, da Toyo Setal, de pedir propina de US\$ 5 milhões num contrato de aluguel de navios-sonda para a Petrobras, ele agora anuncia seu rompimento com governo Dilma e sinaliza que dará andamento célere à análise das contas de governos anteriores, abrindo espaço para um eventual processo de impeachment ancorado na decisão do Tribunal de Contas da União sobre as chamadas pedaladas fiscais. Cunha poderia ser, portanto, o novo <“**homem-bomba**”>, capaz de implodir a República. (*Leonardo Attuch*, 17/07/2015)

Livro-bomba

O <**LIVRO-BOMBA**> (tít)

O ex-governador José Roberto Arruda não descarta lançar no meio da campanha eleitoral seu livro revelando bastidores e colocando ‘os pingos nos is’, como diz a amigos, sobre sua prisão na operação Caixa de Pandora. (*Coluna Esplanada*, 19/04/2014)

Pauta-bomba

6. <‘**Pauta-bomba**’> (tít)

O governo precisou entrar em campo para impedir que o Congresso, onde o maior aliado é o PMDB, avançasse na votação de projetos com impactos nas contas públicas, como a criação do piso para agentes de saúde e para policiais e bombeiros. (*Brasil 2014*, 10/06/2014)

Pergunta-bomba

Depois de duas horas no palco do programa, Bastos finalmente respondeu à <“**pergunta-bomba**”> que Geraldo havia preparado: “Você pediria desculpas agora para Wanessa Camargo?”. Como já respondeu inúmeras vezes nestes últimos três anos, o humorista disse “não”. E explicou: “Não pediria perdão. O comediante tem que ter liberdade. Ela está convidadíssima a ir no meu programa, pra gente conversar sobre isso. Não pediria perdão porque isso atrapalharia na minha profissão.” (*Maurício Stycer*, 30/03/2014)

Secretária-bomba

<**Secretária-bomba**> (tít)

DELAÇÃO: Bené, operador de Fernando Pimentel: secretária entregou planilhas

A delação premiada de Vanessa Ribeiro, secretária de Benedito de Oliveira, o Bené, traz os detalhes operacionais que completam os depoimentos do empresário, operador do governador mineiro Fernando Pimentel (PT). Um exemplo são quatro notas fiscais fraudulentas apresentadas por Vanessa à Propeg em 2010. O valor total somava R\$ 975 mil, que serviriam de propina ao PP. Antes, ela descontava 20% do valor da nota. “A maior parte do valor remanescente era sacado, pela colaboradora, em dinheiro, no Banco do Brasil, e entregue para Benedito”, diz a delação. Bené lhe pedia que mantivesse uma planilha dos valores recebidos pela Propeg de contrato com o Ministério das Cidades, para calcular a propina, e dizia que “esse controle era para apresentar ao partido.” (*Brasil Confidencial*, 07/10/2016)

Canção-chave

Ao deixar a sede da emissora e negar-se a falar com vários repórteres que o aguardavam, Collor entrou no carro ao som de Lula-lá, a <**canção-chave**> da campanha do candidato do PT — entoada pelos jornalistas que, assim, arremessavam no lixo a objetividade que se espera de quem faz reportagem e cometiam uma gravíssima infração à ética da profissão. (*Ricardo Setti*, 29/10/2014)

Capítulo-chave

Com ótimos ganchos, alguns <capítulos-chave> e sequências de impacto, o novelista conseguiu manter o interesse de seu público cativo por oito meses seguidos. (*Nilson Xavier*, 31/01/2014)

Cargo-chave

Partidos do Senado já definem nomes para ocupar <cargos-chave> em troca do apoio já consolidado ao provável futuro presidente da casa, Eunício Oliveira (PMDB-CE). O PSDB escolheu o senador Paulo Bauer (SC) para assumir a primeira vice-Presidência. Os tucanos também querem a Comissão de Assuntos Econômicos (CAE) para Tasso Jereissati (CE). (*Brasil Confidencial*, 06/01/2017)

Cineasta-chave

Os Yasujiro Shimazu, sim, são importantes, porque morreu cedo (1945), acabou se tornando pouco conhecido, mas é um dos <cineastas-chave> do mudo japonês. (*Hashtag*, 13/07/2014)

Data-chave

Prepare a agenda: aqui estão as <datas-chave> da temporada ouro. (*Ana Maria Bahiana*, 20/10/2014)

Elemento-chave

Na música as mudanças dos séculos XIX e XX, assim como a música do serialismo e do atonalismo, esgotaram seu “estudo científico”, e podemos nos perguntar sobre seu futuro, sua difusão e sobretudo sobre seus diferentes plataformas e mídias como <elemento-chave> de sua divulgação para uma sociedade: a música não evolui, apenas muda, transforma-se e adapta-se. (*Combate Rock*, 29/11/2014)

Estado-chave

Premissa 6 – Dilma terá retração média de 5 pontos percentuais (em relação aos resultados de 2010) nos colégios eleitorais do Rio de Janeiro e São Paulo.

– São <Estados chave>, respectivamente o terceiro e o primeiro colégio eleitoral do país. São Estados onde o voto é mais autônomo e independente e onde os anseios e as

insatisfações da população, mais do que o carisma de lideranças pessoais, são importantes fatores na decisão dos eleitores. (*Ricardo Setti*, 14/06/2014)

Expressão-chave

A <expressão-chave> da resolução 181 é PARTILHA do território que estava sob mandato britânico em um estado judeu e um estado árabe. Os sionistas aceitaram. E os árabes, num erro estratégico (mais um), rechaçaram. (*Caio Blinder*, 24/07/2014)

Fator-chave

De fato, já ouvi mais de um brasileiro citar a quase ausência de violência urbana como um dos <fatores-chave> para ter escolhido morar na China ou no Japão. (*China in Town*, 28/12/2014)

Figura-chave

“Verão da Lata” conta com rico material de arquivo e depoimentos de <figuras-chave> da época, como investigadores de polícia do Brasil e dos EUA, além de celebridades como Fernanda Abreu, Lobão, Roger, Marina Person e Fausto Fawcett. O documentário também é recheado com animações da Mol Toons. (*Outro Canal*, 29/10/2014)

Ingrediente-chave

O <ingrediente-chave> aqui é um cogumelo, seja champignon (cogumelo Paris ou Portobello), shimeji ou shiitake, que têm uma boa quantidade de proteína e são excelente fonte de minerais. Frite com shoyu e algumas gotas de óleo de gergelim. Para incrementar, basta usar vegetais, como brócolis, cebola, acelga, tomate –em especial se tiverem sobrado de outro dia, para fazer jus ao nome da receita. (*Veg 2014*, 06/08/2014)

Iniciativa-chave

Uma parte da queda é explicada por despesas extraordinárias em defesa civil há quatro anos, mas <iniciativas-chave> do programa petista para o setor ficaram estagnadas ou nem saíram do papel. (*Dinheiro Público*, 31/08/2014)

Jogador-chave

Mas George tem contrato de quase US\$ 100 milhões até 2019, é o <jogador-chave> do Indiana e ninguém quer perder sua figura mais valiosa por um acidente de trabalho. (*Bala na Cesta*, 02/08/2014)

Mecanismo-chave

Por que as mulheres menstruam, afinal de contas? As moças que sofrem com esse incômodo mensal, bem como as variações de humor que podem acompanhar o período imediatamente anterior a ele (a célebre TPM), sem falar nos membros do sexo masculino que convivem com elas, certamente já se fizeram essa pergunta angustiada inúmeras vezes. Acontece que, até onde sabemos, a menstruação é um dos detalhes mais interessantes da biologia humana quando se trata de explicar certos mecanismos-chave> da evolução. (*Darwin e Deus*, 05/08/2014)

Membro-chave

O Who realmente mandou bem, com ótimos efeitos especiais e uma performance extraordinária da banda de apoio. Havia o temor de que a saída de alguns membros-chave> pudesse afetar negativamente os shows, mas isso não ocorreu, cortesia de Daltrey, que forçou a saída de gente como o tecladista John Bundrick para garantir lugar a membros de sua banda solo. (*Combate Rock*, 19/11/2014)

Momento-chave

Apesar de jogar em casa, o Rangers não é favorito. Primeiro porque, é claro, está na Terceirona e enfrenta rival que disputa a elite. O maior temor é que a equipe não está jogando bem sob o comando do ídolo Ally McCoist, ex-atacante e integrante da seleção escocesa na Copa de 1990. Ele se manteve no cargo em 2012 para tentar tirar o time do atoleiro. Na semana passada, perdeu a chance de ouro de conquistar o primeiro título da era pós-liquidação. Foi derrotado, na prorrogação, pelo pequeno Raith Rovers na decisão da Ramsdens Cup, torneio disputado apenas pelas equipes que não estão na divisão principal. A Copa da Escócia é outra conversa. É torneio tradicional, dá a chance de jogar a Liga Europa. Também pode sinalizar uma luz no fim do túnel para torcida, diretores, jogadores e comissão técnica. “É um momento-chave> neste processo de retorno do Rangers”, reconhece McCoist, que não tem agradado aos torcedores. Desagradou especialmente ao ser fotografado cantando em um karaokê após a derrota na final diante do Rovers. (*O Mundo é uma Bola*, 11/04/2014)

Papel-chave

O ministro da Casa Civil, Aloizio Mercadante, ficou de fora das principais conversas da reforma ministerial. Nas negociações realizadas no Palácio do Alvorada, quem esteve ao

lado da presidente Dilma foi o ministro das Comunicações, Ricardo Berzoini, com peça-chave> na articulação política. (*Brasil Confidencial*, 25/09/2015)

Peça-chave

A disputa entre PT e PDT pelo Ministério do Trabalho deve obrigar o Palácio do Planalto a adiar mais uma vez a conclusão da reforma ministerial, que Dilma Rousseff previa para hoje. Em conversas com articuladores políticos do governo, dirigentes pedetistas se recusaram a abrir mão da vaga. O impasse travou a definição do espaço do PT na Esplanada, uma vez que a pasta era considerada uma peça-chave> para compensar a retirada do Ministério da Educação da cota petista. (*Painel 2014*, 29/12/2014)

Pedaço-chave

Mas não tão bombástico quanto o comportamento do próprio Smith ao decifrar um pedaço-chave> das tabuletas de argila com caracteres cuneiformes. Budge conta que Smith estava todo nervosinho porque o restaurador das tabuletas, um sujeito chamado Robert Ready, estava demorando para dar um trato nesse trecho crucial da história, impedindo que ele o lesse: (*Darwin e Deus*, 04/02/2014)

Pergunta-chave

Agora, o governo do PT faz de tudo para impedir investigações na estatal. Quem não deve não teme, diz o ditado. O que o PT tanto teme? Podemos apenas especular, mas o tamanho do buraco deve ser mesmo gigantesco. A pergunta-chave> foi feita pela jornalista Dora Kramer em sua coluna de hoje: “se não há nada de errado na Petrobras, qual a razão de tanto esforço para impedir que as investigações sobre os negócios da companhia, com destaque para a compra da refinaria de Pasadena, prosperem de maneira independente?” (*Constantino*, 07/08/2014)

Ponto-chave

Pois bem, o Papa Francisco mostrou exatamente isso ao longo desse primeiro ano, seria desnecessário repassar todos os gestos nesse sentido. Outro sinal claríssimo é a busca de colegialidade e de sinodalidade. O papa detêm o ‘poder supremo’ sobre a Igreja, mas Francisco compartilha esse poder com o inovador Conselho dos oito cardeais, buscando as contribuições do Sínodo, ou seja, dos bispos do mundo inteiro, que trarão para debate as contribuições da Igreja inteira, a partir do questionário disponibilizado publicamente para todo o povo cristão, com 38 perguntas específicas, diretas, abrangentes sobre

<**pontos-chave**> do debate eclesial hoje, inclusive a questão dos divorciados e das uniões gays. (*Darwin e Deus*, 13/03/2014)

Questão-chave

É chato, no “grand opening” desta coluna, citar outros columnistas. Mas o Thomas Friedman, do The New York Times tem razão. A controvérsia sobre a tal mesquita no Ground Zero é um sideshow. A <**questão-chave**> não é se as diferentes seitas muçulmanas podem viver harmonicamente com os americanos, mas se elas podem conviver entre elas. (*Caio Blinder*, 11/09/2014)

Setor-chave

A fluidez entre o grande capital e o poder central não é nova no Brasil: os governos de Getúlio Vargas e da ditadura militar investiram muita verba pública nos <**setores-chave**> da economia e os fundos de pensão estatais participaram em peso das privatizações dos anos 90. (*Fernando Rodrigues*, 12/03/2014)

Tema-chave

“A questão do calendário é um dos <**temas-chave**> para a melhoria do atual estágio de crise do futebol brasileiro. (*Juca Kfoury*, 07/08/2014)

Testemunha-chave

A Transparência Internacional fará workshop em Lisboa com a participação dos procuradores brasileiros José Roberto Pimenta e Leonardo Augusto Cezar. O empresário Hermes Magnus, <**testemunha-chave**> do processo que originou a Lava-Jato, é convidado especial. (*Brasil Confidencial*, 26/06/2015)

Time-chave

Estrangeiros de ótimo nível (Quezada, Holloway, Jackson, Meynsse e Shamell, para citar alguns deles apenas), uma surpresa que deu o que falar apresentando um basquete mais “travado” e focando muito em defesa (Mogi, de Paco Garcia) e evolução de alguns <**times-chave**> (Franca, por exemplo) fizeram com que a média aumentasse. (*Bala na Cesta*, 02/06/2014)

Arauto-chefe

Um desses sujeitos, chamado Ben-Anath, tornou-se o médico-chefe da casa real egípcia. Outro cananeu, chamado Ben-Ozen e nascido em Basã (que se tornaria parte dos territórios israelitas do lado leste do rio Jordão), serviu o faraó Ramsés 2º como mordomo e <**arauto-chefe**> da casa real. (*Darwin e Deus*, 22/12/2014)

Assessor-chefe

Mas nessa entrevista citei também uma matéria que foi o maior inventário da omissão de respostas científicas por parte dos proponentes da revisão dessa lei. Foi a reportagem “O Código Florestal ao arripio da ciência”, das jornalistas Giovana Girardi e Andreia Fanzeres, na edição de outubro de 2010 da revista “Unesp Ciência”. Eu era nessa época diretor editorial dessa publicação, responsabilidade que acumulava com a de <**assessor-chefe**> da Unesp (Universidade Estadual Paulista). (*Mauricio Tuffani*, 12/11/2014)

Cientista-chefe

Segundo Fred Gösmann, do Instituto Max Planck, <**cientista-chefe**> do COSAC, os dados mostram que a amostra não chegou ao instrumento. “Não há nada lá”, disse ele, segundo o repórter Eric Hand, da revista “Science”. (*Mensageiro Sideral*, 18/11/2014)

Cirurgião-chefe

Clive Owen como o <**cirurgião-chefe**> Dr. John Thackery, vaidoso, arrogante, viciado em drogas, é o Sol em torno do qual se desenrola a trama de vida e morte. Um filmaço, em 10 episódios. (*Ana Maria Bahiana*, 03/07/2014)

Delegado-chefe

O <**delegado-chefe**> da Divisão de Homicídios do Rio, Rivaldo Barbosa, que investiga a morte de Eduardo Coutinho, disse que o crime é "uma expressão genuína da palavra tragédia", provocada por um surto psicótico do filho do cineasta, Daniel Coutinho, 41. (*Para Entender Direito*, 03/02/2014)

Economista-chefe

Painel instalado no Centro de São Paulo que exhibe o valor de tributos pagos pelos brasileiros, o Impostômetro da Associação Comercial paulista bateu a marca de R\$ 600 bilhões na semana passada – nove dias mais cedo em relação a 2014. Antes que alguém pense ter a engenhoca pirado, melhor ouvir o <**economista-chefe**> da entidade, Marcel Solimeo: “O crescimento da economia está píffio, mas a inflação acima de 1% é repassada

no ato para os preços dos produtos e os impostos subiram bastante este ano”. (*Blog do Boechat*, 30/04/2015)

Editor-chefe

Vale notar que consta na página 11 da apresentação da Wiley a “seleção da Capes de 100 periódicos”, confirmando justamente o que seria o propósito do edital a ser publicado após o primeiro, conforme <**editores-chefes**> de revistas e publishers participantes do evento já haviam afirmado para a reportagem de 31 de outubro indicada acima. (*Mauricio Tuffani*, 21/11/2014)

Executivo-chefe

O ano é 2014. Em reunião com o <**executivo-chefe**> Ed Woodward, Louis Van Gaal deu a ordem. O Manchester United precisava se livrar de Javier “Chicharito” Hernandez, Shinji Kagawa e do meia comprado sete anos antes. As negociações deveriam acontecer o mais rápido possível. (*O Mundo é uma Bola*, 03/09/2014)

Médico-chefe

Um desses sujeitos, chamado Ben-Anath, tornou-se o <**médico-chefe**> da casa real egípcia. Outro cananeu, chamado Ben-Ozen e nascido em Basã (que se tornaria parte dos territórios israelitas do lado leste do rio Jordão), serviu o faraó Ramsés 2º como mordomo e arauto-chefe da casa real. (*Darwin e Deus*, 22/12/2014)

Ministro-chefe

Enquanto o <**ministro-chefe**> da Secretaria Geral da Presidência da República, Gilberto Carvalho, fazia uma apresentação sobre “o que o Brasil ganhou com a Copa”, uma faixa estendida por manifestantes por trás dele informava: “Não vai ter Copa”. Um grupo que vestia camisetas que traziam a inscrição “O povo de rua é o primeiro eliminado da Copa” ironizava todas as informações divulgadas pelos palestrantes. (*Reinaldo de Azevedo*, 24/04/2014)

Negociador-chefe

Atualmente, o ex-embaixador José Marcondes é secretário de Ciência e Tecnologia do Itamaraty. É quadro de peso no MRE – foi <**negociador-chefe**> do Brasil na ONU sobre Mudanças Climáticas. (*Coluna Esplanada*, 29/04/2014)

Pesquisador-chefe

Por isso, Bruno Lopez, do Observatório da Costa Azul, na França, se empolgou ao conhecer o trabalho de Lage e buscou uma parceria. Ele é o pesquisador-chefe (“principal investigator”, no linguajar científiquês) de um novo instrumento sendo desenvolvido para o VLT, grande quarteto de telescópios do ESO (Observatório Europeu do Sul), instalado no Chile. Chamado de MATISSE, esse aparato será capaz de obter espectros de alta resolução na frequência do infravermelho — a ideal para a busca de assinaturas de moléculas biológicas. (*Mensageiro Sideral*, 26/03/2014)

Procurador-chefe

O procurador-chefe da Procuradoria da República no Ceará, Samuel Miranda Arruda, abriu uma investigação preliminar sobre a denúncia da ISTOÉ acerca da participação da organização criminosa do PCC na corrida por prefeituras, em especial no Ceará. (*Brasil Confidencial*, 16/09/2016)

Redator-chefe

Redator-chefe da revista IstoÉ Dinheiro, foi perseguido pela ditadura militar, chegando a ter que se asilar no Chile, sendo um dos presos no Estádio Nacional) (*Juca Kfoury*, 06/06/2014)

Treinador-chefe

O treinador-chefe será Ricardo D’Angelo (SP), e a comissão técnica terá ainda Katsuhiko Nakaya (SP), Adriano da Costa Vitorino (SP), Paulo Servo Costa (RJ), José Figueiredo (RN), Sanderlei Parrela (SP), Luiz Alberto de Oliveira (CBAt), Leonardo Ribas (RS) e Evandro de Lazari (SP). A equipe de suporte inclui o médico Warlindo Carneiro da Silva Neto (CBAt), os fisioterapeutas Marcos Vitullo (SP) e Vitor Stefanini (SP), os massagistas Jorge Antonio Lima e Nelson Guarnier Filho (ambos CBAt), a psicóloga Simone Meyer Sanches Mendes (CBAt) e a nutricionista Danielli Botture (CBAt). Completa o grupo um membro do programa “Heróis Olímpicos”. (*Rodolfo Lucena*, 21/05/2014)

Assessor-fantasma

“O país que elegeu um operário e uma mulher lutadora não vai escolher quem começou como assessor fantasma de deputado.” (*Painel 2014*, 16/10/2014)

Biblioteca-fantasma

O deputado João Henrique Caldas (SD) denunciou a existência de uma <“**biblioteca fantasma**”>, que recebeu R\$ 1 milhão, mas está deserta, como a reportagem constatou. (*Brasil 2014*, 16/09/2014)

Conselho-fantasma

<**Conselho fantasma**> (tít)

Debite na conta de Eunício Oliveira o fato de o Conselho de Ética não ter sido formado, quatro meses depois da abertura do ano legislativo no Congresso. Senadores cobraram o funcionamento ao presidente na semana passada. Lembraram que, diante da queixa da Rede e do PSol, Aécio Neves pode responder a processo de cassação do seu mandato no órgão, por falta de decoro, ao suposto pedido de propina de R\$ 2 milhões, relatado por Joesley Batista, do JBS. (*Blog do Boechat*, 19/05/2017)

Corredor-fantasma

Você pode ter um treinador virtual ou um <**corredor fantasma**>, que o desafia no treinamento (a Garmin também tem isso); há aplicativo para medir a eficiência da corrida e um calculador de tempo da maratona, baseado no desempenho no treino. (*Rodolfo Lucena*, 14/07/2014)

Empregado-fantasma

Sistema antifraude adotado desde janeiro pelo Ministério do Trabalho gerou o bloqueio de R\$ 537 milhões destinados ao pagamento do seguro-desemprego. A força tarefa, que investiga as irregularidades no programa, foi em cima de pedidos que tinham como referência o mesmo telefone, o mesmo endereço ou origem em pequenas empresas. Elas eram criadas e contratavam <**empregados fantasmas**>, que depois eram demitidos. (*Brasil Confidencial*, 11/08/2017)

Estatal-fantasma

O TCU e o MPF avaliam a insistência do ministro da Saúde, Ricardo Barros, em incluir o Tecpar (laboratório oficial do Paraná) num projeto de R\$ 600 milhões por ano, para a produção de Fator IX recombinante no País. De início, quis construir uma fábrica de hemoderivados em Maringá, na sua Paraná, em parceria com a Octopharma. Como isso,

tornaria a Hemobrás uma <**estatal fantasma**>, a bancada de políticos e ministros pernambucanos caiu de pau. (*Blog do Boechat*, 06/10/2017)

Funcionário-fantasma

Igor Rousseff, o irmão da presidente Dilma denunciado por Aécio como <**funcionário-fantasma**> da gestão de Pimentel – agora governador eleito – é um mistério até no Facebook: a página que tem o seu nome não traz registro algum de dados e fotos. (*Coluna Esplanada*, 16/10/2014)

Jornal-fantasma

Depois do trem fantasma da Petrobras, o PT agora investe em <**jornais-fantasma**>. Deve ser para isso que eles querem controlar a mídia.

DO DEPUTADO MARCUS PESTANA (PSDB-MG), presidente estadual do partido, sobre anúncios de R\$ 1,3 mi pagos por estatais em veículos que não existem. (*Painel 2014*, 19/12/2014)

Laboratório-fantasma

Em uma das conversas, os dois tratam da contratação de um executivo para o Labogen, o <**laboratório-fantasma**> do doleiro, que servia à lavagem de dinheiro. O deputado avisa que o executivo escolhido encontraria Youssef dias depois. (*Reinaldo de Azevedo*, 24/04/2014)

Locomotiva-fantasma

.. Perguntar não ofende. Por quais trilhos descarrilaram R\$ 2 bilhões da inacabada Ferrovia Norte-Sul? O deputado Júlio Cesar (PSD-PI) tem cobrado isso, com levantamento completo da situação. Já os donos da <**locomotiva-fantasma**>.... (*Coluna Esplanada*, 29/08/2014)

Situação-fantasma

Queremos participar decisivamente do destino deste grande País, empobrecido por governos ineptos ao longo de 20 anos. Participar significa estar à frente da reconstrução nacional. Que, entenda-se, não pode mais ser postergada em nome de <**situações-fantasmas**> que não mais nos amedrontam. (*Rodolfo Martino*, 25/04/2019)

Sócio-fantasma

Pente fino. A diretoria do Santos montou um dossiê para tentar provar que os <**sócios-fantasmas**> registrados no clube –com nomes como Ronald McDonald, Hugo Chavez e Augusto Pinochet– são ligados a movimentos de oposição. (*Painel FC*, 30/07/2014)

Coisas-mães

Dito isso, no entanto, o fato é que é comum e salutar a aplicação da lógica da biologia evolucionista aos primórdios da vida, em especial a ideia de seleção natural. Isso porque, a rigor, você não precisa de nada realmente “vivo” (seja lá o sentido no qual você aplica a palavra) para a seleção natural ocorrer. Só é preciso, na verdade, que você tenha entidades que possuam descendência com modificação. Ou seja: <“**coisas-mães**”> que produzam “coisas-filhas” um pouquinho diferentes de si próprias, e que essas diferenças sejam transmitidas de uma geração para outra e tenham algum impacto na capacidade desses entes de se propagar, de se multiplicar. (*Darwin e Deus*, 08/12/2014)

Estrela-mãe

Menos de duas semanas atrás, outro grupo de astrônomos havia anunciado outro resultado importante nessa busca, ao detectar nuvens de água num objeto similar a um planeta gigante gasoso, maior do que Júpiter. O achado de Fraine e seus colegas dá um passo adiante, ao fazer a detecção num planeta do tamanho aproximado de Netuno — intermediário entre Júpiter e a Terra. E usa uma tecnologia que, ao menos em tese, poderia permitir a detecção de vapor d’água na atmosfera de um planeta rochoso, como o nosso, ainda que um pouco maior. “A habilidade de estudar as atmosferas de superterras já está ao nosso alcance”, destaca Fraine, em entrevista ao Mensageiro Sideral. A técnica consiste em analisar a luz que vem da <**estrela-mãe**> e passa de raspão pelas bordas do planeta antes de chegar até nós, carregando consigo a “assinatura” de compostos químicos que tenha encontrado pelo caminho. (*Mensageiro Sideral*, 25/09/2014)

Pátria-mãe

Natural que Putin sendo Putin, ele jogue de forma dura e cínica. Natural que a <**pátria-mãe**> se preocupe com os seus interesses (como a base naval em Sebastapol, na Crimeia) e a proteção da minoria russa na Ucrânia (qualquer país faria o mesmo). Realizar exercícios militares, intimidar e também negociar fazem parte do figurino. (*Caio Blinder*, 27/02/2014)

Planeta-mãe

Com os avanços em astronáutica, novas fontes de energia (eventualmente com a exploração energética de buracos negros e outras possibilidades, entre elas o completo domínio da fusão que permitirá a construção de pequenos sóis artificiais) a ameaça de um corpo como o 1950 DA colidir com a Terra será visto com humor e tolerância com a visão ingênua dos antigos moradores do que então será conhecido como <Planeta-Mãe>: a nossa velha e belíssima Terra. (*Scientific American*, 15/08/2014)

Desculpas-padrão

Perceberam que as <desculpas-padrão> para fugir da pecha de preconceituoso têm o mesmo DNA? Tenho amigos gays, negros, índios, nordestinos... (*Sakamoto*, 01/12/2014)

Gaiola-padrão

Esse processo, porém, não foi visto com frequência nos camundongos habitantes de <gaiolas-padrão>. A não ser que eles fossem jovens, com quatro semanas de idade, sua plasticidade ocular era fraca. (*Teoria de Tudo*, 08/01/2014)

Procedimento-padrão

Ainda não se sabe. Mas funcionários do hospital que cuidaram dos espanhóis infectados, antes que morressem, têm relatado falhas nos procedimentos de segurança. O “El País” publicou, por exemplo, uma foto em que um funcionário aparece de luva de látex vedada por fita isolante –o que dificilmente faz parte dos <procedimentos-padrão>. (*Mundialíssimo*, 06/10/2014)

Questionário-padrão

Disponível gratuitamente para download em versões para iPhone e Android, o aplicativo Moda Livre avalia as ações que as principais marcas e varejistas de roupas no país vêm tomando para evitar que as peças de vestuário de suas lojas tenham sido produzidas por mão de obra escrava. O Moda Livre avalia as 45 principais marcas e grupos varejistas de moda, além das empresas em que a produção de roupa foi marcada por casos de trabalho escravo flagrados por fiscais do Ministério do Trabalho e Emprego e procuradores do Ministério Público do Trabalho. A Repórter Brasil, responsável pelo aplicativo, convidou todas as companhias a responder a um <questionário-padrão> que avalia basicamente quatro indicadores: 1. Políticas: compromissos assumidos pelas empresas para combater o trabalho escravo em sua cadeia de fornecimento; 2. Monitoramento: medidas adotadas pelas empresas para fiscalizar seus fornecedores de roupa; 3. Transparência: ações

tomadas pelas empresas para comunicar a seus clientes o que vêm fazendo para monitorar fornecedores e combater o trabalho escravo; 4. Histórico: resumo do envolvimento das empresas em casos de trabalho escravo, segundo o governo. (*Sakamoto*, 13/12/2014)

Resposta-padrão

Num tom para lá de oportunista e demagógico, Buffet defendeu a idéia nos seguintes termos: “Enquanto os pobres e a classe média lutam por nós no Afeganistão e enquanto a maioria dos americanos luta para fazer face às despesas, nós, mega-ricos, continuamos a receber benesses na hora de pagar nossos impostos.” Depois de esmiuçar uma série de dados e propor inúmeros aumentos de alíquotas, dependendo da faixa de rendimento, Mr. Buffett encerra seu libelo assim: “Eu e meus amigos já fomos mimados tempo suficiente por um Congresso amigável aos bilionários. É hora de nosso governo levar a sério o sacrifício compartilhado.” Tal discurso mereceu efusivos aplausos da esquerda, inclusive do seu amigo Obama. Raros conservadores e muitos liberais foram as únicas vozes dissonantes. Entre essas vozes, muitos perguntavam por que o senhor Buffett estava esperando pelo governo, já que, de acordo com as normas do imposto de renda daquele país, qualquer cidadão pode doar ao governo a quantia que desejar, além do imposto devido. O governador de Nova Jersey, Chris Christie, chegou a dizer, em tom irritado: “Ele deve dar um cheque e calar-se. Realmente. E só contribuir. Estou cansado de ouvir isso. Se ele quer dar ao governo mais dinheiro, ele tem a capacidade de fazer um cheque. Vá em frente e faça”. A <resposta padrão> de Buffett para esse tipo de questionamento era de que uma só andorinha não faz verão. (*Constantino*, 27/08/2014)

Texto-padrão

Respeito demais a Guilherme Giovannoni (presidente) e as intenções da AAPB (e entendo muito bem o porquê de não ter recebido a devida consideração com um fato GRAVE como foi a aprovação por parte desta do balanço financeiro da Confederação Brasileira de Basketball), mas para mim o que fica não é um gosto bacana, não. Principalmente pelo que me foi dito que seria feito ao telefone. Me foram prometidas respostas a questionamentos importantes para o andamento de um processo TRANSPARENTE e que precisa ser revisto no esporte brasileiro (como apontou o próprio TCU a este blogueiro). E o que me veio foi um <texto-padrão> (release), algo bem diferente do que quem acompanha basquete esperava/merecia. (*Bala na Cesta*, 09/06/2014)

Voz-padrão

E a Globo segue mexendo em vinhetas, logotipo e <vozes-padrão>. O locutor Davi Roque, que por anos foi uma das vozes em chamadas da emissora em São Paulo, deixou o canal. (*Outro Canal*, 29/05/2014)

Aliado-problema

Oficialmente, o candidato de Michel Temer à sucessão de Eduardo Cunha era o deputado Rogério Rosso (PSD-DF) por razões óbvias. Integrante do chamado “centrão”, Rosso foi indicado por Cunha e poderia acalmar o <aliado-problema> de Temer. O objetivo: evitar uma eventual delação premiada do ex-presidente da Câmara, que viesse a implodir toda a cúpula do PMDB. (*Leonardo Attuch*, 15/07/2016)

Estrela-problema

A Globo resolveu ser menos flexível na hora de fechar contratos mais longos. A ordem é não mais fazer vista grossa aos reis do atraso, das confusões e dos convites de trabalho recusados. <“Estrelas-problema”> não serão mais toleradas. (*Outro Canal*, 27/05/2014)

Garoto-problema

Nos primeiros anos da adolescência, estava no caminho certo para longos períodos de detenção em reformatórios juvenis; mais tarde, a cadeia seria talvez o seu destino, quem sabe até a pena máxima. Foi seu irmão mais velho, Pete, que veio com a solução para tentar impedir que aquela tragédia anunciada se consumasse. Conseguiu convencer pais, professores e até o diretor da escola que a salvação de Louie estava no esporte. Pete já fazia parte do time de atletismo da escola e acreditava que seu irmão poderia ter sucesso. Todo mundo concordou em dar mais uma chance a Louie. Era o ano de 1932, e o garoto começou a temporada odiando tudo aquilo, arrastando-se na pista e treinando obrigado, açoitado a golpes de vara que o irmão, que o acompanhava de bicicleta nos treinos, lhe dava quando não era rápido o suficiente. Começou a vencer. No final da temporada, tornou-se o primeiro garoto de Torrance a participar das finais de uma competição intermunicipal de atletismo. No ano seguinte, com 16 anos, já estava apaixonado pelas corridas, feliz com as atenções que as vitórias lhe traziam: até as meninas começavam a gostar dele. “A corrida me tirou de uma vida de <garoto-problema>”, me disse ele em uma curta entrevista por e-mail, no ano passado. Apesar de sua participação nos Jogos de Berlim-1936 e de outras conquistas posteriores, a prova que mais lhe trouxe satisfação

foi uma competição escolar de cross country, quando bateu os recordes de todas as categorias... (*Rodolfo Lucena*, 04/07/2014)

Vice-problema

<**VICE-PROBLEMA**> (tít)

Em 2002, o governador Aécio Neves se livrou do então vice-governador Clésio Andrade quando viu nuvens cinzentas sobre o Palácio da Liberdade. Àquela altura, o mensalão tucano de Eduardo Azeredo já estourara. Aécio afastou-se de Clésio, agora denunciado no esquema, mas corre risco de ser atacado por tabela na campanha à Presidência. (*Coluna Esplanada*, 22/02/2014)

Autópsia-relâmpago

Haverá <**autópsias-relâmpago**>, retrato falado digital, métodos avançados de papiloscopia (ciência que estuda as impressões digitais) e até um escâner ZF, que escaneia a cena do crime e, depois, recria todos os detalhes no computador, com precisão milimétrica. (*Outro Canal*, 18/09/2014)

Comitiva-relâmpago

À ocasião, numa operação-abafa, o comitê do PT articulou uma <**comitiva-relâmpago**> com dois senadores evangélicos e um ministro católico – Crivella (PRB-RJ), Magno Malta (PR-ES) e Gilberto Carvalho (Planalto). (*Coluna Esplanada*, 09/10/2014)

Concorrência-relâmpago

Motivo: os técnicos relutam em assinar o contrato, franqueado à prestadora de serviços Hope em uma <**concorrência-relâmpago**>. Da abertura ao final da disputa foram apenas dez dias. (*Lauro Jardim*, 11/05/2014)

Estreia-relâmpago

A <**estreia-relâmpago**> do drone da Marinha portuguesa, com tecnologia nacional, parece parceria com o governo do Brasil, que mandou um satélite para a água. (*Coluna Esplanada*, 29/04/2014)

(ex-)Governador-relâmpago

A propósito, o notório Paulo Octávio, <ex-governador-relâmpago> do Distrito Federal, preso pela Polícia Federal na primeira semana deste mês e solto quatro dias depois, marcou presença no evento. (*Lauro Jardim*, 25/06/2014)

Paquera-relâmpago

<PAQUERA-RELÂMPAGO> (tít)

Um dos jeitos de medir isso, conta o psicólogo americano John Gabrieli em seu curso de introdução à psicologia do MIT (aliás, recomendadíssimo e disponível de graça no formato de vídeos aqui), é por meio de dados de sites de paquera e também pelo famigerado sistema de “speed dating”, ou <paquera-relâmpago>, muito comum nos EUA: homens e mulheres se sentam em mesas, conversam por alguns minutos com um potencial parceiro e depois trocam de cadeira. No fim das contas, preenchem cartões dizendo por quem se interessaram: se houver compatibilidade (o mesmo casal dizendo “sim, fiquei interessado nele/nela”), aí sim rola um encontro a sós, mais tradicional. (*Darwin e Deus*, 21/11/2014)

Passagem-relâmpago

Gisele Bündchen, numa <passagem relâmpago>, também cruzou o Grand Palais sozinha num vestido de tricô. (*Peça Única*, 30/09/2014)

Promoção-relâmpago

A Emirates estava com uma <promoção-relâmpago>, com descontos de até 25%, para quem reservasse até 7 de setembro último. (*Silvio Cioffi*, 08/09/2014)

Sabatina-relâmpago

Lembram do ministro Fux, do STF, que encaixou a filha como desembargadora numa <sabatina relâmpago>? (*Mentor Neto*, 11/08/2017)

Votação-relâmpago

Dilma decidiu entregar as agências reguladoras ao PMDB. Na tarde da quarta-feira 1, Renan Calheiros (AL) passou a presidência da sessão a Romero Jucá (PMDB-RR) que fez <votação relâmpago> da indicação de sete apadrinhados para a Anvisa, Ana e ANTT. (*Brasil Confidencial*, 03/07/2015)

Cidade-sede

Uma cratera se abriu dividindo o bairro Mãe Luiza onde Anderson Batista, 36, mora na <cidade-sede> da Copa. (*Brasil 2014*, 17/06/2014)

Estádio-sede

A rede chegou a lançar o caminhão que levaria o cenário e seria estacionado em pontos importantes das cidades por onde o “Encontro” passasse. A ideia era transmitir o programa de um local próximo ao <estádios-sede> dos jogos do Mundial. (*Outro Canal*, 06/06/2014)

País-sede

Posteriormente ao congresso, a Fifa mudaria as datas (1950 e 1954), mas não os <países-sedes>. Um cartola da Checoslováquia sugere que a Copa seguinte ocorra em um país eslavo –fato que até hoje não ocorreu. (*Brasil 2014*, 17/06/2014)

Prédio-sede

Nomeado para a Subsecretaria de Serviços Administrativos e de Conferências na Junta Interamericana de Defesa, o segundo –tenente músico do Exército, Jeferson da Silva Figueiredo, casado com a ex-senadora Ideli Salvati, tem batido continência em Washington. O organismo abriga muitos militares de alta patente das Forças Armadas dos 27 estados-membros da OEA. Devido à crise que atravessa, a entidade quer vender o <prédio-sede> da junta, batizado de a “Casa do Soldado”. (*Blog do Boechat*, 22/01/2016)

Animal-símbolo

Depois de termos nos perguntado há alguns dias sobre para que serve o G20, os líderes que representaram o mundo nessa reunião interromperam sua agenda para abraçar um dos <animais-símbolo> da Austrália. As fotos logo ganharam as galerias de jornais internacionais. O “Business Insider”, por exemplo, disse que as imagens eram “gloriosas”. Para a “Bloomberg”, foram os coalas que abraçaram os políticos, e não o inverso. O “Washington Post” falou em reunião bilateral Obama-coala. (*Mundialíssimo*, 18/11/2014)

Árvore-símbolo

Moradores tentam salvar últimas <'árvores-símbolo'> em cidade paulista

Em julho, moradores de Presidente Prudente (a 558 km de São Paulo) choraram pelas árvores derrubadas –mais precisamente, por duas fileiras com 30 exemplares de fícus. Os galhos, ao se encontrarem e se fecharem nas copas, formavam uma espécie de túnel natural. O cenário, que atraía fotógrafos e estampou álbuns de casamento, também foi escolhido como a melhor fotografia do mês de abril em um concurso mensal promovido pelo site da revista “National Geographic Brasil”. No dia 13 de julho, os fícus foram cortados para dar espaço a um condomínio residencial. A poda, que tinha autorização legal, gerou protesto nas redes sociais. Para evitar que a natureza sofra novas baixas, árvores que são emblemáticas para a história da cidade estão sendo escolhidas para que possam ser denominadas patrimônio de Presidente Prudente. Assim, elas ficariam imunes ao corte. (*Brasil 2014*, 14/08/2014)

Característica-símbolo

O fato de a fatalidade ter ocorrido na Venezuela expõe outra <característica-símbolo> de Cerati. Em geral, os artistas argentinos são vistos de forma isolada no panorama latino-americano, ou se internacionalizam à europeia, como os escritores Borges e Cortázar. Cerati não. (*Sylvia Colombo*, 05/09/2014)

Cartola-símbolo

A própria presidente Dilma fechou as portas do Palácio do Planalto ao então presidente da CBF, Ricardo Teixeira, para não vincular a imagem do governo a um <cartola-símbolo> da corrupção no futebol. (*José Cruz*, 11/06/2014)

Mulata-símbolo

A Globo desistiu de deixar o público escolher a nova Globeleza. Após enfrentar problemas com a escolha popular da sua musa do Carnaval 2014, a emissora resolveu engavetar o concurso com votação no “Fantástico” e vai eleger sem a participação da audiência a <mulata-símbolo> da transmissão dos desfiles das escolas de samba. (*Outro Canal*, 17/11/2014)

Música-símbolo

Em tempo: Geraldo Vandré é quem canta “Pra não dizer que não falei das flores”, <música-símbolo> dos movimentos estudantis do final dos anos 60 e na década de 1970. (*Brasil 2014*, 10/07/2014)

Personagem-símbolo

Na linha mais do mesmo, vale um elogio ao quinteto alemão Grave Digger, que mostra a competência de sempre no interessante “Return of the Reaper”. É o 17º álbum da banda e traz de volta um de seus <personagens-símbolo>, o Grim Reaper (A Morte). (*Combate Rock*, 04/09/2014)

Produto-símbolo

Necessidades fisiológicas. O uso de papel higiênico, esse <produto-símbolo> do capitalismo imperialista ianque, é proibido. (*Sakamoto*, 28/12/2014)

Convidado-surpresa

O cruzeiro do rock está de volta em 2014. Não são tantas as atrações nacionais e internacionais de peso como em outros anos, mas ainda assim é um bom divertimento para quem está disposto a ficar cinco dias em alto mar ouvindo rock dos bons. O 4º Motorcycle Rock Cruise tem como destaques neste ano Paul Di’Anno, ex-vocalista do Iron Maiden e figura frequente no Brasil desde os anos 90, Jeff Scott Soto, que já cantou com Yngwie Malmsteen e Journey, e Letz Zep, considerada hoje a principal banca cover do Led Zeppelin no mundo. Entre as bandas nacionais confirmadas o maior nome é o Dr. Sin, que terá um <convidado-surpresa>. (*Combate Rock*, 12/03/2014)

Crise-surpresa

Eu não sei se, como perguntaria Garrincha, o GS combinou tudo com os joões, se está tudo certo com nossos adversários. De qualquer forma, como se sabe, as instituições financeiras em geral são altamente confiáveis no que tange a previsões, como prova a total ausência de <crises-surpresa> no sistema financeira ao longo das últimas décadas. (*Rodolfo Lucena*, 11/06/2014)

Efeito-surpresa

O risco desta estratégia, desconfio, é cansar o eventual público-alvo com vídeos já vistos exaustivamente e desperdiçar o <“efeito-surpresa”> que teria um programa, de fato, novo do Porta dos Fundos na televisão. (*Mauricio Stycer*, 14/10/2014)

Filme-surpresa

Interestelar é um buraco negro. Metade dos meus colegas tem dor de cabeça só de lembrar do filme. Curiosamente, pode ser o <filme-surpresa> da manhã. (*Ana Maria Bahiana*, 09/12/2014)

Madrinha-surpresa

“Se alguém tiver algo a dizer contra esse casamento, que fale agora ou cale-se para... Meu Deus, é a Beyoncé ali?!” A frase acima é fruto da ficção, mas poderia se aplicar para o ocorrido ontem na igreja de Portofino, vilarejo de pescadores no norte da Itália. A cantora americana Beyoncé Knowles, 33, entrou sem querer na celebração de um casamento de locais. Amigos da noiva, ainda não identificada, trataram de colocar as fotos da recém-casada com a <madrinha-surpresa>, que usava a parte de cima de um biquíni, uma saia e joias. (*Digo Sim*, 08/09/2014)

Ofensiva-surpresa

Graças ao livro de Tuchman, aprendi que “A Grande Ilusão” é o título de um estudo escrito pelo inglês Norman Angell (1872-1967). A obra fez sensação na “belle époque”. Demonstrava-se, ali, a improbabilidade absoluta de uma nova guerra europeia. Os recursos técnicos e humanos à disposição de cada país eram tão vastos que qualquer conflito seria suicídio: mesmo a nação vitoriosa emergiria dele totalmente arruinada e destruída. Num mundo interessado no lucro, quem apostaria em prejuízos de tal monta? O livro saiu em 1910. Ninguém menos do que o chefe do Conselho de Guerra do Império Britânico, Lord Esher, entusiasmou-se com a tese e tratou de divulgá-la em palestras e cursos. Uma das figuras máximas do militarismo alemão, o marechal Von Moltke (1800-1891), já enunciara ideias semelhantes. As guerras por vir jamais seriam curtas, e o seu preço, mesmo para o país vencedor, seria catastrófico. Enquanto as previsões iam nessa toada, os planos caminhavam em sentido contrário. Ou melhor: levando em conta os mesmos fatos, conduziam a uma conclusão oposta. Sabendo-se que todas as potências eram fortíssimas, e que uma guerra longa e custosa poderia acontecer, o único método para garantir a vitória consistiria em atacar de uma vez, o mais cedo possível... Beneficiando-se de uma <ofensiva-surpresa>, que passasse por cima da Bélgica, tão fraca e tão neutra, os alemães contavam chegar a Paris em questão de semanas. Do lado francês, o Estado-Maior concluía, em 1913, que “só a ofensiva conta”. (*Marcelo Coelho*, 08/01/2014)

Evento-teste

Otimismo sempre é bom. Nem sempre é bom o otimismo exagerado. Felipão diz desde quando reassumiu a seleção, em dezembro de 2012, que pretende evitar o oba-oba durante a Copa, já que o evento será no país. Antes da Copa das Confederações, com a seleção capengando com Mano Menezes, havia desconfiança. Vencer o <evento-teste>, jogando bem e com a torcida ao lado colocou o Brasil imediatamente na lista de grande favorito. (*Blog da Seleção*, 30/05/2014)

Homem-teste

<Homem-teste> (tít)

Quem se submeter à pesquisa clínica feita por instituições públicas ou privadas, tomando remédio experimental, terá direito ao produto de graça, a partir da licença dada a um laboratório para produzi-lo. A benesse valerá até o produto ser incluído na rede do SUS. Este é um dos pontos do projeto de lei aprovado pelo Senado na semana passada. O relator da matéria, Otto Alencar, é um sobrevivente da pesquisa. Descobriu o baço liquidado por esquistossomose, ao entrar na Universidade Federal da Bahia, em 1966. Ingeriu à época Mansil (oxamniquina), ainda em teste. (*Blog do Boechat*, 17/02/2017)

Jogo-teste

Às vésperas de ser inaugurado, o novo estádio do Palmeiras ainda não tem previsão de receber o time alviverde. Isso porque a construtora WTorre e o Palmeiras ainda não estão se comunicando para programar a inauguração da arena. O motivo do afastamento é a briga pela quantidade de cadeiras que devem ser comercializadas por cada parte. De acordo com Walter Torre, dono da construtora, os <jogos-testes> iniciais devem ser entre funcionários da empresa. (*Painel FC*, 28/07/2014)

Lançamento-teste

O <lançamento-teste> da cápsula, construída pela empresa HAL (Hindustan Aeronautics Limited), deve acontecer entre abril e junho deste ano, embarcado num foguete GSLV Mark III, também desenvolvido pela Índia, e em fase de voos experimentais. (*Mensageiro Sideral*, 05/03/2014)

Voo-teste

Imagem da VSS Enterprise em <voo-teste>. Acidente despedaçou o veículo. (tít.)

A tendência de aumento da participação da iniciativa privada na conquista espacial segue em alta, mas dois acidentes ocorridos em 2014 nos ensinam que as coisas não serão tão fáceis quanto supunham os mais otimistas. Em 28 de outubro, um cargueiro Cygnus, destinado a levar suprimentos à Estação Espacial Internacional, explodiu pouco depois do lançamento, por falha do foguete que o transportava, o Antares. Três dias depois, uma falha com o veículo suborbital VSS Enterprise levou à morte de um dos dois pilotos e provocou uma crise para a empresa Virgin Galactic, que pretendia usar a nave para promover voos turísticos ao espaço a partir de 2015. (*Mensageiro Sideral*, 23/12/2014)

ANEXO 4

Lista das unidades lexicais neológicas compostas determinativas formadas por subpadrões com o primeiro elemento fixo, apresentadas em ordem alfabética e seguidas dos respectivos contextos em que foram empregadas.

Bolsa-escola

Mais nova moradora da vila, a mãe de Gomes, Maria Isabel da Silva, de 68 anos, também está indecisa sobre a quem confiar o voto presidencial. “Estava pensando na Marina, mas ainda não tenho opção”, diz a dona de casa, que lembra ter tido como último benefício do governo o <**Bolsa Escola**>, de 32 reais, para um neto. O benefício, que “servia para comprar uma merenda no colégio”, foi cortado quando o rapaz completou 16 anos. (*Reinaldo de Azevedo*, 21/09/2014)

Bolsa-atleta

Outro “cheque voador” do governo Dilma Rousseff. Muitos dos 6.093 contemplados do <**Bolsa-Atleta**> reclamam o não pagamento do benefício. O Ministério do Esporte assegurou que a primeira das 12 parcelas sairia no mês passado. Aliás, o programa vem emagrecendo. Em 2014, o auxílio alcançou 7.128 atletas. Será que sobrevive às Olimpíadas do Rio de Janeiro??? (*Blog do Boechat* 16/10/2015)

Bolsa-auxílio

A empresa oferece <**bolsa-auxílio**> no valor de R\$ 900, além de vale-transporte e alimentação. O horário de trabalho é flexível. (*Happy Hour*, 27/03/2014)

Bolsa-bandidagem

Doente são vocês que gostam de defender bicha, preto, índio, tudo o que não presta, como diria o deputado. Se vivêssemos em uma sociedade decente, pegaria todos eles, jogava na cadeia e trancava a chave fora. Ou melhor, distribuiria armas lá dentro só para eles se matarem e pararem de cobrar <**bolsa-bandidagem**> dos homens de bem aqui do lado de fora. Ou botava coleira em todos esses cachorros. Botava veneno na comida deles. Botava pulga na roupa deles. Prendia todos em hastes de bicicleta pelo pescoço. Para aprender quem manda e quem obedece. (*Sakamoto*, 06/03/2014)

Bolsa-banqueiro

As presidenciáveis Marina Silva (PSB) e Dilma Rousseff (PT) travam um debate repleto de mistificações acerca dos poderes do setor financeiro e dos feitos e propostas de uma e outra a esse respeito. A presidente acusa a adversária de querer entregar a política econômica aos bancos privados, com a proposta de um Banco Central independente; em resposta, seu governo é acusado de ter criado a <“**bolsa-banqueiro**”>, presumivelmente uma referência aos gastos públicos com juros da dívida. (*Dinheiro Público*, 10/09/2014)

Bolsa-esmola

No dia em que os militares restituírem a ordem você vai ver. Vai ser o primeiro a ser preso para parar de roubar os cofres públicos! Vamos acabar com todas essas <**bolsas-esmolas**> e botar o povo no eixo, fazê-los trabalhar, que é trabalhando que se conquista a dignidade. (*Sakamoto*, 18/11/2014)

Bolsa-família

O CNA fez a jornada familiar de movimento de libertação nacional para máquina política no poder, lubrificada por clientelismo e corrupção. O legado Mandela e programas ao estilo <**bolsa-família**> preservam a força eleitoral do CNA, neutralizando uma pilha de problemas. (*Caio Blinder*, 07/05/2014)

Bolsa-internet

<**Bolsa -internet**> (tít.)

A equipe de comunicação do Planalto não aguenta mais ouvir que a prioridade, agora, é divulgar boas notícias. A equipe econômica foi mobilizada para encontrar meio de patrocinar uma nova ideia: criar um auxílio para famílias de baixa renda acessarem banda larga em casa. O objetivo é incluir o projeto no Fundo de Universalização dos Serviços de Telecomunicações. (*Brasil Confidencial*, 07/08/2015)

Bolsa-Panicat

Assim como dinheiro de propina, empreiteiras cortaram outro mimo de políticos: a <“**Bolsa Panicat**”>, disse um parlamentar à coluna. “Agora, quem quer acompanhante tem que pagar do bolso”, explicou. Importante: “panicat” é apenas referência a garotas de programa “famosas”, não a integrantes do programa “Pânico”. (*Brasil Confidencial*, 13/04/2017)

Bolsa-preservação

<BOLSA-PRESERVAÇÃO> (tít)

Exemplo da pequena Extrema (MG), 30 mil habitantes: Desde 2007 o prefeito Luiz Bergamin (PSDB) banca o PSA – Pagamento por Serviços Ambientais. Ano passado foram em média R\$ 3,9 mil para 161 fazendas, para que proprietários rurais preservem nascentes, córregos e rios. (*Coluna Esplanada*, 05/03/2014)

Bolsa-prostituta

Em tempos de internet e pré-campanha, surge muita maldade apócrifa também: a polícia ainda não identificou quem espalhou mentira, nas redes sociais, sobre o <**Bolsa-Prostituta**> de R\$ 2 mil, de projeto que seria da senadora Ana Rita (PT-ES). (*Coluna Esplanada*, 09/03/2014)

Bolsa-recomeço

E o <**Bolsa-recomeço**>? Iniciativa bonita desse governo tão solidário, não fosse um tiro no pé, assumindo sua incompetência em garantir reabilitação aos dependentes químicos. Então o jeito que encontraram foi pagar reabilitação aos usuários de crack em clínicas de reabilitação privadas, a um valor mensal de 1.350 reais... E os meus agentes de saúde trabalhando arduamente para receber a metade disso no final do mês. (*Constantino*, 23/05/2014)

Bolsa-Venezuela

Afinal, a queda dos preços do petróleo deve forçar o governo a desvalorizar ainda mais a moeda (são três cotações do bolívar), cortar importações, acabar a fantasia de gasolina quase gratuita e moderar a farra do <**Bolsa-Venezuela**> (neste último caso, Maduro esbraveja ao estilo “no pasarán” que não irá acontecer). (*Constantino*, 02/12/2014)

Homem-árvore

Na página oficial dos doodles, a empresa publicou a mensagem: “A cerimônia de abertura da Copa do Mundo foi tão inspiradora que nosso próximo doodle também tem um <**homem-árvore**> dançante”. (*Blog de Tec*, 18/06/2014)

Homem-bomba

Pois bem. Tratemos aqui do fracasso das negociações de paz, da tentativa frustrada de um <**homem-bomba**> em Israel, da prisão de um suspeito no tiroteio de Bruxelas e da

formação de um governo de unidade nos territórios palestinos. Com diversas conclusões possíveis, incluindo a de que o conflito árabe-israelense, em vez de se resolver, complicou-se ainda mais devido à recente tentativa de negociação. (*Orientalíssimo*, 01/06/2014)

Homem-bouquet

Você se sente valorizada, mas está com medo, pode ser apenas mais um truque do <**homem-bouquet**>, o cara que arrota conhecimento de vinhos finos. Que que eu faço, Diós mio?, você está perturbada diante do dom Juan. (*Xico Sá*, 30/04/2014)

Homem-cartaz

Num cruzamento movimentado de Taipei, dois homens-cartaz mantêm-se estáticos, como se indiferentes ao vento e à chuva. (...) O estatismo dos <**homens-cartaz**> no começo do filme não é videoarte: algo se move, ali muito sutilmente, mas se move. (*Hashtag*, 25/04/2014)

Homem-flexa (sic)

Havia escrito aqui neste blog do louco amor sobre os malucos que transam e correm para o chuveiro. <**Homens-flexas**> da assepsia. Nem aconchegam a nega sobre o lado esquerdo do peito, para que ela sinta as sístoles e as diástoles do acontecimento, um dos maiores prazeres da humanidade. (*Xico Sá*, 03/09/2014)

Homem-homem

Em uma reação bem-humorada à onda metrossexual que assola a humanidade, vi agora na tevê, no intervalo de um programa esportivo, uma propaganda de um desodorante para o <**homem-homem**>. (*Xico Sá*, 13/03/2014)

Homem-hortinha

Não confunda, todavia, a afetação do <**homem-hortinha**>, aquele que se orgulha de usar temperos cultivados no próprio quintal, com delicadeza ou futuro na relação. Pode ser apenas mais um truque moderno. Corra Lola, corra. (*Xico Sá*, 21/02/2014)

Homem-Monet

Quando um homem está a fim... ele impressiona. Pode ser fissura sexual, pode ser ilusão de ótica, pode ser começo de amor para valer etc. Quando um macho está a fim vira um verdadeiro <**homem-Monet**>, o impressionista-mor. (*Xico Sá*, 18/02/2014)

Homem-monstro

Eu, que sempre achei que cantada poderia sim ser elogio, não acho mais. Vocês, queridos homens, perderam (ao menos por enquanto) uma defensora do direito da liberdade de expressar sua admiração pela beleza da transeunte. Estamos nós aqui, duas mulheres falando de sexo abertamente, de poréns da vida moderna sem medir palavras, de conquistas que consideramos ter obtido. Fazemos ode ao fato de termos nos concedido a permissão de ter prazer com quem e onde bem entendemos. E isso pode não ser visto como avanço, mas como provocação? Mas, como assim, uma mulher corre o risco de ser vista como provocadora por causa de uma roupa curta? Pois foi o que indicou uma enquete com internautas em um grande portal, que perguntou qual é a melhor forma de evitar assédio no metrô. A maioria indicou “usar roupas menos ousadas”. Você, querido homem que mancha o que tantos outros respeitam, acha que tem o direito sobre o outro até esse ponto? Acha que mulheres devem ser segregadas em vagões exclusivos? Vocês que nos elogiam com educação, mais do que as mulheres que lutam pelo seu direito de serem mulheres, deveriam ir às ruas para evitar que esses <**homens-monstros**> continuem a propagar esse machismo por aí. (*X de Sexo*, 21/03/2014)

Homem-roubada

Para você que acabou de deixar essa dor no cemitério dos amores esquecidos ou no crematório dos encostos e <**homens-roubada**>. (*Xico Sá*, 21/05/2014)

Homem-teste

<**Homem-teste**> (tít)

Quem se submeter à pesquisa clínica feita por instituições públicas ou privadas, tomando remédio experimental, terá direito ao produto de graça, a partir da licença dada a um laboratório para produzi-lo. A benesse valerá até o produto ser incluído na rede do SUS. Este é um dos pontos do projeto de lei aprovado pelo Senado na semana passada. O relator da matéria, Otto Alencar, é um sobrevivente da pesquisa. Descobriu o baço liquidado por esquistossomose, ao entrar na Universidade Federal da Bahia, em 1966. Ingeriu à época Mansil (oxamniquina), ainda em teste. (*Blog do Boechat*, 17/02/2017)

Vídeo-aula

O curso é dado pela escritora Gisele Werneck em 12 <vídeos-aulas>. (*Maternar*, 17/03/2014)

Vídeo-blog

Murilo fará piada da década de 1980 na série de vídeos “Nos Anos 80”, que serão exibidos nos intervalos do Comedy Central e em um <vídeo-blog> do canal. (*Outro Canal*, 18/02/2014)

Vídeo-dança

Como bem disse a artista amparense Elisa Canola: “perdemos a chance do encontro, de pensar o contemporâneo, de viver a experiência com o outro, o diferente”. Canola participa do espetáculo por meio de um <vídeo-dança> com o seu personagem “Pinguço”. No dia do show, a artista também participaria do espetáculo pela primeira vez com sua performance. (*Combate Rock*, 06/08/2014)

Vídeo-depoimento

Adandia começou seu trabalho há 13 anos, acompanhando as Mães em suas campanhas e no dia-a-dia da Fundação. Algumas morreram durante o processo, daí a importância das imagens e dos <vídeo-depoimentos>, que são exibidos durante a mostra e que serão editados em DVD posteriormente. (*Sylvia Colombo*, 15/01/2014)

Vídeo-meme

Uns vão dizer que é dor de cotovelo minha por conta dos memes contra a minha pessoa circulando loucamente pela rede enquanto os <vídeos-meme> do William Bonner são rapidamente derrubados. Sim, confesso, é inveja. (*Sakamoto*, 16/03/2014)

Vídeo-montagem

Por causa de entraves no licenciamento, a música cantada por Cocker ficou de fora da versão de “Anos Incríveis” que está disponível em home video e serviços de streaming. Hoje, é impossível encontrar a abertura original no YouTube, mas essa <vídeo-montagem> acima estimulará a sua memória. (*Pablo Miyazawa*, 22/12/2014)

Vídeo-paródia

Na distante época pré-YouTube, o trabalho do músico-humorista “Weird Al” Yankovic já era de certa forma mítico. Os absurdos <**vídeos-paródia**> que ele criava não eram exatamente frequentes na MTV e outros canais musicais durante as décadas de 80 e 90. (*Pablo Miyazawa, 23/10/2014*)

Vídeo-poesia

Não se trata de um videoclipe, são apenas imagens das ruas de Belo Horizonte e Outro Preto feitas pelo diretor Julliano Mendes sob a concepção de <“**vídeo-poesia**”>. (*Combate Rock, 03/12/2014*)